

Quando Tudo Ruir

da mesma autora de
Sol em Júpiter &
A Linguagem do Amor

Lola Salgado





Quando
Tudo
Ruir

Copyright © 2019 Lola Salgado

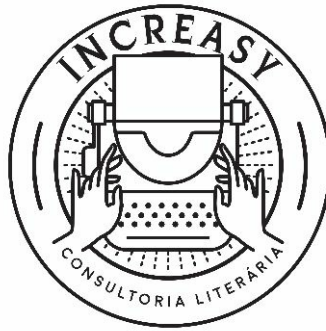
Capa & Diagramação: *Lola Salgado*

Imagens: *Shutterstock & Freepik*

Coaching: *Alba Milena*

Revisão: *Clara Alves*

Increasy Consultoria Literária



Esta é uma obra de ficção. Nomes, personagens, lugares e acontecimentos descritos são produtos da imaginação da autora. Qualquer semelhança com a realidade é mera coincidência.

Todos os direitos reservados.

Nenhuma parte deste livro pode ser utilizada ou reproduzida sob quaisquer meios existentes — tangíveis ou intangíveis — sem autorização da autora. A violação dos direitos autorais é crime estabelecido na lei nº 9.610/98, punido pelo artigo 184 do Código Penal.

AVISO:

Essa história pode conter gatilhos. Abuso sexual, agressão física, suicídio e depressão são alguns dos temas abordados.

Querido leitor,
espero que a Alana
e o Martin toquem
o seu coração e
que você nunca
esqueça: sua vida
importa!

Boa leitura,

Lida
Salgado





sumário



[Capítulo 1](#)

[Capítulo 2](#)

[Capítulo 3](#)

[Capítulo 4](#)

[Capítulo 5](#)

[Capítulo 6](#)

[Capítulo 7](#)

[Capítulo 8](#)

[Capítulo 9](#)

[Capítulo 10](#)

[Capítulo 11](#)

[Capítulo 12](#)

[Capítulo 13](#)

[Capítulo 14](#)

[Capítulo 15](#)

[Capítulo 16](#)

[Capítulo 17](#)

[Capítulo 18](#)

[Capítulo 19](#)

[Capítulo 20](#)

[Capítulo 21](#)

[Capítulo 22](#)

[Capítulo 23](#)

[Capítulo 24](#)

[Capítulo 25](#)

[Capítulo 26](#)

[Capítulo 27](#)

[Capítulo 28](#)

[Epílogo](#)

[Nota da Autora](#)

[Agradecimentos](#)

[Playlist](#)

[Sobre a Autora](#)



*Em meu lugar, em meu lugar
Estavam linhas que eu não podia mudar
Eu estava perdido, oh sim
Coldplay – In My Place*

Ouvi a porta batendo, muito, muito longe de mim. O som quase não parecia real. Me revirei sob as cobertas, me aconchegando um pouco mais no quentinho da cama. Era um ninho. Ainda sem abrir os olhos, arrastei o cobertor mais grosso para cima da cabeça, tentando me esconder dos primeiros raios de sol que invadiam o meu quarto.

Um pouco acordada, um pouco dormindo, tentei voltar para o sonho e experimentar as mesmas sensações de segundos atrás. Os flashes, a música tocando, a atenção de todo mundo voltada para mim, ainda que por poucos minutos. Eu estava cheia de plumas e com uma maquiagem grudenta. Caramba, como um sonho podia ter sensações tão tangíveis? Eu lembrava direitinho das plumas roçando na pele e fazendo cosquinha. E também dos saltos imensos e da minha incerteza ao pisar, temendo cair no meio do desfile.

A porta do meu quarto foi aberta de uma só vez e, a contragosto, fui arrancada do meu sonho. Em uma fração de segundo, todas as sensações

desapareceram. Pisquei algumas vezes, parecia ter areia nos olhos. Demorei um pouco para focar em mamãe, me espiando pela fresta de porta. Tinha uma sobrancelha arqueada e o cabelo castanho todo desgrenhado em um coque maluco que era a cara dela.

— Acorda, Alana! — exclamou, um pouco impaciente. — Anda logo, não vou chamar de novo. Seu pai já até começou a fazer o café da manhã.

— Ele demora uma eternidade, mãe. Só mais cinco minutinhos. — *O sonho tá tão bom.*

— Já te dei vinte, filha. Você nem terminou de arrumar suas coisas ainda. Ninguém mandou ficar namorando até tarde e deixar pra arrumar tudo na última hora.

Enquanto falava, mamãe foi entrando no quarto e causando um verdadeiro caos. Acendeu a luz, arrancou minhas cobertas de maneira brusca e abriu a janela fazendo o vento gélido invadir o quarto e deixando tudo congelando. Estremeci, me encolhendo feito uma concha.

— Você vai ter bastante tempo pra dormir na viagem. Agora vai logo, ou já viu. Seu pai gosta de pegar a estrada quando ainda está vazia.

Revirei os olhos e soltei um suspiro, dando a batalha por vencida. O sonho já tinha evaporado, mesmo. Não adiantava mais. Era engraçado como em poucos minutos, imagens tão vívidas se transformassem em meros flashes. Ela continuou me vigiando, as mãos na cintura e a pontinha do pé batendo no chão sem parar. Me arrastei para fora da cama.

Fiz um coque e, enquanto escovava os dentes, meu celular vibrou com uma mensagem de Pietro. Sorri, deixando um pouco de espuma escapar.

Pietro:

boa viagem

vou sentir saudade

Alana:

eu tbm

juízo, tá?

Pietro:

sempre (e vc tbm, mocinha)

Pietro era meu namorado. Bom, mais ou menos. Era complicado. Nossa relação funcionava mais na escola, onde andávamos de mãos dadas, fazíamos todos os trabalhos juntos e passávamos os intervalos em algum esconderijo qualquer. Mas, fora dela, éramos quase desconhecidos. Quero dizer, minha família sabia da existência dele e tudo mais, mas não o conheciam pessoalmente (tirando minha irmã mais nova, claro). Seus pais também só me conheciam de vista, embora a mãe dele me convidasse para almoçar lá quase toda semana (e eu recusasse educadamente todas as vezes).

Ele tinha sido meu primeiro crush, em uma época em que ainda não tínhamos a menor ideia do que namorados faziam. Nossa escola era pequena e a maioria das pessoas da minha sala tinham estudado lá desde sempre, assim como eu. Convivi a vida toda com Pietro e nunca consegui esconder muito bem a minha quedinha por ele e, na festa de amigo secreto no final do ano passado, acabamos admitindo o que estava óbvio. Acho que, no fundo, todo mundo sabia que a gente acabaria ficando juntos em algum momento. Como um desses casais que se conhecem no colégio, ficam juntos durante a faculdade, casam e, em um piscar de olhos, comemoram bodas de ouro.

Nós seríamos assim se eu já não tivesse meu destino traçado para depois do colégio. E por isso mesmo não ligava muito para a impessoalidade de nossa relação. Não ligava de não sermos namorados, tampouco para o fato de nossos encontros fora da escola serem tão escassos. Para mim, as coisas estavam legais daquele jeito. Eu não podia me apegar tanto, ou tudo seria ainda mais difícil.

Em modo automático, joguei tudo o que faltava dentro da mala. Apesar de ser uma viagem de apenas uma semana, eu estava levando quase que meu guarda roupa inteiro. Não perderia a oportunidade de tirar fotos incríveis em Foz do Iguaçu para alimentar minhas redes sociais. Minha agência vivia batendo na tecla de que redes sociais eram meu cartão de visita. Eu queria que fosse incrível.

Precisei sentar na mala para conseguir fechar o zíper. E acabei usando a mochila da escola para levar os sapatos. Quando apareci na cozinha, mordi o lábio inferior para não rir. Como eu já imaginava, papai estava todo atrapalhado com o café da manhã. Ele era um desastre na cozinha, mas sempre insistia em cozinhar para agradar mamãe. Eram tão fofos. Nicole,

minha irmã mais nova, estava com os cotovelos debruçados sobre a mesa, sustentando o peso da cabeça. Os óculos tinham deslizado para a ponta do nariz arrebitado e os cabelos lisos e loiros, como os meus, estavam muito bagunçados. Nicole com certeza tinha esquecido de pentear. Eu não sabia muito bem se ela estava acordada ou dormindo.

— Até que enfim, dorminhoca. — A voz de mamãe veio pelas minhas costas e dei um pulo no lugar, de susto. Ela esfregou meu ombro carinhosamente ao passar por mim.

Papai e Nicole me olharam no mesmo instante. Era tão engraçado olhar para os dois, porque era como ver meu próprio rosto em outras versões, se é que isso faz algum sentido. Mamãe costumava brincar que só tinha emprestado o forno, a receita claramente era todinha de papai. Minha irmã e eu éramos a cópia exata dele. Cabelos loiros, olhos verdes, altos. A única coisa que minha irmã tinha herdado de mamãe era a miopia.

— Bom dia, filha. — Meu pai abriu um sorriso largo, segurando uma espátula na mão de um jeito muito esquisito. — Quer quantos mistos-quentes?

— Dois — falei, um pouco sem pensar. Mas então quase pude ouvir a voz da minha agente me alertando sobre meus números, com uma fita métrica presa entre os dedos. — N-na verdade, um só. Tô meio sem fome.

Nicole revirou os olhos.

— Não vai morrer se comer dois sanduíches, Alana.

— Eu não quero, ué.

— Ai, meu quadril não pode passar de 89 centímetros. Nossa, a Naomi me mata se eu engordar nas vésperas da viagem. Blá, blá, blá — Ela fez uma vozinha irritante, em uma tentativa de me imitar.

— Cala a boca! — Cutuquei suas costelas, deixando um beijo no topo de sua cabeça.

— Ei, olha o jeito de falar — advertiu mamãe, enquanto preparava a sacola térmica com lanchinhos para a viagem. — Acha que a Gisele Bündchen fala esse tipo de coisa pra família dela? Como vai tomar o posto dela assim?

Mamãe vivia me alugando. Por saber que a Gisele era a pessoa que eu mais admirava no mundo inteiro, usava isso contra mim.

Aposto que a Gisele não deixa as roupas jogadas no chão, Alana.

Certeza que ela lavava a louça pra mãe dela.

Gisele nunca tirou uma nota vermelha. Ela passava horas estudando, sabia?

Balancei a cabeça, rindo baixinho dela. Boba.

— Terminou de arrumar suas coisas? — perguntou papai, enquanto passava requeijão em uma fatia de pão.

— Aham — respondi e, instintivamente, olhei para a mala e a mochila pink esquecidas perto da porta.

— Já carreguei o carro. Desce lá pra guardar suas coisas, querida?

Senti um pouco de urgência em sua voz. Papai levava muito a sério o lance de sair cedinho de casa, porque dizia que nessa hora não havia ninguém acordado e, conseqüentemente, ninguém na estrada. Por isso o risco de acidente era bem menor.

— Tá bom. — Dei de ombros, indo até o porta chaves que ficava na lateral da geladeira.

— O carro está na rua. — Mamãe avisou, usando o ombro para coçar o rosto. Daqui a pouco desço com a sacola térmica.

Assenti, enquanto deslizava a alça da mochila no ombro. Me arrastei pelo corredor e esperei o elevador chegar. O prédio era antigo e o elevador estava quase parando. Era um saco esperar.

Com a mala de rodinha ao lado do corpo, vi o carro estacionado em frente ao prédio antes mesmo de sair. Do lado de fora, o céu ainda estava pálido. Não tinha clareado por completo. O horizonte era uma mistura interessante de laranja, amarelo e salmão. Me distraí admirando o céu enquanto destrancava a porta de vidro do saguão de entrada e me atrapalhei, deixando o molho de chaves cair no chão.

Fui recebida por um vento cortante que roçou em meu rosto e, no mesmo instante, fez minhas bochechas arderem. Me encolhi dentro do casaco pesado e segui pela calçada. As rodinhas arranharam o chão irregular, fazendo um barulhão no silêncio da manhã. Era esquisito encontrar a rua tão calma. Corri os olhos pelo comércio fechado. Dentro de algumas horas, teria gente para todo lado, entrando e saindo das lojas e então a rua Solidão ganharia vida pelo resto da tarde (o que não fazia o menor sentido, eu sei), até o horário comercial chegar ao fim outra vez.

O único som além do sopro inconstante do vento e do farfalhar das folhas se agitando era o gorjear de bem-te-vis. O som da manhã. Quando criança, papai me disse certa vez que os passarinhos cantavam pela manhã

para celebrar um novo dia. Que eles se sentiam gratos por uma nova oportunidade e que por isso agradeciam a chance de estarem vivos. Nunca tirei isso da cabeça. Desde então, bem-te-vis viraram meus pássaros favoritos. Um amuleto da sorte.

Inspirei profundamente e as narinas irritaram com o ar frio. Era bom estar viva. Era bom estar prestes a ver as coisas começando a acontecer. Passei minha vida toda sonhando, fantasiando, esperando. E a espera estava finalmente chegando ao fim.

Mamãe diz que eu sempre quis ser modelo. Desde pequenininha. Minha brincadeira favorita era pegar as roupas e maquiagens dela, me produzir e então desfilar para a família inteira. E *ai* de quem não estivesse prestando atenção. Ela me levou para uma agência de modelo quando eu tinha cinco anos. Fiz vários catálogos infantis e desde novinha trabalhei com o que amava.

Enfiei na cabeça que seria uma *übermodel* e me foquei em ser a melhor. Agarrei cada oportunidade. Nunca mais saí da agência. Nos últimos anos, o fluxo de trabalhos tinha aumentado tanto que eu quase nunca tinha tempo livre fora da escola. Sempre fazendo ensaios para catálogos de marcas locais. Até que a vida jogou minha maior oportunidade na mesa: passar uma temporada no Japão.

Minha agência tinha uma filial no Japão e, ano após ano, escolhiam um dos modelos do casting para investir na carreira. Todos se preparavam o ano inteiro, na esperança de serem os escolhidos. E então, há pouco mais de dois meses, Naomi, a dona da agência, me convidou para sua sala. No momento em que ela me chamou, eu soube que iria para o Japão. Tinha chegado a minha chance.

Aquele era um caminho natural para mim, nunca duvidei do meu potencial. Mas não podia negar que pensar em tudo isso me deixava com os joelhos bambos de expectativa. Eu quase não conseguia dormir à noite. Seriam seis meses de trabalho. Seis meses em outro país, sozinha, com meu futuro em minhas mãos.

Apertei o botão do alarme e abri o porta-malas. Fisguei o lábio inferior, soltando um suspiro ao ver a bagunça que me esperava. Não cabia nem um lápis ali dentro. Papai era a pior pessoa do mundo com organização, mas eu nem podia reclamar. Se tivesse arrumado minhas coisas no tempo certo, não precisaria quebrar a cabeça com isso agora.

Tirei a mochila das costas, soltando-a no chão, ao lado da mala. E então comecei a tirar bagagem do carro, na tentativa de arrumar mais espaço. Quando dei por mim, tinha esvaziado o porta-malas inteiro. Bati com as mãos nas pernas e arrumei o coque, que começava a soltar. Encaixei a mala gigante dos meus pais e então me inclinei para dentro, forçando a mala da minha irmã no espacinho que tinha sobrado.

Ao longe, o ronco de um motor de carro. Parecia correr feito um doido.

Forcei um pouco mais o corpo sobre a mala.

Porcaria. Que. Não. Entra.

O som ficava cada vez mais alto. Mas antes que eu tivesse a oportunidade de espiar por cima do ombro, ouvi o barulho áspero e muito próximo de pneus cantando no asfalto. O cheiro forte de borracha queimada invadiu minhas narinas. Uni as sobrancelhas, confusa.

Mas minha confusão não durou mais que um milésimo de segundo. Então, um barulho agudo de lataria chocando feriu meus tímpanos. Intenso como um tiro, o som ecoou pela rua, eternizando aquele instante que abrigou uma eternidade.

Meu corpo foi lançado para frente ao mesmo tempo em que tudo ao meu redor desvanecia, como fumaça. Perdi o foco do carro, da rua, da bagagem. Minha visão ficou esbranquiçada, leitosa, opaca. Pisquei várias vezes, na tentativa desesperada de voltar a focar a visão.

O que tá acontecendo?

Como uma resposta imediata, senti uma fisgada intensa nas pernas. Uma dor lancinante, que pulsava com cada vez mais força e queimava. Ardia. Arranhava. Era tudo em uma coisa só. Minha visão enturveceu ainda mais. Lágrimas quentes escaparam, enquanto eu tentava me segurar. Precisava me firmar. Não sabia o porquê, mas um alerta percorria cada pedacinho de pele. O alarme dentro da minha cabeça soava de maneira ininterrupta.

Tem algo errado.

Droga, tem algo MUITO errado.

Meu deus.

Nossa, como doía! Uma dor violenta, que jamais senti antes em toda a vida. Não tinha como concentrar a atenção em mais nada além disso. Parecia que moíam meus ossos até virar pó. Estava me consumindo. Comecei a ficar tonta. As manchas ao meu redor começaram a rodar.

Não desmaia.

Não desmaia agora.

Ah, meu deus.

Não quero morrer.

Não assim. Não agora. Não me despedi de ninguém.

Que merda, Alana! Não desiste assim tão fácil.

Mas, caramba, era *tão* difícil. Não tinha como uma dor tão grande ser um bom sinal. E me entregar parecia uma boa ideia. Ficar inconsciente significava parar de sentir.

— PUTA QUE PARIU! PUTA MERDA! — gritos histéricos me trouxeram de volta para o presente.

Esfreguei os olhos. Eu precisava enxergar. Precisava entender o que estava acontecendo. O coração martelava com tanta força que machucava. O nó na garganta não impedia o ar de passar. Eu estava sufocando.

— AH, MEU DEUS. O QUE FOI QUE EU FIZ? — Os gritos continuaram.

Era a voz de uma mulher. E, a cada segundo, ela parecia ficar ainda mais transtornada. E a constatação comprimiu meu coração até resumi-lo a um grãozinho de areia. Os sinais deixavam claro que tinha acontecido algo de muito ruim comigo. Mas eu não conseguia raciocinar direito. Era tudo tão rápido e, ao mesmo tempo, tão lento. Como se o tempo estivesse em outra frequência. Como se eu me desintegrasse no ar, em partículas pequenininhas. E, nossa, a dor estava impossível de suportar. Como *pensar* assim? Como reagir?

— O QUE FOI QUE EU... — ela parou de falar de uma só vez e então a ouvi vomitar. O que quer que eu tivesse virado tinha feito a mulher vomitar.

Engolindo em seco, tentei reunir coragem para espiar. Eu só queria que mamãe descesse logo. Ela tinha prometido. Queria segurar em sua mão bem forte e ouvir da sua boca que ficaria tudo bem. Mamãe tinha esse talento de me tranquilizar mesmo quanto tudo estava de cabeça para baixo. Fora do eixo. Eu queria tanto ela ali comigo. Mesmo que fosse para sentir em sua voz que as coisas estavam terríveis. Mesmo que fosse para me despedir.

Olhei por cima do ombro primeiro. Minha visão ainda estava borrada, fora de foco, como um espelho embaçado depois do banho. Mas eu enxergava o suficiente para entender o que se desenrolava ao meu redor. A mulher tinha cabelos pretos curtos e estava com a maquiagem inteira borrada. Ela chorava tanto que parecia sentir a mesma dor que eu. O rímel

tinha escorrido pelas bochechas, deixando rastros grosseiros em sua pele. Estava voltando de uma festa. Dava para saber graças a saia de paetês e os saltos altíssimos, e também o fato de que estava tudo meio fora do lugar. Como se ela tivesse bebido demais. Engoli em seco outra vez, começando a sentir o pânico me paralisar com seus braços fortes.

Desviei o olhar para trás dela. O carro que tinha me acertado estava com a frente destruída onde tinha se chocado com o carro de papai. Senti o estômago revirar e fechei os olhos por um segundo. Eu não sabia se conseguiria olhar para baixo. Não sabia se queria ver o estrago que a batida tinha causado em meu corpo. Porque se o carro dela tinha ficado assim...

Por que não arrumei a mala antes?

Por que não deixei papai arrumar tudo no lugar?

Por que não esperei o café da manhã ficar pronto primeiro?

De repente, comecei a sentir muito frio. Muito mesmo. Tudo bem que estávamos em uma das semanas mais frias de julho, mas não. Aquele frio era diferente. Vinha dos ossos. Era como se eu estivesse congelando de dentro para fora.

Meus dentes batiam com agressividade e eu tremia feito doida. Me encolhi inteira, abraçando meu próprio tronco em busca de mais calor.

Eu tô morrendo.

Tô morrendo nesse momento.

E foi essa constatação que me motivou a olhar. Eu não podia partir sem nem saber o que tinha acontecido. Abri os olhos bem devagarzinho, apertando as unhas nas palmas.

A mulher fungou e voltou a andar de um lado para o outro, discando algo em seu celular.

— Oi? Oi, pelo amor de Deus, eu preciso de uma ambulância urgente aqui na Rua Solidã...

No momento em que meus olhos encontraram as pernas, não consegui focar em uma palavra do que ela dizia. Não teve como. Senti cada músculo do meu corpo repuxar.

Fiquei tão chocada que foi até difícil de entender.

A primeira coisa que pensei foi que, caramba, meu jeans favorito estava destruído. Eu tinha pagado tão caro nele. E nem era só isso... foi tão difícil encontrar uma calça com aquela lavagem clarinha e aquele caimento. Era a minha calça da sorte, sempre usava em *castings*. Mas agora... como eu

ia tirar todo aquele sangue dela? Nunca mais sairia.

Sem contar que tinha rasgado inteira na perna esquerda e... caramba, aquilo era o meu osso para fora? Pisquei os olhos várias vezes, tentando compreender o que via. Não parecia real. Não *tinha como* ser real. Era como se minha vida tivesse virado um filme e eu assistisse de longe, segura, onde nada podia me afetar. Nada exceto aquela dor pungente que latejava e latejava sem parar. Minha única vontade foi de gritar. Gritar bem alto até esvaziar aquela torrente de sentimentos e de emoções.

O medo me corroía. Me dominava. Tornava tudo muito difícil de acreditar.

Aos poucos, o entendimento avançava de fininho. Como em porções pequenas o suficiente para que eu suportasse a verdade. Minha perna esquerda estava dobrada em ângulos que não eram normais do joelho para baixo.

Desviei os olhos para a poça de sangue que crescia cada vez mais ao meu redor e, quando dei por mim, deixei escapar um soluço, seguido por um uivo que ecoou por toda a rua.

E então, tudo enfim veio à tona. Comecei a chorar de um jeito tão desesperado que todo o meu corpo balançou. O que só aumentou ainda mais a dor. Escondi o rosto com as mãos, sem conseguir encarar mais nada. Não queria *aquela* verdade.

Quero dizer, eu ia viajar para Foz do Iguaçu com a minha família! A gente passou os últimos meses planejando tudo. A visita às cataratas do Iguaçu, a Usina de Itaipu, o parque das Araras... isso sem contar no principal da nossa viagem, que era o Paraguai e a Argentina. Eu tinha economizado tanto para gastar lá. Tinha contado os dias.

Depois vinha a minha viagem para o Japão. Meu Deus, eu não podia morrer assim, sem realizar o meu sonho. E ainda que não realizasse... as cicatrizes... mordi o lábio inferior, tendo um novo acesso de choro. Dessa vez, ainda mais desesperado que o anterior.

Balancei o tronco para frente e para trás, tentando me convencer de que era só um pesadelo. Um pesadelo terrível, mas que ia passar. Eu acordaria logo, logo.

Acordaria e tudo voltaria a ser igual antes.



Tinha alguma coisa errada.

Talvez o problema fosse a música alta demais, a ponto de ferir os tímpanos. Ou quem sabe os flashes fortes que me cegavam. Mas, para ser sincera, tudo parecia fora do lugar. O salto não firmava, bambeava como, de repente, fosse feito de gelatina. E a perna esquerda formigava. Não de um jeito suportável. Formigava tanto que eu mal podia mexer.

Estremeci e balancei a cabeça, controlando a respiração. Nada disso importava. Eu precisava me concentrar porque era a minha grande chance. Os holofotes estavam voltados para mim. Ergui o queixo, estufei o peito e encaixei uma mão na cintura e, sem pensar duas vezes, comecei a desfilar.

No entanto, cada passo era mais difícil. Comecei a mancar, mesmo fazendo todo o meu esforço para não transparecer o quanto incomodava. Ao longe, um barulho alto de pneus queimando se sobressaiu à música, seguido pelo cheiro forte de borracha queimada.

Vamos lá.

Continua.

Você lutou pra isso.

Os saltos bambearam embaixo dos meus pés ao mesmo tempo em que minha vista borrou inteira. Caí no chão, sentindo uma dor lancinante. De repente, tudo estava manchado de sangue e meus ossos ficavam aparentes de novo.

Abri os olhos, apavorada. Foquei em mamãe, ao lado da cama, com os olhos inchados de tanto chorar. Ela tinha as mãos cruzadas em frente ao rosto, como se estivesse rezando. O que era bem engraçado, porque mamãe era agnóstica.

Quis perguntar o que estava acontecendo, mas minhas pálpebras pesaram e acabei cedendo. Voltei para o sonho de antes, mas dessa vez em outro momento. A maquiadora terminava de me arrumar. Estava com o cenho franzido enquanto usava o pincel cheio de sangue para pintar os meus olhos.

Quando voltei a erguer as pálpebras, o cenário tinha mudado. Papai acariciava minha mão. A íris verde grudada em mim, com um brilho preocupado que me tirou o fôlego. Eu queria dizer a ele que estava tudo bem, eu tinha sobrevivido. Mas, pela segunda vez, fui arrastada para a escuridão de

minha mente, onde o desfile nunca terminava.



*Eu estou segurando
Por que tudo é tão pesado?
Segurando
Muito mais do que eu posso carregar
Linkin Park – Heavy*

O carro parou com um solavanco suave e o caroço na garganta dobrou de tamanho. Mordi o nó do dedo indicador, tentando lutar com bravura. Contra o quê, exatamente, eu não fazia ideia. Contra *tudo*, talvez.

Pela janela fechada, vislumbrei o quintal de casa. Parecia o mesmo de sempre. Sujo de folhas mortas; com alguns azulejos manchados de tinta azul clara, de quando mamãe botou na cabeça que queria reformar um móvel da sala; brinquedos do meu irmão mais novo, Enzo, e cocô do nosso cachorro, Nietzsche.. A grama precisando urgente ser cortada. Mas, ainda assim, *nada* era igual. Era mais como um retrato. Ou... uma imitação. Uma tentativa. Uma casa impostora, fingindo ser a mesma de antes. Com um quintal impostor, móveis impostores e uma família impostora me esperando.

Senti o peso do olhar de minha mãe sobre mim, ininterrupto. Parecia prestes a cair no choro, seja lá o porquê. Eu estava bem. Estava vivo. Não era isso que ela queria? Que *todos* queriam?

Abri a porta a contragosto, embora estar ali fosse o que eu menos quisesse. O lugar de onde eu vinha era ruim. Cacete, como era. Mas ali... ali era como sentir a vida evaporar devagarinho. Escapar por cada poro do meu corpo, me deixando esturricado, seco e vazio. Eu não era nada ali. Eu não tinha nada.

Eu não queria voltar.

Mas então... para onde ir?

Mamãe colocou a mão sobre o meu ombro, com delicadeza. Foi um gesto cálido, tão suave que deixava transparecer um pouco do seu receio. Ela não sabia como agir. Não sabia o que fazer. Não sabia se conectar comigo. Existia um buraco gigante entre nós. Um abismo. O Grand Canyon.

Olhei para o painel do carro e o maço de cigarro barato esquecido lá, depois voltei a olhar para fora. Buscava alternativas, sonhava com desfechos diferentes para a minha história. Mas não teria jeito. Eu sabia que não. A vida costumava ser assim mesmo. As coisas eram como eram.

— P-pronto? — perguntou ela, por fim. A voz fraca, tremida, de quem segura o choro. Era como se mamãe estivesse sempre a um passo de chorar. Sempre a um passo de desfalecer, cair no chão de joelhos, se entregar para seja lá o que a deixasse parecendo um zumbi.

Ajeitei o capuz sobre a cabeça, escondendo-me um pouco mais. Mas, antes de sair, estiquei a mão e tomei o maço do painel. O isqueiro estava enfiado lá dentro. Pulei do carro e levei um cigarro aos lábios, sem dar a mínima para o olhar derrotado dela.

— Martin... — gemeu, já do lado de fora. — Você... Se ele vir...

— Ele não é meu pai. — Dei de ombros, ocupado em acender o cigarro.

A primeira tragada era sempre a melhor. Era quando a nicotina atingia meu sangue e eu ficava calmo, tranquilo. Era quando o resto não importava tanto assim. Ao menos, por um minuto ou dois. Uma pausa no caos que era minha cabeça. Uma trégua.

Como tinha sentido falta daquela merda! Como tinha sentido falta de várias merdas. Soltei um suspiro longo, fechando os olhos para fugir daquela cara de piedade de mamãe, ou eu acabaria vomitando.

— Você nem tem idade pra isso, querido — resmungou, como se esse fosse seu último argumento. — *Ainda* não.

Dei de ombros outra vez.

— Você começou com quantos anos, mesmo?

Mamãe apertou os lábios em uma linha fina. O rosto rígido, cansado. Ela envelheceu uns vinte anos. Como ficou em silêncio, resolvi tentar refrescar sua memória.

— Desde os dezesseis, né? Ou tô enganado? Será que... com quinze?

Arqueei uma sobrancelha, só para ouvir da boca dela que, na verdade, tinha sido aos treze.

— Isso não vem ao caso. — Ela negou com a cabeça, mas já tinha entregado os pontos. — Estamos falando da sua vida, não da minha.

— Exatamente. Da *minha* vida.

Mamãe abriu o portão menor, parando bem no meio dele. Uma perna para dentro, outra para fora.

— Olha, Martin... sei que você está passando por um momento difícil, querido. Eu sei e *quero muito* ajudar. Mas tenta se abrir. Preciso entender o que está acontecendo. Preciso entender o que te levou a... a... — O queixo dela tremeu de um jeito patético e ela caiu no choro.

Eu odiava ser tão duro com ela. *Odiava*. Mas era preciso.

Toda a merda que vinha acontecendo. Tudo o que eu precisava passar... ela não fazia nada a respeito. Se mantinha sempre ausente, sempre longe. Se fingindo de cega. E, dessa forma, sendo permissiva.

Pela porra de dez anos.

Droga, nada daquilo era para estar acontecendo.

Se eu tivesse feito as coisas certas uma única vez na vida. Se tivesse conseguido ir até o fim. Não teria sido internado. Não teria sido dopado com remédios que mal me deixavam levantar da cama. E, o principal, não estaria voltando para casa.

Estava *tudo* errado. Tudo uma merda.

Pensei que estivesse no fundo do poço, mas descobri que sempre dava para cavar um pouco mais. Cair em queda livre. Para um lugar onde só havia escuridão. E dor. E medo. E culpa.

— Quero ajudar. — Ela continuou com a ladainha. — Comecei a pesquisar autoescolas. Assim que você fizer dezoito anos a gente faz a matrícula, e...

— Não vou voltar pra escola? — Interrompi, dando a última tragada e atirando a guimba no meio fio.

— Conversamos com o psiquiatra e ele acha que é melhor focar na

sua recuperação primeiro. Esvaziar a cabeça. Vai ter mais tempo para fazer outras coisas...

Soltei um som da garganta que era um pouco risada, um pouco um guincho de frustração. Ir para a escola era um dos raros momentos em que eu tinha um pouco, só um pouquinho, de paz. Que eu conseguia esquecer a vida que tinha. E agora... até isso.

— *Que coisas, mãe?*

— Não sei, amor. A ge-gente precisa pensar juntos. Tem tantas possibilidades... terapia, quero começar a te ensinar a dirigir, podemos procurar algum esporte, você vai poder ficar mais com o seu irmão também. Já perdeu um mês, de todo jeito.

— Que ótimo! — Mordi o lábio inferior, com força demais. Era para machucar, mas também para evitar aquela porcaria de lágrima de rolar. Eu não queria ser esse bebê que chorava por tudo. Eu não *podia* ser. — Não, sério. Que *maravilhoso*. Como se minha vida já não tivesse uma merda, né? Agora vou atrasar um ano. *Reprovar* um ano. A única coisa que eu sempre pude me orgulhar era do colégio, e nem isso mais. Vocês tiraram isso de mim.

— Martin...

Ela tentou me tocar. Dei um passo para trás, sem permitir.

Seu rosto se contorceu em dor.

— Mais alguma supernovidade? Alguma outra notícia que vai me deixar *pulando de alegria*? — Escondi as mãos nos bolsos da blusa, só para ela não ver o quanto tremiam. O quanto eu perdia o controle. Mal tinha saído do hospital psiquiátrico e já podia voltar. Podia voltar a qualquer momento. Estava um fiasco por dentro.

— Você... hum... vai mudar de colégio.

Abri a boca, chocado demais para fingir indiferença.

— Como é?

— Lá é muito... nós achamos... um colégio particular vai ser melhor pra você. Ficamos preocupados com seus amigos. Com as influências.

Achamos.

Ficamos.

Ela só fala no plural.

Ela não existe sozinha.

Dei uma risada. Fria, sem vida. Afiada como uma faca. Mamãe

arregalou os olhos e deu outro passo para dentro do quintal, liberando a entrada.

— Então você acha que fui *influenciado*? Que coloquei a porra de um cinto em volta do pescoço e tentei me enforçar porque alguém me induziu a isso? Você acha mesmo, mãe, que eu tentei acabar com a merda da minha vida por causa dos meus amigos?

Mamãe cobriu a boca com as duas mãos, pestanejando sem parar. Tinha voltado a chorar. Ela balançava a cabeça de um lado para o outro, como se fosse difícil demais ouvir essas palavras da minha boca. Como se ela tivesse tentado apagar a imagem da memória todos os dias desde então. Como se o fato de eu ter tentado me matar a atingisse em cheio.

Como eles podiam achar que me tirar do colégio em que estudei a minha vida inteira poderia ajudar em algo? Ainda mais depois de reprovar um ano. Reprovar. Eu rolava ladeira abaixo. Cada vez mais rápido. Cada vez o impacto ficava maior.

O chão se aproximava.

Era convidativo, na verdade.

Apertei as mãos em punhos, sentindo a raiva subir como fumaça. Minha visão enturveceu, minha respiração entrecortou. Se eu tivesse ido até o fim... se não tivesse agido como a porra de um covarde. Se ela não tivesse visto. Nada disso estaria acontecendo.

Eu não estaria mais ali. Teria acabado.

Eu só queria que acabasse.

Queria... que parasse de me rasgar de dentro para fora. Queria que aquele vazio, tão gigante, tão esmagador, fosse preenchido por outra coisa. *Qualquer* coisa. Eu odiava me sentir tão quebrado, tão incompleto. Tão... ridículo. Eu odiava a minha vida.

Eu *me* odiava. Odiava de um tanto que só queria me destruir, destruir tudo o que eu era. Destruir e afastar as poucas pessoas que ainda se importavam. Como mamãe.

Mas, em vez disso, marchei para dentro de casa. O carro dele não estava lá, o que significava que estava tudo bem. Ao menos por enquanto. Depois seria outra história.



A porta foi aberta com um baque alto que me fez pular na cama de susto. Dei tudo de mim para não desviar a atenção do celular para o meu padrasto. Porque eu sabia que era ele. Mamãe jamais abriria a porta assim. Jamais fazia *nada* assim. E meu irmão, Enzo... bem, era uma criança de cinco anos.

— Você acha que isso aqui é um hotel?

Apertei a mão livre, os dedos estalaram. Engraçado como apenas um mês longe dele foi o suficiente para meu cérebro apagar cada vestígio que evocasse sua memória. Não tinha sobrado nada. Me surpreendi ao perceber isso. Sua voz não era familiar, e, ao mesmo tempo, *era*. Eu não me lembrava dela, mas meu corpo sim. Porque bastaram as oito palavras para cada músculo retesar e o coração parar na garganta. Era nessas horas que eu mais precisava me esforçar para não deixar transparecer. Ele *não podia* saber. Era questão de honra para mim. Por isso, embora cada centímetro de mim estivesse apavorado de medo, ergui o queixo, em desafio, e dei de ombros. Só porque ele odiava.

— Tanto faz — resmunguei, sem tirar os olhos do telefone.

Um estampido alto fez meu estômago contrair. Engoli em seco, o coração batucando ainda mais depressa. Ele tinha acabado de dar um murro na porta do quarto. Um murro bem alto, como um aviso. Não. Nada disso. Como um *lembrete*. Do que ele era capaz.

Mamãe apareceu atrás dele, com a expressão contorcida em dor.

— O que foi? — perguntou, a vizinha dócil, trêmula.

Mas Geraldo nem ouviu. Eu não precisava erguer o rosto para saber que ele me lançava o olhar mais vil, tampouco que seu rosto devia ter ficado inteiro vermelho. Ele sempre ficava. A pele pálida ganhava um rubor que soava o alerta perigo. Quando ele ficava corado, significava que estava por um triz de perder o controle.

— Levanta daí — rosnou. Mas, apesar da raiva, a voz era calma, lenta. Ele tinha esse jeito de agir. Quanto mais fora de si ficava, mais comedido tentava parecer. — Essa casa não é um hotel pra você ficar trancado no quarto, sempre com essa cara de bosta.

— Querido, o Martin tá doente. Ele... não precisa disso. — Ela alisava

o braço dele, como um lençol enrugado que quisesse esticar. — Tenta relevar. Por favor. Ele só precisa de um tempo, e...

— Você não ouviu? — Seu tom foi mais alto. Ele deu um passo para dentro do quarto, desvencilhando-se de mamãe. — Ficou surdo, foi? Tentar se matar te deixou com sequelas e eu não tô sabendo?

— Geraldo! — mamãe chamou, chocada como sempre ficava quando a lembrávamos. Ela não podia suportar as imagens. Eram *demais* para ela. Eu era *demais* para ela aguentar.

— Ah, ninguém vai ficar passando a mão na cabeça desse moleque egoísta, que não pensa em ninguém. Aqui na *minha casa* ele vai aprender a ser gente e ficar com o resto da família. — Enquanto falava, Geraldo percorria a distância entre nós até parar ao lado da minha cama, com as mãos encaixadas no bolso o jeans. — Pela última vez, Martin: solta o celular e sai desse quarto.

Massageei as têmporas, enfim erguendo os olhos para fitá-lo. Como previ, seu rosto estava inteiro rosa. Ele parecia um leitão. Um leitão de olhos azuis muito medonho. Não sei como minha mãe gostava dele. Não sei como ela pôde se apaixonar por um leitão com síndrome de superioridade. Ele me dava vontade de vomitar.

— Não — falei, passando as mãos pelo cabelo como se aquela fosse a situação mais trivial da minha vida. Mas a verdade era que meus joelhos tremiam de pavor. — Você não é meu pai. Não preciso te obedecer. Só pra te lembrar, mesmo. Porque as vezes acho que você esquece. Ou se faz de tonto.

Antes que eu pudesse entender o que estava acontecendo, senti meu corpo flutuar no ar. Foi tudo muito rápido. Ele me segurou pelos braços, sem muita sutileza, e me pôs em pé. Os olhos brilhavam e ele arquejava, parecia prestes a ter um orgasmo. Mamãe tinha congelado em uma expressão de horror, com as mãos sobre o peito.

Seus dedos afundaram na pele macia de dentro dos meus braços. Mordi a língua para não deixar nenhuma lágrima escapar, ainda que fossem de ódio. Eu não podia dar esse gostinho a ele. Geraldo me fitou nos olhos, como um predador de olho em sua caça. Ele queria *acabar* comigo. Só não tinha feito ainda por causa dela. E olha que isso não queria dizer lá muita coisa.

Geraldo me balançou no ar, parando com o rosto a centímetros de distância. Eu podia sentir seu hálito nojento chegar em lufadas. Fechei os

olhos, porque me recusava a encará-lo. Me recusava a fazer o que quer que ele mandasse. A cada dia eu ficava mais fraco, a cada dia era mais difícil. Mas eu precisava lutar com o que tinha. Precisava porque essa era a única parte que restava de mim. Era preciso me manter firme.

— Escuta aqui, pivete. Eu tô pouco me fodendo se você tá *doentinho*. Tô pouco me fodendo se você quer acabar com essa sua vida de merda. Da próxima vez que tentar se matar, faz direito. Vai até o fim, quem sabe assim você me dá menos dor de cabeça — falou entredentes, mas de maneira pausada. Como se cada palavra fosse uma chicotada. Estalavam na pele, faziam arder. E ele gostava disso. Gostava de me atingir. Gostava de me fazer sangrar. O cara me odiava. Sempre odiou. — Você pode estufar o peito pra dizer que não sou o seu pai, eu não ligo. Você mora na minha casa. Eu coloco comida na mesa. Eu que mando nessa porra aqui. E se você não fizer o que eu quero, você vai pra rua. Tá entendendo?

Continuei de olhos fechados. Tentei lembrar do meu pai. De como ele era. De como era a vida antes. Tudo parecia tão distante que eu me perguntava se era um sonho. Uma alucinação. Dizem que quando passamos por um estado de muita dor, nosso corpo, como mecanismo de defesa, nos faz delirar. Fugir da realidade. Quem sabe não fosse isso. Eu *tinha* passado por muita dor. Talvez minha mente tivesse pregando essas peças. Talvez a vida sempre tivesse sido isso. Talvez não importasse. Talvez eu pudesse acabar logo com tudo.

— NÃO ME PROVOCA, PORRA! — Geraldo berrou, cuspiando um pouco em mim.

Em minha imaginação, sua baba era ácida e corroía meu rosto. Eu me desintegrava em seus dedos, derretendo em uma poça de sangue. Mamãe gritaria, histérica, e assustaria meu irmão mais novo. E então ele começaria a berrar, bem alto, até ficar cor de leitão, feito o pai dele.

Encenei um bocejo, abrindo os olhos para encará-lo.

— Terminou?

Aquele foi o estopim. Pensei que ele fosse me dar um soco (não teria sido a primeira vez, de toda forma). Mas não. Em vez disso, Geraldo teve um dos seus acessos ridículos de raiva. Ele tomou o celular da minha mão e o atirou na parede, com toda sua força. E ele era *muito* forte. Meu celular chocou na parede e explodiu em vários pedaços.

Mordi minha língua tão forte para evitar o choro que cortei um

pedaço. Logo, o gosto metálico de sangue preencheu a boca. E aquela era só a primeira noite... Eu não suportaria um semestre inteiro preso em casa. Não suportaria olhar para aquela cara asquerosa dele. Aquele sorriso torto que ele dava quando ficava putíssimo comigo. Como agora.

Geraldo soltou meus braços e, em uma fração de segundo, suas mãos me seguravam pelo colarinho. Ele me empurrou contra a parede com força. Eu odiava o fato dele ser tão forte. Tão mais que eu. Minhas costas protestaram de dor com o impacto. Mas a cabeça doeu mais. Continuei mordendo a língua, porque não podia dar o braço a torcer. Eu não ia.

— É bom você tomar cuidado comigo, moleque — sibilou, tão perto que parecia prestes a me beijar na boca. — É bom você tomar cuidado. Ou eu termino aquilo que você não teve coragem de levar até o fim.

Uma ameaça.

Uma ameaça clara e sólida, que apertou meu peito, impedindo a passagem de ar.

— Ah, meu Deus, Geraldo! — mamãe soluçou, chorando desenfreadamente. — Por favor. Por favor! Para com isso.

No entanto, ela não ousou entrar no quarto. Tinha medo dele.

Era fraca demais. Omissa demais. Eu não podia contar com ela. Com ninguém.

Geraldo pareceu recobrar a consciência, pois me soltou. Um pouco relutante, deu um passo atrás. Seus olhos de um azul pálido continuaram fixos em mim. Ele passou as mãos pela careca brilhante, tentando se acalmar. Quando o cara explodia, demorava para parar de agir como um animal. Ao menos o rosto não estava mais rosado.

— Cinco minutos — falou, apontando o dedo em riste para mim. — Ouviu? Ou vai arcar com as consequências.

E então girou nos calcanhares, passando por mamãe para sair do quarto. Soltei o ar dos pulmões. As mãos tremendo com intensidade, as pernas prestes a ceder ao peso do corpo.

Mamãe permaneceu na porta, chorando baixinho. Impotente, desolada. Ela arriscou um passo, cruzando as mãos em frente ao rosto, como em uma oração.

— Por favor. Por favor, filho. Facilita as coisas — sussurrou, tão baixo que precisei apurar os ouvidos para entender. — Ele... seu pai tem razão. Você precisa sair do quarto, tentar socializar. Não faz bem ficar aqui

sozinho.

Seu pai.

Ri baixinho.

O tipo de risada que é mais por lamentar do que por achar graça.

Assenti, porque não me restava mais nada. Mamãe soltou um suspiro aliviado e abriu um sorriso doce para mim, o que só tornava tudo ainda mais doloroso.

Esperei ela sair e fechei a porta atrás de mim. Passei as mãos pelos cabelos um pouco rebeldes, que cismavam em cair sobre os olhos. Agora que o susto passava e a adrenalina começava a se espalhar pelo sangue, eu sabia que precisava extravasar. Precisava ou acabaria fazendo uma besteira. Acabaria me entregando. E era isso que ele queria. Dava para ver nos olhos dele.

Senti vontade de vomitar enquanto calçava meus coturnos. Alcancei um moletom preto (como a droga do meu guarda-roupa inteiro) e vesti. Fitei o maço de cigarro esquecido sobre a escrivaninha, que roubei de mamãe mais cedo. Bem no centro da mesa, pedindo para ser visto. Pedindo para ser um motivo. Mas eu não precisava de motivos. Geraldo sempre arrumava sozinho. Ele procurava qualquer coisa para usar como justificativa.

Guardei o maço no bolso de trás da calça e saí pelo quarto exatos cinco minutos depois, assim como ele havia pedido. Nem me importei em recolher os cacos do celular. Deixei do jeitinho que estava, só para ele ver que eu não dava a mínima. Tanto faz. Ele podia *me* quebrar inteiro, se quisesse.

Subi o capuz da blusa, passando pela sala sem olhar para cima. Pela visão periférica, vi Enzo brincando com seus carrinhos Hot Wheels no tapete da sala, enquanto minha mãe e Geraldo assistiam a um filme. Mas não fiquei para ver mais nada. Em vez disso, abri a porta da sala, tirando a chave do trinco e saindo sem olhar para trás. Nietzsche fez a festa quando me viu. Pulou em mim feito doido, desesperado por um pouco de atenção. Eu costumava brincar com ele por horas, mas agora não tinha ânimo para mais nada. Que diferença faria, no fim das contas?

Que diferença faria acordar?

Comer?

Que diferença faria dormir? Ler um livro?

Que diferença faria *viver*, se no fim das contas todos estávamos

fadados ao mesmo fim?

Saí pelo portão, socando as mãos nos bolsos para me proteger do frio cortante que me esperava do lado de fora. O vento soprou minha franja para todos os lados e fez o rosto arder, mas eu não me importava.

Para ser franco, até gostava.

Gostava de me infligir dor. Gostava de tudo que era desconfortável para mim.

Porque, no fundo, eu achava que merecia. Que precisava me punir. Que só estava naquele fosso de merda por minha culpa.

Andei pela rua deserta, escondendo-me nas sombras das árvores, que balançavam seus galhos de cima para baixo, de um lado para o outro. Passei por um poste piscando sem parar, e depois por um terreno baldio. Andei mais rápido. O silêncio era esmagador, violento. Comprimia o peito. Deixava tudo mais claro. Era no silêncio que os pensamentos vinham à tona. Rodopiavam rápido na mente, um emendando no outro. Em looping. Pensamentos que eu não queria ouvir, mas como ignorar vozes de dentro da cabeça? Como silenciar seu próprio cérebro?

Acabe com tudo.

Ninguém gosta de você.

Pra que ficar se martirizando?

Só acabe logo com tudo.

Faça isso parar.

Enfim parei de morder a língua. A primeira lágrima escapou. Era morna, mas deixou um rastro frio pela bochecha. Estremeci, sentindo ódio, asco, sentindo uma angústia tão grande que pensei que fosse me rachar, da testa até os dedinhos do pé. Pensei que eu fosse explodir em mil pedacinhos, no meio da rua, e acabar num monte de medo e incerteza.

O tremor ficou mais forte e comecei a correr. Passei por um guardinha, que buzinou duas vezes ao me ver. Virei a esquerda, e depois a direita. Andando sem rumo. Até encontrar uma igrejinha pequena, de construção vitoriana. Parecia uma miniatura desses templos que vemos em fotografias. Era patética. Tudo era patético.

Sendo consumido pelo ódio, fechei a mão em punho e desferi um soco no muro chapiscado. Ardeu para caralho. Latejou. Senti cada terminação nervosa protestar e me dei conta de que era exatamente o que eu precisava.

Dei outro soco, gemendo de dor quando minha pele chocou no muro.

Fechei a mão esquerda, porque uma só parecia muito pouco. Direita, esquerda. Direita, esquerda.

Mais uma vez.

E outra.

Cheiro metálico. Sangue escorrendo pelas juntas.

E aquele prazer delicioso.

O alívio.

Era melhor que nicotina, melhor que álcool. Era *melhor*.

Dei mais um. A pele rasgava, pulsante, me lembrando de que *isso* era viver. *Isso* era sentir. As lágrimas que passaram a sair eram de dor. Assim como os gemidos cada vez mais constantes.

Mas, caramba. Como eu precisava. Como eu... queria. Esquecer. Do passado e do presente. Só esquecer. Me concentrar ali. Só naquilo.

O sangue respingava. Na blusa, no jeans, no concreto. A parede branca ficou manchada. Deixei minha marca.

Tombei a cabeça para trás e dei um grito, cortando a noite com a minha voz. *Foda-se*.

Foda-se ele. Foda-se ela.

Fodam-se todos.

Escorreguei no cascalho, caindo de bunda no chão. Dobrei os joelhos para cima e estiquei as mãos no ar, observando o estrago. Estavam péssimas, tremiam muito. Manchadas de um vermelho intenso, no resto pálido pela luz do luar. A dor era lancinante e, de alguma forma, aliviava. Fazia o vazio não ser tão presente. Fazia o resto parecer menor.

Foi difícil usar a mão para pegar o maço no bolso de trás, mas me esforcei.

— Mas... que... merda — gemi, apertando os olhos de tanta dor.

Levei um cigarro aos lábios, acendendo-o com calma. A lua fisgou minha atenção, acesa como um farol.

— É... parece que somos só nós hoje — falei para ela e traguei a fumaça milagrosa. A fumaça da paz, do esquecimento. Me ajeitei na parede, escorregando até que as costas se encaixassem confortavelmente. — Você é testemunha, dona lua. Não importa quão difícil fique... quão fodida minha vida se torne... eu não vou entregar os pontos. Não de novo.

Soprei a fumaça para cima e a observei se expandir pelo ar, até desaparecer. Era para ter sido assim comigo. Era para *eu* ter desaparecido. Se

eu pudesse voltar no tempo... teria ido até o fim. Suspirei, balançando a cabeça para afastar a ideia.

— Não vou desistir — concluí, voltando a encarar a lua. — Não vou dar esse gostinho pro filho de uma puta. Se ele fez da minha vida um inferno, vou retribuir a gentileza. E essa, dona lua — Apontei para ela, me sentindo um pouco demente. —, é uma promessa.



*Um destes dias o chão vai cair
Debaixo de seus pés
Um destes dias o seu coração vai parar
E dar a batida final
Foo Fighters – These Days*

Sorvi o ar intensamente, sentindo os pulmões inflarem. A consciência chegava de fininho, quase com timidez, enquanto flashes do sonho ainda invadiam minha mente, desvanecendo-se aos poucos.

As imagens permaneciam tão vívidas na memória, tão presentes, que eu sentia como se tivesse passado semanas, ou talvez meses dormindo. Meses desfilando na passarela, me sentindo enclausurada na atmosfera esquisita, obscura e repleta de sangue. O tempo se esfarelava entre os dedos como areia. Tudo era confuso, enevoadado.

Uma vez vi um filme em que o Leonardo DiCaprio ficava preso por quarenta anos em um sonho. Era assim que eu me sentia. Por mais que forçasse a memória, não conseguia lembrar de muita coisa *antes*. Como se minha vida não tivesse existido até então.

Mexi os dedos das mãos, sentindo o toque áspero do lençol. Em casa os lençóis eram todos muito macios. Mamãe se permitia certos luxos e, com

certeza, um deles eram os lençóis caros para a família toda. Assim como as toalhas mais felpudas que cobriam o corpo inteiro. Coisas que, segundo ela, faziam o dinheiro valer a pena. Eu achava que esse era o tipo de situação que eu só entenderia depois de velha. Mas, ali, eu conseguia entender o ponto dela. O lençol era grosseiro, pinicava a pele. Não tinha o toque aconchegante da cama de casa.

Como eu queria estar em casa, na minha cama, no silêncio do meu quarto...

Sem aquela conversa inconstante, vinda de todas as direções. Vozes femininas, masculinas, algumas sussurrantes, outras altas e firmes. Mas todas sérias, comedidas, alertas. Eu nem ao menos conseguia captar as palavras, elas se misturavam, compondo uma melodia tristonha e nada acolhedora. Pessoas gemendo de dor, respirando com dificuldade, algumas tossindo como se fossem colocar os pulmões para fora.

E também aquele silvo ritmado soando pelo ambiente, de vários aparelhos apitando juntos, como o canto de um pássaro. Mas não era. O canto dos pássaros era para celebrar um novo dia. Era alegre, contagiava. Aquele me deixava angustiada. Fazia meu coração ficar pequeno no peito. Era como um lembrete de algo que eu *não queria* lembrar.

Tentei mudar de posição e me arrependi na mesma hora. Todos os músculos do meu corpo protestaram de dor, sobretudo a perna esquerda. Tinha alguma coisa errada. *Muito* errada. Acabei dando por vencida e abrindo os olhos.

Minha visão demorou para focar. A claridade das lâmpadas frias fez meus olhos arderem. Vislumbrei vultos andando de um lado para o outro, apressados.

Pisquei algumas vezes, tentando focar. O cheiro asséptico me envolveu, colocando as engrenagens do meu cérebro para funcionar e então uma ideia clareou minha mente como aquelas lâmpadas incandescentes. Hospital. Eu me encontrava em um hospital. A orquestra de passos abafados, sussurros preocupados e apitos passou a fazer sentido, então.

Forcei a memória para lembrar porque estava ali. Mas não dava. Eu só conseguia lembrar do sonho. Da passarela. E de pequenos lapsos — mamãe com os olhos inchados, papai com o rosto rígido feito mármore e Nicole em choque. Eram imagens reais? Tinham mesmo acontecido? Ou faziam parte do sonho?

Nesse mesmo instante, uma enfermeira carregando uma prancheta passou em frente a cama e olhou em minha direção. Nossos olhares se encontraram. Ela teria continuado a andar se não fosse por isso.

— Acordou? — Ela se aproximou em passos decididos e parou ao meu lado. Era uma pergunta retórica, mas mesmo assim assenti, confusa.

Só então me dei conta de que tinha um tubo saindo da minha boca. Eu não teria como falar nem mesmo se quisesse. Pisquei mais algumas vezes, correndo os olhos para o braço direito, de onde saía uma cânula. Acompanhei a cânula até o lado da cama, onde várias bolsinhas de soro ficavam penduradas em uma haste de metal. Todas indo direto para o meu sangue.

Ela tirou o tubo da minha boca com delicadeza e senti um alívio imediato. Os lábios e a mandíbula estavam um pouco doloridos de ficar naquela posição atípica. A primeira coisa que percebi foi o quanto minha boca estava seca. A língua parecia uma lixa grossa e a garganta arranhava, pedindo por água.

— Como está se sentindo?

— Hum...

Sem esperar pela minha resposta, a enfermeira se ocupou com o monitor logo ao lado da minha cabeça. Olhou para ele e logo em seguida para a prancheta. Mudou as folhas até encontrar muito provavelmente a minha, e anotou alguma coisa lá.

Só então voltou a me encarar.

— Tô com sede — respondi. A voz saiu rouca, falha, quase sumindo.

Seus lábios torceram para cima de maneira sutil. Acho que era um sorriso, ou algo muito parecido com isso.

— Vou trazer um pouco de água pra você.

Ela colocou um aferidor de pressão em volta do meu braço esquerdo e começou a bombear. Aproveitei para fazer uma varredura pelo quarto. Que, na verdade, não era exatamente um quarto. As divisórias eram baias que, pelo vidro, revelavam outras camas dos dois lados, com outros pacientes e outros equipamentos como os que me rodeavam. Na minha frente, separado apenas pelo corredor onde médicos e enfermeiros passavam apressados, mais camas. Mais enfermos. Mais monitores cardíacos compondo uma melodia de compasso ritmado.

— Que lugar é esse? — perguntei, com dificuldade. A garganta arranhava ainda mais, como se eu tentasse engolir um punhado de agulhas.

— Você tá internada em uma UTI. Sofreu um acidente, lembra?

Seu tom era dócil. O mesmo usado para falar com crianças ou animais.

E, não, eu não lembrava. Minha cabeça abrigava um enorme vazio. Um buraco negro. Meus pensamentos eram todos nebulosos. Quanto mais forçava a minha memória, menos parecia lembrar.

Fui assolada por uma angústia imensa. Não sabia há quanto tempo estava ali. Nem o que tinha acontecido. Tampouco *sabia* que dia era. Esse lapso temporal me deixou ansiosa, preocupada, com um sentimento de urgência muito grande.

— Vou avisar a sua família que você acordou, que tal? — A enfermeira me buscou do meu transe, com a mesma voz bondosa de antes.

Quis responder, mas estava tão perplexa... Tudo e nada passava pela minha cabeça. Eu queria saber o que tinha acontecido. Queria perguntar tudo. *Acidente? Que acidente? Foi grave? Por quanto tempo fiquei inconsciente?* Mas, ao mesmo tempo em que vinham, os pensamentos desapareciam. Evaporavam. Minha mente parecia aérea. A sensação que eu tinha era que meu corpo e minha mente estavam em sintonias diferentes. E, embora eu conseguisse ouvir meus pensamentos, o chiado atrapalhava a compreensão.

Ela segurou minha mão de maneira cálida.

— Quem você quer ver primeiro?

— Minha mãe — respondi sem nem precisar pensar.

Ela assentiu, dando outro sorriso que quase não aparecia nos lábios finos. Anotou mais algumas coisas na prancheta e então girou nos calcanhares, saindo dali em passos ligeiros. Eu nunca tinha prestado atenção em como profissionais na área da saúde andavam todos em um ritmo parecido — passos curtos, rápidos, de quem não tinha tempo a perder.

Mamãe surgiu em um piscar de olhos. Como se estivesse em um cantinho qualquer, só esperando para o caso de eu precisar dela. E eu precisava. Quando minha mãe estava por perto, nada mais importava. Ela tinha o dom de fazer todas as preocupações desvanecerem em um passe de mágica. Bastava ver seu cabelo despenteado, preso de qualquer jeito no topo da cabeça. Ou então os óculos que pareciam estar sempre tortos para a direita. Ela possuía uma aura que emanava força. Nada era capaz de desestabilizá-la.

Quero dizer, isso é o que eu costumava achar. Porque quando ela surgiu, com os braços em torno do próprio tronco, senti meu coração

despedaçar. Mamãe era minha esperança. Eu queria que ela pegasse em minha mão e dissesse que estava tudo bem. Que eu não precisava me preocupar por estar em uma UTI e não lembrar de nada. Que foi só um susto e logo eu estaria em casa. Mas bastou vislumbrar seu rosto para saber que nada estava bem. *Nada*.

O cabelo estava solto, desgrenhado. Não do jeito charmoso de sempre, mas de um jeito que deixava estampado que essa era a última preocupação dela naquele momento. E mamãe estava sem os óculos, o que só evidenciava os olhos inchados e muito vermelhos. O que acabou com minhas dúvidas de se as imagens de que eu me lembrava eram reais.

Assim que me viu, foi como se uma carga elétrica tivesse atingido o corpo dela. Mamãe tremeu inteira no lugar. O queixo balançou e ela até tentou sorrir, mas caiu no choro antes. Sem saber porque, meus olhos encheram de lágrimas também. Esperei que ela corresse em minha direção e me abraçasse apertado. Mamãe era o tipo de pessoa que sentia tudo com intensidade. Não se envergonhava em sorrir demais, gargalhar alto, nem nada do tipo.

No entanto, tudo parecia fora do eixo naquele lugar. Ela seguiu em seus passos incertos, como se fosse desabar sob o peso do corpo. E, ao se aproximar de mim, segurou a minha mão e a levou até o rosto. Ela deu um beijinho nas costas, seus lábios secos raspavam a pele. Então, para minha surpresa, mamãe escondeu o rosto por trás da minha mão e chorou. Chorou muito. Chorou tanto que meu coração se espremeu até virar um caroço duro e enrugado.

— Graças a Deus! Graças a Deus! Graças a Deus! — ficou repetindo baixinho, como um mantra.

Deus???

Mas mamãe é agnóstica.

A coisa deve ter sido séria mesmo.

Sem reação, fiquei apenas esperando. Minha cabeça estava lenta. Era difícil reagir. Isso sem contar que minha boca continuava superseca, falar demandava muito esforço. Por isso me limitei apenas a observar.

— Fiquei com tanto medo, Alana. Muito, muito medo. Que bom que você acordou. — mamãe intercalou as palavras com fungadas.

E então se inclinou sobre mim, deixando uma profusão de beijinhos na testa. Várias lágrimas caíram em meu rosto, mornas e corpulentas. O

cheiro dela me envolveu, não de perfume, mas de sua pele. Era um aroma maduro, adocicado. Confortava, abrandava a alma. Me deleitei daquele sentimento de paz.

Mamãe se afastou só um pouquinho, para conseguir me olhar nos olhos.

— Te amo tanto, tanto, tanto! — Ela passou a mão pelos meus cabelos, me encarando de cima. Tinha um sorriso enorme no rosto, mas não parava de chorar, o que a deixava com uma expressão um pouco bizarra. — Graças a Deus que você acordou, meu bem.

— Também te amo — falei, com esforço.

Ela usou o pulso para secar as bochechas, tentando se recompor. Mas, conforme seus olhos percorriam meu rosto, as lágrimas voltavam a irromper com intensidade.

— Como tá se sentindo?

— Muita sede.

Ela se levantou na mesma hora, deixando um último beijo nas costas da minha mão.

— Espera só um pouquinho. Vou perguntar pra enfermeira se posso...

Mas minha mãe nem conseguiu terminar a frase, pois a enfermeira responsável por mim tinha acabado de voltar, com um copinho descartável cheio de água. Mamãe pegou o copo da mão dela e as duas trocaram um olhar cheio de significado.

Com a ajuda de mamãe, tomei todo o conteúdo do copo. O alívio foi imediato. Foi como nos desenhos, quando o personagem se perde no deserto e fica muito tempo com sede. Pedi mais, mas a enfermeira disse que por enquanto eu não podia. Que depois voltaria com outro copo.

— Vou deixar vocês sozinhas um pouco — concluiu, antes de sair.

Minha mãe sentou na poltrona ao lado da minha cama, sem nunca soltar minha mão. Em vez disso, entrelaçou os dedos nos meus com força, como se temesse que eu sumisse dali.

Meus olhos estavam pesados de sono. Não importa quanto tempo fiquei apagada, aparentemente não foi o bastante. Respirei fundo, me perdendo em seus olhos castanhos que eram meu porto seguro. Como eu já imaginava, ter mamãe ali tornava tudo melhor. Não existia medo com ela por perto.

Ficamos nos olhando por um tempão, em silêncio. Eu sentia que havia

muito para ser dito. A energia no ar indicava isso. A ansiedade transparecendo em gestos pequenos dela, como sua mania de cutucar a cutícula. Em alguns dedos, tinha cutucado tanto a ponto de fazer feridas. Mas não perguntei nada. Não ali, naquele momento. Tudo parecia um sonho. Tinha a mesma névoa da passarela. Era como assistir a um filme — eu via as imagens, mas não *participava* delas.

— Lembro até hoje de quando você nasceu... — falou ela, e sua voz se sobressaiu a todos os outros sons da UTI. De repente, só existíamos nós duas. — Pra ser mais precisa, a primeira vez que ficamos sozinhas. Seu pai desceu pra tomar um café e a enfermeira te levou pra amamentar. Você pegou o peito bem fácil. Era tão quietinha, um bebê tão dócil... — Mamãe sorriu, com os olhos distantes. — Então ela deixou a gente sozinha. E foi naquele exato momento que eu *percebi*, Alana. Percebi a magnitude. Percebi a loucura que eu e o seu pai fizemos. Gente, sério, onde a gente tava com a cabeça? — Ela riu baixinho e ouvir aquele som foi tão reconfortante que soltei uma risada. Ou uma tentativa de risada. Soou mais como um engasgo. — Você era tão pequenininha, tão frágil. Dava até medo de segurar. Eu te dei um dedo e você agarrou ele com a mãozinha. Não dava nem metade do dedo... mas tinha *tanta* força.

“Nunca senti nada tão intenso como naquele dia, filha. Fiquei apavorada. Apavorada mesmo. Não de um jeito saudável. Eu ficava pensando o tempo todo que alguma coisa podia acontecer, que eu podia... perder você. — Mamãe engoliu em seco, fechando os olhos como se só pensar nisso a quebrasse por dentro. — Quando fomos pra casa, eu não conseguia dormir direito. Acordava várias vezes durante a madrugada só pra te olhar. Às vezes passava horas ao lado do berço, vendo você dormir. Só pra garantir que estava tudo bem. Para ter certeza de que você abriria os olhos outra vez. É meio louco, mas eu tinha *tanto* medo...”

Mamãe caiu no choro de novo. Dessa vez, um choro mais comedido. Seu rosto se torceu em dor e as lágrimas deixaram rastros cintilantes, mas foi só. Ela parecia se forçar a permanecer forte. Forte por mim.

— Essas foram as dezesseis horas mais longas da minha vida, Alana. Aquele pânico voltou. O medo de você não acordar. De te perder. — Mamãe voltou a fechar os olhos. A respiração inconstante, superficial, audível. — Estou *tão grata*, tão, tão, tão feliz que você acordou, meu amor. Eu só queria ver você abrir os olhos. De repente, senti como se tivesse voltado no tempo e

você fosse aquele pedacinho de gente.

Pisquei algumas vezes.

De tudo o que ela falou, as únicas palavras que consegui absorver foram dezesseis horas.

Caralho.

Dezesseis horas.

Fiquei desacordada tanto tempo?

— O que aconteceu, mãe? — perguntei, incerta se queria mesmo saber. A cada segundo, o aperto em meu peito ficava maior. Mais intenso. — Por que não lembro de nada?

O rosto dela se contorceu ainda mais em dor. Seus dedos me apertavam de uma maneira quase dolorida.

— O médico disse que é normal. Você vai lembrar aos poucos — disse, assentindo. Seu queixo tremeu um pouco mais e ela crispou os lábios, usando toda a sua força para não chorar da maneira como precisava. — Você sofreu um acidente, Nana. Na rua de casa.

— Na... na rua de casa? — balbuciei. — Como?

Mamãe acariciou minha mão com o polegar.

— A gente ia viajar pra Foz do Iguaçu, lembra? — Ela abriu um sorriso, me incentivando.

Fiz que não, mas, no mesmo instante, flashes começaram a bombardear minha mente. Lembrei da excitação, dos planos para os dez dias de viagem. Lembrei da madrugada em claro fazendo a mala. De mamãe tentando me acordar.

Entreabri os lábios e, percebendo que eu começava a lembrar, mamãe continuou.

— Você desceu pra guardar suas malas no carro. Eu ia logo em seguida com as comidas, mas seu pai se atrapalhou com o café da manhã e acabei demorando um pouquinho mais... — Mamãe passou a mão livre pelo cabelo, como se quisesse arrancá-lo. — Só que você tava demorando tanto... tinha *alguma coisa* errada. E então desci pra descobrir o que era. Quando ouvi seu choro. E os gritos dela... Sei lá. Achei que você tivesse com problemas pra encaixar a mala, ou aproveitado pra dormir escondida no banco de trás... esse tipo de coisa errada. Mas nada me preparou pro que tinha acontecido de verdade — Mamãe mordeu o lábio inferior com força, os olhos se perdendo em lembranças. Sua expressão era pura desolação.

Desci as pálpebras, apertando os olhos com força.

Na minha cabeça, as cenas se desdobraram todas de uma vez. Foi como reviver o acidente. Estava frio. Bem-te-vis cantavam. A rua de casa vazia, sem ninguém além de mim. Me inclinei para dentro do porta-malas para arrumar a bagunça que papai tinha feito. E então...

Pneus cantando.

Borracha queimada.

Uma dor intensa.

Minhas pernas machucadas.

A fratura exposta.

E tanto, tanto sangue.

Cobri a boca com as duas mãos, horrorizada. As imagens não paravam de chegar. Era muito esquisito que segundos antes eu não fizesse ideia de onde estava, tampouco o que tinha acontecido. Mas, agora, me perguntava *como* pude esquecer. Apesar de dezesseis horas me separarem do acidente, todas as sensações continuavam vívidas. Eu ainda lembrava do cheiro salgado e um pouco metálico de sangue. Lembrava do toc, toc do salto da mulher, andando de um lado para o outro com desespero. Lembrava da dor lancinante, impossível de suportar.

Ao contrário do que eu gostaria, não perdi a consciência depois do acidente. Teria sido bem melhor desmaiar e não precisar lidar com aquele susto imenso. Mas não aconteceu. Fiquei bem consciente durante a meia hora que levou para a ambulância chegar. Meia hora!

Lembrei de cada minuto, de cada segundo como se vivesse tudo de novo. A angústia esmagadora de não saber se sobreviveria. O rosto de mamãe surgindo pela porta de vidro do prédio piscou diante dos meus olhos. Branca como uma folha de papel, ela correu e se jogou do meu lado, me envolvendo em um abraço apertado. Com os dedos trêmulos, discou o número do papai e, aos berros, explicou o que tinha acontecido e mandou ele descer.

Foi como se segundos tivessem passado até que papai e Nicole estivessem em minha frente, o choque estampado em suas expressões. Minha irmã era a que estava de longe pior. Ela não parava de chorar. Seus olhos desciam até as minhas pernas e então ela soluçava sem parar, apertando meus dedos da mão como se dependesse disso para viver.

Mamãe foi comigo na ambulância. Enquanto os enfermeiros prestavam os primeiros socorros, eu só conseguia pensar em todo o sangue

que perdi. E que era uma maldita injustiça que eu fosse morrer tão perto de realizar o sonho da minha vida.

Pouco antes de entrar para a sala de cirurgia, agarrei a mão de mamãe com força. Ela aproximou o rosto do meu, com um sorriso iluminado. Era o sorriso que ela usava para dizer que ficaria tudo bem. Eu precisava acreditar nela.

— Te amo muito — sussurrei, sem forças para falar. Estava sonolenta, os olhos pesados, pedindo para que eu me entregasse ao sono. — Fico feliz por você estar aqui comigo.

Uma lágrima corpulenta escapou do olho dela, e mamãe usou o polegar para limpar, sem se desfazer do sorriso.

— Para com isso! — disse, deixando um beijo na minha testa. — Não fala isso agora, se não vai parecer uma despedida. E você ainda vai viver muito, meu amor.

Balancei a cabeça, voltando para o presente. Ao subir as pálpebras e fitar os olhos castanhos dela, tive certeza de que se lembrava da mesma coisa.

Em um gesto de puro instinto, estiquei os dedos da mão para tocar a coxa esquerda, só para me certificar de que estava tudo bem. Talvez eu só tivesse que colocar um gesso e então recebesse alta em breve. Talvez a gente não fosse perder tanto da viagem para Foz do Iguaçu. Tudo bem que as fotos não ficariam tão incríveis com um gesso branco enorme, mas isso era o de menos.

Soltei um suspiro aliviado quando descobri que estava tudo bem. Não sei exatamente o que pensei que encontraria (ou que *não* encontraria), mas descobrir que estava tudo no lugar tirou um peso enorme dos meus ombros.

Mamãe acompanhou o movimento dos meus dedos e comprimiu os lábios até formar uma linha muito fina.

— Foi um acidente muito grave, Nana. Muito mesmo. O carro que te acertou estava bem acima do limite de velocidade e... podia até ter te matado. Na verdade, foi por muito pouco. Quero que você tenha isso em mente e fique firme com o que vou te contar, tá bom? Pode me prometer isso?

Encolhi os ombros, sem entender muito bem.

Percebendo minha confusão, ela expirou o ar dos pulmões de maneira ruidosa e acariciou minhas maçãs com as costas da mão.

— Tenha em mente que você estar viva é um milagre. Que a única coisa sem solução é a morte, meu bem. O resto sempre tem jeito. Pode

parecer assustador, mas não é o fim da linha.

Apesar de ver seus lábios mexendo e ouvir sua voz suave me envolver, desliguei da realidade por um momento. A constatação de que ela me daria uma notícia ruim me acertou em cheio. Eu não sabia se queria ouvir. Não sabia se estava preparada para o que quer que ela fosse me dizer.

Comecei a chorar baixinho, antes mesmo dela começar.

Porque, no fundo, eu já sabia. Desde o momento em que ela surgiu eu soube. Ela não estava só feliz por me ver acordada. Não. Tinha *outra coisa* que a preocupava.

Apertei o lençol com força, tentando me firmar em algum lugar.

— Mãe... o que aconteceu? — Consegui perguntar.

— Você precisa me prometer, meu bem. Promete que não vai esquecer que estar aqui é um milagre. Você ganhou outra chance e tem a vida inteira pela frente.

Fisquei o lábio inferior, reunindo coragem para dizer o que ela queria. Porque essa era a única coisa me separando de saber a verdade. Eu não sabia por mais quanto tempo poderia continuar fugindo.

— Pro-prometo. — Respirei fundo. — Não vou esquecer.

— Como eu disse, foram dezesseis horas de cirurgia, filha. Isso é muito. Se os médicos tivessem tentado mais, você poderia ter morrido.

Fiquei olhando para ela, esperando o resto. A cirurgia demorou tanto porque os médicos tentaram. Ok, isso eu já tinha entendido. Mas tentaram o quê?

Mamãe engoliu em seco, segurando a base do nariz e fechando os olhos por alguns minutos. Dei esse tempo a ela. Dava para ver que, por mais que estivesse tentando se manter firme por mim, ela estava superabalada. Era só uma pessoa, afinal. Também tinha suas fragilidades, seus medos. As vezes era difícil lembrar disso. Mamãe sempre se fazia tão forte.

— Tentaram reconstruir sua perna esquerda. Foi a mais afetada. Mas não teve como, meu amor. Infelizmente. *Eu sei* que isso pode soar assustador no começo, mas...

— *Como assim* não teve como? — Interrompi, sendo atingida em cheio pelo pânico. Foi um murro na cara. Um murro forte, que deixou tudo latejando.

— Os médicos fizeram tudo o que podiam, meu bem. Foi *muito* sério. Você quase morreu. Quase mesmo.

Neguei com a cabeça, ainda atônita.

— Como assim não teve como? — repeti, um pouco mais alto.

Tinha tanto sofrimento por trás dos olhos de mamãe que eu me senti péssima por não conseguir me manter calma. Mas, caramba, como me manter? Ela estava tentando me dizer que...

Não.

Não, isso não.

Tudo menos isso.

— Mãe! — exclamei, me entregando ao choro antes mesmo de ter a confirmação. — O que aconteceu?

— Sinto muito, Alana. Eu sei que é uma mudança enorme. Mas não é o fim do mundo, eu juro. Conversamos com os médicos e você vai ter uma vida normal, como qualquer outra pessoa. O começo é complicado e um pouco difícil, mas depois... depois vai ficar tudo bem. — Sua voz vacilou e várias lágrimas escaparam dos seus olhos.

Usei os ombros para secar o meu rosto, me dando conta de que suas palavras pareciam mais como um consolo para si mesma do que para mim.

— Mãe. *Por favor.* Me fala o que aconteceu.

Mas ela não falou nada. Apenas se entregou a um choro descompassado. Os ombros balançaram com intensidade enquanto mamãe buscava força de algum lugar em seu interior. Permaneci estática, esperando. Meu rosto estava ensopado, eu não conseguia parar de chorar.

No fundo, eu já suspeitava de qual seria a notícia. As imagens piscando sem parar diante dos meus olhos não eram muito animadoras. Eu sabia que tinha sido grave. Desde o instante em que meus olhos recaíram para a fratura exposta. Para todo o sangue lavando o concreto. Sabia que tinha algo muito errado.

Mas imaginar era uma coisa, estar de frente para essa verdade difícil de engolir era outra muito diferente. Eu não queria. Não queria de jeito nenhum escutar o que mamãe tinha para me dizer. Enquanto eu não soubesse, enquanto eu não ouvisse da boca dela, continuaria sendo apenas uma suposição, e não uma verdade. Só por garantia, estiquei os dedos para tocar a perna esquerda outra vez. Estava tudo no lugar. Ela estava bem ali. Como sempre estive. Soltei um suspiro de alívio, mas não parei de chorar.

— Ah, meu Deus. Se eu... se eu soubesse. Se fizesse a menor ideia do que estava por vir, jamais teria te deixado descer, Alana — murmurou, e foi

difícil de entender por causa do choro descompassado.

Meu coração estava tão pequeno, tão apertado. E o nó na garganta bloqueava a passagem de ar, me impedindo de respirar. Eu só conseguia chorar e me engasgar no meu desespero. Mal tinha acordado depois de dezesseis horas desacordada e já tinha que lidar com tanta coisa. Era assustador.

O tempo evaporou diante de mim. Perdi a noção do quanto durou para que mamãe conseguisse se acalmar outra vez e seu rosto, até então em uma careta contorcida de dor, suavizasse.

Ela ficou com o olhar perdido em algum lugar bem longe dali enquanto tentava se recompor. E foi só quando a respiração normalizou que ela recomeçou a falar:

— Os médicos fizeram tudo o que podiam, meu amor. — Seu tom era baixo, frágil, como uma linha fina que pode arrebentar a qualquer segundo. Mamãe não me encarava nos olhos. Olhava para mim, mas parecia focar em minha boca ou nariz. — Seu cirurgião veio conversar com a gente... ele tinha esperança de que poderiam reconstruir sua perna. Mas já nos preparou para a alternativa. Disse que era arriscado e que você podia morrer. Tinha perdido muito sangue. Qu-quando ele veio nos avisar que não tinha conseguido... ah, Alana, meu bem.

Ela fispou o lábio inferior, voltando a chorar.

Por favor, apenas fale de uma vez. Acabe com essa angústia.

Preciso saber.

Não quero. Mas preciso.

— Precisaram amputar sua perna esquerda, querida. Um pouco acima do joelho.

O baque foi tão grande que levei vários segundos para entender o que ela queria dizer com amputar. O significado me escapou. Então, quando o entendimento me atingiu em cheio, meu queixo caiu.

Levei as duas mãos à boca, horrorizada. O acesso no braço direito incomodou um pouco quando o dobrei.

Não. Não. Não.

Ela tá enganada.

Ela errou a palavra.

Nada disso.

Caindo no choro de novo, mamãe agarrou minhas mãos com força e

as encheu de beijinhos, como tinha feito ainda há pouco.

— Não tiveram alternativa. Tentaram tudo o que podiam. Foram muitas horas, e... — ela jogava as justificativas, como se pedisse perdão.

Tudo menos isso.

Por favor.

Não posso. Não. Não. Não.

NÃO!!!

Eu tinha tocado minha perna.

Ela estava logo ali.

Não era possível.

— C-como assim tentaram de tudo? — perguntei, trêmula, puxando minhas mãos para longe dela. — É mentira! — exclamei. — É besteira! Não acredito em uma palavra. Por que não colocaram pinos, ou... ou... sei lá. Que hospital de merda é esse, mãe? Você deixou cortarem minha perna fora?

O pânico me invadia em ondas furiosas. Subia pelo meu corpo, inundando minha alma. Eu não conseguia pensar com calma. Não conseguia analisar a situação como um todo. Só conseguia ouvir meus pensamentos em negação.

Balancei a cabeça com força, como se isso encerrasse o assunto. Apertando os lábios, mamãe tentou segurar o choro. Tentou ficar calma. Arriscou segurar minha mão de novo, mas fui mais rápida e me esquivei.

— Eu tô sentindo minha perna, mãe. Ela tá bem aqui! Tá doendo pra caramba, inferno! — Minha voz ficava mais alta a medida que eu cuspi as palavras, cheias de ódio. — Por que você tá fazendo isso comigo?

— Você precisa ficar calma, meu amor. Lembra do que a gente conversou? Não esquece que você tá viv...

— Cala a boca! — gritei, mas nem consegui sentir culpa por falar daquele jeito com ela. Não dava. Só ouvia um alarme interno estrondoso, me alertando de que estava tudo errado. Tudo erradíssimo.

Pela terceira vez, estiquei os dedos para alcançar a perna esquerda. Precisava conferir se o que ela dizia era verdade. Minha perna estava lá. No lugar. Mas não era o suficiente. Queria ter certeza. Apesar da dor descomunal, me estiquei inteira, deslizando os dedos pela coxa. Estava enfaixada, como era de se esperar, mas estava lá.

Mas então, um pouquinho antes de onde deveria estar o joelho, meus dedos se perderam no nada.

Não. Não. Não.

Por favor. Por favor.

Isso não.

Por quê???

O que eu fiz de tão errado?

Voltei a tocar a perna, deslizando para baixo como se tudo não passasse de um engano. Mas então aconteceu de novo. Em um segundo minha perna estava lá e então, no seguinte, meus dedos pairavam no ar.

Neguei tão forte com a cabeça que o pescoço estalou. Continuei negando. E negando. Como se isso pudesse mudar alguma coisa.

— Não pode ser — resmunguei, baixinho, enquanto um filme passava em minha mente. — Não pode ser... não pode...

Em segundos que abrigaram uma eternidade, vi um filme. Um filme que começava aos meus cinco anos de idade, com o primeiro catálogo que fotografei. O primeiro dinheiro que ganhei na profissão dos meus sonhos. Vi os próximos. As aulas de postura, de passarela, de poses para fotos. Os inúmeros books e os incontáveis trabalhos. Vi a temporada do Japão, tão perto. Para quem tinha esperado a vida inteira por um ponto de virada, ver tudo desvanecer assim era muito cruel.

Só então o entendimento do que significava perder aquela perna me atingiu em cheio.

Acabou.

Acabou tudo.

Você perdeu.

Já era, Alana.

Não. Não. Não.

Não vai mais ser uma ubermodel.

Não!!!

Já era.

— Meu Deus do céu — repeti, olhando para minha mãe como se ela pudesse mudar minha realidade. Como se alguém pudesse. — Meu Deus, mãe!!! Olha só o que vocês fizeram!!! Olha o que vocês fizeram comigo, porra!

— Não faz assim, meu amor — ela choramingou, abraçando o próprio tronco e balançando suavemente para frente e para trás. — Você tá viva. Tem a vida inteira pela frente. As coisas só vão ficar diferentes agora...

— ACABOU, MÃE! ACABOU TUDO! — berrei, me sentindo um pouco louca.

Se eu pudesse, levantaria e sairia destruindo tudo. Atirando coisas. Puxando as sondas com agressividade. Fazendo um estardalhaço. Os enfermeiros precisariam me segurar, três de uma vez, enquanto eu me debateria no ar. Mas eu não podia. Doía tanto e eu estava tão fraca. Tão ferida, por dentro e por fora. Minha nossa, eu não conseguia nem conceber o que estava acontecendo.

— MINHA VIDA ACABOU! TÁ OUVINDO? ACABOU TUDO! — Continuei gritando. — OLHA O QUE VOCÊS FIZERAM COMIGO. VOCÊS ACABARAM COM A MINHA VIDA, INFERNO!

Mamãe se encolhia conforme eu despejava tudo o que estava sentindo. Seu choro era lamentável. Era como olhar para uma criança. Mamãe estava pequena, frágil, desolada. Pela visão periférica, vi a enfermeira aparecer em passos apressados e lançar um olhar complacente para mim e depois para mamãe.

Pensei que fosse intervir. Tentar me controlar. Me sedar com algum calmante. Mas, em vez disso, saiu em passos apressados, urgentes.

— Você tá viva. Tá viva, Alana. Podia ter acontecido o pior.

Soltei um urro de dor. Uma dor intensa, que vinha da alma. Rasgava meu coração em mil pedacinhos. Forçava o peito, como se eu fosse explodir.

— Mãe! — exclamei, triste por ela não entender. — *Já* aconteceu o pior! Como isso pode ser bom? Viver *desse* jeito! Perder tudo o que conquistei. — Sorvi o ar, fazendo um barulho alto que se sobressaiu a todos os outros. Parecia um porco relinchando. — Morrer naquele acidente teria sido um alívio — Concluí, apertando os olhos com força.

Minhas últimas palavras a atingiram como um punhal afiado. Mamãe projetou o corpo para frente e chorou com desespero. Enterrou os dedos nos cabelos, puxando-os em movimentos cheios de frustração.

Me entreguei à dor junto com ela. Chorei com toda a violência que minha dor pedia. Pensei, no acidente, que aquela tinha sido a pior dor que eu já experimentara. Mas, não. Eu nem fazia ideia do que me esperava. Nem fazia ideia de quão pior, quão devastadora, quão intensa e brutal seria a dor de receber uma notícia como aquela.

Não sei quanto tempo passamos naquela espiral de sofrimento. Eu a ouvia fungar, cheia de pesar. Era como se quisesse pegar toda minha dor para

si. Colocar meu fardo em seus próprios ombros, só para que eu não precisasse passar por isso. E se tivesse como, se eu pudesse transferir tudo aquilo para outra pessoa... droga, eu não pensaria duas vezes, ainda que fosse cruel e egoísta. Qualquer coisa para não precisar abrigar tanta devastação dentro de mim. Eu só queria acordar e descobrir que tudo não passou de um pesadelo muito vívido e terrível.

Ouvi o barulho abafado de passos se aproximando da cama e, antes que pudesse ligar os pontos e deduzir o que estava acontecendo, ouvi uma voz morosa, baixa, tranquila, que quase se perdia diante da orquestra caótica que era a UTI.

— Alana?

Abri os olhos com curiosidade. Me deparei com a enfermeira que vinha me dando suporte desde que acordei, mas ela não estava sozinha. Ao seu lado, a dona da voz me encarava, com olhos bondosos. Tratava-se de uma mulher baixinha e tão branca que a pele chegava a ficar rosada em alguns pontos. Os olhos de um azul cristalino me estudavam com atenção. Ela tinha os cabelos negros como piche penteados para trás, em um rabo de cavalo baixo.

— Meu nome é Isadora e eu vim conversar um pouquinho com você.
— Pisquei algumas vezes, sem esconder o choque. *Conversar? Quem era ela?*
— Sou psicóloga. Trabalho aqui. Acho que posso te ajudar a compreender melhor tudo o que está acontecendo... — respondeu, no mesmo tom gentil, parecendo ler os meus pensamentos.

Como não esbocei nenhuma reação, ela se voltou para a minha mãe, estendendo a mão. Mamãe aceitou o aperto, embora tivesse o rosto tão confuso quanto o meu.

— Você pode nos deixar um pouco a sós? — pediu, repousando a mão sobre o ombro direito de mamãe. — Depois quero conversar com você também. Mas agora preciso da Alana só pra mim — concluiu, com um sorriso singelo.

Observei a cena se desdobrar, tão curiosa que me distraí da dor. Esqueci da descoberta terrível que tinha feito. Observei mamãe assentir, resignada, e se levantar, esfregando as mãos na calça jeans sem parar. Ela estava tão frágil e indefesa. Tinha chorado tanto que o rosto ficou inteiro inchado. A boca vermelha, desproporcional. O nariz parecia uma batata.

Antes de abandonar meu pequeno espaço, lançou um olhar

preocupado para mim. Seus olhos brilharam e, mesmo sem dizer uma palavra, consegui entender tudo o que passava em sua cabeça. Como um tipo de mensagem que tivesse me passado pelo ar, ou sei lá. Ela estava preocupada. E grata. Mas também triste. E me amava muito. Vi tudo isso e *muito mais* em seu olhar rápido. Mamãe mandou um beijo no ar e acompanhou a enfermeira para fora. No mesmo instante, me senti perdida feito um passarinho que caiu do ninho e espera pela mãe para salvá-lo. Eu precisava dela ali comigo. Precisava ou não suportaria. Era demais para lidar sozinha.

Isadora ocupou o lugar de mamãe, se sentou com calma e cruzou os pés para o lado, como as mulheres da realeza costumam fazer. As mãos repousaram no colo com doçura. Tão calma, tão serena. Isadora nem parecia real.

— Trabalho com psicologia hospitalar focada em ortopedia e traumatologia há mais de cinco anos só aqui nesse hospital — falou, como se contasse alguma trivialidade qualquer, como seu prato favorito, ou o estilo de filme que mais gostava de assistir. — Uma das coisas que mais me fascina na vida é resiliência que, nós, humanos, temos. Conseguimos nos adaptar a quase tudo. A perda de um membro. Um trauma. Um abuso. Uma doença... Não estou dizendo que é fácil, mas conseguimos. Temos essa capacidade de tirar o melhor de tudo e seguir em frente do jeito que podemos. E isso é lindo. É o que nos torna tão únicos. — Isadora passou o indicador pelo lábio inferior, me examinando com atenção. — Quero muito te ajudar a enxergar isso, Alana. A vida *não* acabou. E nem vai, se você não permitir. Só depende de você a partir de agora.

Antes que eu pudesse evitar, minha vista ficou turva e caí no choro de novo. Um choro silencioso, sentido. Eu ainda não tinha absorvido o *tamanho* daquela perda. A vastidão do buraco que deixaria na minha vida. Que idiota! Como uma perna podia mudar tudo desse jeito? Eu me permitia mesmo escorregar naquela ladeira interminável de sofrimento?

— Você não tem como saber! Nunca passou por isso.

— Já passei por muita coisa, Alana. Todos nós passamos por adversidades, em algum momento da vida. — Ela soltou um suspiro longo, perdendo o olhar para algum lugar muito longe. — Sei que isso é o que você menos quer ouvir agora. Mas preciso que você aceite que o que aconteceu ficou no passado. Não tem como mudar, infelizmente. Você pode sentir raiva,

frustração, pode chorar por uma semana seguida... mas nada disso vai mudar o fato de que sofreu um acidente que trouxe consequências. Não é culpa sua, e também não é justo, eu sei que não. Mas *aconteceu*. Quanto antes você entender isso, quanto antes *aceitar* sua condição, mais fácil vai ser de passar por tudo. — Ela inspirou profundamente, empertigando-se. — É possível ter uma vida normal com uma prótese.

Neguei com a cabeça, sendo atingida outra vez pela ira, que se expandiu pelo meu corpo até não restar mais nada. Minha visão borrou e minha respiração ficou entrecortada. Senti como se tivesse areia na garganta, me impedindo de falar. De respirar. Areia descendo pelos meus órgãos, me preenchendo inteira. Eu era feita de areia. Era áspera, granulada. Meu Deus, como doía!

— Não! Você não entende. Não entende o que perdi. Tudo o que vai mudar — Mordi meu lábio inferior com força, tentando fugir de mim mesma. Tentando fugir daquela sensação enorme de impotência. A sensação frustrante de ter que aceitar algo por não haver mais nada a ser feito. — Eu *não quero* ser assim. Não posso. Não nasci pra ser deficiente, Isadora! — Escondi o rosto com as mãos, rosnando alto, gemendo e balançando os ombros com intensidade enquanto me entregava ao abismo crescente em meu interior. — Eu nasci pra ser uma *ubermodel*. Nasci pra ser a porra da próxima Gisele Bündchen! — Minhas palavras eram difíceis de entender, graças ao choro. Mas, ainda assim, Isadora pareceu compreender cada uma delas.

Ela arqueou as sobrancelhas, surpresa. E então cruzou as mãos no colo, me dando todo o tempo do mundo para chorar. Para expurgar a dor.

— Ah, é? — perguntou por fim, quando sequei o rosto com o antebraço pelo que parecia ser a vigésima vez. — A próxima Gisele Bündchen, hein? — Assenti, erguendo o queixo em desafio. — E como você tinha tanta certeza?

Soltei uma risada seca e atônita ao mesmo tempo, negando com a cabeça.

— Sei que parece pretensioso dizer isso... mas meio que *todo mundo* sabia — encolhi os ombros. — Eu nasci pra isso. Cresci fazendo isso.

— Fazendo o quê?

Contei para ela.

Sobre vestir as roupas da minha mãe e fazer a família toda me ver desfilando. Contei sobre eu ter começado a trabalhar como modelo aos cinco

anos de idade e nunca mais parado. contei sobre a temporada no Japão e o que isso representava. Joguei todos os argumentos na mesa, para que ela visse, assim como eu, o que minha vida tinha perdido o significado.

— Eu entendo. Entendo mesmo que esse é o sonho da sua vida. Agora tudo está muito nublado pela dor e talvez seja difícil de enxergar com clareza, mas, Alana, ainda que esse acidente nunca tivesse acontecido... quem garante que tudo aconteceria do jeitinho que você idealizou?

Abri a boca para responder, mas não encontrei respostas. Queria fazer birra, queria dificultar o trabalho dela e voltar a gritar, como estava fazendo com a minha mãe. Mas uma parte bem pequena se sentia contrariada e queria ouvir o resto do seu ponto. O que ela diria para tentar me convencer que a vida era linda até com a merda de uma perna faltando. Só para rir da cara dela depois.

— Você tem todo o direito de sofrer. De *sentir* o luto. É uma mudança enorme e ninguém acha o contrário. Pode chorar o quanto for preciso. Os sentimentos só desaparecem quando a gente *sente*, Alana — Isadora inclinou o tronco para frente, cruzando os braços sobre as pernas. — Mas não coloque esse peso enorme na sua deficiência. Talvez você não consiga mais levar sua vida como modelo, é verdade. E eu sei o quanto deve doer dizer adeus para um sonho que você nutria desde criança. Mas você não tinha *garantia nenhuma*. Podia ter ido para o Japão e essa história se desdobraria de um milhão de maneiras diferentes. Sua vida acabaria se você fosse para lá e acabasse não saindo como nos seus sonhos?

A contragosto, neguei com a cabeça.

— Então, não, Alana. Sua vida não acabou. — Ela abriu um sorriso tão doce que preendi a respiração, sem saber onde me firmar. — Ficou diferente. E talvez essa seja a parte mais dolorosa: descobrir que vai precisar dizer adeus a tudo o que sabia até agora. Foi lançada para fora da sua zona de conforto. Mas sua vida não acabou. Eu garanto.

Era tudo muito novo, muito intenso, muito difícil. Eu não sabia se conseguiria. Nunca fui um exemplo de força nem nada do tipo. Decidi expor isso para Isadora.

— Mas eu não quero. — choraminguei. — Não quero e nem consigo dar adeus. Quero a minha vida de novo. — Meu queixo tremeu de uma maneira violenta. — Não sou forte para lidar com isso. As pessoas dizem que esse tipo de coisa acontece só com quem aguenta, mas eu não aguento. Não

aguento mesmo. Que merda...

Comecei a perder a calma que Isadora construiu com tamanha paciência.

Mas ela era persistente e difícil de tirar do sério. Tudo o que fez foi sorrir, esticando a mão para alcançar a minha.

— Use a mesma garra que você usou para crescer na sua carreira. Crescer como modelo. Use isso a seu favor para se recuperar. Você é forte. Lutou desde pequena para conquistar o que queria. Agora precisa usar sua força por um bem ainda maior, Alana: você mesma. — Abri a boca para refutar, mas, como se já soubesse disso, Isadora se apressou em continuar seu raciocínio: — *Ninguém* está preparado para mudanças drásticas. Ninguém tem força para passar por nada disso. A gente não pensa que está sujeito a acidentes ou grandes mudanças. As coisas só acontecem. Nos pegam de surpresa. E aí temos que arrumar essa força de dentro de nós mesmos e seguir em frente. Por que, Alana... que outra opção nós temos?



*Tente entender que estou
Tentando fazer um movimento só para continuar no jogo
Eu tento ficar acordado e lembrar meu nome
Mas todo mundo está mudando e eu não sinto o mesmo
Keane – Everybody's changing*

Estendi as mãos em frente ao rosto, esticando e contraindo os dedos só para ver a casquinha sobre os nós se retorcerem. Uma dor gostosinha de sentir. Toquei as cicatrizes — das mais recentes às mais antigas — com a ponta dos dedos, sem muita sutileza. E então soltei um suspiro. Já passava das três da manhã e eu continuava aceso como a boca de um fogão. Crepitando em pensamentos. Afundando em um funil de medos e paranoias que nem ao menos faziam sentido.

A luz acesa, como sempre. A porta trancada, com duas voltas. Só para o caso de... sei lá. Só para o caso dos meus maiores medos se tornarem realidade. Trancar a porta só era possível de madrugada, porque ninguém via. No restante do dia, eu era terminantemente proibido. Eu era proibido de *tudo*. Era proibido de ter opinião, proibido de tomar decisões. Proibido de viver.

Abri a janela o mais silenciosamente possível. O frio invadiu o quarto, me fazendo tremer dos pés à cabeça. Era uma pena que todas as janelas de

casa tivessem grades. Do contrário, eu poderia pular e passar a madrugada na rua. Ao menos era alguma coisa. Ao menos não era ali, trancafiado, como uma ave, em uma gaiola pequena demais. Ao menos não era naquele lugar claustrofóbico, que me lembrava a todo momento por que eu detestava tanto a minha vida.

Uma lágrima brotou. Encostei a testa nas grades, me odiando por isso. Eu queria ser forte o suficiente para rebater tudo. Não só fisicamente, mas queria ter o psicológico intacto para enfrentar Geraldo. Para não recuar quando as coisas ficavam difíceis demais. Mas tantos anos vivendo sob o mesmo teto me fizeram começar a duvidar. Da minha força, da minha sanidade. E se eu, de fato, não *merecia* aquilo.

Girei os braços, percorrendo os hematomas com o olhar. Nos punhos, nos antebraços. Se eu tirasse a camiseta preta, encontraria mais um punhado de manchas, de um roxo profundo de fundo esverdeado, salpicando a pele. Geraldo não ficava muito feliz com a minha rebeldia. Sempre insistia que me colocaria no devido lugar. Me consertaria. Ficou possesso na noite em que saí de casa, só para provocá-lo. Bom, tinha funcionado. E só isso já valia a pena.

O que me deixava mais puto na coisa toda era que mamãe via. Via e *aceitava* toda aquela merda. Insistia que ele era meu pai, só queria meu bem. Que a surra doía mais nele que em mim.

Ah, tá...

Dava até vontade de vomitar. Sem pensar direito, comecei a arrancar as casquinhas dos machucados recentes. Espremi os olhos de dor, mas era melhor *aquela* dor do que a que vinha de dentro. Porque, caramba, essa era terrível de suportar. Como um buraco negro, me sugando e sugando até que eu implodisse. Como garras arrancando minhas vísceras, perfurando meu coração. Dissipando todo o ar dos meus pulmões, de modo que eu tentava respirar e não conseguia. Era como ter um saco plástico na cabeça. Quanto mais eu inspirava, mais o saco enfiava nas narinas, bloqueando o ar.

Os machucados voltaram a sangrar e só assim me dei por satisfeito. Arranquei uma a uma, até ter a pele toda em carne viva. Os dedos tremiam, mas não de frio. Eu queria entender *por que* ela fazia isso comigo. Por que deixava. Por que não podia ser uma mãe normal, que se casa com um homem normal e tem uma vida normal?

Por que eu não podia ser como os caras da minha idade? Preocupados com festas, e seja lá o que mais. Parecia tudo muito fácil. As pessoas

costumam dizer que coisas ruins só acontecem com quem é forte o suficiente para aguentar; Deus nunca dá uma cruz pesada demais. Mas o caralho que não! A porra da minha cruz era de chumbo. Eu não era forte o suficiente para aguentar tudo aquilo. E nem *queria* ser.

Eu só queria... acabar com tudo.

Acabar comigo.

Esfreguei o rosto, andando em círculos pelo quarto minúsculo. Uma cama de solteiro, um guarda-roupa pequeno com um espelho quebrado (não por culpa minha, garanto), uma escrivaninha. Mas nenhum computador. Geraldo tirou de mim no começo do ano, castigo para qualquer merda que eu provavelmente não fiz. Mas quem se importava?

Sem computador, sem celular... o que só piorava quando eu ficava de castigo no quarto. Sem poder sair nem para comer. Trancado por um dia inteiro. O que ainda não tinha acontecido desde que voltei do hospital, mas eu sabia que logo voltaria.

Sério, eu duvidava que qualquer outra pessoa da minha idade precisasse passar por algo assim. E era por isso que ultimamente ficava cada vez mais *difícil* perdoar a minha mãe. Como, *como* ela podia achar que toda essa merda era natural? Como ela podia ser omissa para o fato de que a minha vida estava sendo sugada aos poucos e que, uma hora, simplesmente não haveria mais volta?

Meus braços estavam congelados de frio quando ouvi o barulhinho. Bem baixo, quase imperceptível. O trinco abaixando, como se a pessoa do outro lado da porta não quisesse ser pega no flagra. Mas, no silêncio da noite, tinha sido significativo o suficiente.

Girei, ficando de frente para a porta e de costas para a janela. Senti uma guinada intensa no peito. Minha respiração ficou superficial. Tão curta que causava dor. Eu sentia os pulmões incharem, para logo em seguida se espremerem como uma ameixa desidratada.

Apertei os lençóis com força, sendo paralisado pelo medo. O medo tinha dessas — subia pelas pernas como uma cobra peçonhenta, e você se esforçava para não mexer um músculo. Porque, se ela percebesse... ah, você estaria ferrado. Pelo vão da porta, vi a sombra de quem estava parado do outro lado. Eu tinha um bom palpite. E era exatamente por isso que não conseguia desgrudar os olhos da porta, temendo o momento em que nem mesmo ela bastaria para me proteger.

Com o trinco ainda abaixado, a pessoa tentou forçar a porta. Como se estivesse emperrada e bastasse o movimento certo. E então, constatando que estava trancada, desistiu. Soltei o ar dos pulmões, sentindo a força do corpo se perder em algum lugar. De repente, eu era feito de geleia. E derretia... derretia por todos os lados, fazendo a maior bagunça.

Fechei a janela do quarto e apaguei a luz, cobrindo-me até a cabeça. Eu tremia. Tremia muito. Tremia desesperadamente. As mãos não paravam no lugar. As pernas pareciam feitas de madeira, duras, esticadas. Parecia que eu estava com câimbra no corpo inteiro. Senti um nó na garganta e a vontade enorme de vomitar.

Depois disso, foi impossível pregar os olhos.

O sono e eu não costumávamos nos dar bem. Mas ali... era questão de sobrevivência. Eu *não podia* dormir. Não podia baixar a guarda. Se aquela maçaneta voltasse a descer... se eu não estivesse atento...



Eu estava sentado na cama, abraçado aos próprios joelhos, quando a porta foi aberta abruptamente. Era Geraldo. Seus olhos foram parar direto no trinco, buscando algo. O que só comprovou minha suposição de que era ele na noite anterior.

Não consegui cochilar nem por meia hora. Passei a noite em claro, esperando o momento em que ele voltaria. Sempre em alerta. Sempre no aguardo do pior. Mas não aconteceu. Por isso, sabendo da hora em que todos acordavam, destranquei o quarto e escondi a chave embaixo do colchão, ainda que suspeitasse de que ele me faria entregá-la.

Passei as mãos pelos cabelos, afastando a franja da testa. Queria encará-lo nos olhos. Ergui o queixo, desafiando-o, em silêncio, a perguntar.

Onde está a porra da chave? Eu sei que você tranca o quarto a noite, pivete de merda, ele diria.

Aqui em casa não trancamos a porta.

Aqui em casa, eu entro onde quiser e quando quiser.

Mas ele não falou nada. Apenas alisou a careca brilhante, os olhos azuis brilhando em perversidade. Talvez fosse coisa da minha cabeça, mas eu

podia jurar que ele tentava dizer, nas entrelinhas, que aceitava o desafio. Que se era assim que eu queria brincar, então que fosse. Ele faria do meu jeito.

— Levanta daí — rosnou, com o tom desdenhoso que costumava reservar só para mim. — Sua mãe quer começar a te ensinar a dirigir antes de entrar pro trabalho. Eu acho que você não merece... mas se a Daiane gosta de perder o tempo dela... — Geraldo deu de ombros.

Assenti, só para que ele fosse embora. Até mesmo *olhar* para ele era difícil. Eu não suportava permanecer no mesmo cômodo por muito tempo.

Quando criança, costumava imaginar jeitos diferentes que Geraldo poderia morrer. Fazia listas, só para me sentir melhor. As causas iam desde “pagar alguém para espancá-lo até a morte” a “fatiá-lo com um sabre de luz”. Eu ficava tentando imaginar um jeito... uma realidade em que alguém viesse me salvar. Em que eu acordasse e descobrisse que tudo não passava de um sonho.

Mas isso nunca aconteceu. Dia após dia, precisei lidar com a realidade. Ela era imunda. Asquerosa. E, a pior parte: era a única que eu tinha. Só me restava isso. Isso ou, na próxima vez que tentasse acabar com tudo, que fosse direito. Que eu não agisse como um maldito covarde. Que conseguisse dar o último passo, que leva ao mergulho sem volta.

Não seriam aulas de direção que arrancariam aquela parte da minha cabeça que insistia, vinte quatro horas por dia, para eu acabar logo com tudo. Tampouco com o buraco enorme dentro de mim, tão grande que não sobrava espaço para mais nada além da dor. Mas, se ficar me paparicando faria minha mãe se sentir melhor, então tudo bem. Eu entrava na dela.

Quando saí pela porta da sala, deparei com mamãe andando de um lado para o outro, sem nem conseguir disfarçar o nervosismo. Ela fumava um cigarro e, a cada tragada, seu rosto se contorcia em um prazer sucinto. Eu me reconhecia nela. Minha mãe só fumava quando Geraldo não estava por perto. Ele não gostava do cheiro de cigarro. Ela batia o pé que ele não proibia, nem nada do tipo, mas nunca ousava acender um cigarro ao lado dele. Revirei os olhos, saindo pelo portão.

— Ah, que bom! — Ela abriu um sorriso largo. Mas não era genuíno, seus olhos não passavam verdade. Parecia fazer força. Como se estar ali, prestes a passar um tempo comigo, demandasse muita energia e ela não tivesse tanta certeza assim se daria conta. — Pensei que você tivesse voltado a dormir.

Abri a porta do carro e me atirei no banco de passageiro. Morávamos no mesmo teto, mas éramos desconhecidos. Ela não fazia ideia que eu tinha insônia e há anos não dormia mais que três ou quatro horas por noite. E que ultimamente nem isso. Na cabeça perturbada dela, eu era um adolescente normal, em uma vida normal, fazendo coisas normais. Um adolescente que só tinha tentado acabar com a porcaria da vida por influência dos amigos.

Ergui o capuz sobre a cabeça, uma forma que eu tinha de *ficar invisível*. Me escondia na sombra do moletom, onde ninguém podia mirar em meus olhos e saber o que passava em minha cabeça. Quanto menos soubessem, melhor.

Pela janela, a observei atirar a guimba no chão e apagar com a pontinha do sapato de salto altíssimo. Mamãe contornou o carro e, sem dizer uma palavra, deu partida. Mas não se aguentou por muito tempo, logo começou a batucar a ponta dos dedos no volante até não conseguir mais segurar a língua:

— Acho que você vai se sair bem. — Ela me examinou de esguelha.
— Ano que vem, quando começar a autoescola, já vai estar bem adiantado. E deixo você ir com o meu carro pra escola.

Que ladainha insuportável.

Geraldo tinha arrancado o meu computador há meses. Eu não tinha sequer um celular e ela queria mesmo que eu acreditasse que poderia dirigir para a escola? Fora que... eu não *me importava* com nada disso. Não podia ligar menos, para ser honesto.

Inclinei o tronco até encostar a testa no painel do carro. Acho que funcionou, porque ela não falou mais nada durante o percurso.

Quando mamãe parou o carro, eu nem precisei abrir os olhos para saber que estávamos no Jardim Industrial. Era um bairro nos limites da cidade. Não se via um carro por ali, exceto os de autoescola. Com as vias repletas de aclives e declives, quebra-molas e ruas pacatas, era um prato cheio para as aulas práticas.

Ela pulou para fora, com movimentos um pouco teatrais. Respirei fundo e fiz o mesmo. O vento gelado fez o rosto arder, por isso corri para o lado do motorista. Fechei a porta e, ao virar para o lado, a encontrei me encarando com cara de maluca.

— Que foi? — perguntei, colocando o cinto.

— Nem acredito que vou te ensinar a dirigir. Ainda lembro de você

pequenininho, do tamanho do Noah.

Ela vivia tentando me empurrar para cima do meu irmão mais novo.

E eu queria. Juro que queria. Mas não dava. Não quando o pirralho era a cópia do pai.

Não que eu o odiasse, nem nada do tipo. Ele não tinha culpa, afinal de contas. Mas eu só não conseguia... sentir amor. Me importar. Ou sei lá. Ele não era nada para mim além de uma pessoa com quem eu dividia a casa.

— Legal. — Tamborilei os dedos no volante, como ela tinha feito há pouco. — Podemos?

— Claro. — Seu sorriso amarelou e, por uma fração de segundo, vislumbrei um brilho triste em seus olhos castanhos como os meus. — Ahn... a primeira coisa depois de colocar o cinto é ajustar os retrovisores e o banco...

Enquanto falava, mamãe me mostrava como eu deveria fazer. Ela tinha um jeito todo paciente de explicar que só destruiu ainda mais o meu coração por ser tão babaca. Ela deixava a minha cabeça uma confusão. Já fazia tanto tempo e eu ainda não conseguia me acostumar com a inconstância do seu comportamento. Ora carinhosa, compreensiva, cálida. Ora fria, distante, omissa.

Balancei a cabeça e me concentrei no que ela falava. Eu teria poucas coisas com as quais me ocupar pelos próximos seis meses, não me daria ao luxo de perder isso. Queria ter algo com que ocupar a cabeça. Queria ter algo para lembrar quando estivesse trancafiado em meu quarto, sem nada mais para fazer além de virar refém dos meus pensamentos.

— Tá pronto? — perguntou, enfim passando o cinto pelo tronco.

— Hum... acho que sim. Vamos descobrir.

— Tá bom. Vamos lá, como te ensinei. Pé na embreagem e no freio. Engata a primeira...

Fiz tudo o que ela falava. Meu joelho tremia levemente de adrenalina. Pensei que não desse a mínima, mas era impossível negar o frio na barriga. Sempre amei aprender coisas novas. Por isso ia tão bem na escola — não por passar horas estudando, mas sim porque realmente prestava atenção na aula. Me agarrava às palavras dos professores. Absorvia tudo como uma esponja. Assim eu me sentia menos inútil, menos burro, menos incapaz. Coisas que Geraldo repetia diariamente e, com o passar do tempo, se tornaram verdades absolutas.

Soltei o freio de mão e girei a chave na ignição. O carro fez um ronco alto e senti um tremor leve em cada centímetro dele. Soltei o freio e apertei o volante com mais força, enquanto posicionava o pé no acelerador. Mamãe disse que aquela era a parte mais complicada. Soltar a embreagem enquanto pisava no acelerador. E eu a subestimei, porque o motor fez um som de coisa engasgando e o carro morreu antes que eu sequer entendesse o que estava acontecendo.

— Merda — resmunguei, frustrado.

— É assim mesmo. É difícil no começo. Tenta soltar a embreagem um pouquinho mais devagar.

Assenti, desligando o carro e começando tudo do zero.

Dirigir parece a coisa mais fácil do mundo quando você ainda não aprendeu. No entanto, eu não fazia a menor ideia de como as pessoas conseguiam fazer a porcaria do carro ligar, porque era impossível.

Cinco tentativas depois e eu já tinha desistido. A voz de Geraldo soava vívida na minha cabeça: *you não faz nada direito, moleque. É um imprestável.*

— Deixa pra lá. — Estalei a língua no céu da boca. — Não vou conseguir. É difícil pra caralho.

— Vai conseguir sim, filho.

— Não dá, mãe! Não tenho coordenação pra isso. — Deixei uma risadinha atônita escapar do fundo da garganta. — Sério, se não consigo nem aprender a dirigir, vou fazer o que da minha vida?

— Besteira! Para com isso. — Ela segurou meu braço direito e paralisei inteiro no lugar. Como eu odiava quando me tocavam assim, sem mais nem menos. — Você é capaz. Olha, eu reprovei três vezes no teste. Só no de carro, porque o de moto reprovei mais duas. Pensei que o problema fosse comigo, quase desisti de tentar a quarta vez, mas tentei e consegui. — Ela abaixou o tom de voz até ficar pouco mais alto que um sussurro. — Você é capaz. Só não desista. — Concluiu, como se tivesse medo de dizer em voz alta. Me perguntei se ela se referia só ao carro.

Assenti. Não porque acreditava em uma palavra do que tinha dito, mas porque ao menos era algo para fazer. Uma hora ela acabaria se conformando que eu não levava jeito para porra nenhuma.

Pisei na embreagem e no freio. Girei a ignição. Soltei o freio de mão.

Vamos lá. Não deve ser tão difícil assim se tanta gente consegue.

Bem devagar, comecei a soltar a embreagem enquanto começava a pisar no acelerador. Já estava preparado para o som broxante do motor engasgando antes do carro morrer, mas ele não veio. Em vez disso, o ronco ficou ainda mais alto até que estabilizou. Levei alguns segundos para me dar conta de que o carro acelerava.

— Pisa um pouquinho menos no acelerador! — Mamãe pediu, com urgência, e obedeci. Só então ela bateu palmas, toda animada. Dessa vez era de verdade. — Conseguiu! Viu só?

Fiquei tão empolgado que me peguei sorrindo. Apertei o volante com força, deleitando aquela sensação. Eu tinha conseguido. Parecia bobo, mas era algo a que me agarrar. Uma pequena conquista em meio a tantas derrotas. Ela notou o sorriso e, no mesmo instante, seus olhos se encheram de lágrimas.

Os meus também. Minha visão enturveceu e mordi a língua com força para não deixar um soluço escapar. Precisei parar o carro. Era um pouco idiota ter me emocionado daquele jeito. Mas minha vida era tão desgraçada que eu me agarrava a pequenas conquistas como aquela. Caralho, eu precisava.

Pela próxima hora, tudo o que fiz foi repetir e repetir o processo. Eu dava partida, andava um pouco e mamãe me mandava parar. Achei que fosse sofrer para conseguir outra vez, mas era um pouco parecido com andar de bicicleta — depois que se aprende, não tem mais como esquecer.

No fim das contas, precisei dar crédito à minha mãe. Tinha sido melhor do que eu imaginava. Eu não me lembrava da última vez que fiquei tão empolgado como naquela manhã.

Ela conferiu as horas no relógio de pulso e então me pediu para encostar no meio-fio.

— Deu minha hora, filho. Na verdade, tô um pouquinho atrasada... — resmungou, quase como se lamentasse por precisar parar. — Mas amanhã a gente acorda um pouco mais cedo pra continuar. O que você acha?

Sorri para ela enquanto soltava o cinto.

— Tá bom. — Assenti. — Valeu. *Mesmo* — me ouvi dizendo, por fim, com a porcaria da voz embargada. Eu parecia um idiota.

Mas para ela *também* tinha sido especial. Eu tinha certeza disso. Dava para ver que o que mamãe menos queria era ir para o trabalho agora. Pulei para fora do carro, sentindo o ar ficar cada vez mais rarefeito. Mamãe pulou

para o banco de motorista e me esperou entrar outra vez.

— Vou te levar pra casa, e... — começou, mas a interrompi.

— Não! — Saiu mais alto e mais desesperado do que eu esperava. Era quase uma súplica.

Ainda que Geraldo não estivesse lá naquele horário (e nem ninguém), eu não conseguia me sentir à vontade naquela casa. Cada centímetro estava contaminado por ele. Nos corredores, no meu quarto, na cozinha... não importava. Tudo evocava lembranças dolorosas. E aquele dia tinha começado tão bem... eu queria evitar o quanto pudesse a minha realidade.

Ela me lançou um olhar confuso, sofrido. Tinha voltado a ser a minha mãe. Sempre assustada. Sempre se fazendo de sonsa.

Esfreguei o rosto, pensando em uma alternativa.

— Me deixa na biblioteca municipal? — pedi, por fim. Mamãe não escondeu a surpresa. — Fico umas horas por lá e volto pra casa andando. Não aguento mais ficar trancado. *Por favor.*

Ela mordeu o lábio inferior, puxando uma correntinha de dentro da camiseta e brincando com o pingente. Seus olhos foram para longe, provavelmente fazendo uma lista de prós e contras. Ela esqueceu que estava atrasada.

— Humm... Não sei...

— Mãe. Você sabe que se eu quiser eu vou de qualquer jeito. Mas tô tentando fazer do jeito certo. Tô pedindo pra ir numa *biblioteca*, pelo amor de Deus.

E era assim que, em um passe de mágica, todos os sentimentos bons desciam pelo ralo e eu lembrava de como as coisas eram.

Ela sustentou o meu olhar. Os dedos mexiam tanto o pingente que ele parecia prestes a soltar do colar.

Foda-se. Ela vai negar, como sempre.

Não sei por que perco o meu tempo tentando.

É sempre essa mesma merda.

— Vo-você vai chegar antes dele?

Pisquei algumas vezes, para ter certeza de que o que eu ouvi era real.

— Vou — minha voz saiu em um sopro.

— Tá bom. Mas, Martin... — mamãe umedeceu os lábios. Estava pálida como se eu tivesse acabado de pedir para matar o Nietzsche e ela tivesse aceitado. — Seu pai não pode sonhar... senão...

— Ele *não é* meu pai — retruquei, como já tinha cansado de fazer. Mas não adiantava. Na cabeça deles, isso não era discutível. Eu só tinha que aceitar e pronto. — E nada do que ele fizer é surpresa pra mim, mãe. Que mais ele pode fazer? Me matar? Vai até ser um favor.

Só percebi que tinha ido longe demais quando olhei para ela e deparei com sua expressão chocada. Eu não conseguia segurar. Tinha tanta raiva dentro de mim. Era preciso escoar para algum lugar ou eu não aguentaria. Anos de abuso e uma hora você fica amargo e indigesto.

O problema é que, na maioria das vezes, quem saía perdendo era eu. Principalmente em se tratando da minha família. Sem dar motivos eu já era crucificado. Quando batia de frente, então...

Fechei os olhos, me dando por vencido.

— Ok. Fica tranquila. Eu chego antes dele. Faço de conta que nossa vida é perfeita. Só me deixa lá na biblioteca? Vai poupar uma caminhada a mais.

Mamãe não disse nada, mas concordou com a cabeça. Dez minutos depois, ela parou o carro em frente a uma construção ampla de tijolinhos à vista gastos, com uma placa de mármore perto da entrada onde se lia BIBLIOTECA PÚBLICA MUNICIPAL. Seus olhos castanhos estavam grandes como botões e cheios de culpa, receio e medo. Eu a conhecia bem o bastante para saber que, nas entrelinhas, me perguntava se nosso acordo estava em pé.

— Vou ler um pouco e já vou pra casa. Pode ligar pra lá, se quiser.

Mamãe apertou o volante com mais força. Os nós dos dedos ficaram esbranquiçados e os tendões saltaram na pele.

— Te ligo às quatro e meia — avisou, em um tom envergonhado. Ela não confiava em mim. Nem um pouco.

— Tá.

Abri a porta, mas antes que eu pudesse mover um músculo para fora, ela segurou meu ombro. Me esquivei no mesmo segundo.

— Calma. É que... a gente não comeu nada — Mamãe puxou a bolsa do banco de trás, pinçando a carteira de lá de dentro. Ela tirou uma nota de vinte e me entregou. — Toma. Come alguma coisa.

Peguei o dinheiro da mão dela e saí do carro sem dizer nada.

Entrar na biblioteca era como me sentir em casa. Não uma casa como a minha, onde eu não conhecia a paz. Mas sim uma casa segura, que me

envolvia como um cobertor macio. Os livros eram o único lugar em que eu *esquecia*. O único lugar em que não existia Geraldo, as agressões, tampouco a negligência da minha mãe. Os livros eram como portais para mundos distantes. Eu podia ser qualquer pessoa, podia visitar qualquer lugar. E, durante as horas em que me perdia em palavras, era feliz. Ou o mais próximo que podia chegar disso.

Depois de anos e anos sofrendo sozinho nas mãos de Geraldo, precisei levar um livro da escola para ler em casa e fazer um resumo. Foi na quinta série, lembro certinho. Folheei as páginas com desinteresse, e me forcei a começar por pura obrigação. Apesar de estudioso, ler nunca tinha sido minha praia. Até ali. Depois daquela noite, tudo mudou drasticamente. E a melhor parte era que, diferente das outras coisas que Geraldo podia interceptar, os livros eu conseguia esconder com facilidade.

O castigo máximo lá em casa era ficar trancado no quarto sem poder sair. Só para comer e ir no banheiro uma vez no dia. Ele tirava tudo de lá de dentro. Computador, celular, videogame, rádio... qualquer coisa que eu pudesse usar como distração. Foi olhando para a parede branca do meu quarto que passei grande parte da minha infância. E por isso os livros foram tão importantes. Eles me salvaram. Me abriram um mundo de possibilidades.

Desde então, nunca mais parei. Fiz cartão na biblioteca do colégio e depois na biblioteca municipal que ficava mais próxima de casa. Eu costumava levar os exemplares escondidos na mochila e passar a noite em claro. Esquecendo. Me perdendo. Sobrevivendo mais um dia. Só mais um.

Era o que eu mais precisava naquele momento.

Sobreviver. Só mais um dia. Os outros não importavam. Mas, por hoje, eu não acabaria com a minha própria vida.

A bibliotecária já me conhecia. Eu passava tanto lá que acabamos desenvolvendo algo próximo de amizade. Tatiana era negra, gorda, na casa dos quarenta, e usava óculos verdes enormes que combinavam com seu rosto. Ela era inteira colorida. Adorava misturar peças de roupas com cores que não combinavam entre si, mas que, nela, davam certo. Era completamente o oposto de mim, que só tinha peças pretas.

— Quanto tempo, Martin! — Ela abriu um sorriso enorme. — Achei que não fosse te ver mais.

Caminhei até o balcão e me recostei nele, cruzando os braços. Nossos rostos ficaram bem próximos.

— Andei ocupado — respondi, bagunçando o cabelo.

Tatiana me tratava tão bem que era impossível descontar minhas frustrações nela. Na verdade, foi preciso muito pouco para que eu *gostasse* dela. Observadora como era, ela logo percebeu meu estilo de leitura e passou a me indicar vários livros. As vezes até reservava um para minha próxima visita. Bastava atravessar a porta e ela logo abria um sorriso imenso, sem esconder a empolgação:

— *Você não vai acreditar no livro que guardei pra você!*

Eu era um fodido que se rastejava em direção à menor demonstração de afeto. Patético.

— Bom, o que importa é que voltou — respondeu ela, me examinando com atenção. — O que você quer ler hoje?

— Ainda não sei. Vou dar uma olhada. Mas acho que... sei lá, algo feliz?

Tatiana empurrou os óculos para cima, alargando ainda mais o sorriso.

— Esse é meu tipo favorito de leitura — falou, pouco mais alto que um sussurro, como se fosse um segredo nosso. — Fica à vontade. Se precisar de ajuda, sabe onde estou.

Assenti, escondendo as mãos no bolso do moletom e me perdendo pelos corredores. Respirei fundo, sorvendo aquele ar parado. Tinha um pouco de cheiro de mofo e ácaro, mas o mais bizarro era que eu *gostava*. Era o cheiro que eu esperava encontrar quando entrava ali. Passeei entre lombadas de cores, tamanhos e acabamentos distintos, sentindo como se recarregasse minhas energias. Quando algum título me chamava atenção, eu tirava o exemplar da prateleira e examinava cuidadosamente, quase com devoção, e decidia se eu queria embarcar na leitura.

O processo todo era muito terapêutico. Percorri as prateleiras com paciência, excitado só com a ideia de que, naquela noite, nada poderia me tirar do sério. Eu teria um escape. Poderia ser em qualquer lugar do mundo. Uma aventura, uma comédia ou um terror. Porque mesmo histórias de terror pareciam leves perto das coisas que eu precisava aturar.

Perdi a percepção do tempo. As horas escorreram pelos meus dedos como gotas de água e, quando dei por mim, estava na hora de ir embora, ou não conseguiria atender o telefonema de mamãe a tempo.

Coloquei os livros que tinha escolhido sobre o balcão. Tatiana

arqueou a sobrancelha ao perceber que eram só dois. Eu costumava devorar livros. Como não conseguia dormir à noite e não tinha nenhuma outra distração, conseguia ler mais de um em algumas madrugadas. Por isso costumava levar vários de uma só vez.

— Só esses?

— Tô sem minha mochila. — Dei de ombros, como se não fosse nada demais.

Mas a verdade é que dois livros eram o máximo que eu podia esconder embaixo do moletom sem que ninguém reparasse. Eu não queria arriscar chegar em casa e topor com Geraldo. O conhecendo como conhecia, era capaz dele destruir os livros só de pirraça.

— Hum... leva mais esse aqui então — disse, se inclinando para procurar um livro na caixa de devoluções. — É o seu favorito, né?

Tatiana o empurrou pelo balcão e, assim que meus olhos recaíram sobre a capa, foi impossível não sorrir.

O Pequeno Príncipe.

Mordi o lábio inferior com um pouco de força. Engraçado como o mínimo de carinho surtia tamanho efeito em mim. Meus olhos marejaram no mesmo segundo.

— Você lembra — murmurei, alisando a lombada com o polegar.

— Claro que lembro. — Ela lançou uma piscadela. — E, cá entre nós, é o meu favorito também.

Antes que eu pudesse evitar, uma lágrima escorreu pela bochecha. Subi o capuz da blusa para tentar me esconder. Era minha proteção. Quase uma capa da invisibilidade. Tatiana notou a lágrima, mas escolheu não falar nada. Era por essas e outras que eu gostava dela. Ela entendia que eu precisava de espaço e respeitava.

Quando saí da biblioteca, com os três livros enfiados por dentro do cóis da calça, escondidos sob a blusa de moletom, minha visão ainda estava embaçada. Usei a manga para secar mais uma lágrima que escapou contra a minha vontade e segui o percurso de casa.

Tatei os bolsos da calça em busca do maço de cigarros e só então lembrei que tinha acabado.

Cacete...

Preciso fumar.

Olhei ao redor, procurando um restaurante, barzinho, ou qualquer

outra coisa para resolver o meu problema. Do outro lado da avenida, uma lanchonete me chamou atenção. Atravessei correndo, como se cada segundo sem nicotina fosse uma tortura. E, bem, *era*.

Comecei a ouvir gritos exasperados que aumentavam conforme eu me aproximava. Pessoas discutindo. A voz que mais se sobressaltava era feminina, aguda, e tinha um jeito meio delicado de falar que não se perdia nem mesmo enquanto berrava. A língua parecia deslizar com suavidade pela boca, dando ênfase em certas notas. Quase parecia entoar as palavras. Mas, ainda assim, era impossível não perceber a sua ira. Ela estava possesa. Cada palavra era carregada de ódio. E disso eu entendia muito bem.

Intrigado, uni as sobrancelhas ao me dar conta de que o barulho vinha justamente da lanchonete. Entrei, curioso para saber mais. Até o cigarro podia esperar um pouquinho.

A confusão vinha de uma mesa ao fundo da lanchonete, bem reservada. Era uma família de comercial de margarina. O pai e as duas filhas loiros, de olhos claros. A mãe era um pouco mais parecida comigo — pele oliva, olhos e cabelos escuros.

A dona dos gritos estridentes era a filha mais velha. Eu não conseguia ver direito porque era a que mais estava escondida. Tinha cabelos lisos e longos, que estavam despenteados. Tão despenteados que parecia proposital, tipo uma forma de protesto ou sei lá.

Ela bateu com a mão no tampo da mesa, o olhar que lançava para os pais era vil.

— Vocês não entendem, inferno! — bradou, batendo outra vez. A mãe esticou a mão para tentar segurar seu pulso, mas ela se esquivou antes.

— Alana, por favor. Estamos em um restaurante... — o pai tentou, mas ela interrompeu.

— Foda-se!!! Tá bom? Foda-se! Não dou a mínima. Acha que eu queria estar aqui? Fingindo que minha vida é perfeita e tudo é lindo?

Quando dei por mim, estava recostado perto do balcão, com os braços cruzados sobre o peito. Mal conseguia piscar, de tão imerso na cena se desdobrando. E nem consegui sentir culpa por isso, pois não era o único. Todo mundo meio que estava espiando a briga. Alguns só disfarçavam um pouco mais.

— Você precisa comer, querida... — a mãe choramingou, limpando o rosto com a manga da blusa, exatamente como eu tinha feito ainda há pouco.

— Precisa seguir em frente.

— Pra quê, hein, mãe? Pra quê? Minha vida acabou! A-ca-bou! Pra que comer, colocar uma roupa de manhã ou qualquer outra bobagem? Olha só pra mim, mãe!!! — A tal Alana deixou um soluço escapar, caindo no choro. Seus ombros balançaram, mas ela recusou o abraço da mãe.

Essa tal Alana não fazia a menor ideia do quanto era uma sortuda de merda.

Dava para ver na cara dos pais dela o quanto estavam destruídos. Seja lá qual fosse o motivo dela, também mexia muito com eles. Mesmo de longe, eu conseguia *sentir* a preocupação. Conseguia perceber que estavam tentando. Isso sem nem falar da irmã (que era uma cópia dela, para começar), com seus olhos esbugalhados em uma careta permanente de sofrimento. Era lamentável.

Mas o que me dava mais raiva é que provavelmente nem era um bom motivo. Devia ser só mais uma menina riquinha e cheia de privilégios chorando por algum motivo ridículo. Bradando para os quatro ventos sobre o quanto a vida era injusta sem se dar conta de que algumas pessoas, *como eu*, dariam tudo para estar no lugar dela. Dariam tudo para ter pais amorosos. Pais que se importavam.

Devia ser só mais alguém que não dava valor para tudo o que tinha. Para começar, ela era *linda*. Podia fazer o que quisesse. Ser quem quisesse. Não existiam barreiras para gente como essa tal Alana. Eu queria que ela vivesse um dia na minha pele. Um único dia.

Mimadinha da porra.

Aposto que meu colégio novo está cheio de gente assim.

Neguei com a cabeça e dei as costas para o espetáculo. Ela continuou chorando e gritando de uma maneira histérica enquanto os pais tentavam apaziguar. Mas não me permiti ouvir mais nada. Segui para o caixa e comprei dois maços de cigarro com o dinheiro de mamãe.

O relógio digital no balcão me indicou que eu tinha pouco mais de dez minutos para estar em casa. Tinha certeza que se eu não atendesse a porcaria da ligação, mamãe me deduraria para Geraldo. Era sempre assim. Eu achava que podia confiar nela até ela me mostrar que não.

Apertei meus passos até estar quase correndo. O tempo estava fechado, ameaçando chuva, o que foi só mais um motivo para eu me apressar. Não podia molhar os livros.

Assim que parei em frente ao portão, Nietzsche começou a latir feito um idiota. Implorando por carinho, por atenção. Assim como eu. Se eu fosse um cachorro, seria exatamente assim.

Inclinei o corpo para frente, me apoiando nos joelhos enquanto recuperava o fôlego. No fim das contas, não ter aceitado a carona de mamãe mais cedo tinha sido ótimo, porque além de eu poder espairecer, me poupou uma ladainha desnecessária. Ela ficou tão emocionada com a minha felicidade que acabou esquecendo de fazer o que fazia melhor: estregar o meu prazer. Vira e mexe eu precisava ouvir da boca dela que só dependia de mim. Se eu quisesse melhorar, no caso.

Mas se ela soubesse...

Se ela fizesse ideia de quão baixo o buraco era.

Quão profundo, viçoso e irreversível o buraco era.

Quem sabe ela simplesmente desistisse.

Porque era o que eu tinha feito.

Fumei três cigarros seguidos e minha pressão caiu. Só então entrei em casa, tranquilo por ter umas horinhas sem Geraldo. Eram sempre as melhores horas do dia. Pelo menos ainda me restava um pouco de paz.

Meu estômago roncou de fome e, a caminho da cozinha, passei pelo meu quarto.

Olhei para a porta fechada de esguelha e parei no lugar no mesmo instante, chocado. Engoli em seco, passando as mãos pelos cabelos quase como se quisesse arrancá-los.

O telefone começou a reverberar seu toque estridente por toda a casa, mas não consegui mover um músculo. Meu coração batia descompassado, na altura da garganta, eu sentia que poderia vomitá-lo a qualquer instante.

Mamãe provavelmente estaria roendo as unhas do outro lado da linha e lamentando a maldita hora que confiou em mim. Mas não importava. Nada disso importava. Só o calafrio descendo pela minha coluna e as lágrimas deixando meu rosto encharcado.

Fisquei o lábio inferior com força, sedento pelo gosto metálico de sangue.

A fechadura não estava mais lá.

A merda da fechadura não estava mais lá!

Tinha acabado para mim.



*E eu fui tola e cega
Nunca consigo deixar o passado pra trás
Não vejo uma saída, não vejo uma saída
Florence and the machine – Shake it out*

O barulho alto de pneus cantando. Cheiro de borracha queimada. Um estampido ensurdecedor. A visão ofuscada pelo clarão. E a dor... puta que pariu, como doía!

Caída no chão, chorei até perder o fôlego. Eu não suportaria nem mais um segundo. Latejava de maneira impiedosa. Atrás de mim, os gritos histéricos. Olhei por cima do ombro e a vi. Estava cheia de sangue. Tanto, *tanto* sangue. Sangue por toda parte.

Olhei para baixo e vi minha perna separada do corpo. Estava em estado de putrefação. O cheiro me deixou enojada. Fez arder as narinas. Mas eu não conseguia me importar com isso. A única coisa chamando a minha atenção era o coto que tinha restado. Terminando pouco acima de onde costumava ficar o joelho.

— Olha o que você fez! — berrei, soluçando com intensidade. — Olha só o que você fez, porra!!!

Foi então que a voz do meu pai se sobressaiu a todos os outros sons:

— A gente não tem esse dinheiro, Martha!

Pisquei algumas vezes, recobrando a consciência. Minha respiração estava curta e rápida e o rosto inteiro molhado. Olhei ao redor, esperando a visão se adaptar a escuridão do quarto.

Foi só outro pesadelo.

Fica calma.

Os pesadelos tinham virado rotina. Uma semana que eu tinha voltado para casa e duas do acidente. E, mesmo assim, não passei um único dia sem reviver aquela manhã infernal. Toda noite eu voltava para o mesmo ciclo. Sempre com a névoa melancólica e bizarra dos sonhos. E tudo intensificado. A dor era maior. O sangue em maior quantidade. Sem contar nas coisas exageradas. Como a minha perna podre, ou sei lá. Era uma maluquice.

Mas a pior parte de todas era que, ao contrário dos pesadelos que eu costumava ter antigamente, eu não encontrava conforto algum ao acordar. Assim que eu organizava os pensamentos no lugar e me dava conta de que essa era a minha nova realidade e eu precisava me acostumar com ela, as lágrimas escapam como se meus olhos fossem comportas.

Além do mais, a realidade quase sempre era acompanhada de uma das piadas mais sem graça de todas — a dor do membro fantasma. Se alguém tivesse me contado sobre isso antes, eu teria achado fascinante e curioso. O corpo era um antro de mistérios e esse era um que a medicina ainda estava longe de desvendar. *Como* alguém podia sentir dor em um membro que não tinha mais?

Agora, no entanto, eu só conseguia sentir raiva. Uma raiva que me inflamava por dentro e deixava tudo em combustão. Não bastasse não ter mais a maldita perna, eu precisava sofrer por ela. Era uma ironia sem fim.

Por que tudo isso tá acontecendo comigo?

Senti pontadas na panturrilha. Ou melhor, onde *estaria* a panturrilha. Mas, apesar de eu não ter mais aquela parte da minha perna, a dor era real. Se eu fechasse os olhos, seria impossível acreditar que minha perna esquerda não era mais como antes. A pele formigava com intensidade. Do pé até o coto, ainda sensível, como se eu tivesse dormido de mal jeito e impedido a circulação.

Sem saber muito bem o que fazer para lidar com aquilo, sentei na cama e dobrei o corpo para frente, abraçando minha coxa esquerda. Senti as lágrimas mornas caindo na pele fragilizada e lamentei profundamente por

tudo. Era um pesadelo. Um pesadelo interminável do qual eu não conseguia acordar. Eu só queria voltar no tempo, rebobinar e arrumar a merda da minha mala no tempo certo. Ou então ter demorado um pouco mais para descer. Sei lá. Não importava. Não dava para voltar no tempo e agora o destino já estava traçado. Por mais doloroso que fosse admitir isso para mim mesma. Não tinha como negociar com o passado. Ele apenas era como era.

— Não quero saber! Acha que me importo com dinheiro? — A voz de mamãe invadiu o quarto, abafada. — É a nossa filha, pelo amor de Deus!

De maneira inconsciente, olhei para o relógio sobre o criado mudo e conferi as horas. Duas da manhã. Meus pais estavam discutindo no meio da madrugada de um dia de semana. Eu podia contar nos dedos quantas vezes já tinha visto os dois brigarem. E, ainda assim, não chegavam a alterar o tom de voz. No entanto, desde o meu acidente todo mundo parecia estar com os nervos à flor da pele. Eu era um fardo. A porcaria de um fardo que demandava muito dinheiro.

Voltei a chorar. Ultimamente, era a única coisa que eu fazia. Mas... caramba. Como passei de uma garota independente que trabalhava para conseguir o próprio dinheiro para essa que mal conseguia levantar da cama sozinha? Todo mundo vinha com a ladainha para cima de mim de que minha vida voltaria ao normal. Eu só precisava me adaptar. Mas era uma mentira deslavada e eu sabia disso! Qual a chance da minha vida voltar a ser como antes? *Nunca mais* seria como antes. Eu tinha perdido a merda da oportunidade da minha vida. Porra, eu não tinha mais uma perna! Será que ninguém tinha notado esse detalhe ainda?

Estiquei o braço para buscar a cadeira de roda ao lado da cama. Com a maior paciência do mundo, me desloquei da cama para a cadeira, me empertigando inteira para a posição que a fisioterapeuta tinha me ensinado logo nas primeiras sessões, ainda no hospital.

Estar na cadeira de rodas era como levar um tapa na cara do mundo. Constantemente. Eu pensava em todos os ensaios de foto que fiz ao longo da vida. Desde os cinco anos trabalhando, treinando, lutando para um objetivo. E então aquela rasteira impiedosa. Ainda não conseguia parar em pé. Imagine só desfilar... Tudo estava acabado. Minha vida tinha acabado.

Por que eu? Por que comigo? Era difícil de entender. Difícil de aceitar. E, francamente, eu não sabia muito bem se *queria* aceitar. Não queria me contentar com essa versão da Alana. Como eu queria que a motorista

tivesse feito o serviço completo. Porque ela não acelerou mais a porcaria do carro? Porque eu não morri naquela manhã? Teria sido menos injusto.

Abri a porta do meu quarto e tentei fazer o menor barulho possível com a cadeira. Eu ainda não era muito boa em guia-la. Não via a hora de migrar para as muletas. Ao menos seria mais fácil de me locomover. Não tinha a menor noção de espaço e, por isso, vivia batendo as rodas nas quinas dos móveis. Mas, naquela noite, tomei um cuidado redobrado. Eles brigavam por minha causa e eu queria saber o porquê.

— EU SEI! — berrou papai, exasperado. Eu podia jurar que estava com a veia da testa estufada. Quando ele ficava nervoso, esse era o primeiro indicativo. — Eu sei... — completou, com a voz mais baixa.

Na verdade, conseguia projetar a imagem toda na minha cabeça. Mamãe sentada na beirada da cama, os braços cruzados sobre o peito e o cabelo desgrenhado. A pontinha do pé direito batendo no chão sem parar, sua marca registrada de que não estava para brincadeira. Papai devia estar andando de um lado para o outro, na frente da cama, puxando os cabelos loiros como se quisesse arrancá-los da cabeça. E tudo isso por minha causa.

A porta do quarto estava fechada, mas eles gritavam tanto que eu teria ouvido tudo mesmo da cozinha. Posicionei a cadeira perto do banheiro, para ter um álibi caso a porta fosse aberta abruptamente.

— Você acha que eu não quero o melhor pra ela, amor? — Seu tom foi de súplica. — Acha que não quero que ela volte a sorrir como antes e a ter o mesmo brilho de antes nos olhos?

— Então, Antônio! — mamãe bradou, mas meu pai apenas continuou falando, como se nem a tivesse ouvido.

— O que mais quero é que ela veja que a vida não acabou. Só ficou diferente. Só que... precisamos ser racionais. Essa prótese custa mais que um carro popular. E ainda tem todo o tratamento...

— Não quero saber! — Ela o interrompeu. — Dinheiro a gente arruma. A gente trabalha mais e consegue. A felicidade da nossa filha não deveria ter valor.

Uma risada atônita atravessou o quarto. Era papai. Na minha imaginação, ele tinha parado em frente a mamãe, com as mãos erguidas no ar em rendição.

— Não é assim que funciona, amor. Agora, mais que nunca, não podemos ser imprudentes. — Ele tinha abaixado consideravelmente o volume

de voz. Ainda assim era alto o bastante para que eu conseguisse entender tudo. — Pra dar o suporte necessário a gente precisa pensar com calma. Ainda é tudo muito recente... tá todo mundo se adaptando a essa mudança imensa, eu sei como você tá se sentindo. — Sua voz vacilou e papai deixou escapar um soluço.

Senti o coração apertar dentro do peito. Os pulmões se comprimiram, impedindo a passagem de ar. Precisei segurar o choro, ou acabaria me entregando. E, para tentar me distrair da dor, imaginei mamãe levantando da cama com o queixo tremendo e estendendo os braços para puxar papai para um abraço. Isso me confortou, por isso continuei forçando a mente. Criando mais detalhes. As expressões, a respiração entrecortada dos dois...

— Você acha que é fácil pra mim? Acha que eu consigo olhar pra ela e não entender a revolta? Essa menina tá desde novinha lutando pra uma única coisa e... a-agora...

Cobri a boca com as duas mãos.

A pior dor que eu tinha sentido até então era a que me assolava cada vez que eu caía em mim — nada seria como antes. Nunca mais. Parecia um pouco óbvio, mas a verdade é que, na maior parte do tempo desde o acidente, tudo o que fiz foi me enganar. Foi fingir que esse era um pesadelo. Um pesadelo longo e assustador, mas que, como qualquer outro pesadelo, chegaria ao fim.

Foi minha maneira de lidar com tudo — fingindo que não era real. Que era só uma fase. Um momento de adversidade. Mas então eu tinha vislumbres da realidade. Eu percebia que meu sonho estava mesmo arruinado. Que Pietro tinha sido o meu primeiro e provavelmente último namorado. Que ninguém jamais me acharia bonita de novo. Eu percebi que nunca mais poderia usar o meu vestido predileto, ou um salto alto. E que praia e piscina estavam fora de questão.

Foi como um balde de água fria. E depois outro. E outro. Até que eu estivesse encharcada e tremendo, sem nunca conseguir me secar porque os baldes não acabavam. Eu me sentia sozinha, como nunca senti. Embora minha família estivesse dando todo o apoio e sendo pacientes, ninguém sabia o que eu estava sentindo. Ninguém entendia o que aquela mudança significava para mim. Eles até podiam imaginar, mas jamais saberiam o quanto me sentia desolada, vazia por dentro, sem nenhum feixe de esperança.

— Eu sei — mamãe gemeu, sua voz saiu trêmula, falha. Tinha

perdido a força de antes. Como se as últimas palavras de papai também a tivessem desarmado. — É por isso que a gente precisa fazer com que a recuperação seja mais fácil. Nós temos condições. Podemos vender o meu carro, e...

— Martha, por favor. Eu também quero o melhor pra ela. Mas tem próteses no SUS. A fila de espera é um pouco longa, mas é só o começo. Só agora. É uma economia e tanto, querida.

— Não. — ela respondeu categoricamente. — Não, de jeito *nenhum*. Aposto que os meus pais vão ajudar com prazer. Os seus também. E a gente pode pedir um empréstimo, de todo jeito.

Papai soltou um suspiro tão alto que foi possível ouvir mesmo do lado de fora. Usei a manga do pijama para secar o rosto, mas não me senti melhor. Pelo contrário, a cada segundo o aperto no peito se intensificava. A cada segundo ficava mais difícil respirar. Apertei as unhas nas palmas das mãos, tentando aliviar de alguma forma a sensação esmagadora e claustrofóbica que me cercava.

— Pelo amor de Deus, não quero e nem vou envolver meus pais nisso. Você *sabe* como minha mãe é! Vai ficar jogando isso na nossa cara o resto da vida.

— Não importa, Antônio! Nada disso devia importar, caramba! — a voz de mamãe ficou mais próxima da porta e posicionei as mãos nas rodas, me preparando para entrar no banheiro a qualquer segundo. — Esse começo faz toda diferença. Uma prótese boa pode fazer a recuperação ser bem mais rápida. Ela *merece* isso.

— Não tô dizendo que não merece, querida. Só tô... preocupado. Merda! — papai deixou outro soluço escapar. — Merda, merda, merda... — repetiu baixinho, se rendendo ao choro. — Não sei pra onde correr. Qualquer direção é difícil demais.

O som de seu choro parecia um uivo cheio de dor. Era tão raro presenciar papai chorando que ficar ali no corredor ouvindo aquilo me quebrou em mil pedacinhos. Eu não queria ser um fardo para eles. Não queria que continuassem discutindo de madrugada sobre o que fariam ou não. Não queria que se endividassem pra comprar a porcaria de uma perna mecânica.

Era tão... difícil.

Eu odiava o destino. Odiava que minha maior preocupação há um mês fosse se minhas pernas encostavam ou não uma na outra e agora eu não

tinha a merda de uma perna. Era um castigo! Um castigo divino.

Só podia ser.

Eu devia ter sido um monstro na vida passada. Nada mais explicaria tudo aquilo estar acontecendo comigo.

Mamãe deu uma fungada alta antes de responder.

— Mas a gente vai passar por isso. Precisamos. Por ela.

Neguei com a cabeça em um movimento veemente. Não. Eu não passaria por isso. Nunca me conformaria. Desci os olhos para o coto da perna esquerda, envolto pela meia elástica de compressão. No mesmo instante, meu rosto inteiro se contorceu em um choro silencioso, mas cheio de pesar.

Olha só pra mim.

Olha só pra isso...

Acabou.

Minha vida acabou.

Por que aquela inútil não fez o serviço completo e me matou de uma vez?

Quando passei pela porta do quarto de Nicole, ouvi um clique baixo e então uma fresta se abriu. Seus olhos verdes como os meus surgiram do outro lado. Estavam injetados. Parece que chorar era a única coisa que aquela família sabia fazer agora.

Ao me ver, ela terminou de abrir a porta e, sem pensar duas vezes, se agachou na minha frente e me envolveu com os braços. Nicole tinha cheiro de melancia, do shampoo que usava. Era um pouco irritante, na verdade, mas, naquele momento, era tudo o que eu precisava.

Retribuí o abraço, apertando-a com toda a minha força. Choramos juntas. Suas fungadas eram baixas, tímidas, assim como tudo nela. Sua mão subia e descia pelo meu braço direito, em uma cadência um pouco apressada, sem jeito. Funguei contra o seu cabelo, envolta pelo cheirinho adocicado.

Não sei quanto tempo ficamos assim. A discussão dos meus pais continuava acalorada, mas não absorvi nenhuma palavra. Não me permiti prestar atenção em nenhuma, ou acabaria desmoronando. Em vez disso, apertei Nicole ainda mais, como se dependesse disso para não me entregar a dor. E, no fim, dependia mesmo.

Minha irmã mais nova parecia entender o quanto aquele abraço era necessário, pois não fez nem menção em se afastar. Apenas continuou ali, firme, solicita. Nicole era quatro anos mais nova, mas as vezes eu tinha a

sensação de que sua alma era mais velha que a minha. Ela era tão mais madura. Tão mais firme. Aposto que se estivesse em meu lugar, as coisas seriam mais fáceis para ela, mesmo não sendo.

— Eles também te acordaram? — acabei perguntando, próximo do ouvido dela. Minha voz saiu em um sussurro, mas bastou. Nicole assentiu com a cabeça.

— Acho que o prédio inteiro junto... — murmurou. — Não queria que nada disso tivesse acontecendo, Nana. Não queria que...

— Shhhh — pedi, e aproveitei para me desvencilhar do seu abraço.

Me afastei o suficiente para conseguir buscar seus olhos com os meus. Nicole era tristeza pura. Os ombros caídos, a boca murcha. As aulas tinham voltado naquela semana e, desde então, ela vinha da escola cada dia mais retraída. Sempre trazia recados dos meus colegas de classe.

Melhoras, eles diziam.

Você vai tirar de letra.

Logo vai retomar sua vida.

Estamos na torcida.

Francamente? Queria que enfiassem a torcida em lugares não muito agradáveis. A torcida de ninguém mudaria o passado. A torcida de ninguém traria minha perna de novo. E, o mais importante: a torcida de ninguém me levaria para o Japão para que eu corresse atrás dos meus sonhos. Antes eu tinha tudo sob controle. Bastava fazer minha parte. Mas, agora, não dependia mais de mim... nada mais estava em minhas mãos. Eu podia lutar o quanto quisesse e nunca seria a nova Gisele Buncgen. Porque, veja só, A Gisele tinha a merda das duas pernas.

— *Eu sei* que vocês sentem muito. Mas... sei lá. Ouvir torna tudo pior. Mil vezes pior. — expliquei, indicando com a mão a porta fechada dos nossos pais e logo depois nós duas. — Ouvir o quanto tudo isso é uma merda e imutável só faz eu me dar conta, sabe?

— Dar conta...? Como assim? — perguntou ela, como se pisasse em ovos. Suas sobrancelhas douradas se uniram, formando uma linha grossa.

— Que isso é real. Tipo, de verdade? — pestanejei, os olhos cheios de lágrimas. — Às vezes penso que é igual um filme. Vou chorar, sofrer, mas uma hora vai acabar com tudo dando certo. E essa realidade vai ser diferente. E daí quando vocês ficam jogando na minha cara o quanto estão sofrendo... hum... é difícil explicar — encolhi os ombros.

Nicole fez cara de choque.

Ela deslizou as mãos pelos meus braços, entrelaçando os dedos nos meus.

— Mas, Alana... — Ela engoliu em seco, buscando as palavras certas para usar. — Não é melhor você aceitar logo? Quero dizer... vai sofrer menos, não vai? — Suas palavras saíram cheias de insegurança. Ela mal conseguia me encarar. — Porque meio que não tem volta. O final do filme pode ser feliz sim, mas isso não significa que sua perna volta a existir. Você não é o Deadpool que se regenera.

Eu sabia que ela estava tentando me ajudar. Sabia mesmo.

Mas ouvir aquilo foi como um soco no nariz. Quase pude ouvir o estalo da cartilagem. Sentir o sangue quente descendo pelas narinas e escorrendo pelos lábios e queixo.

Senti *tanta raiva* dela. Tanto ódio. Pela primeira vez na vida, quis que Nicole chorasse. Quis ser o motivo disso.

— É muito fácil pra você vir com esse papo good vibes, né? — rosnei, soltando suas mãos abruptamente. — Muito fácil jogar na minha cara que eu preciso me esforçar e aceitar quando você tem a porra das duas pernas no lugar!

Seus olhos brilharam com intensidade. Nicole deu um passo para trás, espalmando o peito como se eu a tivesse apunhalado com uma faca. O pior de tudo é que me senti bem por isso. Era escroto, eu sabia, tratar minha família mal não traria minha perna de volta. Não me transportaria para o passado. Eu devia me apoiar neles, aproveitar o fato de estarem ao meu lado, dispostos a ajudar nesse momento delicado. Mas... não sei. As vezes era tão difícil. Tão sufocante. E eles diziam coisas que me feriam, mesmo quando tentavam fazer por bem.

Nicole só queria que eu superasse. Que eu seguisse em frente. Mas será que ela não via que eu não queria sair do lugar? Merda. Eu me recusava a aceitar o caminho que me tinha sido imposto. Não dava a mínima para o quanto parecia ilógico não aceitar uma coisa que não tinha volta. Era difícil demais. Eu não queria essa realidade para mim.

As pessoas costumam dizer que só valorizamos uma coisa quando perdemos. Mas eu nunca fui assim. Sempre estive no lugar que quis e tinha consciência disso. E agora... agora que não tinha mais isso, doía ainda mais.

— Eu não falei nesse sentido, Nana. Eu...

— Você não faz ideia do que eu tô passando. *Não faz* — a interrompi. Minhas palavras escorriam asco. Minha irmã tinha passado de melhor amiga a inimiga em fração de segundos. Caramba, eu era desprezível. — Pode até imaginar. Tentar se colocar no meu lugar. Mas você nunca vai entender, Ni. Nunca vai saber tudo o que eu perdi nesse acidente. Então, sério, não vem com essa ladainha de aceitar, encontrar a felicidade ou qualquer outra groselha. Porque eu nunca vou ser feliz com isso aqui — indiquei minha perna amputada com o polegar. — Posso até estar viva, mas por dentro eu morri naquele dia. Nunca mais vou voltar a ser feliz como antes porque eu não tenho mais motivos.

Lágrimas escaparam dos seus olhos enquanto ela negou com a cabeça. Nicole voltou a se aproximar e esticou a mão para pegar na minha. Deixei que seus dedos envolvessem os meus, mas não retribuí o aperto. Eu queria ser confortada, apesar de tudo, mas meu orgulho falava mais alto.

— Para com isso, Alana. Podia ter sido bem pior. Podia...

— Ter morrido? — perguntei, com um sorriso mordaz nos lábios.

Minha irmã mais nova coçou os olhos por baixo das lentes dos óculos. Era o jeito dela de tentar parar de chorar: coçava os olhos até que as lágrimas cessassem.

— Você podia ficar numa dessas pra sempre — ela indicou a cadeira de rodas com o queixo. — Mas é só passageiro. Vai ter a chance de andar. Correr. Dançar. Ter uma vida normal. Podia ter sido muito pior. Você não enxerga sua sorte? Tipo, não enxerga mesmo?

Soltei sua mão e massageei as têmporas. Eu estava tão cansada emocionalmente. No limite. Sentia que, a qualquer momento, racharia. E, da fenda, todo o meu interior escoaria até que só restasse a carcaça.

— Não é porque eu tô menos na merda que eu deixe de estar. Se eu tenho tanta sorte assim, por que você não troca comigo? Hein? Fica aqui nessa cadeira vendo sua vida escapar pelos dedos e me fala se é assim tão gostoso.

— Eu trocaria. Trocaria só pra te ver viva e feliz. Mas não posso. Tô tentando te ajudar, e...

— Ah, pelo amor de Deus, Nicole! Cala a boca! — exclamei, alto o suficiente para que a discussão dos meus pais parasse no mesmo instante. — Cala a boca, tá? Ouça o que tá dizendo! — passei as mãos pelo cabelo, com vontade de arrancá-lo da cabeça. — Pro inferno que você ia destruir a sua

vida. Você só fala isso porque não tem a menor noção.

Papai abriu a porta e apareceu no corredor com uma expressão apavorada. Mamãe surgiu logo em seguida, com os braços cruzados sobre o peito. Suas sobranceiras estavam entortadas para baixo e dava para ver na cara dela que ela não fazia a menor ideia de como agir.

Em outras ocasiões, eu teria parado na hora. Nossa família não era muito de brigar. Nunca fomos. Mas, naquela madrugada, não me importei com a plateia. Dana-se. Eles precisam ouvir o meu lado. Se eu tinha que passar por tudo isso, então eles tinham que me ouvir queixando. Não morreriam por isso.

— Eu sinto dor na perna, tá? — voltei a olhar pra ela. — Na perna que eu ne tenho mais! — segurei os apoios da cadeira com força, tentando aliviar a raiva que estava sentindo. — Coça, arde, dói pra cacete. E daí eu faço o quê? Tomo remédio pra uma perna imaginária? A única coisa que eu quis a minha vida inteira está fora de questão, Nicole. A essa altura do campeonato, a Naomi deve até ter escolhido quem vai me substituir. A agência deve estar uma correria pra conseguir preparar essa sortuda do caralho a tempo. E eu? Vou fazer o que agora? Chupar meu dedo?

Mamãe veio em nossa direção, para tentar me amparar, mas apontei o dedo em riste para ela. Eu chorava tanto que minha visão estava inteira borrada. Seu rosto estava irreconhecível: olhos, boca e nariz viraram uma coisa só por trás da barreira de lágrimas. O caroço em minha garganta era tão grande que eu mal conseguia falar. Mas, ainda assim, fiz um esforço tremendo para colocar para fora. Não ficaria com todo o veneno dentro de mim.

— Não, deixa eu falar. — pedi, olhando para ela e papai. — Vocês acham que eu tô fazendo manha. Que podia muito bem olhar com otimismo e fazer a vida de vocês mais fácil, né? Nossa, como sou egoísta lamentando por tudo. Mas tenho uma novidade: vocês que são egoístas! — Mordi o lábio inferior, olhando para a minha perna enfaixada de relance e sentindo uma nova pontada no peito. — Vocês não fazem ideia da barra que é essa merda toda. — Voltei a encarar minha irmã, como se ela fosse a grande culpada de eu ter sofrido o acidente. — Você acha que é só eu colocar uma perna de metal e pronto, meus problemas acabaram. Mas minha fisioterapeuta tá me preparando desde o primeiro dia e avisando que vai doer. *Doer*. Como se não fosse a única coisa que eu venho sentido desde o acidente...

Minha voz morreu no ar, dando lugar a um choro histérico. Mamãe, papai e Nicole ficaram parados ao meu redor. Chocados, feridos, sem fazer a menor ideia de como me confortar. Eu queria tanto que eles me abraçassem, dissessem que ficaria tudo bem. Mas como eles poderiam saber disso se tudo o que eu fazia era afastar todo mundo? Como saberiam disso se eu aparentava justamente o oposto?

— Só... s-só me deixem sozinha. Por favor — pedi, em meio ao choro, antes de abandonar minha família. A única coisa que me restava.

Ah, sua burra! Sua idiota!

Você é tão escrota.

Não merece eles.

E eles não merecem você.

Esse peso morto que só faz todo mundo sofrer.

Fui até a sacada e me fechei para fora. Com dificuldade, me levantei da cadeira de rodas e, usando a barra de parapeito como apoio, dei pulinhos até estar longe o bastante para esquecer da cadeira. Era besteira, mas, ali, em pé, escorada para frente, eu quase sentia que era normal. Quase me sentia como antes. Quase conseguia esquecer a mudança enorme.

Olhei para o céu. Estava cheio de nuvens que cobriam as estrelas e até mesmo a lua, deixando o céu com um aspecto sombrio de filmes de terror. Eu me sentia um pouco nublada por dentro, como aquela noite. Nuvens negras, corpulentas, que escondiam todo o resto, deixando apenas aquele caos em que eu me encontrava.

Lá de cima, eu tinha uma visão privilegiada da rua Solidão. Sobre tudo do ponto exato em que sofri o acidente. Parecia tão pequeno de onde eu estava. Bastaria tomar um impulso e toda dor acabaria. Não teria mais passado, presente e nem futuro. Eu não precisaria viver me perguntando onde eu teria chegado. Quem eu teria me tornado. Nada disso. Seria um ponto final para uma história que tinha dado muito errado.

Balancei a cabeça em um movimento forte e, abalada por ter cogitado a possibilidade, ainda que por um milésimo de segundo, voltei para a cadeira de rodas e me sentei com cuidado.

Com lágrimas nos olhos, rocei os dedos cuidadosamente pela meia compressora que envolvia meu coto. Como uma perna podia mudar tanto a vida de uma pessoa? Nunca parei para pensar em como era privilegiada só por ter o corpo perfeito. Mas agora... eu era uma pessoa com deficiência.

Queria ser nobre pra aceitar isso. Nobre para erguer o queixo, tirar o melhor proveito da situação. Bater a poeira e seguir em frente. Mas não era o que estava acontecendo. Eu tinha acabado de pensar em me atirar da sacada. Minha nossa. Estava tudo errado. Tudo tão errado.

Usei o ombro para secar o rosto. Eu nunca mais seria a mesma. Sabia disso graças a pressão comprimindo todo o meu corpo. Era como se um buraco negro me sugasse para dentro, em um ciclo eterno. Eu não me sentia mais confortável em meu próprio corpo. Parecia um sapato novo, apertado, que machucava. Nunca senti isso antes. Nunca me angustiou estar em minha pele. Mas agora angustiaava. Agora a alma doía. Ela não encaixava mais naquele corpo. Eu não tinha nascido para ser assim.

Quero dizer... por mais horrível que soasse afirmar isso, eu já tinha um propósito traçado. Era no mínimo cruel que eu tivesse trabalhado com o que amava desde os cinco anos de idade e, tão perto de realizar o meu sonho, visse tudo desmoronar. Como um castelo de cartas. Eu as via voando para todas as direções e queria pegar uma a uma e colocar no lugar outra vez. Mas como? Como mudar o imutável?

Abandonei a sacada e não me surpreendi ao deparar com a luz da cozinha acesa. Ao me ouvir, mamãe surgiu na sala, uma xicara de chá fumegante presa entre os dedos. Seu olhar aflito me fazia um milhão de perguntas silenciosas. Eu queria correr para o colo dela e ficar acolhida lá para todo o sempre.

Olhei bem fundo em seus olhos e neguei com a cabeça, seguindo em direção ao meu quarto. Deitei na cama outra vez e alcancei o celular na escrivaninha. Com um longo suspiro, abri o Facebook e fui bombardeada por notificações. Em momentos como esse, o passado e o presente se conectavam e machucava ainda mais. Era fácil ignorar tudo quando eu passava a maior parte dos meus dias em casa, ou nas sessões de fisioterapia e terapia. No entanto, quando eu via os rostos conhecidos dos amigos com os quais cresci, mandando mensagens motivacionais genéricas e dizendo que tudo ficaria bem, era quase impossível continuar.

O tempo era uma coisinha engraçada e irônica. Minha vida tinha parado. Virado do avesso. Mas a de deles não. Nem da minha família. Todo mundo continuava, independente do que tivesse acontecido comigo.

Nesse exato momento, uma janela de bate papo se abriu e a foto de Pietro surgiu na tela. Crispei os lábios, sentindo uma pontada enorme no

peito.

Pietro:

sonhei com vc

acordei e te encontrei online por aqui

acho que é o destino

tô com sdd :(

qdo vou poder te ver?

No terceiro dia depois do acidente, minha mãe me disse que Pietro estava lá no hospital para me visitar. Nem precisei pensar, a resposta estava na ponta da língua: não. De jeito nenhum.

Ele voltou no dia seguinte. E no outro. A resposta continuou a mesma.

Mesmo depois de eu ter voltado para casa, nunca me passou pela cabeça deixar que Pietro me visse assim. Não tinha como. Ele tinha sido o mais próximo que eu tive de um namorado. Tinha gostado de mim *antes*. Como poderia gostar agora?

Ele nunca desistiu. As mensagens eram diárias. Pelo Facebook, pelo Whatswapp e às vezes enviava recados por Nicole. Dizia sempre que estava com saudade. Que queria me ver. Que esperava que eu estivesse bem. Que se eu quisesse conversar, ele estaria lá.

E, nossa, como eu queria que as coisas fossem simples assim. Como eu queria conseguir me esconder entre seus braços e esquecer tudo, como nos filmes. Mas não era. Estava bem longe de ser, na verdade. Eu jamais poderia agir com naturalidade perto dele. Pietro costumava ser o garoto que todas as meninas da sala gostavam. O mais bonito. Educado. Estudioso. Era quase um troféu ter ele ao meu lado. Não que fosse para mim. Enfim. Antes eu sustentava esse troféu. Mas agora, ter alguém como ele ao meu lado soava como pena. Quem ia querer uma garota incompleta como eu? Ainda mais quando tantas outras com duas pernas estavam logo ali, esperando por uma oportunidade?

O celular vibrou de novo.

Pietro:

cara... nem consigo imaginar oq vc deve estar passando. de vdd. mas sei e é uma mudança e tanto. deve estar sendo foda. e me mata não poder te ajudar. Me mata não conseguir estar aí com vc.

to aqui pensando... pq nunca te pedi em namoro antes? pq a gente foi tão besta? é por isso q vc não me deixa ficar por perto? posso falar com a sua família. falo amanhã mesmo se vc quiser.

só não me deixa longe, alana. por favor. nada mudou pra mim. nada mesmo. talvez as coisas estejam uma bagunça pra vc, eu quero ajudar a segurar as pontas

só... por favor. não me deixa de fora

Fechei os olhos, deixando o choro vir à tona. Deixei o celular escapar da mão e cair no chão. O barulho foi abafado pelo tapete e agradei por isso. Evitaria que meus pais viessem conferir se estava tudo bem.

A dor foi quase tão grande quanto no dia do acidente. Abracei o travesseiro e afoguei todas as mágoas. Eu nunca mais arrumaria um namorado. Nunca mais teria alguém que sentisse isso por mim. Nunca mais seria uma garota normal.



*Embora eu esteja quebrado
E meu rosto esteja cheio de machucados
Sei que preciso continuar seguindo em frente
Twenty One Pilots – Cut My Lip*

As vezes eu tinha a impressão de que minha mãe deixava a bolsa jogada na sala de propósito. Duvidava muito que ela nunca tivesse dado falta do dinheiro que eu roubava. Não era pouco. E, se percebia, poderia evitar novos roubos escondendo a bolsa em seu quarto, onde eu jamais ousava entrar. Mas não. Deixava jogada na sala, quase como se me convidasse a pegar o que quisesse. Devia ser mesmo de propósito. Mamãe era covarde. Tenho certeza que esse era o seu jeito bizarro de tentar compensar o resto.

Como se a porcaria do dinheiro pudesse apagar o passado. Como se a porcaria do dinheiro pudesse mudar o presente. Ela não percebia que toda aquela merda tinha me marcado para sempre? Não percebia que Geraldo tinha minado todas as minhas chances? Não existia futuro para mim. Não um feliz e agradável. E, a cada dia, ficava mais difícil me convencer de não acabar com tudo de uma vez. Por que prolongar o sofrimento se o destino já

estava traçado?

Meus dedos tremiam tanto que demorei mais do que era seguro para pinçar a carteira dela de dentro da bolsa. Os movimentos da mão estavam limitados pelo inchaço. As feridas recentes pintavam minha pele oliva de um vermelho vibrante. Era bonito, quase poético. Era minha forma de transformar toda a podridão dentro de mim em algo menos doloroso. Aquelas feridas eram por escolha minha. Eu decidia quando e quanto me machucar. Nenhum filho da puta fazia por mim.

Deslizei duas notas de cinquenta para fora da carteira e a devolvi para dentro da bolsa. Dobrei o dinheiro e deslizei, com certa dificuldade, para dentro do bolso de trás do jeans. Pela janela, vislumbrei as primeiras pinceladas de laranja surgirem no horizonte. Era cedo. Cedo o suficiente para que ninguém me notasse. Cedo o suficiente para que eu pudesse ter um pouco de paz. Mas também era tarde. Eu não havia pregado os olhos nem por cinco minutos. Não dava. Não era seguro baixar a guarda. Eu não podia ser pego desprevenido. Porque, caralho, se... *alguma coisa* acontecesse... eu não suportaria. Já estava difícil demais.

Abri a porta de casa com cuidado para não acordar ninguém. Não que eu me importasse. Eu só não queria... que me seguissem. Principalmente minha mãe. Com Geraldo eu sabia lidar. Dez anos vivendo aquele inferno mataram uma parte de mim que se importava com qualquer coisa. Principalmente depois que eu tentei me matar. Enfim. Nossa relação virou um jogo de tabuleiro desde então. Cada peça que ele movia era tentando me desestabilizar, tentando me afetar, tentando me empurrar de volta para o buraco. Eu só queria tirar ele do sério. Queria ver sua cara inteira cor de rosa feito o leitão que ele era. Babaca idiota.

Mas com a minha mãe era diferente. Eu não conseguia ligar o foda-se, não conseguia agir do jeito que ela fazia comigo, como se eu não importasse. Quero dizer, me dava raiva. Muita. Era impossível enfiar na cabeça como ela podia ver o maldito filho inteiro cheio de hematomas e achar isso normal.

Talvez ela só queria ver você morto mesmo.

Assim ela pode viver a vidinha perfeita, com o marido perfeito e o filho perfeito.

Mordi a língua bem forte para não chorar. Não tinha ninguém na rua tão cedo, ninguém me vendo, mas mesmo assim eu me sentia fraco. Fraco por sofrer por quem não merecia. Fraco por continuar naquele labirinto que

nunca me levava a lugar algum.

Segurei a ponte do nariz e apertei o passo. Tentei forçar a memória, como em outras inúmeras vezes, para evocar a imagem do meu pai. Mas existia só um abismo deixado para trás. Uma vida inteira de promessas, uma infinidade de coisas que poderiam ser diferentes.

Pensei em mim. Martin Assis, com a primeira tentativa de suicídio no auge dos meus dezessete anos. Como seria diferente se meu pai estivesse aqui. Se ele se importasse. Como seria diferente se Geraldo nunca tivesse entrado em minha vida.

Eu tinha só oito anos.

Já estava para lá de acostumado com os infinitos namorados de mamãe porque, caramba, ela *não conseguia* ficar sozinha. Precisava suprir aquele vazio enorme que a deixava bambeando e bambeando, prestes a tombar a qualquer momento, como um João-bobo. Ela sempre foi assim. Sempre com a mesma expressão tristonha, perdida, soturna. O olhar cheio de carência de quem implorava para ser cuidada. Era uma menina presa no corpo de uma mulher.

Meus avós costumavam dizer que mamãe mudava de personalidade de acordo com o namorado. Era verdade. Do jeito de se vestir às músicas que ouvia, ou até mesmo as comidas que gostava. Eu achava que era isso que as pessoas queriam dizer quando falavam que o casal ficava cada vez mais parecido um com o outro. Mas não. Faltava alguma parte muito grande nela. Eu sabia disso. Dava para ver, mamãe estava constantemente com o olhar perdido, vagueando ao redor, como se *procurasse*.

E ela encontrou.

Encontrou Geraldo. Um homem vinte anos mais velho, com uma coleção de divórcios.

Na época, ela chegou a me perguntar o que eu tinha achado do seu novo namorado. Foi a primeira vez que pediu a minha opinião.

Eu falei a verdade.

Tinha algo no olhar dele que me assustava. Eu conseguia ver a maldade por trás. Parece idiotice, mas desde o primeiro momento em que o vi, soube que tinha algo de muito errado. Meus avós disseram a mesma coisa para ela.

Como eu queria que ela tivesse me ouvido. Nos ouvido.

Como queria que ela não o tivesse encontrado.

Mamãe e eu não precisávamos de ninguém. Tínhamos um ao outro.

Eu achava, pelo menos. Mas estava claro... nunca tive ninguém.

Dobrei a esquina e meus olhos foram parar no boteco do outro lado da rua. Era uma portinha de esquina, com uma placa na entrada onde se lia “bar do alemão”. Eu tinha uma teoria de que em toda cidade existia pelo menos uma farmácia, uma igreja e um bar do alemão.

Não tinha nem amanhecido, mas o bar já estava aberto. E cheio. Ou quem sabe *ainda* estivesse aberto. Assim como eu *ainda* estava acordado desde o dia anterior. Certa vez li que não dormir é um dos jeitos mais rápidos de morrer. Talvez por isso fosse tão fácil não pregar os olhos. A morte era sempre uma esperança, um feixe de luz em meio a escuridão.

A maioria das pessoas sequer cogita tirar a própria vida. É uma ideia tão absurda que nunca passa pela cabeça. Mas, para mim, a morte permanecia sempre à espreita, apenas a um passo de distância, como uma sombra. Me seguindo para onde quer que eu fosse. Ela sempre estava ali, convidativa, persuasiva, chamando e chamando. A morte não só era uma opção, como a *melhor*. Acabar com tudo era a única maneira de ter um final feliz.

Suspirei fundo, balançando a cabeça. Eu tinha prometido (para mim e para a lua, por mais patético que fosse) que não desistiria. Não podia. Não por mamãe, pelo meu irmão, ou qualquer outro motivo minimamente digno que eu pudesse ter. Mas sim por Geraldo. Só por ele. Me ver em um caixão era o que ele queria e por isso mesmo eu ia persistir. Só que... merda. Havia dias — e aquele era um deles — que ficava tão difícil continuar caminhando. Meu corpo pesava, minha alma pesava. Meus pensamentos ecoavam infinitamente com uma única ideia.

Se mate.

Se mate.

Se mate.

Atravessei a rua e ergui o rosto, assumindo a postura mais confiante que consegui. Não que eu achasse que em um lugar como aquele alguém fosse ligar para a minha idade. Fora que sempre me passei por mais velho com facilidade. Entrava em festas antes dos dezesseis e ninguém pedia minha identidade. Mas não era nem sete da manhã, o que eu menos queria era arrumar confusão. Não precisava de mais dor de cabeça. E andar com o rosto baixo era o mesmo que pedir para ser um alvo.

O mundo é um lugar hostil. Aqueles homens de meia idade cheirando

a pinga só estavam esperando uma brecha, e então me devorariam. Rasgariam minha pele com seus dentes e me fariam sangrar e sangrar, até suprir o vazio que carregavam dentro deles e que tentavam disfarçar com a bebida. Me devorariam como Geraldo fez nos últimos dez anos.

Fui direto ao balcão, ignorando os olhares. O interior cheirava a cigarro, suor e álcool. A iluminação turva deixava tudo com um aspecto meio deprimente. Atrás do balcão, uma mulher com cicatrizes de queimadura por todo o braço esquerdo lustrava um copo com um pano encardido. Ela sorriu sem mostrar os dentes quando me aproximei. Tirei uma nota de cinquenta do bolso e bati com ela sobre a superfície de madeira.

— Um rabo de galo — pedi, arrastando uma banquetta para me sentar. Como ela não moveu um músculo, ergui ainda mais o queixo, cruzando os braços sobre o balcão em desafio.

Mas, ao contrário do que pensei, ela não estava desconfiada nem nada do tipo. Na verdade, seu olhar de tristeza provocou alguma coisa em mim. Eu quase podia ler seus pensamentos, mesmo sem a conhecer. *Coitadinho, tão novo e já está assim*. Senti o estômago embrulhar e precisei desviar para algum ponto qualquer atrás dela.

Apertei as mãos em punho nos minutos que levaram para que ela acordasse do transe e começasse a preparar minha bebida. Minha pele esticou e fez doer os machucados que nunca cicatrizavam. Eu odiava pena. Odiava ser digno de pena. Odiava que as pessoas me olhassem com aquela cara, como se eu fosse um problema grande demais para resolver. Eu queria ajuda. Mas não por pena. Nunca pena.

O cheiro forte de vermute penetrou minhas narinas. Ela deslizou o copinho de vidro em minha direção, fazendo a bebida chacoalhar. Tinha cor de água suja. Prendi a respiração e bebi de uma vez. Desceu queimando, fazendo um rastro de fogo que alcançou o estômago sensível e vazio.

Bati o copo vazio na madeira.

— Mais um.

Ela arqueou a sobrancelha, mas não disse um a. Em vez disso, tomou a garrafa na mão e despejou no meu copinho.

— Costumo perguntar se a pessoa teve um dia ruim, mas o dia nem começou... — ela tentou puxar assunto, pousando as mãos na cintura. Sua voz era grave, séria. Dava para perceber que tinha criado uma postura durona para lidar com aquele bando de bêbados. Ou seria devorada.

Abri a boca para responder, mas um homem cambaleante praticamente se jogou ao meu lado, escorando-se de um jeito bizarro, como se o chão sob seus pés estivesse passando da forma sólida para a líquida.

— Me vê uma paçoca, Martinha.

Aproveitei o momento em que ela virou para atender ao pedido dele e engoli a bebida como se fosse remédio. O remédio da alma. Assim como o cigarro, o álcool me proporcionava paz. Silenciava os pensamentos. Preenchia o vazio. Anestesiava a dor. Eu entendia porque tanta gente dependia do álcool para continuar vivo. Beber era um escape. Um intervalo necessário. E também um veneno. Um veneno a conta-gotas. De pouquinho em pouquinho, eu me destruía.

Eu estava tão cansado... tão farto da bagunça que eu era.

Queria continuar vivendo. Mas... pra quê me dar ao trabalho?

Ainda que Geraldo ganhasse, foda-se. Eu não estaria mais aqui para ver a cara de arrogante dele. Tampouco os olhos azuis brilhando de felicidade.

Eu não tinha ninguém. Eu *não era* ninguém. Então, pelo amor de deus, *por que* continuar me dando ao trabalho?

Por que continuar levando aquela vida miserável?

— Preciso de mais — falei, com a voz um pouco embargada, quando ela voltou com a paçoca. — Não tem como ser em um copo maior?

— Ahhh, aí sim! Esse é dos meus, hein? — exclamou o bêbado, todo arrastado, e deu três tapinhas no meu ombro antes de abandonar o balcão. A cada passo parecia prestes a voar de cara no chão.

— Vai passar mal. — advertiu ela, com um tom baixo que deixou transparecer a preocupação.

Eu tinha certeza que ela não falava assim com nenhum outro cliente. O impulso de dar uma patada foi forte, mas me contive.

Nada de confusão.

Você não precisa disso.

Passei uma mão no rosto, afastando a franja da testa.

— É a intenção. — Sorri a contragosto, soltando o ar dos pulmões.

Martinha deu de ombros, balançando a cabeça em negativa enquanto pegava um copo americano, atendendo ao meu pedido.

— Você tem um sorriso lindo — comentou. — Um menino da sua idade não devia estar bebendo assim tão cedo... e sim estudando, namorando,

indo ao cinema... curtindo, sabe? Arrumando motivos para sorrir mais vezes.

Mordisquei o lábio inferior, me controlando ao máximo para não deixar a raiva falar por mim. Eu não queria ser esse tipo de pessoa, que fere os outros sem se importar. Só que era mais forte. O veneno que eu carregava dentro de mim vazava antes que eu pudesse me dar conta. E, quando eu percebia, já era tarde demais.

Como se eu não quisesse motivos para sorrir.

Como se eu amasse a minha vida de merda.

Bufei, girando o copinho e observando todas as manchas e arranhões talhados na madeira do balcão. Deslizei o dedo indicador por elas. Eram como minha pele, inteira marcada, contando uma longa e interminável história de terror. As cicatrizes salpicavam as costas das duas mãos. Altas e grosseiras. Eu nunca esperava uma ferida fechar para fazer outra.

Como não respondi, Martinha desceu o olhar e seus olhos foram parar nas minhas mãos mutiladas. Quando eu era mais novo, tinha vergonha que as pessoas vissem minhas marcas. Minha fragilidade. O olhar que vinha logo depois, de pena e choque, me matava por dentro. Como se eu fosse uma aberração por me ferir. *Como* eu podia fazer isso comigo mesmo? Mas com o passar do tempo, comecei a gostar do desconforto que causava.

Ela pigarreou, desconcertada, e voltou a lustrar o copo, ainda em minha frente.

— A vida anda difícil... — resmunguei, respondendo ao seu primeiro comentário sobre o dia mal ter começado. Balancei a bebida dentro do copo e verti tudo em um único gole. Meus olhos arderam e precisei piscar várias vezes para não deixar uma lágrima escapar. — Pra caralho. Passei um cinto na merda do meu pescoço uns meses atrás e tentei acabar com tudo. Mas, olha só, não consegui. — Ergui as mãos no ar, inclinando um pouco o tronco para ficar mais próximo dela. — Pelo jeito não sirvo nem pra isso.

Seus olhos estavam redondos como moedas de cinquenta centavos. Lá estava a raiva escapando sem que eu pudesse evitar. Lá estava o que eu tinha me tornado — um poço de amargura, só esperando o momento certo para despejar nos outros um pouco da minha dor. Mas quem podia me julgar? Era dor demais para suportar sozinho. Eu precisava dividir.

— Eu *queria* sorrir mais vezes. Porra, queria sorrir *o tempo todo*. Queria sorrir tanto até ficar com as bochechas doloridas. Quem não quer, né? — Abri um sorriso largo. — Você acha que eu queria fazer isso aqui comigo?

— Estiquei minha mão direita do ar, para que ela visse as cicatrizes. — Nem todo mundo tem o privilégio de ser feliz... como foi que você falou, mesmo? — Uni as sobrancelhas, fingindo uma careta pensativa. — Ah, é: estudando, namorando, indo ao cinema. — Uma risada escapou do fundo da minha garganta. Era amarga e vil como a bebida que eu empurrava para dentro. — Queria me preocupar com cinema e namoro. Sem sacanagem. É tudo o que eu mais queria. Mas fazer o quê? Não tive essa sorte. Então só me resta isso aqui. — Balancei o copo vazio no ar. — Aliás, preciso de mais, por favor.

Depois disso, Martinha desistiu de tentar me fazer ver o lado bom da vida, ou seja lá o que estivesse tentando. Apenas me deixou em paz, como eu queria. Bebi mais duas ou três doses de rabo de galo, até me dar por satisfeito.

Meu estômago revirava com intensidade, mas minha cabeça tinha silenciado.

O mundo estava inconstante ao meu redor, mas o vazio esmagador tinha me abandonado.

Era difícil firmar os passos, mas meu coração estava leve. Não comprimido, pesado, como uma rocha maciça. Ele parecia uma pluma, voando sem direção, desenhando círculos no ar, desprendido.

Abandonei o boteco com um maço de cigarros novinho em folha. Abri e tirei um, encaixando nos lábios. Ironicamente, o álcool tinha me dado muita vontade de sorrir. Meninos da minha idade tentavam matar aula para beber ou então se esgueirar com alguma garota (ou garoto) em um canto qualquer. Já eu, adoraria estar em uma sala de aula. Adoraria ocupar a cabeça com coisas substanciais. Adoraria criar a ilusão de que um dia eu poderia ser feliz. Poderia ser completo. Na escola eu me sentia menos diferente das outras pessoas. Lá eu era só o Martin. O menino com notas boas. O menino aplicado, que se esforçava tanto para ser aceito pelo menos em algum lugar. O menino que tentava buscar afeto nos professores.

Não aguento mais.

Não. Aguento. MAIS!

O vento forte e inconstante fazia a chama azulada do isqueiro chacoalhar de um lado para o outro até apagar. Usei a mão esquerda para criar uma barreira da proteção e acendi o cigarro com certa dificuldade, sugando toda a fumaça tóxica com certo desespero. Fiquei ainda mais tonto. Mas não me importei. Era o que eu queria. Quem sabe eu não tivesse a sorte

grande de ser atropelado, ou sei lá.

Ergui o capuz da blusa e segui adiante, sem destino. Um passo atrás do outro, cuidando para não tombar no chão, intercalando com tragadas profundas da nicotina milagrosa. Quando o primeiro cigarro acabou, veio o segundo e depois o terceiro.

Eu estava prestes a acender o quarto quando me dei conta de que fazia o caminho da escola. Faltava só uma quadra. Segui adiante, sem saber bem a razão, e foi inevitável pensar em Gustavo.

O nó na minha garganta quase me sufocou.

Fazia tão pouco tempo. E, ainda assim, soava como uma eternidade. Tudo tinha mudado desde então. Era estranho estar diante da minha vida antiga.

Se alguém me perguntasse há pouco mais de três meses, eu diria sem pestanejar que Gustavo era o meu melhor amigo. Quase um irmão. Era para a casa dele que eu corria quando as coisas ficavam complicadas demais. Seus pais eram uma segunda família para mim. Uma família amorosa e preocupada, que tentava me distrair ao máximo da dor. A família que eu sonhava em ter.

Nunca contei para ele toda a merda que precisava aguentar, mas caramba, ele não era idiota. Sabia que tinha algo de muito errado dentro da minha casa. Ninguém fica tão ferrado sem motivo.

No último ano, passei mais tempo lá do que em minha própria casa. Era fácil esquecer minha realidade. Eles eram o tipo de família que fazia as refeições junta. O tipo de família que perguntava como tinha sido o dia um do outro. A mãe dele acompanhava suas notas. A minha não se importava. O pai dele jogava X-Box com ele até a hora de dormir. Já o meu padrasto... deixa para lá.

Foi então que tentei me matar.

Tentei acabar com o sofrimento. Tentei fugir.

E fiquei um mês internado em uma clínica psiquiátrica. Em um lugar sem espelhos, sem cadarço nos sapatos, sem travesseiros. Sem qualquer coisa que pudesse ser usada para escapar. Escapar não era permitido. Um mês afastado de tudo. Sem celular, sem redes sociais. Dopado demais para conseguir me manter acordado. Comendo comida sem gosto, apagado entre outros tantos garotos com o olhar perdido, distante, sem foco.

Alguma coisa mudou para sempre em mim nesse mês. Principalmente

quando eu via meus colegas de quarto recebendo os familiares nos horários de visita, mas eu nunca. Ninguém me visitava. Ninguém queria saber de mim. Aquela era uma prisão na qual eu pagava pelo pecado de ter enrolado um cinto ao redor do pescoço e não ter ido até o fim.

Quando voltei para casa, Geraldo destruiu meu celular logo na primeira noite. Deu tempo de ver as mensagens de Gustavo no Facebook, mas não de responder. Ele disse que tinha ligado e até mesmo ido lá em casa para saber como eu estava e que sabia o que tinha acontecido. Que esperava que eu ficasse bem.

Ficar bem.

Como se fosse fácil.

Como se eu não quisesse.

As pessoas tinham esse maldito problema de pensar que felicidade fosse fácil como um estalar de dedos. Fácil como abrir os olhos. Que fosse só uma questão de decidir melhorar.

Ninguém mandava uma pessoa com câncer ficar bem. Por que faziam isso com quem tinha depressão? Por que ninguém levava a sério?

Era tudo uma merda.

Enfim... Pensei em procurar Gustavo. Pensei mesmo.

Mas, em uma madrugada em claro qualquer, peguei o celular da minha mãe emprestado e descobri que ele tinha passado no vestibular em outro estado. E então o abismo que já existia entre nós ficou ainda maior. Tão grande que jamais teria como ultrapassar.

Ele tinha um futuro inteiro pela frente. Um futuro brilhante e incrível.

Foi isso que me fez parar no lugar naquela manhã. Mordi a língua bem forte, sentindo o gosto familiar de sangue. Não fazia mais sentido voltar para a escola e esbarrar em todas os rostos de que eu tentava fugir. Não fazia sentido tentar me esconder na casa de Gustavo por uma ou duas noites, fingindo que aquela era a minha vida. Porque uma hora ou outra eu precisaria encarar a realidade e tudo sempre era pior quando eu voltava para casa. Tudo sempre era pior quando eu precisava aceitar que continuava preso. Continuava estagnado. Continuava nas mãos de Geraldo, só esperando seus dentes afiados me rasgarem no meio, fazendo minhas tripas mancharem todo o chão de vermelho.

Dane-se.

Não adianta fugir.

Massageei as têmporas e acendi o quarto cigarro, por fim. O sol, quase em seu ponto mais alto, era o único indicativo de quantas horas já haviam passado. O tempo era confuso quando se estava embriagado. Turvo como o rabo de galo.

Era hora de voltar para casa e lidar com toda aquela porcaria.



*E eu não sinto que sou forte o suficiente
Porque fico quebrado quando estou solitário
Seether – Broken ft. Amy Lee*

O trajeto foi mais rápido do que eu gostaria. Em poucos minutos, eu já estava na frente da casinha verde de meio terreno. Os mesmos azulejos manchados de azul. As mesmas folhas mortas. O mesmo cachorro idiota latindo para mim.

Frustrado, apaguei o cigarro no lado de dentro do pulso esquerdo. O ardor intenso da brasa na pele me fez apertar os olhos com força. Ironicamente, suspirei aliviado. De todos os entorpecentes, aquele era o mais potente. Me machucar silenciava tudo.

Certa vez, Gustavo me perguntou *por que* eu fazia isso. Por que descontava em mim mesmo. Na época, não consegui responder. Não faria sentido para ele, de toda forma. Assim como o suicídio, automutilação era uma coisa que nunca passava na cabeça de pessoas normais.

Não muito tempo depois, em uma das inúmeras ocasiões em que me refugiei na casa dele, seus pais nos chamaram para assistir a um filme. A mãe dele fez pipoca e tudo mais. Em situações como essa, nossas diferenças eram tão discrepantes que eu precisava segurar o choro. O filho da mãe não fazia ideia do quanto era sortudo. Quem escolheu o filme foi o pai dele. Era uma

história de guerra e, em uma das cenas, um soldado tentava salvar um amigo que tinha uma das pernas mutiladas. Eles estavam expostos e, por isso, precisavam sair rápido do campo de guerra. Mas o amigo ferido não conseguia se mover. Se queixava de dor e medo de ser atingido outra vez. Em um impulso de desespero, o soldado pegou a mão do amigo e quebrou um dedo. E, de repente, ele esqueceu a perna mutilada e concentrou toda a atenção para a mão. Só assim eles conseguiram escapar.

— É por isso — sussurrei, inclinando o tronco para perto de Gustavo. A contragosto, ele desgrudou os olhos da televisão e me encarou sem esconder a dúvida.

— Ahn???

— Você perguntou, lembra? — Abri e fechei os dedos da mão direita. — É por isso.

Ele uniu as sobrancelhas. Eu quase podia ver as engrenagens do seu cérebro funcionando devagar. Então, ao perceber do que eu falava, sua expressão se suavizou e ele apertou os lábios um no outro.

— Pra desviar a atenção do resto — completei, voltando a encarar a televisão só para fugir do olhar de pena.

Soltei um suspiro enquanto tateava o bolso da calça em busca da chave. Passei todo o percurso torcendo para não topa com ninguém quando voltasse para casa, mas não tive essa sorte. Ao menos era só o carro da minha mãe. Eu não precisaria lidar com Geraldo até que ele voltasse do trabalho.

O portão menor rangeu quando o abri e foi o suficiente para o rosto apavorado de mamãe aparecer pela janela do quarto dela — a que ficava mais próxima da rua. Poucos segundos depois, ela saía pela porta da sala, pálida como no dia em que me encontrou prestes a acabar com a minha vida.

Quis revirar os olhos. Olhar para ela era como olhar para mim. Acho que por isso a raiva vinha tão fácil. A mesma pele oliva, o mesmo cabelo preto e revoltoso. Os mesmos olhos grandalhões, a mesma boca que se abria em um sorriso grande demais para o rosto.

Mas nenhum de nós sorria naquele momento. Pelo contrário, seus olhos vermelhos eram o indicativo de que tinha passado as últimas horas chorando. Ela veio correndo ao meu encontro e me enlaçou com os braços antes que eu pudesse fugir. Uma das poucas desvantagens em se estar bêbado, afinal. Meus reflexos estavam uma merda.

— Ah, Martin, querido! — Ela desabou, me apertando tanto que

parecia prestes a quebrar minhas costelas uma a uma. — Fiquei tão preocupada. Meu Deus... eu não sabia com quem falar. Não tinha como me comunicar com você. Pensei o pior...

— Você teria como se comunicar se o seu marido não fosse um escroto e quebrasse todas as minhas coisas — murmurei, contra os seus cabelos.

— Seu *pai* perde o controle às vezes, mas ele só quer o seu bem, e... — Sua voz congelou no ar. Ela tinha se afastado para me encarar. Notei o movimento suave das pupilas pelo meu rosto e então para as minhas mãos. Procurando novos machucados. Ela se demorou um pouco na queimadura recente. — V-você andou bebendo, amor?

—Pra caralho — respondi, sorrindo para ela.

As pessoas costumavam elogiar o meu sorriso, assim como Martinha. Diziam que era o que eu tinha de mais bonito. Mas eu já nem me lembrava a última vez que sorri sem ser para ferir. Até mesmo isso *ele* tirou de mim.

Mamãe segurou meu rosto com as duas mãos, caindo no choro outra vez. Seus ombros balançaram com intensidade, como se me ver assim a matasse por dentro. Antigamente, eu costumava me sentir mal exatamente em momentos assim.

Ela te ama, seu babaca, costumava pensar. *Não tem culpa de ser casada com aquele merda*.

No entanto, os anos foram passando. Três, cinco... dez. Tive tempo o suficiente para perceber que ela tinha culpa *sim*. Não adiantava fazer a porcaria de uma ceninha quando estávamos sozinhos, mas fechar os olhos e fingir que não via nada quando ele estava por perto.

— Ah, querido. A gente precisa dar um jeito nisso. Vem cá, vou fazer umas ligações.

Dei de ombros e pareceu bastar para ela. Mamãe agarrou minha mão direita e me arrastou para dentro. Assim que passei pela porta de entrada, senti uma pressão no peito intensa. Esmagava tanto que me impedia de respirar. Eu sentia a presença dele mesmo quando não estava por perto.

Sentei no sofá com dificuldade. A cada segundo as coisas ficavam mais inconstantes. O mundo bambeava, deixando rastros borrados para trás. Mamãe caçou o celular e começou a andar de um lado para o outro.

— Oi, Elise! Nossa, graças a Deus você atendeu. Lembra daquele assunto que eu comentei com você no trabalho? — Ela me espiou pelo canto

dos olhos, engolindo em seco. — Não sei mais o que fazer... e-eu... — Mamãe soluçou e os lábios tremeram, lembrando os de um bebê. — Ele tá sofrendo *tanto*. Está inteiro machucado. Sumiu hoje antes das seis e só voltou agora, está cheirando a álcool e cigarro... as mãos machucadas.

Como eu *adorava* quando falavam de mim como se eu não estivesse presente. Deslizei pelo encosto do sofá, dobrando um braço sobre o rosto para me esconder da claridade.

— Talvez seja o caso de tomar remédios? — Senti o sofá afundar ao meu lado. Com dois acentos vagos, ela escolheu sentar tão perto que sua coxa roçou na minha. Me afastei no mesmo instante. Eu odiava que tocassem em mim. Caramba, como odiava. — Não sei... não sei mais o que fazer. Ele voltou ainda pior. Fico com medo de sair pra trabalhar e encontrar e-ele... — Outro soluço. Mordisquei o lábio inferior. Eu só queria que ela calasse a boca. Só queria um pouco de paz, mas pelo jeito era pedir demais. — Você consegue encaixar hoje? Ah, Elise! Nem sei como agradecer. Muito obrigada mesmo. Tá bom. Estamos saindo de casa.

Enquanto eu processava suas palavras, fui surpreendido por sua mão em meu joelho. Me afastei em um rompante, sem nem tentar disfarçar. Ao abrir os olhos, a encontrei com a mesma cara de vira-lata de sempre. Era sempre assim. Ela sabia que eu não gostava disso, mas continuava insistindo. Minha vontade não importava.

— Consegui encaixar um horário com a Elise — falou simplesmente, como se eu estivesse por dentro do assunto. — Pra você — completou.

Pisquei os olhos.

— *Quem é Elise?*

— Uma psicóloga — Minha mãe era enfermeira. Já tinha trabalhado em vários hospitais da cidade e, por isso, parecia conhecer todo mundo da área da saúde. Vários conhecidos ligavam para ela pedindo indicações de médicos de áreas específicas, e ela sempre tinha um nome da ponta da língua. — A melhor psicóloga cognitivo comportamental com foco em crianças e adolescentes.

— Você vai levar o Noah? — perguntei, unindo as sobrancelhas. — Porque eu não vou.

— Martin...

— Não pedi pra contar meus problemas pra uma pessoa que a) eu nem conheço e b) vai correndo falar tudo pra você! — Cuspi as palavras, sem

conseguir parecer apático. A raiva dentro de mim sempre me surpreendia.

— Ela *não vai* me falar nada. Nem pode. É antiético.

— Ah, tá! — Gargalhei. Minha risada saiu fria, sem vida. — Verdade.

Mamãe massageou as têmporas, fechando os olhos por um segundo, como se buscasse as melhores palavras.

— Martin... não vou ficar parada vendo você acabar com a sua vida. Não vou, filho. Você vai, querendo ou não.

— Mãe, eu *não tô* acabando com nada. Já fizeram isso por mim e você não é cega! — minha voz tremeu. Mas eu não queria chorar. Eu não podia. Droga. — Olha isso aqui! — Ergui a manga da blusa, revelando os hematomas. — Olha o que ele faz comigo, mãe.

Minhas palavras pairaram pelo ar por vários minutos. Eram lamentáveis. Me senti humilhado por, depois de tantos anos, continuar insistindo naquilo. Era uma batalha perdida, eu já sabia.

Me odiei ainda mais por me permitir ficar com o coração partido quando ela apenas tomou impulso para levantar, engolindo em seco antes de responder:

— Você vai poder falar de todas essas coisas na psicóloga.

Eu queria esfernear. Queria dificultar a vida dela ao máximo. Me rebelar. Mas meu corpo começava a se voltar contra mim. Eu suava frio. Queria arrancar minha blusa, mas não podia. Não tinha como. Uma fina camada de suor cobria minhas costas e meus braços. Deslizei ainda mais pelo sofá, só para tentar fazer o mundo parar de rodar.

Não consegui oferecer nenhuma resistência à minha mãe quando ela me segurou pelo cotovelo e me forçou a levantar. Sem me perguntar se eu precisava de ajuda, ela passou a mão ao redor da minha cintura, oferecendo apoio. E como não me restava nada mais além de passar o braço ao redor do seu ombro, foi exatamente o que fiz.

Quando eu era mais novo, ansiava o dia em que seria do tamanho da minha mãe. Ela era uma mulher alta e esguia. Na minha cabeça inocente, seria nesse momento em que eu conseguiria enfrentar Geraldo e mudar a minha vida. Mas agora eu era maior que ela e as coisas não podiam estar piores. O que só me fazia constatar o quanto, na verdade, ela era pequena e frágil. Talvez até mais que eu.

Me joguei no banco de passageiro e abri a janela no mesmo instante, debruçando sobre ela. Não trocamos uma palavra durante o percurso. Vez ou

outra, eu a ouvia fungar baixinho, mas era só. Fechei os olhos, aproveitando a sensação do vento fresco lambendo meu rosto e despenteando os meus cabelos.

Eu continuava sentindo o gosto forte do rabo de galo, como se tivesse acabado de virar um shot.

Péssima ideia. Péssima.

Poucos minutos depois, quando paramos em frente a um prédio comercial, mamãe virou em seu banco, ficando de frente para mim.

— Ela pode te ajudar, querido. — *Ninguém pode. Eu mesmo já desisti faz tempo.* — Confia nela.

— Não confio em ninguém, mãe. Mas foda-se. O dinheiro é seu. — E então pulei para fora do carro.

Seguimos até o décimo quarto andar. Uma das paredes do prédio era feita de vidro e, por isso, tinha uma vista privilegiada de lá de fora. Mamãe seguiu pelo corredor estreito e cheio de portas, mas aproveitei para escorar as mãos no vidro, sentindo um friozinho na barriga enquanto observava os carros parecendo miniaturas lá embaixo. Uma morte rápida. Dramática. Quase uma expressão de arte. Bastava um pulo e pronto. Não tinha como voltar atrás.

— Martin? — chamou mamãe, com a voz cheia de dor.

Fechei os olhos por um momento, me deliciando com a imagem. Eu, na beirada do terraço, caindo de costas com os braços abertos...

— Martin! Para com isso! — Antes que eu me desse conta do que estava acontecendo, seus dedos se fecharam outra vez em volta do meu cotovelo e ela me arrastou para longe dali. Para longe do único feixe de luz que eu conseguia vislumbrar.

Chegamos no consultório e sentamos no sofá de três lugares da pequena salinha de espera. Havia duas portas fechadas. Fiz um bolão interno de qual seria o meu calabouço. Eu chutava a esquerda. A que tinha um quadrinho motivacional na frente.

Poucos minutos depois, a porta do quadrinho foi aberta e uma mulher saiu de lá de dentro junto de uma menina da minha idade, que tinha os olhos inchados de tanto chorar. Elas se despediram e a menina passou por nós, sumindo pela porta.

A mulher se demorou alguns segundos nos estudando. Aproveitei para fazer o mesmo. Era bonita, até um pouco intimidante. Asiática, os olhos

amendoados bem maquiados. O cabelo acabava no ombro, de um cobre escuro. E os lábios eram volumosos. Ela devia estar na casa dos trinta. Engoli em seco.

Ótimo. Minha mãe escolheu a pior pessoa pra eu chorar os meus problemas.

As duas se cumprimentaram e cochicharam entre elas. Revirei os olhos. Aquilo tudo era uma piada. Uma piada de mau gosto. Recostei a cabeça na parede e torci para que se esquecessem de mim. Torci para que eu sumisse. Ficasse invisível. Para que nunca mais ninguém me percebesse. Facilitara minha vida para cacete.

Mas não tive essa sorte. Claro que não. A sorte e eu não andávamos de mãos dadas.

— Pronto, Martin? — perguntou Elise.

Como se eu tivesse escolha.

Dei de ombros, tomando impulso para levantar. Mamãe me segurou pelos ombros com delicadeza, bem diferente de como Geraldo costumava fazer.

— Bom, daqui uma hora eu volto pra te buscar, tá? — disse, me encarando nos olhos. — Me espera aqui.

Ela deu um sorrisinho tímido e esfregou meu braço, antes de abandonar o consultório.

Elise fez menção de colocar a mão no meu ombro, mas me esquivei. Era só o que me faltava! A mulher mal me conhecia, pelo amor de Deus. Ela assentiu, sem se desfazer da expressão bem-humorada e fez um gesto para que eu entrasse em sua sala.

O interior era pequeno, mas muito aconchegante. Todo em tons de cinza, com vários objetos de decoração de um amarelo bem forte, como a luminária, ou a estante abarrotada de livros acadêmicos. Ao contrário do que eu imaginava, não tinha um divã como nos filmes, mas sim um sofá listrado de cinza e branco que parecia bem confortável, com várias almofadas em cima.

Ergui o capuz do moletom, escondendo o meu rosto. Então sentei no sofá, apoiando os cotovelos nos joelhos e cruzando as mãos.

Elise se sentou em uma poltrona amarela de frente para mim, repousando as mãos sobre o colo de maneira delicada e me encarando com a sombra de um sorriso no rosto. E, naquele exato instante, fui contaminado

pela raiva que abrigava dentro de mim. Um ódio vil correu pelas minhas veias. Estar ali, naquela sala bem decorada e artificial, era patético. Aquela mulher me olhando como se eu fosse a pessoa mais importante do mundo era patético. Eu odiava a minha mãe por isso. A odiava por pensar que toda aquela merda fosse resolver a minha vida.

— É um prazer conhecer você, Martin — falou, com a voz branda, tranquila. Parecia que nada do mundo poderia a tirar do sério. — Sua mãe fala muito de você.

Eu dei uma risada baixa, revirando os olhos.

— Aposto que sim.

Seus olhos percorreram meu rosto, como se lendo nas entrelinhas. Analisando coisas de que eu não tinha controle, como a minha posição, ou a expressão que eu fazia. Me senti exposto, vulnerável, fraco. A raiva inflamou ainda mais.

— Vamos fazer assim? Eu falo um pouco de mim e depois você me conta um pouco de você, pra gente se conhecer melhor.

— Tanto faz... — resmunguei alto, de propósito, e abaixei a cabeça entre as pernas, para fugir do seu olhar. — Faça o que você quiser.

— Meu nome é Elise — começou, sem se deixar afetar minimamente pela minha resposta. A odiei ainda mais por isso. — Tenho vinte e nove anos. Sou geminiana. Sempre gostei de conversar com os meus amigos, ajudar todo mundo a resolver os problemas... foi assim que percebi que queria virar psicóloga. — Ela fez uma pausa que pareceu durar uma eternidade. — Minha cor favorita é amarelo. Acho que deu pra notar, né? E eu acho que a sua é preta, estou certa?

Esfreguei o rosto, fazendo todo o esforço do mundo para não vomitar. Eu devia ter comido alguma coisa antes de ir para lá. Na verdade, eu nem devia ter saído de casa. Nada disso estaria acontecendo.

— Aham — respondi depois de um silêncio medonho. Ela estava se esforçando tanto que me senti mal por não falar nada. Mas não mal o suficiente para mostrar mais de mim.

— Tem algum motivo especial?

Dei de ombros, erguendo o rosto para buscar seus olhos. Estavam fixos em mim. Meio sem pensar, arrastei o capuz, revelando um pouco mais do meu rosto. Ela permaneceu impassível.

— Sei lá. Preto é prático. Posso usar uma roupa inteira preta, mas não

posso usar uma inteira... *amarela*. — Ela abriu um sorriso divertido, assentindo para eu continuar. — E preto meio que não é *nenhuma cor*. Ele absorve todas, não reflete nada. Uma cor que não é uma cor.

Dessa vez ela riu baixinho, seus olhos se iluminaram. Por uma fração de segundo, esqueci da minha raiva.

— Quer me falar mais sobre você?

Esfreguei o rosto, cansado. Eu não queria fingir que éramos amigos. Não queria fingir que estava animado. Nem queria estar lá, em primeiro lugar.

Quando tirei as mãos de frente do rosto, percebi seu olhar nos machucados e me preparei para a pergunta. Sempre vinha. O que tinha acontecido? Por que eram assim? Sei lá, tinham variações, mas era sempre a mesma merda.

— Não, não quero. Vai por mim: isso é o que *menos* quero. — Minhas palavras soaram mais secas do que eu gostaria. — Se a ideia fosse falar da minha vida pra uma desconhecida, eu fazia vídeos para o Youtube, ou sei lá. Mas minha mãe quer torrar o dinheiro dela com isso aqui — Fiz um gesto indicando nós dois. —, quem sou eu pra negar? Só não me peça pra participar desse teatrinho porque não vou.

Cruzei os braços em frente ao peito, afundando as costas no encosto do sofá.

— Por que *teatrinho*? — indagou, ainda sem se deixar abalar. De tudo o que eu tinha falado, ela só tinha se apegado essa palavra. *Que ótimo*.

— Não vejo como a minha cor favorita pode ajudar a resolver os meus problemas. Ou o meu signo. Que babaquice.

— Saber sua cor favorita não vai mesmo ajudar a resolver o seu problema, Martin. Mas precisamos nos conhecer primeiro, concorda? — Neguei com a cabeça, como uma criancinha birrenta, mas ela ignorou. — Você disse que não vai contar a sua vida para uma desconhecida. Acho que podemos focar nisso primeiro.

— Aham. Como quiser. — Respondi, puxando o capuz sobre a cabeça outra vez e fechando os olhos.

Uma parte de mim odiava esse Martin.

Ele era desprezível. Irritante. Afastava as pessoas sem a menor dificuldade.

Mas era graças a ele que eu estava vivo, por isso tudo o que fiz foi

deslizar ainda mais, ficando praticamente deitado no sofá.

— Me chama quando minha mãe chegar, fazendo um grande favor.



*Mas eu sou insignificante
(...)
Que diabos estou fazendo aqui?
Eu não pertencço a este lugar
Radiohead – Creep*

Meu coração acelerou quando ouvi a porta do meu quarto sendo aberta devagarzinho, quase como se a pessoa do outro lado estivesse com medo de me acordar e lidar comigo. Respirei fundo, ainda de olhos fechados, apesar de estar acordada há muito tempo.

O som abafado de passos sobre o tapete fofo me deixou com o coração apertado.

Não.

Ainda não.

Não tô preparada.

Não quero isso.

A cama afundou do meu lado direito, quase no mesmo instante em que o cheiro doce do perfume de mamãe penetrou minhas narinas, me confortando. Ela tinha esse poder de me tranquilizar até quando não fazia a menor ideia disso.

Sua mão foi parar na minha testa, afastando alguns fios de cabelo do rosto. O toque era brando, delicado. Estava sendo mais gentil que o normal. Porque ela sabia o que esse dia significava para mim. Todos lá em casa sabiam. A verdade é que eu não tinha deixado ninguém esquecer, com os meus constantes ataques de pânico e surtos de choro.

Meu primeiro dia de aula.

A Alana de antes já estaria acordada a uma hora destas, se maquiando em frente ao espelho do banheiro. Depois rumaria para a cozinha e pegaria alguma fruta qualquer, para comer a caminho da escola. Ela estaria vibrando em rever todo mundo. Os rostos familiares com quem tinha crescido. Principalmente o de Pietro. Provavelmente eles fariam alguma coisa depois da aula, como ir ao cinema, para um filme que com toda a certeza não veriam, pois estariam ocupados demais se beijando até ficarem com os lábios dormentes.

Mas eu não era mais essa Alana. E era por isso que eu tinha passado a noite toda em claro, revirando de um lado para o outro enquanto tentava pensar em como seria a minha vida daqui para frente. Até aquele momento, só tinha me concentrado em como *não* seria. Eu não seria uma *ubermodel*, por exemplo. Mas nunca parei para refletir no que isso significava. Eu precisava continuar vivendo. E como seria viver assim?

Ainda mais naquele ambiente, em que todos me conheciam há tanto tempo? Apesar dos meus colegas de classe não estarem mais lá, o resto do colégio estava. Pessoas que vi crescerem, enquanto eu mesma esticava e mudava de diversas maneiras.

Eu *não estava* preparada.

Parecia uma péssima ideia, na verdade.

Enquanto me perdia nesse abismo de negação, fui atingida em cheio pela voz insegura de mamãe.

— Nana... acorda. É o grande dia.

Grande dia.

Grande dia.

Grande dia.

Meu Deus, como eu poderia atravessar a entrada daquele colégio sem desmoronar? Lá, cada centímetro era repleto de lembranças, de momentos felizes. De uma época em que eu era completa, inteira.

Mas agora, todos saberiam. Todos me acompanhariam com o olhar,

tentando notar a diferença. Imaginando como meu corpo mutilado era. O quão horrorosa eu estava. Logo eu, a menina com o futuro traçado.

Pestanejei, focando a visão nela. Mamãe tinha os cabelos presos para cima e os óculos torto para a direita, como sempre. Mas, agora, detalhes diferentes se espalhavam pelo seu rosto, detalhes que surgiram depois do acidente. Como as olheiras profundas, ou o vinco permanente entre as sobrancelhas.

Nossa família tinha mudado tanto... havia o *antes* do acidente e *depois* do acidente. Embora o fardo maior fosse o meu, não podia negar o quanto tinha afetado a todos.

— Tá ouvindo esse som? — perguntou, abrindo um sorriso doce para mim. Seus olhos traçaram círculos pelo meu rosto, examinando, estudando.

— Que som? — perguntei, com a voz grossa de sono.

— Os bem-te-vis cantando — explicou, agarrando minha mão direita. — Tá começando um novo dia, meu amor. E tudo pode acontecer. Tá nas suas mãos — ao dizer isso, ela abriu minha palma e deixou um beijo estalado bem no centro.

Fiquei olhando enquanto ela fechava meus dedos e levava o meu punho para o seu peito, em um gesto protetor. E, então, tudo aquilo foi demais para mim.

A quem tô tentando enganar?

Não vou conseguir.

Não posso.

Não dá.

Olha só pra mim.

Meu queixo tremeu. Antes que eu conseguisse evitar, um choro desesperado escapou da garganta, ocupando todo o quarto.

O pânico me acorrentou com suas correntes grossas. Contornou todo o meu corpo, me impedindo de me mexer. Apertei os olhos, tentando suportar a dor intensa que vinha da alma. Muito pior que a dor do acidente. Me quebrava em mil pedacinhos diferentes, até que não sobrasse nada.

Mamãe me abraçou apertado, deixando vários beijinhos no topo da minha cabeça. Mas, dessa vez, nem mesmo seu afago conseguiu desviar a minha atenção da agonia paralisante. Retribui o abraço, pois precisava disso. Precisava me firmar nela, ou eu rolaria ladeira abaixo, em um caminho tão fundo que eu duvidava que fosse capaz de voltar para a superfície outra vez.

Não posso.

Não posso.

Não posso.

— Por favor, mãe — pedi, e minha voz era um uivo de agonia. — Por favor. Por favor. Por favor. Tudo menos isso. Eu nunca mais reclamo. Nunca mais choro por isso. Faço o que você quiser. Mas me deixa ficar em casa. Não vou conseguir. Não vou. É demais.

A cada palavra, mais força eu colocava em meus braços. Só para me certificar de que ela continuava ali. Comigo. Por mim. Sua mão subiu e desceu pelas minhas costas, devagarzinho, na esperança de que só isso bastasse para fazer o meu choro cessar. Mas não bastou.

O medo me consumia, se espalhando por cada centímetro do meu corpo. Cravei os dedos em sua camiseta, puxando como se quisesse rasgar. Minhas lágrimas ensoparam o tecido. Havia tantas que minha impressão era de que acabaríamos afogadas em todo aquele choro.

— Meu amor... — mamãe arriscou, em um gemido cheio de pesar. — Eu sei que é difícil. Sei que é assustador. Mas nós estamos aqui por você. Olha pra mim.

Neguei com a cabeça, enterrando-me ainda mais em seu corpo, como a casca de um caracol. Queria me esconder ali e fugir dos problemas para todo o sempre.

— Por que precisa ser na mesma escola? — perguntei, embora já tivéssemos conversado sobre isso incansáveis vezes nos últimos meses. — Todo mundo me conhece de *antes*, mãe. Eles sabem. Vai ter gente achando bem-feito e ter gente com dó, e eu nem sei o que é pior! — exclamei, e minha voz saiu abafada em seu peito. — Por favor! Por favor. Me coloca em outra escola. Me deixa ficar mais um ano em casa. Me ajuda, mãe. *Me ajuda.*

Minha mãe lutou para se libertar de mim. Eu não facilitava e tentava me esconder mais e mais nela. Queria voltar a ser um bebê em seu ventre e esquecer todos os problemas.

Quando conseguiu se afastar alguns centímetros, segurou meus pulsos com carinho, os olhos grudados em mim. Fugi do seu olhar intenso, focando na estampa floral do meu lençol.

— Olha pra mim, meu amor.

Neguei outra vez, mas logo seus dedos foram parar no meu queixo e me forçaram a erguer o rosto até que nossos olhos voltassem a se encontrar.

— Nós já conversamos sobre isso... muitas vezes. Outra escola a essa altura é pior. Ali todo mundo te conhece, a escola é pequena, vão poder te dar suporte. Você cresceu com aquelas pessoas, Nana.

— Mas mãe... — choraminguei.

— É seu último ano, filha. O último. Falta muito pouco. Foca nisso. Depois você vai poder fazer o que quiser da vida, mas primeiro você precisa se livrar disso — mamãe engoliu em seco. Só então notei que seus olhos brilhavam além do normal. Mas ela estava se esforçando para não derramar nenhuma lágrima. Conhecendo minha mãe como eu conhecia, só se entregaria ao choro depois que eu saísse de casa, e não antes. — Vamos fazer assim: promete que vai tentar ir na aula esse mês. Só esse mês. Depois a gente conversa e descobre se tá tão ruim assim. Mas, olha, eu acho que você precisa tentar.

Dei a batalha por vencida, percebendo que mamãe não mudaria de ideia.

Ela podia ser amorosa e compreensível, mas também tinha pulso firme. Ainda mais quando se tratava de fazer o que considerava melhor para mim e Nicole. Não me restava nada além de aceitar.

— Um mês? — perguntei, por fim. — Só um mês? Depois disso vou poder trocar de colégio?

Ela comprimiu os lábios, deixando transparecer a tristeza em sua feição.

— Se você quiser, sim. Eu prometo.

— Um mês — repeti, pensando no que isso significava.

Quatro semanas.

Trinta dias.

Trinta dias que eu precisaria vencer aquela luta interna que vinha me acompanhando desde o acidente.

Colocando nessa perspectiva, parecia uma eternidade. Meus dedos tremiam levemente, tamanho era o meu medo. Mas, por outro lado, eu pensei que tudo tivesse acabado quando acordei na UTI e recebi a pior notícia de todas.

E, bem, não tinha.

Seis meses já tinham passado, muita coisa tinha acontecido, e eu continuava viva.

Nem feliz, nem esperançosa, era verdade, tampouco achava que um

dia voltaria a ser a mesma Alana de antes. Mas estava viva. Eu tinha aguentado a pior parte. Tinha passado pela cadeira de rodas, pelas muletas, fiz o processo todo. E, agora, estava me adaptando com a prótese.

Trinta dias passariam rápido, no fim das contas.

— Tá bom. Mas lembre disso depois, viu? — apontei meu dedo para ela, fitando seus olhos profundamente. — Você me deu sua palavra.

— Dei, e vou cumprir com ela se for o caso — mamãe segurou o meu dedo e o puxou em sua direção, desarmando a minha carranca. Então, aproveitou para deixar uma sucessão de beijinhos nas costas da minha mão. — Mas acho que não vai precisar, Alana. Você é forte, vai conseguir passar por isso. Quando se der conta, já vai estar livre.

Umedeci os lábios, me agarrando as suas palavras. Eu precisava disso, ou não teria forças.

— Tomara, mãe — assenti, a observando se levantar.

— Seu pai vai colocar pão de queijo pra assar. Você quer quantos?

— Cinco — respondi, sem um pinga de culpa.

Afinal de contas, quem se importava com as medidas do meu quadril? Quem se importava se eu engordasse alguns quilos? A voz de Naomi, antes tão presente, agora não passava de um fantasma esquecido no passado, enterrado junto com a minha perna amputada.

Sempre que pensava nisso, sentia um gosto amargo e vil na boca. O acidente tinha acontecido há poucos meses, mas, para mim, parecia em outra década. Em outra vida. Eu era outra Alana.

Minha vida virou de ponta cabeça e, depois disso, nada mais encaixou no lugar. E nem ia. Estava acabado. Eu tentava não pensar tanto nas coisas que tinha deixado para trás, embora elas fossem bastante presentes, porque, do contrário, perderia o resquício de força que me sobrava para continuar. Em vez disso, eu apenas olhava pra frente, sem nunca ousar desviar a atenção para encarar o passado. O futuro era tudo o que me restava. Não havia nada que eu pudesse fazer sobre as coisas que perdi, além de enterrá-las bem fundo no coração.

Com um suspiro desanimado, tomei impulso para levantar da cama. Me apoiando na parede, olhei para baixo, para as minhas pernas. A direita, que me firmava, com as unhas dos pés pintada de rosa. E a esquerda, terminando acima do joelho. A aparência do meu coto já era muito melhor que há alguns meses. Tinha cicatrizado, desinchado, e, depois de várias

sessões de fisioterapia, ganhado um formato arredondado e liso, adequado para receber a prótese.

Um dos exercícios de autoestima que aprendi com a minha psicóloga se tratava de me olhar com calma diariamente, o máximo que pudesse, para me acostumar com a nova imagem. Afinal, passei dezessete anos da minha vida de um jeito e agora precisava me reconhecer nessa nova versão de mim.

Pulei em um pé só até o guarda-roupa, deslizando a porta de correr sem muita vontade e encontrando um interior abarrotado de roupas que não conversavam mais com quem eu era. Aquelas roupas eram cheias de histórias — que, no geral, eu não queria lembrar. Peças que ganhei de permuta, peças que comprei com o meu próprio dinheiro, peças que usei em castings. Já fui tão apegada a esse negócio de estar na moda. Naomi pegava muito no meu pé sobre uma modelo precisar investir no marketing pessoal. Estar sempre impecável. E eu levava tudo muito a sério.

Adorava calças skinny, que contornassem meu corpo, além de shorts e saias curtíssimos. Sempre amei minhas pernas longas, e quase todo o meu guarda-roupa consistia em peças que as deixassem à mostra.

Mas francamente? Tudo o que eu queria e precisava agora era uma roupa que me escondesse. Que me cobrisse inteira para que ninguém conseguisse vislumbrar o que tinha por baixo. Baguncei tudo a procura das calças de tadel que eu costumava vestir para malhar na academia.

Meus olhos marejaram. Era humilhante demais. E, de repente, não tive tanta certeza de se trinta dias seriam suportáveis.

No colégio em que estudei a vida inteira, não tinha uniforme para os alunos do ensino médio. O que significava um verdadeiro desfile de moda. Na teoria, as meninas não podiam usar nada acima do joelho, mas, na prática, todo mundo fazia o que bem entendia.

E a questão é que eu amava. Estar na escola era como ser uma celebridade. Todo mundo sabia que eu trabalhava como modelo desde sempre. Mesmo quando estava com Pietro, eu me sentia bem sabendo que era o centro das atenções — dos meninos e das meninas. Queria que todos me olhassem com admiração. E, um dia, quando eu estivesse no topo das passarelas, todos estufariam o peito para contar, em uma roda de amigos, que estudaram comigo. Que me conheceram. Que foram meus amigos. Que me namoraram.

Mas isso nunca aconteceu. A Alana Martins jamais seria uma

celebridade. Só uma menina amputada, desejando, com todas as forças, que o mundo a engolissem.

Sentei na cama outra vez, vestindo a calça com dificuldade. Ninguém mais me olharia com admiração. Em vez disso, estariam todos curiosos. Como se eu fosse uma atração bizarra do colégio, que todos vinham aguardando ansiosamente.

Subi o tecido da perna esquerda da calça deixando a pele à mostra, e então me estiquei para alcançar o liner de silicone sobre o criado-mudo, uma espécie de meia que eu usava para encapar o coto e evitar que a prótese machucasse a minha perna. Em um movimento já habitual, o desenrolei perna acima, e o silicone terminou na altura da coxa. Deslizei os dedos pelo material branco, um pouco sujo em algumas partes, sem conseguir lutar contra a melancolia.

Nunca imaginei como essas coisas funcionavam antes. Sequer parei para pensar. Em toda a minha vida, jamais tive contato com nenhuma pessoa com deficiência. Acho que isso foi o que mais me desesperou no começo. Eu não fazia ideia de nada. Tinha uma porção de ideias erradas na cabeça, como, por exemplo, achar que a prótese era fixa. Ou então que a perna da pessoa terminava onde a prótese começava.

E não era nada disso.

Além do mais, minha fisioterapeuta me assustou bastante com o lance de sentir dor. Quero dizer, no começo doeu. Doeu bastante. Mas era só o começo. Afinal, meu fêmur não estava acostumado a sustentar tanto peso.

A verdade é que eu já não sentia tanto. Ainda era muito difícil. Eu mancava e tropeçava mais do que gostaria. E, às vezes, quando forçava muito, precisava lidar com as consequências. Mas, caramba, só o fato de poder andar já tornava tudo infinitamente melhor. Era reconfortante sair do lugar em que estava. Prosseguir. Todo mundo dizia que eu poderia retomar a minha vida de antes. Eu sabia que jamais poderia, mas era maravilhoso poder voltar a andar. Ter minha independência. Me sentir uma pessoa normal.

Minha explosão naquela madrugada logo depois que voltei para casa do hospital foi o empurrãozinho que faltava para papai e mamãe entrarem em um consenso. Depois disso, não tiveram mais brigas e discussões acaloradas. E, dois dias depois, os dois chamaram Nicole e eu para uma conversa na sala. Com a cadeira de rodas posicionada de frente para o sofá onde os três estavam, tive a sensação terrível de que me dariam um sermão sobre a cena

que fizera dias antes. Mas não. O motivo da reunião foi que queriam dar uma notícia. Uma boa notícia.

— Queremos fazer tudo o que pudermos pela sua recuperação, Nana — disse mamãe, esticando a mão e tomando a de papai. Sem nem perceber, ele ergueu a mão dela e deixou um beijo. — Vamos comprar uma prótese pra você, meu amor! Da melhor que tiver. Tudo pra te ajudar nesse momento delicado.

Mordi o lábio inferior, e foi como se tivesse sido acertada com um chute na boca do estômago.

Pestanejei, sem parar, olhando de um para o outro. Eu tinha ouvido a discussão deles. Papai disse que era mais caro que um carro popular. E ainda havia os outros gastos. E, embora a ideia de ter uma oportunidade melhor me seduzisse, eu não queria ser a ruína da família. Não queria que meus pais se endividassem só para me dar uma perna, que eu tinha perdido. Quero dizer, eu não merecia. Não mesmo. Foi culpa minha, se eu tivesse feito as coisas direito, se não tivesse deixado para arrumar a mala na última hora... era para eu ter as duas pernas agora.

— Vo-vocês têm certeza? — perguntei, boquiaberta. Os dois assentiram, os sorrisos de orelha a orelha. — Mas... papai disse que é mais caro que um carro, e... não posso fazer isso com vocês. Eu te-tenho o dinheiro da minha poupança. Posso ajudar com os gatos...

Minhas palavras morreram no ar quando, com lágrimas nos olhos, papai levantou do sofá e se agachou na minha frente. Tomando minhas mãos nas suas, ele negou com a cabeça.

— Não dê ouvidos pra nada disso, querida, nem por um segundo. Sua mãe tinha razão o tempo todo. Nem todos têm essa chance... essa oportunidade..., mas *nós* temos. E *queremos* fazer isso por você — ele alisou as costas das minhas mãos com os polegares. Eram ásperos, calejados. — Quando vocês nasceram, prometi pra mim mesmo que nunca deixaria nada faltar. Faria tudo o que tivesse ao meu alcance. E agora, mais que nunca, preciso honrar com minha promessa.

— Mas pai...

— Shhhh — papai levou minhas mãos ao seu coração e as cobriu com as suas. — Tá tudo sob controle. Tudo sob controle. Não precisa se preocupar com nada disso, meu amor. Aquele dia... eu tava nervoso. Todos nós estamos. É uma mudança e tanto e só queremos contribuir pra sua recuperação.

Nenhum de nós tem como saber o que você tá passando, mas estamos tentando. Não esqueça disso, tá?

Tentei encontrar palavras, mas nenhuma saiu. Preferi responder com um abraço apertado e cheio de lágrimas de emoção. Em uma fração de segundo, os braços de mamãe e Nicole nos contornaram e assim ficamos. Talvez por minutos, talvez por horas. Unidos. Um sustentando o outro. Como sempre foi e como deveria continuar sendo.

Depois disso, meus dias se resumiram à prótese. Pedimos indicações a Dra. Helena, minha ortopedista, e ela nos passou uma lista de lugares. Mamãe passou uma tarde inteira com a orelha grudada ao telefone, fazendo orçamentos, sanando suas dúvidas. Por fim, acabamos escolhendo um lugar em uma cidade vizinha.

O processo todo era bem demorado. Segundo nos foi explicado, as próteses variavam de acordo com a necessidade do paciente. Tinham próteses para atletas, próteses para recém-amputados, próteses que visavam uma aparência mais natural... enfim. Eram muitas opções.

Acabei escolhendo um modelo eletrônico que facilitava na caminhada. Minha mãe pensou que eu fosse escolher uma perna com acabamento em silicone super-realista. Mas eu não pretendia mostrar para ninguém, mesmo. Por isso preferi a que me traria mais vantagens que apenas estética.

Tiramos as medidas do meu coto, fizemos o molde e, alguns dias depois, voltei para fazer a primeira prova e os ajustes. Em nenhum desses dias caiu a minha ficha do que estava acontecendo. De que eu voltaria a andar se me esforçasse. Não era nem de longe o cenário ideal, mas ao menos era alguma coisa. Ao menos eu poderia me virar sozinha. E, por isso, uma sementinha de expectativa germinava dentro de mim.

Balancei a cabeça, voltando para o presente. Alcancei minha prótese recostada na parede, logo ao lado da cama, ainda tentando lutar com a torrente de pensamentos que invadia minha mente, trazendo sempre o pior cenário possível. Em questão de segundos, me imaginei caindo na frente de todo mundo no colégio, pensei no constrangimento que seria a educação física, e mais um milhão de humilhações diferentes. Um milhão de formas que o dia poderia dar muito errado.

Minha perna apitaria sem parar no aeroporto e em bancos? E eu precisaria mostrar sempre a razão disso? Quero dizer, eu não podia fingir que

era uma pessoa normal. Sempre existiriam situações trazendo a minha triste realidade à tona.

Limpei uma lágrima que escorreu pela bochecha com as costas da mão.

Só hoje.

Tenta só hoje.

Um passo de cada vez.

Termina de se arrumar e depois você dá o passo seguinte.

Depois você pensa nisso.

Você nem vai pra um aeroporto agora, pelo amor de Deus.

Encaixei a prótese na perna e, delicadamente, a subi até que encaixasse no coto. O ar escapou pela válvula, deixando o interior a vácuo, o que impedia que a prótese saísse do lugar. Tomando impulso com os braços, me levantei, firmando-me em minhas pernas.

Minhas pernas.

Foi inevitável me encarar no espelho. A calça permanecia arregaçada, revelando a perna rosa elétrica. Olhei para a perna direita e a comparei com a esquerda, imersa em melancolia.

O que Pietro diria se me visse assim? O que ele pensaria de mim? Eu ainda seria bonita aos olhos dele?

Fechei os olhos, respirando fundo.

Era óbvio que não. Ninguém queria uma pessoa pela metade. E isso é o que eu era. Incompleta. Defeituosa. Eu só queria poder voltar no tempo e fazer tudo diferente.

Se eu não tivesse deixado a porcaria da mala para arrumar na última hora... se eu não tivesse saído com Pietro na véspera e ficado até tarde da noite na rua. Caramba, por que eu fui arrumar a bagunça de papai? Por que só não forcei a mala como dava? Por que fiquei enrolando na cama em vez de só levantar e fazer o que precisava?

Ainda de olhos fechados, fui seduzida pelo filme que se projetava em minha cabeça, caso o acidente nunca tivesse acontecido. Meu apartamento de um cômodo no Japão, o sufoco de não saber falar inglês muito bem, eu tendo que me virar para conseguir honrar com os meus compromissos.

Tudo isso seria um motivo de orgulho depois. Quando eu fosse reconhecida, estufaria o peito para contar em entrevistas que, apesar de ter saído de uma cidade minúscula, eu tinha conseguido. Tinha chegado lá.

Mas onde era *lá*?

E o que me restava agora que não existia mais esse destino?

Arrumei a calça no lugar e depois calcei meus tênis sem cadarço. Era bem mais fácil, eu só precisava enfiar o pé e pronto. Calcei o pé direito sem esforço e então sentei na cama para encaixar o outro par no pé da prótese. Deslizei o sapato pelo material liso e um tom acima da minha pele, que mais se parecia com um pé de manequim.

E então continuei me estudando no espelho. Olhando assim, eu quase passava por uma menina como outra qualquer. Um pouco mais pálida que o normal, e cheia de olheiras e melancolia, mas inteira. Quem poderia dizer o contrário olhando de fora?

Desde que não tivesse uma porta com detector de metais para me denunciar, eu estava bem. Mesmo que, na verdade, as coisas estivessem péssimas por dentro, mas ninguém precisava saber disso. Eu podia fingir. Eu *ia* fingir.

Terminei de me arrumar no modo automático. Não me preocupei em usar maquiagem como costumava fazer, nem arrumar o cabelo. Em vez disso, o prendi em um coque no alto da cabeça, despreocupada com os fios escapando para todos os lados. Nada disso tinha importância. Tudo ficou tão pequeno perto do problema maior.

Na mesa do café da manhã, a tensão era tangível. Todos me vigiaram com atenção, temendo que eu simplesmente surtasse. E eu estava por um fio. Meu coração disparava do nada, ao mesmo tempo em que eu começava a suar frio, pensando no terror que me aguardava. Nesses momentos, precisava respirar fundo e repetir os mantras que vinha aprendendo na terapia.

Um passo de cada vez.

Termina de tomar seu café da manhã.

Isso é assunto pra depois.

Você só precisa aguentar hoje. Só hoje.

Se aguentar hoje, o resto vai ser fichinha.

— Tá se sentindo bem, gatinha? — papai perguntou, me buscando outra vez para o presente.

Pisquei algumas vezes, e só então me dei conta de que estava com o braço parado a poucos centímetros da boca, segurando um pão de queijo mordido que provavelmente já devia ter ficado gelado.

— Hum... não muito — admiti, encolhendo os ombros.

Papai esticou a mão grandalhona, cobrindo a minha mão livre. O polegar deslizou suavemente pela minha pele, em um carinho cálido que alcançou meu coração.

— Sua mãe conversou comigo sobre o... acordo de vocês — ele olhou de mim para ela, com uma expressão curiosa no rosto. — Eu sei que pode parecer quase impossível e que é cruel da nossa parte, mas às vezes precisamos de um empurrão um pouco forte pra sairmos do lugar, querida — Ele agarrou minha mão como se ela fosse uma coxinha e, surpresa, busquei seus olhos. — Quando os pássaros precisam aprender a voar, a mãe deles os atira do ninho, Alana. Elas simplesmente jogam os filhotes, porque sabem que eles precisam disso. Precisam desse choque. Não esqueça disso. Você é o nosso bem-te-vi mais bonito. E o único cor de rosa que eu conheço.

Quando dei por mim, tinha um sorriso largo no rosto. Pestanejei, usando uma força sobre-humana para não cair no choro. O que eu menos precisava era chegar na escola com a cara inchada e vermelha. Em momentos como esse, ficava superevidente para mim o tamanho da minha sorte. Não sei se suportaria tudo isso com outros pais que não os meus.

Como se ouvindo meus pensamentos, papai deixou um beijinho nos nós dos meus dedos, mas continuou com a minha mão sobre os seus lábios, de modo que os senti mexer conforme falava:

— Eu sei que você consegue. Na verdade, todos nós sabemos. Você é forte, é batalhadora e determinada. E sabe disso. Só precisa se lembrar de onde escondeu essa força — Assenti. Minha visão tinha virado um borrão. Estava cada vez mais difícil não ceder às lágrimas. — Mas, mesmo assim, quero que me prometa uma coisa. Se você sentir que ainda não é a hora, se alguma coisa acontecer, qualquer coisa, Alana, promete que vai contar pra gente imediatamente?

Arregalei os olhos, sem entender exatamente onde ele queria chegar.

— A gente acredita em você, mas a única pessoa que pode dizer isso é você mesma, querida — mamãe explicou, esticando a mão para acariciar o meu ombro. — Se você achar que um mês é muita coisa e que não vai aguentar, não precisa esconder isso de nós. Aliás: não deve.

Mordi o lábio inferior, fugindo dos olhares preocupados e focando a atenção para os meus pés embaixo da mesa.

— Tá b-bom — resmunguei, porque isso os tranquilizaria. Mas, se era possível, eles tinham me apavorado ainda mais com aquela conversa em tom

conspiratório, como se soubessem exatamente o que aconteceria dali para frente. — Prometo.

Nicole e eu nos despedimos deles e, já na rua, notei que mamãe e papai nos observavam da sacada. Eram pontinhos de nada, mas estavam ali, me vigiando. Eu sempre ficava me perguntando como isso tudo devia ser para eles. Se eles se culpavam, ainda que não fosse culpa deles. Se temiam que outro acidente pudesse acontecer. Se o coração deles se comprimia até se resumir a uma uva passa quando nos deixavam sozinhas, soltas no mundo, onde tudo podia acontecer.

Nicole enroscou o braço no meu, olhando para os dois por um instante.

— Eles vão parar de fazer isso.

— Eu sei.

— Lembra quando começamos a ir sozinhas pro colégio? — perguntou, com um sorriso tímido no rosto.

Dei uma risada alta e espontânea que surpreendeu a nós duas, fazendo com que Nicole risse também. Quando eu estava na oitava série, com quatorze anos, e Nicole com sete, conseguimos convencer nossos pais a nos deixarem fazer o trajeto de seis quarteirões sozinhas. O que foi uma conquista e tanto, levando em consideração o quanto eram preocupados.

Mas então, pouco mais de uma semana depois, descobrimos que eles nos esperavam sair e então nos seguiam de carro. E o pior é que nem tentavam disfarçar, mantendo uma distância segura ou algo do tipo! Francamente... meus pais eram terríveis. E por isso mesmo que meu coração quebrava sempre que eu parava para pensar o quanto tudo também era difícil para eles. Mamãe vivia dizendo que só entenderíamos certas coisas quando tivéssemos nossos filhos. Mas, nessa situação, eu conseguia imaginar o que era você amar tanto uma pessoa que queria poder roubar a dor dela só para que ela parasse de sofrer.

E, ao pensar nisso, lembrei de Nicole me dizendo que preferia ter sido ela no meu lugar e, sobretudo, lembrei do que eu disse para ela depois. Minhas bochechas queimaram instantaneamente. Ela percebeu.

— Que foi?

— Nada — respondi, rápido demais. — É que... sei lá. Não tô sendo uma pessoa muito agradável ultimamente.

— É meio que o esperado, sabe? — ela respondeu, ajeitando os

óculos com o dedo indicador. —Você tá passando por um momento horróroso, aproveite pra ser superchata e irritante agora, enquanto a gente ainda entende. Daí quando você virar uma adulta, você vai poder estufar o peito pra dizer que foi uma adolescente clichê.

Apertei o nariz dela de levinho, sem conseguir conter a vontade de rir.

Às vezes nem parecia que Nicole era a mais nova. Ela era tão inteligente, tão sensata.

— Depois não adianta reclamar, viu — adverti, arrancando uma risada calorosa dela.

O resto do caminho me ajudou a esquecer um pouco.

Não só que eu estava caminhando para o meu abate, mas também os acontecimentos recentes. Na maior parte do tempo, depois do acidente, eu era constantemente lembrada de todas as mudanças enormes que minha vida estava sofrendo. Mas ali, caminhando para o colégio de braços dados com a minha irmã mais nova, foi como se nada tivesse acontecido. Foi como se os últimos seis meses não passassem de um fruto da minha imaginação.

Era uma situação tão trivial, tão segura para mim, que esqueci da prótese rosa que eu tentava fazer o possível para não deixar que as outras pessoas notassem. Era quase como se, dali a poucos meses, eu ainda fosse viajar para o Japão. Quase como se Pietro estivesse me esperando em frente ao colégio, apoiado com uma perna no muro, segurando um caderno em frente ao corpo. Eu me desvencilharia de Nicole (que estaria revirando os olhos, provavelmente) e correria para um abraço, apressada para passar um tempinho com ele antes das aulas começarem.

No entanto, o devaneio durou pouquíssimo. Muito menos do que eu gostaria. Bastou que virássemos a esquina e eu visse os muros amarelos pálidos da escola para meus ossos ficarem com consistência de gelatina.

Parei de súbito, fazendo com que minha irmã tropeçasse no lugar. Neguei com a cabeça em um movimento tão forte que fez o meu pescoço estalar. Só dei conta da força com que estava segurando o braço de Nicole quando ela gemeu e se desvencilhou, me encarando com atenção.

— Nana... — começou, mas continuei negando, recuando alguns passos.

— Não. Não. Não. Não — entoei baixinho, como um mantra.

O mesmo pavor da hora em que acordei voltou em cheio, me amarrando em um laço apertado. Onde eu estava com a cabeça? Como não

bati o pé um pouco mais e implorei para mamãe entender o meu lado? Eu achava mesmo que aguentaria um mês naquele lugar?

Quero dizer... era cruel. Tudo ali, tudo, era um constante lembrete das coisas que eu havia perdido. Tudo ali piscava, como um letreiro em neon, para que eu não esquecesse, nem por um segundo, o que tinha acontecido.

Aqueles muros... aquele lugar... meu Deus. Eu não aguentaria. Cresci ali. Foi a única escola em que estudei, desde a pré-escola. Eu conhecia cada rosto, de outros alunos, dos professores, dos funcionários. Cada lugarzinho era repleto de lembranças. Das antigas, às recentes.

E era o fato de tudo permanecer igual que acabava comigo. Porque eu já não era mais a mesma. Precisava de um lugar em que ninguém me conhecesse de antes, para que não houvesse comparação. Precisava de um lugar que não fosse repleto de armadilhas, só a espera de um momento de distração para me prenderem pela perna e me deixarem de ponta cabeça em um mar de sensações.

— Não posso, Ni. É... demais pra mim. Demais. Vocês não entendem. Eu preciso... preciso voltar. Agora — cuspi as palavras rápido demais para conseguir acompanhar.

Minha irmã mais nova retorceu o rosto em uma careta de sofrimento, de quem tentava se colocar em meu lugar e entendia o quanto era doloroso. Mas eu a conhecia bem e, por isso mesmo, não foi uma surpresa quando Nicole me puxou para um abraço e começou a falar ao pé do meu ouvido:

— Você não pode desistir assim tão perto.

— Posso sim — rebati, um pouco áspera.

— Já chegamos até aqui. Só precisamos seguir em frente e entrar no colégio.

— Nicole... por favor. — respirei fundo, engolindo o choro outra vez. — Achei que seria mais fácil. É humilhante demais... claustrofóbico demais. Eu jamais desejaria isso pra alguém.

Minha irmã se afastou poucos centímetros, ficando de frente para mim, com as mãos pousadas em meus ombros. Seus lábios se entreabriram três vezes, sem emitir som algum. Foi só depois de engolir em seco que ela conseguiu encontrar a voz outra vez.

— Eu sei. Eu sei, tá? Sério, não fica brava comigo. Mas a mamãe me pediu pra segurar a barra hoje e não te deixar desistir sem tentar.

Ah, claro.

Eu devia ter imaginado.

Revirei os olhos, soltando uma risadinha incrédula.

— Gente... inacreditável! Vieram com aquele papinho de se eu não conseguisse era só contar pra eles e blá, blá, blá.

— É só hoje, Alana — sua voz saiu esganiçada, entregando o nervosismo. — Lembra o que o papai falou mais cedo? Eles tão te empurrando do ninho pra você aprender a voar. Só assim vai saber se tá pronta ou não.

— Aham. Verdade — esfreguei o rosto, me sentindo mais sozinha que nunca. Minha família tinha formado um maldito complô! E de pensar que eu estava toda sentimental por eles ainda há pouco... — Acontece, Nicole, que se um passarinho é atirado antes da hora e não consegue voar, ele cai e morre. O papai *esqueceu* de falar isso, né?

E, sem esperar pela resposta dela, retomei os passos em direção à escola, tão nervosa que só me dei conta do quanto mancava quando já tinha atravessado o portão de entrada.

Ótimo.

Eles querem que eu passe por isso, então vamos lá.

Espero ter muita coisa pra jogar na cara deles depois.

Ruminando o ódio e o ressentimento, comecei a perder a coragem assim que passei a enxergar o que acontecia ao meu redor. Enquanto andava pelo caminho já tão conhecido, senti dezenas de cabeças se voltando em minha direção.

Endireitei a postura, do mesmo jeito que tinha aprendido nas inúmeras aulas de passarela que fiz ao longo da vida. Ombros para trás, barriga contraída, coluna encaixada. Ergui o queixo, encarando todos de frente. Eu quase podia ouvir a voz de Naomi, rígida, impaciente, explicando que a segurança estava no jeito de olhar para o mundo. E uma modelo precisava ter o mundo na palma da mão.

Segurei as alças da mochila com força, fazendo um esforço sobre-humano para não mancar tanto. Era meio impossível, eu sabia. Ainda estava aprendendo a andar com a prótese. Tudo era muito novo, muito delicado. E o mais engraçado era que, longe da escola, nunca me importei tanto assim como os passos incertos. Ainda mais por saber a luta que foi para conquistar aquilo que um dia me foi tão natural.

Mas, ali, sentindo o peso de vários olhares me acompanhando, parecia

que cada pequeno deslize era reconhecido (e ansiado). De repente, fui engolida por pensamentos sufocantes demais para ignorar.

E se todos aqueles cochichos fossem sobre mim?

Claro que eram sobre mim.

E se estivessem todos me apontando com o queixo, trocando olhares divertidos entre si?

Claro que riam de mim.

E se as risadas baixinhas me alcançando pelas costas fossem sobre o meu esforço vão em passar despercebida?

Claro que eram.

Meu queixo tremeu com força e precisei engolir o choro. Senti como se abrigasse uma bola de espinhos na garganta, com as pontas afiadas fincadas nas cordas vocais, fazendo tudo arder e sangrar.

Parei no lugar por um momento, sentindo como se o mundo inteiro comesse a rodar ao meu redor. Foi como se meus pés tivessem criado raízes no chão de paralelepípedos com que os corredores e pátios da escola eram feitos. As solas dos tênis tinham se colado à superfície porosa, me impedindo de continuar, de fugir, de fazer qualquer coisa além de apertar as alças da mochila com mais força ainda, torcendo para que eu simplesmente desaparecesse no ar, como uma bolha de sabão quando é estourada.

Quando achei que não fosse suportar, dedos se fecharam suavemente ao redor do meu antebraço e, ao olhar para o lado, dei de cara com a minha irmã.

Ah, Nicole, graças ao bom Deus. Você me salvou. Veio na hora certa. Não me solte por nem mais um segundo, por favor, foi o que quis dizer, com os olhos cheios de lágrimas. Mas, em vez disso, assenti com a cabeça, umedecendo os lábios.

— Você tá legal?

— Aham — menti, respirado fundo. — Valeu.

— Quer companhia pra sua sala?

Neguei com a cabeça em um movimento forte, sem nem conseguir cogitar essa possibilidade.

— Melhor não — respondi, por fim. Era quase pior do que chegar até a sala com a minha mãe, ou sei lá. Eu não queria piorar as coisas ainda mais.

— Pode ficar tranquila. Não esquenta comigo.

— Tá — Nicole sorriu.

Não um sorriso genuíno, mas sim uma careta esquisita, encorajadora. Como se eu fosse o cachorrinho que ela estivesse treinando para dar a patinha, ou se fingir de morto. Retribuí o sorriso e girei nos calcanhares, seguindo para a minha antiga sala.

Alguns professores me cumprimentaram de longe pelo caminho, todos com cara de pena. Mas, tirando eles, ninguém mais se atreveu. Eu sentia os olhares, sabia que falavam de mim, e, no entanto, cheguei à sala de aula sozinha.

Tão, tão diferente de antes.

A essa altura, eu já teria abraçado tanta gente, contado sobre as férias, rido sobre as últimas fofocas. Agora eu *era* a última fofoca. E não tinha mais ninguém para abraçar. Mais ninguém que se importasse.

A classe ainda estava vazia e por isso pude escolher o meu lugar com calma. Antigamente eu me sentaria no fundão, mas agora precisava pensar na logística da coisa toda. Se eu precisasse ir ao banheiro, ou qualquer coisa do tipo, seria melhor estar sentada na frente. E, assim, arrastei a primeira cadeira da fileira do meio, me sentando com dificuldade e, sem pressa alguma, tirando os materiais de dentro da mochila.

Como ainda faltavam bons minutos para o sinal tocar, aproveitei para sacar o celular do bolso da calça. Sem pensar muito, acessei o *Facebook* e me vi digitando Sara Andrade sem nem pensar duas vezes. Meus dedos já tinham até decorado seu nome, por mais que eu me envergonhasse disso.

Sara era a segunda escolha de Naomi para ir ao Japão. Ela mesma me contou, quando me chamou para dar a notícia de que fui a escolhida, que foi muito difícil escolher uma de nós, porque via muito potencial nas duas. O que fez com que eu fosse a primeira escolha foram os longos anos agenciada, ainda que Naomi tivesse dito que o fator decisivo foi a minha *garra para lutar pelo meu sonho*. Naomi nunca foi perfeita, eu sabia disso. Era rígida, ríspida e impiedosa com as suas modelos. Mas sempre me abriu as portas e, por isso, eu a amava. E, em meio ao meu amor cego, acreditei que ela não fosse mandar uma substituta no meu lugar, por respeito ao meu acidente.

Como fui inocente.

Como fui burra!

É claro que ela mandaria. Afinal, apesar da agência estar situada em uma cidade pequena de interior, era uma referência internacional. Os modelos que iam para a temporada no Japão quase sempre conseguiam se consolidar

por lá. Ficavam anos fora e voltavam como mais um *case* de sucesso.

E então, quando a página de *Facebook* da agência anunciou que Sara foi a escolhida para embarcar no sonho que deveria ser meu, meu mundo caiu. Mais que isso, despencou, espatifando-se em mil caquinhos. Chorei por horas e nem mesmo o colo dos meus pais foi o bastante para me tirar da fossa.

A dor foi visceral. Saber que a vida continuava de qualquer jeito e que eu não era indispensável, como sempre acreditei, foi como um murro silencioso na boca do estômago. Vomitei toda a minha mágoa para fora e, a partir de então, desenvolvi um interesse doentio por Sara. Da hora em que acordava até a hora em que ia dormir, eu espiava suas redes sociais pelo menos umas dez vezes. Todo. Santo. Dia.

O pior de tudo era que a gente sempre se deu tão bem. Existia muita competição dentro da agência, muito interesse de egos, mas Sara e eu tínhamos trabalhos sólidos e não ligávamos muito uma para a outra. Cada uma seguia o seu caminho e pronto.

Mas agora? Agora eu queria esmurrar a cara dela. Queria causar um terço do sofrimento que o acidente tinha causado em mim. Mesmo que ela nem tivesse culpa de nada. Eu passava os olhos pelas suas fotos em ruas com letreiros supercoloridos escritos em Japonês e odiava as legendas engraçadinhas, contando sobre o quão difícil era se virar por lá. Me dava vontade de atirar o celular para longe e gritar até que a voz falhasse.

Algumas lágrimas escaparam enquanto eu vasculhava seu perfil, invejando-a até o último fio de cabelo. Aquela era a minha vida. A minha viagem. A minha oportunidade de fazer as coisas darem certo. Tudo isso pertencia a mim.

Ou deveria pertencer.

Os primeiros alunos começaram a entrar na sala de aula e, mais que depressa, usei o ombro para secar as bochechas. Poucos minutos depois, o sinal soou bem alto. Depois disso, foi como se soltassem a boiada. Todo mundo de acotovelava para entrar na sala, trocando risadas altas e brincadeiras, despreocupados.

Conforme chegavam, se dispersavam e arrastavam mesas longes da minha. Não demorou muito para que eu desse conta de que ninguém estava sentando naquela fileira por *minha causa*. Olhei ao redor, reconhecendo rostos e lamentando ainda mais por isso.

O que foi que fiz pra vocês?

Qual é, a perna de ninguém vai cair se sentar atrás de mim, merda!!!

Uma parte de mim morreu nesse exato momento.

Foi como se um filme de um futuro que ainda não tinha acontecido passasse diante dos meus olhos. De repente, previ como seria aquele ano. Solitário, vazio, triste. Tão diferente do resto dos meus anos escolares.

Curvando o tronco para frente, tracei círculos sobre a superfície da mesa com o dedo, enquanto me perguntava se um mês seria difícil demais para suportar. E se, caso mudasse de escola, as coisas seriam de fato mais fáceis ou se eu estava apenas me enganando.

Em meio a meus devaneios, percebi os sussurros pararem de uma vez. Foi como se a sala inteira tivesse prendido a respiração, a tensão no ar era tangível. Curiosa, ergui o rosto a tempo de ver o novo aluno chegando.

O menino era muito diferente de qualquer outro aluno daquela escola. Para começar, usava um moletom preto de aparência grossa, quando estávamos no auge do verão. Quero dizer, ainda que fosse mais fresco de manhã, não justificava. Se bem que... sei lá. Eu até entendia. Tinha escolhido uma calça que escondesse o meu corpo. Algo que impossibilitasse as pessoas de enxergarem além do que eu queria que vissem. Me perguntei se ele também queria se esconder em suas roupas.

O conjunto todo era muito instigante. Inteiro de preto, o capuz erguido sobre a cabeça, impossibilitando de ver seu rosto com clareza. Era alto, esguio, mas andava tão encurvado que perdia uns bons centímetros. Embora ninguém estivesse nem mesmo tentando disfarçar o interesse nele (muito menos eu), ele parecia não dar a mínima. Era como se o resto do mundo fosse um mero detalhe.

Com passos tranquilos, quase arrastados, o aluno novo veio em minha direção. Seu olhar encontrou o meu com certa curiosidade. E, então, sentindo o meu rosto quente de vergonha, me inclinei ainda mais para frente, voltando a traçar linhas invisíveis com a ponta do indicador.

Pela visão periférica, algo em suas mãos me chamou atenção quando ele passou por mim, surpreendendo-me ao sentar na cadeira logo atrás da minha. Engoli em seco, atônita. Seus pés logo vieram parar nas pernas da minha cadeira, dando empurrãozinhos de leve que fizeram meu estômago revirar com intensidade.

Fingindo pegar alguma coisa em minha mochila, consegui sanar

minha curiosidade e espiar com um pouco mais de calma. Um calafrio percorreu minha espinha, deixando um rastro gelado para trás. Estremeci, mas não de frio.

A princípio, tinha pensado que se tratava de uma tatuagem, ou sei lá. Foi tão rápido que eu não consegui olhar com clareza. Mas agora era tão nítido quanto o maço de cigarros escapando de sua mochila surrada, jogada de qualquer jeito no chão. Cada linha desenhando as costas de suas mãos, cada alto relevo esbranquiçado se destacando no dourado de sua pele, cada casquinha avermelhada se esticando nos nós dos dedos.

Cicatrizes. Machucados. As mãos do aluno novo eram livros repletos de histórias, avisos, lembretes. Eu precisava ficar longe, *bem longe* dele, pois em sua testa estava escrita uma única palavra, que nem mesmo o capuz conseguia esconder: perigo.



*Eu não consigo escapar desse inferno
Tantas vezes eu tentei
Mas eu continuo preso por dentro
Alguém poderia me tirar desse pesadelo?
Eu não consigo me controlar
Three Days Grace – Animal I have become*

Mudei o peso de uma perna para a outra, sentindo como se meus ossos fossem feitos de chumbo. Eu não tinha forças o suficiente para seguir adiante. Para encarar aquilo. Pensei que seria fácil começar a estudar em uma escola nova. Diante de todos os meus problemas, conviver com um monte de playboyzinhos mimados era de longe o mais tranquilo de lidar. O problema é que, quando você já está atolado de merda, a menor dificuldade parece um terremoto de magnitude 9 na escala Richter. Quando se está inteiro flagelado, o menor machucado te faz desmoronar.

Segurei as alças da mochila com força e espiei por cima do ombro, para descobrir se mamãe permanecia ali. Ela estava, é claro. Não confiava em mim, nunca confiou. Na outra escola, eu ia e voltava sozinho. Mas agora era diferente, ainda que eu duvidasse que todo esse zelo perdurasse por mais do que uma ou duas semanas. Essa nova escola era uma tentativa (a *última*

tentativa) de fazer as coisas darem certo. Em breve eu completaria dezoito anos e ela poderia tirar um fardo enorme dos ombros, afinal não seria mais responsável. Eu viraria um adulto.

Do carro, ela continuava com os olhos colados em mim. Meneou a cabeça em um movimento quase imperceptível. Mesmo de longe, sua tensão me atingia e me enlaçava, piorando ainda mais o meu nervosismo. Respirei fundo. Acho que, no fim das contas, ela estava certa em não confiar em mim. Porque, se não estivesse ali me vigiando, eu provavelmente teria virado as costas e ido embora.

Por não ter escolha, esfreguei o rosto e segui em frente. O movimento em frente ao colégio era constante. Carros parando com o pisca-alerta ligado, alunos chegando aos bandos do ponto de ônibus, ou mesmo a pé. Pessoas se abraçando na entrada e rindo alto, enquanto contavam sobre as férias incríveis na praia e mais um monte de baboseira que eu não me importava.

Ergui o capuz da blusa sobre a cabeça e assumi minha postura de defesa, erguendo o queixo e dizendo para o mundo que eu não me importava. Ainda que, no fundo, eu me importasse, sim, para caralho. Ainda que minhas mãos estivessem socadas dentro do bolso do moletom, só para que ninguém notasse o tremor intenso. Ainda que meu rosto estivesse gelado de medo e o estômago dando cambalhotas. Ninguém precisava saber disso. Para aquelas pessoas, eu seria apenas o garoto problema, que não ligava para nada. O garoto que ninguém conseguiria atingir. Era uma mentira deslavada, mas era minha única carta na manga. A única chance de eu não ser massacrado.

Os muros altos do colégio eram de um amarelo pálido, contrastando com as construções azul marinho do lado de dentro. Passei pelo portão e fui seguido por olhares curiosos, mas tentei não me importar com nenhum. Do lado de dentro, a maior parte do terreno era descoberta, repleta de jardins bem cuidados e flores multicoloridas. Não era um espaço grande, mas bem conservado. A pintura era aconchegante. Muito diferente do colégio em que estudei a vida inteira, onde tudo parecia cair aos pedaços.

As salas ficavam logo em frente à entrada, dispostas em dois prédios diferentes, um de frente para o outro. Todas as salas, sem exceção, tinham ar condicionado. Pensei no outro colégio, com os ventiladores em cima do quadro que mal davam conta de girar as hélices, quanto menos refrescar o ambiente. À minha direita, uma casinha modesta com uma placa grande de metal indicando ser a secretaria. Um sorriso desanimado rasgou meus lábios.

Sempre fui um aluno exemplar, mas agora eu previa visitar muito aquele lugar. Pretendia dar muito trabalho para a minha mãe e Geraldo. Pretendia ser digno da maneira como eles me tratavam, pela primeira vez na vida. Apesar que... porra, ninguém merecesse ser tratado como eu era. Enfim.

Atrás dos prédios, duas quadras abertas e um ginásio. Percebi, logo de cara, que ali era o ponto de encontro dos alunos do ensino médio.

Bom saber.

Assim passo bem longe.

Arrisquei passos pelo pátio, me distanciando. Atrás da secretaria, descobri o estacionamento dos professores. A entrada era um portão estreito e estava trancado com um cadeado grandalhão. Mas o muro ali era mais baixo e, por isso, fácil de pular. Segurei nas barras finas do portão para espiar e descobrir mais. O chão de seixo me convidava a sentar e fumar um cigarro com calma. Matar a aula. Dar as costas para a fantasia ridícula da minha mãe de que um colégio particular fosse apagar o passado. O espaço era pequeno e todas as vagas estavam ocupadas. Eu duvidava que alguém pudesse me encontrar ali depois que as aulas começassem. Se eu me escondesse entre um carro e o muro, jamais seria pego.

Soltei as grades e segui em direção às salas de aula. Passei pela cantina no caminho. Um balcãozinho de nada que, no momento, estava com a porta de ferro abaixada. Em frente a ela, uma porção de mesinhas de cimento, com banquetas fixas no chão e mais grupinhos de alunos felizes demais para a droga de uma segunda-feira de manhã.

Eu não queria ser o cara revoltado com a felicidade alheia... o tipo de pessoa que se incomoda por tão pouco. Mas é que, às vezes, era um pouco revoltante perceber o abismo que me separava das demais pessoas da minha idade. Eu não me sentia como se tivesse dezessete anos. Pelo contrário, minha vida parecia tão extensa quanto o mundo. Era como se eu tivesse preso em uma eternidade de sofrimento, sem esperança de um fim. Sem esperança de me libertar.

Minha infância foi roubada por Geraldo. E depois minha adolescência também. E não era só isso. Eu estava sempre atento, sempre à espera, sempre me preparando para o pior. Olhando para aqueles adolescentes felizes e sorridentes, era evidente o quanto eles não tinham esse tipo de preocupação. O quanto esse simples fato tornava a vida tão mais fácil, tão mais amena.

De repente, pensar nisso foi demais. Senti um aperto enorme no peito.

Mas era como se meu coração fosse peito de pedra e resistisse a força dentro de mim que o comprimia. E, nessa luta para ver quem vencida, eu acabava perdendo sempre. Com falta de ar, apressei os passos para encontrar o único refúgio, o único lugar em que eu poderia ter uma trégua.

Suspirei aliviado quando encontrei a biblioteca aberta. Entrei como um raio, descendo o capuz da blusa, porque até mesmo esse gesto simbólico estava me sufocando. Eu podia aproveitar e já fazer a minha ficha. Embora amasse Tatiana, nem sempre me sentia disposto a caminhar até a biblioteca municipal. Seria mais fácil pegar livros do colégio e esconder na mochila.

A bibliotecária estava ocupada com alguma coisa no computador, os óculos na pontinha do nariz comprido e fino, os olhos espremidos como se ela tentasse decifrar o que a máquina à sua frente fazia. Mordisquei o lábio inferior, passando reto para conhecer o espaço. Como o resto do colégio, não era grande, mas muito ajeitado. Um corredor amplo a direita, com três mesas redondas de oito lugares dispostas. Do outro lado, prateleiras do mesmo amarelo pálido dos muros que delimitavam a propriedade estavam abarrotadas de livros. Não era nem de longe tão completa como a biblioteca municipal, mas existia algo em ser um lugar novo que me distraiu da dor de minutos atrás.

Caminhei pelos corredores, imerso no meu processo terapêutico de passar os dedos pelas lombadas, sentindo a energia que os livros emanavam. Tantas histórias esperando para serem descobertas, tantos refúgios onde eu poderia me esconder...

A princípio, pensei que, com exceção da bibliotecária, eu estivesse sozinho. No outro colégio, a biblioteca servia mais para casais apaixonados se atracarem pelos corredores do que qualquer outra coisa. Mas então, enquanto eu tentava escolher um livro para pegar emprestado, ouvi sussurros vindos dos corredores do fundo.

—... narizinho empinado, se achando boa demais...

—... o mundo dá voltas, né?

Fragmentos da conversa me alcançavam e bastou muito pouco para me vencerem pela curiosidade. Estreitei os olhos e, como quem não quer nada, me esgueirei para o corredor de onde vinham as vozes. Em parte, porque queria conhecer um pouco mais das pessoas dali. Sobre o que conversavam, o que acontecia. Mas o motivo maior era porque, quando eu me permitia distrair com a vida e os problemas de outras pessoas, esquecia

um pouco os meus.

— Mas sério, Ju, eu não sei o que faria se fosse comigo...Você viu quando ela chegou?

— Tinha como *não ver*? — uma risada exasperada. — Ela tá destruída. E nem falo só da perna, nem nada do tipo. Mas parece que emagreceu mais. Fora aquelas olheiras enormes... até o cabelo perdeu o brilho.

— Cara, mas também! — uma terceira voz ressoou pelos corredores. Era mais afetada e irritante que as outras duas. — Ela perdeu a chance da vida dela. Parece que escolheram a maior concorrente pra ir no lugar. Imagina só... além de ficar aleijada ainda precisa ver sua inimiga indo pro Japão?

Os sons de surpresa foram tão altos que eu me perguntei se elas achavam mesmo que ninguém conseguia ouvir a conversa.

— Puta merda... até eu estaria a cara da derrota — exclamou a dona da voz mais aguda. Seu tom tinha um que de deboche difícil de passar despercebido. Para a minha surpresa, as outras duas riram baixinho, como se a história toda fosse a maior piada.

Só então me dei conta de que eu nem estava *tentando* disfarçar. Só tinha parado no meio do corredor, um livro qualquer nas mãos, enquanto apurava os ouvidos para saber mais sobre a garota de quem falavam. Tinha alguma coisa no tom delas, na maneira como proferiam as palavras, que me deixava puto. Pelo que eu tinha entendido, uma garota do colégio tinha sofrido um acidente e elas ficaram felizes? *Que tipo de pessoa babaca fica feliz com isso?*

— Ai, cara, sei lá. Pode me julgar, mas ela meio que merecia levar um choque de realidade? Tipo, eu sei que é foda e tudo mais, mas ela tinha que descer do pedestal.

— Nossa, simmm. Eu não aguentava toda aquela história de, *ai, nasci pra ser modelo. Ai, trabalho com isso desde os cinco anos. Ai, sou boa demais pra esse lugar, vou mudar pro Japão* e ughhh — uma delas imitou o barulho de vômito, arrancando mais risadinhas.

Guardei o livro de volta no espaço vazio da prateleira, trancando o maxilar com força. Então esse era o tipo de gente que eu precisaria conviver pelo próximo ano? Não que o lugar de onde vim fosse um antro de santos, mas é que... caramba. Essas pessoas tinham tantos privilégios. Olha só para o

colégio delas. Eu até podia imaginar a casa e a vida que levavam. Como não conseguiam olhar para além dos próprios umbigos?

Ainda que a menina de quem falavam fosse uma escrota... como comemorar? Como tirar sarro?

Merda, aquilo estava me tirando do sério. Eu não queria me envolver, mas já era tarde demais. Era como se, em meu interior, eu buscasse qualquer motivo para justificar meu ódio gratuito pelo colégio novo e as pessoas que vinham no combo. E finalmente tinha encontrado um muito bom.

— Mas falando sério agora... é impressão minha ou ela tá mancando muito? — a pergunta saiu em um tom conspiratório e pouco mais alta que um sussurro.

— Impressão sua?! — uma risada mordaz cortou o ar. — Afff, amiga, para com isso. A menina tá andando toda estranha, como se tivesse quebrada ou sei lá.

— Ela *tá* quebrada, Ju!

Outra explosão de risadas que me fizeram cerrar os dentes.

— Fico pensando... imagina olhar pro próprio corpo agora? Sem a prótese?

Mas antes que as outras pudessem responder, o sinal estridente repercutiu pela biblioteca, sobressaltando-me. Tentei de puxar outro livro e abrir, em uma tentativa patética de fingir não estar absorto na conversa delas. O tiro acabou saindo pela culatra. As três passaram bem na hora e ficou óbvio para todos que eu estava espionando na maior cara de pau.

As três trocaram um olhar entre si e a última se permitiu descer as íris pelo meu corpo, me estudando sem o menor pudor. De toda forma, foi tudo tão rápido que nem tive tempo de sentir vergonha por ter sido pego no flagra. Porque, na verdade, quem deveria ter vergonha em toda aquela história eram elas.

Babacas.

Espero que a vida nunca devolva isso pra vocês.

Resignado, abandonei a biblioteca, anotando mentalmente para voltar ali depois. Do lado de fora, me deparei com uma confusão de gente andando para todas as direções, apressados. E só então me dei conta de que não fazia a menor ideia de qual era a minha sala.

Olhei para o fluxo de alunos que se deslocava em direção ao prédio maior — alunos do ensino fundamental. Logo constatei que minha sala devia

ficar no outro prédio. Sem a menor pressa, me embrenhei em um grupo de meninas agitadas demais e passei os olhos pelas placas de metal fixadas nas portas de cada sala.

Quando enfim descobri onde ficava a minha — a última do segundo andar —, bastou passar os olhos por todos os rostos desconhecidos para perceber que eu era o último a chegar. Estava atrasado. Mas, ao menos, o professor ainda não tinha chegado, já era alguma coisa.

As três garotas da biblioteca estavam na fileira da janela, na parede oposta, uma atrás da outra, com as bochechas coradas de tanto rir. A do meio cutucou a da frente com os dedos e deu uma cotovelada discreta na de trás. Imediatamente, suas amigas acompanharam o olhar dela e voltaram a atenção para mim. Ergui o queixo, cerrando os punhos com força quando entrei pela sala.

Uma varredura rápida foi o suficiente para conhecer os detalhes do lugar em que eu precisaria aguentar pelos próximos meses. Era minúscula de um jeito meio ridículo, considerando as salas do colégio público onde estudei, que comportavam quase cinquenta alunos. Ali, em contrapartida, não devia ter nem vinte. O que fazia sentido, já que tinha outra turma do terceiro ano. Todas as fileiras estavam ocupadas, com exceção da do meio, onde uma única menina estava sentada no primeiro lugar, sem ninguém atrás.

Uni as sobrancelhas, seguindo para a carteira atrás dela. Em passos mais lentos que o necessário, aproveitei o trajeto para tentar entender porque ninguém tinha sentado ali. E me surpreendi ao constatar se tratava de uma menina bonita. Bonita demais para sofrer *bullying*, talvez, se é que isso faz algum sentido.

Os cabelos loiros, dourados como trigo, e olhos verdes expressivos. Ela traçava círculos imaginários com a ponta do dedo na superfície da mesa e, na verdade, parecia fazer o possível para passar despercebida. A começar pelas roupas dela, bem diferentes das outras alunas. E também o fato de o cabelo estar preso em um nó bagunçado no topo da cabeça, parecido com o que minha mãe fazia para limpar a casa.

Por uma fração de segundo, ela ergueu o olhar para ver quem estava se aproximando, mas logo desceu, desinteressada. No entanto, foi o suficiente para plantar uma sementinha de dúvida que me deixou angustiado.

Eu tinha certeza que a conhecia de algum lugar, só não sabia de onde. Esse rosto, esses traços... não me eram estranhos. Mas ela parecia perfeita

demaís para fazer parte do meu círculo de amigos, muito menos frequentar os lugares que eu costumava ir.

Quem é você?

De onde te conheço?

Arrastei a cadeira atrás dela, jogando-me em um movimento dramático. Eu não era bobo nem nada, sentia o peso do olhar dos demais sobre mim. Eu destoava de todo mundo, sabia disso. Não era muito diferente no outro colégio. E, por isso mesmo, queria causar certa reputação. Tudo girava em torno de não permitir ser devorado. As pessoas têm fome de ver os outros se fodendo. Eu não queria dar esse prazer a ninguém.

Um homem parrudo pouco mais velho que a gente entrou na sala carregando uma pasta embaixo do braço esquerdo e fechou a porta atrás de si, mas sequer consegui dar atenção. Meus pensamentos rodopiavam, como engrenagens, um encaixando no outro, sem me deixar em paz por um único segundo.

Lembro de você. Tenho certeza.

Por quê?

Tô ficando louco?

Mordi a língua, só para sentir que estava no controle de novo. Eu odiava que minha estabilidade emocional fosse tão frágil a ponto de que coisas pequeninas tivessem tamanho peso sobre mim. A porcaria de uma menina deprimida tinha me lançado de um precipício e agora eu caía em queda livre, no buraco dentro de mim mesmo.

Captei algumas palavras do professor, mas sem me apegar a nenhuma. Eu não estava perdendo nada, de qualquer forma. Coisas que eu já tinha ouvido tantas e tantas vezes ao longo dos anos. Ele era novo ali, estava muito ansioso, se chamava Michel, tinha se formado em uma universidade estadual, era professor de matemática I, queria nos ajudar a passar no vestibular e toda aquela ladainha que eu sabia que ainda ouviríamos muito ao longo da primeira semana.

Abaixei para pegar a mochila do chão e tirei o caderno imaculado de lá de dentro e o estojo, de onde peguei um lápis. Comecei a rabiscar palavras desconexas na última página, sem nem perceber que já tinha deixado de prestar atenção no que ele dizia.

Confuso pra caralho.

*Sentindo um aperto enorme no peito.
Foi ela. Foi ela. Foi ela!!!!*

— Hum... olá? — a voz do professor Michel me despertou para a realidade. Estava muito mais próxima do que antes. Ele pigarreou de leve, e ergui o rosto, encontrando-o parado ao lado da minha mesa, com os braços cruzados no peito.

Pisquei sem parar, olhando ao redor. Todo mundo (todo mundo mesmo, até a menina da frente) me encarava. Ficou claro que eu tinha perdido alguma coisa.

Acho que ele esperava uma resposta, pois o meu silêncio o deixou ainda mais consternado. Seu cenho se franziu por um segundo e ele descruzou os braços, enfiando as mãos nos bolsos.

— Estamos contando um pouco mais sobre quem somos para nos conhecermos melhor. Seus colegas já começaram... e... é a sua vez — apesar do tom leve, ele deixou escapar um pouco de sua irritação.

Devia estar decepcionado por encontrar um aluno encenqueiro logo no primeiro dia, na primeira aula. Com certeza seria a pauta na sala dos professores, na hora do intervalo.

Deslizei pela cadeira, ficando praticamente deitado, sem nunca deixar de sustentar o seu olhar.

Por favor, facilite as coisas.

Por favor, só me deixa em paz.

Meu estômago dava nó. Eu sentia mãos invisíveis o puxando com força, como uma corda, para ter certeza de que nunca mais voltaria ao normal. Eu nunca tinha agido assim com professores antes. Era carente demais por atenção para desperdiçar, de onde quer que viesse.

Mas, por incrível que pareça, quanto mais eu queria uma coisa, mais eu me distanciava dela. Quanto mais medo eu sentia, menos deixava transparecer e mais provocativo ficava. Era meu *modus operandi*. A maneira que encontrei de sobreviver a Geraldo.

— Não quer se apresentar? Pode ser só por cima, o mais básico. Qual o seu nome?

Sua voz saiu incerta. Um brilho em seu olhar me mostrou que, agora, era ele quem implorava silenciosamente para que eu cooperasse. Era carne nova, afinal. Precisava impor respeito nessas primeiras aulas ou estaria

ferrado. O que Michel não sabia é que eu estava quebrado demais para me importar com qualquer pessoa além de mim mesmo. Eu não dava a mínima se estava fazendo o dia dele uma merda.

A tensão foi tão palpável que eu conseguia sentir todo mundo prendendo a respiração, ansiando por um escândalo logo no primeiro dia. Cravei as unhas nas palmas das mãos com toda a minha força, sentindo o ardor característico e, no mesmo instante, me senti mais calmo. Me senti em paz enquanto esperava pelo meu castigo.

— Er... tudo bem — resmungou por fim, balançando a cabeça em negativa e se adiantando em direção a menina da frente, que tinha voltado a assumir sua postura encurvada e tristonha.

Demorei alguns segundos para entender que não tinha me ferrado. Mas, com certeza, eu estava na lista dele. Devia ser um recorde. Eu era ótimo em estragar tudo. Só então me dei conta de que dava chutes fracos nos pés da cadeira da garota da frente, para aliviar a tensão. Outra pessoa que devia ter me colocado na lista.

— E você, quer se apresentar? — Michel perguntou para ela, supersem-graça.

E, se era possível, a tensão na classe cresceu exponencialmente.

— E-eu... meu nome é Alana — ela se limitou a dizer e, como já tinha sido um avanço em relação a mim, nosso professor pareceu satisfeito.

Bastaram poucos minutos para que a lembrança de onde eu a conhecia me acertasse em cheio. Agora eu entendia o motivo de ter ficado tão desconcertado. Já fazia muitos meses, mas eu ainda lembrava muito bem da cena. Logo quando voltei da clínica psiquiátrica e mamãe começou a me ensinar a dirigir — coisa que, para minha surpresa, perdurava até hoje. A menina estava histérica com a família no meio de uma padaria. Revoltada por qualquer coisa idiota e sem importância. Qualquer motivo babaca de quem tinha tudo na vida.

Fui atingido pela mesma raiva que senti no dia em questão. Era tão linda. E estudava *ali*. Com certeza vinha de uma boa família e tinha tudo o que queria. Eu dava minha cara a tapa que ela deva ser o tipo de pessoa que se reunia na biblioteca para comemorar com as amigas a desgraça dos outros.

Odeio todos eles.

Mas trocaria de vida com qualquer um em um piscar de olhos.

Rabisquei no caderno, antes de o fechar com força. Seria um longo ano. Parecia que tudo em minha vida conspirava para que eu desistisse. Para que fodesse com a promessa que fiz pra lua.

Que tipo de perdedor conversa com a lua??

A aula foi interrompida pouco tempo depois pela diretora e a coordenadora, que trouxeram nossos livros didáticos do primeiro bimestre, o que tomou uma boa meia-hora e deixou a sala em polvorosa. Geraldo já tinha jogado na minha cara tantas vezes o quanto vinha pagando pelo meu material, que eu estava superansioso para ver se valia o preço. Fiquei tão extasiado com a qualidade dos livros que nem vi as três primeiras aulas passarem. Me perdi entre as páginas e só acordei do transe quando o sinal soou, indicando o começo do intervalo.

Surrupeiei o maço de cigarros da mochila discretamente, enquanto esperava todos aqueles babacas saírem da sala. Deslizei para dentro do bolso da calça, seguido pelo isqueiro. E, quando me aprumei outra vez no lugar, percebi que só restávamos eu e a Alana na sala. Assim como eu, ela também parecia querer ser a última a sair. Era engraçado que fôssemos tão diferentes, mas, mesmo assim, quiséssemos passar despercebidos da mesma maneira. Sem esconder a apreensão, ela lançou uma olhadela por cima do ombro para descobrir o que eu estava fazendo.

E foi então que o Martin idiota decidiu testá-la, aquele Martin que eu odiava ser. O que reunia minhas características mais desprezíveis. Me esparramei pela cadeira, como se não fosse arredar o pé dali. Desci o capuz da blusa, encarando-a diretamente nos olhos verdes.

Um brilho intenso pincelou suas írises e reconheci o sentimento por trás deles — mágoa. Ela tinha percebido minha intenção e gostava um pouco menos de mim por isso. Dei de ombros, apesar do nó na garganta.

Dando-se por vencida, Alana empurrou a cadeira com dificuldade e levantou, pegando o celular de dentro da mochila rosa largada no chão de qualquer jeito. Continuei munido da minha expressão debochada, mas Alana me desarmou quando começou a andar com dificuldade em direção à saída.

Os passos eram engraçados, ela quase parecia dançar... o pé direito puxava o corpo para frente, e então Alana fazia o maior esforço para a arrastar a perna esquerda, que acompanhava o corpo toda dura e estranha.

Levei um milésimo de segundo para conseguir entender.

E, no mesmo instante, meu coração quebrou em pedacinhos minúsculos.

Me afoguei em remorso. A culpa foi tão intensa que meus olhos encheram de lágrimas. Engoli o choro, mordendo a língua com toda a minha força. Alana não olhou para trás, apenas passou pela porta, sumindo do meu campo de visão.

Mas, mesmo minutos depois de sua partida, não consegui mover um músculo. Eu tinha petrificado. Meu rosto estava gelado como um cubo de gelo.

Caralho.

Você é mesmo um imbecil.

Um imbecil burro que não enxerga as coisas.

Ah, caralho. Não acredito que fiz isso.

Esfreguei o rosto com força, querendo me desculpar por ter a julgado tão mal. Alana não fazia ideia de nada disso e provavelmente me acharia um maluco, mas, caramba, como eu queria dizer que tinha entendido tudo errado. A dor dela *não era* minúscula.

Agora eu entendia o motivo dos seus berros na cafeteria. Agora sentia mais ojeriza das garotas da biblioteca. Engoli em seco, tomando impulso para levantar. Antes que me desse conta, uma lágrima escapou do olho direito.

Balancei o rosto com força, descontando toda a frustração na língua. O sangue preencheu minha boca e me aliviou no mesmo instante. Eu nem ao menos conseguia compreender porque estava tão abalado. Não tinha nada a ver com a vida dela.

Ah, merda, preciso de um cigarro.



Minha mochila pesou nas costas enquanto eu abria o portão de casa para entrar. Apesar de me levar para a escola, mamãe tinha deixado claro que eu voltaria sozinho. Aparentemente a preocupação era só se eu ia desperdiçar o dinheiro deles, e não se eu continuaria vivo.

Revirei os olhos, jogando a guimba do cigarro no chão e apagando com a pontinha do coturno antes de entrar. Nietzsche latia loucamente para

mim, parecia querer se certificar de que a vizinhança inteira saberia da minha chegada.

Abri a porta e encontrei Noah assistindo *Wall-E* na sala. Não tinha um dia em que o pirralho não assistisse ao filme. As vozes da minha mãe e de Geraldo vinham da cozinha, por isso aproveitei para rumar direto ao meu quarto. Pelo menos teria uns bons minutos de paz antes que um deles (eu podia apostar qual), viesse atrás de mim.

Tirei a blusa de frio e fui tomado por alívio. Apesar de estarmos no auge do calor, eu não podia me dar ao luxo de usar mangas curtas. Não tinha como. Olhei para os meus braços e fechei os olhos, sentindo uma dor física no peito.

Durante o dia, me permiti esquecer um pouco da minha vida. Não conversei com ninguém, era difícil conseguir me aproximar quando eu parecia querer colocar meu veneno para fora a todo momento. Por isso nem tentava. Mas, mesmo assim, só o fato de estar em outro ambiente já era um alívio. Os últimos meses foram tão difíceis... era quase um milagre que eu ainda estivesse vivo. Pensei várias e várias vezes em acabar com tudo. Dar um basta no sofrimento. Um ponto final para uma história longa de abusos e dor. No entanto, ali estava eu. E, pela primeira vez em muitas semanas, as coisas estavam ok.

Tirei as apostilas da mochila e me atirei de bruços na cama. Me estiquei inteiro para pegar um marca-texto no estojo e, então, me perdi na sessão de biologia. Sempre gostei de estudar, ler era bom em todos os sentidos, fosse ficção ou não. E também tinha o fato de que era interessante aprender coisas novas. Sei lá, eu era um garoto curioso. Era por isso que me pegava ouvindo conversas em bibliotecas ou assistindo famílias brigando em padarias...

Pensar em Alana trouxe o remorso e a culpa de novo. Meu peito comprimiu, dificultando a respiração. A lembrança dela se esforçando para conseguir andar, atrelada às coisas que eu tinha ouvido sobre sua vida me deixaram em queda livre. Talvez, se eu a tivesse conhecido antes do acidente, tudo fosse diferente e ela não passasse de uma garota mesquinha. Mas, da mesma forma, eu também era diferente antes de Geraldo. Era o *agora* que importava.

E o agora me deixava perplexo com aquela garota. Um misto de tristeza e culpa e vontade de me aproximar (que besteira sem sentido) e mais

um monte de coisas que sequer havia palavras para nominar. Todos esses sentimentos começaram a me engolir vivo quando uma batidinha na porta me buscou de volta para a realidade. Mamãe abriu uma fresta e enfiou a cabeça para dentro do quarto, com cara de sofrimento.

Lá vem...

— O que você tá fazendo, querido? — perguntou, com os olhos passeando por mim.

— Estudando. Tenho um resumo pra entregar amanhã — menti. Eu já sabia quem a havia mandando ali. Geraldo odiava que eu ficasse sozinho no meu quarto. Afinal, eu não estava em um hotel, certo?

— Ah... — ela arriscou um sorrisinho, enquanto prendia uma mecha de cabelo para trás da orelha. — Como foi seu primeiro dia?

Fechei os olhos, contando até dez.

— Foi legal, mãe. Pode me dar licença, por favor? Preciso mesmo terminar isso aqui.

Seu rosto se contorceu em dor e ela assentiu, fisingando o lábio inferior.

— T-tá bom. Mas seu pai pediu pra deixar a porta aberta, tá?

Abri um sorriso para ela, o mais largo, mais bonito e mais dócil. Assim que ela virou as costas, no entanto, o sorriso sumiu. Da cozinha, eu o ouvi perguntar para minha mãe como ela permitia que eu falasse assim com ela. Ela resmungou qualquer coisa ininteligível como resposta.

Era ridículo que a porra de um cara que não era absolutamente nada meu desse instruções para a minha mãe de como me criar. E ela acatasse!

Sorvi uma lufada de ar e fiz todo o esforço para não me deixar abalar. Voltei a ler a apostila da escola, me agarrando a ela com todas as minhas forças. Ao menos agora eu tinha uma distração. E faltava muito pouco. Em breve eu daria um jeito de sair dali. Em breve tudo seria melhor.

Nem percebi o momento exato em que caí no sono. Pela primeira vez em muito tempo, dormi tão fácil como qualquer outra pessoa. Eu ainda segurava o marca-texto quando ouvi um som se aproximando, mas estava sonolento demais para entender. Os pensamentos se embolavam uns nos outros, morosos, suaves, enevoados.

Foi o baque surdo que veio em seguida que fez um calafrio descer pela minha espinha. Eu conhecia aquele barulho tão bem — a porta sendo fechada com delicadeza calculada. Me separando de tudo o que era suportável. Me enclausurando na escuridão, junto dos meus piores medos.

Despertei em um estalar de dedos, sentindo cada pedacinho do meu corpo congelar. De repente, o quarto pareceu pequeno demais, abafado demais, errado demais.

Ele estava lá, eu sabia.

Sabia pelo cheiro adocicado e enjoativo, que arranhava o nariz cada vez que eu inspirava o ar.

Sabia pelo som abafado de seus pés descalços e suados pisando no chão de madeira corrida.

Sabia pela respiração ruidosa, que se expandia pelas paredes do meu quarto, tornando-o ainda mais claustrofóbico. Ainda mais terrível.

Eu sabia que não podia ter baixado a guarda.

Não podia me permitir dormir.

Não podia fechar os olhos.

Era quando coisas como essa aconteciam.

E agora, não me restava nada. Eu estava perdido.

Prendi a respiração, apertando os olhos com força para evitar que qualquer lágrima escapasse. Minha garganta ardeu intensamente, sedenta para libertar o grito afogado no peito.

Alguém me ajuda. Alguém me ajuda. Alguém me ajuda.

Por favor.

Rápido demais, a cama afundou. Eu ainda não tinha me preparado psicologicamente — se é que tinha como. Senti o calor do seu corpo alcançar o meu, e até isso parecia obsceno demais, sujo demais.

Mordi o lado de dentro da bochecha, porque sentia que a qualquer momento eu deixaria escapar um berro estridente, desesperado, perdido. E ele tinha me ameaçado em mais de uma ocasião. Foi bem específico em tudo o que fazia comigo e com a minha mãe se eu ousasse abrir o bico. Eu não podia arriscar. *Não podia.*

Como eu queria ser mais corajoso. Mais forte. Como eu queria ser capaz de reagir, de meter um soco na cara dele, e mais outro e outro, como eu costumava fazer nos muros chapiscados pela madrugada. Como eu queria sentir seu nariz quebrando nos ossos da minha mão, e sua visão ficando desfocada. Como eu queria ter algum controle sobre qualquer merda. Mas eu não tinha. Não tinha. Não tinha.

Eu odiava ser aquele maldito garotinho assustado, sentindo a força se esvair do corpo, até que ele ficasse vazio e não sentisse nada. Eu odiava o

calor que subia pela nuca e atingia as orelhas, decorrente do esforço para não chorar. Eu odiava o coração acelerado, tão rápido que parecia prestes a entrar em pane. Odiava o leve formigar dos dedos das mãos e dos pés. Odiava estar na minha pele. Meus Deus, como era difícil estar em minha pele.

Sua mão deslizou pela minha pele sem ser convidada. Sempre me perguntei se ele achava mesmo que eu estava dormindo. Que tinha um sono tão pesado. Ou se isso só não importava. Provavelmente não. Eu queria poder apagar. Ir para outro lugar. Um lugar bonito, feliz, diferente. Queria desmaiar, ficar inconsciente, não sentir nada. Não saber de nada.

Mas eu estava sempre muito consciente.

Consciente demais enquanto seus dedos percorriam lugares que não deviam estar. *Não deviam*. Por que comigo? O que fiz de tão errado para merecer aquela vida de merda?

Se existiam mesmo vidas passadas, eu devia ter sido desprezível. Devia ter feito coisas horrorosas. Porque nada mais explicaria precisar carregar esses fardos imensos e asquerosos.

Tão sujo.

Tão errado.

Os sons que escapavam de sua garganta foram demais para aguentar. Eu queria me liquefazer. Queria escorrer pela cama e cair no chão. Queria que as frestas entre as madeiras me sugassem e não restasse mais nada.

Nada de Martin.

Nem de Geraldo.

Nada de dor.

Minutos depois — ou talvez horas, dias, anos, a porra da vida inteira —, Geraldo se deu por satisfeito e levantou. O click da porta fechando penetrou meus tímpanos, mas eu estava tão vazio. Vazio demais para qualquer coisa.

A escuridão dentro de mim avançou. Circundou minha pele, invadiu os pulmões, nublou a alma. Me tomou por inteiro. Eu já não era mais ninguém além de um casco, abrigando um vazio grande demais para suportar.



*Eu posso te dizer porque
as pessoas enlouquecem
Eu posso te mostrar como
Você também pode enlouquecer
Audioslave – Shadow on the sun*

Abandonei o prédio comercial onde Isadora, minha psicóloga, atendia e soltei um suspiro desanimado alto ao me deparar com o sol escaldante do lado de fora.

Antes do acidente, eu costumava fazer tudo a pé. Ia para a escola caminhando, para a minha agência de modelo e qualquer um dos meus compromissos sem o menor problema. Só recorria a mamãe em dias chuvosos ou quando o lugar era longe demais. Sempre gostei de ter autonomia. Ser independente era uma das minhas características que eu mais me orgulhava.

Mas então, tudo tinha mudado. E agora eu estava lutando, aos trancos e barrancos, para reconquistar ao menos um pouquinho da Alana de antes.

Pedi para a minha fisioterapeuta conversar com mamãe e explicar que eu precisava caminhar. Tudo isso era treino. Quando somos bebês e damos o nosso primeiro passo cambaleante, isso é considerado um marco, uma grande

conquista. Mas é a rotina que faz com que caminhar se torne algo tão natural quanto respirar ou comer. É o treino. Como tantas outras coisas na vida, é a repetição que leva a perfeição. Comigo não era diferente. Eu era como um bebê. Tinha dado o primeiro passo com a prótese e isso era louvável, mas agora precisava continuar tentando e tentando para que caminhar voltasse a ser natural para mim.

Esse era o meu primeiro dia indo e voltando sozinha da terapia, mas, pela primeira vez, não fiquei muito animada. Ter minha liberdade agora não era tão fácil como foi um dia. Andar demandava uma energia excessiva. Meu coto ficava dolorido depois de muito tempo e eu simplesmente não tinha o gingado natural. Mesmo assim, era um trabalho a ser feito. Não me restava outra coisa a não ser lidar com tudo isso. A aceitação e recuperação não era exatamente uma constante: em alguns dias eu estava péssima, sem querer abrir os olhos para a realidade sólida como um muro de concreto, e em outros, como aquela tarde, eu só me conformava de que se quisesse que as coisas melhorassem, precisaria me esforçar.

Mais do que nunca, as palavras de Isadora ecoavam na minha cabeça. Ela sempre dizia, em cada uma das sessões, que eu deveria lutar por mim mesma assim como lutei pela minha carreira ao longo daqueles anos.

E, bem, era o que eu estava fazendo. Não era muito agradável e eu não estava nem de longe feliz, mas era o que eu tinha naquele momento. E não jogaria isso fora.

Prendi o cabelo no topo da cabeça, sentindo calor antecipadamente. Meus olhos correram para minhas calças de moletom e lamentei que não pudesse mais usar roupas curtas. Era difícil ter uma prótese em um lugar tropical como o Brasil, que pedia por roupas frescas e curtas.

Espero um dia me mudar pra um lugar com neve. Que faça frio o ano inteiro.

Ninguém vai sonhar que sou deficiente.

Neguei com a cabeça, seguindo o meu caminho por baixo das marquises de lojas. Meu ritmo era lento, desengonçado, eu tentava me firmar a cada passo. Por conta disso, fui ultrapassada por meia dúzia de pessoas apressadas, que lançaram olhares impacientes, como se eu estivesse fazendo de propósito.

Em todas as vezes, abaixei a cabeça, fugindo do julgamento silencioso delas. O mundo era um lugar hostil para pessoas diferentes. E o

mais bizarro disso tudo era que eu nunca tinha parado para pensar em nada disso até ter mudado de time. Nunca me importei com bullying, nem parei para pensar nos desafios de ter alguma deficiência no corpo. E, droga, era muito doloroso que eu tivesse que lidar com isso agora, quando tudo mudava rápido demais para acompanhar. Eu sentia que as coisas seriam tão mais fáceis se eu conhecesse outras pessoas como eu antes de tudo, se eu já soubesse como aquilo funcionava...

Pelo canto dos olhos, um vulto me arrancou dos meus pensamentos. Do outro lado da avenida, um garoto vestido inteiro de preto andava de cabeça baixa, a passos ligeiros, desesperados. Com o capuz da blusa erguido sobre a cabeça, ele tinha uma postura encurvada para frente, o que o roubava uns bons centímetros de altura. Apesar de andar rápido, ele estava todo concentrado em acender o cigarro que tinha acabado de colocar nos lábios. Mesmo de longe e sem conseguir ver seu rosto, tive certeza absoluta de quem era. E, com ela, meu corpo inteiro paralisou. Meu coração perdeu uma batida, sem que eu fizesse a menor ideia do motivo.

Eu só tinha visto Martin na escola, no primeiro dia de aula, e não trocamos uma palavra. Na verdade, ele falava pouquíssimo, mesmo forçando a memória eu não conseguia lembrar muito bem como era sua voz. O timbre, a altura, o jeito de falar... nada disso. Além do mais, ele tinha faltado nos últimos dias. Não contava nem uma semana que as aulas começaram e ele já estava sumindo desse jeito. Naquela manhã, quando não o vi na carteira atrás da minha pelo terceiro dia consecutivo, fui tomada por desânimo e curiosidade e acabei chegando à conclusão de que ele provavelmente deveria estar doente ou sei lá.

Mas não. Ele estava muito bem, obrigada. Quero dizer, alguns detalhes deixavam explícito que não *tão bem* assim. Martin andava tão rápido, o corpo inteiro tenso, como se tivesse pressa. Mas pressa para quê?

Atravessei a rua com dificuldade e comecei a seguir o percurso que ele traçava praticamente correndo. Meu ritmo era bem mais lento que o dele, mas eu não o perdia de vista. Um pontinho preto caminhando poucos metros à minha frente, decidido, emanando raiva.

Toda essa rebeldia dele me chamava atenção. Ele tinha tanto potencial. No primeiro dia de aula, Martin deixou a apostila aberta sobre a mesa e saiu para ir ao banheiro (sem pedir ao professor, por sinal). Percebi que já estava grifada, com anotações nas margens das páginas. E nós

tínhamos ganhado os livros naquele mesmo dia! Quero dizer, ele tinha passado o intervalo estudando ou o quê?

Era tão... difícil de acreditar. Por mais errado que fosse esse pensamento.

Mas é que Martin tinha muito ódio. Era visível para mim. Sentada em sua frente, eu quase podia sentir sua raiva roçando as minhas costas, escorrendo pelos meus ombros e depois braços. Era muito presente. Essa era uma característica dele que me chamava muito a atenção. Despertava uma curiosidade visceral em mim. Eu queria entender *porque* ele era tão bravo. Tão ríspido com o mundo. Tão fechado.

Ele virou a esquina à direita, de uma só vez, entrando em uma ruazinha morta. Apertei o passo para não o perder de vista e, no mesmo instante, minha perna esquerda começou a protestar de dor.

Merda de perna.

Antes eu podia correr.

Agora nem isso.

Mas não acho que eu estaria atrás dele se fosse antes, de qualquer forma.

Assim que entrei na rua, o pânico me acertou em cheio. Olhei para todas as direções, temendo que tivesse perdido Martin de vista. Por algum motivo, só essa perspectiva já me deixou com os joelhos bambos.

Mas então avistei o topo de sua cabeça por trás do muro inteiro pichado. Suspirei, aliviada, e me senti patética por isso. Enquanto me aproximava, percebi que ele tinha se escondido em um terreno baldio e parecia se mover de um jeito... *estranho*.

Em passos cautelosos, me aproximei, tomando cuidado para não ser vista. E, quando Martin enfim ocupou o meu campo de visão, senti como se o mundo fosse arrancado dos meus pés de uma só vez. Meu estômago revirou e senti vontade de vomitar.

Eu conseguia entender suas cicatrizes agora.

Era lamentável. Uma imagem deprimente e desesperadora na mesma medida.

Martin esmurrava o muro chapiscado como se quisesse descontar suas frustrações nele. Como se, na verdade, o muro fosse o *grande culpado* por todas as mazelas do mundo. O braço direito tomava impulso para trás para, logo em seguida, se chocar intensamente na parede. Talvez fosse minha

imaginação, mas eu quase conseguia ouvir seus ossos estalando contra o concreto e a pele rasgando, dando vasão a todo o sangue que pintava a parede e escorria por suas mãos.

Imagens do meu acidente vieram à tona. Minha calça lavada de sangue, o asfalto manchado. A fratura exposta. Espalmei o peito com as duas mãos e a tristeza me acertou em cheio, como um dos golpes de Martin. Chocada com a violência com que ele se destruía, lembrei da sacada, da noite em que passou pela minha cabeça acabar com tudo. Pensei em todos os sonhos apagados, em um destino que nunca chegaria e senti falta de tudo isso. Falta de ser a Alana destemida, segura, forte.

Quando dei por mim, estava chorando. Meus ombros balançavam com violência, meu peito subia e descia em uma cadência frenética. A respiração curta, superficial, que me deixava cada vez mais sem fôlego. A vasão enorme de lágrimas encharcou o meu rosto em poucos segundos e então começou a molhar a gola da camiseta, causando um incomodo enorme. Mas eu não conseguia me mover. Meu corpo tinha virado pedra. Os braços pesavam, as pernas incomodavam. Meus ombros reclamavam do peso enorme sobre eles. E meu coração sucumbia. Meu Deus, como doía. Doía demais.

Eu nem conseguia *entender*, essa era a pior parte.

Só era muito triste ver um menino da minha idade tão machucado. Tão desolado, tão sem esperança, tão quebrado. Porque era como me ver nele. Éramos iguais em nossas diferenças.

Dei um pulo de susto quando Martin urrou, me lembrando de como era a sua voz: grave, um pouco rouca, agressiva. Seu grito foi rápido, como uma faca cortando o ar, mas ecoou em minha mente por muitas horas depois. Então, fui surpreendida quando ele caiu nos próprios joelhos, escondendo o rosto com as duas mãos enquanto perdia para o choro compulsivo.

Arrisquei alguns passos em sua direção, mas ainda mantive uma distância segura. As mãos vermelhas de sangue mancharam o rosto. Seu tronco se retorcia, a dor que vinha de dentro parecia muito pior do que a dos machucados recentes.

O que fez sua vida ruir, Martin?

O que deixou você assim, quebrado?

Meu peito apertou intensamente, como se cordas grossas se enrolassem ao redor dele. Chorei junto dele, ali, de longe, desejando

atravessar a distância entre nós e envolver os braços ao seu redor para que pudéssemos nos confortar. Eu estava enlouquecendo. Enlouquecendo demais. Nem devia estar ali. Meus pais deveriam estar surtando àquela altura.

Suas mãos caíram sobre o colo e tive uma visão privilegiada do seu rosto, mesmo com o cabelo escondendo os olhos. Mesmo contorcido de dor, seus traços eram harmoniosos. Nunca tinha percebido o quanto Martin era bonito — não dava, de toda forma, estava sempre escondido pelo capuz da blusa. O nariz comprido e bem desenhado, os lábios cheios e a boca grande, se destacando em seu rosto.

Martin passou o antebraço pelo rosto, secando as lágrimas e afastando a franja da testa e, rápido demais para que eu caísse em mim, suas pálpebras subiram, revelando olhos de um castanho muito escuros, quase negros.

Até os olhos são pretos. Meu Deus.

Levei alguns segundos para entender que tinha sido pega no flagra. Ele também pareceu levar um tempo para absorver essa informação. Martin parou de chorar no mesmo instante. Seus olhos foram parar nas próprias mãos, depois no muro, e só então voltaram para mim e brilharam com um sentimento difícil de decifrar. Ele não parecia bravo por estar exposto em um momento tão frágil, tampouco envergonhado. Na verdade, parecia que Martin me olhava com reconhecimento. Me *enxergava* pela primeira vez. Não como uma menina qualquer que ele estudasse junto, mas como alguém parecida com ele.

Não consegui escapar do seu olhar. Estava acorrentada por uma força muito maior. Me senti tão exposta quanto ele. Nenhum de nós se moveu. Apenas ficamos parados, sustentando o olhar um do outro, jogando um milhão de confidências sem trocar uma palavra. Eu via a dor em seus olhos, o medo, e tudo o mais que ele lutava para não mostrar. E sabia que ele também devia ver muito de mim. Só o fato de eu estar ali já dizia muita coisa.

Eu não conseguia entender o Martin.

Era o aluno novo mais complicado. Era inteligente e estudioso, mas parecia fazer o possível para tirar os professores do sério. Tinha as mãos cheias de cicatrizes, mas nunca comprava briga com os meninos que pegavam no pé dele. Usava blusas no auge do verão, com o capuz sempre erguido. Sempre se escondendo. A roupa inteira preta, como um uniforme.

Eu queria me afastar. Queria porque sentia que esse garoto era problema. Mas era difícil porque, caramba, nós estávamos no mesmo barco.

Claro que por motivos muito diferentes. Mas eu sentia que, dentre todas as pessoas daquela cidade minúscula, Martin era um dos poucos que poderia entender a minha dor. Um dos poucos que sabia o que era sofrer tanto a ponto de sentir que partiria no meio. Um dos poucos que devia ter visto tudo ruir ao seu redor.

Usei o ombro para secar o rosto, enquanto um pensamento invadia minha mente de fininho. Pensei em mim antes do acidente, no meu mundinho cor de rosa e lindo, sem grandes complicações e nenhum drama. Se fosse antes... se Martin tivesse entrado na vida dessa Alana... ela teria olhado para ele? Teria visto toda a dor que ele carrega? E, se tivesse visto, teria se compadecido?

Não. Muito provavelmente não. Me acostumei a ter as coisas que eu queria e acreditei, durante toda a minha vida, que a vida era fácil assim para todo mundo. Se fosse antes, eu provavelmente andaria com as pessoas que infernizavam a vida dele. Talvez eu até risse de algumas piadas sobre ele durante o intervalo. Quem sabe até mesmo me arriscasse a fazer algumas.

Olha só esse esquisitão.

Ele só tem essas roupas?

Será que não sabe que o emo saiu de moda há uns dez anos?

Senti uma guinada intensa na boca do estômago e, por um segundo, pensei que fosse vomitar. A concepção de que eu era igual às pessoas desprezíveis que dificultava ainda mais a minha recuperação me pegou desprevenida, me desarmando. Senti repulsa de mim mesma. E raiva. Raiva do mundo. Raiva da vida. Raiva das coisas e do quanto não tínhamos o menor controle sobre nada.

Quem escolheria perder a perna na véspera de uma viagem incrível?

Quem escolheria socar um muro até rasgar as mãos e sangrar, sangrar e sangrar até estar vazio?

Antes que acabasse desmoronando, girei nos calcanhares com dificuldade e saí dali. Andei o mais rápido que pude, forçando o ritmo de um jeito nada responsável. Meu coto doía, mas nem me importei com isso. Segui o meu caminho, desejando chegar em casa o quanto antes, onde eu poderia finalmente desabar.

No elevador do meu prédio, aproveitei para descobrir se meus pais já tinham dado a minha falta. Com a respiração ofegante, me deparei com dez chamadas perdidas de mamãe, além de algumas mensagens.

Eu já devia ter imaginado.

Entrei em nosso apartamento como um raio e, fugindo de todas as perguntas preocupadas, segui direto para o meu quarto. Bati a porta, sentindo o sangue ferver pelas minhas veias, deixando tudo em chamas.

E foi então que topei com o mural de fotos que ficava logo acima da minha escrivaninha. Eu o tinha há tantos anos que, na maior parte do tempo, já nem lembrava mais dele. Batia os olhos e não *enxergava* mais.

Mas, ali, eu o vi muito bem. Me aproximei, o peito subindo e descendo, e me perdi pelas fotos que contavam uma história com o final muito triste. Começava com uma garotinha loira de olhos verdes posando para o primeiro catálogo na vida. Vi todos aqueles anos de catálogos, cursos de modelo, books, viagens para outras cidades e senti como se meu coração fosse arrancado do meu peito em um golpe cruel.

Fisquei o lábio inferior, caindo no choro enquanto via tantas fotos sorrindo. Com os meus pais, com a minha irmã, com os meus colegas de classe. Tinha até uma foto com Pietro — nossa única foto juntos —, no amigo secreto em que começamos a ficar. Ele tinha me tirado e estava com um sorriso enorme, com um dos braços contornando os meus ombros. Ainda era vívida a maneira como me senti especial naquela noite. Quando nos beijamos pela primeira vez, escondidos na garagem da casa onde estávamos, me senti a garota mais sortuda do mundo inteiro. Ter gostado dele por tanto tempo e, naquele momento, saber que era correspondido, me deixou com um friozinho na barriga que tardou a ir embora. Naquela mesma noite, rolei na cama por horas, sem conseguir dormir, o sorriso alargando mais e mais cada vez que eu revivia os acontecimentos em minha mente.

Com a visão embaçada pelas lágrimas e um nó imenso na garganta que me impedia de gritar como vi Martin fazendo ainda há pouco, arranquei minha foto com Pietro do mural e, sem pensar duas vezes, a picotei em pedacinhos tão pequenos que seria impossível restaurar.

Eu estava com tanta raiva. Tanta, tanta, tanta raiva. Meu deus, como era injusto! Fiz tantos planos e lutei por eles, mas para quê? Só serviu para eu descobrir que o destino era impiedoso. Eu não tinha controle de merda nenhuma. Não tinha como saber o que aconteceria no dia seguinte, por mais planos que fizesse.

Era para eu estar no Japão agora. Era para eu estar quebrando a cabeça para me comunicar em outra língua, e tentando descobrir como

funcionavam os metrô. Era para eu mandar vídeos diários para a minha família, contando como era maravilhoso realizar o meu sonho. Na minha cabeça, tudo era claro e límpido como as lágrimas escapando dos meus olhos. Pensei que conquistar as coisas que eu queria só dependia de mim. Fui ingênua o suficiente para pensar que tudo isso estava em minhas mãos, bastava que eu trabalhasse firme para isso. Mas então, a vida gargalhava de mim, com uma enorme cara de deboche. Eu não mandava em nada. Nada.

— AHHHHHH!!!! — o grito entalado acabou escapando, enquanto eu puxava outras fotos do mural, rasgando-as.

Talvez, se as coisas não tivessem dado tão certo antes, agora fosse mais fácil de suportar. Talvez, se eu já fosse uma ferrada, não estivesse tão baqueada.

Pensei em Martin, todo quebrado, cheio de ódio. Será que as coisas eram fáceis para ele? Será que ele tinha ficado mais cascudo de tanto tropeçar e cair, e agora os tombos não o ferissem mais?

Fui atingida por uma nova onda de ira, me sentindo um pouco como ele. Consegui entender sua necessidade de extravasar no muro. Aquela energia pulsante me destruiria se eu a mantivesse por mais um segundo dentro de mim.

Mirei para a penteadeira cheia de maquiagens caras e, como um animal selvagem à espreita de sua caça, fui até ela. Agarrei as maquiagens tão suadas de conquistar e comecei a atirar pelo quarto. O pó da Dior espatifou no chão, parecendo um punhado de areia. O prazer de destruir coisas tão importantes para mim me fez estremecer, extasiada.

— EU. ODEIO. MINHA. VIDA. DE. MERDA!!! — berrei, atirando outras coisas.

A porta foi aberta de uma só vez e mamãe invadiu o meu quarto como uma leoa. Sua expressão era pura preocupação e angústia. Me ver sofrendo acabava com ela, eu sabia disso. Mas que mais eu podia fazer? Eles até podiam ser afetados, no entanto era *comigo* que estava acontecendo. Era demais para suportar.

Papai veio logo depois. O cenho franzido, o maxilar trancado. Nicole ficou do lado de fora, observando a cena com choque. Sem dizerem uma única palavra, mamãe e papai me cercaram e me envolveram em um abraço desajeitado. Cada um de um lado. Me debati, tentando me libertar. Eu precisava destruir tudo. Precisava colocar para fora ou acabaria explodindo,

como um balão. Mas, quando mais eu me remexia, mais forte eles me abraçavam. Papai enterrou o rosto em meu cabelo, deixando uma sucessão interminável de beijinhos no topo da minha cabeça. Mamãe, por sua vez, deslizou a mão pelo meu braço direito suavemente, tentando me confortar.

Aos poucos, desisti de lutar e apenas me entreguei ao afago. Aceitei ser reconfortada e senti a raiva dando lugar a outra coisa muito mais forte, muito mais potente. Ser amada, ser acolhida, tornava tudo um pouco menos doloroso de lidar.



*Quero me curar, eu quero sentir
O que achei que nunca fosse real
Eu quero deixar essa dor que segurei por tanto tempo
Apagar toda a dor até que ela se acabe
Linkin Park – Somewhere I belong*

Geraldo quebrou alguma parte muito importante de mim. Uma parte impossível de reparar.

Nenhum remendo que eu tentasse fazer com os pedacinhos que restaram jamais chegariam aos pés do Martin que eu era antes dele aparecer em nossas vidas.

Eu gostava de ficar imaginando como minha vida teria se desenrolado se mamãe jamais tivesse começado aquela maldita faculdade de direito onde o conheceu. Se ela tivesse esperado um ano, ou tivesse escolhido outro curso. Outra universidade. Se tivéssemos mudado de cidade, para bem longe dali, e conhecido outras pessoas.

Como teria sido? Será que eu ainda precisaria me cobrir para esconder os hematomas? Será que me castigaria por coisas das quais não tinha o menor controle? Será que pensaria, vinte quatro horas por dia, em acabar com tudo? Em deixar que a morte me abraçasse com seus braços fortes e me arrastasse para a escuridão irreversível, onde nenhuma dor poderia me tocar outra vez.

Acho que não.

Mamãe costumava contar que fui uma criança apaixonada pela vida. Eu era feliz, comunicativo, fazia amizade com todas as crianças que estivessem por perto. Ela sempre dizia isso na tentativa de me animar, sem nunca perceber que só me afundava mais.

Fico imaginando se, sem os traumas, eu seria assim. Em como seria estar entre outras pessoas sem precisar vestir uma máscara de dureza que não deixava transparecer o medo paralisante que eu sentia o tempo todo. Como seria conversar com os outros sem descontar as minhas frustrações neles. Como seria apenas viver uma vida, sem ter que me convencer a todo segundo que eu precisava ser forte e não desistir.

Só hoje.

Fique vivo só mais hoje, cacete.

Não acabe com a sua vida por causa dele.

Não dormi uma única hora aquela noite, depois de ter recebido a sua visita. O problema de Geraldo é que ele me consumia em todos os aspectos. Me socava até que eu não tivesse forças para levantar, me provocava em toda oportunidade que tivesse, me fazia acreditar que eu era um bosta e merecia tudo aquilo.

Chorei até não ter mais lágrimas para colocar para fora. Abraçado em meu próprio corpo, desejei que eu só pudesse desaparecer. Desaparecer daquela vida fodida.

Mamãe apareceu bem antes que o esperado para me avisar que o turno seria mais cedo e eu precisaria ir sozinho para a escola.

Eu sabia que o zelo não ia durar muito.

Depois que ela se foi, abracei minhas pernas com mais força ainda, mergulhado na apatia. De todos os sentimentos, o pior era *não sentir*. Só aquele imenso vazio que se embrenhava em minhas entranhas, até que eu não conseguisse fazer mais nada além de perceber o quanto estava oco. Nem feliz, nem triste. Só um nada constante que me cercava sem me deixar fugir.

Levantei no horário de sempre e, mesmo sem forças, fingi que me arrumava para a escola. Geraldo aliviou um pouco para mim, fazendo de conta que eu não existia. Não me perguntou nada, nem mesmo me olhou.

Quando ele saiu de casa com Noah, finalmente me senti em paz. Pude baixar a guarda e foi como se um peso enorme saísse de meus ombros. Na gaveta de remédios da cozinha, procurei algum que me fizesse dormir,

apagar, esquecer. Tomei três comprimidos de um remédio para enjoo e, ainda vestido, me joguei na cama. Assim não levantaria suspeitas quando eles voltassem para casa. A escola seria uma distração bem-vinda para me livrar de todo o inferno. Mas eu não tinha forças. Estava vazio demais, quebrado demais, sozinho demais.

Parecia que eu tinha acabado de fechar os olhos quando mamãe me acordou para jantar, e me perguntou se eu estava me sentindo bem. Assenti, sem me dar ao trabalho de responder nada, e o único motivo que me fez acordar é que eu precisava estar alerta.

Passei a noite em claro, agarrado a um livro, devorando as palavras para não me perder na armadilha que era a minha cabeça. Cada som vindo de fora fazia meu coração parar.

Quando as luzes da manhã invadiram o meu quarto, percebi aliviado que ele não viria. Assim como no dia anterior, esperei que todos saíssem de casa, enquanto fingia me aprontar para a escola e, assim que me certifiquei de que estava sozinho, me dopei com remédios. Eu não podia confiar em minha própria mente. Era melhor desligar os pensamentos, me esconder de mim mesmo, para não acabar fazendo nenhuma besteira.

No terceiro dia, mamãe se ofereceu para me levar, mas fui enfático em recusar, o que a deixou um pouco desconfiada. Mas, mesmo assim, cedeu ao meu pedido.

— T-tá bom. Tudo bem. — disse, enquanto fechava o portão entre nós. — Toma cuidado, tá? Boa aula, querido.

Não respondi.

Em vez disso, virei as costas e fui de encontro ao que já tinha virado um ritual. Me atirei na cama, depois de surrupiar mais remédios da gaveta da cozinha, e, já abraçado ao travesseiro, suspirei aliviado.

Talvez virar as costas para os problemas não fosse a melhor forma de lidar com eles, mas, francamente? Eu não dava a mínima. Desde que me livrasse da dor lancinante que me paralisava sempre que estava acordado, por mim tudo bem.

Naquela tarde, porém, fui acordado por gritos exasperados que me fizeram sentar na cama com o coração acelerado. Espalmei o peito, olhando para todas as direções a procura de Geraldo. Aos poucos, minha consciência clareava e eu conseguia captar as palavras vindas abafadas do lado de fora:

— Eu vou dar um cacete bem dado nesse moleque pra ele aprender...

Não quero saber, Daiane! Que merda! Tá rasgando nosso dinheiro fora, ele não dá valor pra porra nenhuma que você faz por ele.

A voz da mamãe saía em resmungos tão baixos que eu mal podia discernir o que estava dizendo. Mas só as palavras dele, assim como o tom ultrajado, já eram o suficiente para eu entender o que estava acontecendo.

Eles tinham descoberto.

Eu estava fodido.

Ia apanhar até não conseguir mais parar em pé.

Merda. Merda. MERDA.

Eu só deixo as coisas ainda piores.

Esfreguei o rosto, ouvindo os passos pesados dele de um lado para o outro.

— É por isso que ele é assim, sabia? Você passa a mão na cabeça desse moleque até dizer chega. Tinha que quebrar os dentes desse pivete, uma vez só, e nunca mais ele dava uma dessas — Mamãe respondeu alguma coisa, sempre baixinho, sempre com medo, ao que ele respondeu com uma gargalhada vil. — Conversar?! Você *merece* isso! Vocês dois se merecem. Não venha me dizer que é um momento difícil e toda essa ladainha. Difícil foi minha infância, tá ok? Difícil foi acordar junto com as galinhas pra ajudar em casa...

Nauseado, cobri os ouvidos com as mãos, sentindo a respiração ficar cada vez mais superficial.

Engole o choro, caralho.

Ele vai entrar aqui e não pode saber que você tá se cagando de medo.

Mordi o nó do dedo indicador com força, tentando me controlar. Tentando me preparar para o confronto. Eu fazia o que fazia para provocar Geraldo. Prometi ser rebelde na escola e bater de frente com ele sempre que possível. Mas, caramba, era difícil ser durão quando eu sabia quão forte ele era. Quando eu sabia o quanto doía.

A porta abriu, fazendo-me pular de susto na cama. Mais que depressa, me muni da minha melhor expressão *blasé*. No entanto, foi impossível esconder a surpresa quando me deparei com mamãe do outro lado, e não ele.

Torcendo as mãos uma na outra, ela entrou no quarto em silêncio, fechando a porta atrás de si. Imediatamente, cruzei os braços sobre o peito, criando uma barreira entre mim e ela. Ergui o queixo em desafio, esperando o sermão que eu sabia que viria.

Mamãe se demorou alguns minutos me encarando, um olhar que misturava decepção, raiva e o desamparo de sempre. Ela suspirou fundo, soprando alguns fios de cabelo do rosto. E então, parecendo despertar de um transe, foi até a escrivaninha e puxou a cadeira de computador de lá, parando-a em frente à minha cama.

— Não sei mais o que fazer com você... — começou, com um tom superexausto, o mesmo que usaria se tivesse acabado de descobrir que eu matava pessoas ou sei lá. Quis revirar os olhos, mas me contive. — Tô tão cansada de precisar lidar com a sua rebeldia. Tão... *frustrada*.

Fiquei imóvel, sem me permitir esboçar reação alguma. Fingi ser uma estátua de cera, com uma expressão vazia eternizada no rosto.

Percebendo que eu não estava disposto a colaborar, mamãe endureceu um pouco mais a expressão, assemelhando-se a Geraldo. Quase dava para visualizar sua cara de porco, inteira rosa, os olhos azuis aguados me encarando com ódio.

— Você sempre foi um aluno impecável, sabe. Se existia algo que ninguém podia falar contra você era isso. Nem mesmo seu pai podia reclamar, Martin. — Seus olhos brilharam intensamente. Parecia uma tentativa de elogio. *Uau, tô me sentindo bem melhor, hein. Muito bom.* — Desde pequeno você sempre foi muito curioso. Sempre gostou de estudar as coisas, entender como o mundo funciona. Nunca tirou uma nota vermelha. Às vezes no trabalho vejo algumas colegas se queixando que os filhos ficaram de recuperação, reprovaram, ou então precisaram de aulas particulares pra conseguir entender uma matéria... mas você não, querido. Sempre me orgulhei disso.

— Hummm, não parece — murmurei. Mas, se ouviu, ela preferiu ignorar.

— Estamos tentando te ajudar, Martin. Seu pai e eu. Te colocamos nessa escola particular, estamos pagando terapia... — foi demais para mim. Antes que eu pudesse evitar, a interrompi.

— Primeiro: ele *não é* a porra do meu pai — informei, pelo que parecia ser a centésima vez só naquele mês. — E eu já ouvi umas vinte vezes ele te chamando de burra porque você tá gastando o seu dinheiro comigo, mãe. Posso ser muitas coisas, mas surdo não é uma delas.

Minha mãe fechou os olhos e respirou fundo, usando todas as suas forças para não perder o controle. Eu sabia o que ela fazia em

situações em que me achava difícil demais de lidar: passava a bola para Geraldo. Pedia que ele desse um jeito. Que me educasse.

E eu sabia melhor ainda *como* ele fazia isso.

Mas, para a minha sorte, ela resolveu ignorar outra vez.

— Você não vai mais faltar na escola, tá ouvindo? — o tom saiu firme, bem diferente do que eu estava acostumado.

— Se não...? — provoquei, com a sombra de um sorriso nos lábios.

— Se não eu não vou intervir da próxima vez, Martin. Simples assim. Vou deixar seu pai ter a próxima conversa.

Mordi o lábio inferior, deixando uma risada amarga escapar do fundo da garganta.

Tão, tão previsível.

Tão escrota.

Igualzinha a ele.

— Uau! — soltei.

— Sobre a terapia: custa bem caro, filho. Você tem o privilégio de usar pro seu bem. A Elise é uma profissional maravilhosa, pode te ajudar muito. Mas só se você quiser. — Mamãe tentou esticar o braço para segurar a minha mão, mas me esquivei de uma só vez. — Ela me contou que você usou uma sessão inteira para conversar sobre filmes e outra para contar sobre o Nietzsche! Pelo amor de Deus, Martin!

Bati com as mãos nas coxas, negando com a cabeça como se estivesse ultrajado.

— Achei que ela não fosse te contar nada? — estreitei os olhos. — Achei que nossas sessões fossem superconfidenciais e tivesse toda aquela baboseira de ser antiético falar pra você?

— É óbvio que ela falou, né, Martin? — ela estava perdendo a paciência. — Você tá rasgando dinheiro. Ela só deu esse toque, me pediu pra tentar conversar com você e te fazer mudar de ideia.

— Hum... ela não me parece muito boa se precisa de você pra me persuadir — cuspi as palavras, estufando o peito e erguendo o rosto ainda mais, assumindo a parte de mim que eu detestava.

Mamãe curvou o corpo para frente, cruzando as mãos. Ouvi um suspiro alto e desanimado antes que ela se endireitasse outra vez. O rosto parecia talhado em madeira, rígido, impassível.

É isso.

É isso mesmo.

Espero que eu seja um tormento pra você como vocês são pra mim.

— De todas as pessoas no mundo, ela é a certa pra te ajudar, filho. Estudou pra isso e trabalha com crianças e adolescentes há muitos anos.

Revirei os olhos, dando a batalha por vencida. Me joguei na cama, virando de costas para ela, como se estivesse me preparando para dormir outra vez.

— Mãe, será que você não percebe mesmo que não tem psicólogo no mundo que vai me ajudar enquanto eu viver nesse inferno? — resmunguei, tentando ignorar o aperto intenso no peito. Eu não sabia porque ainda nutria esperanças. Era óbvio que nada mudaria. Jamais. — O único jeito disso dar certo pra mim é morrendo e nascendo de novo. Já tô quebrado demais, não tem conserto, porra.

Um silêncio pesado tomou conta do quarto.

Eu imaginei minha mãe com uma cara de piedade difícil de engolir, a imaginei se lamentando para as amigas enfermeiras, contando que o filho rebelde só dá trabalho e ela não faz ideia de onde errou. Em minha imaginação, as amigas davam tapinhas complacentes em seus ombros, dizendo frases vazias de consolo. *Vai ficar tudo bem, ele vai mudar, tenha paciência.*

Contrariando minhas suposições, no entanto, mamãe rompeu o silêncio com uma risadinha baixa e afiada que lembrava muito a minha.

— Inacreditável — disse, e deixou transparecer a impaciência em cada sílaba. — Tantas pessoas dariam tudo pra estar no seu lugar e você é esse ingrato. Tem um teto pra morar, comida na mesa, estuda em um colégio ótimo e caro. E como você retribui? Sendo essa pessoa difícil de engolir que ninguém aguenta ficar perto!

Quis responder à altura, mas não pude.

As palavras se perderam dentro do vazio que eu carregava dentro de mim. Fiquei chocado demais.

Era incrível como, mesmo magoado com ela pela omissão durante aqueles dez anos, eu ainda a desse tanto poder sobre mim.

Como eu era ridículo! Desesperado por afeto, implorando atenção, a menor que fosse. E, por ainda entregar meu coração a ela, que mamãe conseguia me despedaçar com tão pouco.

Girei o corpo, ficando de frente outra vez. Dessa vez, era ela quem estava com o queixo erguido, uma expressão irritada tomando as feições.

— Você não se esforça pra melhorar. Ter transtornos psicológicos não te dá liberdade de ser malcriado e insuportável desse jeito. — Mamãe passou as mãos pelo cabelo, aparentando hesitar um momento. Mas bastou que nossos olhares se encontrassem para que ela reunisse a coragem necessária. — Olha... seu pai tem razão, sabia? Você vive trancado nesse quarto, nunca passa um tempo com a sua família. Sempre de cara fechada, respondendo, parece fazer o possível para que ninguém goste de você, Martin. Por que você faz isso?

Pulei da cama tão rápido que só me dei conta quando já estava em pé. Minha mãe arregalou os olhos de medo, como se eu fosse bater nela, ou sei lá que loucura passou em sua cabeça. A única pessoa que tinha o direito de temer alguma coisa ali era eu.

Alcancei meu moletom e o maço de cigarro e, antes que pudesse ouvir mais uma palavra escapar de sua boca, corri para fora. Geraldo estava na cozinha com Noah, o que foi melhor ainda, pois não precisei topar com eles. Do lado de fora, andei a passos rápidos, quase correndo, sem enxergar nada. O mundo me passava como um borrão desfocado e multicolorido. Nenhuma forma, nada que eu pudesse reconhecer. Eu não ouvia nada, não sentia cheiro. Andei, pisando firme na calçada, enquanto carcava as unhas nas palmas.

Não aguento mais. Não aguento mais. Não aguento mais.

Eu só precisava extravasar. Precisava me livrar da dor dilaceradora que apertava meus órgãos internos até que eles explodissem, se espalhando para todas as direções.

No modo automático, me embrenhei entre as pessoas que caminhavam na rua e desviei de carros apressados. Só acordei do transe quando dei o primeiro murro na parede e senti a pele rasgar.

Foi como ouvir uma ópera dentro da minha cabeça. Uma sinfonia de prazer e alívio. Como uma coisa tão destrutiva podia me fazer tão bem? Eu adorava o cheiro forte e metálico do sangue que se

misturava ao suor de todo o esforço que eu fazia. Adorava o pulsar ardente nas juntas que servia como um bálsamo para as feridas do coração. Adorava o vermelho pintando a minha pele e a parede. Deixando a marca da minha dor, me lembrando que, apesar de tudo, eu estava vivo.

As palavras de mamãe reverberavam pelas paredes da minha mente sem me dar uma trégua. Geraldo podia me xingar com todos os palavrões do mundo e jamais me machucaria tanto quanto ela afirmando que eu a decepcionava. Com as mãos fracas de dor e sem conseguir bater mais, soltei um berro estridente. Minha voz se espalhou, como um pedido de socorro para qualquer pessoa. Qualquer uma. Eu só precisava de alguém. Precisava de um motivo para não sucumbir. Meu Deus, por que era tão difícil?

E foi então, enquanto a escuridão me acariciava com seus dedos vis, que eu vi Alana. A princípio, pensei que fosse loucura minha. Um devaneio causado pela dor. Isso sem contar que estava calor demais para um moletom, eu devia ter fritado meus miolos. Só podia. Porque, caralho, não fazia sentido aquela garota linda estar ali, logo ali, parada à minha frente, há poucos metros de distância.

Fiquei paralisado. Não por ter sido pego no flagra, na verdade eu não podia ligar menos para isso. É só que... não sei. Tinha tanta dor no jeito como ela me encarava. Alana não aparentava asco, não parecia me julgar. Pelo contrário, seu olhar era complacente. Ela *entendia*. Ela tinha acabado de ver o meu lado mais feio e *entendia*.

Pisquei algumas vezes, sentindo os dedos tremerem no ar. Era como ver um anjo, por mais piegas e ridículo que fosse admitir isso. Alana era tão bonita. O rosto delicado, ovalado, os olhos imensos, o cabelo solto, voando ao sabor da brisa.

E enquanto ela me encarava eu só queria poder levantar e a envolver em um abraço. Só queria confortá-la, prometendo que ficaria tudo bem, ainda que essa fosse a mentira mais deslavada de todas.

Nada nunca ficava bem.

Antes que eu pudesse colocar qualquer uma das minhas ilusões em prática, no entanto, Alana fugiu, rompendo a conexão quase tangível entre nós.

Senti uma dor física no peito, ao mesmo tempo em que a

garganta se fechava, como se mãos fortes me estrangulassem.

Para com isso, cacete!

Que merda é essa?

Você já não tem problemas suficientes?

Olhei para as minhas próprias mãos e depois para ela, cada vez mais pequena conforme se distanciava, e foi então que percebi o quanto estava fodido.



Quando o despertador tocou na manhã seguinte, lamentei profundamente por isso. Tinha passado a maior parte da madrugada em alerta, temendo que Geraldo quisesse se vingar de mim do pior jeito possível. Esfregando os olhos para afastar o sono, abandonei o quarto. Antes que pudesse entrar no banheiro, topei com ele, para a minha infelicidade.

No mesmo instante, todo o meu corpo enrijeceu, se preparando para o pior.

— Sua mãe precisou ir mais cedo, e eu tô saindo agora, você vai ter que ir sozinho, e... — ele parou de falar quando eu retomei os passos, fingindo não dar a mínima para o que dizia. Antes que eu entendesse o que estava acontecendo, Geraldo me empurrou para a parede, fazendo minhas costas baterem com força. Mordi a língua para não deixar transparecer a dor. — Tô falando com você, seu bostinha — rosnou, com o dedo em riste no meu nariz. — Vou ligar no seu colégio de meia em meia hora se for preciso. E se eu souber que você saiu da linha um pouquinho assim, você se vê comigo na volta. Ouviu?

Dei de ombros, recusando-me a responder em voz alta.

Geraldo estreitou os olhos, mas pareceu lembrar que tinha hora para chegar no trabalho, pois me soltou e rumou para cozinha, onde Noah terminava o seu café da manhã.

Terminei de me vestir depressa e peguei minha mochila no quarto. Mal tinha saído do quintal quando acendi o primeiro cigarro. Ainda era cedo para ir para a escola, mas eu queria passar em um lugar

primeiro.

Em passos tranquilos, rumei para o boteco da Martinha. Dessa vez, não estava com o meu moletom para conseguir me esconder sob o meu capuz, por isso me muni da minha expressão mais emburrada enquanto atravessava a porta de entrada. Fui recebido com o cheiro agridoce de sujeira, suor e bebida.

Ela pareceu decepcionada ao me ver ali, mas não tentou me dar sermão, nem nada parecido. Apenas me serviu, quantas vezes eu pedi, e encheu o cantil de metal que eu tinha comprado alguns dias antes.

Seus olhos se demoraram nas feridas recentes em minhas mãos enquanto eu pagava.

— As coisas não melhoraram? — perguntou, com cautela.

— Algumas pessoas nascem pra se foder a vida inteira — dei de ombros, subindo a alça da mochila pelo ombro outra vez. — Já me conformei. Até mais! — sorri, deixando o boteco com as pernas bambeando.

Esse era o tipo de torpor que me agradava. Quase tão eficaz quanto a autoflagelação. E menos malvisto pela sociedade.

Embolando uma perna na outra, segui pelo caminho me sentindo leve como uma pluma. As palavras de Geraldo antes de eu sair de casa ainda ecoavam pela minha cabeça. Segurei as alças da mochila com força, sendo tomado por uma vontade avassaladora de fazer alguma merda muito grande na escola, só para mostrar que eu não me importava com nada que saísse da sua boca asquerosa.

Mas... eu não podia. Não ainda. Era preciso estar forte para bater de frente com ele. E, no momento, eu estava fragilizado demais. Toda vez que Geraldo encostava em mim, toda vez que ele rompia a barreira de proteção que eu tentava criar ao meu redor, me deixava miserável.

O problema dos abusos era que, diferente do resto, eu não podia erguer o queixo e rebater a provocação a altura. Quando ele me subjugava daquele jeito, era só humilhante e nada mais. Eu me sentia sujo, asqueroso, indecente. Como se toda aquela merda fosse culpa minha. Como se eu não desse tudo para escapar daquele inferno.

Apertei os punhos com mais força enquanto me aproximava do colégio. Do outro lado da avenida, os muros amarelos pálidos

ocuparam toda a minha visão. Vários alunos conversavam na calçada em frente ao colégio, rindo e se empurrando feito idiotas. E, na esquina, um casal se engolia sem a menor vergonha. Ele apertava a bunda dela como se não estivessem na frente de todo mundo e a garota fingia ficar brava, apesar de não mover um dedo para tirar a mão dele de lá.

Vindo de um colégio estadual, eu estava para lá de acostumado com esse tipo de coisa. Em minha antiga escola, cenas de pegação aconteciam nos corredores, no pátio, nos banheiros e, principalmente, na biblioteca. Mas, sei lá. Tinha alguma coisa que parecia artificial demais. Como se eles *quisessem* chamar atenção.

Revirei os olhos, sentando no banco de metal do ponto de ônibus. Eu queria não odiar tanto aquele colégio. Queria aproveitar a oportunidade. Estudar meu último ano ali me daria uma chance maior de passar no vestibular e fazer uma boa faculdade. Eu precisava me agarrar a coisas como essa para continuar sobrevivendo. Era a esperança de que dias melhores viriam que me mantinham vivo. Se eu não acreditasse nisso, então não tinha razão para continuar tentando. Se eu não me agarrasse a isso, era só entregar as cartas, conformado.

Mesmo assim era difícil não ficar ressentindo. Eram todos muito diferentes de mim. Tinham tanta sorte e nem se davam conta. Tinham tudo e, ainda assim, era pouco. Eu tinha raiva porque queria ser como eles. Queria me agarrar com uma menina qualquer na esquina, só para ter assunto na hora do intervalo. Queria rir alto, empurrar meus amigos, queria que minha maior preocupação fosse com o trabalho que esqueci de fazer, ou de quem poderia colar na prova.

Tirei um cigarro da mochila. Ainda era cedo para entrar. Quanto menos eu precisasse ficar com os babacas que estudavam comigo, melhor. Era doloroso demais precisar ver a distância discrepante que nos separava. Como dois mundos distintos.

Traguei demoradamente, quando algo chamou minha atenção. Vi duas cabeças loiras se aproximando do colégio, do outro lado da avenida. Me empertiguei no banco, apertando o assento com a mão livre para aliviar a tensão que correu pelos meus músculos.

Alana caminhava ao lado de sua irmã. Eu lembrava dela estar

presente na padaria, mas naquele dia não tive a oportunidade de estudar seu rosto com atenção. A garota mais nova era idêntica à irmã. Podiam se passar por gêmeas, se quisessem. Ela usava óculos de armação grossa, de um rosa elétrico, e andava olhando para os próprios pés. Já Alana parecia fazer o maior esforço para acompanhar o ritmo da irmã caçula. Ela era orgulhosa, dava para notar. Do tipo que preferia sofrer para acompanhar o ritmo a pedir para que a outra andasse mais devagar.

Esfreguei a nuca, sem conseguir desviar os olhos. As duas conversavam sem parar, trocando cotoveladas e cutucando as costelas uma da outra. Bem diferente do dia na padaria, em que Alana parecia querer descontar tudo na família. Por alguma razão, isso me deixou feliz. Era meio idiota, eu nem as conhecia, não sabia nada sobre a vida delas. Mas é que... naquela tarde, consegui perceber a preocupação e o amor da família dela. O quanto o seu sofrimento os machucava. Devia ser bom ter com quem contar. Eu só queria ter alguém. A convivência com Gustavo me fazia falta. Ter um refúgio, um lugar onde os problemas não podiam me alcançar.

Pela visão periférica, observei algumas pessoas da nossa sala cutucarem umas às outras para, logo em seguida, indicarem Alana e a irmã chegando. Bati a cinzas do cigarro, os dedos tremiam tanto de raiva que quase o deixei cair no chão. Ela era uma piada para eles. Assim como eu. Parece que era engraçado tirar sarro de quem não tinha a mesma sorte deles.

Senti as bochechas queimarem de raiva.

Alana também percebeu a atenção que ganhava, pois, no mesmo instante, começou a mancar ainda mais. Quanto mais nervosa, mais dificuldade para firmar os passos. Senti o estômago revirar e uma tristeza vil tomar conta de mim.

Tinha virado uma bola de neve. Agora todo mundo a assistia, como se ela fosse um animal em um zoológico. A irmã mais nova também notou e, como forma de consolo, enroscou o braço no de Alana, fazendo o possível para distraí-la.

Mas Alana já parecia ter sido envolta pela escuridão. Mesmo de longe, eu podia ver seu rosto desmoronando e ela lutando para segurar o choro. Eu conhecia aquele sentimento. Tinha virado especialista

nisso. Sabia a força sobre-humana que demandava não deixar transparecer as emoções.

E então, quando achei que não tinha como piorar a situação, ela tropeçou no próprio pé e perdeu o equilíbrio. Estavam na entrada do colégio. Na frente de todos aqueles filhos da puta sem coração. A irmã mais nova tentou firmá-la sem nenhum sucesso. Levantei em um rompante, observando a cena que parecia se desenrolar em câmera lenta.

Alana caiu no chão, apoiando-se nas mãos. Sua irmã ficou paralisada por uma fração de segundo, mas logo abaixou para ajudá-la a levantar.

Nesse meio tempo, os garotos da nossa sala caíram na risada, apontando e se cutucando como se aquela fosse a piada mais engraçada do mundo inteiro.

— Ah, caralho, a gente vai pro inferno — um deles falou, com a voz embargada de tanto rir.

— Ué, Alana, você não desfilava e tudo mais? Tá difícil andar?

A princípio, só eles brincavam com a situação. Dava para ver que os outros ainda estavam desconfortáveis. Mas, conforme os comentários maldosos se juntavam às risadas descontroladas, mais pessoas pareciam achar tudo aquilo engraçado.

Tudo bem que a gente não devia tratar uma pessoa deficiente diferente por isso. Todo mundo caía o tempo todo, eu sabia. Mas, caralho. Ela ainda estava *aprendendo* a usar a prótese. Era recente, pelo que eu sabia. Sério mesmo que ninguém tinha o mínimo de empatia?

Quero dizer... imagina só você passar por um acidente que muda sua vida inteira e as pessoas do seu colégio rirem de você por isso! Cacete, era muito desumano. Que tipo de coisa eles fariam se soubessem o que eu passava em casa? Será que viraria uma espécie de piada entre eles? *“Olha só o Martin que vira o brinquedinho do padrasto.”*

Ah, merda. Isso é tão errado.

Errado em tantos níveis.

Engoli em seco, sentindo a língua ficar grossa como uma lixa. Dei alguns passos à frente, parando na beirada do meio fio.

— Não ouça ninguém, Nana — li os lábios de sua irmã, enquanto a ajudava levantar.

Alana não respondeu nada, apenas assentiu, enquanto se erguia com dificuldade. E, de queixo erguido, saiu dali acompanhada da irmã, sumindo para dentro dos muros da escola.

Aquilo me quebrou.

Me quebrou tanto quanto as agressões de Geraldo.

Como ter esperança nas pessoas quando eram todos assim?

Sério, eu não conseguia entender como alguém podia temer um inferno. Frequentavam a igreja para tentar arrumar em espacinho no céu, sem nunca perceberem que a gente *já estava* no inferno. Não podia existir nada pior do que nós mesmos.

O ser humano é cruel por natureza. É um impulso silencioso que ecoa pelos nossos ossos, nos guiando para o mal. Alguns de nós conseguem nadar contra a corrente, indo na direção oposta, a bondade. Mas o resto... o resto está condenado.

Eu não sabia se continuar lutando pela minha vida era tão vantajoso assim. Francamente, tinha medo de me livrar de Geraldo e continuar a encontra-lo em outras pessoas, em outros contextos.

Atravessei a rua, cercado pelas risadas e pelos comentários venenosos.

— Você não presta, cara — um garoto falou, se dobrando de tanto rir.

— Ué? Agora não posso chamar a menina de pernetta? Tô só dando nome aos bois, cara.

Meti as mãos nos bolsos, passando despercebido para eles naquela manhã. Nem mesmo o álcool conseguiu me manter alheio. Nem mesmo o torpor correndo pelas minhas veias.

O ódio me tomava, em sua forma mais pura. Esfreguei o rosto, sentindo meu sangue ferver e os batimentos pulsarem na garganta, como se eu fosse vomitar o coração para fora a qualquer segundo. Me atirei no lugar de sempre, onde ninguém além de mim e Alana sentava. Como se tivéssemos algum tipo de doença contagiosa.

Se bem que, se isso me distanciava daquelas pessoas desprezíveis, por mim tudo bem. Eu não fazia questão alguma de que se sentassem na mesma fileira. Para ser honesto, eu não fazia questão nem que existissem no mesmo

mundo que eu.

Umedeci os lábios, tentando me controlar. Meus dedos das mãos tremiam com intensidade, por isso os escondi nos bolsos da calça, gemendo baixinho de dor quando o jeans raspou nos machucados recentes. Fechei os olhos por um segundo, fazendo exercícios de respiração que eu tinha aprendido na internet para não acabar surtando ali, no meio de todo mundo.

Qual é, Martin.

Não se envolva tanto.

Como se eu tivesse escolha.

Já era. Já estou ferrado.

Abri os olhos ao ouvir alguém batendo na porta da sala. Era Alana. A professora Flávia, de redação, provavelmente estava ciente do que tinha acontecido, pois não falou um ‘a’. E ela tinha fama de ser bem chatinha com atrasos, pelo que eu tinha ouvido falar. Apenas deu um passo para o lado, entortando as sobrancelhas para baixo em uma careta nada discreta de dó.

De cabeça baixa, Alana caminhou com dificuldade até a mesa em frente. Apesar de tentar se esconder por trás da cortina de cabelo, consegui dar uma boa espiada em seu rosto. Os olhos injetados e inchados denunciavam o motivo de ter chegado atrasada: Alana estava chorando. Na hora do tombo, levantou como se não fosse nada demais e ergueu o queixo ao passar pelos outros alunos que morriam de rir. E quase me enganou. Mas eu mesmo fiz isso tantas vezes que não conseguia contar com os dedos das mãos. Quanto mais assustado, mais erguia o queixo em provocação. Era a defesa mais estúpida e mais primitiva de todas e, mesmo assim, funcionava. No entanto, agora estava muito claro para mim o quanto as piadas a feriam. O quanto ela murchava.

Agarrei as bordas da minha mesa, para tentar parar de tremer. Cada músculo do meu corpo vibrava em ira. Eu era como um fósforo, só esperando uma faísca para entrar em combustão. Bastava uma simples centelha e pronto, não tinha mais volta. Mas eu não podia explodir ali. Não ali, ou todos saberiam da minha fraqueza.

Enquanto arrastava a cadeira para se sentar, suas íris foram parar em minhas mãos, quase que instintivamente. Eu sabia que ela estaria curiosa. Já a tinha pegado olhando para as minhas cicatrizes várias vezes, como qualquer outra pessoa. A pele das costas da minha mão era tão grosseira, tão grotesca... era incompreensível para os outros se depararem com algo tão medonho. Mas

ali era diferente. A curiosidade de Alana não era mais sobre o que tinha deixado aquelas marcas, pois ela *já sabia*. Tinha visto com os próprios olhos. Sua curiosidade era justamente em saber o estrago que eu tinha feito comigo mesmo.

Sem pensar muito, deslizei as mãos para cima da superfície de madeira, deixando-as bem visíveis. Alana engoliu em seco, antes de se lançar em sua cadeira, com o rosto ainda mais tristonho que antes.

Estava tudo tão errado.

Cacete, meus pensamentos rodopiavam rápidos demais para acompanhar.

Eu não queria ver Alana tão quebrada. Não queria ver seus olhos vermelhos de tanto chorar. O que era ridículo em vários graus, pelo amor de Deus. E, ainda assim, me vi dando vários chutes fracos no pé de sua cadeira. Aquele era um hábito que eu costumava fazer sem nem perceber. Mas, dessa vez, foi de propósito. Queria chamar sua atenção. Queria arrancá-la, ainda que por poucos segundos, do buraco no qual estava afundando.

Dei vários chutes com a perna direita e, quando cansei, recomecei com a esquerda. Estava decidido a continuar até que ela virasse para trás, como costumava fazer quando eu começava com o tique nervoso. Queria mesmo ver aqueles olhos verdes outra vez. Mesmo que irritados, porque, caralho, eram tão bonitos. Como tudo nela. Alana era muito bonita e estava tendo um dia de merda. Então, se eu pudesse, queria melhorar as coisas um pouquinho.

Ah, droga, onde eu tô com a cabeça?

Alana não olhou. Parecia nem perceber o que eu estava fazendo. Ou não se importar. Talvez estivesse tão imersa nos próprios pensamentos, revivendo o tombo de horas antes, que não restasse espaço para mais nada. Talvez estivesse concentrada contando os segundos para dar o fora dali, longe de todas essas pessoas que pareciam torcer para que ela fracassasse.

Será que ela ainda gritava com os pais quando chegava em casa? Do jeito que eu vi na cafeteria? Será que ela surtava e dizia que não voltaria para a merda daquela escola de jeito nenhum? Será que, para começo de conversa, eles sabiam o que estava acontecendo com ela?

Enquanto a professora Flávia lotava o quadro com matéria, me perdi em pensamentos sobre Alana. Fiquei me perguntando como ela era antes. Todas as histórias que eu já tinha ouvido... sobre ela ser modelo desde

criança. Sobre ter o destino traçado. Sobre ter parado de falar com o namorado depois do acidente e se escondido do mundo.

Éramos de realidades diferentes. Realidades díspares demais, como se eu fosse de uma dimensão e ela de outra. Eu não conseguia nem imaginar a barra que ela estava segurando, não conseguia mensurar tudo o que ela perdeu. Mas essa era a nossa principal diferença: eu não tinha nada para perder. Nunca tive. Eu era um ferrado e, conforme os anos passavam, eu me ferrava um pouco mais. Só isso. Não havia nada que já não tivessem tirado de mim: infância, felicidade, esperança.

E, por isso mesmo, um anseio muito forte dentro de mim me fez aumentar a força nos chutes. Eu estava perdido, mas ela não. Era uma menina linda que tinha que dar a volta por cima, só para esfregar na cara daqueles otários.

Como Alana não olhava de jeito nenhum, acabei agindo por impulso, sem pensar direito. Enrosquei o pé direito na perna de sua cadeira e a arrastei para trás de uma só vez. Puxei até que as costas da cadeira tocassem na beirada da minha mesa. A professora Flávia e algumas pessoas olharam em nossa direção, procurando a origem do barulho.

Só depois de alguns minutos que Alana deu o braço a torcer e girou o tronco para me encarar por cima dos ombros. Atordoada, ela se inclinou para o lado, olhando para o meu pé ainda enroscado na perna da cadeira. Logo em seguida, se endireitou e olhou para mim. Consegui captar o brilho do entendimento surgindo em seus olhos antes que ela me surpreendesse com um sorriso tímido.

Senti o rosto aquecer de um jeito bom com aquela imagem. O sorriso dela era bonito. O lábio superior fazia uma curva suave para cima. Mordi o lábio inferior, sem nem tentar disfarçar que estava encarando deliberadamente a sua boca.

E, quando dei por mim, me peguei retribuindo o sorriso dela. O que pareceu deixar Alana ainda mais chocada.



*Você está sofrendo, você está quebrando
E eu posso ver a dor em seus olhos
Keane – Everybody's changing*

Olhei por cima do ombro para me certificar de que ninguém prestava atenção em mim. E então, em um movimento rápido, segurei o cadeado com força e o abri sem dificuldade. Soltei a corrente do portão pequeno que levava ao estacionamento dos professores e então escapei para o meu refúgio.

Pouca gente sabia, mas o cadeado há muito não funcionava. Servia só de fachada, para que nenhum aluno tivesse a ideia de matar aula ali. Mas, no ano anterior, em busca de lugares com mais privacidade, Pietro e eu acabamos descobrindo esse segredo. Aquele virou nosso ponto de encontro. O lugar onde nos tornávamos namorados e o tempo parecia parar.

Fechei os olhos com pesar, depois de colocar o cadeado de volta no lugar para não levantar suspeitas. Pensar em Pietro deixava tudo dolorido. Não tanto por ele — apesar de ser meu crush durante anos, não deu tempo de transformar meu sentimento em algo mais sério, mais intenso, mais devastador. Mas porque pensar naquela época abria um buraco enorme em meu peito. A simplicidade de poder me esconder nos braços de um garoto, sem me importar com o fato de ele me achar uma aberração, como os demais

meninos daquela escola. A facilidade que a vida tinha, e eu nem me dava conta.

Lembrei do tombo de horas antes e meus olhos encheram de lágrimas no mesmo segundo. De todos os problemas que eu sabia que encontraria nessa nova jornada, esse nunca me passou pela cabeça. E talvez, por isso mesmo, fosse o mais doloroso de todos.

Balancei a cabeça antes que acabasse indo por esse caminho. Se eu voltasse a chorar nunca mais pararia. E eu não podia dar esse gostinho para nenhum dos babacas do meu colégio. Em vez disso, engoliria o choro e só na segurança do meu quarto deixaria tudo vir à tona.

Engoli o caroço em minha garganta, negando com a cabeça para afastar todos os pensamentos. E então, lembrei de outra coisa que tinha acontecido naquela manhã.

Martin.

Pensar nele me fez estremecer.

Argh, aquele... menino esquisito. Me deixava intrigada, sem saber o que pensar direito. Se fechava do mundo inteiro, mas, quando eu menos esperava, tinha brincado comigo. E... sorrido.

Mordi o lábio inferior, sacando o celular do bolso e abrindo o Facebook quase sem pensar. Meus dedos foram ferozes ao digitar seu nome na busca: Martin Assis. Eu sabia graças a lista de chamada que os professores passavam para assinarmos enquanto a lista oficial não ficava pronta.

Até hoje, consegui vencer a curiosidade sobre ele. Não queria me aproximar demais. Mas, depois de ver seu pé enroscado na perna da minha cadeira, qualquer resquício de autocontrole se dissipou. Não faria mal descobrir um pouquinho, né? Eu só precisava entender quem ele era. Tudo em Martin me intrigava demais e eu nem sabia apontar o porquê.

Assim que o perfil carregou, senti meu estômago revirar com sua foto de perfil. Ele estava sorrindo e, meu Deus, se eu tivesse aquele sorriso não faria outra coisa além de mostrar os dentes. Quero dizer, seu rosto se transformava. Era de longe o que Martin tinha de mais bonito. Sua expressão suavizava, o nariz enrugava um pouco e o olhar ganhava um brilho indescritível. Roci o polegar sobre o sorriso largo e lindo da foto, me perguntando *por que* ele não sorria mais vezes.

Apesar que... eu entendia um pouco. Desde o acidente, eu não vinha tendo muitos motivos para sorrir. Pelo contrário, as lágrimas surgiam com

muito mais facilidade. E os sorrisos que antes eram tão automáticos, agora demandavam o maior esforço.

Rolei o seu perfil para baixo, mas em poucos minutos percebi que estava abandonado. Há muitos meses Martin não postava nada. As últimas atualizações não eram nem dele. E todas continham o mesmo padrão de mensagem:

tá td bem, cara? mande notícias qdo puder, estamos preocupados com vc!!!

melhoras, martin! vc vai vencer essa!!

fiquei sabendo oq aconteceu... como vc tá???

Uni as sobrancelhas, a cada segundo mais e mais curiosa. Era como as mensagens que eu recebi logo depois do acidente. O que só me mostrou o quanto as pessoas eram hipócritas e cruéis. As mesmas que me desejavam força nas redes sociais riam de mim na escola. Apertei o celular com força, sem conseguir desgrudar os olhos da tela.

O que será que tinha acontecido com ele?

Um acidente?

Alguém da família tinha morrido?

E será que isso tinha a ver com o sumiço dele nas redes sociais?

As perguntas sobre Martin eram como uma Hidra — quando eu achava que tinha conseguido responder uma pergunta, outras duas nasciam em seu lugar. Que frustrante!

Um barulho próximo de mim me deixou inteira gelada de susto. Olhei por cima do ombro a tempo de ver um borrão preto pulando o muro e caindo a poucos metros de distância. Martin aterrissou de maneira desajeitada e precisou usar as mãos para se apoiar no chão de cascalho. Senti dor só de ver, mas ele nem pareceu se importar. Apenas xingou baixinho enquanto dava batidinhas no jeans para limpar as palmas.

Caramba. Logo ele!

Aqui.

No meu esconderijo secreto.

Só pode ser uma piada, né?

Subitamente, lembrei do que estava fazendo antes dele aparecer. Lancei um olhar rápido para o meu celular e, com as bochechas quentes de vergonha, o guardei no bolso, torcendo para que Martin não tivesse visto nada. Podia acabar com uma impressão supererrada e eu não queria tornar as coisas entre nós ainda mais constrangedoras.

Ele me olhou de cima a baixo, parecendo curioso e desconcertado ao mesmo tempo. Seus olhos se desviaram para o muro e depois para mim, mas ele apenas deu de ombros e caminhou para a direção oposta, se escondendo atrás do último carro. Era impossível enxergá-lo dali.

Espertinho.

Olhei para o muro e depois para baixo, para as minhas próprias pernas, tentando entender sua expressão atônita antes de me dar as costas. E então me ocorreu que ele também não sabia sobre o cadeado. Devia pensar que eu tinha pulado, assim como ele.

Mordi o lábio inferior, com vontade de rir.

Pela segunda vez no mesmo dia.

E graças a mesma pessoa.

Respirei fundo. Sem pensar muito bem no que estava fazendo, percorri a distância entre nós. Martin estava sentado no chão, recostado no muro da secretaria. Pietro e eu costumávamos brincar que esse esconderijo era tão perto e tão longe do perigo... o último lugar em que os professores esperavam encontrar alguém. Em pouco mais de seis meses de visitas diárias, nunca fomos pegos.

Para de pensar nele.

Essas lembranças não vão mais acontecer.

O passado não vai mais voltar.

Acabou.

Com dificuldade, sentei ao lado de Martin. Errei a mira e acabei ficando perto demais. Tão perto que nossos cotovelos roçaram. Senti o peso do seu olhar, mas não tive coragem de retribuir. Estávamos muito próximos e agora eu não conseguia entender por que caralhos tinha feito isso. Quero dizer... nem fazia sentido. O cara devia pensar que eu era uma lunática carente. Primeiro nosso encontro no dia anterior, e agora isso...

Pela primeira vez, ele não vestia um moletom e sim uma camiseta de mangas compridas, mas de tecido fino. Devia ser o dia mais quente do ano, e ele estava inteiro coberto. De tecidos pretos, ainda por cima. E, ainda assim,

era tão cheiroso que doía. Inspirei profundamente, sem entender *como* Martin não cheirava a suor.

Ele deve ser um vampiro incapaz de sentir calor.

Senti as bochechas queimarem, me sentindo um pouco babaca. Esse era o tipo de comentário que os garotos que pegavam no pé dele deviam fazer, rindo de suas próprias piadas sem graça.

Depois de soltar um suspiro longo, ele inclinou o quadril para cima e tirou um cantil de metal do bolso. Pelo canto dos olhos, o vi abrir e tomar um gole longo do que quer que tivesse lá dentro. O cheiro forte me fez estreitar os olhos. Ele não podia ser louco o suficiente para levar bebida alcóolica para dentro do colégio no recipiente menos discreto de todos.

Como se ouvisse meus pensamentos, Martin soltou uma mistura de suspiro com risada e limpou a boca com as costas da mão. Senti o peso de seu olhar outra vez e, sem conseguir controlar, virei o rosto em sua direção, movida pela curiosidade. Queria conseguir ler seus pensamentos, ver através de seus olhos quase negros, buscar respostas. Qualquer uma. Mas tudo o que consegui foi que ele me acorrentasse com o olhar. De olhos estreitos e sobrancelhas unidas, Martin me estudou. Aproveitei para fazer o mesmo.

Em momentos como esse, ficava evidente para mim como o acidente tinha tirado muito mais do que minha perna. Minha autoestima tinha sido minada. Eu passei de uma menina super confortável com a própria aparência para alguém que entrava em polvorosa com uma troca de olhar singela. Dava vontade de levantar e sair correndo (se eu conseguisse fazer isso), só para me esconder dele.

Uma vez, Pietro me disse que demorou para tomar uma atitude porque eu o intimidava. Era bonita, confiante e tinha uma carreira longa como modelo. Ele não se sentia suficiente para mim. Na época, achei que tudo não passava de conversa fiada, só para me deixar derretida. Mas agora eu compreendia.

Eu não me sentia suficiente para ninguém.

Nem para mim mesma.

Ou melhor: principalmente para mim mesma

Antes, por me amar, conseguia me relacionar com os outros numa boa. No entanto, perdi tudo no acidente. A confiança me escapou pelos dedos e eu sentia que qualquer pessoa que se aproximasse o bastante o faria apenas por dó.

Com exceção da minha família. Eu era um fardo que eles não tinham opção além de suportar.

O problema era que agora, até mesmo coisas que nunca foram uma questão passaram a me incomodar. Como o meu queixo marcante, idêntico ao de papai, que, de repente, comecei a achar masculino demais. Ou as olheiras roxas que circundavam os olhos, apagando o verde.

Por tanto tempo achei que minha irmã Nicole fosse boba por não enxergar o quanto era bonita. O tamanho do seu potencial. Mas só agora eu conseguia entender que beleza ia muito além da aparência externa. Tinha quase tudo a ver com o que sentíamos por dentro. E eu estava uma bagunça por dentro, logo... por fora também.

— Você... hum... como entrou aqui? — Perguntou Martin, rompendo o silêncio pesado entre nós.

Pisquei os olhos algumas vezes, sem esconder a surpresa. Era a primeira vez que conversávamos. Mas ele deve ter entendido errado, porque seus olhos voltaram a mirar para a minha perna e depois para o muro por onde ele tinha pulado.

Dessa vez, porém, não senti vontade de rir. Pelo contrário, fui tomada por uma pontada intensa de dor, que se espalhou por todo o peito.

Ele sabe.

Quero dizer, não que fosse difícil de adivinhar. Eu sentia todo mundo falando pelos meus ouvidos. Mas Martin era reservado na dele, não conversava com ninguém... e eu tentava *tanto* disfarçar. Passar despercebida, como uma pessoa normal.

Me perdi em um buraco de autopiedade e só consegui voltar para o presente quando sua voz pairou ao nosso redor outra vez.

— Esquece — murmurou, negando com a cabeça. — Não é da minha conta.

— Ahn, eu só... — olhei para o muro e depois para ele. — Igual a você, ué.

Sorri para ele, esperando que ele percebesse a brincadeira. Martin empertigou um pouco a postura, arregalando os olhos como se sua imagem sobre mim tivesse acabado de se transformar.

— Sério?!

— Não — admiti, deixando escapar o que era para ser uma risada, mas soou como um gemido. — O cadeado não funciona. É só forçar que ele

abre.

— Ah.

Ele pareceu desconcertado. Passou a mão pelo cabelo, buscando o capuz da blusa que sempre usava. Mas, ao não o encontrar, apenas bateu o bolso da calça em busca do maço de cigarros.

O que mais você tem aí?

E, qual é, vai mesmo fumar aqui dentro?

Olhei para os dois lados, subitamente com medo de me encrencar só por estar ao lado dele. Alheio aos meus pensamentos, Martin brincou com a caixa na mão, girando-a sem parar entre os dedos compridos.

Me peguei observando os machucados recentes de perto. Estavam terríveis. Casquinhas finas, de um vermelho vibrante, que se esticavam conforme ele movia a mão. As cicatrizes se espalhavam pela pele oliva da mão, deixando marcas em alto relevo, que ficavam mais esbranquiçadas que a pele. Senti vontade de estender a mão e contornar as marcas com a ponta do dedo indicador. Mas, em vez disso, as escondi nos bolsos da calça, para não acabar fazendo nenhuma loucura.

— O que aconteceu hoje de manhã sempre foi assim ou começou depois de... é — Martin mordeu o lábio inferior, deixando a voz morrer no ar.

Ele não precisou se explicar, eu sabia sobre o que estava falando. Não me lembrava do seu rosto dentre tantos outros, mas a verdade era que fiquei tão devastada que minha visão virou um borrão difícil de entender. Como ele tinha absorvido tudo aquilo? Tinha rido junto dos demais ou cerrado os punhos com força, como na tarde anterior, morrendo de ódio daquelas pessoas?

E por que isso importava para mim?

Seu desconforto era latente. O que só me deixava ainda mais insegura e com a sensação de que era por minha culpa. De que ele não queria ficar perto de mim e eu era uma puta de uma inconveniente, que só estava atrapalhando seu momento de quebrar as regras do colégio.

— Depois — respondi. — Antes era... *diferente*. Pensava que eles fossem meus amigos, mas acho que sou meio burra pra escolher minhas amizades — pensei em voz alta.

No mesmo segundo, senti cada músculo do meu corpo enrijecer.

Não era para contar nada disso. Logo para ele, que devia ter seus problemas para resolver. Sem contar que Martin, como um todo, deixava uma

mensagem bem clara para o resto do mundo: *fique longe de mim. Bem longe.*

Ele deu uma risadinha baixa e congelei no lugar. Martin parou de brincar com o maço e estendeu as mãos para frente, escondendo a cabeça entre os vãos que os braços formavam.

— É. Eu sei. — respondeu com o rosto escondido. Sua voz veio meio abafada. — Também sou.

Pensei nas mensagens em seu Facebook e suprimi um sorriso. Era doloroso pensar nisso. Papai vivia me alertando para não confiar tanto assim em amizades, mas eu sempre achei besteira. Qual o sentido de ter amigos se eu ficaria para sempre com um pé atrás?

No entanto, agora eu entendia melhor. O que ele quis dizer, na verdade, era que eu devia ter certeza absoluta de em quem depositar minha confiança. Para quem entregar o meu coração. Porque, se fosse para pessoa errada, ela poderia acabar comigo.

E, no fim das contas, ele estava certo.

Não escolhi meus amigos muito bem. Sempre me mantive afastada de todo mundo, esperando sempre alguma coisa que aconteceria depois. O Japão. A carreira internacional. Alguma coisa que não o presente.

E com isso terminei sozinha. Eu mesma me coloquei na situação em que me encontrava.

— Eles foram uns babacas — Martin concluiu, me olhando de soslaio. — Uns cuzões do caralho. Isso não é o tipo de coisa que se faz com alguém que...

Outra vez, ele deixou as palavras morrerem no ar.

Eu estava começando a me acostumar com a falta de jeito das pessoas dizerem em voz alta. Mas ainda assim doía. Doía porque era um lembrete de que eu era diferente. Não mais a Alana. Mas a Alana que passou um acidente e foi amputada. E isso mudava tudo.

— Foram. Mas acho que prefiro assim — suspirei. — Pelo menos estão sendo sinceros. E raiva ainda é melhor que pena. — *Porque já sinto pena o suficiente de mim mesma*, completei em minha cabeça.

Martin assentiu, os olhos brilhando intensamente com um sentimento que não consegui interpretar. Ele continuou assentindo, mas os pensamentos pareciam longe, mirando em seus próprios demônios.

Ele tinha a minha idade, mas aparentava ter uma alma velha. Sofrida. Dava para ver suas cicatrizes. Não as das mãos, mas as internas. Elas

transpareciam em seu rosto. O endureciam. Enchiam de preocupação.

O silêncio voltou a nos acompanhar.

Martin tirou um cigarro de dentro do maço com batidinhas no fundo. Chocada por ele realmente estar prestes a fumar dentro do colégio, a única coisa que consegui fazer foi acompanhar seus movimentos com o olhar, sem nenhuma reação. Eu só esperava que se alguém nos pegasse, eu não me encrencasse junto. Já vinha dando tanto trabalho para os meus pais, o que eu menos queria era mais um problema...

Ele levou o cigarro ao lábio em um movimento rápido e então buscou o isqueiro no bolso da frente da calça surrada. E foi enquanto se demorava tentando vencer o vento que eu percebi outra coisa.

As mangas compridas tinham descido até os antebraços, revelando muito mais do que ele costuma mostrar. Meu queixo caiu no mesmo instante. Martin estava tão absorto que nem pareceu notar. A pele morena evidenciava os músculos do braço e poucos pelos negros cobriam a parte superior. Nessa idade, alguns meninos já ostentavam barbas cheias, mas alguns, como ele, quase não tinham pelos.

No entanto, nada disso me chamou atenção. Agora eu entendia a necessidade de cobrir o corpo. De usar roupas compridas mesmo no verão. E talvez até o motivo de ele não fazer educação física. Incontáveis hematomas cobriam toda a pele, enormes, vibrantes e assustadores. Fisguei o lábio inferior, confusa com a profusão de pensamentos que invadiu minha mente. Eu não sabia em qual deles me agarrar. Nunca conheci ninguém tão problemático.

Quero dizer, ali no colégio, todos pareciam ter o mesmo padrão de vida que eu. Uma família estruturada, uma boa condição financeira, nenhuma deficiência física... de modo que me acostumei a estar naquela bolha. E agora era muito chocante lidar com alguém que nunca esteve nela.

Um milhão de perguntas pipocava. Quem fez isso com ele? A família não via? Era frequente ou foi um acontecimento pontual? Será que isso tinha a ver com o que eu tinha visto no dia anterior?

Meu deus.

Eu estava enlouquecendo.

Martin deu uma longa tragada, descendo as pálpebras por um momento, sem nem perceber a cara de prazer que estava fazendo. Olhei para a fumaça saindo de suas narinas com o cenho franzido, sem acreditar que

alguma coisa tão fedorenta pudesse fazer algum bem para ele.

E foi então que Martin abriu os olhos e percebeu a pele nua dos próprios braços, revelando os seus segredos como um livro esquecido aberto sobre a mesa. Imediatamente, ele puxou as mangas, cobrindo a pele outra vez e enfiando os polegares em dois furinhos nas laterais, provavelmente feitos por ele. Sua postura ficou tensa, rígida. O maxilar trancou e o punho se fechou até que os nós ficassem esbranquiçados.

Senti como se um muro imenso tivesse se formado sobre nós. Eu não queria ser xereta, só não consegui desviar o olhar, tampouco fingir naturalidade. Ele estava inteiro machucado. Parecia ter levado uma baita surra. Tanta coisa vinha acontecendo na última semana de aula... primeiro ele faltou, depois o encontrei esmurrando um muro e agora isso.

Martin continuou me encarando, fumando o seu cigarro com a maior naturalidade, como se esperasse alguma coisa. Seu olhar me queimava de um jeito doloroso. A raiva o dominava, eu podia sentir no ar rarefeito entre nós. Abri e fechei a boca três vezes, ensaiando alguma coisa para dizer, mas nada veio.

Ironicamente, isso o fez relaxar. Ele apenas desviou o olhar para algum ponto qualquer, escondendo-se em seus pensamentos. Os dedos brincavam com o isqueiro, jogando-o de um lado para o outro sem parar. E então, antes que eu pudesse evitar, me ouvi perguntando:

— É por isso que você tava fazendo... hum... *aquilo* ontem?

Foi como se minhas palavras tivessem causado choques nele. Com um espasmo de susto nos braços, ele girou o tronco para ficar de frente para mim. Perto demais para que meu coração não acelerasse.

Seu cenho estava franzido, formando dois sulcos profundos entre os olhos, que só endureciam ainda mais sua expressão. Ele umedeceu os lábios, sem esconder o desconcerto. Não esperava pela minha pergunta, isso era bem claro.

— Por *isso*...? — a voz saiu em um sussurro. — Isso o quê?

Eu duvidava que ele tivesse convencido a si mesmo com aquele tom incerto, afinal, nós dois sabíamos muito bem que eu tinha visto os machucados em seus braços.

Sem saber como reagir, olhei para as mangas compridas e de novo para os seus olhos.

— Esses... você sabe.

Martin negou com a cabeça. Um movimento forte e rápido demais que me fez duvidar de sua autenticidade.

— Não sei, não — ele afundou a guimba do cigarro no seixo, amassando-a inteira. E então, com a cara ainda mais emburrada, pegou uma pedrinha do chão e atirou para frente, sem nem perceber.

Me remexi ao lado dele, confusa e me sentindo meio idiota por ter rompido essa barreira muito cedo. Usei o indicador para traçar círculos no chão e, quando voltei a subir o olhar, o encontrei com o rosto muito próximo de mim, o olhar me acorrentando para que eu não ousasse fugir de novo.

— Eu não devia ter perguntado, desculpa — senti necessidade de dizer.

— E o que você viu ontem...

— Fica frio, não vou falar pra ninguém — interrompi.

— Não me importo se disser — ele deu de ombros, levantando-se em um impulso e batendo as mãos na calça para se limpar. — Faço porque gosto. Me faz bem. Sou meio viciado na dor.

Acho que minha expressão deixou evidente meu choque, porque ele parou de falar. Seus olhos passearam em meu rosto, demorando-se por muito mais tempo que o necessário. Minhas bochechas coraram.

— Você perguntou por que eu fazia isso. Às vezes a verdade não é tão bonita assim — ele piscou para mim, com a sombra de um sorriso nos lábios enquanto passava por mim.

Imóvel, o ouvi abrir o cadeado como eu o havia ensinado e sumir dali, deixando-me sozinha com as minhas incertezas.



Onde você está?

(...)

Eu não consigo dormir, eu não consigo sonhar esta noite

Eu preciso de alguém e sempre

Essa escuridão estranha e doentia

Vem se arrastando, me assombrando a toda hora

Blink 182 – I miss you

A fundei no sofá confortável do consultório da minha psicóloga, enquanto esperava dar o meu horário. Massageando as têmporas, tentei me manter acordado.

Os últimos dias não estavam sendo fáceis.

Mas, na real, *quando* minha vida foi fácil? Era quase uma piada acreditar que as coisas tinham mesmo piorado. Estavam na mesma constante de merda.

Dormir tinha virado um luxo para mim. Em alguns dias, eu me permitia matar uma ou outra aula para dormir escondido no estacionamento da escola. O que, por sinal, era muito humilhante, só para começar a apontar os problemas. O chão de cascalho macucava, isso sem contar no medo de ser pego enquanto dormia. Nada justificaria e, com certeza, chamariam a minha

mãe. O que seria um problema. Mas, ainda assim, o cansaço era tamanho que não me restava outra escolha.

Eu passava as madrugadas em claro. Se antes o sono já não era o meu amigo, agora ele me detestava. Eu não conseguia pregar os olhos. Virava a noite de olhos estatelados no teto, os ouvidos alertas para qualquer ruído vindo de fora. Porque, se Geraldo tentasse alguma coisa, eu estaria preparado. Eu reagiria. Não podia permitir que ele me tocasse outra vez, ou eu não suportaria.

Mais um baque e tudo estaria perdido.

E, como se já não bastasse tudo isso, ainda tinha Alana.

Quero dizer, pelo amor de Deus! Onde eu tinha enfiado a porcaria do meu amor próprio? Minha existência já não era fodida o bastante para eu me envolver com os problemas de outra pessoa?

Eu não sabia muito bem o que estava acontecendo comigo.

A única coisa que sabia era que a menina não saía dos meus pensamentos. Nem. Por. Um. Segundo. E, cacete, era exaustivo pensar tanto assim em alguém.

Durante a madrugada eu tentava, a todo custo, evocar a imagem exata do seu rosto em minha mente. Os olhos amendoados e grandalhões. Os cílios dourados e compridos. A boca delicada, corada demais, bonita demais. Eu juntava os pedaços como em um quebra-cabeça, mas ainda assim não parecia certo. Sempre faltava algo. Não fazia jus ao quanto aquela garota era maravilhosa.

Segurei a base do nariz, inclinando o tronco para frente, perdido, confuso e, sobretudo, com medo.

Droga, dava *muito* medo.

Era impossível ignorar o tamanho do poder que ela exercia sobre mim. Era como se qualquer desculpa fosse motivo suficiente para empurrá-la para o centro dos meus pensamentos. E, então, eu me perdia em um tornado de sensações confusas para caralho.

Como, por exemplo, o tremor nas pontas dos dedos quando lembrava do perfume de coco e gengibre dela, que me alcançava na certa de trás e me envolvia, acorrentando-me no lugar sem que eu pudesse fazer nada a respeito.

E depois vinha o nó na garganta, quando eu lembrava da voz firme, aguda, destoante das vozes das outras meninas. Mesmo tão fragilizada,

mesmo tão quebrada, sua voz entregava a força que ela escondia.

Mas o principal era que a garota parecia tão ferrada quanto eu com toda aquela porcaria. Eu via nos olhos dela as mesmas incertezas que me afligiam. A dúvida emanava do seu corpo. Durante a aula, eu a pegava me olhando pelo canto dos olhos quando menos esperava. E, nesses momentos, batia tanto com a ponta dos pés nas pernas de sua cadeira que até me sentia mal. Mas que mais eu podia fazer? Alana me deixava pirado.

Era isso.

Eu tinha pirado!

E ela não ajudava, quando tentava se aproximar de maneira sutil dia após dia. Isso era o que mais tínhamos de diferente — a nossa maneira de lidar com a energia pulsante entre nós. Para mim, era um motivo de alarde. Me assustava e me fazia recuar. Mas para ela, não. A garota parecia gostar do perigo.

A porta do consultório foi aberta de uma só vez e, de lá de dentro, Elise saiu acompanhada de um menino mais novo que eu. Fiquei de cabeça baixa esperando os dois se despedirem.

— Martin? Vamos lá? — chamou, com o tom suave e gentil de sempre.

Não importa o quanto eu fosse irritante e escroto, o quanto eu dificultasse o seu trabalho, ela nunca deixava de agir como se estivesse superfeliz em me ver. E isso só me irritava ainda mais. Eu não curtia esse clima de piquenique que ela tentava construir, porque não era como se eu estivesse ali para descontrair. Não era como se eu amasse nossos momentos juntos. E nem como se eu tivesse escolhido começar a terapia. Além de tudo isso, ela tinha todo um jeitinho de bater de frente comigo com elegância e educação. O que era uma merda. Os esporros nem pareciam esporros. O que tirava toda a minha vontade de reagir.

Ergui o rosto, encontrando o seu olhar. Elise tinha os cabelos ruivos presos para cima, em um nó que me lembrou o cabelo de Alana e me fez estremecer de maneira pouco discreta.

O que deve ter passado uma impressão bem errada da situação.

Ah, merda.

Era só o que faltava.

Balancei a cabeça, sentindo vontade de rir. E então me levantei, me arrastando para dentro da salinha amarela e feliz de sempre, onde me atirei no

sofá de estampa listrada, ficando quase deitado.

Ela me estudou com atenção enquanto fechava a porta e percorria o caminho até a cadeira em minha frente. O que sempre me deixava em alerta, porque ela era boa em observar e quase sempre acertava os meus sentimentos, mesmo quando eu tentava soterrá-los sob uma camada de fingimento. Principalmente nesses casos, aliás.

— Você não está bem, né? — perguntou, com o cenho franzido. E então se sentou, com as mãos cruzadas no colo. — Quer conversar sobre o que aconteceu, ou vamos só ficar nos encarando pela próxima hora?

Mordi o lábio inferior, suprimindo a vontade de rir que, de repente, ficou insuportável.

Touché.

Dei de ombros, me perguntando se ela era assim como todos os pacientes ou só comigo. Se esse era o *modus operandi* que tinha encontrado para lidar com o garoto rebelde. Batendo de frente e tudo mais.

Elise arqueou a sobrancelha, esticando o corpo para alcançar um livro da estante amarela abarrotada que ficava atrás dela.

— Bom, se não se importa, vou ficar aqui lendo até você decidir o que quer fazer.

A observei abrir o livro, mexendo os olhos rápido demais pelas páginas.

Era um teatro fajuto.

Era a porra de um teste, eu tinha certeza.

Devia ter alguma explicação. A porcaria de uma psicologia reversa ou sei lá. Eu só estava tão cansado com toda a merda que precisava lidar, sem contar com a carga extra que pensar em Alana vinte e quatro horas por dia trazia, que não aguentei participar daquilo. Seja lá o que fosse *aquilo*.

Esfreguei o rosto, sentindo a irritação subir em espiral pelo meu corpo. E, quando endireitei a postura, mal consegui olhar para ela, ali, fingindo que não se importava comigo. Talvez com outras pessoas funcionasse, mas comigo? Ninguém se importava comigo, ela era só mais uma decepção.

Observei os livros nas prateleiras amarelas atrás dela, enquanto era engolido pelo ódio. As lombadas grossas, todos sobre psicologia. Eu queria ter uma prateleira dessa um dia, se eu durasse tempo o suficiente para ter a minha própria casa. Queria poder ter a minha própria biblioteca, meu próprio

cantinho de paz. Meu refúgio.

Distraído com a decoração da pequena sala, fiz o possível para ignorar minha psicóloga e não cair na dela. Mas foi mais forte que eu. Elise folheava as páginas com uma calma calculada tão artificial e, quando dei por mim, estava destilando um pouco do meu veneno:

— Tanto faz!!! Tá bom? Tanto faz — bati com as mãos nas pernas, bem mais forte do que eu pretendia. O barulho ecoou pelo consultório por uns bons segundos, seguido por um silêncio denso, incômodo. — Conta logo pra minha mãe que eu tô cagando pra terapia. Conta pra ela que tô rasgando o dinheiro dela, que eu nem queria estar aqui. Mas quem se importa, né? Quando foi que pude ter opinião na minha vida inteira?

Elise fechou o livro, repousando-o no colo enquanto se empertigava para me encarar. A expressão tinha mudado da água para o vinho. Havia preocupação e remorso em seus olhos.

— Quer falar mais sobre isso? — indagou, com o mesmo tom bondoso e irritante de sempre.

Deixei uma risada escapar.

O som foi cínico, afiado, só contribuiu ainda mais com a atmosfera claustrofóbica nos rondando.

— Pra você ir correndo contar pra ela depois, é isso? — Rosnei, fechando as mãos em punhos e escondendo dentro do bolso do moletom.

Eu não queria que ela analisasse o meu descontrole. Não queria seus olhos ligeiros fazendo uma varredura por sinais que meu corpo mandava sem a minha permissão.

— Martin, eu não posso falar nada q...

— Nada que a gente conversa aqui? — interrompi, quase gritando. — Ah, qual é?! *Eu sei* que você contou que eu não tava colaborando, tá bom? Só vai lá e fala tudo de uma vez. Assim o Geraldo fica com bastante ódio e me espanca um pouco mais. Quem sabe eu não tenho sorte e ele não me soca até a morte?

Elise arregalou os olhos, chocada.

De lábios entreabertos, tudo o que ela fez foi me encarar, esperando por mais.

E, se era isso que era queria, quem era eu para negar?

Já era tarde demais, de qualquer forma. O ódio tinha dominado. A minha pior versão tinha ganhado o controle. Eu não poderia fazer mais nada,

mesmo que tentasse.

— Então ela não te contou que ele me bate? — perguntei, em meio à risadas. E, sem precisar dizer uma palavra, ergui as mangas da blusa, revelando meus braços salpicados de hematomas. — Aposto que ela pintou o pior de mim, né? Deve ter falado que sou difícil de lidar, que dou trabalho, bebo, fumo e roubo dinheiro da bolsa dela. Que tentei me matar pra punir os dois, porque isso é *tão eu*. Que mais ela falou? Que eu maltrato meu irmão mais novo e mato animais pra fazer rituais satanistas?

Passei a mão pelos cabelos, bagunçando-os. Aproveitei para tirar o capuz e mirar direto em seus olhos. Queria que ela visse tudo. Que lesse na porra das entrelinhas.

Não era o que ela queria? Que eu falasse?

Pois bem, então. Tinha coisa entalada por uma vida inteira, e mais de seis meses de terapia, para compensar.

— Mas aposto que ela *não falou* um monte de coisa. E não tem problema, eu conto agora. Te colo a par da nossa família *perfeita*. Faz dez anos que minha mãe tá com o Geraldo. Há dez anos ela insiste que ele é o meu pai, mesmo eu pedindo, eu implorando pra ela parar com isso. E eu duvido que o pai das outras pessoas faça isso com eles — Ergui os meus braços, deixando-os bem a mostra para que ela pudesse tirar as próprias conclusões. — Duvido que o pai das outras pessoas os xingue de tudo que existe de pior, pra que eles não esqueçam do tamanho da insignificância deles. E duvido que o pai dos outros meninos moleste eles. Duvido que eles tenham medo de pregar os olhos e acordar com um velho nojento tocando neles e gemendo daquele jeito tão, tão... argh!

Não consegui segurar as lágrimas.

Quando percebi o rosto molhado, já era tarde demais. Eu chorava feito um animal ferido, fazendo barulhos horrorosos enquanto tentava puxar o ar e falar ao mesmo tempo.

— É nojento. Nojento, tá bom? Eu tenho nojo de mim. Tenho nojo dele. Da minha mãe. Porque ela permite toda essa merda. Ela é conivente. Ela tá sempre vendo, mas fingindo que não. Vira o rosto pra outro lado, só pra manter a vida perfeita dela e tapar o buraco imenso que a impede de ser feliz. — Mordi o nó do dedo indicador, tentando me acalmar. Me firmar em alguma coisa (qualquer uma), antes que eu me perdesse dentro da devastação de minha alma. — Tenho nojo por não conseguir reagir. E mais nojo ainda

por não ter feito a única coisa que precisei fazer direito na vida. Era uma viagem só de ida, Elise. Mas eu amarelei. Sou um babaca mesmo. Acho que mereço toda essa merda.

Foi como se o tempo tivesse congelado. A tensão era tão grande que eu quase podia ouvir os estalos. Elise comprimiu os lábios, passeando os olhos pelo meu rosto, esperando por mais e, ao mesmo tempo, parecendo temer que tivesse mais.

E foi essa fragilidade evidente que me fez cuspir um pouco mais do meu veneno.

— Eu tentei me matar. No final do ano passado. Achei que fosse me livrar de tudo isso. De Geraldo, a minha mãe... dessa dor. Elise, se você soubesse... se você fizesse ideia do quanto esse buraco incomoda, o quanto esse vazio aqui dentro me mata aos poucos — dei três tapas no meu próprio peito, para me fazer entender. — Eu não desejo isso pra ninguém, cara. Não desejo. Mas não consegui terminar. Fiquei com medo de ser pior ainda do outro lado. De existir um inferno como as pessoas dizem. E, porra, se existe um inferno e ele é pior do que eu já passo... — dei um assovio irônico, na falta de palavras. — E ainda fui burro o bastante pra deixar minha mãe ver. Depois disso, tudo piorou ainda mais. Tudo que tava ruim, ficou insuportável. Se eu soubesse disso, não teria pensado duas vezes. Não teria hesitado.

O Martin durão começava a se dissipar. Ele nunca durava muito tempo. E, quando ia embora, levava toda a energia com ele, me deixando vazio e culpado por ser tão intragável, como diria mamãe.

Por que você se esforça pras pessoas não gostarem de você?

Por que, Martin?

Por quê? POR QUÊ?

— É por isso que eu me machuco. Não porque eu quero, mas porque, caralho, eu *preciso*. Toda essa dor tem que ir pra algum lugar. Ninguém aguenta ficar segurando tanta coisa, como a porcaria de uma panela de pressão, até explodir. Se eu explodir outra vez, não tem volta. — Mordi o lábio inferior, buscando as palavras certas. — Já amarelei outra vez, não vai acontecer de novo. Se eu decidir acabar com a minha vida, vou me certificar de encontrar um jeito que não tenha volta. Não é como se alguém fosse sentir a minha falta, né?

Abri um sorriso.

Dessa vez não foi irônico, provocativo ou nada do tipo. Foi um

sorriso triste. Um sorriso que a gente dá quanto percebe o quanto estamos fodidos. Quando a gente diz em voz alta toda a merda que passamos e só então nos damos conta de quão errado é.

Um sorriso de resignação.

É quando você entende que acabou.

Você só está insistindo de teimoso.

Sem esperanças para você.

Como um bebezinho, me encolhi inteiro, apoiando os pés no acento do sofá e abraçando meus joelhos. Meu sorriso virou uma risada atônita e depois um uivo dolorido, solitário. Enterrei o rosto nos joelhos, sentindo meus ombros sacudirem com força.

Na maior parte dos dias, eu ignorava tudo.

Fingia que não me importava.

Mas, de gota em gota, um balde transbordava.

Eu tinha transbordado.

Não cabia mais nada em mim.

Ah, como dói.

Como machuca.

Não vou conseguir.

Não vou.

Não vou.

NÃO VOU!

Pulei se susto no lugar quando senti sua mão em meu ombro, em um gesto incerto, cuidadoso. Abri os olhos lentamente, levando pouquíssimos segundos para notar que eu estava deitado no sofá. Com o coração acelerado, tomei impulso para sentar e me distanciar de Elise, mantendo uma distância segura.

Ela permaneceu me encarando, com uma expressão que era um pouco séria e um pouco decepcionada. Talvez alguma coisa em minha expressão tenha denunciado o tamanho da minha confusão, pois Elise soltou um suspiro pesado, antes de cruzar as mãos sobre o colo.

— Você acabou cochilando... — Ela umedeceu os lábios, desviando o olhar do meu. — Perdemos mais uma sessão.

Pisquei os olhos algumas vezes, lutando para colocar os pensamentos no lugar.

— Sério? — perguntei, e, no mesmo instante, fiquei consciente da

minha bochecha molhada de baba. Usei o punho da blusa para secar, sentindo o rosto esquentar de vergonha.

Se ouviu minha pergunta, Elise preferiu ignorar. Em vez disso, se endireitou no sofá e voltou a procurar o meu olhar. Sua expressão estava bem mais séria e rígida do que há poucos segundos.

— Martin, eu quero muito te ajudar. Quero mesmo. Eu sei que tudo isso é reação a alguma coisa que deve ter acontecido na sua vida. — ela apontou para as minhas mãos. — É o seu jeito de superar. E todo mundo merece ser feliz. Mas eu não posso continuar te atendendo.

— Quê? — arregalei os olhos — Por quê?

— Já faz muito tempo que tentamos avançar e não saímos do lugar. E você nem se esforça — ela suspirou outra vez, como se tentasse encontrar as palavras certas. — Preciso que você me prometa que vai tentar colaborar, ou então vou conversar com a sua mãe para cancelarmos a terapia. Tem muita gente disposta a melhorar que poderia ocupar o seu horário, Martin. Não posso mais te atender pra você ficar sem falar nada.

— Ficar sem...? — comecei a perguntar, mas então minha voz morreu no ar, quando o entendimento me alcançou.

Eu dormi a sessão inteira, porra!

Foi tudo um sonho. Foi tudo um sonho!

Graças ao bom Deus.

Caralho, quase fodi com tudo.

— Foi mal. Prometo que vou melhorar — respondi, sem conseguir esconder a sensação de alívio que corria pelas minhas veias.

Ergui o capuz e saí dali o mais rápido possível, sem nem conseguir acreditar no tamanho da minha sorte.

Abandonei o prédio comercial transtornado. Fiquei alguns segundos plantado na calçada, sem conseguir me mover, enquanto pensava em tudo o que tinha acabado de acontecer.

Caramba, eu precisava dormir, não sonos fragmentados e mal dormidos. Mas uma noite inteira de sono calmo e profundo. Precisa descansar. Ou acabaria fazendo merda.

Quase contei tudo.

Quase dei com a língua nos dentes.

Minha máscara quase caiu.

Não posso arriscar tanto assim.

Uma menina da minha idade trombou em mim, distraída enquanto lia um livro, sem prestar atenção nos próprios passos. Meus olhos reconheceram a capa branca sem nem precisar ler o título — o pequeno príncipe.

Ao lembrar do livro, foi impossível não evocar a imagem de Tatiana. E a saudade que veio junto foi tão intensa que, no mesmo instante, despertei do transe. Soquei as mãos nos bolsos, seguindo em direção à biblioteca municipal. Já tinha passado da hora de fazer uma visita.

Desde que as aulas tinham começado, há pouco mais de um mês, só peguei livros na escola. E me sentia culpado por isso todos os dias. Afinal, Tatiana era uma amiga. Uma das poucas pessoas no mundo que se importavam comigo, apesar de não saber quase nada sobre mim.

No entanto, em minha defesa, fazia muito calor e a biblioteca municipal ficava fora de mão do meu trajeto da casa-escola, escola-casa. E não era fácil andar no sol quando eu precisava me refugiar em camisetas de mangas compridas. Na verdade, eu passava metade do dia desejando chegar em casa logo, onde eu poderia arrancar as roupas e deixar a pele a mostra sem que ninguém olhasse com curiosidade.

E visitá-la também tinha a vantagem de que eu podia aproveitar e usar o computador da biblioteca para conferir minhas redes sociais e... outras coisas. Fazia um tempo que eu vinha querendo descobrir mais sobre Alana. Já teria feito isso antes se tivesse meu celular, mas agora era a hora.

O percurso passou em um piscar de olhos. Quando dei por mim, atravessava a cortina de ar da biblioteca municipal, sendo recebido pelo cheiro de poeira, ácaros e história.

Meus olhos logo foram parar em Tatiana. Os óculos verdes se destacavam em sua pele marrom dourada retinta. E, como já era de se esperar, ela parecia ter tentado colocar o máximo de peças coloridas de uma vez só. A blusa era de um laranja vibrante, o lenço imenso cobrindo o colo, azul marinho. E, conforme me aproximei, descobri que a saia era púrpura.

Quando me recostei no balcão, em sua frente, eu ostentava um sorriso honesto no rosto. Era engraçado o poder que algumas pessoas tinham de tranquilizar a gente, só de olharmos para elas. Gustavo era assim. E eu não entendia por que tinha me afastado dele. Por que tinha fugido de sua amizade. E por que ainda doía tanto pensar nele realizando seus sonhos, enquanto eu continuava estagnado.

— Tá bonita — falei e só então ela notou minha presença. — Tá

tentando conquistar o coração de alguém?

Ela abriu um sorriso largo que iluminou tudo. Seu rosto, a biblioteca, o mundo inteiro.

— Só o seu — brincou, soltando uma de suas risadas espalhafatosas.

— Mas o meu você já tem — lancei uma piscadela, cruzando os braços sobre a superfície de madeira.

Tati esticou a mão e segurou a minha, de um jeito carinhoso demais para que eu me esquivasse. Fora que, naquela tarde, eu teria aceitado qualquer demonstração de afeto. Eu precisava. Mais que isso: eu merecia.

— Fiquei com saudade. Você nunca mais apareceu. Me trocou, foi?

Passei a mão pelo cabelo, sentindo o rosto corar. *Droga, me pegou no pulo.*

— Não é você... sou eu — respondi. E a brincadeira saiu com tanta naturalidade que até me surpreendi. Não achei que fosse mais capaz de ser leve. — E também o fato da biblioteca do colégio novo ser foda.

— Nossa, e você admite isso assim na cara dura? — Tatiana estreitou os olhos de uma maneira ameaçadora. Soltei uma risada baixa, sem conseguir parar de olhar para ela.

— Foi mal. Mas o importante é que eu vim te visitar.

— É... e eu vou deixar passar essa traição só por isso.

Tati me estudou com atenção e o sorriso amarelou. Era tão visível assim o fiasco em que eu me encontrava? Parece que o mundo inteiro conseguia ver as rachaduras transparecendo e alcançando a superfície. E então, quando alcançassem, tudo estaria perdido. Não teria mais volta.

Minha vida importa.

Minha vida importa, porra!

— E como estão as coisas no colégio novo?

Dei de ombros, me inclinando para mais perto dela.

— Ah, você sabe. Um monte de babacas privilegiados que se sentem os donos do mundo. Alguns andam me enchendo o saco, mas não tanto pra eu me importar. — ela sorriu com a minha rebeldia. — Enfim. O colégio é incrível. Minha sala tem ar condicionado, dá pra acreditar?

Ela riu, negando com a cabeça.

— E de pensar que tive que brigar muito pra conseguir um ar condicionado pra biblioteca...

— Pois é, nem me fala. Vou aproveitar, porque talvez eu nunca mais

saiba o que é isso.

— Bobo! — ela deu um tapinha em meu ombro.

Tatiana me olhou por mais alguns segundos, fisgando o lábio inferior. Desejei saber o que passava pela sua cabeça quando me via. Será que ela imaginava o tipo de coisa que eu passava? Será que se importava de verdade comigo ou era apenas essa pessoa maravilhosa com todo mundo?

— E o que mais? Não fez amizade com ninguém ainda?

— Ah, tá... — sorri, encolhendo os ombros. A resposta, por si só, a fez tombar a cabeça para trás e dar uma risada gostosa. — Eu? Arrumar amigos? Até parece que não me conhece.

— Nós somos amigos! — exclamou e então estendeu a mão para tocar a minha de novo, mas dessa vez eu estava atento e consegui me esquivar do seu toque antes que seu dedo encontrasse o meu. E, para não correr o risco de que isso voltasse a se repetir, enfiei as mãos no bolso, onde ficariam seguras.

Tati não disse nada, mas notei em seus traços um vestígio de chateação. Para me livrar do gosto amargo que ficou na boca, tagarelei a primeira coisa que me veio em mente:

— Tem essa garota que senta na minha frente... acho que é o mais próximo que tenho de um amigo no colégio novo.

Merda, por que tô falando isso?

É uma mentira deslavada, pra começo de conversa.

Minhas palavras fizeram algo se iluminar no rosto de Tati. Ela parecia ter esquecido do que tinha acabado de acontecer. E eu sabia muito bem o porquê. O sorrisinho torto em seus lábios não me deixava duvidar das suas suspeitas.

— Hum... *amiga* — Tati arqueou as sobrancelhas. — Conte-me mais sobre ela.

— Primeiro: pode tirar esse sorriso do rosto, você tá viajando — resmunguei, mas não soube explicar por que meu rosto rinha esquentado de uma vez. — E, sei lá, não tem muito pra falar. O nome dela é Alana.

Falar seu nome em voz alta, pela primeira vez desde que nos conhecemos, despertou um prazer inexplicável em mim. Sentir as sílabas dançando em minha língua me fez querer repetir e repetir seu nome até que a palavra perdesse o sentido. Por mais idiota que fosse, me senti mais próximo dela. Alana. Alana. Alana. Que nome bonito do caralho.

— E o que mais?

Pisquei, confuso.

— Ahn? — perguntei, ainda distraído.

— Conta mais dessa Alana — Tati respondeu, estreitando os olhos de um jeito zombeteiro. Senti o rosto queimar outra vez e, num impulso, puxei meu moletom para cima, me escondendo.

— Ela senta na minha frente. É bem bonita, se você quer saber. E tá passando por uns problemas... o que acabou nos aproximando um pouco. Mas nem é nada demais — Esfreguei o braço esquerdo, um pouco sem jeito, e só então percebi sua expressão. — Para de me olhar assim!

Mas não aguentei e acabei cedendo e caindo na risada com ela. Era bizarro rir com tamanha facilidade. Por coisas idiotas como fato dela achar que eu estava a fim de uma menina que eu não sabia nada.

Bem, não estava de todo errada.

Em um rompante, Tati esticou os braços e alcançou meu moletom, puxando-o para baixo. Me senti muito exposto, mas seu olhar intenso me impediu de subir o capuz de novo.

— Você tem um sorriso muito bonito pra ficar escondido, Martin. Se eu tivesse um sorriso desse, não faria outra coisa além de sorrir.

— Se eu tivesse motivos, também não faria outra coisa — murmurei, sem conseguir evitar. Perceber sua expressão se transmutar para chateação pela segunda vez na mesma tarde foi demais para suportar. — Eu posso, hum... usar um computador?

Tatiana suspirou, assentindo e indicando os computadores com o olhar. Meneei a cabeça para ela, sem jeito. Era a primeira vez que tinha aquele abismo enorme entre nós e eu não sabia muito bem o que fazer.

Nunca deixei que o Martin ruim aparecesse para ela. Não dava. Ela era... diferente. Não era justo descontar em alguém que tentava, a todo custo, fazer com que eu me sentisse melhor. Mas a falta de sono me prejudicava muito. E aquele não era um bom dia. Quase dei com a língua nos dentes na terapia, e agora isso. Eu só esperava não acabar fazendo alguma coisa muito idiota até o fim do dia.

A biblioteca tinha seis computadores velhos com acesso à internet. Eram jurássicos, os monitores beges e tubulares, mas, ainda assim, era alguma coisa. Arrastei a cadeira do computador mais distante do balcão, só para tentar me livrar da culpa me cercando.

Me atirei na cadeira, hesitando por um momento. Os dedos passearam pelo teclado empoeirado, ensaiando digitar alguma coisa — qualquer uma —, mas, de repente, me senti meio bobo. Tantos meses já tinham passado desde que Geraldo destruiu meu celular que eu não podia me importar menos com as minhas redes sociais. Até porque, não era como se eu estivesse cercado por pessoas que se importassem comigo.

E então, eu estava prestes a acessar meu *Facebook*, cheio de fantasmas e momentos congelados no passado, só para descobrir mais sobre Alana. Eu estava usando a porcaria de um computador da biblioteca pública para isso! Cacete, eu tinha dez anos de idade ou o quê?

Esfreguei o rosto, envergonhado. Olhei por cima do ombro para me certificar de que ninguém prestava atenção no que eu fazia, o que era óbvio, afinal a biblioteca estava quase vazia.

Aproveitando a coragem repentina, digitei as cinco letras de uma vez, antes que acabasse mudando de ideia.

Alana.

Alana.

Alana.

— Alana — repeti, bem baixinho, deleitando-me do som outra vez. Era delicado, bonito e único, assim como ela.

Ah, caralho. Para com isso, tá bom?

Que merda...

Não foi difícil encontrar seu perfil. E, já na foto, levei um choque de realidade. A Alana do Facebook era muito diferente da que eu conhecia. Me perguntei se essa era a versão com que todos no colégio estavam acostumados. A maquiagem pesada evidenciava os olhos verdes e a deixava alguns anos mais velha. Além do mais, ela não tinha as olheiras enormes e parecia um pouco mais saudável, as bochechas coradas, os lábios rosados.

Mordisquei o lábio inferior, o coração palpitando com violência no peito.

Fui direto para as fotos. Tinha um álbum intitulado como “trabalhos”. Sem pensar duas vezes, cliquei nele. As primeiras fotos me fizeram pigarrear alto demais, ganhando a atenção de Tati.

Mordi o nó do dedo indicador, com o pescoço pegando fogo.

— Cacete...

Era um ensaio para uma marca de lingerie, de acordo com a legenda.

Deitada de barriga para baixo, Alana tinha as duas pernas para cima e o queixo apoiado nas mãos. Sua expressão inocente só deixava tudo pior.

Fisquei o lábio inferior e mudei de foto até encontrar uma que ela estivesse mais... *vestida*. Sei lá, me pareceu meio errado ficar vendo isso, ainda mais no meio de uma biblioteca. Como se eu estivesse invadindo sua privacidade ou... não sei. Toda essa coisa de intimidade era muito complicada para mim. O que eu atribuía totalmente a Geraldo. Ele tinha arruinado qualquer chance de eu ser só um menino normal, com tesão, sem culpa.

O tempo me escapou pelos dedos enquanto eu me perdia em Alana. Dava para ver nas fotos, em cada uma delas, o tamanho de sua paixão. E mesmo nas fotos que não eram de catálogos, havia um brilho diferente em seu olhar. Um brilho que já não existia mais. Pareciam duas garotas diferentes. A de antes: alegre, confiante, com uma aura destemida de quem podia ter o que quisesse. A de agora, no entanto, era só uma sombra da Alana do passado. Uma versão mais assustada, mas perdida, uma versão que tentava chegar lá, embora não fizesse a mais remota ideia de como.

Ter um *antes* para comparar tornava meus sentimentos ainda mais confusos, ainda mais intensos. Meu medo subiu pela garganta, como lava, ardendo e queimando minha pele. Repousei a mão sobre a garganta, tentando, sem sucesso, me confortar. Mas era impossível. Tudo o que eu fiz desde que comecei a estudar no colégio novo e conheci Alana foi *imaginar* como ela era. Pinteí uma imagem inexistente e me acostumei com ela. E, por não ter comparativo, eu achava que Alana estava indo muito bem. Que, mesmo aos trancos e barrancos, estava lidando com as coisas.

Mas agora eu tinha percebido que não era nada disso. Ela estava tão destruída quanto eu. O que fazia sentido. Eu passei a vida me fodendo, até culminar nesse ponto em que me encontrava. Já ela, teve uma vida de sonhos e a esperança de um futuro maravilhoso. E então veio o acidente e arrancou tudo dela. A deixou vazia, oca, sem nada. Alana, assim como eu, estava apenas se rastejando pelos dias, apenas resistindo, colocando sua fé na possibilidade de que as coisas um dia melhorassem.

E, merda, isso só me deixou ainda mais... louco. Fisquei o lábio inferior, me demorando um uma foto particularmente linda. Debruçada em uma sacada, sorrindo para quem quer que tivesse batido a foro. Os cabelos ao vento, os olhos mais verdes que nunca. Meus dedos coçaram de vontade de tocar em seus cabelos, prendê-los atrás da orelha, olhar para as esmeraldas

em seu rosto e garantir que eu faria o possível para ajudá-la a recuperar aquela parte tão gritante que tinha deixado para trás e que, sem a qual, só restava um fantasma do que fora.

Não faz sentido.

Não faz sentido, Martin.

Só cala a boca e para de viajar.

Mas... não tem como. Olha esse sorriso. Olha essa leveza...

Ela merece ser assim de novo.

Eu já tô perdido, mas ela...

Respirei fundo, apoiando o cotovelo na escrivaninha e sustentando o queixo com a mão em punho. Cansado das fotos, fui para a linha do tempo. Apesar do ar condicionado da biblioteca, eu sentia uma fina camada de suor sobre as costas e tive certeza de que o calor tinha mais a ver como o que via do que com o clima.

Assim como eu, Alana não vinha atualizando muito a linha do tempo. E, com isso, não foi difícil encontrar o apanhado de mensagens desejando uma boa recuperação. Pessoas dizendo que estavam rezando por ela, que ela era forte e ia conseguir lidar com tudo.

O aperto em meu peito aumentou de tamanho. Eu também tinha várias dessas em meu perfil. A notícia de que tentei me matar se espalhou como uma praga. De repente, parecia que a cidade inteira sabia e se achava na obrigação de me prestar condolências. E o problema das condolências é que não adianta nada ter um milhão de mensagens bonitas na porcaria da tela do computador, quando na vida real você se sente mais sozinho e vazio do que nunca.

Foi então que reparei em uma pessoa recorrente nas mensagens no mural de Alana.

Pietro: tô com tanta sdd. hj fui comer sushi e só consegui lembrar de vc. queria q tivesse comigo

Pietro: hj a gente faria 1 ano juntos. ainda penso em você todos os dias. espero que esteja bem

Pietro: só queria que as coisas voltassem a ser como antes, alana :/

Me empertiguei na cadeira, ofendido ao me dar conta de que aquele

era o ex-namorado dela. Procurei mais mensagens dele e, vencido pela curiosidade, cliquei em seu perfil. Mas lá, ao contrário do perfil de Alana, não durei mais que poucos minutos.

Bastou olhar a foto e as informações sobre ele e foi como o chão de baixo dos meus pés tivesse desaparecido. Eu não sabia muito bem o que eu esperava encontrar. Uma versão de mim?

Era exatamente por isso que eu tinha ficado tão bravo, tão puto, tão... magoado.

Esse tal de Pietro era tudo o que eu *jamaís* seria.

Um riquinho. Filhinho de papai. Estudando em uma universidade estadual e tendo a sua vida perfeita e fácil. Claro! Como eu achei que Alana teria se envolvido com alguém diferente disso? Era só olhar pra ela...

A família de comercial de margarina.

Aquela era a realidade dela. Eu *não podia* me esquecer disso.

Se fosse antes, Alana jamais teria olhado na minha cara. Jamais teria trocado uma palavra comigo. Eu seria só mais uma pessoa invisível para ela.

E o que me deixava mais enfezado nessa situação toda era o quanto essa constatação acabava comigo.

Atingido em cheio pela irritação, esfreguei meu rosto, tentando normalizar a respiração que ficou superficial. No fundo, acho que eu merecia sofrer e quebrar a cara por ser tão burro. Como, como pude nutrir esperança de que poderíamos... sei lá. Nem sei o que pensei direito. É só que Alana vinha tentando se aproximar e eu pensei, eu achei que...

Mas como poderia acontecer? Olha só a bagunça que eu era. Todo ferrado, inteiro machucado, cheio de cicatrizes e manchas horrorosas na pele. Sem um futuro traçado. Sem um caminho brilhante a percorrer. Eu era um pesadelo.

Atordado, levantei de supetão e quase derrubei a cadeira. O barulho chamou atenção de Tati, que olhou em minha direção e entreabriu os lábios, com um misto de surpresa e choque.

Ela se levantou da cadeira e contornou o balcão, vindo ao meu encontro em passos decididos. Antes que eu pudesse conceber o que acontecia, Tati puxou meu braço esquerdo com um pouco de violência, erguendo-o no ar para que pudesse examinar os hematomas mais de perto.

Ah, merda, esqueci de esconder essa porcaria.

— Meu Deus... Coitadinho! — choramingou, passeando o polegar

pela minha pele. — O que é isso, Martin?

Tentei libertar o braço de seus dedos, mas não obtive sucesso. Então, incomodado com tudo aquilo, usei a mão livre para subir a manga, na esperança de que, ao esconder o braço, as imagens se apagassem de sua memória.

Assim que toquei no tecido, no entanto, Tati usou a outra mão para me impedir.

— Para com isso. Eu quero ver. Foi você que fez isso?

Mordi a língua com violência, para que o choro preso na garganta não escapasse. Minha visão ficou turva e Tati virou duas.

Como ela ainda esperava uma resposta, me limitei a negar com a cabeça.

— *Quem* fez isso? Foi em uma briga?

Outra vez, neguei. A primeira lágrima tinha acabado de escapar e eu só queria correr para bem longe. Correr e correr, deixando aquela situação constrangedora em um passado que eu nunca mais ousaria a mexer.

— Então *quem*, meu querido? — Ela afagou minha pele antes de me soltar e esticar a mão para afastar minha franja do olho. Fiquei estático. — Pode confiar em mim. Eu quero te ajudar.

— Fica longe de mim — murmurei, baixinho, enquanto ela enterrava os dedos no meu cabelo, de maneira tão carinhosa. Carinhosa demais para suportar. Ah, Deus, estava tudo errado.

Ao ouvir minhas palavras, Tati arregalou os olhos e recuou um passo, me encarando com preocupação.

— Você não precisa passar por isso, Mar...

— Fica. Longe. De. Mim — rosnei, me dando conta de que tinha deixado o outro Martin assumir. O Martin raivoso. O Martin intragável. — Se você quer me ajudar, só não se meta na minha vida, tá bom?

Antes que ela pudesse ver a vazão enorme de lágrimas escapando dos meus olhos, corri dali. Corri, como se não houvesse mais nada a fazer. Corri porque, quanto mais longe ficava, menos vontade dava de voltar, me ajoelhar em seus pés e implorar para que me salvasse.

Afinal, eu não podia encher o meu coração de esperança para depois ver tudo ruir mais outra vez.



*Por favor, venha agora, eu acho que estou caindo
Estou me segurando em tudo que acho ser seguro
Parece que encontrei a estrada para lugar nenhum
E eu estou tentando escapar
Creed – One Last Breath*

N o momento em que virei a esquina e entrei na avenida do colégio, percebi que tinha algo errado. Muito, muito errado. Em primeiro lugar, o ensino médio em peso se encontrava aglomerado na entrada, o que não era nem de longe comum. O ponto de encontro era no ginásio, ninguém se demorava ali fora onde os pais poderiam vigiar o que faziam. Depois, todo mundo parecia estar com o celular na mão, vendo alguma coisa. Os garotos se acotovelavam e caíam na gargalhada, as meninas cobriam a boca com as mãos, parecendo culpadas. Mas riam do mesmo jeito. Mesmo de longe, eu conseguia sentir a agitação no ar, a excitação de ter uma piada para contar, uma fofoca deliciosa demais para manterem guardado em segredo. As risadas e gritos me alcançavam a metros de distância.

Respirei fundo, ficando em alerta. Eu podia estar sendo pessimista (no geral, era mesmo), mas podia jurar que o motivo de tudo aquilo tinha um nome: Alana. Enquanto atravessava a rua, busquei os cabelos dourados entre

o amontoado de gente. Ainda não tinha chegado, menos mal. Talvez desse a sorte de chegar atrasada e não precisar lidar com esses babacas.

Cerrei as mãos, escondendo-as dentro dos bolsos do moletom. Eu já tinha evocado a pior parte de mim e, quando pisei na calçada em frente ao colégio, tudo em mim denunciava meu estado de defensiva. Desde os ombros projetados para trás, ao maxilar travado. Meu peito subia e descia em movimentos superficiais e eu passei a ver tudo em borrão, sem nem entender como foi que a raiva me consumiu tão rápido.

— Ih, olha lá, achei que *Walking Dead* fosse só uma série! — um dos garotos da minha sala berrou, apontando para mim. Quase todo mundo olhou em minha direção, esquecendo, por um segundo, o que quer que fosse tão interessante em seus celulares. — Cuidado, Henrique, ele vai comer seu cérebro, cara!

Uma explosão de risadas me cercou.

E, se em dias normais eu já não ligava para esse tipo de provocação, hoje não podia ter me afetado menos. Meus olhos iam ligeiros de uma mão para a outra, tentando descobrir se minhas suspeitas eram mesmo reais e o motivo de tudo aquilo era Alana.

A parte ruim é que os babacas entendiam o meu silêncio como medo e ganhavam ainda mais munição para continuar com a ladainha. Se esses idiotas soubessem o tipo de coisa que eu passava em casa, nem perderiam o tempo deles.

— Ei, Martin, não se preocupa, cara! — Um menino com metade do meu tamanho, que eu sabia ser da outra sala do terceiro ano, exclamou. — Sei que deve ser foda só ter uma roupa pra vestir, mas vou separar umas peças da minha irmã pra você, falou?

Passei ao lado dele sem fazer o menor esforço para desviar. Bati meu ombro no dele, torcendo para ele comprar a briga. Eu não tinha nada a perder, vinha mesmo querendo um motivo para dar uma de louco e colocar todo aquele ódio para fora.

No entanto, ele não fez nada. Apenas olhou de mim para o próprio ombro, perplexo, e então alguma coisa chamou sua atenção. Todo mundo ao meu redor parecia ter visto a mesma coisa, porque de repente só se ouvia o som dos carros passando e das árvores farfalhando as folhas com intensidade.

Olhei para a mesma direção em que todos miravam e estremeci, soltando um suspiro de desânimo. Droga, eu queria não estar certo. Queria

mesmo. Queria que o motivo da piada fosse eu, porque, caramba, eu não ligava. Já estava calejado para esse tipo de bosta. Mas ela ligava. Esse tipo de coisa destruía Alana e, conseqüentemente, me matava.

Pela primeira vez, ela chegava sozinha. *Merda, um péssimo dia pra isso.* Massageei as têmporas, sendo tomado pelo desespero. Eu queria fazer alguma coisa pra ajudar, mas o quê? Eu nem ao menos sabia *o que* eles estavam vendo. Estiquei o pescoço, tentando enxergar por sobre o ombro de uma das meninas da minha sala.

Mas nem deu tempo de ver nada, pois os mesmos escrotos que mexiam comigo começaram a gritar para ela e não consegui fazer outra coisa além de olhar tentar medir e reação de Alana.

— E, aí, piratinha? Como foi seu final de semana? — Bernardo deu um passo à frente, encurtando a distância entre eles. Por instinto, fiz o mesmo. — Muitos navios pra saquear e tudo mais?

— Vai a merda, Bernardo — murmurou ela, passando por ele de cabeça baixa.

No entanto, apesar disso, começou a mancar bastante, coisa que acontecia só quando ela ficava nervosa.

— Ela é brava, ela! — Henrique se aproximou do amigo, entrando na frente de Alana. — Só porque tem uma perna de pau tá se achando a boazona, é?

Algumas risadinhas nervosas se sobrepuseram ao silêncio, me deixando com um gosto amargo na boca. Engoli em seco, arriscando mais alguns passos à frente, sem saber muito bem o que pretendia fazer.

— Só me deixa em paz... eu hein?? — pediu ela, mas a voz saiu um pouco vacilante. — Me deixa passar, por favor.

— Por que a pressa? Ainda faltam quinze minutos pra aula começar. Vamos conversar um pouco.

Alana mordeu o lábio com força, descendo as pálpebras por alguns segundos como se rezasse para o universo lhe conceder mais força. Então, ao abrir outra vez, possuía um brilho diferente no olhar.

— Qual é, Bernardo — ela passou as mãos nos cabelos, como se quisesse arrancá-los. — Já faz mais de um ano que te dei um fora e você ainda não superou? Vida que segue, tenta me esquecer, vai. Já tá ficando doentio.

Me peguei sorrindo. No fundo, Alana também tinha um pouco de

raiva para jogar no mundo. Não éramos tão diferentes assim. Ao nosso redor, todo mundo tinha caído na gargalhada, e várias pessoas (principalmente meninas) questionavam se Bernardo deixaria tão barato assim.

E, claro, ele não deixou. Abrindo um sorriso que ia de orelha a orelha, ele ficou a poucos centímetros dela. Desbloqueou o celular e virou a tela para que ela visse o que estava fazendo todo mundo se divertir tanto.

— Eu fui pra Londrina ontem. Te vi no Jardim Botânico com a sua família. E, sabe, acho legal essa sua força pra seguir em frente. Tem que ter muita coragem mesmo pra mostrar isso aqui pras outras pessoas. Como é um dia ser modelo e no outro ser aleijada, Alana?

Tudo aconteceu rápido demais.

Enquanto ele cuspia seu veneno no ar, o rosto dela se desmanchou em uma careta desolada. Até que ela me viu, dentre a multidão e meu coração perdeu uma batida. Seus olhos brilharam com intensidade, revelando a dor que ela lutava para não deixar transparecer. Eu conseguia ver sua luta para não cair no choro ali mesmo e dar a todos o que queriam. Semelhante ao dia em que Alana me viu esmurrando o muro, uma conexão maluca se formou entre nós. Ela ficou desnuda para mim. Deixou todo o medo, toda a dor a mostra.

E, ao olhar para ela, me reconheci.

Me vi em seus olhos marejados e no maxilar travado. Me vi na fraqueza interna e na máscara de durona que ela usava para se defender. Me vi em anos de abuso, aguentando Geraldo me pisar e pisar, só para se sentir melhor com sua existência doentia.

De repente, foi como se meu corpo inteiro fosse feito de fogo. Ardi em ódio. Diante dos meus olhos, imagens de uma vida inteira estalavam como brasa. Geraldo, com seus olhos azuis e sua careca cor de rosa, me deu ânsia de vômito. Mais que isso, ele tirou o que me restava de razão.

Voei em direção ao Bernardo, arrancando o celular de sua mão. Foi tão rápido que ele nem teve tempo de tentar desviar. A tela permanecia desbloqueada. Passei a foto para o lado e me deparei com mais outra, e outra, e outra. A porra de uma sessão de fotos de Alana, todas tiradas de longe, como se ele fosse um *paparazzi* ou sei lá.

Ela estava com a família e, pela primeira vez, parecia relaxada e tranquila. O cabelo preso em um rabo de cavalo no topo da cabeça e, nos lábios, um batom vibrante que parecia destacar ainda mais o verde dos olhos.

No entanto, o que de fato chamava atenção e o que motivou Bernardo a tirar as fotos eram os shorts curtos que deixavam a prótese à mostra. A prótese, por sinal, era bem diferente do que eu tinha imaginado, feita em um material liso que lembrava plástico e de um rosa cintilante e elétrico até a altura do tornozelo. O pé, por sua vez, tinha uma cor próxima da pele de Alana, lembrava o pé de um manequim.

Para ser franco, eu não entendia muito bem por que estavam tirando sarro. Não era nem de longe feio, ou tão fora do comum. E não que isso justificasse a atitude deles. Mas, na real, dava para entender que era pura maldade mesmo. Eles tinham percebido que essa era uma fraqueza dela e agora a devoravam viva. Mastigando sua carne como se fossem zumbis, espirrando sangue para todo lado. E depois ainda falavam de mim.

— Solta o meu celular, arrombado! Se quebrar você vai ter que pedir dinheiro no sinal pra pagar.

Neguei com a cabeça, sorrindo para ele.

— Tô entendendo tudo agora... você vive pegando no pé dela porque já levou um fora antes.

Eu já não enxergava nada. Só ele.

Bernardo bateu com as mãos na perna, a cara tomada por deboche.

— De qual pé você tá falando? O de verdade ou o de plástico? — perguntou, e uma nova explosão de risadas rompeu o silêncio tenso.

Deixa ela em paz.

Deixa ela em paz.

Me deixa em paz, porra.

Respirei fundo, usando o que me restava de autocontrole pra não voar no pescoço dele. Em vez disso, estendi o celular para Bernardo, que o agarrou com certo desespero.

— Tudo isso é orgulho ferido? — falei, enquanto ele guardava o telefone no bolso. — Você faz isso cada vez que toma um não? Meio triste, né?

— E daí? — ele deu uma risada mordaz. — O que você tem a ver com isso, hein? Tá apaixonado por ela? Já vou avisando que o saci-pererê ali tem a autoestima muito elevada. Não vai ligar pra um mendigo que só veste a mesma roupa. Aliás, como sua família consegue pagar o colégio? Sua mãe tá dando pro diretor ou o quê?

Tombei a cabeça para trás, caindo na gargalhada. E, aproveitando do

momento de confusão dele, voei em sua direção, empurrando-o contra o muro da escola. Ouvi várias pessoas exclamarem exasperadas. Mas eu não estava ali pelo palco. Eu só queria que esse babaca calasse a maldita boca.

Suas costas chocaram com força contra o concreto e Bernardo fez uma careta, sem conseguir esconder a dor. No mesmo instante, Henrique e outro garoto se aproximaram, preparados para intervir, mas Bernardo ergueu a mão, aproximando o rosto até quase tocar a ponta do nariz no meu.

— Não, pera aí. Vocês acham que eu não dou conta dele? Qual é, né — ele sorriu, arqueando uma sobrancelha para mim. — Tô curioso pra ouvir o que esse lunático tem pra dizer.

Mirei bem em seus olhos. Tinham cor de uísque e tentavam passar uma frieza que não condizia com seu peito subindo e descendo desenfreadamente, muito menos com as bochechas coradas. Então eu entendi. Ele também tentava vestir uma máscara para enganar o resto do mundo. Porque, diferente de mim, ele *estava* ali pelo palco. Foi ele que vi se agarrando com uma menina no primeiro dia de aula. Bernardo amava ser o centro das atenções.

Eu daria isso a ele.

Ainda mais depois de ver o quanto, por dentro, não se sentia tão confiante quanto fazia parecer. Isso me deu mais coragem ainda. Segurei o colarinho da sua camiseta, puxando-o para frente e depois o empurrando para trás de novo.

— Você acha legal ficar perseguindo uma pessoa mais fraca, é? — Atirei.

Mas não era o seu rosto que eu via. E nem o de mais ninguém. Eu só conseguia pensar em Geraldo e nas suas mãos asquerosas me tocando sem a minha permissão. E depois me ferindo, deixando marcas na alma muito piores do que os hematomas que eu ostentava na pele.

Bernardo abriu a boca para falar outra coisa, mas não deixei. Em vez disso, apontei o dedo em riste para ele, encostando em seu nariz.

— Cala a boca, eu tô falando. E quando eu falo, você escuta.

— Que caralho...? — resmungou, enquanto algumas pessoas riam, desconcertadas.

Com um novo impulso de adrenalina, voltei a empurrá-lo contra a parede, dessa vez com o máximo de força que consegui empregar nas mãos. Bernardo estreitou os olhos, falhando em demonstrar indiferença. O ódio em

seu olhar era tangível. E o combustível que eu precisava para seguir adiante.

— O que você ganha entrando na cabeça das outras pessoas e fazendo elas se odiarem? — cuspi palavra por palavra, sem deixar de apontar o dedo para a cara dele. — Isso preenche o seu vazio existencial? Você se sente menos merda quando rebaixa os outros, é?

— Cara, calma aí... — Henrique tentou se aproximar, as mãos no ar em rendição, o cenho franzido.

Antes que ele conseguisse chegar perto o bastante, puxei Bernardo da parede e andei alguns passos para o lado, empurrando-o outra vez.

— É fácil ser machão assim quando você tem amiguinhos pra te defenderem.

Bernardo encheu e esvaziou os pulmões bem devagar. Com um olhar vencido, se dirigiu aos amigos.

— Deixa baixo. É entre nós.

— Não vai me chamar de mendigo agora? — provoquei, mas ele apenas sustentou o olhar.

— Olha... já entendi, tá bom? — resmungou, quase em um sussurro, para que só eu ouvisse. — Não achei que fosse ficar tão puto assim com...

— Cala a boca, porra! — bradei. — Ninguém merece viver com medo, caralho! — *Só me deixa em paz, só me deixa em paz. Não encosta mais em mim. Eu quero continuar vivo. Você tirou a merda da minha fechadura, tava achando o quê? Você não tem esse direito, cacete. Você não é o meu pai! Que mais você quer tirar de mim? Já tirou tudo, inferno!* — Cala a merda da boca!

Três de seus amigos me cercaram, prontos para me imobilizar. E foi aí que eu saí de mim. Como se estivesse assistindo a um filme, vi meu braço tomando impulso para trás com toda a força. Não era eu. Nunca foi. Aquela força monstruosa dentro de mim foi alimentada por mais de dez anos, até virar algo muito maior. Eu tentava lutar contra, mas era tão fraco e estava tão cansado.

Ainda em transe, esperei meu punho se chocar contra o maxilar de Bernardo. Parece loucura, mas até cheguei a fechar os olhos, só para não ver o estrago. Eu estava tão fodido. Quando Geraldo soubesse, quando a escola telefonasse para casa... cacete, seria o meu fim. Senti os nós dos dedos colidindo em algo muito sólido e, no mesmo instante, arrancando um suspiro exasperado de todos os presentes. Todo mundo parecia ter soltado a

respiração de uma só vez.

Minha mão ardeu, uma dor que eu já estava acostumado e gostava. Na verdade, senti uma onda de calma me envolvendo, como um imenso cobertor macio e aconchegante. Parecida com a sensação que a nicotina me dava, só que muito mais potente. Muito melhor. Caramba, como era bom silenciar os pensamentos!

Abri os olhos outra vez, só para medir o estrago. E, para a minha surpresa, o monstro dentro de mim não tinha vencido dessa vez. Se existia um bom Deus, ele tinha acabado de me salvar e me feito desviar o muro no último segundo. Eu tinha acertado o muro atrás de Bernardo e deixado minha marca. Um borrão carmesim, um rastro da destruição que eu causava em mim mesmo, como muitos outros espalhados pela cidade. Suspirei aliviado, despertando do transe. Em um segundo que abrigou uma eternidade, olhei para todos os lados, fazendo uma varredura.

Todo mundo olhava em nossa direção, estáticos, chocados, temendo que a menor reação pudesse desencadear o pior. Com lágrimas nos olhos, Bernardo me encarava, a expressão muito diferente de minutos atrás. Tinha se livrado do olhar de superioridade e deboche.

Continuei olhando em volta, procurando a única pessoa que me importava. Eu só queria saber como ela estava. Se continuava com a mesma expressão devastada de antes. Olhei por cima do ombro, enfim encontrando Alana. Ela tinha os lábios entreabertos e estava pálida, um pouco chocada como os demais.

Pelo menos não tá mais triste.

Pelo menos não tão mais rindo dela.

O tempo voltou ao ritmo normal. Encarei minhas próprias mãos agarradas ao colarinho do garoto em minha frente. Pisquei várias vezes, percebendo a situação.

Atirei aquele babaca contra o muro.

Apontei o dedo na cara dele.

Segurei na gola de sua camisa.

Parecia com... c-com uma pessoa que costumava fazer isso comigo. Uma pessoa que eu odiava. Uma pessoa que eu não queria ser nem um pouco parecido.

Cobri a boca com a mão machucada, me afastando de Bernardo como se tivesse uma doença contagiosa.

Não.

Não, caralho.

— Eu... vo-você... merda — recuei alguns passos, ainda com a mão na boca. — Fo-foi mal. Eu...

E, por não conseguir colocar nenhuma palavra para fora, apenas girei nos calcanhares, correndo para longe dali. Não vi o caminho e não ouvi mais nada além dos meus pensamentos caóticos.

Não posso ser como ele.

Meu Deus, não.

Me embrenhei em ruazinhas pacatas nas redondezas do colégio, encontrando um esconderijo, um buraco onde pudesse me enfiar e não sair nunca mais. Um lugar onde eu pudesse deitar e esperar que a terra me engolisse, bem devagar.

Não quero ser como ele.

Não posso.

Só quando fiquei longe o suficiente da escola que me permiti desabar no chão. Cedi ao peso do corpo, caindo sentado no meio-fio. Abracei os meus joelhos com força, imaginando que fosse alguém ali para me confortar, enquanto as lágrimas ensopavam minha calça jeans.

Nunca senti uma dor tão fodida em toda a minha vida.

Foi maior do que a primeira vez que Geraldo me chamou de pedaço de merda. Maior do que a primeira surra que não me deixou levantar do chão. Maior do que a primeira vez que precisei usar mangas compridas no verão, para esconder os hematomas.

Foi maior do que o dia em que tive minha infância e minha inocência roubadas, com uma visita noturna e suja.

Aquele foi o golpe final. O mais impiedoso. O mais certo.

Sempre me perguntei se, ainda que conseguisse fugir do pesadelo em que estive pelos últimos dez anos, as coisas voltariam ao normal. Ou o mais próximo disso. Meu maior medo era que esse terror penetrasse tão fundo em minha pele, como uma tatuagem, até fazer parte de mim. E, independente do quanto eu tentasse ser diferente, continuaria ali, gravado para sempre em minha alma.

Há muitos anos, fiquei viciado em assistir programas na televisão sobre *serial killers*. Programas que contavam a história de pessoas tão cruéis e crimes tão bárbaros que me faziam perceber que, de algum jeito meio

mórbido e bizarro, eu até tinha sorte. Mas então, conforme o tempo foi passando, acabei percebendo uma constante: a maioria dos psicopatas tinha uma infância traumática, anos de abuso que culminavam no que eles se tornariam no futuro.

Eu ficava deprimido só de pensar na possibilidade. Sempre quis acreditar que no fundo ser cruel com alguém era uma escolha. Era óbvio que eu não sairia matando pessoas nem nada do tipo. Mas e se... e se eu fosse como Geraldo? E se eu vivesse tempo o bastante para acabar encontrando uma mulher louca o suficiente para gostar de mim? E se um dia eu descontasse essas coisas nos nossos filhos? Quero dizer... O jeito que eu segurei Bernardo era Geraldo inteirinho. E eu não podia aguentar isso. Não podia suportar que estivesse reproduzindo coisas que me faziam tão mal. Sempre que ele me empurrava contra a parede, eu sentia como se voltasse a ser só um garoto de oito anos. Assustado, confuso, sem nem imaginar o tanto de merda que viria pela frente.

Cravei as unhas com força nas palmas, me encolhendo ainda mais, em uma tentativa frustrada de desaparecer. Sumir, em um estalo, como em um desenho animado. Eu não podia ser como ele. Eu precisava ter escolha.

Eu queria ser uma pessoa melhor.

Porque, se não me restasse nem mesmo a esperança, que mais sobraria para mim?



*Eu poderia levantar você
Eu poderia lhe mostrar o que você quer ver
E levar você aonde você quiser estar
Você poderia ser a minha sorte
Mesmo que o céu esteja caindo
Sei que estaremos sãos e salvos
Capital Cities – Safe and Sound*

Assim que Martin virou para sair dali, senti o corpo inteiro retesar. Eu ainda não tinha conseguido digerir tudo o que acabara de acontecer, mas sabia que não queria fazer outra coisa além de estar com ele. Quero dizer... por mais assustador que fosse admitir isso, eu só... queria pegar em sua mão machucada e olhar em seus olhos bem de perto. Quem sabe assim eu conseguisse entender e descobrir um pouco mais.

Olhei ao redor, fiscando o lábio. Há pouco mais de dez minutos eu estava aterrorizada, sem saber como lidaria com o *bullying* sem Nicole por perto para me ajudar a erguer o queixo e seguir em frente. Péssima hora para a minha irmã ter virose. Eu já imaginava que tinha alguma coisa ruim rolando, mas quando Bernardo disse que havia ido para Londrina no dia anterior, meu Deus, meu mundo caiu.

Desde o acidente, minha família nunca mais fez nada de diferente. Em parte, porque no começo era difícil o acesso com cadeira de rodas ou as muletas. Mas também porque eu não facilitava em nada a situação. E então, agora que as coisas enfim começavam a ficar mais fáceis, mamãe decidiu que queria uma viagem em família. Londrina era uma cidade vizinha, coisa de uma hora e meia de carro, e três vezes maior que a nossa. A ideia foi um passo e tanto, ainda mais tendo em vista que meu acidente foi no dia em que sairíamos de férias.

Mas, apesar disso, todos ficamos muito animados. Sobretudo eu. Fiquei tão focada nos meus problemas que nem percebi o quanto precisava de uma pausa, uma folga. Um lugar para poder respirar com calma, sem a sensação de que todos me julgavam, de que todos esperavam pelo menor deslize.

Fazia um dia muito abafado e, como Nicole e eu passamos muito mal quando viajamos, papai e mamãe insistiram muito para que eu fosse de shorts. Isso é... com a prótese à mostra.

Eu neguei, é claro.

Nem precisei pensar para dizer um *não* categórico. Não estava nem em questão. Eu tinha aceitado que algumas coisas em minha vida jamais voltariam a ser como antes. E usar roupas curtas no verão era uma delas. O preço que eu pagava para poder voltar a andar.

O problema era que eles usaram argumentos tão bons... ficou difícil de ignorar. Mamãe disse que ninguém me conhecia lá. E que eu podia levar uma calça na bolsa, caso ficasse difícil demais. Papai completou dizendo que não adiantava nada ter uma perna rosa de *glitter* se eu não mostrava para o mundo. E que se eu fosse para Londrina com o pensamento de que aquele era um acessório que eu tinha orgulho, eu passaria essa imagem para as demais pessoas.

Eu acreditei neles. Acreditei que não teria problema.

E de fato não teve.

Foi um dia surreal. Apesar de vários olhares curiosos, fingi, só por brincadeira, que se tratava de uma bota *over the knee* da *Jimmy Choo*, que eu ganhara no último desfile, e por isso todo mundo encarava. E, talvez, algumas pessoas comesçassem a me reconhecer? Era impressão minha ou algumas até apontaram?

Parecia bobo fantasiar assim, mas funcionou. Pela primeira vez em

muito tempo, me senti uma garota de dezoito anos normal. Como outra qualquer. Não precisei passar calor por causa de uma calça feia de *tactel* que eu usava para me esconder. Na verdade, usei o meu short favorito e fiquei tão feliz, como achei que jamais voltaria a ser. Voltei para casa com a esperança de que um dia poderia ser sempre assim...

... até chegar no colégio e levar um murro na cara.

Sério, por que as coisas precisavam ser assim? Parecia que quando eu dava um passo para frente, o mundo me obrigava a voltar dois. Era impiedoso e cruel. Me arrependi de ter dado ouvido à minha família. Me arrependi por ter dado munição aos babacas da minha escola.

Mas então Martin tirou esse fardo de mim. De repente, já não importava tanto assim que todo mundo estivesse se matando de rir de quem eu era. Porque ele se importava comigo. Mesmo sabendo que eu era quebrada. Do mesmo jeito que eu também me importava com ele, mesmo vendo suas rachaduras. Suas cicatrizes.

Quero dizer... foi de partir o coração presenciar o seu descontrole com Bernardo. Eu só queria poder retribuir a gentileza. Queria ajudá-lo a escapar de si mesmo, porque eu sabia: a mente, às vezes, podia ser o pior lugar para se estar. Era traiçoeira e sabotava de maneira impiedosa.

Foi por isso que o segui.

Com dificuldade, como da vez em que o vi esmurrando um muro, mas determinada. Forcei um pouco mais do que devia e o coto ficou um pouco dolorido. Nem isso me fez diminuir o ritmo. Martin corria com desespero, e eu não me perdoaria se o perdesse de vista.

Por um segundo temi que ele estivesse voltando para casa dele. Seria um pouco humilhante chegar atrasada e precisar tocar a campainha, ou sei lá. Mas então, quando pensei que tivesse o perdido de vista, virei a esquina e o vi, no final de uma rua sem saída.

Martin se encontrava sentado no meio-fio. Largado. Encolhido nos próprios joelhos. Chorava tanto que os ombros sacudiam com agressividade. A maneira como suas mãos agarravam as pernas partiu meu coração em mil pedacinhos diferentes. Umedeci os lábios, tentando lutar contra a força esmagadora que comprimiu o meu peito e me impediu de respirar.

Sem pensar duas vezes, retomei os passos, agora sem pressa. Martin soluçava, seu choro ficava mais alto conforme eu me aproximava. Abracei meu próprio tronco, sendo atingida por sua desolação.

Eu tive minha família no momento mais difícil da minha vida. E continuava tendo. Os meninos da escola podiam ser uns idiotas sem coração, mas bastava que eu me aninhasse nos braços de mamãe ou visse papai brigando com alguma receita qualquer, bastava que Nicole me chamasse para assistir a um filme na *Netflix*, e então todo o resto desaparecia.

A vida era muito mais fácil com a minha família. Eu não me imaginava chorando sozinha no meio da rua, ou então socando os muros e me machucando inteira, porque sabia que tinha braços prontos para me confortar e casa. Além do mais, se eu aparecesse com um machucadinho que fosse, mamãe morreria do coração, e depois me interrogaria até não poder mais. Era capaz dela começar a me levar para o colégio outra vez.

Mas o Martin não. Meu Deus, ele estava sempre um trapo. Era um menino lindo, mas a tristeza e a raiva o dominavam, impossibilitando que o resto do mundo visse o que mais ele tinha para oferecer. E, caramba, ele parecia ter *tanta coisa*. Eu nem o conhecia muito bem, mas já sabia que seu coração era grande.

Sentei ao seu lado, como fiz no estacionamento da escola, há várias semanas. Martin se empertigou no lugar, assustado. Ele me encarou com os olhos esbugalhados, sem conseguir compreender o que eu fazia ali. Como se, em sua cabeça, isso nem ao menos fosse *possível*.

Os olhos injetados de tanto chorar. Os lábios, já volumosos, estavam ainda mais inchados e muito corados. Ele usou a parte interna do pulso para secar o rosto, soltando suspiros involuntários de quando se chora com intensidade e por muito tempo.

Busquei sua mão com o olhar e não me surpreendi ao encontrar os machucados recentes. Não eram tão ruins como da última vez, mas ainda assim fizeram meu estômago revirar. O sangue se acumulava nas juntas, se destacando na pele oliva.

Respirei fundo, reunindo coragem, e tomei sua mão na minha. No mesmo instante, Martin se enrijeceu inteiro ao meu lado, sem esconder o choque de suas feições. Ele uniu as sobrancelhas grossas, formando sulcos profundos na testa.

Meu Deus, o que eu tô fazendo???

Eu me senti como se tivesse voltado para os meus quatorze anos, quando fiquei com um menino pela primeira vez. Seu nome era Thiago e ele tinha acabado de mudar para o colégio. Ainda lembro a sensação maluca de

pegar na mão dele. Como se fosse a coisa mais erótica, mais sensual do mundo inteiro.

Ali foi igualzinho. Era meio estranho que eu já tivesse dado vários amassos em Pietro e, só de tocar na mão de Martin já ficasse com o corpo inteiro molenga.

É só uma mão, Alana!

Mas... nossa. Como ele tá fazendo tudo isso só com a mão?

O ar ficou rarefeito e minha pele em contato com a dele queimou com intensidade. Os dedos formigaram, me dando uma sensação esquisita. De repente, eu não sabia mais o que fazer com os dedos, braços e pernas. Era como se todos os órgãos estivessem fora do lugar, eu não queria e nem conseguia parar quieta.

Então, entrelacei os dedos nos dele, antes que acabasse perdendo a coragem e o soltasse. Martin soltou um barulho esquisito da boca, o que acabou me arrancando um sorriso. Era engraçado que por fora ele fosse todo durão e sustentasse a imagem de que nada o abalava. Mas bastava chegar um pouquinho perto pra ver que não era nada disso.

Me demorei alguns segundos estudando seu rosto bem de perto. Eu nunca o tinha visto tão destruído como agora. Nem mesmo no dia que ele esmurrou o muro. Era como se Martin tivesse perdido alguma coisa muito essencial. Como o ar que se respira, o brilho no olhar, a esperança. Era como estar em uma rua sem saída (o que, ironicamente, era o caso), e perceber que, não importa a direção que se andasse, as coisas continuariam na mesma.

Alguma coisa denunciava que, o que quer que tivesse acontecido hoje no colégio, foi responsável por matar um pedacinho dele. Talvez fosse seus ombros mais caídos que o normal, ou a urgência em seu olhar, implorando, em silêncio, que alguém o enxergasse. O ouvisse. Que alguém — qualquer um — o tirasse daquele buraco onde se encontrava.

— Você precisa parar com isso. — ergui nossas mãos no ar, para que ele fosse obrigado a ver. — Descontar em você e tudo mais.

Martin abaixou o rosto, fiscando o lábio inferior enquanto fitava os próprios tênis surrados. Ele deu de ombros, resignado.

— Eu sei — murmurou e, se eu não estava louca, senti uma pontada de vergonha em sua voz rouca.

Soltei um suspiro cansado. Com o polegar livre, contornei os nós dos seus dedos com todo o cuidado. E depois as cicatrizes grosseiras que se

espalhavam pelas costas da mão. Apesar de tudo isso, sua mão era bonita. Os dedos pareciam esculpidos com perfeição. As unhas redondas e curtas, os dedos retinhos, compridos, bem desenhados. Era um conjunto deprimente e, ainda assim, eu não conseguia achar feio. Aquelas eram as suas cicatrizes e eu começava a enxergá-las como parte dele.

Martin acompanhou meus movimentos, sem fazer menção de libertar sua mão. Na verdade, parecia estar *gostando*. O rosto tinha relaxado, pelo menos.

— Eu queria... — comecei, mas minha voz se perdeu em algum lugar. Pigarreei, olhando para ele. — Obrigada. Tipo, obrigada *mesmo*. O que você fez... não que eu goste de brigas, nem nada. Mas me ajudou muito. Pensei que fosse desmoronar quando o Bernardo começou a me atacar. E você pegou o fardo inteirinho. Isso é... — pigarreei outra vez. — Eu sei que foi difícil pra você. Então obrigada. Fico te devendo essa.

Martin soltou o ar dos pulmões, esfregando o rosto com a mão livre e aproveitando para bagunçar o cabelo, como se quisesse descontar nos fios negros e ondulados. A franja caiu sobre o rosto, escondendo um dos olhos. Eu achava charmoso, mas tentei não focar muito nisso e sim no fato de que Martin passou a apertar a minha mão com mais força. Não como se quisesse machucar, mas como se não quisesse que eu soltasse. Como se não pudesse *suportar* a ideia.

— Alana — chamou, bem devagar. Meu nome estalou em sua língua, planando no ar, ao nosso redor. — Você não merece isso. Ninguém merece, mas é que... sei lá. Olha só pra você, cara — ele ergueu o rosto para me encarar. Nos lábios, um sorriso desanimado. — Você é linda. Muito linda mesmo. Às vezes eu fecho os olhos e só consigo me perguntar como, *como* você pode dar ouvido pro que esses merdas dizem?

Martin fez uma pausa, segurando a base do nariz como se tudo isso fosse demais para ele. Eu só consegui me atentar ao fato de que ele me achava linda. *Muito linda mesmo*, ele disse. Meu coração perdeu uma batida e minhas mãos suaram frio com uma simples palavra.

Qual o meu problema, hein?

— Não ouça o que esses escrotos do caralho dizem. Você é muito mais que isso. E não devia se contentar com menos do que merece.

Deixei uma risada escapar. Uma risada fria, mordaz. Ele arqueou as sobrancelhas, surpreso pela minha reação.

— Você diz isso porque viu uma foto, rapidinho, e eu tava usando a prótese. — Expliquei, pouco mais alto que um sussurro. — Você não faz ideia de como o meu corpo ficou depois do acidente. Ninguém faz. É... frustrante, sabia? Eu sempre trabalhei com a minha imagem. Pra mim, a única coisa que importava era a beleza. No mundo que a gente vive, beleza é poder. Mas daí acontece isso... na frente da minha casa. Parece uma piada de mau gosto — estalei a língua nos dentes, fechando os olhos por um momento. Imagens do acidente vieram à tona, causando um calafrio que desceu pela espinha. — Eu me olho no espelho todo dia. Todo santo dia. Já faz o quê? Uns oito meses. Oito meses e até agora não me acostumei. Tenho medo de nunca me acostumar.

Martin esfregou a nuca, sem deixar de me olhar por um segundo. Nossas mãos continuavam atadas. Assim como ele, eu empregava toda a força, temendo que se separassem.

— Não existe só um tipo de beleza. — abri a boca para refutar, mas ele se adiantou: — Eeee, tirando isso, beleza é muito pessoal. E não depende só do fator externo.

— Besteira — respondi, na defensiva. — No mundo da moda...

— Tô falando do mundo real — ele me interrompeu, sem se deixar abalar. — No mundo real, tem um milhão de pessoas que te acham bonita assim. Eu me incluo nessas pessoas — ele sorriu, as bochechas com um leve rubor. Então desviou os olhos dos meus, mirando algum lugar do asfalto. — E tem um milhão que te acham feia. O que é um engano, diga-se de passagem. Impossível te achar feia.

Que absurdo.

Revirei os olhos, negando com a cabeça e suprimindo a vontade de sorrir.

— Essas pessoas que me acham bonita só pensam isso porque não viram a minha perna amputada. Não viram a prótese. Pensam que sou normal.

— Não faz diferença. Ou não deveria fazer, pelo menos — ele rebateu, mordendo o nó do dedo indicador. — Se uma pessoa se incomoda com a sua... é...

— *Deficiência*, Martin. Pode falar.

Ele assentiu, abaixando ainda mais o rosto.

— Foi mal. Se uma pessoa se incomoda com a sua deficiência, tipo o

Bernardo... — ele encolheu os ombros, parecendo perdido. — Quero dizer, você ia mesmo querer uma pessoa assim na sua vida?

— Olha... eu entendo o seu ponto, tá? Ele é lindo na teoria. Mas, na prática, ninguém quer uma pessoa como eu, Martin. Ninguém. Nem mesmo eu ia me querer. Você só tá falando tudo isso porque não sabe de nada...

Ao ouvir minhas palavras, ele abriu um sorriso. Não um sorriso irônico, mas sim genuíno, como eu tinha visto inúmeras vezes em suas fotos no *Facebook*. O sorriso do Martin devia ser classificado como a oitava maravilha do mundo. Era bonito demais. Largo, mudava o rosto inteiro. Iluminava. Ele poderia conseguir o que quisesse com um sorriso daquele. Eu queria ver mais vezes. Mais que isso, eu queria ser a razão daquele sorriso.

Minha nossa, Alana.

Para de fantasiar!!!

Senti o rosto esquentar com o tamanho do absurdo dos meus pensamentos.

— Posso ver? — perguntou Martin.

Pisquei os olhos, confusa.

— Ver o quê?

— A prótese. — ele apontou minhas pernas com o indicador. — Quero ver. Posso?

Abri a boca e fechei umas três vezes, sem conseguir emitir som algum. Fui bombardeada pelas lembranças da escola. Tinha acontecido ainda há pouco, mas parecia uma eternidade. Estar ali com Martin tinha mudado minha percepção do tempo.

Lembrei das expressões de todos. Riam como se fosse uma piada muito engraçada. E as coisas que Bernardo falou... sobre admirar a minha coragem em mostrar a prótese. Ele me chamou de aleijada. Como podia ser tão cruel? Eu me perguntava sem parar se tinha feito algo para merecer todos aqueles ataques. Mas não. Nada podia justificar tanto ódio, tanto deboche, tanta falta de empatia. Ainda mais por uma coisa que não pedi para ser. Eu não queria ser deficiente. Será que eles não paravam para pensar nisso? Que às vezes me dava vontade de deitar na minha cama em posição fetal e não sair nunca mais, só para não precisar lidar com o resto do mundo.

Minha prótese era a minha maior fragilidade. Meu ponto mais frágil. Eu nunca mais seria a Alana de antes, confiante, destemida. Não tinha como, quando o mundo ria da minha deficiência. E agora aquele garoto que eu não

conseguia compreender me pedia para ver?

Meu primeiro impulso foi negar. Foi gritar um não bem alto, com toda a força dos meus pulmões, só para que nunca mais ele ousasse fazer um pedido tão absurdo.

Mas... sei lá. Ainda que cada célula do meu corpo estivesse alarmada só de pensar na possibilidade de me mostrar para outra pessoa, alguma coisa em seu olhar me inspirava confiança. Quero dizer, todo mundo na escola tinha uma foto minha, naquele exato momento. Uma foto tirada sem a minha permissão, com o único objetivo de me humilhar. Não era por um bom propósito. Bernardo sabia que eu não queria que ninguém na escola visse, e por isso mesmo fotografou.

E Martin vislumbrou a foto no celular de Bernardo. Vislumbrou e, mesmo assim, *me pedia* para mostrar. Queria meu consentimento para ver essa parte tão frágil minha. Como se, nas entrelinhas, ele dissesse que só valia quando a decisão partia de mim.

Ele não insistiu. Não fez nada além de me olhar com atenção e uma curiosidade inocente. A mão ainda me agarrava com força. Era quente e áspera e tinha um aperto decidido que me fez sentir segura. Com o coração na garganta, engoli em seco, assentindo com a cabeça.

Não acredito que tô fazendo isso.

Caralho.

Seus olhos brilharam com intensidade e a sombra de um sorriso rasgou seus lábios. Olhei para os dois lados da rua, só para me certificar de que continuava deserta.

Gente, era uma bizarrice sem fim que eu fosse mesmo mostrar minha prótese! Eu fazia de tudo para esconder, fazia de tudo para que minha deficiência passasse despercebida. E então um garoto me pedia para mostrar e eu só aceitava? Qual era o meu maldito problema?

Como se estivesse ouvindo meus pensamentos, Martin deslizou o polegar pelas costas da minha mão, em uma carícia delicada, cuidadosa. Não foi preciso que ele dissesse nada.

Mostre quando quiser.

Quando estiver pronta.

Vai ficar tudo bem.

Seu olhar e seu gesto já diziam muito mais do que qualquer coisa que tentasse proferir. Foi então que ficou claro porque eu podia confiar nele e

porque eu precisava mostrar. Martin já tinha me mostrado tanto, até mesmo sem querer. Os hematomas nos braços, os socos no muro, o cigarro, a bebida... ele me mostrou todas as fragilidades, eu só podia fazer o mesmo por ele.

A contragosto, soltei sua mão, sentindo falta do calor dela no mesmo segundo. A árvore sobre nós chacoalhava os galhos, fazendo a sombra no asfalto dançar de um lado para o outro. Acompanhei o movimento, tentando ganhar tempo.

Sempre fui magra e alta. Minha genética era assim, eu não precisava fazer nenhum esforço. E, com exceção do ano anterior, em que Naomi bateu tanto na tecla de que eu precisava manter as medidas que acabei ficando com o pé atrás para comer as coisas que gostava, nunca tive problemas de confiança com o meu corpo. Até porque sempre estive no padrão. E a coisa de se estar em um lugar tão confortável, é que você não quer muito saber de quem não está. Afinal, quem quer levar tapa na cara atrás de tapa na cara quando se está em um lugar seguro, em que nada pode te atingir?

Meu corpo nunca foi um inimigo. E eu só descobri isso quando ele passou a ser. Só parei para pensar em todas as coisas que eu era quando deixei de ser. Era muito complicado lidar com o corpo novo. Ainda que tudo, exceto pela perna esquerda, continuasse no lugar, eu sentia como se tivesse sido aprisionada em um corpo que não me pertencia. E tudo nele causava incômodo. Tudo nele parecia inadequado.

A prótese, então, era o ápice do desconforto. Era como estar pelada diante do mundo, sentindo o olhar das pessoas me estudando, me julgando. Ainda assim, fiz um esforço sobre-humano para me desprender da realidade. Fingi que, na verdade, eu mostrava uma tatuagem na panturrilha para Martin. Uma tatuagem que fiz em um momento de rebeldia, em um lugar que não fosse interferir no meu trabalho. Era só isso.

Agarrei a barra da calça e, em câmera lenta, a deslizei para cima. Foi doloroso. Literalmente doloroso. Meu peito se comprimiu, impossibilitando a passagem de ar. A garganta queimou, os dedos tremeram com violência.

Nunca parei para pensar em como *precisava* da aprovação dos outros. E, agora, eu daria tudo para ser uma dessas pessoas que não davam a mínima para nada. Um pouco como Martin. Será que ele também tinha inseguranças bobas? Será que ele temia o que as pessoas pensavam dele?

Minha calça virou um amontoado de tecido, pouco acima do joelho. A

prótese ia até o começo da coxa, mas senti que já era o suficiente para me fazer entender. Espremi os olhos, tremendo inteira, com medo de me mexer. Medo de olhar para o lado e ver um sorriso debochado em seu rosto. Medo de perceber o grande equívoco que eu tinha cometido.

Droga, agora ele vai saber.

Agora ele vai perceber o quanto sou asquerosa.

Ele vai entender o meu ponto.

Vou perder ele também.

Com o coração a mil por hora, me firmei na calçada, para tentar parar de tremer.

Ele te achava bonita. Por que você foi estragar tudo?

A vida não é como nos filmes, sua burra.

Para de tremer, pelo amor de Deus!!!

Pulei de susto no lugar quando sua mão cobriu a minha.

— Já tive um vizinho que usava prótese — sua voz rouca e desconcertante quebrou o silêncio, arrancando uma tonelada dos meus ombros no mesmo instante. — Às vezes ele vestia bermuda e eu ficava olhando as pernas dele sem entender por que uma era mais clara que a outra... eu era bem novo.

Martin deixou uma risadinha encabulada escapar. E, quando dei por mim, tinha aberto os olhos e virado o tronco em sua direção, ansiosa para ver o seu sorriso. E estava lá. Não um sorriso zombeteiro, nem nada assim. Era um sorriso que misturava surpresa e admiração. Senti as bochechas queimarem.

— Fiquei com isso na cabeça, achei que as próteses sempre fossem assim, na cor da pele da pessoa. Mas a sua... — ele a indicou com o queixo. — É bem interessante.

— Interessante?! Como assim?

Martin deu de ombros, ainda sorrindo.

— Eu não teria imaginado uma que combinasse mais com você.

Olhei para a minha própria perna. O material rosa cintilante dava para ser visto a quilômetros de distância. Mordi o lábio, sem conseguir segurar a vontade de sorrir. Ele não fazia ideia que meu quarto era inteiro rosa, minhas malas de viagens eram rosa e... *tudo*, para ser honesta. Era a minha cor favorita desde sempre.

Mas, mesmo sem saber, ele achava que combinava comigo.

Ah, céus. Preciso parar de tremer.

— Tem vários modelos, na verdade — me ouvi dizendo. — Você nunca viu a prótese de atletas?

Ele negou com a cabeça, os olhos grandes como de uma criança. Achei graça. Martin não passava de um menino que se escondia nas roupas pretas e na carranca brava.

Saquei o celular da mochila, pesquisando na internet até encontrar a prótese de corrida que, no lugar do pé, tinha uma estrutura para dar impulso feita de carbono, cujo formato lembrava a letra J. Martin tomou o telefone da minha mão e o levou bem próximo do rosto. Notei seus olhos castanhos passeando pela imagem, absorvendo os detalhes.

— Você não quis uma dessa? — perguntou, me devolvendo o celular.

— Não sou muito chegada aos esportes — encolhi os ombros.

Nos olhamos por alguns segundos antes de cairmos na risada. Foi estranho e maravilhoso ao mesmo tempo. Em uma fração de segundo, não existia mais aquele gelo estranho e difícil de ignorar. Encorajada pela risada, me ajeitei um pouco mais, ficando de frente para ele. Martin aproveitou para fazer o mesmo.

— E você escolheu essa por quê? Ela tem algum poder especial?

— Isso aqui não é a armadura do homem de ferro, Martin — respondi, aproveitando a deixa para arrumar a calça no lugar outra vez. Apesar de não dizer nada, senti o peso do seu olhar acompanhando meus movimentos. Preferi ignorar. — Mas, respondendo sua pergunta: essa é um pouco melhor porque facilita na caminhada. Ela é eletrônica.

— Ah, é? — sua testa se encheu de rugas.

— Aham.

— Precisa de carregador e tudo?

— Isso — assenti. — E também não posso molhar. É igual um celular. Só que é uma perna. Ah, você entendeu.

Falar tanto sobre a prótese me deixava um pouco desconfortável. Sem saber o que fazer com as mãos, uni os cabelos para cima e enrolei em um coque. Martin entreabriu os lábios, imóvel enquanto eu terminava o penteado.

Gostei disso.

Gostei *muito*.

— Então você escolheu uma perna biônica toda estilosa pra deixar sempre escondida?

— Não tô preparada pra lidar com isso agora — abracei meu próprio corpo. — E nem sei se um dia vou ficar. Mas escolhi a cor rosa porque ela vai estar sempre comigo. Até quando eu tiro pra dormir ela fica ali do lado da cama... achei que não tinha problema ser da minha cor favorita.

— Olha só, quem ia adivinhar que você gosta de rosa, hein?

Olhei para a minha mochila rosa jogada no chão e ri com gosto.

— Não que você possa falar alguma coisa, né?

Martin tateou os bolsos até encontrar o maço de cigarros e, em movimentos automáticos, acendeu um, tragando com calma. Suas pálpebras desceram por um breve momento, enquanto a fumaça densa escapava pelas narinas.

— Você... — e, sem terminar de fazer a pergunta, ele indicou o próprio cigarro com o dedo indicador, oferecendo uma tragada.

— Ahn... não. E nem sei se tenho vontade. Meu tio avô teve enfisema pulmonar, foi supersério. E depois precisou até tirar um olho. Agora usa um olho de vidro — falei, rápido demais. — Nem você deveria, na real.

— Eu sei.

— Sabia que cada cigarro que você fuma é... sei lá... menos quatro minutos de vida?

— Eu não almejo viver muito, mesmo... — Martin se encolheu, abrindo um sorriso maroto.

Revirei os olhos, batendo com o joelho no dele de leve. Me arrependi no mesmo segundo. Cada músculo do meu corpo contraiu e relaxou, como se tivesse acabado de levar um choque.

— E além de tudo isso, cigarro é fedido — recomecei, fingindo que nada tinha acontecido. — Deixa as pessoas cheirando a cinzeiro.

— Wow. Que delicada — ele abriu um sorriso largo, outro de tirar o fôlego.

Era estranhíssimo presenciar Martin tão relaxado, distribuindo sorrisos de todos os tipos. Apesar que para ele também devia ser esquisito me ver toda acessível. Estávamos no mesmo barco.

— Só tô tentando te fazer enxergar a realidade — brinquei. — Hoje em dia tem tanta informação e as pessoas ainda insistem nesse erro? Qual é, cigarro é muito anos noventa.

Ele fisgou o lábio inferior, negando com a cabeça com uma expressão divertida tomando as feições.

— Deixa eu te contar uma coisa sobre como o mundo funciona: as pessoas insistem no erro porque é *bom*. — Seu tom era petulante. Me peguei sorrindo à toa. — Dá algo em troca. Ninguém ia se dar ao trabalho se não fosse.

— Hum... o que o cigarro te dá em troca?

Martin soprou a fumaça para fora dos pulmões, numa tranquilidade de dar inveja. Então jogou a bituca na calçada, pisando com a ponta do tênis preto e surrado. Ele cruzou as mãos em frente aos lábios, como se estivesse rezando e ficou me encarando.

Senti o peso do seu olhar percorrendo cada traço do meu rosto. Tentei não corar, mas meu corpo parecia estar fora do controle naquela manhã. O coração batucava contra o peito e o estômago girava feito o tambor de uma máquina de lavar roupas. Nunca fiquei tão à mercê das minhas próprias emoções. Era assustador e delicioso. Mas mais assustador.

— Me ajuda a esquecer um pouco... parar de pensar. — ele passou a língua nos lábios, ponderando se devia falar mais ou não. — Sei lá. Às vezes as coisas ficam caóticas demais e eu não consigo ficar sozinho na minha própria cabeça. Daí tenho essas válvulas de escape.

— Tipo a bebida? — perguntei, sem pensar direito.

Martin ficou surpreso.

— Bebida?

— Aquele dia na escola... que você me achou no estacionamento — expliquei, e senti uma fisgada na boca do estômago quando seu rosto ficou vermelho.

— Ah. Sei — ele esfregou a nuca, desviando o olhar do meu por alguns segundos. — Aham. Bebida é melhor ainda. Deixa tudo quieto e eu me livro desse peso de merda que carrego o tempo todo... — ele bagunçou o cabelo um pouco mais. — Mas o problema da bebida também é esse: fico muito vulnerável.

Assenti, sem saber muito bem o que falar. Por mais que eu sentisse que fôssemos iguais em alguns aspectos, as vezes eu percebia que existia um abismo imenso entre nós.

Esperei que ele rompesse o silêncio pesado e incômodo, mas, em vez disso, Martin buscou uma pedrinha no asfalto e a atirou do outro lado da rua, se fechando.

Incomodada com a distância que nos separava se evidenciando cada

vez mais, me ouvi perguntando a primeira coisa que passou pela cabeça:

— Isso tudo tem a ver com os... ahn... hematomas?

No exato momento em que minhas palavras foram atiradas no ar, me arrependi. Assim como no estacionamento da escola, consegui perceber a tensão enorme que assolou Martin só de tocar nesse assunto.

Ele se empertigou, fechando as mãos em punho e cerrando o maxilar. O rosto desviou para o lado oposto, como se ele não suportasse nem mesmo me encarar. O clima agradável entre nós se dissipou com a mesma facilidade que a chama de um fósforo se apaga.

Massageei as têmporas, me odiando por ter insistido no assunto que tinha causado a mesma reação da outra vez. Enquanto me remoía por pensamentos, sua voz me surpreendeu. Soou alta e rígida, o mesmo tom que ele tinha usado com Bernardo.

— Você devia voltar pro colégio — bradou, raspando uma pedra na calçada com toda a fúria. — Não tem que ir pra aula, não?

— Tenho. Você também — retruquei, na defensiva.

— Ainda dá tempo de pegar a segunda aula — continuou, ignorando minhas palavras. — Pode até usar o que aconteceu antes como desculpa pro atraso.

Respirei fundo, cruzando os braços sobre o peito.

— Acho que sou bem grandinha pra decidir o que quero fazer.

Minhas palavras dançaram ao nosso redor, como a sombra bruxuleante das árvores. Contrariado, ele estalou a língua na boca, arranhando o chão com mais força ainda.

— Hum. Tá bom. Tanto faz.

E, sem falar mais nada, Martin atirou o corpo para trás, caindo deitado no meio da calçada, como se fosse a coisa mais natural do mundo. Sem dizer nada, ele apenas acendeu outro cigarro, fechando os olhos enquanto fumava.

Perdi uns bons minutos o observando. Ele era tão... estranho. Tão diferente de mim. E, ao mesmo tempo, alguma coisa nele não me deixava levantar e ir embora. Eu queria me aproximar. Queria, mas não sabia muito bem como faria isso.

Seus dedos tremiam. E ele tinha acabado de me falar que fumava quando precisava ficar calmo. O que significava que eu o tinha tirado do eixo. Merda.

Fechei os olhos e, com um pouco de dificuldade, me deitei ao seu

lado. Não em um movimento fluido como o de Martin, mas aos trancos. Ele abriu os olhos, mas não virou o rosto. Ficou mirando as nuvens, como se fossem a coisa mais interessante do mundo.

— Foi mal. Não devia ter tocado nesse assunto. Já vi que você não quer falar sobre isso — resmunguei, envergonhada.

Era uma manhã de segunda-feira em que eu deveria estar no colégio, mas, em vez disso, estava deitada na calçada de uma rua deserta com um garoto problema. Minha mãe teria um infarto se soubesse.

Martin virou o rosto em minha direção. Assim, de uma vez só. A ponta do seu nariz ficou a milímetros de distância do meu. Prendi a respiração.

— Um dia, quem sabe. Mas ainda não. Não queria nem que você soubesse, na verdade.

— Não tem problema — suspirei. — Eu entendo o que é querer se esconder.

— É...

Ouvi o som do motor de um carro sendo ligado a poucos metros da gente e, num ímpeto, me ergui nos cotovelos para olhar a paisagem ao redor. Os pesadelos do acidente tinham diminuído a frequência, apesar de vez ou outra eu ainda acordar assustada e chorando. Mas eu nunca mais me recuperei das sensações daquela manhã fatídica. Passei a ter um medo paralisante de carros. Cada vez que ouvia o barulho perto de mim, sentia como se, a qualquer instante, fosse ter meu corpo atirado contra o chão e todo o terror fosse se repetir.

Duas casas para frente de onde estávamos, a garagem foi aberta por uma mulher vestindo terninho e sapatos de salto altíssimos. Minutos depois, ela tirou o carro da garagem e saiu para fechar o portão. Foi só depois do carro se afastar que consegui relaxar.

Torci para que Martin não tivesse percebido, mas bastou olhar em seu rosto para saber que não era o caso. A expressão rígida suavizou quando voltei a me deitar, ficando com o rosto próximo ao dele.

— É meio hipócrita eu querer saber um pouco mais sobre o acidente? — ele crispou os lábios, assumindo uma expressão culpada que o fez perder vários anos.

Sorri para ele, arqueando as sobrancelhas.

— Não — neguei, com a minha expressão mais cínica. — É *muito*

hipócrita.

Ele riu baixinho e voltou a olhar para as nuvens. Aproveitei para fazer o mesmo. Era um pouco surreal estar deitada ao lado dele, os ombros roçando um no outro com suavidade, sentindo o seu perfume delicioso. Semana passada nós ainda éramos estranhos um ao outro, e então uma manhã tinha mudado tudo...

Assim como uma manhã também mudou sua vida.

Engoli em seco, sentindo a garganta arranhar. Martin pigarreou:

— Aquele dia no colégio eu menti pra você.

Olhei para ele, interessada.

— Sobre o quê?

— Te falei que eu fazia isso porque gostava — ele esticou a mão no ar, abrindo e fechando os dedos. — Mas não é bem assim. Não é que eu sinto prazer em me machucar. Quer dizer, mais ou menos. É complicado.

— Tá me contando isso pra poder me perguntar sobre o acidente? — perguntei, em tom de brincadeira. Martin me surpreendeu quando suas bochechas ganharam um rubor leve. — Sério?!

— Uma informação pela outra, ué. É justo.

Neguei com a cabeça, rindo. Com a mão esquerda, arranquei um punhado de grama que nascia entre as rachaduras da calçada.

— Não precisa me falar nada. Eu conto mesmo você sendo o maior hipócrita.

— Não — Martin esticou os dedos para tocar em meu pulso. — Eu quero. De verdade.

Dei de ombros.

— Você quem sabe.

Ele voltou a olhar para mim. Aproveitei a proximidade para estudar o seu rosto. As pintas delicadas salpicando a pele. Os olhos ligeiros, rodeados por olheiras profundas e muito roxas. O maxilar quadrado e bem desenhado, assim como o queixo anguloso. Os lábios que pareciam tão macios... e depois vinha o pomo de adão, saltado do pescoço. Nossa. Ele era muito bonito. Será que ele tinha ideia disso? Será que Martin entendia o poder que ele podia exercer sobre uma garota, se quisesse?

— Quero mesmo — sussurrou de repente. A voz saiu mais rouca. — Olha, eu odeio que toquem em mim. Fico puto. Mas acho que hoje tudo o que eu mais precisava era de alguém segurando a minha mão. E, só pra variar,

não me senti tão sozinho — ele abriu um sorriso tristonho. — E não odiei quando você pegou na minha, só pra constar.

— Que bom. Eu também não odiei — admiti, morrendo de vergonha. — Então vai, me conta. Por que você tem tantas cicatrizes, Martin?

— Ah... — ele soltou o ar dos pulmões, numa espécie de risadinha. — Isso já é assunto pra outro dia.

Virei de frente para ele, com toda a dificuldade.

— Tá. Me expressei mal.

— Eu sei, tô só te enchendo o saco — respondeu, tomando impulso para ficar de frente também. No final da rua, um cachorro começou a latir, o que me fez dar um pulo no lugar. — Quando as coisas ficam difíceis demais... e nem o cigarro, nem o álcool conseguem me ajudar... hum... — ele se remexeu, parecendo tão desconfortável quando eu estive ao falar da prótese. — Só isso consegue me distrair da dor daqui de dentro. É meio louco, né? A maioria das pessoas não entende. Mas é que às vezes parece que tem um buraco tão grande em mim que vai acabar me consumindo se eu não fizer alguma coisa. E a dor física distrai dessa outra dor.

Apertei os lábios, absorvendo as palavras.

Era tão triste.

Tão, tão triste.

Ele precisava se machucar para sentir alívio. Ele aliviava a dor com outra. Era como escolher o que fosse menos pior.

— Eu meio que entendo. E acho que faço a mesma coisa? — Minhas palavras soaram como uma pergunta e, por isso, me adiantei em explicar. — Não assim. Mas eu também tento me punir, sabe? Quando eu mais preciso de carinho, quando eu mais preciso de suporte... é bizarro, mas nessas horas eu afasto todo mundo. Magoo meus pais, grito coma minha irmã. Eu acho que é porque quero que eles sofram também, mas a verdade é que isso me machuca mais ainda.

— Eu também — ele mordeu o lábio inferior por alguns segundos, como se quisesse se castigar. — Eu também — repetiu.

Soltei o ar dos pulmões, me distraíndo com um casal de passarinhos na árvore sobre nós. Os dois pulavam de galho em galho, um seguindo o outro, batendo as asas e piando, parecendo brincar de pega-pega.

Pássaros eram meu amuleto da sorte. Significavam tanto para mim que, ver aqueles dois ali, naquela manhã, fez tudo parecer ainda mais surreal.

Parecia certo estar ali com Martin. Eu sempre achei que me aproximar dele fosse atrair problemas, mas, na verdade, era o oposto. Ele sempre aliviava a tensão. E eu esperava fazer o mesmo por ele.

— A vida é meio complicada, né? — acabei dizendo.

— Complicada não é a palavra, Alana. Não pra mim.

— Hum... então qual é?

— Ahn... deixa eu ver. Infernal? Medonha? Desgraçada? — Martin assoviou com certa ironia. — Sei lá, tem várias.

Soltei uma risada exasperada, achando que ele fosse rir junto. Mas então percebi que Martin falava seríssimo. Um nó imenso se formou na garganta.

— Qual é... não pode ser tão ruim assim. Alguma coisa deve valer a pena. — perguntei, deixando transparecer um pouco do desespero em minha pergunta. — Né?

Ele olhou bem fundo em meus olhos. Bem fundo mesmo. Como se abrigassem um oceano e ele tivesse mergulhado de cabeça. Martin mergulhou em mim. Me despiu, enxergando o que tinha por dentro. E mostrando um pouco também. Percebi que ele estava muito mais destroçado do que aparentava. Muito mais perdido. Percebi o tamanho da devastação de sua alma.

— A-acho que sim.

Ficamos nos olhando pelo que pareceu uma eternidade. Era estranho que eu me sentisse tão à vontade perto dele, mas eu me sentia. Mesmo sem saber quase nada sobre Martin, meu coração amolecia cada vez mais perto dele. E eu não sabia apontar se isso era bom ou ruim.



*Você pode se sentir solitário quando estiver adormecendo
E cada vez que lágrimas flutuarem escorrendo em suas
bochechas
Mas eu sei que o seu coração pertence a alguém que você
ainda está para conhecer
Um dia você será amado
Death Cab for Cutie – Someday you will be loved*

As horas escaparam
pelos dedos feito
areia sem que eu
percebesse.

Permanecemos deitados na calçada, lado a lado, olhando para o céu e os galhos das árvores dançando ao sabor da brisa. Vez ou outra, trocávamos olhares cheios de significado e um silêncio confortável nos envolvia.

Martin tinha escolhido o melhor lugar para isso. A rua era tão pacata que quase não tivemos interrupções. E as poucas pessoas que passaram ali não se incomodaram com a nossa presença. A única que ficou transtornada foi uma senhora que morava algumas casas para baixo de onde estávamos: nos encarou um tempão antes de dar nos ombros e voltar para dentro. Olhamos um para o outro antes de cairmos na risada. E aquela era a parte mais maravilhosa e esquisita de todas: fazia muito tempo que eu não dava tanta risada e tão fácil assim.

As horas que Martin e eu passamos conversando foi como um sonho bom, do qual não se quer acordar, só para poder aproveitar o máximo possível. Conversamos sobre tudo — desde as coisas mais importantes, até as mais triviais. Rimos com a mesma facilidade com que se respira, qualquer coisa era motivo para trocarmos sorrisos cheios de cumplicidade e então nossas risadas explodiam, ocupando toda a distância entre nós, até que não existisse mais.

Era como se aquela manhã abrigasse uma vida inteira. Começou com Martin sendo o garoto misterioso que eu queria muito decifrar e terminou com uma intimidade bizarra, parecíamos velhos amigos que se encontram e colocam o papo em dia como se não tivessem ficado nem mesmo um segundo longe um do outro.

Tentei ignorar o friozinho na barriga cada vez que ele abria aquele sorriso largo, bonito, de tirar o fôlego, mas era impossível. O sorriso de Martin era surpreendente. Você olhava para ele sério e não conseguia imaginar que ele escondia algo tão poderoso. Quando Martin sorria, parecia errado não acompanhar. Era contagiante. E... caramba, quando foi que eu tinha ficado obcecada pelo sorriso de um garoto? Sinceramente...

Foi só quando meu celular começou a tocar que me dei conta de que o horário da aula já tinha passado e eu deveria estar em casa há meia hora. Com os dedos ligeiros, digitei uma mensagem para tranquilizar minha mãe, antes que ela pegasse as chaves do carro e fosse atrás de mim.

Alana:
mãe, desculpaaa

*eu tenho um relatório pra amanhã
precisei ficar na escola pra fazer com a minha dupla*

esqueci de avisar

Senti uma pontada de culpa. Eu odiava mentir para a minha família, mas, por algum motivo, também não queria compartilhar que estava com um menino. Não agora. Se fosse antes, teria sido tranquilo. Mas agora, conhecendo-os como eu conhecia, sabia que fariam um interrogatório. Papai me dizia para tomar cuidado e não me machucar, ainda mais estando tão

frágil emocionalmente. Talvez até mesmo inventasse uma de me proibir de namorar. Se era possível, eles tinham ficado ainda mais cuidadosos depois do acidente, coisa que eu não os culpava. Devia mesmo ser assustador para eles.

Martin ficou me observando enquanto eu digitava, com uma expressão divertida e, sem dizer uma palavra, tomou impulso para sentar.

— Hora de ir? — perguntou, em um tom leve. Desviei a atenção do celular para ele.

Eu queria ficar mais.

Queria ficar a tarde inteira.

Queria que continuássemos ali deitados durante a noite, contando as estrelas juntos, olhando a lua e trocando confidências.

Porém, tudo o que fiz foi assentir, a contragosto. Ele meneou a cabeça, levantando de uma vez e batendo a poeira da calça. Então me ofereceu as mãos, que aceitei.

Foi mais difícil do que parecia na teoria. Eu ainda não tinha muito jeito com a prótese e, quando enfim consegui levantar, quase caí em cima dele. Talvez fosse loucura minha, mas tive a impressão de que suas mãos travaram nas minhas, como se ele não quisesse me deixar sair dali. E, bem, eu *não queria* sair.

No entanto, quando meu celular vibrou com as mensagens que chegaram, acordei do transe, piscando os olhos sem parar. Martin abaixou a cabeça, esfregando a ponta do tênis no asfalto, como se nada demais tivesse acabado de acontecer. E talvez não tivesse mesmo. Eu estava fora de mim. Aquela manhã era um ponto fora da curva.

Martha:

affff alana, como vc esquece de avisar???

*parece até que não me conhece
quase morri de preocupação*

que horas vc vem???

aliás, como vc vai almoçar? tem dinheiro aí?

Alana:

já to indo pra casa

daqui a pouco tô ai

bjooo

tenta não morrer do coração

Martha:

não garanto nada rsrs

Quando voltei a olhar para cima, me deparei com Martin fumando. O rosto um pouco erguido para cima e, com a mão direita, ele afastava a franja da testa.

— Quer companhia? — perguntou, sem me encarar nos olhos.

Senti um arrepio descer pelas costas com a simples sugestão. Tantas vezes Pietro já tinha me levado até a porta do meu prédio, onde ficávamos abraçados por horas — eu tentava ir embora e ele não deixava, me puxava de novo. E nunca, nunca mesmo, senti nada parecido. Era uma mistura de excitação com euforia que eu nem sabia explicar. Martin despertava sentimentos em mim até então desconhecidos.

— Quero — me ouvi dizendo, alto e rápido demais. Mas, se ele percebeu, não deixou transparecer. — Quer dizer... se não for atrapalhar.

Ele deu de ombros, batendo as cinzas do cigarro no ar.

— Não vai. Não tem ninguém em casa a esse horário e... hum... eu gosto de caminhar.

Olhei de cima a baixo para ele. O corpo alto, esguio. As mangas compridas, o jeans rasgado nos joelhos, o tênis casual.

— Ahn... não faz muito o estilo — pontuei.

Ele riu baixinho, negando com a cabeça.

— É porque é mentira.

Senti o rosto queimar. *Claro, como não percebi antes?* E, num impulso, dei uma cotovelada de levinho em suas costelas. Não sei qual de nós ficou mais mecânico e esquisito depois disso, mas sei que passei bons minutos querendo morrer. Tudo bem que já estávamos bem mais íntimos, mas ainda éramos desconhecidos um para o outro. Eu sabia muito pouco

sobre ele e ele sobre mim. Por que eu era tão sem noção?

Seguimos em um ritmo mais lento que o necessário. Da parte dele, acho que era preocupação que eu não conseguisse acompanhar. Da minha, era vontade de prolongar o percurso.

— Você disse que ia me contar sobre o acidente... não que eu esteja cobrando nem nada — ele resmungou, me olhando pelo canto dos olhos.

— Na verdade, tá sim.

Ele abaixou a cabeça, soltando um riso de uma nota só que era um misto de nervosismo e vergonha.

— Sou só curioso. Tipo, pra cacete. E quando se trata de você, essa curiosidade meio que dobra.

Umedeci os lábios, fingindo que a cadência frenética do meu coração não significava nada.

— Ah, é? — indaguei, fingindo costume. — Isso é bom ou ruim?

— Acho que bom? — respondeu, com as bochechas vermelhas.

Soltei o ar dos pulmões, com um sorriso bobo que insistia em permanecer nos lábios. Ficamos em silêncio por um momento, perdidos em nossos pensamentos, quando percebi que ele me lançava olhadelas esporádicas, sem conseguir disfarçar a expectativa.

— Bom... deixa eu ver... — respirei fundo, sem saber muito bem como começar. — Não sei se você sabe, mas eu era modelo. Sabe essas pessoas que sabem desde criancinhas que querem ser médicas, brincam com as roupas brancas dos pais, atendem os brinquedos e tudo mais? — ele assentiu, com uma expressão divertida. — Então, eu sempre soube que queria ser modelo. E minha expectativa era meio alta. Queria... é... ser a nova Gisele Bündchen — pigarreei alto, lutando para não me abalar com a risadinha perplexa que ele soltou.

— Não me leva a mal, tá? É só que... wow!

— Eu sei. Mas é que... sem me achar nem nada, todo mundo pensava que eu tinha chance. — expliquei, sem conseguir encará-lo. — Comecei aos cinco anos de idade e nunca mais parei. Até que recebi a proposta da minha vida. Assim que eu concluísse o ensino médio, ia passar uma temporada no Japão. Minha agência tem uma filial lá e já consolidou a carreira de várias modelos... enfim. Eles só mandam um modelo por ano. Eu era a grande aposta do ano passado.

Minha voz morreu no ar, deixando uma atmosfera pesadíssima entre

nós dois. Pela visão periférica, vi os lábios entreabertos de Martin, em choque, mas não tive coragem de olhar em seus olhos. Não queria que ele visse o quanto isso ainda me machucava. Eu conseguia fingir bem para os meus pais, e até para a minha psicóloga, que aos poucos, superava tudo isso. Mas não podia ser mais distante da realidade — eu ainda não passava um único dia sem *stalkear* as redes sociais da Sara, com um misto de inveja, melancolia e raiva. E depois vinha a culpa, porque, caramba, ela não tinha pedido para isso acontecer, não era justo odiá-la, eu sabia. Mas meu coração não concordava.

— Nossa... — murmurou Martin, de repente. — E-eu... nem sei muito o que dizer.

— Tudo bem. Nada vai me fazer sentir melhor, mesmo — dei um sorrisinho fraco. — É melhor ficar quieto do que me bombardear com mentiras. O que mais ouvi desde o acidente é que tudo ia ficar bem. Que eu ia superar. Como se desse pra superar uma coisa dessas. A gente só se conforta e segue do jeito que dá — atirei as palavras, todas de uma vez. — Nunca mais a minha perna vai voltar. Minhas chances foram minadas. Então, não. Não vai ficar tudo bem. Mas fazer o quê, né?

Foi só quando Martin soltou um barulho gutural esquisito, parecido com uma tosse contida, que me dei conta de que talvez tivesse falado demais. O busquei com o olhar e o encontrei com um sorrisinho triste no rosto. Mordendo o lábio inferior com certa força, ele massageou as têmporas, como se tentando voltar para o presente.

— Deve ser foda chegar tão perto da coisa que você mais quis na vida e de repente... ver tudo acabar. Nem imagino como foi passar por isso — falou, mas sua voz soou distante, sem vida. — Eu sei como é seguir em frente fingindo que tá tudo bem. Mas, Alana... não vale a pena. O preço é muito alto. Em vez disso... você pode lutar pra ficar bem de verdade. — Ele expirou o ar dos pulmões parecendo exausto demais da vida, daquela cidade, das pessoas. — Nem consigo imaginar o que essa perda significou pra você, mas... parafraseando a pergunta que você me fez agora há pouco: será que não tem mais nada que importe na sua vida?

Prendi a respiração, levando um tabefe na cara.

Meu primeiro impulso foi responder de maneira rude, como eu teria feito com a minha família. *O que você sabe sobre dor?*, eu perguntaria, assumindo que mais ninguém tinha um sofrimento tão grande quanto o meu.

O que era ridículo, infantil e, ainda assim, o que tinha virado um hábito para mim.

Mas como falar isso para Martin? Ele era um ferrado, por mais que doesse afirmar. Eu sabia que alguma coisa muito ruim acontecia na vida dele, sabia que ele não podia contar com ninguém. Dava para ver o quanto ele estava perdido, a mercê do mundo, sem saber para qual direção correr.

E, no fim das contas, seria hipocrisia minha. Eu mesma enchi a boca pra dizer que a vida dele não devia ser de todo ruim.

— Não tô falando por mal — ele interrompeu meus pensamentos, como se os tivesse ouvido. — É que eu aprendi a mostrar pro mundo uma imagem que não condiz com a realidade. Aqui dentro tá tudo um caos. E comecei a me perguntar de que adianta fingir, sabe? Será que tô enganando as pessoas ou a mim mesmo?

Parei no lugar, incapaz de não olhar para ele no mesmo instante. Esse lado frágil de Martin ia contra a imagem que eu tinha construído em minha cabeça desde que o conheci. Talvez ele estivesse desempenhando muito bem esse papel, a ponto de que ninguém percebesse que ele precisava de ajuda. Martin fazia parecer que dava conta de qualquer coisa sozinho, que era durão, que não se importava com muitas coisas.

Mas ele era só uma pessoa. Um garoto da minha idade, começando a viver agora. E, quanto mais eu o conhecia, mais eu gostava dessa nova versão dele.

Seguimos em silêncio pela avenida Solidão, até eu parar em frente ao meu prédio. Com as mãos enfiadas nos bolsos da calça, Martin balançou nos próprios pés, olhando para cima com uma expressão maravilhada que não consegui interpretar muito bem.

— Sério que você mora aqui? — perguntou, sorrindo.

— Moro. Por quê? — Olhei por cima do ombro, buscando a graça.

— Eu moro aqui perto — explicou.

Sorri junto dele, dando de ombros.

— Nossa cidade tem setenta mil habitantes, Martin. Meio que todo mundo mora perto.

Ele deu uma gargalhada que me acertou em cheio. Senti as pernas bambearem e precisei me apoiar na parede para não desmoronar.

— Eu sei, né? — ele soltou uma risadinha. — Mas não é isso. Tô dizendo perto, perto. Tipo, colado mesmo. Dois quarteirões pra baixo. Às

vezes eu passo aqui em frente quando vou na biblioteca municipal.

— Biblioteca municipal? — arqueei as sobrancelhas. — Fazer o quê?

Martin bagunçou os cabelos, uma expressão petulante se formando em suas feições.

— Vamos ver... não consigo nem imaginar o que eu poderia fazer em uma biblioteca — ele encaixou a mão no queixo, forjando uma expressão pensativa. — Agora você me pegou, hein.

Quando dei por mim, gargalhava com ele. Sem pensar muito bem, bati com o meu joelho de leve no dele. Isso tinha tudo a ver com a Alana de antes — ela vivia encostando nas pessoas. Agora, porém, esses gestos apareciam quando eu menos esperava. Martin recusou um passo, tentando impedir que eu voltasse a relar nele. Fiz o possível para não levar ao lado pessoal.

— Foi mal. Deixa eu reformular a pergunta. É que... você gosta de ler? — ele assentiu, ainda sorrindo. — Sério?

— Aham. Você não, pelo jeito.

— Nunca tive interesse. Se tem filmes e séries... sei lá — senti as bochechas corarem, sem saber muito bem o porquê. — Não consigo me concentrar muito bem.

Martin deu um sorriso triste, desviando os olhos dos meus.

— É que meio que não tenho como assistir nada em casa — admitiu, por fim. E pareceu tão surpreso quanto eu ao ouvir as próprias palavras. — Então só me restam os livros.

Abri a boca para responder, mas me percebi sem palavras.

— Tudo bem. Eu não ligo — ele disse, afastando-se outro passo de mim. — Bom, tá entregue. Até amanhã, Alana — Ele ergueu a mão no ar, subindo o capuz da blusa logo em seguida. E, antes mesmo que eu pudesse responder, girou nos calcanhares, voltando pelo caminho que tínhamos acabado de fazer.

— Até — respondi, para ninguém, sem entender o aperto enorme em meu coração.



Foi difícil dormir aquela noite.

Toda vez que eu fechava os olhos, depois de horas olhando para o teto revivendo as horas passadas na companhia de Martin, era o rosto dele que aparecia no escuro de minha mente. O pomo de adão saltado do pescoço que subia e descia com suavidade conforme ele falava. O sorriso largo, que crescia no rosto, ocupando-o inteiro e até mesmo ultrapassando suas feições até me alcançar. Os olhos ligeiros, que entregavam muito mais do que ele parecia querer me mostrar e tinham um brilho paralisante.

De repente, a cama parecia ser feita de espinhos. Pinicava, fazia a pele queimar e arder e, então, me vi rolando de um lado para o outro madrugada adentro, sem entender como um garoto que eu não conhecia até poucos meses podia, em um único dia ter bagunçado tanto os meus sentimentos.

Quando o despertador tocou na manhã seguinte, a única coisa que consegui fazer foi lamentar a noite mal dormida. Meus olhos pareciam cheios de areia e cada músculo do meu corpo doía. Mas, ainda assim, me forcei a levantar e repetir todo o meu processo de colocar a prótese, para logo em seguida vestir uma calça de moletom qualquer. Desde o começo das aulas, aquele era o primeiro dia em que eu ansiava por estar no colégio. E nem era pelo colégio em si, por mais que meu rosto queimasse de vergonha ao admitir.

Eu mal podia esperar para ver Martin chegando na sala, a cabeça baixa escondida pelo capuz, e se atirando atrás da minha carteira. Mal podia esperar pelos chutes irritantes na perna da minha cadeira e, se ele estivesse de bom humor, os puxões para trás, que fazia com a maior facilidade, como se eu pesasse vinte quilos. Mas o motivo principal era o intervalo. Estava ansiosa para saber se continuaríamos com a conversa do dia anterior. Queria saber se o gelo entre nós tinha derretido para sempre ou foi apenas uma coisa pontual, motivada por toda a confusão do dia anterior.

O mais bizarro era que, por mais motivos que eu tivesse para me preocupar com os babacas do colégio, essa era a minha menor preocupação. Meu estômago revirava com violência ao imaginar mil maneiras que meu encontro com Martin podia se desencadear (desde ele me esnobando até nós dois matando aulas juntos para a rua sem saída, por mais que eu me sentisse culpadíssima em ansiar faltar no colégio pelo segundo dia seguido). Era tão... bizarro. Nem mesmo quando comecei a ficar com Pietro eu me senti tão ansiosa assim para o nosso primeiro encontro na escola. E ele tinha sido o

meu *crush* mais antigo. Eu não queria nem pensar que posição o Martin estava tentando ocupar em meu coração. E queria pensar menos ainda no fato de eu me entregar daquele jeito. Minha nossa. Estava tudo de cabeça para baixo.

Saí do quarto arrumando o coque de sempre no topo da cabeça e topei com mamãe ainda no corredor.

— Bom dia, meu beija-flor — ela deixou um beijo molhado na minha testa. — Dormiu mal? — Perguntou, segurando o meu queixo e me forçando a erguer o rosto. — Tá com umas olheiras horríveis.

— Valeu, mãe — brinquei. — Demorei um tempão pra pegar no sono, não sei por quê.

— Deve ser ansiedade para o trabalho de hoje.

— Que trabalho? — indaguei, distraída.

— Ué. O que você ficou fazendo ontem — seus olhos se estreitaram. Sua antena de desconfiança tinha sido ativada.

— Ah, é — dei uma risada e balancei a mão no ar, como se não fosse nada demais. — Você sabe que eu sou lerda quando acordo. O cérebro ainda não tá funcionando direito. Enfim. Vou comer alguma coisa.

— Tá — ela deu um passo em direção ao seu quarto, mas então parou no lugar. — A virose da sua irmã piorou. Ela acordou vomitando. Quer que eu te leve de carro pra não precisar ir sozinha?

Crispei os lábios, sentindo o coração apertar.

A coragem de enfrentar o colégio diminuiu no mesmo instante. Achei que Nicole estaria comigo. Aliás, eu pretendia contar tudo para ela no caminho. Nicole não comprou a história do trabalho e me exigiu uma história detalhada, mas eu não queria que meus pais soubessem dos ataques que eu vinha sofrendo no colégio. Em parte, porque eles já tinham preocupações demais, mas, sobretudo, porque eu os conhecia muito bem. Eles iam pirar e com certeza arrumariam uma lista de possíveis colégios para me matricular no mesmo dia. E eu... meio que não queria mais trocar de escola. Não que isso tivesse a ver com Martin nem nada do tipo. Eu só não achava necessário. Se aquelas pessoas que achei que fossem meus amigos já eram tão cruéis comigo, imagina quem não me conhecia de antes?

Neguei com a cabeça, tentando não transparecer a minha preocupação.

— Fica tranquila, mãe. A Nicole tá precisando mais de você. Vou

aproveitar pra colocar as músicas em dia no caminho da escola.

— Tem certeza?

— Tenho. Fica fria. Eu gosto de caminhar. Me faz sentir como antes... sei lá — dei de ombros. Ela apertou meu rosto, esmagando minhas bochechas, o que me fez rir.

— Tá bom. Mas toma cuidado, viu?

— Vou tomar.

Quando consegui me desvencilhar dela, já tinha perdido uns bons minutos do café da manhã. Abri um pacote de bolacha recheada e enfiei duas na boca, aproveitando que não tinha mais ninguém na cozinha para me julgar. Parecendo um esquilo, peguei mais duas bolachas do pacote, apanhei minhas chaves no suporte da geladeira e abandonei nosso apartamento. Como meu ritmo era um pouco devagar, eu precisava sair com mais antecedência do que antes para não acabar me atrasando.

Aproveitei a espera pelo elevador para conferir as redes sociais de Sara. Assisti aos vídeos de seu Instagram sem conseguir parar de revirar os olhos. Por causa da diferença de fuso horário, a maioria das coisas que ela fazia era quando eu já estava dormindo. Conferir seu dia-a-dia logo que eu acordava tinha virado parte da minha rotina. Sara tinha feito uma sessão de fotos do outro lado do oceano atlântico. Os vídeos a mostravam fazendo poses e caras em um estúdio imenso. Uma rotina que eu conhecia muito bem e que comprimiu meu coração até que ele ficasse do tamanho de uma azeitona.

Fiquei tão imersa no celular que saí do meu prédio sem me dar ao trabalho de erguer o rosto. Foi só ouvir um pigarrear debochado que parei no lugar, sentindo cada músculo enrijecer. De repente, eu era feita de pedra e parecia abrigar uma geleira dentro da barriga.

Em câmera lenta, ergui a cabeça até me deparar com Martin, recostado a poucos metros da entrada do prédio, onde tínhamos nos despedido no dia anterior. As mãos nos bolsos na calça jeans, os pés cruzados de maneira despojada. Boquiaberta, a única coisa que consegui foi ficar olhando para ele.

— Bom dia pra você também — brincou, me lançando um olhar divertido.

— Sua casa não fica naquela direção ali? — apontei para a direita, que era o caminho que eu fazia para ir para a escola. Ele assentiu, se

desencostado do muro para parar ao meu lado. Seu perfume me envolveu, me fazendo sorver o ar bem devagar. — Fica mais perto do que a minha. Você andou mais só pra me buscar?

Ele deu de ombros, como se não fosse nada demais. Fisguei o lábio inferior, sem conseguir mover um músculo.

— É muito chato ir sozinho. Queria alguém pra conversar. Tem problema?

— Nã-não. É só que... eu não tava esperando.

— Eu até teria avisado. Mas meio que não tenho celular — disse, antes de indicar o caminho com o queixo. — Vamos?

Assenti, enfim saindo do transe. E só depois de alguns passos que me toquei de suas últimas palavras.

— Você é um tipo de eremita, né? — comentei, rompendo o silêncio confortável entre nós. Martin soltou uma risadinha baixa, que era a minha intenção.

Meu coração descompassou. Resolvi fingir que não era nada demais.

— Sou. Mas você não é muito diferente de mim. Seu *Facebook* também tá desatualizado.

Meu estômago retorceu com tamanha intensidade que achei que fosse vomitar. Mas de um jeito bom. Se é que isso faz algum sentido.

— Ahnnn... então andou me *stalkeando*? — perguntei por fim, sem esconder a petulância.

— Pode parar com essa cara. Você também me *stalkeou*.

— Eu??? — me fiz de ofendida.

Martin revirou os olhos, soltando um suspiro dramático.

— Quer mesmo fazer isso, Alana? — minha expressão deve ter entregado minha confusão, porque ele se adiantou em explicar: — Fingir que não sabe do que eu tô falando.

— Mas eu não sei mesmo, ué.

— Tá bom, vamos por esse caminho. Foi você que pediu — ele sorriu, abaixando o rosto um pouco mais. Lamentei que o capuz estivesse erguido, queria ter a visão completa dele. — Sabe o dia que eu achei que você tinha pulado o muro pro estacionamento?

Ah, meu Deus.

Ele viu!

No mesmo instante, senti o rosto queimar.

— Gente, nunca mais vou conseguir te olhar na cara depois disso.

— Depois de eu descobrir que você é uma mentirosa, no caso?

Martin procurou o meu olhar. Ficamos nos olhando pelo que pareceu uma eternidade antes de cairmos na gargalhada juntos. Olhando para frente, ele deixou o braço roçar no meu no mínimo umas duas vezes. E, com o simples toque (que nem era pele com pele, já que ele só usava mangas compridas) me fez ficar inteira arrepiada.

— O que aconteceu com a sua irmã? — perguntou. Pisquei os olhos, sem entender.

— Minha irmã?

— Ela é sua irmã, né? — ele me olhou, preocupado. — Vocês são idênticas.

Martin parecia uma criança com aqueles olhos esbugalhados. Acabei sorrindo à toa, assentindo com a cabeça.

— Aham. Ela chama Nicole, tá na nona série.

— É que vocês sempre chegam juntas. E é o segundo dia que você vai sozinha.

— Ela tá com virose — encolhi os ombros, lisonjeada por ele andar prestando atenção em mim. — O que é meio chato, porque sempre que ela fica doente, eu também fico. E vice-versa.

Paramos lado a lado, esperando o semáforo fechar para atravessarmos. Martin olhou para mim pelo canto dos olhos, sem nem tentar disfarçar. Então, sem dizer uma palavra, esticou o braço em minha direção.

Por algum motivo bizarro, eu fechei os olhos e fiquei inerte. Tipo, inerte mesmo. Só fiquei lá parada, esperando o que quer que ele fosse fazer. Senti seus dedos no meu cabelo, que provocaram um calafrio intenso. Ele não se demorou. Antes que eu entendesse o que estava acontecendo, senti meu coque se soltar e meus cabelos caírem pelas costas, em uma cascata. Mas precisei de alguns segundos para voltar a abrir os olhos, porque meu corpo ficou desgovernado. O garoto esticava a mão em minha direção e parecia que eu ia desfalecer no meio da rua.

Martin me encarava com uma expressão indecifrável e muito, muito intensa. Tão intensa que precisei desviar o olhar e focar na faixa de pedestre, enquanto atravessávamos.

— Isso tem alguma explicação? — tentei soar despreocupada, mas minha voz saiu fraca demais.

— Tem. Eu acho seu cabelo bonito — explicou ele, olhando para os próprios pés. — Queria ver melhor.

Abri um sorriso que ia de orelha a orelha, sentindo um quentinho gostoso se espalhar pelo peito. E, motivada por Martin, estiquei a minha mão direita, deslizando o capuz do seu moletom para trás.

Ele ergueu o rosto no mesmo instante, me brindando com um sorriso maravilhoso. A pergunta já estava estampada em seus olhos, de modo que o poupei de verbalizar e já fui logo respondendo:

— Esse capuz te esconde muito — esfreguei os braços, para esconder os pelos eriçados. — E você nem é tão feio assim, vai.

Martin riu com prazer e foi como se meu dia ficasse ensolarado. Meu Deus, eu queria tirar uma foto daquele sorriso, relevar e emoldurar. Só pra eu poder olhar todo dia, ao acordar, e me sentir melhor. Impossível não ser contagiada.

— Obrigado pela parte que me toca — respondeu, por fim.

— Não vou ser injusta: você tem um sorriso lindo. Dá vontade de sorrir junto. Já te disseram isso?

— Não — ele me olhou nos olhos, parecendo encantado com o elogio. — Nunca.



*Quero me curar, eu quero sentir
Como se estivesse perto de algo real
Eu quero achar algo que sempre quis
Algum lugar ao qual eu pertença
Linkin Park – Somewhere I Belong*

Tirei a mochila dos ombros e atirei na cama, aproveitando para arrancar o moleto. Era um alívio chegar em casa e não precisar sentir mais calor. Eu mal podia esperar pelo inverno, pelo menos esconder os hematomas não seria tão sofrido.

Suspirei aliviado, deleitando-me da sensação. Antigamente, as surras não costumavam ser tão recorrentes. Mas depois da tentativa de suicídio, tudo o que consegui foi elevar meus problemas à décima potência. Durante a aula não era tão difícil porque tínhamos ar condicionado, mas todo o resto era uma droga. Eu já tinha cogitado surrupiar as maquiagens da minha mãe, em mais de uma ocasião, só para não precisar apelar para as mangas compridas.

Me arrastei até o banheiro e me escordei na pia, aproveitando para lavar o rosto com água gelada. A semana tinha passado mais rápido do que eu gostaria. Eu nunca poderia imaginar que uma briga na escola poderia mudar tanto o rumo das coisas entre mim e Alana, mas o fato é que depois de passar

todos os dias em seu prédio para fazermos o caminho até a escola juntos, eu estava em pânico só de pensar que ficaria os próximos dois dias sem falar com ela.

Não dava. Tinha alguma coisa naquela garota que me deixava dependente. Mas de um jeito bom. Nada mais importava na minha rotina. E, de repente, virei o garoto que contava as horas só para poder estar perto de Alana e desvendá-la aos poucos. Só para poder arrancar os sorrisos tímidos que eram seguidos por cotoveladas nas minhas costelas que me deixavam inteiro trêmulo. Eu nunca sabia o que esperar quando se tratava dela. E sabia menos ainda o que esperar dos meus próprios sentimentos. Tudo virava uma bagunça. Mas era o tipo de bagunça que eu me sentia mais que disposto a lidar.

Peguei um punhado de água com a mão em concha e joguei na nuca, quando fui surpreendido pela campainha.

Putá que pariu!

Fechei a torneira e tomei a toalha de rosto, enrolando em volta da nuca. Ainda era cedo para minha mãe ou Geraldo estarem em casa. Mas, de qualquer forma, nenhum dos dois tocara a campainha.

Movido pela curiosidade, sequei meu rosto enquanto percorria o caminho até a sala. Então, da maneira mais discreta possível, puxei uma frestinha da cortina, tentando espiar o lado de fora sem ser visto.

Meus olhos foram parar direto na figura parada próxima ao portão, olhando em volta com uma expressão desconfiada. Vestindo uma saia rosa e uma camiseta vermelha, Tati tinha uma expressão preocupada no rosto. Levei alguns minutos para *entender* que ela estava mesmo ali. E, como se tivesse sentido a minha presença, seu olhar veio de encontro ao meu, me pegando em flagrante.

Sequei as mãos na toalha e a atirei no sofá, andando de um lado para o outro sem saber o que fazer. Quero dizer, eu adorava aquela mulher. Mas... na biblioteca. Onde tudo fazia parte da minha zona de conforto. Eu sabia o protocolo. E podia virar as costas e ir embora quando quisesse. Já ali, tudo era novo e inesperado. Fora que eu nem queria pensar no que seria de mim se Geraldo chegasse um pouco antes e a visse ali. Ia sobrar para mim. Sempre sobrava, não importava se eu fosse inocente.

Tatiana tocou a campainha mais algumas vezes, em toques curtos que acabaram criando uma melodia engraçada. Ela estava me apressando. Droga.

O que eu ia fazer?

Cacete, a gente tá brigado.

E ela viu os hematomas!

Ah, merda, tô sem meu moletom.

Mas, foda-se, ela já viu tudo mesmo.

Antes que eu acabasse mudando de ideia, abri a porta da sala e tirei o molho de chaves da porta, percorrendo a garagem como se fosse o corredor da morte. Eu nem sabia apontar por que estava tão nervoso. Mas estava. E assustado para cacete.

Enfiei a chave maior no portão, mas hesitei por um momento. De repente, me senti observado. E se fosse uma armadilha? Tive a sensação de que Geraldo estava atrás de algum carro dos vizinhos, só esperando o momento exato para me pegar no flagra. Minhas mãos tremeram com intensidade.

Olhei por cima dos ombros, de um lado para o outro, só esperando que o inferno comesse. Era sempre assim. Quando eu baixava a guarda, ele me atingia. Esperava esses instantes de fraqueza e me destruía. Eu não podia deixar. Não ali, não com Tatiana presenciando tudo.

Franzindo o cenho, ela não deixou passar batido o meu comportamento. Pelo contrário, seguiu o meu olhar para os dois lados, procurando o que quer que tivesse me desestabilizando. E só então me dei conta de que precisava dizer alguma coisa. Estava agindo como um babaca com ela.

— O que você tá fazendo aqui? — fui logo perguntando, enquanto abria o portão e pulava para fora. Me arrependi no mesmo segundo. A missão de não ser um escroto já tinha falhado.

— Oi pra você também — ela abriu um sorriso doce, sem parecer se abalar. — Vim ver como você está. Não vai... me convidar pra entrar?

E, enquanto sua pergunta pairava pelo ar, pesada e tangível, seus olhos desceram pelo meu tronco, recaindo sobre os braços, onde se demoraram.

Senti o sangue se esvair do meu rosto, assim como todo o calor do meu corpo.

— E-eu... é que... hum — pigarreei, puxando o colarinho da camiseta, que em uma questão de segundos, passou a me sufocar. — Não posso, Tati. Foi mal. Não posso mesmo. Eu adoraria, mas... não.

Um sorriso triste surgiu em seus lábios.

Ela negou com a cabeça e balançou a mão no ar, como se não fosse nada demais.

— Não tem problema — e então esticou a mão para alcançar a minha. Não resisti. Na verdade, entrelacei os dedos nos dela como tinha feito com Alana na segunda-feira. — De verdade. Só queria te ver mesmo.

Baguncei o cabelo, sentindo a língua grossa feito uma lixa. Minha garganta secou, me impossibilitando de falar. Mas eu precisava. Tatiana tinha tirado um tempo para ir ali me ver. Ela se preocupava. Eu podia contar na porcaria dos dedos na mão quantas pessoas também se importavam.

Espera.

Como ela sabe onde eu moro?

Aumentei o aperto em nossas mãos, em uma reação involuntária. Meu coração acelerou.

É uma pegadinha. Ele tá aqui. Ele tá vendo.

Olhe por cima dos ombros mais vezes, me sentindo como um animal acuado.

— Tati... eu meio que nunca te falei onde moro.

Eu não entendia por que só não conseguia baixar a guarda e dizer alguma coisa legal. Por que precisava tratá-la com tanta indiferença. Mas, meu Deus, eu não conseguia fazer diferente. Não tinha como. Cada célula do meu corpo, cada pequena fibra do meu ser soava um alarme, me preparando para o pior.

Foi o único jeito que consegui sobreviver por tanto tempo. Tinha virado parte de quem eu era. Por mais que eu não me alegrasse com isso, o Martin odiável habitava em mim. E era impossível me livrar dele.

— Não gostei de como as coisas ficaram da última vez que a gente se viu... e você nunca mais deu notícias. Fiquei tão preocupada que peguei seus dados no cadastro da biblioteca — Tati ergueu a outra mão e afastou a franja dos meus olhos, destruindo a barreira de proteção que eu tinha acabado de impor entre nós, mas não movi um músculo para impedir. A odiei e amei ao mesmo tempo. Minha cabeça virou uma confusão do caralho.

— Isso não é crime?

— Não se ninguém descobrir. Você vai me denunciar?

Dei de ombros, respirando fundo e me obrigando a relaxar um pouco.

— Não posso te denunciar. Seu livro favorito é o mesmo que o meu.

Não se rompe esse tipo de ligação — concluí, abrindo um sorriso tímido para ela e torcendo para que me perdoasse por ser tão complicado.

Ela me surpreendeu com uma risada. Seus olhos brilharam, como se estivesse aliviada.

— Obrigada — respondeu, por fim.

— De qualquer forma, eu fui um babaca na última vez que a gente se viu.

Tatiana balançou a cabeça com um movimento forte, e seu rosto assumiu uma expressão cheia de urgência.

— Não. Eu que não respeitei seu espaço. Não devia ter te pressionado tanto... — ela limpou a garganta, segurando a ponte do nariz. — Olha, me perdoa, tá? Eu só me preocupo porque gosto muito de você, Martin.

Meus olhos encheram de lágrimas. Quis abraçar aquela mulher com toda a minha força. Quis dizer pra o quanto ouvir isso era importante para mim. Assim como sua visita surpresa e o fato de que ela quebrou as regras só para saber como eu estava. Quis chorar em seu ombro e pedir ajuda. Quis admitir que em todo aquele tempo, só continuei indo na biblioteca por causa dela. Porque tinha alguma coisa no seu olhar que fazia com que eu me sentisse alguém.

Mas, em vez disso, mordi a língua com força, só para impedir o choro.

Eu estava com tanto medo.

Tanto medo de ser só um sonho. Uma pegadinha. Um delírio.

Porque, em geral, esse tipo de coisa não acontecia comigo. Eu já tinha me acostumado a nunca esperar nada de bom. No fim das contas, eu só me decepcionava. Se já estivesse preparado para as merdas, o baque era menor.

— Ah, Tati... — minha voz saiu bem mais grossa.

Ela assentiu, embora eu não tivesse dito nada demais, e limpou uma lágrima que escorreu pela pele retinta do seu rosto, deixando um traço brilhante.

Foi demais para mim.

Caralho, como eu era patético! Eu me emocionava com coisas que deveriam ser pequenas para as demais pessoas. Quando dei por mim, já era tarde demais. Caí no choro feito a porra de um bebê. Impossível ficar mais vulnerável. Com os hematomas de fora, sem o meu capuz, e agora isso.

Tati não disse nada. Em vez disso, me puxou pelo antebraço contra o

seu corpo e me abraçou do jeito que eu ansiava. Aceitei o gesto, embora cada pedacinho da minha pele em contato com a sua doesse. Literalmente. Ardia, como quando eu apagava o cigarro em mim mesmo, mas sem trazer alívio. Muito pelo contrário, era angustiante estar tão próximo de outra pessoa. Evocava um punhado de lembranças odiosas e sujas. Sujas para cacete. Fui atingido em cheio. O cheiro adocicado e nojento de Geraldo penetrou minhas narinas, como se fosse ele me abraçando, e não Tati.

Tremeliquei em seus braços, sentindo que desmoronaria. O mundo girou ao meu redor, rápido demais. Senti vertigem, minhas pernas começaram a ceder ao peso do corpo, meu estômago embrulhou de uma só vez.

— As coisas vão melhorar. Eu prometo — ela sussurrou baixinho em meu ouvido. — Não vou te deixar sozinho, Martin.

— Não tem *nada* pra melhorar, Tati! Não tem. Você deve ter entendido errado. — soluzei. — Eu só... sou complicado.

— Também já passei por muita coisa, eu *entendo* — suas palavras causaram um calafrio em minha espinha. — Você pode confiar em mim. Eu juro.

— Por favor — repeti, agarrando em sua roupa, porque eu precisava me firmar. — Não se mete com a minha vida. Você vai quebrar a cara quando perceber que não tem nada acontecendo. Sou só eu. Eu sou assim mesmo.

Enterrei o rosto em seu pescoço, deixando o choro entalado na garganta por tantos anos vir à tona. Tudo o que Tati fez foi me acalantar, com uma carícia leve e suave nas costas.

— Eu também gosto de você — falei, por fim, com a voz embargada. — Pra caralho.

— Eu sei, meu amor — Tati deixou um beijo na minha testa e se afastou para me encarar nos olhos. — Eu sei que sim. E também sei que você tá em pânico. Sei que quer fugir disso tudo, mas não tem forças. Por mais que você negue, eu *sinto* que tem alguma coisa acontecendo. Eu tô aqui pra te ajudar. Não vou a lugar algum. Eu só preciso... de um sinal.

Sequei o rosto com o ombro.

— Mas não tem *nada* acon... — comecei, e Tati me cortou:

— Você só precisa me prometer que vai continuar tentando. Não desista, Martin, por favor. Sei que a gente pensa que ninguém se importa, que

não fazemos falta pro mundo. Mas você é importante pro mundo. Pro *meu* mundo.

O calor que senti em meu peito foi indescritível.

Eu não conseguia nem acreditar na minha sorte.

Sorte por ter sido visto.

Em um mundo onde a maioria das pessoas só consegue olhar para o próprio umbigo, Tati tinha me enxergado. Visto alguma coisa em mim, e transparecido isso em seu olhar. Em pequenos gestos como separar um livro para mim, ela deu um sentido para a minha vida nos momentos mais sombrios.

Como tive tanta sorte?

Eu merecia isso?

Merecia ser amado?

— Obrigado. De verdade. — murmurei. Se eu ousasse dizer mais, acabaria caindo no choro outra vez.

Ela sorriu, mas não falou nada. Em vez disso, se desvencilhou de mim, tirando a mochila das costas. Tati abriu o zíper sem conseguir esconder a empolgação. Mordi o lábio inferior, curioso com o que quer que ela quisesse me mostrar.

Ela tirou uma caixa retangular da bolsa, estendendo em minha direção sem floreios. Pisquei algumas vezes, demorando a cair a ficha de que era um presente.

— Pra mim? — perguntei, só para me certificar.

— Sim. Não deu tempo de embalar, mas é de coração.

Dei um sorriso torto, divertido com seu jeito prático de entregar um presente. Girei a caixa de papelão na mão e, assim que meus olhos recaíram na foto de um smartphone impresso na tampa, meus joelhos perderam a força. Me escorei nas grades às minhas costas, para não acabar caindo no chão.

— Tati... — comecei, sem conseguir parar de olhar para a caixa.

— Já tá com o chip. E coloquei crédito pra você poder falar comigo. Não é o melhor do mundo, mas...

— Puta que pariu, Tati! — exclamei, abrindo a caixa com dificuldade.

Meus dedos tremiam tanto que fiquei com medo de deixar o telefone cair no chão. Ela riu em deleite, o que me deu tempo para absorver tudo.

— Caralho. E-eu... nem sei o que dizer — engoli em seco, rolando o

celular de uma mão para a outra, sem conseguir acreditar no que meus olhos me mostravam.

— Obrigada é um bom começo.

Seu tom foi duro. Mas, ao erguer o olhar, me deparei com o seu maior sorriso. No mesmo instante, minha visão ficou inteira borrada e eu senti que estava prestes a explodir. Mas, pela primeira vez, de um jeito bom para caralho.

— Obrigado. Obrigado demais. Olha só pra isso... — ergui o telefone no ar, sem conseguir esconder o quanto tremia. E só então me dei conta de como tudo isso era errado. Eu não podia aceitar um presente desse. Não assim. Fora que Tati não era o tipo de pessoa que tinha dinheiro sobrando para gastar com quem ela nem conhecia direito. — Não posso aceitar — concluí, em voz alta.

Ela colocou as mãos na cintura, crispando os lábios.

— Mas eu não perguntei se você pode. Eu tô te dando. É um presente. Você sabe o significado de presente?

— Eu sei — suspirei. — Eu sei. Mas... é um celular. E... qual é? Por que você tá sendo tão legal comigo?

Tatiana segurou meu pulso com firmeza e olhou no fundo dos meus olhos antes de responder:

— Eu te falei, Martin. Já passei por muita merda na vida. E o que mais desejei foi que alguém me salvasse. Mas nunca aconteceu. Tive que me salvar sozinha. — Ela arqueou as sobrancelhas. — Só um cego não consegue ver o quanto você implora ajuda pro mundo. Tudo em você, Martin, tudinho, clama que alguém te enxergue, te estenda a mão. É isso que tô fazendo. O que gostaria que tivessem feito por mim — Seus olhos brilhavam com intensidade quando ela abriu um sorriso singelo. — Eu vejo muito potencial em você. Te vejo na faculdade, tirando notas incríveis e se destacando. E, se depender de mim, vai ser só o começo. Mas, por favor, me deixa te ajudar.

Assenti, me agarrando às palavras dela.

Minha vida importa.

Minha vida importa pra caralho!



Quando tranquei a porta de casa com os joelhos tremendo de adrenalina, foi impossível conter as lágrimas. Segurei o quanto pude na frente de Tatiana, para que ela não achasse que eu só sabia fazer isso, mas ali não tinha mais como impedir.

Corri para o meu quarto, encostando a porta e olhando ao redor, tentando imaginar um esconderijo em que não existisse a mais remota chance de Geraldo descobrir. Meus olhos passearam pelos móveis, imaginando uma porção de possibilidades.

E, de repente, fui atingido pela mais convidativa de todas — conversar com Alana. Cacete, eu tinha como falar com ela agora. Tinha voltado a ser a porcaria de um adolescente normal outra vez.

Esfreguei o rosto enquanto esperava o telefone ligar. Olhando por cima do ombro de cinco em cinco minutos enquanto esperava o aplicativo do Facebook terminar de baixar, resolvi mandar minha primeira mensagem para o único número salvo em meu celular novo.

Martin:

mtto obrigado

*eu precisava pra cacete de uma amiga
vou ligar o celular só quando estiver na escola. se precisar falar
comigo, essa é a hora*

*ps.: fazia tempo q eu não me sentia tão feliz. valeu por isso. fico te
devendo várias*

Meu estômago deu cambalhotas quando *loguei* em minha conta no *Facebook*. Me senti como se fosse criança outra vez e tivesse acabado de ganhar o melhor presente de natal.

Abri o perfil de Alana e fiquei gelado de expectativa. Roí a unha do dedo indicador enquanto me perguntava se era uma boa ideia. Quero dizer, uma parte de mim sabia que ela curtia a minha companhia. Aquela semana inteira indo e voltando juntos da escola tinham me provado isso. Mas talvez o problema fosse sua foto antiga, uma outra Alana. Ela era intimidante. E existia um abismo imenso entre nós.

Neguei com a cabeça, dissipando os pensamentos.

Quero dizer... logo estariam todos em casa. Eu não podia perder meu

tempo precioso. Depois ficaria me corroendo de culpa por ter desperdiçado aquela oportunidade de conversar com ela.

Martin:

vc disse q meu sorriso é bonito

então tô mandando essa mensagem só pra vc ver essa foto que (cá entre nós) me favorece bastante

e ficar com essa imagem na cabeça durante o fds

O ar ficou rarefeito. Me senti meio estúpido e me arrependi no mesmo instante.

Tanta coisa legal pra dizer e você fala logo isso?

Quero dizer... meu Deus.

Espero que ela não me bloqueie depois disso.

Como Alana também não era mais tão adepta às redes sociais depois do acidente, não esperei que ela fosse responder tão cedo. Por isso, quando apareceu um “*alana está digitando*” no final da tela, achei que fosse vomitar. O que era ainda mais ridículo da minha parte. Mas enfim. Eu não tinha nenhuma experiência naquele lance de... flertar?

Não que nunca tivesse me interessado por nenhuma garota. Era só que... não tinha como. Nada disso era para mim. E continuava não sendo, mas era o que Alana fazia comigo — arrancava todo o meu juízo. E o pior de tudo é que eu gostava. Caralho.

Alana:

wow! nem em mil anos ia esperar te ver por aqui

usar o facebook não é contra as regras de ser um eremita e etc????

e eu meio que concordo com a parte de favorecer bastante :x

Meu coração foi parar na garganta. Abri um sorriso tão largo que minhas bochechas começaram a doer.

Caralho.

CARALHO.

Olha só pra essa garota.

Como ela pode ter olhos pra mim?

Eu estava prestes a digitar a resposta quando ouvi o som do motor do carro de Geraldo parando em frente de casa.

— Merda! — bradei, desferindo um murro no chão antes que pudesse me controlar.

Só então caiu a ficha de que eu ainda não tinha pensado em um esconderijo. Sentindo o sangue se esvaír do rosto, engoli em seco, desligando o celular sem poder responder Alana. No modo automático, arrastei meu guarda-roupa um pouco para frente (o suficiente para que coubesse o celular na vertical) e empurrei de novo, como se dependesse disso para viver. Se Geraldo me flagrasse com aquele telefone... eu não queria nem pensar no estrago.

— Martin? — ele me chamou, batendo na minha janela e roubando a força dos meus joelhos. — Saí daí e vem me ajudar a tirar as compras do carro.

— T-tá bom — respondi e, pela primeira vez, sua chegada não me deixou tão deprimido.

A porra da minha vida importa!



Parei em frente ao prédio de Alana, me olhando através do reflexo. Depois de buscá-la todos os dias da semana, a fachada já me era familiar. Tinha virado uma espécie de ritual parar e me observar, enquanto tentava lidar com o meu nervosismo e fazer o possível para não transparecer. Quando mais a gente se aproximava, mais em pânico eu ficava. O que não fazia o menor sentido. Ou fazia. Sei lá.

É que antes Alana era só bonita. Era só a garota que eu sentia que tinha alguma coisa a ver comigo. Alguém inatingível para mim. Mas agora... agora ela era muito mais. E, droga, isso era assustador. Assustador para cacete. Eu não fazia a menor ideia de como agir, do que fazer. Eu só não queria estragar tudo, seja lá o que era aquilo que a gente tinha.

Saquei o celular do bolso e deslizei o polegar pelo visor. De repente, minha ideia pareceu um pouco idiota. Quero dizer... e se ela quisesse passar um tempo com a família? E se nem estivesse ali, para começar? Ou talvez estivesse e até aceitasse o meu convite, mas... e se o caminho fosse complexo demais para ela andar com a prótese. Eu não sabia muito bem como tudo isso funcionava.

O Martin refletido tinha olhos esbugalhados de medo que nem mesmo o capuz da blusa conseguia esconder. Soltei o ar dos pulmões e, sem nem precisar pensar duas vezes, ergui a mão e empurrei o capuz da cabeça, bagunçando o cabelo. Isso tinha virado uma coisa nossa — Alana passou a descer de cabelo solto e eu, a aparecer sem o capuz. Cada vez que eu o erguia, em um movimento automático, era bombardeado pelas lembranças de terça-feira e estremecia inteiro.

Foi impossível dormir na noite de segunda e de terça. E não pelos motivos de sempre. Na verdade, era a primeira vez na vida em que valia a pena ficar acordado. Eu só conseguia repassar a nossa proximidade. Os olhos verdes e enormes de Alana. O toque macio do seu cabelo. E tudo isso causava reações malucas no meu corpo. O que só me empurrava de volta para o olho do furacão e eu era abalado em cheio pelo medo.

O que tô fazendo?

Que merda tô fazendo?

Isso tem tudo pra dar muito errado.

Mas por que não consigo me afastar?

Sem pensar duas vezes, digitei o número dela e apertei o botão de chamada, com o coração descompassado dentro do peito. Um leve tremor nos dedos quase me fez derrubar o telefone, ainda mais quando a voz suave reverberou do outro lado da linha, poucos toques depois.

— Martin? — Alana não escondeu a surpresa.

— Você tá ocupada hoje?

Ela deu uma risadinha e demorou alguns segundos para responder.

— Ahn... não?

— Agora? — insisti, deixando transparecer um pouco do meu nervosismo.

— N-não. Tô só vendo um filme com a Nicole... por quê?

— *O que ele quer?* — ouvi a voz de Nicole do outro lado da linha e me peguei sorrindo.

Nicole acabou melhorando da virose e, na quarta-feira, quando passei para encontrar Alana, pareceu não se surpreender em nada com a minha presença. Na verdade, era como se já me esperasse. E, para a minha surpresa, foi muito fácil gostar dela. Passei a me ver ansioso para que as manhãs chegassem logo, não só por causa de Alana, mas de Nicole também. Pra quem sempre foi sozinho, ter a companhia das duas quase me fazia acreditar que eu podia ser normal — assim como elas.

— É que eu meio que tô aqui embaixo — soltei o ar dos pulmões, que saiu um pouco como uma risada de uma só nota.

— Sêrio? — ela pareceu chocada. — Por quê? — perguntou, a voz subindo uma oitava.

Dei de ombros, embora ela não pudesse ver.

— Pra te ver — expliquei. — Queria te levar pra um lugar. Pode ser?

Mordi o nó do dedo indicador, de repente achando tudo inadequado e inesperado. Quero dizer... como eu aparecia assim do nada, sem avisar? Onde eu estava com a cabeça?

Por favor, diz que sim.

Por favor.

Por favor.

— Aham. Po-pode. Claro — sua voz soou fraca, quase um sopro.

Meu coração perdeu uma batida.

Parei de morder o dedo e soltei a respiração e os músculos do corpo. Fiquei tão leve que a brisa mansa me ergueu no ar, me balançando de um lado para o outro de maneira suave e cálida. Por um segundo que abrigava uma eternidade, flutuei, me deleitando de um bem-estar que nunca experimentei antes. E que ela tinha conseguido me proporcionar sem o menor esforço.

Se Alana soubesse o tamanho do poder que já exercia sobre mim... era melhor que não soubesse. Acho que ela ficaria assustada com o tamanho da minha carência. Com o quanto eu precisava de afeto. O quanto procurava com desespero em qualquer lugar. E, quando achava... com que facilidade eu me encantava.

— Martin? — sua voz me trouxe para a realidade outra vez. — Me ouviu?

— Não. Foi mal. Me distraí.

Alana riu baixinho e, em minha imaginação, visualizei perfeitamente

a sua expressão. As ruguinhas em seu nariz, as sobrancelhas curvadas para baixo, a jogada de cabelo que ela dava sem nem perceber.

— Que roupa eu preciso colocar?

Fisquei o lábio inferior, por algum motivo sendo bombardeado pelas fotos dela usando biquíni em seu *Facebook*. Senti o rosto ferver e uma parte muito específica do meu corpo se enrijecendo. Olhei por cima do ombro e agradei por não ter ninguém ali para notar o meu desconforto.

— Ééé... uma bem confortável. — Pigarreei, puxando a moletom para baixo e tentando esconder minha ereção. *Merda. Merda. Merda.* Toda vez que eu ficava de pau duro, era aprisionado nas correntes grossas da culpa. Uma coisa que deveria ser natural, mas tinha virado suja. Imunda. Asquerosa. Até isso me foi roubado. Esfreguei o rosto, tentando me focar no presente. — Talvez a gente se suje um pouco — concluí, imerso em meus próprios pensamentos sombrios.

Bastava um único segundo para que eu atravessasse aquela porta que me separava do resto do mundo. Um único segundo para que eu caísse ladeira abaixo, para um lugar escuro demais para sair.

— Acho que tô com medo? — brincou ela, entregando a sua animação.

Apenas com essas cinco palavras, Alana me resgatou do buraco em que eu me encontrava. Descobrir que ela gostava da minha companhia e, mais que isso, que estava animada para passar um tempo comigo, era muito louco e surreal e maravilhoso. Tudo ao mesmo tempo. E poderoso para caralho. Foi como se Alana acendesse um holofote e mirasse para toda a escuridão se espalhando pela minha alma. Os feixes de luz me aqueceram, dissipando toda a penumbra.

Em um piscar de olhos, eu já nem me lembrava da sensação de vazio intensa que tinha me paralisado há poucos segundos.

— Não precisa. Eu não costumo matar à luz do dia.

Alana soltou uma gargalhada deliciosa. Sorri feito um idiota.

— Ufa! — respondeu, e então ouvi o barulho de uma porta de correr. — Você pode dar uns passos pra trás e olhar pra cima, por favor?

Estreitei os olhos, confuso. Mas, sem pensar duas vezes, atendi ao pedido dela. Andei de costas até alcançar a rua e, com uma mão sobre os olhos para me proteger da claridade, ergui o rosto para as sacadas enfileiradas e, no segundo em que meu olhar encontrou duas cabeças loiras nos últimos

andares, foi impossível não sorrir.

Dei um tchau para Alana e Nicole, que retribuíram de imediato, soltando risadinhas do outro lado da linha. Fisguei o lábio inferior, sentindo meu coração se expandir dentro do peito, dominando o meu corpo. Eu era feito de coração. E ele pulsava freneticamente.

— Vou me vestir. Em cinco minutos tô aí, tá?

— *Pergunta pra ele!* — Nicole cochichou, na tentativa de que eu não ouvisse.

— Ah... A Nicole quer saber se pode ir junto — Alana pigarreou no final da frase.

Passei a mão nos cabelos, sentindo o meu rosto queimar antes mesmo que a resposta viesse na ponta da língua.

— Ahnn... a-acho que hoje eu queria ficar só com você? — soltei outra risada de uma só nota.

— Eu também — Alana sussurrou, dando outro tchau lá de cima antes de desaparecer. A linha ficou muda poucos segundos depois.

Recostei na parede, batendo a cabeça de levinho várias vezes. O leve tremor em meus dedos tinha evoluído para um chacoalhar caótico. Para não acabar tendo um surto nervoso, saquei a cartela de cigarros. Acendi um com pressa, sendo agraciado com a santa nicotina, que correu pelas minhas veias, acalmando a tempestade em meu interior.

Quando dei a última tragada, a porta de vidro foi aberta de uma só vez. Levei um susto e deixei o cigarro cair aceso sobre o meu tênis. Dando batidinhas no chão, virei a tempo de ver Alana soltando o coque, com um sorriso travesso no rosto.

Ele desenrolou, parecendo estar em câmera lenta, e os fios dourados refletiram a luz do sol. Ou talvez fosse coisa da minha cabeça. Ela parecia resplandecente. Vestia as calças de tãtã de sempre e uma camiseta rosa com um decote que eu nunca a vi usando na escola. Puxei a gola do moletom para longe, sentindo uma falta de ar repentina, como se eu tivesse passado os últimos minutos embaixo d'água.



*Você tem alguma carta na manga?
Você não tem ideia de que é minha obsessão?
Sonhei com você quase
todas as noites esta semana
Arctic Monkeys – Do you wanna know?*

Oi — cumprimentou
Alana, se
aproximando de mim
timidamente.

— Oi — respondi, e minha voz rouca entregou o efeito que ela causava em mim. — Gostei da blusa — aponte para o decote.

Ela deu uma risada calorosa e seu rosto ficou vermelho vivo.

— Queria dizer o mesmo de você. Mas eu meio que acho todas as suas roupas parecidas. Não me leve a mal.

— Não levo. Na verdade, até gosto disso. — sorri. — Vamos?

— Vamos — assentiu, parando ao meu lado. — Pra onde mesmo? E por que você tá de mochila?

— Primeiro: é segredo. E segundo: porque vamos precisar comer alguma coisa.

— Vamos? — a surpresa ficou estampada em seu rosto.

— Ou talvez eu precise de algum lugar pra esconder o seu corpo e isso seja só uma desculpa — dei de ombros, sem conseguir parar de sorrir.

Alana revirou os olhos, batendo com o ombro no meu de levinho. E, como em todas as vezes em que fazia isso, minha mão coçou de vontade de puxar ela para cima de mim e não soltar mais.

Respirei fundo, mordendo a língua com força enquanto seguíamos em um ritmo moroso. O sol forte da tarde, em seu ponto mais alto, tornava quase impossível ficar dentro daquele moletom. Mas eu ainda não podia tirar. Talvez quando estivéssemos sozinhos, sem mais ninguém por perto. Eu precisaria aguentar até lá. Só esperava não acabar desmaiando de calor no caminho.

Parecendo não se aguentar, Alana remexeu uma mão na outra, lançando olhares esporádicos. Segurei a vontade de sorrir. Era difícil de acreditar que uma garota incrível como ela pudesse enxergar alguma coisa em mim, mas Alana enxergava. E isso era como achar a porra de um pote de ouro no final do arco-íris. Na verdade, estava mais para um baú. Uma piscina cheia de moedas de ouro. Eu estava rico para caralho. Como estava! E ela nem fazia ideia que um simples sorriso, um olhar cheio de expectativa, ou a vontade de puxar assunto já fosse o meu maior troféu. No fundo, acho que era até bom que Alana não soubesse.

Andamos mais alguns metros sem dizer uma palavra, até ela não conseguir mais segurar e acabar rompendo o silêncio.

— Então agora você não é mais um eremita, hein? Até que enfim arrumou um celular — seu braço roçou de levinho no meu. Senti um frio na barriga que fez todos os pelos eriçarem e a garganta secar em questão de segundos.

— Aham — resmunguei, sem forças, mas minha voz saiu mais como um som desconexo do que uma palavra em si. Foi preciso clarear a garganta (duas vezes, aliás) para encontrar a voz de novo. — Ganhei de uma amiga, na verdade. Ela queria um jeito de falar comigo.

— *Amiga* — Alana repetiu, me queimando com seus olhos cristalinos e gigantes. Continuei olhando para frente, fingindo estar superconcentrado no trajeto. — Do colégio antigo?

Uni as sobrancelhas, levando pouco mais que um segundo para notar a pontada de ciúme em seu tom desinteressado *demais*. Procurei seus olhos, sem conseguir evitar um sorriso.

— Lá da biblioteca municipal. Por quê?

— Nada, ué — ela deu de ombros e, sem se dar conta, inclinou um

pouco o queixo para cima. Meu sorriso dobrou de tamanho. — É que... sei lá. Um celular? Vocês devem ser *bem* amigos.

— Foi um celular baratinho... só pra quebrar um galho — dei de ombros, tateando os bolsos da calça para tirar o telefone.

Estendi para Alana, que o pegou com delicadeza dos meus dedos. Nossas peles roçaram por mais tempo do que o necessário e foi como se Alana tivesse alguma substância química: senti tudo queimar e arder. Foi como esticar o dedo para tocar na chama pequenina de uma vela. Sem pensar duas vezes, levei a ponta dos dedos aos lábios, enquanto Alana se distraía com o aparelho.

— Mesmo assim... — sem perceber, Alana fez um beicinho quase imperceptível, isso é, se eu não passasse cada segundo do colégio observando cada movimento, cada expressão, cada coisinha que ela fazia. Era um pouco doentio, eu sabia. Mas dane-se, aquela garota me deixava encantado. Já era tarde para voltar atrás. — É um *celular*. Ela deve gostar bastante de você, né?

— Acho que gosta, sim — suspirei, guardando-o no bolso outra vez. — Eu também gosto bastante dela. Mas não do jeito que você tá pensando.

Alana ficou ofendidíssima com as minhas palavras. Seus lábios se entreabriram e as mãos foram parar no ar, eximindo-se da culpa.

— Não pensei de jeito nenhum!

— Ela é mais velha que eu. Tipo, bem mais velha — expliquei, adorando cada segundo daquela conversa.

— Eiiii! É sério, você tá entendendo errado — seu tom foi categórico. — Só perguntei por curiosidade.

— Tá bom — assenti.

— Então para de me olhar com essa cara de cínico.

Tombei a cabeça para trás, soltando uma gargalhada tão alta que parecia ser possível ouvir na cidade toda. Era tão fácil rir com ela. Era tão fácil sentir as coisas e não ser apenas um recipiente vazio e impossível de preencher. Agora eu era tão cheio de sensações que transbordava. Eu estava em toda parte. E, caramba, como era bom.

— Mas é a única que eu tenho! — exclamei, em um tom ofendido. — A Tati é bem mais velha mesmo. Tipo, tem idade pra ser a minha mãe. A gente se conheceu de tanto eu ir na biblioteca.

— Primeiro: não me importo. E depois: ser mais velha não significa nada. O Harry Styles e o Ashton Kutcher já namoraram mulheres mais

velhas.

Estreitei os olhos, confuso.

— Quem são esses? — indaguei e, antes que ela pudesse responder, abanei a mão no ar, descartando sua resposta. — E você não tá me ouvindo, Alana. Ela é como uma irmã mais velha, eu acho. Ou pelo menos gosto de pensar assim. — Me empertiguei no lugar, lembrando de um detalhe importantíssimo. — A Tatiana é lésbica, sabia? — Alana fez cara que dizia que, não, não sabia. — Mesmo que eu gostasse de mulheres mais velhas, o que não é bem o caso, não teria a menor chance com ela. Eu acho até que ela namora?

Alana bateu com os braços na coxa de um jeito teatral, parando no lugar. Mas o rubor em suas bochechas não me passou despercebido. Me peguei sorrindo para o nada feito um trouxa.

— Gente... como foi que chegamos nesse assunto? Por que estamos conversando sobre a orientação sexual de uma mulher que eu nem conheço?

Dei de ombros, encaixando os dedos nas alças da minha mochila.

— Porque você tava com ciúmes. E eu só queria explicar que era infundado — soltei as palavras, em provocação, e me arrependi no mesmo instante ao ver o rubor se espalhar por todo o seu rosto, alcançando as orelhas e o pescoço.

Foi longe demais.

Rápido demais.

Ela vai se assustar. Vai se afastar.

— Ciúmes? De você? — perguntou Alana, por fim, em um tom debochado, e voltou a andar.

O sorriso sumiu do meu rosto e fui incapaz de continuar.

Você é um idiota mesmo.

Por que achou que tinha chance com ela? Olha pra ela, porra!!!

Olha pro ex dela e pra vidinha perfeita dela.

Argh, cala a boca.

Só... não estraga tudo. Pra variar.

Com o coração do tamanho de um grão de areia, balancei a cabeça em negativa, tentando me livrar de todos os pensamentos traiçoeiros. Alana olhou por cima do ombro, parando no lugar ao perceber que eu ainda não tinha retomado os passos. Sua expressão se transmutou de curiosidade para culpa e seus olhos não me abandonaram enquanto eu percorria a pequena

distância entre nós.

O restante do caminho foi esquisito e mecânico. Se antes tentávamos encostar um no outro a todo custo, agora coordenávamos nossos movimentos evitando ao máximo qualquer colisão, por menor que fosse. Senti toda a adrenalina e expectativa se dissiparem do corpo, dando lugar a um sentimento horrível de impotência.

Eu queria fazer o dia dela incrível. Queria ficar próximo, como ficamos no dia em que tudo mudou. Deitados, olhando para as nuvens. Queria sentir sua pele em meus dedos e seus lábios nos meus. Queria beijar aquela boca até minha ficar dormente. Porra! Queria fazer tanto... mas se ela não queria, o que me restava?

A culpa era minha. Eu era um maldito cachorrinho carente que dependia tanto de qualquer cafuné, qualquer afago na orelha, qualquer palavra proferida com a voz afetada, dócil.

E se ela só tinha sido simpática desde o começo e eu entendi tudo errado?

E se eu tinha mudado a porcaria da perspectiva e visto a realidade distorcida?

— Que foi? — perguntou, hesitante.

E, com medo de deixar o outro Martin se mostrar, logo para ela, preferi ficar calado. Com um leve menear de cabeça e um abanar de mão, pedi que esquecêssemos o assunto. Ela não tinha culpa de eu ser um fodido que entendia tudo errado.

Contei a respiração e os meus passos, como Elise vinha me ensinando a fazer na terapia. Qualquer coisa que me ajudasse a compreender a realidade e fugir da espiral de sabotagem que meu cérebro me metia em momentos como aquele. Aos poucos, meu coração foi desacelerando, assim como os meus pensamentos.

Mas, ainda assim, não ousei abrir a boca e estragar tudo. Eu não podia controlar os impulsos de afastar quem eu mais queria manter por perto, então era mais seguro prevenir. Foi só quando alcançamos a grade verde descascada da reserva florestal que enfim juntei coragem para falar de novo.

— Chegamos — falei, segurando seu pulso para que Alana parasse de andar.

Ela olhou primeiro para meus dedos e então para mim. Só depois disso seus olhos desviaram para a grade atrás de nós e uma expressão

incrédula tomou seus traços.

— Aqui??? — assenti e qualquer resquício de mágoa foi desarmado com suas reações. Foi como imaginei: Alana tinha os olhos arregalados e as sobrancelhas arqueadas até quase atingirem a raiz do cabelo. — Mas faz um tempão que foi fechado ao público, não faz? Tipo uns... dois anos?

— É. Ou mais — não contive um sorriso.

— E a gente vai entrar? — Alana apontou para além do meu ombro.

— Só se você quiser — respondi, esfregando a nuca.

— C-como?

Deixei uma risada baixa escapar, antes de olhar para o nosso lado esquerdo, para onde as grades da reserva florestal se perdiam em seus 47 hectares. Ela acompanhou o meu olhar com expectativa, como se esperasse descobrir uma portinha secreta, ou sei lá.

— Tem um ponto mais pra frente que a grade tá solta. Mas quase ninguém sabe — balancei sobre os meus pés. — Você me contou o segredo do estacionamento da escola. Um segredo pelo outro...

Antes que eu ameaçasse dar o primeiro passo, foi a vez de Alana me algemar com os dedos.

— Mas, calma! — exclamou e, como se tentasse disfarçar, soltou uma risadinha nervosa. — É seguro lá dentro? Tipo... não tem cobras, aranhas enormes e venenosas, um chupacabra, ou sei lá?

Soltei a mão do seu aperto e entrelacei os dedos nos dela.

— A gente vai ficar bem, prometo. Tem só uns macacos. Eles ficam meio agressivos perto das pessoas, mas a maioria não morde. E se morder é só tomar vacina pra raiva... não é como se fossem arrancar um pedaço, nem nada assim.

Toda a cor se esvaiu do seu rosto em um piscar de olhos. Não aguentei e acabei caindo na gargalhada. Alana levou alguns segundos para entender a brincadeira.

— Martin! — ela desferiu alguns tapinhas em meu braço direito. — Idiotaaa!

Sem pensar muito bem, a puxei um pouquinho mais para perto, ainda com os dedos entrelaçados. E, se eu não estava louco, podia jurar que Alana prendeu a respiração. Como... como se esperasse alguma coisa.

Você tá delirando, cacete.

Tá imaginando coisas.

— Eu não ia te trazer aqui se não fosse um lugar tranquilo. Mas se você não quiser, tá tudo bem. Não me importo de ir pra outro lugar.

— Olha... meus pais são meio malucos. Eles vão te caçar até o inferno se eu tiver que tomar vacina pra raiva, tá?

— Ninguém vai precisar me caçar em lugar nenhum, fica calma — Alana soltou o ar dos pulmões, em uma risadinha consternada. — Agora, responde sério: você quer entrar?

Alana olhou para a mata fechada do lado de dentro da grade, mordiscando o lábio inferior. Eu quase podia ver a profusão de pensamentos se embrenhando dentro de sua cabeça. Eu conseguia entender a hesitação, até porque era a primeira vez que a gente faria alguma coisa juntos fora da escola. Mas, caramba, como eu queria que ela aceitasse. Aquele era um lugar muito especial para mim e eu duvidava que a gente conseguisse achar qualquer outro tão calmo quanto.

— A gente não vai... ahn... ficar no meio do mato? Tipo... não vamos só parar ali e passar o dia, né?

Segurei a base do nariz, soltando uma gargalhada que a fez me lançar um olhar cortante.

— Alana. Me responde: você quer ou não?

— Quero! — respondeu, rápido demais, e fez meu sangue ferver. — Bom... quero ficar com você hoje. Mas... precisa ser nessa... floresta bizarra? Você por acaso é o Edward Cullen e eu não tô sabendo?

— Por que você fica falando de um monte de homem que eu não conheço? Agora eu que tô com ciúmes... — brinquei, revirando os olhos. E, da maneira mais discreta possível, arrisquei alguns passos em direção a entrada, guiando-a comigo. — Isso *não é* uma floresta. Tá mais pra um jardim bem grandão.

— Mas tem tudo que precisa pra ser uma floresta. Tem árvores, animais selvagens... que mais precisa? E que jardins você anda visitando, Martin?

— Não tem animais selvagens. — expliquei, entrelaçando os dedos das nossas mãos livres, como se estivéssemos dançando. — Eles transferiram todos depois que a reserva fechou.

Ela arqueou as sobrancelhas.

— Sério?

— Você não achou que eles iam manter os animais do zoológico aqui

sozinhos, né?

— Sei lá... não pensei muito nisso. Mas por que você sabe tanto? Você trabalha aqui em segredo, ou o quê?

Dei de ombros, sustentando o seu olhar. Rimos juntos, enquanto nos movíamos naquele ritmo lento e desengonçado. Se percebeu o meu plano secreto, Alana decidiu fingir que não, pois não tocou no assunto.

— Eu vinha bastante com o meu melhor amigo — expliquei, olhando por cima do ombro para descobrir o quanto ainda faltava. — E, sim, depois que a reserva fechou.

— Me fez matar aula... agora tá querendo me convencer a me embrenhar na selva proibida... Martin, acho que você é uma má influência! — Alana exclamou, com um sorriso maravilhoso.

Fiquei sem ar por alguns segundos, impossibilitado de desviar o olhar um milímetro que fosse.

— E você só percebeu isso agora? — indaguei, sentindo o calcanhar tocar na grade. — Vou perguntar mais uma vez: você quer ou não? Pode falar a verdade.

Alana esticou o pescoço para o lado, os olhos passeando pela grade em busca da nossa passagem. E então, depois de poucos segundos, se empertigou, empregando mais força nos dedos.

— É aqui?

— Aham. Me responde, vai.

— Vamos precisar andar muito? — perguntou, e os olhos foram parar na própria perna. No mesmo instante, as bochechas ganharam um rosado intenso.

Neguei com a cabeça, deslizando os polegares sobre as costas de suas mãos com suavidade. Se eu não conseguia expressar com palavras, queria mostrar por gestos que ela podia confiar em mim. Caralho, como podia. Eu ousava afirmar que era uma das poucas pessoas no mundo com esse privilégio.

— Acho que você não tá confortável em... — comecei, mas Alana me interrompeu:

— Não. Não é isso. — ela suspirou com pesar. — É que... sei lá. Depois do acidente, meti na minha cabeça que eu nunca mais ia poder viver grandes aventuras. Até ir na praia, que é uma coisa que eu sempre amei, não é garantido. Nem mesmo andar era uma certeza. E, mesmo depois de todos

esses meses, ainda não retomei minha vida por completo. Isso é... assustador pra caralho.

— Eu imagino. Ou acho que imagino. Mas se você não tiver preparada, a gente pode voltar outro dia. Não tem problema mesmo. Não quero te pressionar. Só quero... — minha voz se perdeu dentro de mim. Desviei o olhar para os meus próprios sapatos, pigarreando até encontrar forças para continuar. — Tá. Não quero te assustar nem nada. Mas aquele dia que a gente matou aula juntos foi... foda. Pra mim, pelo menos. Gostei muito de te conhecer melhor. Só queria... repetir isso?

Alana não respondeu de imediato.

Conta até três.

Espera um pouco.

Para de ser carente.

Mas não deu para suportar nem mais um segundo. Desesperado por um sinal de como ela tinha absorvido as minhas palavras, ergui o olhar, buscando-a. E, para a minha surpresa, me deparei com seu sorriso abobalhado.

— Por que pensou que ia me assustar?

— Às vezes acho que sou muito carente — dei de ombros.

— E quem não é, né? — ela soltou o ar dos pulmões. — Vamos entrar, vai. Tô curiosa pra saber o que você andou maquinando — Mal ameacei soltar suas mãos para poder abrir a grade e Alana se adiantou em pedir: — Só não me solta. É meio difícil andar em terrenos acidentados. Vou precisar da sua ajuda pra não cair. E se um macaco vier morder a gente, te jogo na minha frente.

— Pode deixar — respondi, segurando-a como se dependesse disso para viver.

Meu coração estava descompassado dentro do peito. Eu o sentia pulsar no corpo todo. Era como se tivesse se deslocado da caixa torácica e agora batesse desgovernado por toda parte — na garganta, na barriga, nas pernas... Nem mesmo embriagado eu me sentia tão vivo como quando perto de Alana. Era surreal o que ela fazia comigo. E, além de surreal, era assustador que outra pessoa pudesse arrancar meu coração do eixo. Eu parecia prestes a vomitá-lo.

Afastei a grade e pulei para dentro da reserva primeiro. Só então consegui manter a passagem aberta para que Alana pudesse passar sem

difficuldade. E, só para me certificar de que nada aconteceria, a segurei pelos antebraços, trazendo-a para mim como se fosse envolvê-la em um abraço. Não que eu não quisesse (Deus sabia que eu queria e muito), mas a bagunça em meu interior era gigantesca. Com a melancolia eu sabia como lidar, mas aquilo... aquilo era esmagador demais, arrebatador demais. Eu não fazia a mais remota ideia de como agir.

Nos embrenhamos pelas árvores. O começo foi mais difícil — as raízes altas e muito próximas umas das outras despejou um mar de culpa em mim. O esforço de Alana era visível e, por isso, mesmo sem que ela pedisse, fiz o possível para ajudar. Alana era obstinada e, apesar da dificuldade, não abriu a boca para reclamar. Em meus pensamentos, tudo o que fiz foi torcer para que valesse a pena e eu não tivesse estragado tudo.

No entanto, assim que atingimos a estradinha de paralelepípedos, tudo ficou muito mais fácil. Seguimos de mãos dadas, mas Alana já conseguia se virar sozinha. E dava para notar o quanto isso a deixava mais à vontade. Até a expressão tinha suavizado.

As árvores eram tão juntas que projetavam uma luz esverdeada e melancólica na alameda. O silêncio era, na verdade, um arranjo complexo. O chiar das cigarras se unia ao gorjear dos pássaros e ao sopro suave e constante do vento, abafando qualquer resquício dos sons da cidade. Vez ou outra, o som dos macacos nos alcançavam e, sem perceber, Alana aumentava um pouco mais o aperto em minha mão. Eu precisava morder o lado de dentro da bochecha para não deixar transparecer o sorriso bobo cismando em surgir. Só por estar com ela. Só por estar ali.

Era por isso que eu amava a reserva. Era o meu esconderijo secreto. A paz era tão grande, tão esmagadora, que não restava espaço para mais nada. Era como abrir uma fenda que me levasse para outra dimensão, onde as coisas ficavam mais fáceis e mais leves. Existir era mais fácil.

Poucos metros à frente, avistei a rampa de madeira que fazia parte do nosso destino final. Soltei um suspiro, sendo bombardeado com memórias que pareciam distantes demais, pertencentes a outras vidas. Quando algum professor faltava no colégio antigo, era pra lá que Gustavo e eu íamos. Comprávamos uma garrafa de vodca no mercado, agindo como se já fôssemos maiores de idade, e uma coca cola de dois litros, que ficava quente e intragável durante a tarde.

De vez em quando eu me pegava pensando nele. Se estava se saindo

bem na faculdade. Se tinha arrumado um novo amigo para me substituir (com certeza deveria). Se às vezes também era bombardeado pelas lembranças de tantos anos juntos. Tínhamos estudado no mesmo colégio a vida toda, uns dos poucos que permaneceram lá até o final. Além do mais, sempre foi muito fácil me entender com ele. Afinal, Gustavo não era um garoto de muitas perguntas. O que era bom, porque eu também não costumava dar respostas.

Lembrar dele me deixava com um gosto amargo na boca. Eu me senti um pouco idiota por ter me afastado de uma das poucas pessoas que se importaram comigo na vida. Mas, de toda forma, eu sabia que era o melhor para ele. Gustavo já tinha me aturado uma vida inteira. Eu não queria atrapalhar nessa nova etapa da sua vida, onde não parecia haver mais espaço para mim.

Pigarreei, me forçando a voltar para o presente. Alana não conseguia esconder a tensão. Estava rígida feito pedra e se movia de um jeito quase mecânico. Ergui nossas mãos no ar, apontando para frente.

— A gente sobe ali.

Seus olhos seguiram na direção que indiquei com curiosidade. A observei enquanto Alana buscava o que quer que nos tivesse levado para dentro da reserva abandonada. A rampa de troncos em ziguezague dava para o patamar a alguns metros do chão, onde uma cabana de madeira se escondia à sombra da copa de uma árvore gameleira. A estrutura tinha sido construída pouco antes de a reserva florestal ser fechada. Era para ser mais uma das inúmeras atividades que costumavam ter ali. Lá de cima, era possível ver as cordas de rapel se perdendo entre as árvores, até o centro da reserva, onde havia um lago enorme com pedalinhos em formato de cisnes — e que ainda continuavam lá, dando um aspecto fantasmagórico para o lugar.

— Tô começando a achar que a mochila é pra esconder o meu corpo, mesmo — brincou Alana, sem conseguir o nervosismo de suas palavras. — Se você for um *serial killer* e eu for uma das vítimas, todo mundo vai ficar se perguntando como fui tão burra de vir aqui com você.

— Pode ficar tranquila, ninguém vai te achar burra. Todo mundo sabe que psicopatas são muito persuasivos — dei de ombros, guiando-a pelo caminho.

Alana se apoiou no corrimão de madeira, mas não me soltou, como eu temi que faria. Subimos em silêncio, em um ritmo lento, quase preguiçoso. E só ao alcançarmos a cabana que ela pareceu relaxar um pouco mais,

começando a entender a beleza da coisa toda.

— Que lugar é esse? — perguntou, escorando-se no cercado de troncos partidos no meio e projetando o corpo para frente de um jeito um pouco alarmante.

Só para me certificar de que seus pais não precisariam me perseguir até o inferno, parei ao lado dela, imitando seus movimentos. A vista era uma das melhores partes. Dali de cima, dava para ver um pedacinho do rio refletindo os raios solares, e até mesmo o cais onde os barcos de cisne ficavam. Para qualquer direção que se olhasse, só se via um verde denso, de texturas e tonalidades diversas. O clima ali dentro era mais úmido do que do lado de fora, de modo que estar vestindo um moletom já não me incomodava tanto.

— Era uma estação de rapel — aponte para as cordas atravessando as folhagens. — Mas a reserva fechou antes.

— Nem chegou a inaugurar? — ela perguntou, me espiando pelo canto dos olhos.

Dei de ombros.

— Juro que não sou um especialista. Sei só um pouquinho mais que você.

Alana assentiu, se afastando da cerca poucos centímetros e abraçando o próprio tronco.

— Então você e o seu amigo vinham aqui... no meio do nada... e passavam um tempo juntos? — suas sobrancelhas se arquearam.

— Aham. Só íamos embora quando tava começando a escurecer. — Enterrei os dedos no cabelo, jogando minha franja sobre os olhos. — Não deve ser muito legal passar a noite aqui, né. Eu pelo menos nunca tive a menor curiosidade — dei uma risada baixinha, mas ela não acompanhou. Em vez disso, me lançou um breve olhar difícil de decifrar.

— Você é bem esquisito, Martin.

— Nunca escondi isso de você — brinquei, começando a ficar alarmado com a possibilidade de ela ter odiado o lugar. — Vem cá — pedi, estendendo a mão em sua direção. Alana não pensou duas vezes antes de entrelaçar os dedos nos meus.

Segui com ela até a cabana e empurrei a porta entreaberta, revelando o interior vazio. Inclinei o tronco para frente, indicando o lado de dentro com o braço, como se, em vez de uma cabana vazia, fosse um palácio, ou sei lá.

Alana entrou na brincadeira e fez uma leve mesura, com uma expressão dramática em seu rosto. Esperei que ela passasse e entrei logo depois, fechando a porta atrás de nós.

Pelas duas janelas, a luz pálida infiltrava as vigas, colorindo-as com a mesma tonalidade esverdeada do resto da reserva. O silêncio ali era quase tangível, se é que isso fazia sentido. Era poderoso a ponto de conseguir ecoar dentro da minha cabeça. Sorvi o ar puro da natureza, deslizando a mochila para fora dos ombros.

— Acho que esse deve ser o único lugar do mundo em que não me sinto sozinho — expliquei, abrindo a mochila para procurar pelo cobertor. — O que é irônico, né. Não tem uma alma viva aqui. Mas é meio que a magia da coisa.

Alana me olhou com curiosidade, deslizando a ponta dos dedos pelas vigas enquanto se acostumava com o lugar. Eu mal conseguia acreditar que estava ali com ela. Quero dizer... com a Alana! A menina mais bonita da cidade inteira. E que, por mais difícil de acreditar que fosse, enxergava alguma coisa em mim.

— Você se sente seguro aqui — sua voz ecoou em cada centímetro da cabana. Não foi uma pergunta.

Estalei a língua no céu da boca, pensando a respeito, enquanto esticava o cobertor no chão com o máximo de zelo que podia. Quando ia ali com Gustavo, a gente nem se dava ao trabalho. No entanto, a situação era bem diferente agora. Eu queria que fosse perfeito. *Precisava* que fosse perfeito.

Senti o rosto esquentar e me virei de costas para ela, fingindo alisar a superfície da coberta.

— Essa paz... é tudo o que eu preciso e não tenho em casa. — expliquei. — Aqui o máximo que pode me acontecer é topar com um macaco. E ele só vai querer comida, de toda forma. Já em casa... deixa pra lá. Fora que olha só essa energia! É tudo tão quieto, tão acolhedor. Sabia que alguns estudos provam que se conectar com a natureza é benéfico pra saúde?

— Sério?

— Sério — cruzei os braços em frente ao peito, virando para encará-la outra vez. — Eu nunca mais vim aqui depois que... que... — engoli em seco, sem conseguir contar. Ainda não era a hora. Se eu falasse, se ela visse quão podre eu era por dentro, talvez fugisse mais cedo do que eu gostaria. —

Ahn, eu nunca mais vim aqui. E acabei de perceber que isso me fez falta. Vir aqui é como recarregar a energia. Preciso disso pra continuar tendo forças.

Alana abriu um sorrisinho, sem se dar conta de que enrolava uma mecha de cabelo há uns bons minutos.

— Hum... e você resolveu abrir as portas do seu esconderijo secreto pra eu poder recarregar as minhas também?

— Acho que sim? — pigarreei, raspando o pé no chão. — E também porque queria passar um tempo com você, independente do lugar — a segunda parte saiu em um resquício de voz que me deixou com o rosto quente pela segunda vez.

Alana desviou o olhar para os próprios pés, e me senti um pouco melhor por não ser o único a estar vermelho.

Ajoelhei no cobertor, buscando a mochila para terminar de tirar as coisas. Tinha vários pacotes de salgadinho, balas de goma, barras de chocolate e pacotinhos de amendoim torrados. Além, é claro, de refrigerante e uma garrafa de vodca. Mas eu desconfiava que a vodca seria só para mim.

Quando terminei de espalhar tudo pela coberta, me deparei com Alana me encarando com um olhar divertido e surpreso. Ela se sentou de frente para mim com um pouco de dificuldade, pegando um pacote de bala e abrindo sem rodeio.

— Só comida saudável, hein — brincou, atirando uma dentadura de gelatina para a boca. Não consegui desviar a atenção dos seus lábios nem por um segundo.

— O que posso dizer? Sou um exemplo de pessoa.

— Tô vendo — Alana girou a garrafa de vodca entre os dedos, mas, para a minha surpresa, um brilho intenso surgiu em seus olhos. — Aliás, você comprou Coca pra beber com vodca? Todo mundo sabe que Sprite é bem melhor.

— Hum... então alguém aqui também gosta de fazer coisa errada — mordi o lábio inferior, tentando parar de sorrir feito um idiota. Mas parecia impossível. — Agora fiquei surpreso. Quem diria que esse rostinho inocente esconderia uma meliante?

Alana tombou a cabeça para trás, gargalhando. O som de sua risada aqueceu meu peito e se espalhou pelo corpo, me deixando com uma sensação de bem-estar que eu não estava acostumado.

— Beber escondido dos pais é meio que um ritual de passagem pela

adolescência — brincou, mastigando outra bala. — Se você não faz isso, não pode dizer que foi adolescente.

— Uau, é pior do que eu imaginava! — fingi estar boquiaberto, o que só arrancou outra gargalhada dela.

— O senhor não pode dizer nada, tá? Eu acho que uma das coisas que faz você gostar de algo é o fato de ser proibido.

Foi a minha vez de rir.

— Adoro a imagem que você tem de mim — respondi, erguendo as mãos no ar em rendição.

— Talvez seja uma das coisas que eu mais gosto em você — apesar do tom ser de brincadeira, suas bochechas coradas a traíram. — Mas enfim. Antes do acidente, beber nas festas do pessoal da escola me deixava superculpada.

— Certinha demais pra isso?

— Não, bobo — Apesar de revirar os olhos, ela sorria. — Era porque a Naomi pegava muito no meu pé. Dizia que bebida era a ruína de uma modelo, que dava celulite, engordava e mais um monte de coisa.

Notei uma pontada de tristeza em seu olhar. Alana traçou círculos no cobertor, com a cabeça muito longe dali.

— Não sei quem é Naomi, mas não parece ser uma pessoa muito legal. Por que você dava ouvido pra ela, mesmo?

— Porque ela era a dona da agência de modelo que eu trabalhava. Ninguém importava mais no meu mundo do que ela — Alana soltou uma risada triste. — Eu não comia nada que tinha vontade. Só agora que tô conseguindo me libertar disso. Sabe como é, né... já tenho uma perna faltando. O que são algumas celulites na fila do pão?

Sem pensar muito, me apoiei nos braços para me aproximar dela, parando ao seu lado. Alana estremeceu inteira quando eu estiquei a mão para tomar o pacote de bala esquecido em seu colo. E sua reação desencadeou um terremoto de emoções em mim. Me vi suando frio, imaginando uma infinidade de coisas perigosíssimas.

Agora não.

Agora não, cacete.

Ela vai te achar um tarado nojento se perceber... merda.

— Por que... — minha voz saiu bastante rouca. Precisei pigarrear para continuar. — Por que você sempre fala assim de si mesma?

— Assim como? — Alana olhou em minha direção.

— Como se tivesse faltando alguma coisa. Como se você tivesse quebrada, ou sei lá.

— Porque eu tô, Martin! — seu tom foi um pouco rude, mas não me importei. Era um assunto delicado, eu sabia melhor que ninguém o quanto doía cutucar feridas. — Eu era inteira antes. Mas agora falta uma parte de mim, não importa o que as pessoas digam.

— Você não é um objeto pra quebrar. Não no sentido literal. — Virei o saco de jujuba na boca, deixando várias escorregarem para dentro. Alana deu uma risadinha consternada. — Estar quebrada por dentro eu até entendo, mas por fora não — concluí, de boca cheia.

Alana enrolou o cabelo em um movimento automático e, em poucos segundos, tinha feito o nó no topo da cabeça. Lamentei por isso. Ela ficava linda de todo jeito, mas tinha algo de especial no seu cabelo que me deixava louco.

— Eu sei que você tá tentando ajudar, só que *não é* verdade. Eu sei disso. Antes eu tinha muito orgulho das minhas pernas. O tamanho delas, o formato... só usava roupa curta. Minhas pernas eram pra mim o mesmo que o seu sorriso é pra você.

Só percebi que sorria quando seus olhos se iluminaram ao me encarar.

— Quem disse que meu sorriso é a parte favorita do meu corpo? — provoquei, sem conseguir voltar a ficar sério. E por que eu ficaria, de toda forma?

— Só um louco não gostaria de ter um sorriso desses — Alana explicou, dando de ombros. — Enfim. Depois do acidente eu fiquei incompleta. — Abri a boca para responder, mas ela apontou o dedo em riste para mim. — Não adianta torcer o nariz. *Eu sou*. E tá tudo bem. Já me conformei com isso. Antes eu daria tudo pra ter morrido no acidente, mas hoje já não é assim. Não é a vida ideal, mas a raiva foi embora.

— Espero que um dia você ouça suas próprias palavras e perceba sozinha o tamanho da besteira que tá falando — encolhi os ombros, ignorando a carranca que ela fez. — Eu sei que deve ser foda. E que você tá sofrendo. Não quero diminuir a sua dor, tá? Mas não acho que falte um pedaço em você. Tem tanta gente que é “inteiro”, mas podre por dentro. Tanta gente que tem tudo e, ao mesmo tempo, nada. Mas você tem. Você é foda. Só não percebeu isso ainda.

Ela abriu um sorriso tímido e abraçou os próprios joelhos.

— Você falou igual o meu pai agora. Só que ele me conhece a vida inteira. Como você pode ter tanta certeza que eu sou foda?

Tamborilei os dedos sobre minhas coxas, fugindo do seu olhar inquisitivo.

— Sei lá. Sempre tive facilidade em sentir a *vibe* das pessoas. E quase nunca me engano.

— Tipo um sexto sentido?

— Tipo isso.

— E você teve uma boa sensação sobre mim? — Alana parece surpresa.

— Hum... — cocei a nuca, sem conseguir evitar o sorriso sem graça. — Na verdade, não. Tive uma impressão bem errada.

O queixo dela caiu. Seu rosto enrubesceu enquanto ela batia com o ombro no meu.

— Sério??? Como assim?

Abri o lacre da garrafa de vodca, fugindo um pouco da resposta. Eu já tinha decidido contar para ela desde o dia em que nos aproximamos, mas não sabia ao certo o que esperar da reação dela.

— Só conto se você prometer que não fica brava.

— Claro que não vou prometer isso! — ela arfou, indignada. — Vai que é um ótimo motivo pra eu ficar brava?

— Tá. Então fica brava. Mas foi antes da gente se conhecer de verdade, então não vale muito — concluí, dando um gole direto da garrafa. A bebida desceu queimando enquanto eu contorcia a cara sem parar.

— Gente, que tipo de louco toma isso puro? — ela riu, divertida, enquanto abria a garrafa de refrigerante e servia o copo térmico que eu tinha levado.

— O tipo de louco que precisa de coragem — brinquei, secando a boca com o antebraço. — Bom, vamos lá... ano passado eu tava andando no centro e passei numa padaria. E lá dentro tinha uma família brigando. Na verdade, só a filha tava brigando. E meio que a cidade inteira tinha parado pra ver, inclusive eu.

A cor se esvaiu do rosto de Alana. Ela mordeu o lábio inferior, arregalando os olhos que já eram enormes.

— Meu Deus.

— Pois é. Você tava muito puta. E eu não fazia ideia do que tinha acontecido, né. Até porque não tenho clarividência — ela riu do meu último comentário. — Daí achei que você era uma mimadinha e que devia estar reclamando de qualquer coisa sem importância.

— Tipo o quê?

— *Ai, pai, você não entendeu. Eu pre-ci-so de um celular novo porque esse aqui com três meses de uso já tá muito velho pra mim, é um suicídio social* — forcei uma voz fininha, tentando imitá-la.

A risada de Alana foi tão alta que eu tive a sensação que todo mundo na cidade pôde escutar. Me peguei rindo junto, mais dela do que da piada.

— Caramba, Martin. Que coisa feia. Julgando as pessoas sem saber nada delas, hein?

— Que posso dizer? É o *modus operandi* de qualquer ser humano que se preze.



*Quando não estou feliz, eu estou numa desgraça
Então passarei meu tempo sentindo falta de você
The Kooooks – The junk of the heart*

Sem dizer uma palavra, Alana tomou a garrafa de vodca da minha mão, levando o gargalo aos lábios, que se entreabriram de uma maneira desconcertante. Esfreguei o rosto, tentando manter o mínimo de controle, mas caramba, ficava cada vez mais difícil.

Ela pigarreou alto, me sobressaltando. Ergui o rosto e me deparei com seu rosto inteiro corado. Sustentamos o olhar por poucos segundos antes de cairmos na risada.

— É, acho que a coca vai ser bem-vinda — resmungou, entre tossidas.

A observei terminar de preparar nossa bebida e fiquei boquiaberto demais para pensar em alguma coisa para falar. A verdade é que a visão da padaria tinha ficado muito mais enraizada do que eu gostaria de imaginar. Criei essa Alana certinha, perfeitinha e meio entediante que não condizia com a realidade. E, quanto mais eu descobria da Alana de verdade, mais gostava dela.

— Você ainda mantém contato com esse seu amigo? — perguntou de

repente, dando um gole no copo térmico. Dessa vez seu rosto não ficou vermelho.

— Que amigo? — perguntei, distraído.

— Você disse que vinha aqui com o seu melhor amigo — Alana olhou ao redor.

— Ah. O Gustavo — tamborilei os dedos nas ripas de madeira do chão. — É... não. E nem sei muito bem por quê.

Alana arqueou as sobrancelhas, sem disfarçar o interesse.

— Como assim?

— É que... aconteceu uma coisa muito, ahn... *séria* na minha vida — comecei e, instintivamente, tomei o copo de suas mãos, dando uma golada longa. — E depois disso, não consegui mais encarar ele. É meio idiota, mas sei lá, cara. Só aconteceu. Percebi que tinha uma distância muito grande entre nós. Uma distância que acho que sempre esteve lá, mas eu nunca tinha visto de verdade. E depois que vi, não tinha mais como ignorar.

Os olhos dela tinham ganhado um brilho tristonho. Mais tinha algo além. Ela parecia entender.

— Vocês nunca mais se falaram? — sua voz saiu em um sussurro.

— Ele tentou pra caralho. De todas as formas. E eu me esquivei sempre. Quanto mais o tempo passou, mais vergonha eu tinha por tudo que tava acontecendo — bati com as mãos nas pernas, sendo atingido em cheio por um misto de culpa e raiva de mim mesmo. — E daí ele foi parando de insistir, até que nunca mais me procurou. Eu não posso nem ficar puto, porque foi eu que pedi isso. É foda. Agora ele tá em outro momento da vida dele, não quero ser um atraso, entende?

Alana estalou a língua no céu da boca enquanto brincava com uma farpa de madeira do chão.

— Eu queria poder dizer que é besteira. Que você tá se sabotando e tudo mais. Só que seria hipocrisia. Eu entendo isso muito bem.

— Ah, é?

Ela deu de ombros.

— Eu tinha um namorado antes do acidente. Quer dizer... não era. Mas era. Sei lá, é meio complicado.

Ah.

Então vamos mesmo falar sobre o Ken humano.

Que ótimo.

Abri um sorriso amarelo, esperando por mais.

— Ele foi me visitar no hospital. Todos os dias. E, tipo... eu nunca deixei ele entrar pra me ver — Alana apertou os lábios em uma linha fina. — Nem tinha motivo pra isso. Ele mandava mensagens o tempo todo, me apoiando, me pedindo pra não me afastar. Mas, caramba... não tinha como. É como você falou. De repente, me dei conta do abismo enorme entre nós. Não parecia mais certo.

Expirei o ar dos pulmões, irritado por nem conseguir ficar com raiva da história. Era uma merda me identificar tanto com aquela garota, mas, ao mesmo tempo, sermos de mundo tão distintos.

Pensei no namoradinho dela tentando se aproximar e ser um cara incrível e blá, blá, blá. E depois pensei em mim há poucos meses, tentando evitar me aproximar só para não arrumar mais problemas.

Como se ela fosse um problema.

Meu Deus, eu era mesmo um babaca de merda.

O Ken humano era um cara bem melhor que eu, isso era óbvio.

— Você terminou com ele? — acabei perguntando, sem aguentar nem mais um segundo daquela angústia.

— Não — respondeu, negando com a cabeça para se fazer entender.

Que merda...?

Meu estômago gelou.

— Então vocês ainda namoram?! — indaguei, chocado.

— Não, Martin. Você *não tá* entendendo. Eu não terminei com ele porque eu nunca mais *falei* com ele. Não consigo. O abismo só cresce mais e mais. Não vejo como me reaproximar poderia ser bom pra nós dois.

Fisquei o lábio inferior.

Eu não queria me sentir feliz por isso. Mas meio que me senti. Sinceramente? Foda-se. Eu estava feliz para caralho! Que susto essa menina tinha me dado.

— Mas... você quer se reaproximar? — arrisquei, temendo a resposta.

— Não. Não agora e não desse jeito também. Ele foi importante pra mim, mas isso tudo me fez perceber que eu não *gostava* dele de verdade. Eu só tava acomodada com a minha vida e... sei lá. É difícil explicar.

Um silêncio esquisito se expandiu pela cabana de madeira, comprimindo o ar. Tentei buscar seu olhar, mas Alana fugiu de mim, mirando em qualquer lugar que não meu rosto.

— E você? — sua voz saiu em um fiapo.

— Eu o quê?

— Já... gostou de alguém desse jeito?

De você.

Porra, só você.

Baguncei meu cabelo, jogando a franja sobre os olhos só para ganhar tempo.

— N-não — resmunguei, tateando os bolsos à procura dos cigarros.

— Nunca namorou? Ou... teve um rolo?

Algo sem eu tom de voz me fez ligar a defensiva. Como se fosse chocante demais eu nunca ter me envolvido com alguém. Como isso só reforçasse o quanto eu era um esquisito que não me encaixava em lugar nenhum.

— Não, Alana. Nunca — acabei soando um pouco rude e me odiei por isso no mesmo instante. — Foi mal. É que... não, tá?

— Calma. Eu só fiquei surpresa.

— *Surpresa?* — soltei uma risadinha atônita. — E daí que eu nunca me envolvi com ninguém? É uma competição, por acaso?

— Não precisa ficar bravo. Nem na defensiva. Minha surpresa não foi nesse sentido, seu trouxa.

Entreabri os lábios, sem esconder a surpresa em meu rosto.

Trouxa, é?

E, antes que pudesse entender direito o que estava acontecendo, me peguei sorrindo. Porque presenciar Alana ficando brava era... interessante. Para cacete.

— Eu tenho dezoito anos. E tava ocupado com outras coisas. Tipo meus problemas e tudo mais. Foi uma opção minha — comecei a me justificar, com o tom bem mais leve que antes.

— Tá. Não tem problema. Não é nenhuma competição, senhor esquentadinho. Só fiquei surpresa porque... — Alana encolheu os ombros, abraçando o próprio tronco e criando uma barreira que nos separava. — Hum... você não é nada mal. Já te disse. Ainda mais quando sorri.

Neguei com a cabeça, abrindo um sorriso incrédulo.

— Que mentira deslavada. Nem foi por isso. Para de tentar me enganar.

— É sério — as bochechas de Alana enrubesceram. — E seu estilo

também é interessante. Todo de preto, essas calças rasgadas... muitas meninas curtem.

— Que papo é esse? — encarei seus olhos, rindo baixinho.

Ela desviou os olhos verdes de mim e mirou para as comidas espalhadas pelo cobertor.

— Tô falando o que eu acho. Vai de você se quer acreditar ou não — concluiu.

Me demorei alguns minutos observando seu rosto. Memorizando os detalhes delicados e lindos. Namorando sua boca. Querendo, com todas as forças, cobrir seus lábios com os meus e sentir sua respiração em mim.

Um calor intenso se espalhou pelo meu corpo e, de repente, tive vontade de arrancar o moletom. Foi como estar no meio do deserto, inteiro coberto, sentindo a vertigem característica da pressão caindo. Mas... por mais bizarro que fosse, era bom.

Umedeci os lábios, sem conseguir desviar da boca dela.

O que você tá fazendo, porra???

Para com isso.

Vai assustar a garota.

Ela já deve te achar um lunático, carente e inseguro. Não piora tudo.

Alana ergueu o rosto e me pegou no flagra. Seus olhos captaram para onde os meus miravam e, em uma fração de segundo, uma tensão tangível nos acorrentou. Fiquei bem consciente de cada pedacinho do meu corpo. Senti como se correntes elétricas se espalhassem, deixando choques em pontos aleatórios que desencadeavam calafrios intensos.

A atmosfera ficou rarefeita. Foi impossível encontrar o ar. Comecei a sufocar e, ironicamente, a única solução parecia estar na boca linda e corada da menina à minha frente.

Além do mais, ela parecia tão hipnotizada quanto eu. Parecia esperar uma reação. Caralho. Eu só podia estar ficando louco e entendendo tudo errado. Qual a chance de uma menina como ela se interessar em alguém tão ferrado quanto eu?

Em movimentos quase imperceptíveis de tão lentos, Alana se inclinou em minha direção.

Isso não tá acontecendo.

Não pode estar acontecendo.

Merda. Ela quer mesmo me beijar?

Eu... não sei se... ah, merda.

Ao contrário do que imaginei, não fiquei feliz ao constatar isso. Não fui tomado por euforia, por excitação. Não aproveitei a deixa para fazer a única coisa que rodopiava em meus pensamentos de maneira insistente nos últimos dias. Meu desejo mais profundo e pulsante. Não.

Nenhuma das sensações boas me atingiu. Em vez disso, uma corrente de pânico subiu de fininho pelos meus tornozelos, prendendo a circulação, fazendo tudo arder e queimar pelo caminho. E depois subiu para o tronco, os braços, os ombros, tudo. Eu já não podia me mover. Não podia tampouco respirar. Até mesmo meus dedos ficaram rígidos, doloridos, impossibilitados do menor movimento que fosse.

Eu queria, queria tanto. Queria mais do que já desejei alguma coisa um dia. Era incompreensível, para mim, o tamanho do meu sentimento por ela. Mas estava lá. Eu não podia ignorar. E, mesmo assim, não consegui mover um músculo. Tudo virou pedra. Pesado, desajeitado.

Mais que isso, comecei a me sentir sujo. Errado. Como eu poderia beijar aquela garota? Como poderia tocá-la? E como isso podia dar certo, para começo de conversa?

E... além do mais, será que eu conseguiria lidar com a imensidão dos sentimentos me afogando aos pouquinhos? Será que sobreviveria a maneira como meu coração ia parar na garganta e o estômago se deslocava, chacoalhando tudo o que tinha nele?

Eu não sabia.

Não sabia. Não tinha como saber.

Era assustador demais. Eu não fazia ideia de como agir. Não fazia ideia de como me proteger em uma situação como aquela.

Alana não merecia alguém que surtava só com a perspectiva de estar com ela. Pelo contrário, ela merecia alguém como o Ken humano. Que a impulsionasse para a direção certa, para a luz. E eu era feito de trevas. Tudo em mim era escuridão e dor e medo.

Comecei a tremer de levinho e, assustado demais com a bagunça que o simples inclinar dela tinha causado em mim, fiz a única coisa que não deveria. Tomei impulso com os braços e levantei, me afastando dela o máximo que pude. Como se fugisse de um animal peçonhento, ou sei lá. Andando de ré, só parei quando senti minhas costas chocarem na parede. A pele do meu rosto formigava. Quis acender o cigarro (eu precisava muito),

mas não consegui desviar dos seus olhos. Não consegui deixar escapar o tamanho da dor que enxerguei através deles.

Ela tinha ficado tão decepcionada.

Tão puta comigo.

Por mais que tentasse esconder, erguendo o queixo para cima e tentando forjar uma expressão arrogante. A dor estava lá. E eu conhecia bem demais esse método de defesa.

Alana olhou para as pernas e depois voltou a me encarar, desconcertada, humilhada. E era tudo culpa minha. Eu fazia tudo errado. Queria a menina mais que tudo e, quando mais precisava ter vencido o meu medo, dei um fora nela. Mesmo sem querer.

— De-desculpa. Eu só...

Mas ela não estava mais olhando para mim. Em vez disso, sacou o celular do bolso e se refugiou nele, colocando esse muro enorme e impenetrável entre nós. Fiquei alguns minutos perdido em meus próprios pensamentos, enquanto observava os sinais alarmantes do seu corpo. As costas rígidas, tensas. O maxilar travado. O tique nervoso na ponta do pé direito, que não parava de bater no chão de madeira, criando uma melodia abafada de cadência rápida.

Não sei precisar quanto tempo passamos assim, em dois universos diferentes. Tão perto e tão longe. Uma realidade tão discrepante de minutos atrás. A única coisa que eu soube, quando seus olhos voltaram a encontrar os meus, é que eu tinha ferrado com tudo.

Para variar.

Parabéns, Martin.



Eu tinha ferrado com tudo mesmo.

Tipo, muito. E eu nem sabia muito bem por quê. Quero dizer, sabia um pouco. Depois do quase beijo em que eu fiz questão de fugir como um animalzinho assustado, nosso dia foi um fiasco. Ficamos na cabana por mais algumas horas, conversando e devorando o monte de porcaria que eu levei. Mas não do jeito natural e delicioso de antes e sim de uma forma mecânica e

muito incômoda. Como se tivéssemos atuando. Como se tudo não passasse de um grande espetáculo.

Alana e eu tínhamos levado tanto tempo para romper a barreira que nos separava e então bastou um único dia para que voltássemos à estaca zero. Ou talvez tivéssemos regredido mais ainda. Não sei. Eu só queria poder voltar no tempo e corrigir o que quer que tivesse acontecido.

O caminho de volta para o prédio dela foi desengonçado. Fazíamos o possível para que não nos tocássemos e, com isso, nossos movimentos viraram uma espécie de dança sincronizada. Alana se despediu sem me olhar nos olhos e, enquanto eu marchava de volta para casa me odiando por nunca ter coragem o bastante para fazer as coisas que eu mais precisava, senti o celular vibrar no bolso da calça.

Era uma mensagem dela.

E, por mais patético que fosse admitir isso, senti vontade de chorar ao terminar de ler.

pfvr, prefiro q vc não passe mais aqui antes da aula, tá?

valeu

Mordi o lábio inferior, desesperado. Se eu soubesse que tudo ia rolar ladeira abaixo daquele jeito, jamais teria levado Alana para passar um tempo comigo. Ia esperar para encontrá-la de novo na escola, onde tudo era seguro. Onde eu não corria o risco de amarelar diante de um beijo.

Que merda.

Por que eu não conseguia ser a porra de um adolescente normal?

O problema é que foi muito pior do que eu imaginava. Pensei que talvez depois de um dia ou dois, ficasse mais fácil me reaproximar dela. Eu queria que as coisas entre nós voltassem a progredir. Ainda mais agora que eu sabia que ela correspondia mesmo aos meus sentimentos. Não se tratava de um delírio meu. Tinha ficado bem claro.

No entanto, Alana não parecia tão disposta a facilitar. E, droga, era tão frustrante. Tão... cruel. Eu sentava atrás dela, sentia o cheiro de shampoo que vinha dos cabelos soltos e precisava me segurar pra não enterrar o rosto neles e inspirar profundamente.

Ah, tá. Como se eu tivesse coragem de fazer uma loucura dessas.

Se começava a chutar a cadeira dela sem perceber, recebia olhares fulminantes que me faziam ficar acuado na minha, em um looping de culpa e raiva por ser tão burro. A primeira vez que alguma coisa boa começava a acontecer na minha vida e eu não conseguia fazer dar certo.

Quando dava o sinal do intervalo, eu corria para o estacionamento, esperando que ela aparecesse e tudo ficasse mais fácil. Só que ela não ia, justamente porque sabia que eu estaria lá.

E, nessa tortura, a semana se arrastou. Quando dei por mim, já era sábado de novo e eu não sabia se aguentaria passar o final de semana inteiro dentro da minha cabeça, parecendo um maluco obcecado que não conseguia pensar em mais nada.

Não tive energia nem mesmo para aceitar as provocações de Geraldo. Me desliguei, repassando sem parar os acontecimentos na reserva florestal. Por que eu não tinha conseguido beijar aquela garota linda? Por que eu tinha tanto medo? Por que era tão difícil ser como as outras pessoas, mesmo quando eu dava tudo de mim para isso?

Na segunda-feira, quando cheguei na escola e fui recebido pelo seu olhar que passava o aviso categórico para eu me manter bem longe dela, não consegui suportar. Pode parecer meio babaca dizer isso, mas não consegui mesmo. Estava me enlouquecendo. Eu só queria entender por que ela tinha se afastado tanto. Por que minha covardia tinha a magoado daquela forma.

E, sem pensar direito no que estava fazendo, juntei minhas coisas quando o sinal de troca de aulas ressoou e saí dali. Meus pés se embolavam pelos degraus, sem conseguir acompanhar a velocidade com que eu me afastava daquela sala de merda.

Meu primeiro pensamento foi ir embora do colégio. Parar em um boteco qualquer. Encher a cara. Sei lá. Não importava. Eu só não queria estar ali nem mais um segundo.

Mas então meus olhos foram parar no estacionamento e tive uma ideia.

Espiando por cima dos ombros para me certificar de que ninguém estava de olho em mim, segui para o meu esconderijo secreto, atrás do último carro, onde me sentei e acendi um cigarro logo em seguida.

Paciência nunca foi uma das minhas virtudes, por isso peguei um livro de dentro da mochila para passar o tempo. Me distraí o suficiente para pular de susto ao ouvir o portão sendo aberto. Em estado de alerta, fechei o

livro cuidadosamente, apurando os ouvidos para descobrir se estava encrencado.

Guardei o livro na mochila enquanto ouvia o cascalho sendo esmagado com passos inconstantes. No entanto, quem quer que estivesse ali tinha arriscado apenas dois ou três passos e então parado. Fiquei esperando, o coração na garganta, enquanto decidia se deveria me arriscar para espiar sobre o capô do carro e descobrir se era Alana.

Tem que ser.

Por favor, seja.

Ah, foda-se. Não vou aguentar.

Chutei a mochila para o cantinho e me esgueirei pelo carro, fazendo o possível para me manter escondido. Pela janela do passageiro, vislumbrei o brilho dourado do cabelo cor de centeio de Alana e, por mais patético que fosse admitir isso, cada músculo do meu corpo relaxou. Senti como se entrasse em um banho quente. A água escorria pela pele, acalmando, abrandando. Curti uns segundos desse deleite, tomando coragem para confrontá-la.

Se ela estava ali justamente quando achava que eu tinha ido embora... e se ela tinha evitado o esconderijo durante a semana anterior, só podia significar que ela se importava o suficiente comigo para se manter longe.

Ninguém evita uma pessoa que não fede nem cheira.

Se ela estava magoada, era porque se importava comigo.

E, ironicamente, a constatação me deixou feliz. Tudo bem que era uma merda aquele clima entre nós. Mas eu podia corrigir. Sentia que podia. Porque, caramba, ela se importava comigo. Isso já era alguma coisa.

Munido de uma energia acentuada que se expandiu por todo o meu corpo, levantei em um pulo e marchei em sua direção. Alana se achava recostada na parede, distraída com alguma coisa em seu celular. Ao ouvir meus passos agressivos no cascalho, ela só teve tempo de erguer o rosto antes que eu a encurralasse.

Usei meus braços para cercá-la, apoiando as mãos na parede em suas costas, um de cada lado do seu corpo. Nossos narizes estavam a poucos milímetros de distância. Bastava que eu me inclinasse um pouco para que as pontas roçassem uma na outra.

Foi tão rápido que até mesmo eu precisei de alguns segundos para absorver aquela proximidade e compreender o que eu tinha acabado de fazer.

Mas, paradoxalmente, foi também devagar o suficiente para que eu tivesse chance de estudar tudo com calma. Parecia um filme em câmera lenta. Alana se enrijeceu inteira, encarando meus braços a rodeando. Seus lábios entreabriram em surpresa e choque. Ela fez menção em me afastar, sua expressão gritava que me queria longe dela, mas o corpo, em compensação, dizia o oposto. Ela não conseguiu mover um único músculo para longe de mim. Em vez disso, notei seu peito subindo e descendo em intervalos cada vez menores, assim como as lufadas mornas vindo de encontro ao meu rosto. Queria sorver o ar de sua boca. Queria resolver tudo, voltando o tempo e fazendo as coisas diferentes na merda daquela cabana. Mas eu não podia. Por isso, me ouvi perguntando:

— O que eu fiz de errado pra você ter ficado tão brava comigo? — minha voz saiu mais como um rosnado falho e muito, muito baixo. Mas foi o suficiente para que ela ouvisse, pois Alana desviou o olhar, mirando em direção aos nossos pés muito próximos.

Ela abriu e fechou a boca três vezes, porém se limitou a negar com a cabeça, parecendo cansada só de pensar no assunto. Travei o maxilar com força, mergulhando em frustração e impotência.

— Por favor — pedi, mas ela nem mesmo me encarou.

Sem pensar direito, levei meus dedos ao seu queixo e ergui seu rosto com suavidade. Alana não fez nada para impedir. Seus olhos verdes e cristalinos encontraram os meus com um misto de orgulho ferido e uma mágoa tão intensa que me atingiu em cheio. Meu peito comprimiu.

— E-eu sei que fiz bosta. E sei que tem a ver com... aquele dia. Merda. — soltei o ar dos pulmões, perdido, exausto. — Eu sou assim. Ferro as coisas o tempo todo. Só quis que aquele dia fosse incrível, mas, de algum jeito, consegui foder com tudo. E eu quero saber... sei lá. Por que você ficou tão chateada comigo? Por que você tá me afastando? Foi alguma coisa que eu falei?

Alana soltou uma risada perplexa, esfregando o rosto com impaciência.

— Isso é tão humilhante... — ela fispou o lábio inferior, mas não desviou o olhar. — Que mais você quer fazer, Martin? Contar pra todo mundo?

— Quê? — pisquei os olhos, atordado. — Claro que não. Do que você tá falando?

— Olha, eu não quero... eu não posso... — começou, mas sua voz morreu no ar no mesmo instante em que mordeu meu lábio inferior com força, tentando aliviar a angústia de alguma forma.

— Só conversa comigo, por favor. Depois, se você quiser, eu nunca mais falo um *a* pra você. Prometo te deixar em paz, tá? Mas... eu só preciso entender. Porque tava tudo indo tão bem, e...

Dessa vez Alana deixou escapar uma risada, me interrompendo. Foi mordaz, machucou tanto quanto um tapa.

— Você quer me ouvir falar, é isso? — Seu queixo tremeu com violência, ao passo em que os olhos encheram de lágrimas. — Vai alimentar o seu ego? Ah, Martin... te julguei tão mal.

Segurei a ponte do nariz, descendo as pálpebras para tentar colocar os pensamentos no lugar.

— A única coisa que eu consigo pensar foi que rolou a-*alguma* coisa... *eu acho* que rolou, pelo menos — estalei a língua no céu da boca, com ódio de mim mesmo por ser tão burro. Por que eu não conseguia entender os sinais que ela estava me passando? Por que não era fácil entender e resolver? Argh, isso estava consumindo as minhas forças. — E por algum motivo eu... eu... não importa, Alana. Só não consigo *acreditar* que o único motivo de você ter me cortado de vez da sua vida foi aquilo. Quero dizer... olha só pra mim! Você não tá perdendo muita coisa, pra começo de conversa.

Alana empurrou meu peito com as duas mãos, contorcendo o rosto em uma careta de dor que foi de partir o coração. Lágrimas explodiram dos seus olhos, em uma vazão intensa que levou poucos segundos para ensopar suas bochechas.

— É, Martin! — cuspiu, cheia de raiva. — Olha só para você! E depois olha pra mim, porra! Eu fiquei com vergonha, tá bom? Não sabia como agir depois daquilo, que merda.

Ela tentou secar o rosto com o ombro, mas foi inútil. Seus olhos transbordavam e parecia ter muito a ser colocado para fora. Quis abraçar aquela garota irritante e complicada. Quis confortá-la. Mas ainda não era o momento, eu sabia disso.

Primeiro ela precisava se livrar do que estava entalado.

— Vergonha? — perguntei por fim, só para que ela continuasse falando. Eu queria entender. — Por que vergonha? Eu que tinha que ficar com vergonha. Fui eu quem arregou, feito a porcaria de um covarde.

— É claro que você arregou!!! — Alana bateu com as mãos nas pernas, fervendo de ira. O simples fato de estarmos frente à frente parecia uma afronta para ela. — Quem não arregaria?

Neguei com a cabeça, sentindo meu coração se partir em mil pedacinhos minúsculos.

— Não tô entendendo, Alana. Não tô mesmo.

Ela parou com a mão direita em frente aos lábios, parecendo prestes a se entregar a um choro compulsivo.

— Eu entendi tudo errado. Tipo, tudo errado. Achei que... pensei... sei lá. Parecia que tinha alguma coisa acontecendo entre nós — Abri a boca para refutar, mas ela pressionou o dedo indicador em meus lábios e eu precisei concentrar todas as minhas forças em não desmoronar. — Você queria saber, não queria? Então me deixa falar! Eu achei que você gostasse de mim. Que você enxergasse além do que eu sou por fora. Mas você não tem essa obrigação, Martin. Ninguém tem. E eu não sei porque fui me esquecer disso. É *óbvio* que você não me quer. Eu sou repugnante, eu tô quebrada, lembra?

— Você não tá quebrad...

— Cala a boca, Martin! Por favor! Não tenta melhorar as coisas porque só piora.

Encolhi os ombros, tão frustrado por ela não enxergar o que realmente se passava em minha cabeça. Quero dizer, não podia ser mais distante de como eu me sentia sobre a situação. Nunca foi sobre Alana. Sobre sua deficiência.

Era sobre mim.

Sobre minha incapacidade de ser a porra de uma pessoa normal. Um adolescente normal. Apaixonado. Se entregando a outra pessoa.

O problema era que eu não tinha como me entregar. Era difícil demais. Doloroso demais. Minha alma estava fragmentada e qualquer coisinha que eu interpretasse errado poderia desencadear uma avalanche de sofrimento e dor que não afetaria só a mim. Essa era a pior parte.

Eu sabia que cada vez que ela me tocasse, era nas mãos de Geraldo que eu pensaria. E no quanto eram sujas, asquerosas. Sabia que cada vez que meu corpo reagisse ao tesão do caralho que eu sentia por aquela garota, eu seria atingido por uma onda de culpa. De remorso. Porque minha sexualidade me parecia tão errada. Tão inadequada.

Como oferecer algo assim para ela?

Eu não tinha nada para oferecer. E ela tinha tudo. Essa era a merda do problema.

— É por isso que eu tive que me afastar — Alana enterrou as mãos nos cabelos. — Depois daquele dia eu entendi a verdade e me senti meio ridícula por ter me iludido tanto. E por ter ficado tão claro que eu tô... a fim de você. Seria constrangedor continuar fingindo que nada demais tinha acontecido. E, não, Martin. Você não fez nada de errado. Ninguém é obrigado a gostar de outra pessoa. Ainda mais quando a outra pessoa é incompl...

Não consegui terminar de ouvir.

Não dava.

Eu sentia raiva cada vez que ela falava assim dela mesma. Porque até podia ser a maneira que ela se enxergava, mas não refletia em nada a visão que eu tinha dela.

Foi demais para mim.

Antes que Alana pudesse terminar de falar toda aquela porcaria sem sentido, fiz a única coisa que passou em minha cabeça para calar a boca dela. E, em um impulso de coragem, segurei seu rosto com as duas mãos e empurrei meu tronco para frente, chocando nossos lábios.

Por um segundo que abrigou uma eternidade, tudo saiu do eixo. Meus pensamentos silenciaram. Toda a dor se dissipou do meu corpo. A força comprimindo meu coração até resumi-lo a um caroço de azeitona sumiu.

E foi assim que eu soube que era o certo a fazer.



*Expire, para que eu possa te respirar
Segurar você dentro de mim
E agora, sei que você sempre esteve aqui
Fora de si, fora de mim
Foo Fighters – Everlong*

Martin afastou o
rosto
pouquíssimos
milímetros. A

ponta do nariz roçava no meu, de modo que eu podia sentir sua respiração em minha boca. Mas foram seus olhos que ganharam a minha atenção. Arregalados, deixando transparecer o susto e a hesitação que ele sentia, como janelas escancaradas para a sua alma. Era um clichê, eu sabia, mas dane-se. Era exatamente isso. Me perdi na imensidão de suas írises quase negras, e só então eu entendi. Não tinha nada a ver comigo, nada a ver com a minha deficiência, nada a ver com a minha insegurança e a maneira como eu me enxergava. Nenhuma das minhas queixas, nenhuma das questões que me mantiveram acordadas durante todos aqueles dias desde o nosso encontro na reserva florestal.

Era ele.

Só ele.

Martin estava apavorado. Eu podia sentir seu medo me envolvendo

em um abraço apertado demais para que eu conseguisse respirar. Um a um, senti meus músculos paralisarem, dando uma palhinha de como ele se sentia em relação a mim. Se eu estava assustada, se eu tinha passado dias maquinando por que ele recuou quando eu mais quis que me beijasse, agora eu entendia. Era porque suas inseguranças eram mil vezes maiores. Era porque ele se sentia muito menos.

Quero dizer... ele tinha acabado de me calar com um beijo. Literalmente me calar com um beijo. O que eu mais ansiei. A coisa que mais me arrancou o sono. E, antes mesmo que eu pudesse dar vasão a todo o sentimento entalado em minha garganta, se afastou. O medo em seus olhos era de ter atravessado uma barreira. A porcaria da barreira que eu estava contando os dias, as horas e os segundos para ele atravessar.

Sem pensar suas vezes, avancei de fininho. Seus olhos me buscavam ainda mais para dentro, como um ímã me puxando com toda a sua força, sem que eu pudesse fazer nada. E eu *não queria* fazer nada. Nada além de mostrar para ele o quanto era idiota em não perceber o tamanho dos meus sentimentos.

Meu Deus, Martin!!!

Você só pode ser cego!

Agarrei a gola de seu moletom e o puxei para mim enquanto terminava de percorrer a distância entre nossas bocas outra vez. A colisão foi um pouco mais forte do que eu planejava e nos arrancou um gemido. Em meio a risadinhas baixas de uma só nota, descí as pálpebras, me permitindo aproveitar cada uma das sensações. O seu cheiro de âmbar e pimenta que me embebedava aos poucos e fazia com que eu saísse de mim. A pele macia da sua boca, e quente como brasa, fazia meus lábios formigarem e arderem, tudo ao mesmo tempo, de tanta vontade que eu sentia dele. Senti seu peito no meu e o leve tremor em seus dedos que me seguravam no rosto.

Martin soltou a respiração em uma espécie de rosnado baixinho e aproveitei a deixa para aprofundar o beijo. Entreabri os lábios, buscando o gosto de sua boca, que se misturou ao salgado das minhas lágrimas. Nossas línguas se entrelaçaram. A princípio em uma dança lenta, sem a menor pressa, de quem ainda estava se conhecendo. E então, sem conseguir segurar mais nem um segundo o impulso que se alastrava dentro de mim como ondas elétricas, busquei mais e mais de Martin. Aumentei a cadência dos meus movimentos, tentando saciar aquele sentimento devastador que me pedia por

mais, sem nunca se dar por vencido.

Meu descontrole pareceu despertar um sentimento visceral nele, pois Martin deu um passo à frente, colando cada centímetro do corpo no meu. Contrastando com o gesto cheio de segurança, os dedos da mão tremiam intensamente. Era impossível não perceber. Me peguei sorrindo no beijo. Eu era tão importante assim para ele? Era esse o tamanho do seu sentimento? Porque o meu era até difícil de entender. Eu nem sabia se queria. A única coisa que sabia era que queria me perder naquele beijo, naquele toque, naquele cheiro. Me perder em Martin e nunca mais me encontrar outra vez.

Soltei a gola do seu moletom e levei as mãos direto ao seu rosto. Só deu tempo de sentir a maciez do toque de sua pele antes que Martin algemasse meus pulsos delicadamente e, com um movimento quase preguiçoso de tão lento, me afastasse dele.

— Você entendeu tudo errado mesmo — sussurrou, contra a minha boca, antes de voltar a me beijar como se o mundo fosse acabar dali a pouquíssimos minutos. — *Tudo errado.*

Murmurei palavras ininteligíveis, que soaram mais como um suspiro longo e cheio de prazer. Martin me soltou e envolveu seus braços em minha cintura, me forçando a desencostar da parede e, conseqüentemente, me aconchegar ainda mais em seu corpo.

Pela segunda vez, tentei tocar nele. Não era culpa minha. Eu queria que cada pedacinho de mim estivesse em contato com Martin. Queria descobrir os seus braços, os ombros, o pescoço. Queria beijar o pomo de adão proeminente. Queria morder o queixo, a orelha... meu deus. Eu estava ficando louca.

Assim que meus dedos alcançaram seu peitoral, Martin enrijeceu inteiro, mas não de um jeito bom. Pelo contrário, parecia em alerta. E, como da primeira vez, se apressou em me afastar delicadamente, parecendo fazer o possível para que eu nem ao menos percebesse.

Mas eu percebi. E era um pouco frustrante não poder tocar nele como eu gostaria (e como ele fazia comigo, ainda que com nervosismo). Tentei mis algumas vezes, sem nenhum sucesso. Em todas, Martin tratou de entrelaçar os dedos nos meus e aprofundar ainda mais o beijo, até que meus pensamentos silenciaram e eu esqueci até mesmo o meu nome. Só existia Martin. O seu cheiro. Seu gosto. Sua intensidade.

Voltando a segurar o meu rosto com as duas mãos, ele encerrou o

beijo com uma sucessão de selinhos. Senti meus lábios inchados, mas ainda assim parecia pouco. Eu nem ao menos conseguia explicar essa vontade tão grande de outra pessoa. Quero dizer... meu Deus. Nós estávamos no estacionamento dos professores, no meio do intervalo. Se alguém nos pegasse... eu não queria nem pensar a respeito. Não tinha tempo pra isso. Só conseguia pensar no tempo que eu tinha com Martin e no quanto queria aproveitar o máximo que pudesse, porque só isso me faria aguentar a espera angustiante para o dia seguinte, quando eu desceria correndo só para encontrá-lo recostado na parede, o sorriso mais lindo do mundo no rosto.

— Você é linda — ele sussurrou, ainda de olhos fechados, os lábios roçando no meu. Seu hálito morno roçou em minha boca, deixando meus pelinhos da nuca todos em pé. — Não, eu não te vi sem a prótese. E sinceramente? Foda-se. Não importa, Alana. De verdade. Você é linda e ponto. Não existe um *mas*.

— Martin... — resmunguei, sem conseguir deixar de me perder em seu rosto.

Era um pouco bizarro ficar de olhos abertos naquele quase beijo, mas ele era tão bonito. Tinha sardas discretas no nariz, que eram imperceptíveis de longe. Só davam para ver assim, bem de pertinho. E os cílios eram enormes e muito pretos, assim como os cabelos. Como se ele usasse cílios postiços, ou sei lá. Eu não conseguia parar. Não dava.

— Foi angustiante não falar com você todos esses dias — ele continuou, alheio a maneira como eu o engolia com os olhos. — Eu só conseguia pensar se tinha feito alguma burrada, porque isso é basicamente a única coisa que faço direito... eu afasto as pessoas. Estrago tudo.

— Não é verdade... — sussurrei, e ele me calou com um beijo dolorosamente doce.

— Eu tava com medo. Ainda tô, na real — Seu queixo tremeu com certa violência e Martin fisgou o lábio por alguns segundos, tentando dominar o choro. — O foda é que... nem sei explicar direito essa bagunça. É medo de não ser suficiente. E medo do tanto que gosto de você em tão pouco tempo, cara. Medo de não conseguir... me livrar desse monte de merda aqui dentro. Medo de não te deixar se aproximar, porque se você enxergar como eu sou de verdade, você vai correr, Alana. Eu sou assustador pra caralho.

— Shhhh... — pedi, roçando os lábios no dele. — Para de falar assim. Você não é assustador.

— Você não sabe. Não tem nem ideia — Martin roçou os polegares levemente pelas maçãs do meu rosto. E, contra a minha vontade, me vi descendo as pálpebras e apenas sentindo sua pele áspera deixando um rastro de calor por onde passava. — E-eu não sabia que você sentia a mesma coisa por mim. Não sabia mesmo.

Soltei o ar dos pulmões, rindo com o quanto esse menino era cego.

— Como, Martin? — sussurrei. — Olha só pra mim... tô literalmente nas suas mãos.

— Eu achei que fosse coisa da minha cabeça. — disse, negando com a cabeça. — Não achei que uma menina como você tivesse olhos pra alguém como eu...

— Como você...? — engoli em seco, o coração ficando pequenininho diante do quanto ele estava quebrado por dentro. Muito mais do que eu imaginava. — Você quer dizer... sensível, né? E carinhoso. E o dono do sorriso mais lindo que eu já vi na vida. Além de inteligente. Estudioso... nossa, tenho uma lista de qualidades na ponta da língua.

Martin não pareceu se abalar com as minhas palavras. Na verdade, foi como se não tivesse prestado atenção nelas. Entraram por um ouvido e saíram pelo outro.

— Não, Alana. Eu sou uma bagunça. Todo errado. — ele soltou um longo suspiro. — Até uns dias atrás não tinha nem como me comunicar com você fora da escola. Olha pra mim. Eu me machuco, encho a cara antes das sete da manhã. Tudo isso pra conseguir continuar. Preciso dessas muletas.

— Eu também preciso das minhas próprias muletas — respondi, erguendo as mãos para segurar seu rosto, assim como ele fazia comigo. — Nada disso importa pra mim, Martin. Do mesmo jeito que você diz que não se importa com a minha deficiência.

Ele tirou minhas mãos do seu rosto, como eu já esperava que fizesse, e deixou um beijo em cada uma.

— Não importa. Mesmo.

— Eu sei — assenti, deixando escapar outra lágrima. — Acredito em você. Só... acredita em mim também.

Ele abriu a boca para responder, porém a fechou outra vez quando o sinal indicando o final do intervalo reverberou por toda a escola. Não movi um músculo do lugar. Mamãe ficaria de cabelo em pé se sonhasse que eu estava matando aula pela segunda vez (ainda mais para ficar com um

menino). Mas, mesmo sabendo que era errado, que a gente podia fazer isso depois da aula, eu não conseguia sair dos seus braços. Não queria me livrar do peso do seu corpo contra o meu. Ainda não. Fora que... não ia fazer mal matar aula, né? Eu sempre fui tão exemplar. Me dava o direito de sair da linha uma vez na vida. Ou duas, no caso.

O zumbido de muitas pessoas conversando, rindo, brincando e correndo pelo pátio ficou cada vez mais baixo, até simplesmente cessar, dando lugar a um silêncio confortável. Era possível ouvir a respiração suave de Martin, assim como o canto alegre dos pássaros e o farfalhar das árvores ao redor do colégio.

— Aquele dia... eu brinquei que você tava com ciúme de mim. E, hum... você ficou meio ultrajada. Sei lá — ele engoliu em seco, enfim abrindo os olhos e me flagrando vidrada nele. — Foi a confirmação de que eu era muito pouco pra você.

Revirei os olhos, soltando uma risadinha exasperada.

— Ah, Martin... — suspirei, massageando as têmporas — Sinto muito. Eu... afasto as pessoas que mais quero por perto. A ferida ainda tá muito recente. Eu nunca senti o peso da insegurança e não sei muito bem como lidar com isso. — recostei minha testa na dele, torcendo para que não me afastasse. — Tudo que eu mais queria era você, mas acho que fiquei assustada com a sua brincadeira. Me senti exposta. E... não sabia que isso ia te afetar tanto.

Ele fechou os olhos, assentindo sem parar. Como se absorvesse aos poucos o significado das minhas palavras.

— Então você tava com ciúme, mesmo? — perguntou de repente, com um sorriso levado nascendo nos lábios.

Caímos juntos na risada. E talvez um pouco alto demais, considerando que estávamos do lado da secretaria. Como se tivesse acabado de lhe ocorrer a mesma coisa, Martin olhou para os lados, preocupado, e então me guiou de costas em direção ao seu esconderijo secreto, atrás do último carro.

Antes que eu conseguisse compreender o que estava acontecendo, Martin enlaçou minha cintura e me arrastou para o chão com ele, me sentando em seu colo de lado. Suas mãos tinham voltado a tremer e seu peito passou a subir e descer em uma cadência mais rápida, traindo a calma quase impenetrável com que ele percorria meu rosto com o olhar.

— Tem dias que a única coisa que me dá força pra levantar da cama é saber que vou te ver — sussurrou, em um fiapo de voz, enquanto roçava os lábios de levinho nos meus.

Fui assolada por uma onda de calafrios intensos que desciam pela espinha e se espalhavam pelas extremidades do meu corpo. Nada disso parecia real. Estar com Martin, daquele jeito... e a maneira como ele parecia nervoso e entregue na mesma medida que eu. Meu deus, eu não sabia que era possível sentir tantas coisas de uma só vez, e tão intensamente.

Inspirei profundamente, querendo que seu cheiro ficasse cravado em mim, torcendo para que minha memória pudesse fazer jus ao quanto ele era cheiroso a noite, na hora de dormir.

— Nunca me senti assim antes... — admiti, me aconchegando ainda mais em seus braços.

Martin respondeu aumentando a força com que me abraçava. Senti como se meus ossos fossem se partir, mas de um jeito bom. Era como se ele não ousasse me soltar um pouquinho que fosse, temendo que o encanto fosse passar. Era exatamente assim que eu me sentia. Tinha medo de que tudo não passasse de um sonho. Se bem que eu duvidava bastante que minha mente fosse capaz de despertar essa confusão deliciosa dentro de mim.

— Eu também não — falou por fim, roçando a ponta do nariz no meu, em um afago suave. — Nunca me senti tão bem... tão vivo.

— Por incrível que pareça, eu também não — admiti, pouco mais alto que um sussurro. — Achei que fosse a pessoa mais feliz, mais sortuda..., mas deixei meus sentimentos congelados todos esses anos, com a desculpa que um dia eu ia viajar pra longe. Não podia me apegar a ninguém.

Martin esticou o braço, afagando a minha bochecha com as costas da mão. Seus olhos eram duas fendas, abertas o mínimo possível, apenas o suficiente para me ver.

— Não ria de mim... — sua voz estava ainda mais rouca que o normal. — Mas tô com medo disso aqui ser algum delírio.

— Ou sonho... — provoquei, com um sorriso no rosto.

— Mas eu não durmo pra poder sonhar — ele entrou na brincadeira. Agora a mão subia e descia levemente pelas minhas costas, deixando um rastro de fogo por onde passava. — E já li em algum lugar que depois de muito tempo sem dormir, a gente começa a delirar. Como se tivesse sonhando acordado.

— Sonhando acordado — repeti, pensando a respeito. — É. Acho que também tô sonhando acordada, então.

Martin abriu seu sorriso maravilhoso, que dominava cada pedacinho do seu rosto, transformando-o. Era incrível o quanto sua carranca de sempre desaparecia e ele virava um menino. Os olhos iluminavam, as bochechas faziam uma dobra delicada, pareciam macias. Eu queria beliscar para testar.

— Sonhando comigo, é?

Abri a boca para responder, mas, em vez disso, preferi mostrar com gestos. Cobri sua boca com a minha e engoli seu gemido baixinho. Fiz o possível para não tocar nele como eu estava morrendo de vontade, porque já tinha percebido o seu desconforto. Mas, caramba, como era difícil. Eu queria enfiar as mãos por dentro do moletom, e quem sabe até da camiseta, só para sentir sua pele. Queria deixar rastros de calor nele, assim como ele fazia comigo.

Martin sugou minha língua, soltando outro gemido baixo, e me desmanchei em seu colo. Foi como se meu corpo derretesse. Os músculos amoleceram e eu me senti uma boneca de pano enorme em seu colo. Sem conseguir controlar minha vontade, desci os dedos por suas costas, devagarinho, sentindo a rigidez de seus músculos por baixo do moletom.

Durou muito pouco. Logo ele me afastou pelos pulsos, e continuou me segurando, para impedir que eu tentasse outra vez. Bom, foi o que imaginei. Mas, passados alguns minutos, Martin ergueu minha mão direita, sem nenhuma pressa, em direção ao seu peito, guiando-a em direção ao pescoço e depois ao rosto. Foi a minha vez de suspirar contra a sua boca. Roci o polegar em sua bochecha, conferindo se era mesmo macia como parecia, e soltei uma risada baixinha ao constatar que sim.

— Que foi? — perguntou, divertido.

— Tava morrendo de vontade de te tocar — me ouvi dizendo, com o coração acelerado de vergonha.

— Eu sei. Tô tentando agir como uma pessoa normal — brincou, voltando a me beijar em seguida, mas consegui sentir uma pontada de tristeza em sua voz.

— Não quero uma pessoa normal, bobinho — falei, encostando a testa na dele. — Quero você.

Era um pouco assustador dizer essas coisas para ele. Não por não serem verdade. Eram. No entanto, isso se parecia mais com algo que a Alana

do passado faria. A Alana que eu era agora era muito insegura e tinha muito medo de ser rejeitada. Mas, ao mesmo tempo, por mais irônico que fosse, eu me sentia à vontade para mostrar a Martin que estávamos no mesmo barco. E que era assustador para os dois, na mesma medida. Do mesmo jeito que ele me dizia que eu era bonita pra tentar me convencer disso, eu também queria mostrar pra ele que a visão que tinha de si mesmo não era realista.

Concordando com a cabeça, ele buscou a minha boca. Foi um beijo calmo. Senti sua respiração pesada e quente em meu lábio superior, ao passo em que Martin entrelaçava sua língua a minha. Seus dedos já não tremiam tanto. Ele parecia se soltar timidamente. O que só fazia com que eu me soltasse ainda mais. Agora que eu conhecia a sensação de estar com ele, que sabia o gosto do seu beijo, nada mais no mundo parecia ser tão bom. Eu queria mais. Queria tudo que Martin tinha para me oferecer. E queria me entregar por inteiro também. Entregar meu coração em suas mãos porque no fundo eu sabia que meu coração já era dele.

Martin guiou minha mão esquerda para dentro do seu moletom, ouvindo o meu desejo mais íntimo. Sobre o tecido fino da camiseta que vestia por baixo, experimentei a rigidez de sua barriga. A princípio, ele ficou inteiro rígido e esquisito. Sem perceber, afastou os lábios alguns milímetros, parecendo usar todas as suas forças para não voltar a me afastar.

E, por isso mesmo, fui o mais delicada que pude. Não apressei as coisas. Balancei o pulso até seus dedos se soltarem e, com a mão livre, descii bem devagarinho até encontrar a bainha de sua camiseta.

— Alana... — gemeu, baixinho, lamentando.

— Fica calmo — pedi, embora meu coração batucasse freneticamente na garganta e o estômago desse cambalhotas. — Eu só vou...

Mas nunca cheguei a terminar a frase. Em vez disso, percorri a pele quente de sua barriga com as costas da mão. Senti alguns pelos grossos embaixo do umbigo e engoli em seco, sentindo uma vontade dolorosa que nunca tinha experimentado antes. Conforme eu subia e me afastava do cóis de sua calça, mais ele parecia relaxar. Engoli em seco. O garoto deslocando o eixo da minha vida e deixando tudo de cabeça para baixo estava ferido demais. Muito mais que eu, que tinha perdido tudo. E tudo o que eu mais queria era entender. Entender e arrumar mil e um motivos para ver seu sorriso largo que me fascinava.

Desviei a mão para o lado e senti o seu mamilo em minha pele. Fechei

os olhos, esperando que essa fosse a deixa para que Martin enfim me afastasse. No entanto, quando alguns segundos passaram sem que ele se movesse, continuei subindo a mão e descobrindo um pouco mais dele.

— Hmmm... o que você tá fazendo? — suspirou, perto do meu ouvido.

Estremeci inteira em seu colo e arranquei outro gemidinho baixo de Martin, que, sem dizer mais nada, subiu a mão pelas minhas costas, segurando a minha nuca com força.

— Conhecendo você — expliquei, sentindo a pele áspera de sua mão arranhar a pele sensível da nuca.

Ele deu uma risada baixa.

— Não, eu sei. — sussurrou em minha orelha. Senti cada palavra. — Quero dizer... *o que* você tá fazendo comigo? Tipo, aqui dentro.

— Ah — engoli um gemido quando ele deixou alguns beijinhos tímidos no lóbulo. — Também não sei o que você faz comigo. Mas não importa. Só continua, por favor.

Martin deu uma risadinha baixa na minha orelha que me fez contorcer de novo em seu colo. Senti a ponta de seu nariz roçar em meu pescoço e levei alguns segundos para me dar conta de que era de propósito. Ele já nem estava mais ligando para a minha mão em sua pele febril. E, por isso, tomei a liberdade de cravar as unhas perto do ombro e descer pelo braço, até onde consegui alcançar por dentro da roupa.

Não sei quanto tempo passou enquanto nos beijávamos. Talvez horas, talvez vidas inteiras. Mas sei que, apesar dos lábios formigando, eu não conseguia parar. Cada toque novo, cada carinho, cada risadinha cheia de cumplicidade no meio do beijo arrancava o chão dos meus pés e me deixava em queda livre. Eu não queria ter que voltar para casa. Não queria ter que fazer mais nada além de ficar ali, em seus braços.

Martin ergueu a perna esquerda da minha calça, deixando a prótese à mostra. Me senti esquisita para caramba e meu primeiro impulso foi descer o tecido outra vez, mas não parecia justo com ele. Afinal, ele tinha vencido a barreira e me deixado explorar seu corpo com as mãos. Por isso, comecei a fingir outra vez que se tratava de uma legging, ou sei lá. E, depois de um tempo, já não parecia mais que eu era diferente das outras pessoas. Ele fazia parecer que não, pelo menos.

Foi só quando o sinal do colégio soou outra vez que parecemos

acordar para a realidade. Trocamos um olhar divertido e Martin enterrou os dedos nos meus cabelos, penteando-os até o fim.

— A gente tem mais uma aula. Depois é melhor sair daqui ou estamos encrencados.

— Eu meio que já tô encrencada — dei de ombros, recostando a cabeça em seu peito e ouvindo o compasso suave do seu coração. — Deixei minhas coisas na sala. Em cima da mesa. E o meu lugar não é muito difícil de notar.

Ele riu com prazer, me ajeitando em seu colo.

— Nenhum professor vai te ferrar, você sabe. Eles tão querendo aliviar pro seu lado.

— Então vou me aproveitar disso um pouco — brinquei, e então me afastei alguns centímetros para olhar em seus olhos, quando me ocorreu uma coisa. — A gente tem a próxima aula livre...

— Aham... — ele abriu um sorriso malicioso. Mordi o lábio inferior, adorando o brilho em seu olhar.

— Eu queria muito saber mais sobre você — sua expressão endureceu no mesmo segundo e, por isso, me adiantei em tentar aliviar o clima: — Porque até agora a única coisa que sei é que é um badboy que gosta de ler.

Pareceu funcionar. Os cantinhos da sua boca viraram para cima.

— Um badboy?

— Roupas pretas: check. Cigarros e bebidas: check. Briga na escola: check. Desvirtuar a mocinha: check. E, por fim, desrespeito pelo colégio: check.

Dessa vez ele gargalhou. E então cobriu a boca, olhando para os lados com a expressão culpada.

— Você é ridícula — disse, revirando os olhos. Ri dele, cutucando suas costelas como troco. — E, pra sua informação, sempre fui um ótimo aluno.

— Não me surpreende. Você é bem inteligente e estudioso. Já vi sua apostila.

— Andou xeretando minhas coisas, Alana? — perguntou, se fingindo de ofendido, mas o brilho satisfeito no olhar o traiu.

Dei de ombros, pestanejando.

— Tava curiosa pra saber mais sobre você. Aliás, se você já foi um ótimo aluno, por que não é mais?

— Sei lá... — a voz dele falhou. Martin precisou pigarrear e desviar os olhos de mim para continuar. — Acho que desisti.

Esperei que ele voltasse a me encarar, mas os segundos se transformaram em minutos e isso não aconteceu. Na verdade, ele foi se fechando cada vez mais, sem nem parecer se dar conta. A postura endureceu, assim como a expressão, e Martin ficou alguns anos mais velho. Então, quando achei que não podia piorar, suas mãos vieram parar na minha cintura e ele me deslizou para fora do seu colo, mantendo apenas as minhas pernas sobre as suas. Abri a boca para protestar, mas me contive quando ele puxou o capuz sobre a cabeça.

Ele precisa disso.

Fica calma.

Não tem nada a ver com você.

Ele só tá... muito quebrado.

— Como assim desistiu? — acabei perguntando, sem conseguir me aguentar por mais nem um segundo. — Desistiu da escola?

Martin encolheu os ombros, puxando as mangas da blusa e encaixando os dedos nos buraquinhos que ele fazia nas laterais de praticamente todas as peças de roupas.

— De tudo.



*Você diz que eu sou paranoico
Mas eu tenho certeza que o mundo quer me pegar
Não é como se eu escolhesse
Deixar minha mente ficar essa porra de bagunça
Linkin Park – Heavy*

Tudo o quê? —
indaguei, unindo as
sobrancelhas. A cada
segundo, gostava

menos do rumo da nossa conversa.

Meu coração, tão leve há poucos minutos, de repente pareceu feito de chumbo. Pesava em meu peito e machucava a cada batida, como se tivesse arestas afiadas, ou espinhos. Enfim. Fiquei tão perplexa com a mudança drástica que senti que, de repente, Martin passou a falar grego. Eu não entendia uma só palavra.

Mas ele se limitou a negar com a cabeça, traçando desenhos invisíveis pela minha prótese. Seus dedos de unhas roídas se demoravam pela superfície de glitter, com uma calma desconcertante. E o pouco que eu conseguia ver de sua expressão me desarmou por completo. Martin quase parecia sentir adoração por mim. Do jeitinho que eu era.

Ainda que, por dentro, eu me sentisse incompleta.

— Ei — chamei, esticando a mão para tocar na sua. Ele não se

esquivou. Pelo contrário: a girou para cima, entrelaçando os nossos dedos. — Conversa comigo. Não precisa me falar nada da sua vida, se não quiser. Mas fala comigo, por favor. E-eu... não sei. Fico nervosa quando você se afasta desse jeito. Queria saber o que tá pensando.

Recostando a cabeça na parede atrás de nós, Martin segurou a ponte do nariz, expirando o ar dos pulmões. O maxilar trancado não combinava com o afago suave que ele deixava nas costas da minha mão. Quis, mais que nunca, compreendê-lo. Poder ajudar de alguma forma.

Era frustrante querer ajudar e não fazer a menor ideia de como.

— Desisti da minha vida — murmurou, a voz saindo trêmula. — Em todos esses anos, só me enganei que um dia fosse ter um final feliz. Que tinha esperança pra mim. Mas não tem, Alana. Algumas pessoas não têm essa sorte, é sério — cada palavra saiu carregada de raiva. E havia muita. Era contagiante. Meu coração disparou, machucando-me ainda mais com suas arestas pontiagudas e seu peso enorme. — Eu também fiquei afastado da escola ano passado, igual você. Mais ou menos na mesma época em que você sofreu o acidente, eu acho. E depois disso caí na real que tava tudo acabado. Não é questão de se eu vou ou não acabar com tudo. É questão de *quando* vou fazer isso. Quanto tempo vou conseguir suportar além do que já aguentei até agora.

Abri e fechei os lábios três vezes, sem conseguir assimilar suas palavras. Igual quando minha mãe me deu a notícia que mudou a minha vida. Meu cérebro se recusou a processar as informações. Só me dei conta que apertava sua mão com muita força quando senti meus próprios dedos ardendo.

Pensei em mim mesma, logo que voltei para casa, ainda na cadeira de rodas. Na madrugada em que acordei com os meus pais brigando. No momento em que fui para a sacada e pensei em dar um ponto final à minha história. Foi só um pensamento. Durou uma fração de segundo. Foi convidativo, até. Dar um basta para a dor insuportável, esmagadora.

Fisquei o lábio inferior, sem conseguir acreditar. Sem querer acreditar. A pontada que senti nas entranhas foi intensa e me fez retorcer o rosto em dor.

— Martin... — sussurrei. — Você... n-não tô entendendo.

Ele passou a mão no rosto e depois bagunçou o cabelo de propósito, como se quisesse arrancá-lo. Só então olhou para mim. Os olhos injetados,

entregues.

— Não sei se tô preparado pra te mostrar quem eu sou. Vou te assustar. Você vai querer ir pra longe de mim. E ainda é muito cedo pra isso, Alana — Martin mordeu o nó do dedo indicador. Estava tão desolado quanto no dia em que surtou com Bernardo na frente da escola.

— Não vou me assustar — retruquei, um pouco brava. — Para de querer adivinhar o que eu vou sentir. Que tal deixar eu mesma sentir e tirar as minhas conclusões?

— Ah, Alana... se você soubesse...

Soltei uma risadinha mordaz. Martin me olhou com um misto de dúvida e surpresa.

— Você me disse que ver a minha perna ou a minha prótese não mudariam a sua opinião sobre mim, lembra? — atirei as palavras. — É a mesma coisa. Minha opinião não vai mudar. Martin... ou você é hipócrita ou o tudo o que me disse aquele dia foi pura groselha. Para com isso! Eu odeio que me tratem como uma criancinha frágil que vai quebrar a qualquer momento, tá?

— Eu sei que você não é frágil, cacete! — Ele cobriu o rosto com as mãos cheias de cicatrizes. Nada o representava melhor que suas mãos tão machucadas. — Eu sei, tá? É que você tá aguentando um monte de coisa e eu não quero ser mais um fardo. Eu sei bem como essas coisas funcionam. A gente pensa que é invencível e vai aguentando. Só que não dá pra ficar jogando um monte de merda pra dentro e esquecer que uma hora não vai caber mais nada. De repente essa merda toda transborda e não tem mais que fazer, porra.

Quando tirou as mãos do rosto, descobri que ele estava chorando. Foi um pouco chocante. Eu já o tinha visto chorar antes, em mais de uma ocasião, aliás. Mas não imaginei que justo depois do nosso primeiro beijo, as coisas fossem ficar tão confusas. Cruzei os braços sobre o peito, me esparramando na parede. Eu não tinha a menor ideia de como agir com ele. Queria me aproximar, queria entender. Mas quanto mais eu tentava, mais Martin se afastava, se trancafiava em sua própria mente, em seus próprios problemas.

— Eu tentei me matar ano passado — ele rompeu o silêncio tenso entre nós, me sobressaltando. Seu tom era baixo, mas não calmo. Martin quase parecia rosar enquanto atirava as palavras. — Não que eu não tenha pensado nisso antes... acho que desde que eu tinha uns doze anos de idade,

venho pensado nisso. Todo. Santo. Dia. Tipo, mesmo. Até que não deu mais. Foi um impulso. Eu olhei pro cinto no chão, que o meu padrasto tinha usado pra me espancar, e achei que seria catártico morrer assim. Ele podia ter feito minha vida virar um inferno, mas era eu que ia decidir a hora de partir e ainda com o cinto dele. — Martin abriu um sorriso largo, mas seus olhos não acompanharam. Foi a primeira vez que não achei o seu sorriso bonito, e sim triste. — Mas na hora... sei lá. Só lembro de pensar: E se tudo for pior do outro lado? Ou então... e se as coisas estivessem a um passo de melhorar?

Ele usou o antebraço para secar o rosto, parecendo juntar forças para continuar a falar. Eu, por outro lado, não lembrava de como elaborar palavras. Tampouco tinha forças para me mover. Meus braços ficaram pesados, estranhos. Meu corpo inteiro parecia fora do lugar. Inadequado. O desconforto me deixou sem fôlego e sem chão.

Eu sempre soube o quanto Martin era ferrado. Quero dizer, não era muito difícil de adivinhar. Ele exalava ódio e tinha os olhos mais tristes que eu já vi em toda a vida. Mas entre imaginar que coisas ruins tinham acontecido a ele e ouvir de sua boca, eram coisas muito diferentes. Era surreal. Surreal e muito, muito assustador.

— Depois disso, tudo piorou tanto que eu só queria poder voltar no tempo e ter feito as coisas certo, uma vez na vida — ele suspirou alto, cruzando as mãos em frente ao rosto como se rezasse. — Eu sempre fui muito curioso. É por isso que gostava de estudar, de aprender coisas novas. Mas, Alana, não era por isso que eu era impecável na escola. Eu queria que pelo menos alguém me admirasse. E tinha a sensação de que se eu fosse o filho perfeito, as coisas iam melhorar. Quando eu entendi que tudo isso era besteira, chutei o balde. Desisti. E, no fundo, acho que tenho um pouco de raiva desse colégio.

— Por quê? — consegui perguntar, com a voz fraca.

Ele deu de ombros.

— Porque ele representa tudo o que eu gostaria de ser. É meio insuportável pra mim ver todos vocês e não ser lembrado a porcaria do tempo todo o quanto eu sou diferente.

Engoli em seco, sentindo o estômago gelar.

Então ele pensava isso de mim também? Estar perto de mim era doloroso para ele?

Senti uma lágrima pular do olho e deixar um rastro molhado pela

minha bochecha, mas nem me dei ao trabalho de tentar secar o rosto. Algo me dizia, pelo teor de nossa conversa, que ainda viriam outras.

— O seu padrasto... é e-ele que faz...? — Indiquei seus braços com o queixo. — Você sabe.

Martin desceu o olhar para os próprios braços cobertos. Então, sem dizer uma palavra, subiu as mangas bem devagarzinho, até a altura dos cotovelos, revelando a pele dos braços pela primeira vez (pelo menos de maneira consciente). Seus dedos tremiam, como durante o beijo. Ele esticou os braços para frente, me mostrando a pele oliva pintava em tantos pontos diferentes por tons que iam do amarelo ao roxo, passando pelo esverdeado e até um marrom mais escuro que sua pele.

Estremeci, ficando com a visão borrada em questão de segundos. Eram muitos machucados. Em alguns pontos, era possível ver certinho a marca de dedos, onde tinham segurado a pele. Eu nem podia imaginar a dor. Nem podia imaginar o medo. Como deveria ser viver desse jeito, sem se sentir seguro em sua própria casa?

— Ele faz muito mais que isso — Sussurrou em um tom sombrio, com a voz muito embargada.

Estiquei os dedos, tocando de leve seus machucados. Apesar de suas mãos serem repletas de cicatrizes em alto relevo, elas não me causaram tanta tristeza quanto aqueles hematomas. Eles me contavam uma história de horror que me deixou com as pernas fracas.

— Quanto tempo?

— Desde que eu tinha oito anos de idade — Martin mordeu o lábio inferior com força, com uma expressão atormentada de quem revivia tudo em sua mente.

Dez anos.

Dez anos vivendo isso.

Meu Deus.

Cobri a boca com a mão, sem tentar segurar o choro preso na garganta. Eu enfim começava a entender o garoto quebrado à minha frente, mas isso só tornava as coisas mil vezes piores.

— Mas... e a sua mãe? — me ouvi perguntando, sem saber de onde tinha encontrados forças.

— Também não sei — ele tirou o maço de cigarro de dentro do bolso, prendendo um nos lábios. — Já cansei de tentar entender.

— Ela não vê esses hematomas?

Martin abriu outro sorriso gelado, que apertou ainda mais o meu coração.

— Ah, *ela vê*. Já viu ele me espancando. Não uma, nem duas. Mas a porra da vida inteira. — Martin acendeu o cigarro, descendo as pálpebras para dar a primeira tragada. Seu rosto suavizou no mesmo instante, quase em um passe de mágica. Quando voltou a falar, sua voz estava mais calma. — Isso é uma das coisas que mais me fode. Ela sabe, e sempre fica do lado dele. E eu sou um babaca desesperado por atenção que não aprendeu nada nesse tempo. Até hoje morro um pouquinho cada vez que minha mãe vira as costas pra mim.

Quis responder, mas Martin parecia tão absorto em seu cigarro que não consegui pensar em mais nada além do prazer que aparentava lhe proporcionar.

— Posso experimentar? — pedi, apontando para sua boca com o dedo.

— Isso? — ele pinçou o cigarro, parecendo perplexo. Quando assenti, seu cenho se franziu. — Ahn... sério? Mas e aquele papo de cigarro ser fedido e tudo mais?

— É que parece te fazer bem — respondi, esfregando meu braço para tentar disfarçar a vergonha que sua reação me causou. Martin deu um sorriso triste.

— Eu não sou a melhor pessoa pra você se inspirar — respondeu, mas tirou o cigarro dos lábios e o estendeu para mim.

— O que eu faço? — perguntei, olhando para a fumaça densa saindo da ponta sem parar.

— Você suga a fumaça, como se fosse um canudinho — explicou, sem esconder que estava achando graça. — E depois você tira o cigarro da boca e puxa o ar pro pulmão. Vai dar vontade de tossir pra caralho, mas é assim mesmo.

Assenti, tomando o cigarro de seus dedos e o posicionando nos meus como via todo mundo fazer — entre o dedo indicador e o médio. Martin acompanhou meus movimentos com o olhar, sua expressão era uma mistura de curiosidade e diversão, o que me irritou um pouco. Querendo mostrar pra ele que eu não era a bonequinha que ele parecia achar que eu era, levei o cigarro aos lábios, seguindo suas instruções.

Foi a sensação mais bizarra. Quero dizer, o gosto era literalmente o mesmo do cheiro. Bem horrível. E não senti nada de diferente até tentar puxar o ar para o pulmão. A primeira coisa que fiz foi ter um acesso de tosse, como Martin previra. Ele deu uma risada baixa, mas não disse nada para me chatear.

Pensei que fosse tossir meus pulmões para fora. Tudo ardeu de um jeito horroroso. A garganta, os olhos, o pulmão. Soltei o ar, tentando manter o mínimo de dignidade, o que arrancou mais uma risada dele.

— Tenta de novo.

Umedeci os lábios, um pouco arrependida da ideia ridícula. Eu nem ao menos gostava do cheiro, por que tinha inventado de fazer isso? Mas, mesmo assim, repeti o ritual. Dessa vez, não senti tanta vontade de tossir. O que me fez segurar a fumaça por mais tempo.

Só então senti o poder da nicotina. Meus lábios formigaram e eu senti uma leve tontura, semelhante à quando a pressão cai. E, de algum jeito bizarro, o processo todo era mesmo tranquilizante, como eu já havia ouvido falar. Dava para entender porque Martin parecia uma chaminé. Era uma sensação interessante. Talvez, se eu tivesse descoberto antes, quanto tudo estava mil vezes pior, eu fosse igual a ele agora.

Devolvi o cigarro, fugindo de seu olhar intenso.

— E então?

— Acho que não cheguei a uma conclusão — murmurei. — É interessante, mas muito ruim?

Ele soltou uma risada baixa, enquanto negava com a cabeça.

— *Interessante, mas muito ruim.* Como assim?

— Eu fiquei mais calma e deu uma tonturinha engraçada. Mas, por outro lado, é bem fedido. E no começo fez queimar tudo por dentro. Sem contar a parte de ter mais de quatro mil substâncias tóxicas, né. — sorri para ele. — Não sei se os contras compensam os prós.

— Pra mim compensa bastante. E preciso dizer que te achei bem... *interessante* com o cigarro na boca.

— É... acho que seus gostos não são mesmo confiáveis — brinquei e, para minha surpresa, Martin deu uma risada calorosa que iluminou seu rosto.

— Eu falei — respondeu, encolhendo os ombros.

Um silêncio confortável nos rodeou enquanto Martin fumava, sem a menor pressa. Aproveitei que seu humor tinha melhorado e afastei o capuz de

sua blusa, só para poder voltar a ter a visão completa de seu rosto.

Mas minha cabeça não parou por um único segundo. Fiquei repassando suas palavras, pensando em sua vida. Em como devia ser se sentir sozinho o tempo todo. E, mais que nunca, quis envolver meus braços nele e tentar impedir que qualquer coisa ruim o atingisse, que o mundo parasse de bater nele. Eu não tinha esse poder, ainda estava lidando com a última porrada que levei da vida. Mas, pela primeira vez, entendi o que era gostar tanto de alguém a ponto de querer tomar as dores dela.

E, ao me dar conta disso, um calafrio intenso desceu pela minha espinha.

Ah, caramba.

Tô fodida.

— Você já tem dezoito anos — me ouvi dizendo, com a voz suave como veludo. E, tomada por uma emoção grande demais para comportar no peito, tomei sua mão entre as minhas. — Em breve vai poder sair da casa deles e tudo vai ser diferente. Não vai mais precisar aguentar nada disso. E você vai ser tão feliz, mas tão feliz, que vai esquecer que um dia não foi.

Martin sorriu. Um sorriso genuíno, mas tímido. Ficamos nos olhando um tempão e foi como se o mundo deixasse de existir.

— Você já assistiu Harry Potter? — perguntou, por fim.

— Alguém não? — brinquei, mas ele não sorriu. Por isso, só me restou assentir. — Já.

— Eu sempre me identifiquei muito com ele. O Harry também não tinha ninguém antes de estudar em Hogwarts. — O olhar de Martin ficou distante. — E ele imaginava o tempo todo um parente distante vindo salvar ele. Eu meio que cresci pensando nisso. E achei que tinha chance, porque o Harry *foi* salvo. Ele descobriu que era um bruxo e tudo ficou mil vezes melhor. É meio idiota falar assim de um personagem fictício, mas você entende, Alana? Entende o que é querer tanto escapar da realidade que você começa a acreditar em qualquer coisinha que te ofereça uma centelha de esperança?

Afastei a franja de seus olhos, e o senti tremelicar sob o meu toque. Martin algemou meu pulso, pronto para me afastar, mas não fez nada além de me segurar.

— Você disse que... hum... — limpei a garganta, tentando buscar as palavras certas para externar a única coisa que martelava em minha mente. —

Disse que o seu padrasto fazia muito mais que te bater. Tipo o q-quê?

Minha pergunta pairou no ar, deixando tudo esquisito e inadequado. De repente, não fiquei tão certa de se queria mesmo ouvir a resposta.

— Alana... — choramingou, os olhos esbugalhados em pavor. — Por favor. Esse é o momento que você vai ficar com nojo de mim, do mesmo jeito que *eu* tenho.

Neguei veemente com a cabeça, me aproximando mais dele.

— Não vou. Você não tá entendendo, Martin... eu gosto muito de você. De um jeito que nem sabia que dava para gostar de alguém. — expliquei. — Impossível eu ter nojo de você.

Martin crispou os lábios até formarem uma linha fina. Ele negou com a cabeça, tentando disfarçar a maneira como o queixo tremia e os olhos enchiam de água. Mas o maxilar estava trancado, rígido, porque Martin era assim. Era quando mais estava ferrado que tentava ser durão. Ele segurou a ponte do nariz, soltando um suspiro instável, que traía sua respiração superficial. E foi então que Martin caiu em um choro compulsivo que balançou seu corpo inteiro. Ele tombou o tronco para frente, caindo em meu colo, onde se retorceu como se a dor fosse física. Suas mãos agarraram o tecido da minha calça com força, como se quisessem rasgá-lo ao meio.

Fiquei paralisada, vendo-o se mostrar tão frágil. Se abrir por inteiro, permitindo que eu vislumbasse tudo o que carregava por dentro. Havia muito sofrimento, uma dor pungente que me contagiava e, de repente, senti como se não fosse de nada mais além de dor e medo. Ter um gostinho do terror que Martin vivenciava diariamente me quebrou ainda mais. Sem saber o que fazer, deixei meu coração me guiar. E ele me mandou oferecer a única coisa que Martin precisava.

Amor.

Dobrei o tronco por cima do dele, abraçando-o desajeitadamente. Seu cheiro inebriante me imergiu ainda mais na melancolia que ele deixava escoar de dentro do seu peito em forma daquele choro descontrolado. Deslizei as mãos pelas suas costas, sobre o moletom, tentando confortá-lo. Tentando distraí-lo do buraco em seu coração. Tentando alguma coisa. Qualquer uma. Ele só precisava saber que não estava mais sozinho.

Eu sabia que isso não era muito. Afinal, nós nos conhecíamos há tão pouco tempo. Mas será que isso significava mesmo alguma coisa? A maneira como meu corpo ficava fora de órbita fora devia significar que partilhávamos

de alguma coisa especial. Alguma coisa única.

E eu queria usar isso para puxá-lo da escuridão. Porque, caramba, ele fazia isso comigo. Nos últimos meses, eu passei de uma menina apavorada com a hipótese de voltar a estudar para alguém que contava os segundos para estar ali. Tudo bem que não era o motivo certo, mas ao menos era um motivo. E isso já era alguma coisa.

— Eu tô aqui — sussurrei contra a sua blusa. — Você não tá sozinho.

Como resposta, ele enlaçou a minha cintura, enterrando o rosto na altura da minha barriga e se permitindo sentir ainda mais a dor. Era como se ele tivesse segurado ao máximo e agora precisava se livrar de tanta mágoa guardada ou se afogaria nela.

— Não aguento mais — ele se engasgou em suas palavras. — É muito pra mim.

— Então divide esse fardo comigo. Não é bom guardar tudo pra gente — me ouvi dizendo, sem saber de onde estava encontrando essa força.

— Ele acabou comigo, Alana — cuspiu Martin, entre soluços. — Ele me machucou de todos os jeitos que uma pessoa pode ferir alguém. Caralho, tá doendo demais.

Apertei ainda mais a força em meus braços, deixando beijinhos pelas suas costas. Minhas bochechas queimaram de vergonha, parecia todo tão íntimo, tão estranho. Mas, ironicamente, parecia também muito certo. Estar com Martin era uma antítese e eu me perdia em toda essa confusão de sensações.

— Coloca pra fora. Tira isso de você.

Martin convulsionou embaixo de mim, soltando um suspiro alto.

— Ele... me toca — sussurrou, com a voz mais rouca. — Tipo... de um jeito muito errado, muito sujo. Ele... ele... — um soluço escapou de sua boca. — D-desde sempre. Dormir é um pesadelo. É quando eu durmo que ele aparece. Tenho medo do escuro pra caralho, porque representa tudo o que Geraldo é pra mim. Alana, ele *me toca*. Ele... faz *isso* comigo. É nojento. Ele só... enfia a mão por baixo da minha roupa e... caralho... o je-jeito que ele geme... — Martin pigarreou a garganta, agarrando minha camiseta como se tentasse arrancá-la do meu corpo. — Meu Deus, é tão errado. E eu nunca fiz nada. *Não posso fazer nada.*

“Só que daí sinto que isso é culpa minha. Porque eu não tento impedir, porra. Eu não tento. Não tenho como. — Martin se desvencilhou de

mim, buscando meus olhos. Ele estava em frangalhos. Os olhos vermelhíssimos, o nariz inchado de tanto chorar, os lábios corados. — Quando ele chega, a única coisa que consigo fazer é ficar quieto, me fingindo de morto, fazendo de conta que nada disso é real. Não pode ser real! Quero dizer... é tão sujo. Tão humilhante. E o que mais eu posso fazer além de fingir que tô dormindo? Fingir que não tô vendo, e só por isso continua acontecendo. Que merda! Eu vou enlouquecer. Tá impossível ficar dentro da minha cabeça — ele bateu com as mãos nas têmporas.

Sequei as lágrimas do meu rosto com o lado de dentro do pulso. A dor era dilacerante. Eu não conseguia nem imaginar, nem sonhar com o terror que era viver em sua pele. No entanto, bastava ver o garoto em minha frente para entender um pouco. Ninguém devia passar por tanta coisa tão novo (nem nunca, mas enfim).

— Você *não tem* culpa de nada. Tá ouvindo? O único culpado é ele. Você é só uma vítima — minha voz saiu tremida, parecendo com um rosnado, que fazia jus ao ódio visceral crescendo em mim.

Mordendo o lábio inferior, Martin balançou para frente e para trás. Ele só parou quando uma gota corpulenta de sangue escorreu pelo queixo, e não se deu ao trabalho de limpar.

— Você não tá entendendo, Alana. Quando ele me bate, eu reajo. Eu apanho mais, mas faço alguma coisa. Eu tento! — Ele esticou os lábios em algo que deveria ser um sorriso, mas só parecia um animal mostrando os dentes. — Mas isso? Nada. Eu sou fraco. Patético. Eu mereço.

— Ninguém merece sentir medo da própria família — sussurrei, negando com a cabeça.

— Ele *não é* a minha família, cacete!

— Eu sei. Eu sei. Foi mal — respirei fundo, tentando pensar em uma maneira melhor de me expressar. — Reagir às vezes em que ele te bateu mudou alguma coisa? Quero dizer... fez ele parar de te bater?

— Isso responde? — Martin ergueu os braços no ar e talvez algo em minha expressão deve ter transparecido a pontada de tristeza que senti pelo ódio com que ele me respondeu, pois seu rosto se contorceu em dor no mesmo instante.

— Então — decidi continuar. — Por que você acha que reagir ao abuso teria mudado alguma coisa?

Martin deu de ombros.

— Não sei.

— Ele é o único culpado nisso tudo. É mesmo nojento, mas só sinto nojo dele. Das atitudes monstruosas. Você era só uma criança e continua sendo só um adolescente. Não tem como se defender de um homem adulto, e... — esfreguei o rosto, com os pensamentos a mil por hora. — As coisas que ele faz com você... meu Deus do céu. É doentio. Ele precisa pagar por tudo. Precisa apodrecer na prisão. Por que você não denuncia esse filho da puta?

Martin sacudiu a cabeça em um movimento forte e desesperado, como se nem cogitasse isso.

— Não posso.

— Por que não?

— Ela já me ameaçou. Mais de uma vez — Martin voltou a mordeu o lábio já machucado. — *Se você acha que tá difícil, moleque, não queira estar em sua pele se eu descobrir que tentou contar pra alguém. Eu vou fazer muito pior.*

Entreabri os lábios, chocada.

— Ele falou isso?

— Com essas palavras — Martin assentiu, uma expressão melancólica tomando suas feições. — E mais um monte de merda. Disse que me mata e depois mata a minha mãe. E eu só consigo ficar pensando que... cacete, ele já faz tanta merda sem eu dar um motivo. Imagina se eu der.

— Mas se você denunciasse... você tem as evidências, Martin — segurei seu braço, fazendo-o estremecer. — Pede proteção. Sei lá. Você precisa fazer alguma coisa.

— Eu quase contei pra minha psicóloga. Mas... sei lá.

— Sei que é difícil, mas você precisa fazer um B.O., precisa colocar um ponto final— arrisquei, pisando em ovos. — Você não merece mais passar por isso. E ele precisa pagar por tudo.

— Tá bom, tá bom. Eu sei, tá? — seu tom foi rude e me apertou o coração outra vez. — Desculpa. É só que... falar é fácil quando você não tá vivendo aquilo. Você deve saber disso melhor que ninguém.

Fisquei o lábio inferior. Ele estava certo. Isso era uma das coisas que mais me tiravam do sério, principalmente quando o acidente ainda era recente. Todo mundo me mandava seguir em frente, como se fosse a coisa mais fácil do mundo, tipo levantar de um tombo e bater a poeira, ou sei lá.

Mas não era. E só eu sabia o gosto amargo que tinha ninguém mais compreender a minha dor.

— Não posso fazer isso agora. É... insano. Preciso sair da casa dele primeiro. Estar bem longe, escondido, onde ele não possa me fazer nenhum mal — Martin massageou as têmporas. — Fora que... é complicado. Fico congelado de medo. Paralisado mesmo, é real. E também tem a culpa. E vergonha. Caralho, a vergonha é o pior. Porque, cara, o que vão dizer de mim? Vão perguntar por que aguentei tanto tempo, por que não fiz nada. E eu não sei, cacete. Eu não sei! — Ele abraçou os próprios joelhos, sem desviar o olhar do meu por um único segundo. — Quem vê de fora imagina como é, mas nunca, *nunca* vai saber. Não adianta. As pessoas adoram encher a boca pra dizer que se fosse com elas não ia durar muito tempo. Se fosse com elas, já tinham acabado com o mal pela raiz. Mas a real é que só quem passa na pele sabe como é, porra. O medo. O pânico. Eu não desejo isso pra ninguém.

Dei um sorriso triste.

— Eu sei. — sussurrei. — E também sei que vai chegar a hora certa. A hora em que você vai se sentir preparado e vai *precisar* fazer isso. E tudo vai mudar, Martin.

Seu queixo tremeu. Ele esticou a mão, percorrendo meus lábios com o polegar. Foi um toque cálido, suave, bem discrepante da atmosfera nos cercando.

— Tomara.

— Você não tá mais sozinho. Não esquece disso — pedi, fechando os olhos enquanto seu polegar roçava de um lado para o outro.

— Não vou.

— Promete? — insisti.

Martin hesitou por um momento antes de responder.

— Aham.



*Agora
Eu queria que você estivesse aqui comigo
Porque agora
Tudo é novo para mim
Você sabe que eu não posso lutar contra o sentimento
E toda noite eu sinto isso
One Direction – Right Now*

Mordisquei a unha do polegar, sem conseguir parar quieta por um único segundo. Não dava. Meu corpo pinicava inteiro. Formigava. Eu tinha vontade de me remexer porque, se não fizesse, acabaria explodindo.

Nunca fiquei tão ansiosa. Nem mesmo quando estava prestes a fazer um *casting* importante, ou um ensaio. Acho que, como cresci fotografando, virou uma coisa natural para mim, parecido com escovar os dentes, ou sei lá. Eu só ia e fazia o meu trabalho. Só agora entendia o quanto deixei de dar o valor devido ao que mais amava. Enfim. Não importava.

O motivo de agitação nada tinha a ver com o meu passado de modelo. Tinha a ver com Martin. E, só de pensar no nome dele, senti um calafrio intenso descer pela espinha, me deixando inteira gelada. Tudo bem que o inverno tinha acabado de começar, mas isso nada tinha a ver com a estação.

Tomei o meu celular na escrivaninha e conferi as horas. Ainda

faltavam vinte minutos para o horário combinado. Eu não sabia se sobreviveria até lá. E, sem conseguir ficar sentada por nem mais um segundo, levantei da cama e fui até a penteadeira, pegando um batom da minha pequena coleção.

Fazia muito tempo que eu não me arrumava. Antigamente, eu não saía de casa sem uma maquiagem básica. Só que, depois do acidente, me pareceu meio idiota me preocupar com uma coisa tão pequena. Quero dizer... quem ligaria para a minha maquiagem quando eu não tinha a porcaria de uma perna? E, com isso, tinha passado tanto tempo que minhas coisas permaneciam intocadas que era até estranho ver *essa* Alana no reflexo. Eu continuava não tendo uma perna, é óbvio, mas de repente o que de fato pareceu idiota foi a ideia de deixar de fazer coisas que me deixavam feliz por causa de algo que não escolhi. Sempre amei me maquiar. Era bom ter feito, enfim, as pazes com essa parte tão importante de mim.

Enquanto contornava os lábios com um coral semelhante ao do cardigã que eu vestia, foi impossível não enrubescer de vergonha. Eu tinha me arrumado *tanto*. Fiz um verdadeiro acontecimento. Tinha certeza que, assim que me visse, Martin ficaria todo acuado e tímido. O que era só mais um motivo para eu me arrumar. Eu gostava desse lado retraído dele, era fofo.

Soltei o cabelo, penteando-o com os dedos. Depois passei mais um pouco de perfume, porque o meio frasco que eu tinha usado até então não parecia ser o suficiente. Eu retocava o rímel quando uma batida na porta me fez pular no lugar, sobressaltada, e quase borrei tudo.

— Pode entrar — resmunguei, espalmando o peito.

Pelo reflexo do espelho, vi minha versão mais jovem. Nicole limpava a lente dos óculos na barra da camiseta, enquanto entrava. Ao passar, fechou a porta, lançando um olhar conspiratório em minha direção.

— Tá ansiosa? — perguntou, deixando escapar um sorrisinho.

— Afff. Você nem faz ideia!

— Imagina o Martin, então — brincou, recolocando os óculos. Foi então que seu rosto se iluminou ao ver a roupa que eu vestia. — Caramba! Olha só para você! — Nicole sorriu de orelha a orelha, parando ao meu lado e estendendo as mãos para que eu me levantasse.

Fisquei o lábio inferior, querendo sorrir e chorar ao mesmo tempo. Mas, sem dizer uma palavra, segurei suas mãos, levantando. Nicole nos girou até ficarmos de frente para o espelho imenso do meu guarda-roupa. Seus

olhos brilhavam de uma maneira perigosa. Se ela começasse a chorar logo agora, eu precisaria refazer a minha maquiagem inteira porque cairia no choro junto.

— U-a-u! Esperei tanto por esse dia, Nana — sussurrou, maravilhada.

Desviei os olhos do seu reflexo e mirei para mim mesma. Por um segundo, quase não me reconheci. Quero dizer, todos os detalhes de sempre permaneciam lá. O cabelo loiro terminando na cintura. Os olhos verdes e grandalhões. O queixo de traços fortes e angulosos.

Mas também tinha algo lá que nunca imaginei que voltaria a usar. Meu queixo tremeu com força quando me vi no meu vestido predileto outra vez. Era azul marinho, se destacava em minha pele. O tecido contornava minhas curvas, acentuando-as e valorizando muito mais que as calças largas que eu vinha usando no último ano.

E lá estava a prótese rosa cintilante, de longe o que mais chamava atenção em todo o meu look. Eu sabia que não era como se eu fosse começar a usar peças curtas para ir à escola, nem nada do tipo. Pelo menos por enquanto. Mas já era um avanço conseguir me encarar no espelho e não me sentir repugnante. Nem que fosse por um dia. O amanhã não importava. Eu estava feliz porque, hoje, tinha vencido. E Martin foi crucial, mesmo sem saber. Talvez, se eu estivesse esperando a visita de qualquer outra pessoa, as roupas que eu escolheria para usar fossem bem diferentes.

Mas aquele garoto tinha o talento de me fazer sentir especial. A menina mais bonita da cidade inteira. Sem o menor esforço, ele conseguia me transportar outra vez para o passado, onde eu não era a Alana amputada. A Alana que sofreu um acidente e teve a vida virada de ponta cabeça. Eu era só a Alana. Ponto. Sem um *mas*.

Dali a dois dias, completaria um mês que nos beijamos a primeira vez. Não que eu estivesse contando, nem nada do tipo..., mas talvez eu estivesse sim, vai. E nem era só isso. Eu contava também as horas, os segundos, os milésimos de segundos, só para poder encontrá-lo no dia seguinte. Só para que pudéssemos fazer o percurso até a escola de mãos dadas, sob o olhar de deboche de Nicole, que passava o caminho inteiro fingindo ficar superincomodada por *estar de vela*. Só para que Martin desse chutinhos na minha cadeira e eu olhasse para trás a cada dois minutos, desenhando coraçõezinhos nas folhas do seu caderno e ganhando, como recompensa, sorrisos desconcertantes. Só para que pudéssemos nos esgueirar

até o nosso esconderijo secreto, onde eu esquecia o resto do mundo. Quando suas mãos se fechavam ao meu redor, não existia nada além de nós dois. Era tão bom. Tão certo.

Desde o primeiro dia, eu soube que não tinha mais volta. Alguma coisa muito forte estava acontecendo ali. Alguma coisa que eu nunca experimentei antes e que parecia grande demais para guardar dentro do peito, só para mim. Eu queria sair gritando para o mundo inteiro ouvir o quanto era bom me sentir assim. Queria que todo mundo soubesse o tamanho da minha felicidade. O quanto era maravilhoso me sentir uma garota como outra qualquer e, ao mesmo tempo, a garota mais especial do mundo. E de saber que, comigo, Martin também se sentia assim... Um garoto normal. Que fazia coisas normais. Um garoto que sorria o tempo todo e que, juro por Deus, fazia o mundo parar por alguns segundos.

Esse era um dos principais motivos de eu ter insistido Martin para conhecer a minha família. Quero dizer, a Nicole e ele já se conheciam e conviviam há várias semanas. Mas, mesmo assim, era diferente. Eu queria apresentar formalmente. Queria que meus pais conhecessem o garoto que vinha tornando os meus dias mais bonitos.

Não foi fácil. Martin recusou de maneira categórica nas primeiras vezes, com a mesma conversa de sempre. *Sou um fodido. Eu estrago tudo. Eles vão me odiar.* Precisei bater o pé para que ele entendesse porque era tão importante para mim.

— Gente, que neura! Você não é nada disso, Martin. Eu não estaria com um fodido que estraga tudo. E se eu te am... — e, ao perceber a palavra que quase saiu da minha boca, senti o rosto arder em vergonha. Precisei pigarrear para encontrar a voz de novo. — Ahn... se eu *gosto* de você, e eu gosto muito, eles vão gostar também. É só você sorrir bastante que ninguém vai resistir.

— Foi assim que eu conquistei você, é? — brincou, com um sorriso largo no rosto, enquanto roçava a ponta do nariz no meu.

— Ah, tá! Você sorria *taanto* mesmo — respondi, ácida, e caímos na risada juntos.

Martin passeou as mãos por dentro da minha camiseta, sem se dar ao trabalho de abrir os olhos. Seus dedos alcançaram o fecho do sutiã, onde ficaram. Nem parecia mais o mesmo garoto que me beijou tremendo de nervosismo. A cada dia, Martin ficava mais soltinho e mais eu derretia sob

seus dedos.

— Não sei se é uma boa ideia. Você me assustou com aquele lance deles me perseguirem até o inferno — resmungou, abrindo um dos fechos e provocando um arrepio intenso que se espalhou por todo o meu corpo. — E eu não sou nada parecido com o Ken humano... seus pais vão ficar decepcionados com a decaída de namorados.

Tombei a cabeça para trás, gargalhando alto sem me importar com o fato de que estávamos atrás da diretoria. Martin cobriu minha boca com sua mão direita. Seu olhar era preocupado, mas o sorriso em seu rosto traía sua diversão.

— Primeiro: para de chamar ele assim. Sei que você não acredita, mas juro que ele não é desse jeito... — Martin revirou os olhos de brincadeira, me arrancando mais risadas. Caramba, as risadas vinham fáceis demais com ele. Era tão bom me sentir leve, viva. — Se não vou eu voltar a te chamar de badboy, hein? — aponteí o dedo em riste para Martin, e ele se limitou a morder a pontinha. — Depois: meus pais não conheceram o Pietro.

— Ah, é? — ele piscou os olhos, interessado na conversa. — Não conheceram o seu *namorado*?

— Já falei que a gente não era namorado.

— Por isso que você não quis apresentar o Ken? — Martin tinha os olhos grandalhões de expectativa. Dei de ombros, assentindo. E, quando ele abriu um sorriso que era um misto de alívio e empolgação, foi impossível não sorrir junto. — Hummm... interessante. Então quer dizer que... se você quer me levar pra conhecer seus pais... e veja bem que tô só seguindo a lógica, tá? — Ele piscou para mim, com a maíosa cara de levado. — É porque estamos namorando?

Ouvir aquela palavra na voz rouca de Martin me deixou inteira trêmula. Senti o estômago congelar, mas de um jeito delicioso.

— Acho que sim? — respondi, me encolhendo de vergonha. De repente, toda a coragem de segundos atrás tinha se dissipado.

Ele umedeceu os lábios, parecendo tão maravilhado quanto eu. Depois de piscar algumas vezes, Martin começou a olhar em volta, procurando por alguma coisa que me escapava.

— Nossa, então nós precisamos de uma aliança! Só é namoro se tiver aliança.

Ele se empertigou, como se tivesse acabado de lhe ocorrer uma coisa.

Então puxou a mochila esquecida no chão e a abriu, tirando um pacote aberto de Cebolitos. O observei sem conseguir parar de sorrir, enquanto Martin apanhava um salgadinho do pacote. Sem dizer uma palavra, ele tomou minha mão direita e deslizou o salgadinho pelo dedo anelar, espalhando farelo com cheiro de cebola por toda parte. Depois fez o mesmo com o dedo dele e esticou a mão ao lado da minha.

— Ah, agora sim — brincou.

O tempo parou. Olhei para sua mão de pele morena cheia de cicatrizes, as unhas roídas, os dedos compridos. Depois para a minha. As unhas pintadas de rosa, descascando em alguns dedos. Uma anotação perto do polegar, das páginas de física II que o professor tinha passado de tarefa. Os salgadinhos enormes de aliança.

Eu não poderia querer nada diferente daquilo. Senti um calor aconchegante no peito e não contive o sorriso enorme. Martin sacou o celular do bolso e tirou uma foto das nossas mãos juntas. Depois, ao se deparar com a minha expressão de confusão, apenas lançou uma piscadela.

— Guardando de recordação.

— Guarda isso aqui também — sussurrei, antes de selar nossos lábios em um beijo suave, preguiçoso. — Agora sério: almoça lá em casa. Por favor. É importante pra mim.

Seus olhos castanhos brilharam com algum sentimento que não pude interpretar, mas era intenso. Martin se limitou a assentir.

— Vou — ele prendeu uma mexa de cabelo atrás da minha orelha. — Mas só porque você é a minha *namorada*, viu? — Foi impossível não notar o prazer com que ele proferiu a palavra. — Saiba que não faço isso pra qualquer pessoa.

— Ainda bem — sorri, antes de erguer minha mão direita e morder a *aliança*.

Martin entreabriu os lábios, fingindo choque. Comecei a rir antes mesmo dele dizer alguma coisa, porque era fácil assim quando eu estava com ele.

— Não tô acreditando que você acabou de comer a nossa aliança, garota! — rosnou, me puxando para o seu colo e enlaçando o braço ao redor do meu pescoço.

Sorri com a lembrança, piscando os olhos para voltar ao presente.

Por isso era tão importante que meus pais o conhecessem. Eles

precisavam saber quem era a pessoa que tinha devolvido a minha vontade de sorrir. A minha vontade de viver. E, mais que isso, eu não queria que fosse igual foi com Pietro. Empurramos com a barriga até virar um nada. Não éramos namorados, mas também não éramos apenas amigos. Não. Martin era importante demais para que eu mantivesse tudo morno. E nem tinha como. Com ele, tudo fervia. Tudo borbulhava. Era impossível passar despercebido.

— Eiii, para de pensar nele e conversa comigo! — Nicole estalou o dedo algumas vezes em frente ao meu rosto.

— Foi mal — encolhi os ombros. — Tô aérea hoje.

— Que é isso. Nem percebi — Nicole arqueou as sobrancelhas, rindo de mim. — Enfim, tô muito feliz de te ver usando as roupas de antes.

— Eu também — respondi, alisando a saia do vestido, sem conseguir parar de observar a prótese. — Ainda não me imagino saindo na rua assim... mas já é um começo, né?

— É um passo e tanto, Nana. Tô orgulhosa.

Abri a boca para responder no exato instante em que o interfone começou a tocar. Meu coração perdeu uma batida. Apesar do frio, minhas mãos suavam muito, precisei limpar no vestido. Nicole e eu trocamos um olhar cúmplice antes de abandonarmos o quarto, uma empurrando a outra para ver quem chegava primeiro à cozinha.

Mamãe sorriu em deleite ao nos ver brincando para descobrir quem atenderia. Infelizmente a prótese me atrasava um pouco e Nicole não facilitou para mim. Minha irmã mal alcançou o interfone e já foi logo atendendo.

— Palavra mágica? — brincou, lançando uma piscadela para mim. — Hum, que pena então. Só entra quem tem conhece a palavra mágica. Eu tenho o dia todo, Martin. Hum... tá bom, vou facilitar pra você. A Alana tá descendo.

— Qual era a palavra mágica? — mamãe perguntou, curiosa.

Nicole deu de ombros, com um sorrisinho inocente.

— Sei lá. Não pensei em nada.

— Affff, idiota — bati com o ombro no dela. — Bom, já volto. Se comportem, tá? Já foi uma luta conseguir convencer o Martin.

Papai pigarreou, se recostando no batente da porta, como se estivesse ouvindo a conversa escondido o tempo todo, só esperando o melhor momento para surgir.

— Não posso prometer nada — ele bateu com a mão na própria

perna. — Pra conseguir namorar você vai ter que passar no teste que eu preparei... quero saber se é um rapaz honrado.

Mamãe revirou os olhos, caindo na risada.

— Vai logo, Alana. O menino tá lá fora esperando, coitado. Eu cuido do seu pai, fica tranquila.

Saí de casa balançando a cabeça, divertida. Não dava nem para acreditar que Martin estava mesmo com medo dos meus pais, aquelas figuras. O máximo que podia acontecer com ele era precisar aguentar um punhado de piadinhas do *pavê e pacumê*.

Enquanto esperava o elevador lerdíssimo chegar ao meu andar, tentei me convencer de que era besteira ficar nervosa. Só que o problema é que quanto mais eu tentava *não ficar* nervosa, mais nervosa ficava.

Qual é?

Vai dar tudo certo.

É só um almoço.

Eles vão se apaixonar pelo Martin.

Quando saí do elevador, meu estômago revirava tanto que eu parecia prestes a vomitar. Me dei conta de que eu me importava bastante com o que meus pais achariam. Quero dizer, nunca apresentei o Pietro, mas acho que era o tipo de menino que eles esperavam ver com a filha.

E Martin... eu já o conhecia e *sabia* que era um garoto maravilhoso. Mas a primeira impressão que ele passava era muito forte, muito precisa. Eu só esperava que meus pais (sobretudo papai, que era mais ciumento) dessem oportunidade para que Martin mostrasse todas as coisas incríveis que escondia por baixo do moletom e das cicatrizes.

Martin estava parado em frente à porta de vidro, inteiro rígido. Os pés juntos, as mãos segurando uma caixa em frente ao corpo. Ele parecia uma estátua, não movia um músculo do lugar. O rosto também estava rígido, olhando fixamente para dentro do prédio, mas sem enxergar nada.

Suas roupas eram as mesmas de sempre, mas pareciam mais polidas. A calça jeans era preta, mas não tinha rasgos nos joelhos. O moletom era novinho, a cor ainda estava vibrante. E, em vez dos tênis, Martin usava coturnos.

Umedeci os lábios, sorrindo feito boba com aquela imagem. O esforço dele em parecer apresentável, sendo que nem queria estar ali. E tudo isso por mim. Caramba, se ele soubesse o quanto isso era importante. Fui

aquecida por gratidão e, de repente, todas as incertezas se dissiparam. Não importava se meus pais fossem um pouco chocados. A única coisa que de fato importava ali era que a gente tinha se encontrado. Pertencíamos a realidades tão diferentes, vivemos vidas tão díspares... e, mesmo assim, tínhamos nos encontrado.

Abri a porta da recepção, ganhando sua atenção. Martin jogou a cabeça para trás, afastando a franja da testa. Senti o calor do seu olhar percorrer o meu corpo e, quando chegou ao detalhe que eu mais estava ansiosa, seu queixo caiu. Sua expressão era uma mistura de maravilhado com orgulhoso.

— Puta merda! — arfou, dando um passo à frente e puxando a beirada do meu vestido para ter uma visão melhor da prótese. — Quero dizer... uau! Você tá linda.

— Gostou? — perguntei, sentindo as bochechas queimarem de vergonha. Mas pelo menos não precisei fantasiar que era uma bota incrível, tampouco uma tatuagem, nem nada do tipo. Pela primeira vez, consegui suportar a ideia de que era apenas a minha prótese. E estava tudo bem.

— Tô feliz que você colocou a perna biônica superestilosa pra jogar.

Meus olhos recaíram para a caixa em suas mãos. E só então me dei conta de que era uma caixa de bombom. Fisguei o lábio inferior, sem conseguir parar de sorrir.

Esse Martin é inacreditável mesmo, viu.

— Pra mim? — tomei a embalagem de sua mão, abrindo espaço para que passasse.

— Sim. E não — ele coçou a nuca, desajeitado. — É meio que pra todo mundo? Não queria chegar com as mãos vazias — Martin esfregou o rosto. — Tô nervoso pra caralho. E comecei a sentir uma dor bizarra no braço esquerdo, espero que não seja infarto.

Busquei sua mão com a minha mão livre, guiando-o em direção à entrada do estacionamento do prédio.

— Vem cá, deixa eu te acalmar.

Martin me seguiu sem esconder a confusão. Foi só quando saímos para a garagem que seu rosto se iluminou.

Francamente. Pra um badboy, você tá muito lerdo.

Enlacei os braços ao redor do seu pescoço, enquanto me recostava na parede. Martin contornou minha cintura, colando nossos corpos. Seu beijo

tinha sabor de cigarro e um pouco de... bebida? Ri no beijo, ri do tamanho do seu pavor em conhecer a minha família. Uma coisa tão trivial para as pessoas da nossa idade. Martin precisava de mais experiências como essa.

Ele inverteu nossas posições, abrindo as pernas para me encaixar ali no meio. Senti seu desejo rijo contra o meu ventre que acendeu uma vontade dolorosa dentro de mim. Seus dedos se enterraram nos meus cabelos, descendo até a nuca. Quase derrubei os chocolates, de tão mole que fiquei. Sugando minha língua, Martin deixou um gemido baixinho escapar e, eu juro, não sobrou um único pelo no lugar. Todos eriçaram de uma só vez.

Mordi seu lábio inferior, percorrendo suas costas com as unhas. Deixando minhas marcas em sua pele. Ele apenas estremeceu, rosnando contra a minha boca. Um mês que estávamos juntos e ele já nem parecia mais o mesmo garoto que afastava a minha mão quando eu tentava encostar em seu corpo.

Meu coração parecia prestes a sair pela boca. Estar com Martin me deixava com as emoções a flor da pele. Eu saía de órbita e esquecia da realidade. Até das coisas mais importantes. Como, por exemplo, o fato de que meus pais deviam estar *bem conscientes* da nossa demora.

Enrijeci inteira ao constatar isso e, com um gemido frustrado, me afastei de Martin. Meu batom ficou mais nele do que em mim. Usei meus polegares para tentar limpar qualquer vestígio de maquiagem que nos incriminasse. Ele não soltou minha cintura, tampouco se moveu. Ficou apenas me olhando com um sorrisinho torto no rosto, travesso, de quem tinha sido pego fazendo coisa errada e gostava disso.

— Acho melhor a gente subir — encostei minha testa na dele. — Antes que meus pais tenham um bom motivo pra ficarem assustadores.

Martin soltou uma risada gostosa.

— Mas aqui tá tão bom... — resmungou, como se estivesse com preguiça de falar. — E a Nicole deve estar acobertando a gente.

— Mais um motivo pra gente subir, senhor badboy que adora quebrar as regras — Afastei suas mãos da minha cintura e então recuei alguns passos, assumindo uma distância segura. — Logo eles vão perceber que ela tá do nosso lado.

Martin ergueu as mãos no ar e as deixou cair, batendo as palmas nas coxas.

— Eu só queria te curtir um pouco mais antes de ser devorado vivo

por eles.

Pincei a manga do seu moletom e o puxei em direção ao elevador. Apertei o botão, lutando para normalizar a respiração antes que chegássemos ao meu andar.

— Ninguém vai te devorar vivo — assegurei. — E você só vai precisar aguentar meus pais durante o almoço. Depois te roubo só pra mim. A gente fica no meu quarto.

Seus olhos miravam para direção nenhuma, como se imagens muito convidativas passassem diante deles.

— Hummm... — ele abriu um sorriso largo, que ocupou seu rosto inteirinho. — Agora sim as coisas tão ficando interessantes.

— Interessantes, é? — bati com o quadril no dele, já do lado de dentro do elevador.

— É, ué. Agora vi vantagem em enfrentar as feras.

— Afff, Martin — revirei os olhos, antes de cairmos na risada.

Quando pulamos do elevador, eu já me sentia bem menos nervosa do que minutos atrás. Paramos em frente à porta de casa, onde devolvi a caixa em suas mãos e dei um último selinho nele, para encorajá-lo.

— Eles vão te amar — garanti, segundos antes de abrir a porta.

Mamãe foi a primeira pessoa com quem topamos. Recostada no balcão da pia, ela bebericava uma cerveja. Os cabelos eram o mesmo caos de sempre, e os óculos pendiam para o lado direito.

Seus olhos me encontraram e desceram pela minha roupa. E, pela forma como seu rosto acendeu, tive certeza que esse detalhe tinha passado despercebido até o momento. Mas então, assim que Martin entrou em casa, sua expressão se transmutou para surpresa. O sorriso vacilou por uma fração de segundo, o suficiente para meu estômago revirar.

Fica calma.

Você já sabia que eles iam estranhar.

Você mesma estranhou, no começo.

— Ahhh, até que enfim conheci o Martin — disse mamãe, se recuperando da surpresa.

Ela abriu os braços e caminhou em nossa direção.

Fiquei olhando para ele, supertensa. Afinal, Martin odiava contato físico. Eu sabia disso melhor que ninguém. Mas ele me surpreendeu ao avançar na direção dela, aceitando o abraço.

— Seja bem-vindo! Eu estava louca pra te conhecer.

— Ahn... obrigado. Eu também tava ansioso pra conhecer vocês — dava para notar o nervosismo em sua voz. Mas então Martin abriu um sorriso largo e eu tive certeza que foi nesse exato momento que conquistou o coração de mamãe. — Não sabia muito bem o que trazer...

Ela tomou a caixa das mãos dele com um brilho indecifrável no olhar.

— Chocolate não tem erro! Aqui em casa sempre da briga. Obrigada, querido. Não precisava se preocupar.

Nicole apareceu na cozinha, o cabelo tão (ou mais) despenteado que o de mamãe. Ela abriu um sorriso largo ao ver Martin e, sem pensar duas vezes, quase correu até ele. Com ela, o abraço veio mais fácil. Saber que os dois se gostavam me fazia bem. E foi tudo tão natural quanto minha própria relação com Martin.

O que era mais uma diferença com Pietro. Nicole não tinha a menor intimidade com ele. Quando eu tentava juntar os dois, ficava o maior silêncio constrangedor. Por mais que eu soubesse que isso não era culpa de nenhum deles, me deixava aliviada que com Martin tudo fosse tão certo.

— Nossa, que batom bonito você tá usando, Martin — Nicole alfinetou, enquanto papai irrompia pela porta de entrada. — Parece bastante com o que a Alana tá na boca.

Senti meu rosto queimar com intensidade e, pelo canto dos olhos, notei Martin ficar vermelho feito um tomate.

— Cala a boca, Nicole! — enfiei meus dedos na costela dela, com a ajuda de Martin.

Logo, nossas risadas ocupavam a cozinha inteira. Achei que o pior já tinha passado, mas foi só meus olhos repousarem em papai que toda a energia foi embora, deixando meu coração pequeno como um caroço de ervilha. Sua expressão era um misto de surpresa e estranhamento. Papai parecia desconfortável e nem tentava disfarçar a maneira como estudava Martin. Com os braços cruzados sobre o peito, ele não esboçou a menor sombra de um sorriso.

Mamãe também percebeu, pois se dirigiu até ele e esfregou seus braços, sussurrando alguma coisa em seu ouvido. Papai girou a cabeça olhando em minha direção. E, assim que nossos olhares se encontraram, ele abriu um sorrisinho encorajador.

Mas... sei lá. Fiquei com um caroço na garganta. Eu já esperava que

meu pai fosse dar um pouquinho mais de trabalho. Acho que nem mesmo o príncipe Harry era bom o suficiente para mim, em sua concepção. Só que... me senti ofendida por Martin. Já contava mais de um ano que eu sentia na pele o que era ser julgada antes mesmo de ter uma oportunidade de mostrar quem eu era. E apesar de saber que eu mesma demorei a abrir uma brecha para o garoto ao meu lado, queria demais que meus pais entendessem o quanto ele era importante para mim. Porque a opinião deles também era.

— Bem-vindo, Martin — papai percorreu a distância até ele, estendendo a mão.

Martin aceitou o aperto, todo ereto e sério, erguendo o queixo como eu sabia que fazia quando estava nervoso. Achei graça, mas foi só até os olhos do meu pai focarem nos machucados na mão do meu namorado.

Ah, isso vai render tantas perguntas...

— Gosta de *yakisoba*?

— Aham — ele sorriu. — Tem poucas coisas no mundo que eu não gosto de comer.

— Ah, então você é dos meus — papai deu dois tapinhas em seu ombro. — Eu que cozinhei pra gente, hoje.

— Pois é — brinquei, enroscando o braço no de Martin para tranquilizá-lo. — E eu tenho até pena da gente por isso.

Papai riu, tomando a latinha da mão de mamãe e dando um gole longo.

Suspirei de alívio, sentindo o coração palpitar. Apesar de deixar o incômodo transparecer em seu rosto, meu pai *estava* se esforçando. Talvez ele quisesse conversar comigo depois e acabasse deixando escapar um pouco do seu descontentamento, mas só o fato de ele tratar Martin bem já tinha tornado meu dia perfeito. Nada poderia ser melhor que um dia inteiro ao lado das minhas pessoas favoritas do mundo.

Olhei para Martin, medindo sua reação, e o encontrei pálido. Parecia ter morrido sem nem se dar conta disso. Soltei uma risada baixa que o chamou de volta para a realidade. Seus olhos estatelados encontraram os meus como se implorassem por socorro.

— Vai ficar tudo bem — disse, sem emitir som, e deixei um beijinho nas costas da sua mão.



Parei em frente à porta do meu quarto, com a mão da maçaneta, fazendo suspense. Olhei por cima do ombro e deparei com um Martin impaciente. Ele sorriu para mim, dando um passo à frente e colando o corpo ao meu. Suas mãos vieram parar em meus braços, tentando me fazer seguir em frente. Mas o que ele conseguiu foi o oposto. Congelei inteira, sentindo choques curtos se espalharem por toda as minhas costas.

Nicole pigarreou, parada no começo do corredor com uma sobrancelha arqueada.

— Arrumem um quartooo — sussurrou, em um tom debochado, e então fingiu surpresa. — Ah, olha! Parece que é *exatamente* o que tem na frente de vocês?

— Você entendeu tudo errado — brinquei, aproveitando a deixa para abrir a porta. — Eu só... ahn... tô com muito frio. E o Martin aproveitou pra me esquentar.

Dessa vez, nem o Martin conseguiu se manter sério. Ele soltou uma risada baixa que ricocheteou contra a minha orelha esquerda, me fazendo estremecer.

— Aham. Sei. Até porque nem deve ter um edredom no seu quarto, né? — Nicole encaixou as mãos na cintura, em uma cópia exata de mamãe. — Sabe o que mais vai esquentar se o papai pegar vocês assim? A sua bunda. Sustentamos o olhar por um segundo antes de cairmos na risada.

Eu sabia que ela falava sério. Meus pais eram liberais, mas isso também não significava que eu precisava ficar me agarrando com o Martin no meio do corredor.

Terminei de abrir a porta e fiz uma medida, em um movimento superteatral.

— Bem-vindo ao meu cantinho.

Martin sorriu, escondendo as mãos no bolso da calça, e, sem nenhuma pressa, entrou no quarto. Fechei a porta, aproveitando minha posição privilegiada para o engolir com os olhos. Observei, com toda calma do mundo, suas costas largas sob o moletom. O redemoinho de cabelo que deixava um tufo meio caótico, mas de um jeito sexy. Se é que fazia sentido. E

o desenho do seu pescoço e dos ombros proeminentes.

Agora que eu olhava com atenção, Martin tinha um pescoço grosso. Tipo, bem grosso mesmo. Não sei como não tinha reparado nisso antes, mas o pescoço parecia descer reto do maxilar. Ele virou o tronco para olhar o meu quarto e me deu visão de uma veia estufada pouco acima da clavícula direita. Meu cérebro trabalhou muito rápido para fazer as conexões neuronais e, de repente, me peguei pensando se outras partes do seu corpo também poderiam ser grossas como o pescoço, com veias estufadas e... *meu Deus, o que tem de errado com a minha cabeça???* Engoli em seco, sentindo o rosto todo pegar fogo de uma só vez. *Droga, Alana. Não acredito que você acabou de comparar o pescoço dele ao...*

— Ahhh, você não sabe o quanto eu esperei pra conhecer o seu quarto — comentou Martin, alheio as imagens piscando em minha mente, enquanto passava a ponta dos dedos sobre o meu mural de fotos.

— Sério? — perguntei, tentando soar natural. Mas fui traída pela minha voz, que saiu fraca demais. — Por quê?

Martin virou para me encarar e sua expressão ficou preocupada no mesmo instante.

— Tá tudo bem?

— Tá. Tá, sim. — abanei a mão no ar. — Por quê?

— Hum. É que você tá bem vermelha. Tipo, muito mesmo. Achei que tivesse entalada, ou sei lá — ele deu de ombros, voltando a olhar para o mural.

— Entalada? — insisti, rindo enquanto me aproximava dele. — Com comida, você quer dizer?

— É. Meu irmão vive engasgando, ele fica igualzinho você tá agora — explicou, dando de ombros. — Tava tendo pensamentos impuros, é?

Quase engasguei com a minha própria saliva, mas tentei rir da maneira mais despreocupada que pude.

— Quê?! Claro que não. Eu não tenho essa capacidade, Martin. Olha só pra mim: sou um anjo — pestanejei para ele, forjando minha melhor expressão inocente.

Martin gargalhou, beliscando a minha cintura de brincadeira, porque ele já tinha aprendido que eu morria de cócegas ali. Me contorci, sem conseguir parar de rir.

— Você é ridícula. Já falei isso?

— Só umas três vezes ao dia — respondi, contornando seu pescoço com os braços. Talvez o que os adultos dissessem sobre os adolescentes terem os hormônios à flor da pele fosse mesmo verdade, porque eu não conseguia pensar em outra coisa além da boca dele. Colada na minha. O dia inteiro.

Martin deixou um beijinho rápido no canto da minha boca, contrariando o meu desejo de beijá-lo até ficar sem sensibilidade nos lábios. Então se afastou de mim, pegando uma foto do mural.

— Foi mal. Mas é que a gente conhece muito de uma pessoa pelo quarto dela, sabia? — sua expressão era pura petulância. — Essa aqui é você ou a Nicole? — perguntou, virando a foto para mim.

— Eu. A Nicole usa óculos desde os cinco anos de idade. — Ele voltou a estudar a imagem, com um sorrisinho nos lábios. — O que você tá descobrindo sobre mim nesse quarto, hein?

— Que você é a Barbie — ele me lançou um olhar provocativo. O sorriso tinha dobrado de tamanho.

— Ah, é? — cruzei os braços, arqueando as sobrancelhas.

— E que tem essa obsessão por rosa. Meu Deus, Alana. Precisava ter *tudo* rosa?

Tombei a cabeça para trás, gargalhando alto da audácia daquele garoto irritante. Enchendo o braço dele de tapinhas, o empurrei em direção a minha cama com o meu próprio corpo.

— Você quer mesmo falar sobre obsessão por uma cor, senhor emo fora de moda?

Ele roubou outro beijinho meu, antes de fechar os braços ao meu redor e cair na cama comigo em seu colo. Soltei um suspiro pesado, sentindo aquele desejo imenso se alastrar em mim.

— Sua opinião sobre mim não é das melhores, né? — ele esfregou o nariz no meu. — Sou um emo fora de moda pra você?

— Se veste inteiro de preto, tem uma franja caindo no olho... só falta o lápis de olho.

— Você é impossível, Alana — ele riu, fechando os olhos por um momento. — Não sou emo coisa nenhuma. Só sou básico.

— Tá, né — provoquei. — Se você quer se enganar, quem sou eu pra te contrariar?

Martin esticou o pescoço, até que nossos lábios se encontrassem. Mas,

em vez de me beijar, ele deslizou sua boca na minha, me fazendo formigar inteirinha. *O que você tá fazendo comigo?*

— Você só tá ressentida porque te chamei de Barbie — sussurrou, bem baixinho, contra meus lábios. Seus olhos permaneciam fechados, mas eu não consegui parar de admirar seu rosto. Ele era tão lindo. E era o meu namorado! Caramba, ainda não tinha caído a ficha.

Suas mãos foram parar na minha cintura, apertando com mais força do que eu esperava. Percebi que tremiam um pouco, como na primeira vez que nos beijamos. Mas não tive tempo para focar nisso, pois quando Martin me ajeitou em seu colo, colando ainda mais os nossos corpos, fiquei inteira mole, perdi as forças. Eu usava um vestido. Da minha parte, só a calcinha separava o meu corpo do dele. E isso era tão... excitante e assustador ao mesmo tempo. Agora eu entendia porque suas mãos tinham voltado a tremer, porque as minhas também estavam tremendo bastante.

Deslizei as mãos para dentro de sua roupa, sedenta por sua pele. Estava febril, apesar de estarmos em junho. Parei com as mãos na altura de seu peito e consegui sentir seu coração agitado, tanto quanto o meu.

Martin mordeu o meu lábio inferior, antes de afastar o rosto poucos centímetros e enterrá-lo em meu pescoço, onde deixou beijos desconcertantes. Eu nem sabia descrever o que ele fazia comigo. Meus sentimentos viraram uma bagunça deliciosa. Eu parecia ser feita de fogo. Minha pele ardia de vontade dele. Quanto mais Martin me beijava, quanto mais suas mãos passeavam em mim, mais eu queria. O que era uma loucura. Estávamos no meu quarto, com meus pais e minha irmã em casa. E eu nem sabia se estava pronta para isso. Se era o momento certo. Só que, ao mesmo tempo, eu não tinha forças para tentar explicar isso ao Martin. Além do mais, eu sabia que ele também estava nervoso como eu. Talvez até mais, pelo que eu já conhecia dele e também por sua história.

Seus dedos longos subiram por baixo do vestido e, de repente, esqueci como se respirava. Martin mordeu o lóbulo da minha orelha, deixando beijos pela curva do pescoço até alcançar o ossinho da clavícula.

Senti seu dedo brincar com o aro do meu sutiã, enquanto ele me beijava como se idolatrasse cada pedacinho de mim. Soltei outro gemido baixo, buscando seu rosto com as duas mãos e colando nossas bocas outra vez, porque, do contrário, eu enlouqueceria.

Sua língua deslizou na minha de um jeito lento, preguiçoso e, ao

mesmo tempo, muito sensual. Então, o dedo indicador parou de brincar com o sutiã e ele me surpreendeu ao deslizar a mão para dentro, fechando-a em volta do meu seio.

Martin se afastou poucos milímetros, abrindo os olhos em fenda para medir a minha reação. A única coisa que consegui fazer foi engolir em seco e voltar a procurar seus lábios. Meu coração disparou e minhas pernas pinicaram, sedentas.

Nunca senti nada como aquilo. O descontrole que era gostoso e assustador na mesma medida. A chama que ficava cada vez maior, crepitando em meu ventre.

— Alana... — engoli seu gemido, empurrando o tronco para frente e nos forçando a deitar na cama.

Então tudo ficou ainda mais íntimo. Ainda mais tangível. Martin e eu. Sozinhos. Na minha cama.

Seu quadril começou a se mover para cima e para baixo, roubando qualquer resquício de lucidez que eu ainda existisse em mim. Sua respiração estava entrecortada, ruidosa, densa. Martin buscou a minha mão e, tremendo mais que nunca, a guiou sobre a protuberância de sua calça. Eu não conseguia nem organizar meus pensamentos direito.

Foi no ápice do descontrole que ouvimos três batidas fortes da porta do meu quarto. Quase vomitei meu coração para fora, tamanho foi o susto que levei. E, ao olhar para Martin, descobri que toda a cor tinha se dissipado do seu rosto.

Em um rompante, nós viramos uma confusão de pernas e braços, nos desvencilhando enquanto tentávamos parecer apresentáveis. Como se não estivéssemos atracados um no outro dando uns amassos e quase fazendo uma loucura.

— Po-pode entrar — falei, sentando na cadeira do computador para parecer menos suspeito.

A porta se abriu devagarinho e agradeci aos céus por ser mamãe do outro lado. Seus olhos foram de mim para Martin, desconfiados. Aproveitei para conferir o estado do meu namorado. O cabelo desgrehado, as bochechas coradas, a roupa desalinhada. Torci para que ela não achasse suspeito ele estar com uma almofada no colo, entre as pernas. Droga.

Eu nem queria ver o *meu* estado.

— Porta sempre aberta, tá? — mamãe me olhou nos olhos, com uma

expressão séria, mas o tom foi suave. — Não precisa ficar escancarada, mas também não pode ficar fechada.

— T-tá bom — assenti, querendo me encolher inteira até sumir.

Se tivesse como morrer de vergonha, eu acho que teria caído dura no chão. Ainda mais por causa do olhar de mamãe, de quem sabia das coisas. Que era pior ainda do que se estivesse brava.

Assim que ela abandonou o quarto, deixando uma frestinha aberta, Martin e eu trocamos um olhar cheio de cumplicidade, suspirando de alívio ao mesmo tempo. E acabamos caindo na risada. Não uma risada de quem acha uma situação engraçada, mas sim um riso nervoso, envergonhado.

— Ah, cacete — Martin esfregou o rosto com nervosismo. Parecia anos mais jovem com aquela expressão de culpa. — Se tinha a menor chance de seus pais terem ido com a minha cara, acabei de arruinar.

Seus olhos foram parar na almofada entre as pernas, que Martin não tardou em atirar para longe. O rosto, se era possível, ficou ainda mais avermelhado.

Ri dele, levantando para sentar ao seu lado. Minha perna direita estava trêmula e fraca, de modo que acabei mancando um pouco além do normal. Enrosquei os braços ao redor de Martin, abraçando-o de lado.

— Eles gostaram de você, sim — assegurei, mas senti uma pontada de culpa ao lembrar da expressão de papai. *Eles vão gostar*. — E os pais sabem das coisas, ou você acha que foi por acaso que minha mãe bateu na porta bem agora?

— Caralho, só piorou ainda mais as coisas saber disso, Alana — ele choramingou, enterrando o rosto na curva do meu pescoço. — Tô considerando descer pela janela, só pra não precisar encarar seus pais de novo.

— Primeiro, eu moro no último andar. Segundo, você tá reclamando de boca cheia — respondi, me atirando para trás, para deitar na cama outra vez. — Só vai precisar trocar olhares constrangedores com eles. Pior sou eu, que vou precisar ter aquela conversa horrorosa que os pais insistem em ter com a gente.

— Ah, para! — ele abriu um sorriso lindo, enquanto abanava a mão no ar. — Isso existe na vida real? Achei que fosse coisa que só acontece na ficção.

— Bom, não sei as outras pessoas, mas isso é *tão* meus pais. Acho até

que devem estar discutindo agorinha mesmo como vão falar comigo.

Ele tombou a cabeça para trás, gargalhando em deleite.

— Tá vendo só? — ele apontou o dedo em riste para mim. — Eu não tava de todo errado quando achei que vocês fossem uma família de comercial de margarina.

— Vai se ferrar, Martin — brinquei, mostrando o dedo do meio. Ele riu ainda mais. E Martin ficava tão lindo quando sorria que eu não conseguia aguentar estar tão perto e tão longe. — Vem cá — pedi, abrindo os braços.

Ele olhou para a fresta da porta e depois para mim, sem esconder a preocupação.

— Pode vir — insisti, batendo a mão no espaço vago. — A porta tá aberta.

Não precisei pedir de novo. Martin tirou os sapatos e se encaixou ao meu lado, ficando de frente para mim e pousando a mão na minha cintura.

— Você tem um cheiro muito bommm — ele gemeu, roçando a ponta do nariz no meu pescoço. — Era uma tortura sentar atrás de você e não poder fazer nada.

— Tortura era aguentar você chutando a minha cadeira o dia todo! — mostrei a língua para ele. — Aliás... valeu por ter sentado atrás de mim no primeiro dia de aula. Acho que eu teria ficado arrasada se nem você tivesse se aproximado de mim.

— *Nem eu?* — perguntou, unindo as sobrancelhas.

— É. O aluno novo, que não sabia da minha amputação.

— Ah — Martin deu um sorrisinho tímido. — Te ver sozinha lá *foi o motivo* de eu querer sentar atrás de você.

Acaricieei suas maçãs do rosto com as costas da mão, em um movimento suave, preguiçoso. Martin desceu as pálpebras, respirando fundo.

— Você é um garoto estranho, sabia?

Ele assentiu, sorrindo. Então voltou a abrir os olhos, como se tivesse acabado de lhe ocorrer algo:

— Acho que nunca perguntei... sobre o acidente em si — Seu tom era cuidadoso, Martin parecia pisar em ovos comigo. — Você disse que foi aqui na rua que você mora. Mas tipo... o que aconteceu?

— Humm... deixa eu ver — enterrei os dedos em seus cabelos ondulados, sem conseguir parar de encostar nele, de senti-lo, de aproveitar ao máximo a sua companhia. — A gente tava saindo de viagem, nas férias do

meio do ano passado. Eu fiquei enrolando pra fazer a minha mala e meu pai acabou carregando o carro sem a minha — ele deu uma risadinha e acabei rindo junto. Martin já me conhecia o suficiente para saber que isso era a minha cara. — Eu precisei descer pra guardar enquanto ele preparava o café da manhã. Só que, assim... meu pai é péssimo em arrumar o porta-malas. Eu tive que tirar tudo pra tentar arrumar de novo, se não eu não ia conseguir enfiar a minha.

— Puts. Não diz que...

— Pois é. Foi tudo bem rápido. Eu ouvi o som dos pneus cantando de longe, o cheiro de borracha queimada... — conforme eu proferia as palavras, todas as sensações voltavam à tona, vívidas. — Nem deu tempo de olhar pra trás, nem nada. Meu corpo foi atirado pra frente e eu senti uma dor horrorosa. Basicamente, foi isso.

Me surpreendi ao constatar que já não doía mais falar sobre o acidente. Não como no começo. As lembranças continuavam ricas em detalhes, eu quase podia sentir o cheiro forte de borracha se forcesse bastante a memória. Mas, apesar disso, a raiva tinha ido embora. A recusa em aceitar a realidade. Enfim. Todo mundo me disse que com o tempo ficaria mais fácil, e, por mais difícil que tenha sido acreditar nisso, era verdade.

Martin estalou a língua no céu na boca, me trazendo para a realidade.

— Mas e o motorista...?

— A motorista — corrigi. — Ela tava voltando de uma festa. Tava bêbada — seu rosto se contorceu em indignação. — Mas prestou socorros, o que já foi ponto positivo pra ela.

— Ficou por isso? Quero dizer... ela foi presa, ou... sei lá?

— Não foi presa — expliquei, com o coração pequenininho. Essa parte eu ainda não tinha superado. Um dia eu perdoaria a motorista que me atropelou, mas ainda não era a hora. — Mas estamos processando ela. Pedindo uma indenização pelos danos morais e... ahn... por todo o prejuízo.

Suas sobranceiras se uniram.

— Prejuízo? — perguntou. — Tipo... a prótese?

— Também. E é bem cara. Coisa de uns cinquenta mil. — Martin arregalou os olhos, chocado. — Eu sei, é muito dinheiro mesmo. Mas o principal é que eu não pude mais exercer a minha profissão por causa do acidente. — respirei fundo, ignorando a pontada que eu sempre sentia quando *lembrava* disso. Que nunca mais poderia fotografar. Fazer o que eu amava.

— Nosso advogado tá tentando uma espécie de pensão. Pra... *compensar*. Não gosto da palavra, mas é basicamente isso.

— Entendi. — Martin esticou o pescoço, roubando um beijo. Sorri com seu gesto e seu olhar se iluminou. — Quando sai o resultado?

— Ah... isso demora. Mês que vem temos uma audiência, mas meus pais me falaram pra eu meio que esquecer por enquanto. Uma hora vai sair, mas se eu tirar da minha cabeça é melhor.

Ele assentiu, deixando uma sucessão de apertos na minha cintura. Fiz o possível para não me contorcer, mas a cada segundo ficava mais difícil. Com o olhar distante de quem estava com os pensamentos à mil por hora, Martin murmurou:

— Deve ser difícil pra ela também, né... saber que um erro custou tanto pra outra pessoa. — Talvez algo em minha expressão o tenha deixado alarmado, pois ele se adiantou em explicar. — Eu sei que nada se compara ao que você sofreu. Mas imagina saber que você destruiu os sonhos de uma pessoa por irresponsabilidade sua. Imagina dormir à noite pensando “caramba, por que eu fui fazer isso?”. Eu não sei se aguentaria.

— Acho que é o mínimo — dei de ombros, sem conseguir esconder o rancor. — Ficar com a consciência pesada. E pensar duas vezes antes de colocar a vida de outra pessoa em risco.

A sombra de um sorriso pincelou seus lábios.

— Eu ia perguntar como você se sentia sobre ela... mas acho que isso responde?

— Não me leva a mal — suspirei, de repente me sentindo exausta. — Eu quero perdoar ela. Seguir em frente. Quero mesmo. Sei que ela deve ter entrado no carro igual a todo mundo e pensado que tava superbem pra dirigir. Tipo, é claro que ela não achou que fosse atropelar alguém, né. Mas aconteceu, Martin. E o preço que *eu* paguei foi muito alto. Eu não tinha nada a ver com isso — umedeci os lábios, tentando controlar a respiração. — E, sei lá. Sou só um ser humano. Às vezes me sinto na obrigação de superar tudo, de virar uma mulher maravilha, de ser como uma dessas meninas do Instagram que têm amor próprio pra dar e vender. Mas acho que, no fim das contas, a vida não é assim. Cada um tem seu ritmo.

— Eu sei — ele encostou a testa na minha. — E concordo. Você não precisa se sentir bem com isso. Nem agora, nem nunca. A única pessoa que você precisa se sentir bem é com uma garota loira linda, de olhos verdes.

Conhece?

Soltei uma risada baixa, me aproximando um pouco mais dele.

— Faço das suas palavras as minhas. Você também precisa se sentir bem com um certo emo do sorriso bonito — sussurrei, com medo de que ele se fechasse em seu próprio mundinho particular. — Parar de fumar feito uma chaminé, e tomar o café da manhã no boteco. E parar com isso aqui, principalmente — concluí, alisando as costas da sua mão.

— Eu sei — repetiu ele, com uma pontada de tristeza na voz. — Tô tentando.

— Sei que você faz isso pra conseguir suportar as outras coisas. Mas, Martin, agora você tem a mim. Tô aqui pra segurar o tranco com você, tá?

— Promete? — um sorriso tímido pincelou seus lábios, deixando-o anos mais novo.

— Prometo — respondi, oferecendo o mindinho para ele.

Martin enroscou o próprio dedo no meu, antes de percorrer a distância até a minha boca, com os olhos brilhando além do normal.



*Eu posso te dizer porquê
As pessoas morrem sozinhas
Eu posso te dizer que eu sou
Uma sombra no sol
Audioslave – Shadow On The Sun*

Acendi meu último cigarro no momento em que virei a esquina da rua de casa. Atirei o maço vazio em um terreno baldio e segui em um ritmo moroso. Eu não tinha a menor pressa em chegar em casa. Não depois daquele dia maravilhoso do caralho! Quero dizer... meu Deus.

Era impossível tirar o sorriso do rosto. E eu nem queria. Não lembrava de já ter me sentido tão feliz, tão em paz antes. Cada vez que eu pensava em Alana e no nosso dia, meu coração disparava e a adrenalina se alojava por cada pedacinho de mim. Namorada. Ela era a porra da minha namorada! Eu ainda nem conseguia acreditar nessa merda, ainda que já contassem dias desde que demos um nome para o que a gente tinha. Quando imaginaria que alguém como ela teria olhos para um fodido como eu? Quando imaginaria que uma única pessoa poderia me tirar da escuridão com a sua luz? E a luz daquela garota era resplandecente. Chegava a cegar. Não

restava uma única sombrinha quando ela ficava por perto.

Me recostei no muro de casa, dando os últimos tragos no cigarro. Nietzsche começou a latir, feito o carente que era. Mas, pela primeira vez em muito tempo, não me incomodou. A felicidade corria em minhas veias, milhões de vezes mais potente que a nicotina, o álcool ou qualquer outra porcaria. Eu queria pegar Nietzsche no colo e dançar sob a luz do luar, por mais bizarro que isso fosse.

Caramba. Que viagem é essa?

Quem é esse Martin?

Atirei a guimba para longe e olhei para a lua, lembrando da promessa de um ano atrás, quando tudo parecia fora do eixo. E me peguei pensando nas coisas que teria perdido se o desenrolar da minha história tivesse sido outro. Se, em vez de amarelar, eu tivesse seguido em frente. Quantas coisas ruins teria me poupado, era verdade. No entanto, eu também teria perdido uma das coisas mais incríveis que já tinham me acontecido. Eu vinha descobrindo tanto de mim mesmo... Como era bom ser visto. Ser enxergado por outras pessoas. Ser amado.

O rosto de Alana e de Tati vieram à tona e precisei pestanejar até não correr mais nenhum risco de chorar. Mirei para o céu escuro e muito estrelado, soltando um suspiro pesado.

— Valeu, dona lua — murmurei baixinho. — Você me salvou. E valeu a pena pra caralho.

Bati com as mãos na calça, me preparando para encarar a minha realidade. Era a hora que conto de fadas acabava. Eu precisava estar alerta, precisava reunir toda a minha força para suportar. Quanto mais eu descobria que a vida podia ser muito mais que sofrimento e dor e lágrimas, mais difícil se tornava voltar para casa. Lidar com a vida de merda que eu tinha.

Fiquei viciado no calor delicioso que se espalhava pelo meu peito quando eu gargalhava de alguma gracinha de Alana. Viciado na leveza que me arrancava do chão e me fazia flutuar, junto as nuvens, sorrindo à toa. Viciado no calafrio intenso que descia pela espinha e gelava o estômago cada vez que cobria os lábios dela com os meus.

A felicidade era viciante.

Como uma droga. Eu precisava dela pra continuar. Cada vez queria mais. Caralho, não fazia mal me permitir buscar por isso, só para variar. Eu merecia. Todo mundo merecia, é claro. Mas eu... eu *precisava*.

Falta pouco.

Logo você vai poder se livrar deles.

Segura firme.

Abri o portão enquanto subia o capuz do moletom e assumia minha postura defensiva de sempre. Mordi o nó do dedo indicador, me agarrando a todas essas lembranças boas com Alana, assim como Elise tinha me ensinado nas últimas sessões. Era o meu *expelliarmus*. Ninguém podia tirar isso de mim. Era o meu segredo. O meu tesouro escondido. Não importa quantas porradas eu levasse da vida, isso fazia valer a pena.

Nietzsche pulou em mim, sujando a barra do meu jeans da terra que ele vivia remexendo no pequeno jardim. A vontade de dançar com ele sob a luz do luar se dissipou no mesmo instante.

— Precisava disso? — perguntei, passando a mão em sua cabeça, no exato momento em que a porta da sala foi aberta com suavidade.

Elise saiu de lá de dentro e, ao me ver, seus olhos brilharam em tristeza. Como se quisesse me passar uma mensagem, um alerta. Mas fiquei tão alarmado com a sua visita inesperada que mal consegui reagir quando ela parou em minha frente, segurando os meus braços.

— Martin, tudo vai ficar bem, eu... — ela deu um sorriso triste, engolindo em seco. — Tudo vai ficar bem.

Assenti, e continuei imóvel no lugar, a observando sair pelo portão e sumir na noite.

Que porra...?

Um milhão de perguntas começaram a pipocar na minha cabeça, me deixando mais alarmado a cada segundo. Desde o dia em que cochilei durante uma sessão de terapia e sonhei que tinha dado com a língua nos dentes, comecei a me esforçar mais. Nunca contei nada concreto, sobre Geraldo, os abusos, ou qualquer detalhe sobre a minha vida particular que pudesse me encrencar. Mas aproveitei para desabafar sobre coisas que ninguém mais entenderia, coisas das quais ela entendia muito bem. Como, por exemplo, a necessidade de me machucar para extravasar. E o buraco imenso que eu carregava dentro de mim e me impossibilitava de ser como um garoto normal. Enfim. Pela primeira vez, acatei um conselho de minha mãe e decidi aproveitar a oportunidade de levar aqueles encontros semanais a algum lugar. Uma pena que eu fosse tão cabeça dura e tivesse levado um ano para começar a falar o que importava.

No entanto, por mais que eu nunca tivesse falado nada que pudesse me comprometer, comecei a ficar em pânico com a perspectiva de ela ter lido nas entrelinhas ou usado o seu superpoder de psicóloga e entendido tudo. Porque se isso tivesse acontecido, se essa fosse a razão de sua visita... meu Deus. Eu nem queria pensar nisso.

Mamãe apareceu na porta, e seus olhos logo pousaram em mim. Não tentei esconder a minha curiosidade na razão da minha psicóloga estar ali em um sábado à noite para conversar com ela. Mas, se percebeu meu pânico crescente, minha mãe resolveu ignorar. Apenas abriu um sorrisinho que contrariava seu olhar tristonho, perdido. Bastava mirar nele para ter certeza de que ela nunca chegou minimamente perto de se sentir como eu estava me sentindo no caminho de volta para casa. Nunca foi tão feliz. Nunca conseguiu preencher o vazio imenso que abrigava dentro de si.

— Martin... tá tarde. Ficamos preocupados. Você não avisou que ia ficar fora até essas horas — disse, com a voz sofrida, abrindo espaço para que eu entrasse.

— Foi mal — e, quando passei por ela, mamãe fez menção em me tocar. Mas antes mesmo que meus dedos conseguissem me alcançar, desviei dela. — Eu também não sabia que ia ficar tanto tempo na rua. Teria avisado se tivesse como — dei de ombros.

Na sala, Noah assistia *Wall-e* pela centésima vez, repetindo as falas sem nem ao menos se dar conta. Ele estava sentado no colo de Geraldo, que se distraía com seu celular. Mas tinha alguma coisa errada no todo. Não era como quando eu costumava sentar no colo de outros adultos durante a infância. Em geral, eu montava no joelho das pessoas. Era inocente. Não tinha nada por trás. Mas ali... não sei. Talvez eu estivesse procurando pelo ovo, por se tratar de Geraldo. Mas ele parecia esparramado demais, relaxado demais. E Noah mal piscava, fissurado na televisão um pouco além do normal. Notei os dedos roliços e rosados de Geraldo no joelho do meu irmão e senti um nó na garganta e um aperto imenso no peito.

— Onde você estava? — mamãe perguntou, me despertando do transe. Ela se sentou ao lado do porco enorme e calvo com quem era casada.

Tentei responder, juro que tentei. Mas minha garganta arranhou e não encontrei minha voz. Só consegui permanecer parado feito uma estátua, enquanto tentava lutar com a vazão enorme de pensamentos.

— Não ouviu sua mãe? — o porco enfim se interessou pela nossa

conversa, erguendo o rosto para me encarar. Sua expressão era calma, serena. Nem parecia que estava agindo feito um filho da puta no meio da sala, como se fosse a coisa mais normal.

Meu sangue ferveu. O rosto esquentou. Meus dedos começaram a tremer com violência. Eu não conseguia tirar os olhos do meu irmão no colo daquele imbecil.

O que vou fazer? O que vou fazer?

Putá merda, O QUE EU VOU FAZER?

— E-eu... eu tava... — engoli em seco, mordendo minha língua com toda força porque, do contrário, cairia no choro. — Sei lá. De bobeira.

— Ah, Martin... diz que você não andou bebendo de novo? — Mamãe choramingou, escondendo o rosto com as duas mãos.

Senti todo o sangue se esvair do meu rosto.

Caralho, precisava falar isso agora?

Você não me ajuda!!! Parece que quer me ferrar, cacete.

— O quê? — exclamei, subindo uma oitava da voz. — Não! Claro que não.

— Então conta pra gente o que você fez na rua do meio dia até as dez da noite, Martin — Geraldo proferiu com calma.

Como se tudo isso fosse delicioso demais para ele. Mais que isso, como se tivesse esperado o dia inteiro para a sua dose de tortura diária.

Bati com as mãos na coxa, negando com a cabeça. Noah continuava com os olhos fixos no filme. O corpo imóvel. Parecia a droga de um boneco. Um boneco polido demais, bonito demais, mas podre por dentro.

Era como a minha miniatura.

O que tá acontecendo?

Por que isso tudo logo agora?

Merda. Merda. Merda.

Vou enlouquecer.

— Não! — bradei, sendo tomado pela ira. — Não importa, tá? Eu tenho dezoito anos, não devo satisfação nenhuma, porra. Você não é nada meu, pra começo de conversa.

Me preparei para o surto, mas Geraldo apenas sorriu. Um sorriso contido, de quem achava graça da situação. Mas seu rosto começou a ficar rosado. O que, eu sabia, era um péssimo sinal.

Como ninguém ousou falar mais nenhuma palavra, resolvi sair dali.

Aquilo tudo era demais para mim. Eu precisava pensar no que fazer. Não podia... ficar parado. Porque ficar parado era ser conivente e eu *já* seria conivente. Mesmo que custasse a porra da minha sanidade.

Quando meu pé tocou o corredor que dava para o meu quarto, Geraldo pigarreou.

— Quem é Alana?

Congelei no lugar. Do dedinho do pé ao último fio de cabelo. Mordi o lábio inferior, sem saber como agir. Nunca parei para pensar em como Geraldo reagiria se um dia eu comesse a me envolver com outras pessoas. Mas, eu meu interior, sempre temi que não fosse lidar bem. Em parte, porque ele era controlador para caralho. Queria dominar cada aspecto da minha vida. Me consumir inteiro. Mas, sobretudo, porque ele encanava com coisas pequenas só para me infernizar. Se Geraldo percebia que alguma coisa me fazia feliz, ele transformava isso em algo horrível, só para me destruir.

— Sei lá. Ninguém — fiz o possível para empregar força em minha voz. Precisava ser convincente. Se eu hesitasse um pouquinho só, estaria ferrado.

— Hum... — sua voz nojenta me alcançou. — Você não conhece nenhuma Alana? Nenhuma chance de ter uma garota com esse nome no seu colégio?

Dei de ombros, soltando o ar dos pulmões de maneira audível.

— Não que eu saiba — e então me virei, ficando de frente para ele outra vez. — Se você prestasse mais atenção em mim, ia descobrir que não sou o garoto mais popular.

Geraldo assentiu, sem se desfazer do sorriso. Mamãe, por sua vez, tinha assumido a mesma postura de Noah. Congelada, estática, vazia.

— Engraçado você não saber o nome da menina que senta na sua frente... — e, com muita delicadeza, ele tirou meu irmão do seu colo, sentando-o no lugar vago do sofá.

Ergui ainda mais o queixo, aceitando o desafio.

— Não me importo com aqueles mimadinhos de merda. Quanto menos eu souber deles, melhor — Precisei esconder as mãos nos bolsos do moletom, para que ele não visse o pavor transparecendo.

Assentindo outra vez, ele cruzou os braços e deslizou no sofá.

— Mas você não parece achar isso dela, né? — provocou. — Andando de mãos dadas, se agarrando por qualquer esquina, buscando a

garota em frente ao prédio dela todo dia... estranho você não saber o nome.

Meu queixo caiu.

Ele tá me seguindo?

Anda me espionando, porra?

Meu Deus. Meu Deus.

Não consegui sustentar nenhuma máscara. Meu mundo ruiu mais uma vez. Eu já tinha perdido as contas de quantas vezes experimentei essa sensação devastadora de me perceber no fim da linha. A sensação gigantesca de perder as esperanças. De topar com um muro e perceber que não tinha mais escapatória. Era isso. Fim de linha.

— Ahhh! Parece que lembrou? — Geraldo alargou o sorriso, mas durou pouquíssimos segundos, porque seu rosto logo se contorceu em ira. Ficou vermelho vivo. De maneira inconsciente, recuei um passo, aumentando a distância entre nós.

— O que você quer? — perguntei, em um sopro de voz.

— Quero me certificar de que você não vai mais ver essa garota. Acabou aqui, tá ouvindo? — rosnou, apontando o dedo em riste em minha direção. — Seja lá o que vocês têm, você não vai mais chegar perto dela.

— Não! — quase gritei a resposta.

— Então você virou esse tipo de pessoa, Martin? Se aproveita da fragilidade dela pra conseguir o que quer. Uma *aleijada*. É sério mesmo?

Como esse filho da puta ousa...?

Minha visão ficou borrada de vermelho. De repente, cada pedacinho do meu corpo ansiou pelo cheiro salgado do sangue. Pelo ardor da minha pele rasgando. Pelo vermelho vivo pintado em toda parte.

Não cai nessa.

Ele quer te desestabilizar.

Fica calmo.

Neguei com a cabeça, soltando uma risada de uma só nota.

— Aham. Eu me aproveito dela pra caralho. Ela também se aproveita de mim. E você não faz ideia de como eu gosto — abri um sorriso.

O silêncio que ocupou a sala foi esmagador. Senti como se as paredes diminuíssem de tamanho, nos comprimindo naquela merda toda. Sustentei o olhar de Geraldo, que parecia em chamas. E, quando dei por mim, ele tinha pulado do sofá e parado em pé na minha frente.

O primeiro tapa me pegou desprevenido. Achei que demoraria mais

para que as porradas comessem. Pisquei algumas vezes, ignorando a expressão chocada de mamãe. *Que teatrinho de merda*. Como se ela já não tivesse visto isso um milhão de vezes. Passei a mão sobre a bochecha febril, mas não ousei derramar uma lágrima. Em vez disso, abaixei o capuz e ergui ainda mais o rosto, para que Geraldo visse.

— Seu merdinha do caralho! Se acha muito adulto. Muito bonzão. Eu não dou *a mínima* se você tem dezoito anos ou cem. Se você mora na porra da minha casa e depende do meu dinheiro, então vai fazer tudo o que eu mandar.

— Não vou — sibilei, aproximando o rosto do dele. Meu estômago se retorcia. Eu sentia que a qualquer momento vomitaria de tanto medo. Mas, caralho, sonhei tanto com o dia em que conseguiria enfrenta-lo. Por mais assustador que fosse, era também fantástico saber que eu encontrava essa força em mim. — Você vai fazer o quê, hein? Me amordaçar? Me amarrar na cama pra que eu nunca mais tenha contato com o mun...

O segundo tapa me impediu de terminar a frase. O gosto metálico do sangue preencheu minha boca. Cuspi no chão da sala e umedeci os lábios com calma, antes de abrir um sorriso ainda maior que o primeiro.

— Chega de piada! Eu não quero você se atracando com nenhuma vagabunda pela rua, tá ouvindo? Você *não vai* namorar ninguém. Porque eu tô mandando. Eu que mando nessa merda — Geraldo segurou a base do nariz com força, perdendo cada vez mais o controle.

Quem sabe esse fosse o dia em que ele enfim me matasse. Ao menos seria preso e não colocaria mais as mãos no meu irmão. Nem em ninguém.

— Você não manda em mim. Não manda! Pode continuar me batendo, Geraldo. — E, no ápice do descontrole, dei três tapinhas no meu próprio rosto, sobre o lugar que já latejava. — Eu gosto. Vamos lá. Me quebra inteiro. Amanhã eu levanto, bato a poeira e sigo a porra da minha vida. O que você vai fazer, hein?

Dessa vez foi um soco no estômago.

Me dobrei inteiro para frente, sentindo o mundo girar com intensidade ao meu redor. Geraldo gargalhou com ódio. O pior tipo de risada que uma pessoa pode dar.

— Ah, meu Deus! Meu Deus, querido — mamãe choramingava, buscando Noah para o seu colo. — Não precisa disso. Não faz assim. Ele é só um garoto...

Cuspi mais sangue, me odiando por deixar as lágrimas começarem a escapar dos olhos. Estava dando o que ele queria. Era isso. Ele só queria me foder.

Antes que eu pudesse entender o que estava acontecendo, fui forçado a levantar. Pelos cabelos, Geraldo me ergueu outra vez até que estivéssemos frente a frente. Olho no olho.

— Eu quero ouvir você falando que não vai mais encontrar aquela piranha.

— Ah, mas eu vou... — abri outro sorriso e algumas lágrimas escorreram para dentro dos meus lábios. O gosto salgado se uniu ao sabor de sangue. — Como eu vou!

— Não brinca comigo, moleque, tô avisando.

— Martin! — mamãe soluçou. — Só obedece o seu pai, por favor, filho. Faz isso.

— Por quê, hein? — bradei, buscando-a com o olhar. — Por que eu não posso namorar? O resto do mundo inteiro pode, porra! Você me diz o tempo todo pra me esforçar e ser uma pessoa agradável. Uma pessoa normal. E agora que eu consigo isso, agora que finalmente alguém gosta de mim, você quer tirar isso? Que porra é essa? — Sequei as lágrimas com o lado interior do pulso. — Que inferno! Essa casa é um inferno. Tá tudo errado. Tudo errado, merda.

— Você é muito novo, querido... vai ter tempo pra fazer essas coisas... — a voz dela morreu no ar quando me entreguei ao choro.

Geraldo segurou minha cabeça com as duas mãos, aproximando o rosto do meu. Fiquei inteiro paralisado. De medo, de raiva, de nojo. Ele era tão maior. Tão mais forte.

E eu era só a merda de um garotinho de oito anos.

A merda de um fraco.

— Ah, Martin... se eu sonhar com as coisas que tão acontecendo entre vocês... — sussurrou, para que só eu ouvisse. — Se eu sonhar com onde suas mãos já estiveram. Onde você andou colocando essa boca. O que você andou fazendo por aí... — ele soltou uma risada debochada. — É bom eu nem sonhar. Você não sabe com quem tá mexendo.

Meu Deus.

Meu Deus, me salva daqui.

Me tira daqui.

Ele é insano.

Eu só quero... sumir.

— Você não é meu pai. E você também não é meu dono. Não vai me dizer o que eu posso fazer ou não — neguei com a cabeça, as palavras saindo embargadas. — Não vai. E se você colocar a mão nessa garota, eu te mato, Geraldo. Eu mato mesmo. E sei de mais gente que vai querer te matar junto. Ao contrário de mim, a Alana tem uma família QUE SE IMPORTA. OUVIU, MÃE? OS PAIS DELA JAMAIS IAM DEIXAR UM ARROMBADO ESMURRAR A CARA DELA — berrei até perder o ar dos pulmões.

Como resposta, Geraldo me puxou para frente e me empurrou contra a parede. Seu corpo prensando o meu, me impedindo de fugir, de fazer o menor movimento. O dedo em riste veio parar na minha bochecha, cutucando como a ponta afiada de uma faca.

— Eu *não* tô perguntando, moleque. Não tô pedindo a sua opinião. Tô dizendo que é bom você se manter afastado dela, ou as coisas vão ficar feias pro seu lado. Tô dizendo que se eu descobrir que você andou comendo essa aleijada, ou sei lá mais o quê, eu te deixo igual a ela, tá ouvindo?

— Martin... — foi a única coisa que mamãe ousou falar.

Cerrei os dentes, fechando os olhos por um momento.

Eu estava tão inconformado. Tão puto. E, mais que tudo, triste. Onde estava aquele Martin feliz que queria dançar com o cachorro? Onde estava o Martin feliz que agradeceu a porra da lua?

Por que ele não agradecia agora?

Vamos, lá seu merda.

Agradece essa vida maravilhosa que você tem.

Não é incrível?

— Eu também não tô perguntando e nem pedindo sua opinião, seu leitão doente do caralho! — rosnei palavra por palavra, olhando bem no fundo de seus olhos azuis pálidos. — Tô dizendo que não vou me afastar, porra nenhuma. Ouvia? Não. Vou. Me. Afastar! — passei as mãos pelos cabelos. — Por que você já não economiza o tempo e faz tudo isso que tá prometendo? Anda logo, me bate! Me deixa *aleijado*. — pronunciar a última palavra me deixou com um nó na garganta. Só consegui pensar em Alana e no quanto ela ficaria devastada se me ouvisse falando algo tão desrespeitoso. — Me mata, Geraldo. Não foi o que você prometeu? Tô esperando! Assim pelo menos você me poupa de olhar pra essa sua cara de merda!

Mamãe soltou um gritinho apavorado quando ele fechou as duas mãos em volta do meu pescoço. Só consegui pestanejar, tentando encontrar o ar em algum lugar.

— Pelo amor de Deus, Geraldo! Não faz isso — sua voz era um grunhido de nada. — Deixa o sangue esfriar. Minha nossa senhora! Você vai acabar fazendo uma besteira. Pensa bem, querido.

Noah abriu um berreiro que trouxe seu pai de volta para a realidade. Geraldo me soltou, recuando alguns passos com as mãos encaixadas no cóc da calça.

— Não sei mais o que fazer com esse moleque — resmungou, negando com a cabeça, como se eu tivesse acabado de confessar que roubei um carro ou sei lá.

Mas eu só tinha uma namorada. Meu grande erro tinha sido insistir naquela vida de merda por tanto tempo.

Senti as mãos suaves de minha mãe nos ombros e quase desfaleci de susto. Olhei para ela, esperando uma palavra de conforto. Um carinho. Implorando por qualquer sinal de que ela se importava.

— Vai pro seu quarto, Martin. Depois a gente conversa.

— Quê?! — quase cuspi. — Não! Não vou — e sem pensar direito, a empurrei para longe de mim. Mamãe ficou com os olhos estatelados, a boca escancarada em uma careta de horror.

— Pelo amor de Deus, Martin! Tenta, uma vez na vida, fazer as coisas direito!

Abri e fechei a boca três vezes até conseguir encontrar minha voz.

— Sério mesmo, mãe?! Você vai continuar do lado dele?

— Não tem lado, Martin...

— Depois de tudo o que ele fez? Você vai mesmo fechar os olhos e continuar fingindo que nunca viu todas as vezes que ele acordou durante a noite e demorou pra caralho pra voltar? — eu estava atravessando a linha tênue que separava meu tom de voz de virar um berro. — Vai continuar fingindo que ele não me olha de um jeito doente pra caralho? PORRA, MÃE! — fechei os olhos, sentindo meu tronco rasgar, despejando minhas entranhas no chão. Tanto sangue, tanta dor, tanta bagunça.

— Do que você tá falando, moleque? — A voz dele saiu trêmula de ódio.

Mas, pela primeira vez na vida, não senti medo dele. Fiquei tão vazio

a ponto de não me importar com mais nada. Aquele foi o estopim. A última gota d'água. Eu só queria sair dali e berrar com toda a força dos meus pulmões o quanto tudo na merda daquela casa estava errado.

A porra do meu padrasto não me queria namorando porque, para ele, eu era o seu brinquedinho preciso. Só ele podia colocar as mãos imundas em mim. Ninguém mais. E a pior parte de todas era que a minha mãe não conseguia enxergar o meu lado. Nem mesmo se eu mirasse a porcaria de um holofote na cara dela, ela jamais me enxergaria. Seus olhos eram cegos para mim. Em seu coração, só existia espaço para o leitão desgraçado que insistia em dizer que era o meu pai. Só ele parecia capaz de preencher o buraco enorme de sua existência.

— Tô falando disso mesmo que você acha, Geraldo — engoli em seco. — De todas as vezes que você entrou no meu quarto de madrugada e percorreu suas mãos asquerosas em mim. Como se eu fosse um objeto. Que você pega e faz o que quer. Mas eu não sou. NÃO SOU! — Meus ombros balançavam com violência, ao passo em que as lágrimas jorravam dos meus olhos. — Não aguento mais fingir que tô dormindo, só pra não precisar lidar com esse inferno. Enquanto você me toca desse jeito tão... sujo. Tão errado. Meu Deus, eu não aguento mais. Mãe, como, *como* você pode não ver toda essa merda que acontece bem na sua cara? Como você deixou isso acontecer por dez anos, mãe? — Enfiei as mãos nos cabelos, querendo arrancá-los, só para ver se a dor lancinante que vinha de dentro diminuiria. — E agora tá deixando ele molestar o Noah também! Quero dizer... caralho. Já não bastava ter fodido com a minha vida? É pra isso que você colocou a gente no mundo?

— O que é *bolestar*, mãe? — ouvi a vozinha de Noah no ar, antes de ser golpeado em cheio na boca do estômago.

— MENTIROSO! — urrou Geraldo, me golpeando mais vezes.

Com o corpo dobrado para frente, escorreguei até estar sentado no chão. O mundo rodava de maneira impiedosa. As imagens passavam como um borrão diante dos meus olhos. Vi minha mãe cobrindo os ouvidos de Noah e negando com a cabeça, se recusando a aceitar a verdade. Foi nesse exato momento que eu percebi que sempre se tratou de uma escolha.

Ela sabia. Mas optou por não saber. Porque assim talvez a culpa fosse menor. Porque assim, talvez, não precisasse lidar com nada disso. Assim o fardo ficava só comigo.

— Não tô mentindo, mãe — solucei, procurando seus olhos em

desespero. Mas eles fugiam de mim. Faziam de tudo para não encontrarem os meus. Meu coração se partia em pedacinhos cada vez menores.

Quantas vezes uma pessoa podia aguentar o coração partido? Despedaçado? Ferrado de maneira impiedosa. Quantas vezes uma pessoa podia aguentar ver tudo ruir e ter forças para levantar de novo?

Eu não sabia mais.

Mas precisava tanto dela. Meu Deus, como eu precisava.

— CALA A BOCA, PORRA! — Geraldo deu um chute na minha canela que me arrancou um gemido de dor. O mundo girou ainda mais rápido.

— Acredita em mim — murmurei, sem desgrudar os olhos dela. — Por favor, mãe. Acredita em mim.

— E-eu... — ela coçou a nuca antes de começar a guiar Noah para fora da sala. — Martin... você deve ter entendido tudo errado. Acho que... c-confundi as coisas. Seu pai só quer seu bem. Ele nunca faria nada para te machucar. Ele só... precisa te educar, te colocar na linha, e... — Mamãe cobriu a boca com uma das mãos, os olhos se enchendo de lágrimas. — Você precisa tomar cuidado com as coisas que fala. Para não machucar os outros. As palavras são poderosas, filho. Foi tudo um engano. Só isso.

Estava me rasgando. De dentro para fora. Me partindo no meio.

Quase dava para ouvir o som da minha pele sendo esticada ao máximo e então rompendo. Os estalos baixos e angustiantes. O sangue jorrando e lavando o tapete felpudo da sala.

Neguei com a cabeça, mordendo a língua com toda a minha força. Porque, do contrário, eu choraria tanto que nos afogaria em lágrimas. O tempo em que ela levou para fugir dali com Noah e poder se isentar da culpa foi como uma eternidade. Vi um filme passar diante dos meus olhos, por mais clichê que fosse. Mas vi mesmo. Um filme de dor. De medo. De ódio. De solidão.

Uma solidão tão grande a ponto de me consumir e não existir mais nada além dela. Uma solidão que me isolava do resto do mundo, me trancando em um quatinho escuro e claustrofóbico, onde ninguém conseguia alcançar.

A solidão era o pior sentimento de todos. Eu podia estar em um estádio lotado e continuaria me sentindo só. Como se eu existisse em uma dimensão paralela. Como se pudesse enxergar as pessoas, ouvi-las. Ter a

sensação de que interagira com elas. Mas não era verdade. Ninguém me via de volta. Ninguém me ouvia. Eu estava fadado a continuar sozinho.

E o problema da solidão é que ela dói demais.

Muito mais que as porradas que levei de Geraldo assim que ficamos sozinhos na sala. Me encolhi até virar uma bola, tentando esconder o rosto. Suas palavras desconexas me alcançavam, mas não me diziam nada.

— Falei pra não abrir a boca... na frente do meu filho... vou te matar, moleque...

Não sei quanto tempo durou.

Talvez horas. Talvez vidas inteiras.

Talvez eu já tivesse morrido e aquilo fosse o inferno. Talvez eu ainda fosse precisar viver uma eternidade inteira daquela merda.

Geraldo ofegava e gemia, como quando me fazia visitas na madrugada. Eu era o muro chapiscado dele. Ele queria descontar toda a raiva que abrigava dentro de si. Na cabeça doentia dele, eu era culpado. Eu sempre era culpado.

Ele condenou a minha vida. Roubou minha infância, destruiu o meu futuro. E, ainda assim, a sentença era minha. Só me restava cumprir minha pena.

Quando Geraldo se deu por satisfeito, eu perambulava pela consciência e a inconsciência. Vi flashes borrados passarem diante dos meus olhos. Mamãe guiando Noah para o quarto deles, com as mãos cobrindo seus olhos, para que ele não visse. Ele não podia ver. Não podia perceber quem eram os seus pais. Como seria a vida de merda esperando por ele. Vi flashes de Geraldo andando de um lado para o outro. Chutando móveis. Xingando alto. E depois saindo do banho parecendo mais relaxado. Mais calmo.

— Esse é o meu recado. Você não vai namorar. Não enquanto morar na minha casa — sussurrou, me olhando de cima, antes de se trancafiar no quarto junto de sua família perfeita.

A família de comercial de margarina. Só que um comercial mórbido. Errado. Com tanta sujeita escondida nos bastidores.

Não tive força para levantar. A dor que percorria meu corpo era pungente. Insuportável. A pele queimava em toda parte. O braço latejava de uma maneira preocupante. O cheiro de sangue me cercava, me deixando nauseado.

Continuei encolhido, chorando, esperando. O que, exatamente, eu não

sabia. Esperando que a vida me escapasse. Esperando que ele voltasse e terminasse o que tinha começado. Esperando que parasse de doer. Porque, caralho, de todas as dores me assolando, a mais impiedosa vinha de dentro. Se enroscava na garganta, esmagava o peito, rasgava o estômago.

Não dá mais.

Não dá mais, porra.

Não consigo.

Não consigo.

Não vou aguentar.

Gemendo de dor, fiz um esforço sobre-humano para levantar. Senti uma guinada intensa no braço esquerdo que me fez ponderar se tinha quebrado. O filho da puta tinha conseguido me quebrar. Quero dizer... de maneira literal. Era quase poético. Depois de me quebrar por dentro a porra da vida inteira, ele tinha dado a cartada final.

A despedida perfeita.

Ao menos saberiam que não tinha sido em vão.

Limpei as bochechas com as costas da mão, mancando até a cozinha. A única luz lá dentro vinha dos feixes pálidos do luar. Parei em frente à janela e encarei a lua com tristeza. Estava cheia, enorme e mais brilhante que o normal. Nuvens escuras a emolduravam, como pinceladas de tinta a óleo. Era isso. Parecia com uma pintura. Bonita demais para ser real.

— Foi mal — murmurei, respirando fundo. E então girei nos calcanhares, ficando de costas para ela.

Olhei para a mesa de madeira de cadeiras estampadas com melancolia e saudade precoce. Como era possível sentir saudade de algo que sempre me fez tão mal? Tudo ali era um gatilho. Um lembrete terrível do que estava errado.

Rocei os dedos pelos armários, como costumava fazer com a lombada dos livros antes de escolher um. Diferente da primeira vez em que cheguei ao fim da linha, não havia desespero, ódio, amargor. Na verdade, não havia nada. Só uma calma artificial. Fiquei entorpecido.

Abri o armário maior e revirei tudo até achar uma barra de chocolate. Como eu queria um último cigarro antes do fim. Por que tinha que fumar um atrás do outro, feito uma chaminé? Mordi a barra de chocolate, sem me importar com quem comeria depois.

Foda-se. Não vou mais estar aqui mesmo.

Rumei até a geladeira e apanhei a garrafa pela metade de coca cola. E então fui para a gaveta de remédios. Era ali que o show começava.

Foi mais difícil do que eu gostaria. O menor movimento no braço esquerdo me arrancava lágrimas. Com toda certeza estava quebrado. Mas fui persistente. Comprimido por comprimido, cartela por cartela. Na terceira, começou a ficar mais difícil engolir. Meu corpo parecia saber que tinha alguma coisa muito ruim acontecendo e fazia o possível para impedir. Os remédios não desciam mais e, quando eu forçava, sentia os espasmos do estômago tentando expelir o que eu colocava para dentro com insistência.

— Tanto faz — revirei os olhos, cansado de brigar com tudo. Minha vida era uma briga constante. Nunca tinha fim. E eu estava tão cansado. Só queria... só queria paz. Só queria que a dor acabasse. Só queria que o pesadelo chegasse ao fim. Não importava o preço que isso me custasse.

Deixei tudo sobre a pia e percorri o trajeto até o meu quarto, gemendo de dor a cada passo, a cada movimento. Usei o quadril para afastar o guarda-roupa e alcançar o meu celular.

Nunca senti um torpor tão grande.

Nunca fiquei tão vazio. Tão sem nada.

Geraldo tinha conseguido esvair tudo o que eu era. Só tinha restado aquela figura deplorável se arrastando pelos cômodos.

A primeira pessoa que escrevi foi Alana. Não poderia ser diferente, de toda forma.

eu te amo.

esse não é o melhor momento pra dizer isso, mas não vou ter oportunidade depois...

acho que te amo desde a primeira vez que te vi. aquela barbie mimadinha com a família de comercial de margarina, gritando com tanta energia... tanta vida. é. com certeza te amo desde esse dia.

e acho que tbm te amo desde o primeiro dia de aula. e desde o dia em que vc mentiu pra mim que tinha pulado o muro do estacionamento. te amo desde quando matamos aula juntos. e te amo desde nosso primeiro beijo.

eu te amo pra caralho, a verdade é essa. vc me deu a coisa mais especial que alguém poderia me dar. eu acreditei, alana! todas as vezes em que estive com vc, acreditei em um final feliz. vc fez isso por mim e sou grato pra cacete por isso.

como eu queria ter forças... queria mesmo.

queria não ser mais um motivo de sofrimento pra vc, pq caralho, vc merece ser muito feliz. nunca senti nada parecido antes. nunca amei tanto uma pessoa como amo vc

eu poderia justificar de todas as maneiras. mas acho que faz mais sentido pedir desculpa. desculpa por não ter tido forças.

*desculpa por não poder fazer por vc o mesmo que vc fez por mim
só não esquece que te amo*

Peguei uma camiseta jogada no chão, perto da cama, e a usei para assoar o nariz. Eu não conseguia mais parar de chorar. Não tinha como. Os olhos verdes de Alana surgiram diante dos meus, como se ela estivesse ali comigo. Me apeguei a esse pensamento. Me agarrei a ele. Fechei os olhos e fingi que ela estava. Quase pude sentir o seu perfume de coco e gengibre. Era maravilhoso. Eu só queria poder ter me despedido com calma. Queria ter ficado mais tempo com ela, sentindo o peso do seu corpo no meu. Sentindo seus cabelos sedosos no meu rosto. Ah, droga, a gente tinha aproveitado tanto a nossa tarde. Parecia ter acontecido há anos. Quis lembrar da felicidade. Quis muito. Mas a solidão me engolia. Não existia nada além de escuridão.

Com os dedos trêmulos, comecei a digitar a mensagem de Tati.

nunca te agradeci do jeito certo.

não sei se acredito em deus e essas coisas todas. mas se ele existe, tenho certeza que vc é um anjo enviado por ele pra me ajudar a suportar. quão ridículo é falar uma coisa assim as vésperas da morte??? eu sei, eu sei... foi mal. mas é que, tati, vc não faz nem ideia! nem imagina o quanto iluminou a minha vida. o quanto deu sentido à minha existência. o quanto me fez ansiar por ir na biblioteca, pq eu sabia que ia te encontrar com essas roupas que não combinam, mas que, de algum jeito, dão certo em vc.

as coisas DÃO CERTO com vc!!!

por exemplo... eu fui te conhecer logo na biblioteca, dentre todos os lugares do mundo. era pra ser, entende? e depois nosso livro favorito é o mesmo. esse tipo de coisa liga as pessoas, cara

Deixei um soluço escapar e tombei a cabeça para frente, chorando com toda a dor acumulada por tanto tempo. A gola da minha blusa estava

ensopada de sangue e lágrimas. Segurei a ponte do nariz, me sentindo tonto e constatando que eu tinha pouco tempo pra terminar.

os remédios tão começando a fazer efeito e eu juro que tá ficando meio difícil pensar direito. então me perdoe desde já se eu falar alguma besteira, mas eu não podia ir embora sem me despedir.

enfim. tô escrevendo pra dizer sinto muito. tipo, de verdade. sei que tô te decepcionando. não sou forte como você foi. e eu juro que tentei. meu deus, como tentei. só que ficou difícil demais, tati. cansei de dar murro em ponta de faca. cansei dessa mentira que meti na minha cabeça de que as coisas iam melhorar. acho que não vão... e tá tudo bem. já valeu a pena por ter te conhecido

mtto obrigado por ter me enxergado qdo ngm mais conseguiu

mtto obrigado por ter visto potencial em mim e feito com que eu me sentisse alguém especial

sei que vc não vai me perdoar tão cedo. eu te conheço.

mas saiba que vc fez tudo ficar mais suportável

ah, caralho, não consigo parar de chorar. “a gente corre o risco de chorar um pouco quando se deixa cativar”, né???

só queria ter te deixado se aproximar mais cedo. queria ter te abraçado mais. queria poder voltar o tempo.

te amo mto. vc é a família que eu nunca tive

fica bem, tati

Apertei o botão de enviar e, com o mundo inteiro coberto por uma névoa de confusão, rastejei até a cama e subi com dificuldade. Deitei de barriga para baixo, com o celular ainda preso entre os dedos, esperando uma resposta. Uma última palavra. Esperando me sentir especial. Amado. Qualquer coisa.

A sonolência me espreitou, feito uma cobra peçonhenta, e meus dedos se abriram contra a minha vontade. O celular caiu no chão e, em fração de segundos, começou a tocar. Mordi o lábio inferior, me sentindo culpado ao ver a foto de Tati piscar na tela.

Quis esticar a mão e atender. Quis dizer tantas coisas. Quis implorar por socorro. Me arrepender. Quis reagir. Mas não pude fazer nada.

Já era tarde.

A escuridão me abraçava como areia movediça. E quanto mais eu tentava me soltar, mais afundava em um sono eterno.



*Esse mundo pode te machucar
Te cortar profundamente e deixar uma cicatriz
As coisas desmoronam, mas nada quebra como um coração
E nada quebra como um coração
Miley Cyrus – Nothing Breaks Like a Heart*

Martin enterrou os dedos nos meus cabelos, massageando com suavidade enquanto lia seu livro favorito para mim. Ergui o rosto para procurar seus olhos, sem conseguir ouvir uma palavra. Só dava para prestar atenção nos lábios se movendo e em sua expressão denunciando um pouco da ansiedade. Ele queria que eu gostasse da história tanto quanto ele. Mas o livro não me importava muito. Estar ali, em seu colo, com sua voz e seu cheiro para me embalar é que me importava.

Ele precisou soltar o meu cabelo para mudar a página, e aproveitei a deixa para inclinar o corpo e roubar um beijinho. O dia estava tão maravilhoso, tão surreal, eu queria poder congelar aquele momento para sempre. Queria não esquecer nunca mais das sensações correndo pelo meu corpo, uma corrente elétrica pulsante que não me deixava parar quieta.

Mas então, antes que eu pudesse cobrir seus lábios com os meus, um barulho altíssimo fez todos os meus pelos eriçarem de uma só vez e meu

estômago gelar. O som de pneus cantando, ao longe, se aproximava depressa. Engoli em seco, com o coração batendo tão rápido que chegava a doer.

— Que foi? — perguntou ele, acariciando a minha bochecha com as costas da mão. — Que cara é essa?

— Nada... — umedeci os lábios, com os ouvidos em alerta. — É só que... pensei ter ouvido uma coisa.

Mas foi o cheiro forte de borracha queimada que roubou a minha força.

Não. Não, não, não.

Agora não.

De novo não.

Olhei ao redor, esperando pelo inevitável.

Para minha surpresa, não estávamos mais em meu quarto, e sim na rua sem saída em que fomos quando matamos aula juntos. Deitados lado a lado. Eu tremia com intensidade. Meus dedos roçavam no chão com os movimentos. O asfalto estava quente, aconchegante, mas não combinava com o resto. Tinha alguma coisa muito errada. Uma aura mórbida pairando sobre nós. As cores eram mais pálidas, os sons estranhos, e o cheiro fortíssimo de borracha queimada não amenizava.

— Você tá esquisita — Martin enganchou o dedinho no meu. — Conta pra mim o que tá rolando.

— Eu... e-eu...

As palavras não saíram. Ele permanecia alheio aos sinais alarmantes. Mas eu não, eu sabia o que acontecia em seguida. E não me sentia preparada para lidar com nada disso de novo.

Não. Por favor, ele não.

— A gente precisa sair daqui — respondi, por fim, tomando impulso para levantar.

— Quê? — suas sobrancelhas viraram uma linha só. — Por quê?

— Martin, é sério! — implorei.

Mas já era tarde demais.

O som intenso de coisas se chocando deixou meus tímpanos ardendo. Fui lançada para o chão, caindo sobre Martin. Seus braços se fecharam ao meu redor, enquanto ele convulsionava de tanto chorar.

Fiquei tão confusa. Com tanto medo. Por que logo agora? Por que com ele?

A motorista desceu do carro, andando de um lado para o outro com as mãos na cabeça. O *toc, toc* do salto fazia um arranjo com o soluçar ritmado de Martin e as batidas elétricas do meu coração.

Forcei o corpo para longe dele e senti um espasmo forte para vomitar.

Tinha tanto sangue. Tanto, tanto, tanto sangue. Nas mãos dele. Nas minhas pernas. No chão. Nas roupas. O mundo era feito de sangue. Martin segurou meu rosto com as duas mãos, como se fosse me beijar. Suas lágrimas também eram de sangue.

Abri a boca para gritar, mas o grito ficou preso na garganta.

Foi então que acordei de uma só vez, puxando o ar para os pulmões como se tivesse ficado sem respirar pelos últimos minutos. Meu corpo estava envolto por uma fina camada de suor, apesar de ser inverno. Tremendo com intensidade, usei a ponta do cobertor para secar as lágrimas jorrando dos meus olhos.

Fica calma.

Foi só um pesadelo.

Tá tudo bem.

Tá tudo bem.

Já fazia meses que eu não sonhava com o acidente. Ainda mais um sonho tão vívido, tão real quanto aquele. Eu ainda podia sentir o cheiro de sangue no ar, misturado ao cheiro de queimado. Meu coração ainda martelava com força na caixa torácica, igual no sonho. Eu parecia prestes a vomitá-lo. E depois vinha a tristeza... meu Deus, fazia tanto tempo que eu não sentia nada parecido. A angústia era a mesma do dia em que recebi a notícia que mudou a minha vida para sempre. Um sentimento esmagador, gigantesco e assustador demais para comportar.

Tateei o criado mudo às cegas, buscando o celular no escuro. Eu precisava mandar uma mensagem para Martin. Mesmo que ele só fosse ver no dia seguinte, a caminho da escola. Não importava. Eu precisava tirar aquela coisa de mim. Escrever para ele me lembraria de que tudo não passava de um sonho.

Era isso. Talvez o fato de Martin estar junto que tivesse tornado tudo muito pior. Era a primeira vez que tinha alguém além de mim no sonho. A audiência estava chegando, fazia sentido que os pesadelos voltassem. Só que... não sei. Nunca fiquei tão abalada assim. Voltei a pensar nas lágrimas de sangue escorrendo pelas maçãs do seu rosto, deixando tracejados

mórbidos de um vermelho escarlate. E, como no sonho, um grito ficou preso na garganta, esperando para ser liberto. Fiquei sem fôlego e fui atingida em cheio por uma urgência bizarra.

Tinha... *alguma coisa* errada. Eu não sabia o quê. Mas podia sentir no ar. Na atmosfera. Como se o mundo tentasse me avisar, ou sei lá.

Argh, cala a boca, Alana.

Tá sendo ridícula.

Quando consegui encontrar a porcaria do telefone, tratei de tomar impulso para sentar na cama. As sensações estavam intensas, estranhas, e... reais. Comecei a cogitar ligar para ele, por mais ridículo que fosse. Só para me certificar de que estava tudo bem. De que ele tinha chegado bem em casa. E aproveitar para dizer que eu estava com saudade, apesar de termos passado o dia todo juntos.

Tudo bem que Martin foi enfático quando me passou o telefone da casa dele, dias atrás... ele repeliu várias vezes que era só para emergências. E eu sabia que ter um pesadelo *não era* uma emergência. Mas ele entenderia. Ele faria o mesmo que eu, tenho certeza.

Desbloqueei o telefone e reparei na mensagem não lida. Era dele.

E senti o coração parar antes mesmo de começar a ler, quando vi o tamanho da mensagem. Martin não era a pessoa mais falante nas redes sociais. Ver o textão esperando para ser lido em minha caixa de entrada disparou um alarme em meu peito.

Comecei a me preparar para ver tudo ruir outra vez.

Mas nada, *nada* no mundo inteirinho poderia me preparar para o que veio em seguida. Nada no mundo poderia me preparar para descobrir que um dos melhores dias da minha vida seria também o pior. Quero dizer... não. Não podia ser verdade. Era uma piada de mau gosto. Martin estava tirando sarro de mim com os garotos da sala. Nem fazia sentido, eu sabia, mas qualquer justificativa era melhor que encarar a realidade. Eu me recusava a encarar a porra da realidade.

Comecei a tremer tanto que ficou impossível focar nas palavras. As lágrimas também não deixavam. Mas eu queria tanto continuar, só para me certificar de que era um equívoco meu. De que não se tratava da porcaria de uma notícia ruim.

O Martin só queria encerrar o dia com chave de ouro.

Só podia ser isso.

Mas... então por que o tom era tão pesado? E por que eu sentia que meu corpo inteiro se desvanecia no ar? Eu estava desaparecendo. Sumindo. Virando partículas pequenininhas espalhadas pela imensidão.

— Meu Deus — cobri a boca com a mão, deixando escapar um soluço alto conforme a ficha caía. — Meu Deus... não.

Mordi o lábio com força, voltando a ler desde o começo. Porque, de repente, as palavras não significavam mais nada. Eram só um amontoado de letras que não me diziam nada. Eu lia aquele garoto idiota pedindo desculpa e só conseguia pensar *DESCULPA PELO QUE, MARTIN? SERÁ QUE VOCÊ NÃO VÊ QUE EU NÃO VIVO MAIS SEM VOCÊ?*

Precisei de uma terceira tentativa. Decidi ler em voz alta pra ver se conseguia compreender o que ele queria me dizer.

— *Eu te amo* — outro soluço escapou, ainda mais alto que o primeiro. Apertei os olhos, sem saber se seria capaz de sobreviver a dor lancinante que se espalhava pela minha alma. — *Esse não é o melhor momento pra dizer isso, mas não vou ter oportunidade depois...*

Só então as palavras voltaram a ter um significado. Pararam de ser um amontoado de letras e viraram facas de gumes afiados que dilaceravam a pele sem o menor esforço. Viraram balas que se alojavam nos meus músculos e faziam tudo queimar. Eu sentia espasmos pelo corpo. Meus ombros chacoalhavam com força enquanto eu deixava o choro jorrar de mim. Minha alma sangrava. Tudo era sangue, como em meu sonho.

Desesperada, comecei a digitar uma resposta. Fiquei alucinada. Não via nada. Nada mais existia no meu mundo além do medo e da urgência para tentar impedir que Martin desistisse. Ele não podia desistir. Não podia! Meu Deus, eu não saberia o que fazer se ele desistisse.

Mal digitei a primeira palavra e desisti, fechando as mensagens e abrindo a discagem do telefone. Meus dedos tremiam demais, dificultando o trabalho. Além do mais, eu não tinha tempo a perder. Não sabia nem se Martin chegaria a ver a mensagem a tempo. Se essa não era uma emergência, eu não sabia o que era. Liguei para o número dele primeiro, na esperança de que Martin atendesse e me assegurasse de que tudo não passava de um mal-entendido. Um engano. Uma brincadeira sem graça.

A chamada tocou até cair na caixa postal. Tentei mais duas vezes, balançando o corpo para frente e para trás, sem conseguir lidar com a angustia esmagadora. Sem conseguir esperar nem mais um segundo, desisti

do celular dele e procurei o telefone fixo na agenda, rezando para que alguém atendesse. Rezando para que ainda houvesse algo a ser feito.

Me agarrei a qualquer resquício de esperança que encontrei pela frente, porque me recusava a aceitar que esse era o fim. Não era justo. Meu Deus, a gente tinha passado o dia abraçados na porcaria daquela cama, ele estava tão sorridente, tão feliz. O que tinha acontecido?

Com o telefone colado na orelha, comecei a roer as unhas em uma tentativa de não entrar em um colapso nervoso. No entanto, assim como o número de Martin, a chamada tocou até cair. Uma, duas, cinco vezes. O carço na minha garganta me impedia de respirar. Tentei uma última vez, cruzando os dedos das mãos enquanto rezava em voz alta, pedindo aos céus que tudo ficasse bem.

Por favor.

Pelo amor de Deus.

Só então me ocorreu de conferir quanto tempo fazia que ele tinha mandado a mensagem. Olhei para as horas no visor do celular e meu queixo caiu. Já contava mais de uma hora. Meu rosto inteiro se contorceu em dor. Abracei meu próprio tronco, chorando como uma criança. Os gritos entalados começaram a vir à tona e não pareciam o suficiente para dar vazão aquela dor.

— POR QUÊ? POR QUE, MARTIN? MEU DEUS, SEU IDIOTA!
— me encolhi inteira, caindo de lado na cama enquanto mundo quebrava. Ruía.

A dor que senti quando descobri que tive uma perna amputada pareceu tão pequenininha perto da que eu sentia agora. Eu estava sendo queimada viva. Consumida pela angústia. E tinha certeza de que não teria forças para seguir depois disso.

Agarrei meus cabelos, puxando-os com força. Eu só queria que a dor fosse menor. Queria me distrair com qualquer outra coisa. Eu entendia agora. Caramba, *eu entendia*.

Por favor.

Por favor, não faz isso comigo.

Meu Deus, isso não tá acontecendo.

Meu Deus, Martin. Não faz isso comigo, pelo amor de Deus.

Você não pode ir embora assim.

Não pode me deixar assim.

Por favor.

Ouvi portas sendo abertas às pressas do lado de fora do quarto e, por alguma razão, só senti ainda mais raiva. Raiva dele. Raiva do mundo. Raiva da vida de merda que ele tinha e das coisas que precisava aguentar. Raiva por eu ter deixado ele sair do meu quarto, dos meus braços... raiva por... não ter conhecido aquele garoto maravilhoso antes. E aproveitado.

Raiva por não ter conseguido ser o suficiente para fazê-lo mudar de ideia.

— AHHHHHH!!!! — convulsionei, socando o colchão. Não era nenhum muro, mas aliviava toda a ira correndo pelas minhas veias. — EU TE ODEIO, SEU IDIOTA. EU TE ODEIO.

Eu te amo tanto.

Não vai embora, por favor.

Não vou suportar não ter mais você comigo.

A porta do meu quarto foi aberta com força. Era papai, mas minha mãe e Nicole vinham logo atrás. Todos pálidos, preocupados. Mas papai era o único que parecia ultrajado. Como se o que quer que tivesse acontecido fosse algo pessoal para ele.

Com os punhos cerrados, ele correu em minha direção, tentando me abraçar. Mas sem pensar direito, me debati em seus braços, como um animal raivoso.

— SAI DAQUI. SAI DAQUI, PORRA! EU TE ODEIO. EU ODEIO VOCÊS.

— O que tá acontecendo, meu amor? — mamãe perguntou da porta, onde tinha ficado abraçada com Nicole. Ela chorava e tinha uma expressão desolada que me machucava ainda mais. Mas não havia espaço para mais ninguém dentro de mim. Martin tinha consumido tudo.

— Olha pra mim, Alana — papai mandou, lutando contra meus braços. — Alana! Para com isso! Fica calma.

— SAIII! — berrei, sentindo que explodiria. Meu Deus, ninguém deveria passar por isso nunca. Essa dor... não existia nada igual. Era insuportável. — ME DEIXA EM PAZ, PAI!

Perdendo a paciência, meu pai segurou meus pulsos com firmeza. E, a menor menção de tentar soltá-los de suas garras, ele empregou mais força no aperto.

— O que esse garoto fez? — perguntou meu pai, super sério, me

encarando nos olhos. — Que foi que ele aprontou, Alana?

— Pai! — Nicole o repreendeu, chocada.

Ele falava de Martin.

Eu sabia! Sabia que ele tinha odiado o meu namorado.

Dava para ver a reprovação em seu olhar agora. E isso só despertou ainda mais o meu ódio. Em sua forma mais pura, mais visceral. Me contorci inteira, fazendo um esforço sobre-humano para me libertar.

— ME DEIXA EU PAZ! SAI DE PERTO DE MIM. VOCÊ É RIDÍCULO!

— Filha... eu só quero te ajudar. Você precisa me dizer o que esse menino aprontou que eu vou até a casa dele e...

Soltei outro berro com toda a força dos meus pulmões. Ouvir meu pai falando assim de alguém que nem estava mais vivo para se defender foi demais para suportar. Perdi as minhas forças e só me entreguei. Ao choro, à dor. Deixei que papai me abraçasse e fizesse o que quer que estivesse tentando. Desliguei para o mundo. Só fiquei ali, feito uma boneca de pano, esperando que o mundo fosse bom comigo e me levasse junto.

Eu não queria continuar. Não tinha forças para continuar.

Era tão cruel!

— Para com isso, Antônio! — mamãe largou Nicole sozinha, usando os pulsos para secar as lágrimas. — Não tá ajudando, você não tá vendo?! — sua voz saiu trêmula, apesar de fazer o possível para soar firme.

Sem dizer mais nada, mamãe abraçou papai por trás e o afastou de mim, guiando-o para fora do quarto. Pelo visto, eu era parecida com papai até na maneira de surtar. De perder o controle. Era por isso que mamãe era a primeira pessoa que surgia em meus pensamentos quando as coisas ficavam apertadas. Ela era a única no mundo que conseguia acalmar a tempestade dentro de mim. Eu sabia que ela estava levando ele dali para voltar e fazer sua mágica. E eu queria muito que ela fizesse. Que devolvesse o meu coração inteiro outra vez, porque eu sabia que sozinha não conseguiria juntar os pedaços.

Nicole observou os dois passarem por ela e então seus olhos foram parar no celular jogado na cama. Sem dizer uma palavra, ela caminhou até a cama e sentou. Longe o suficiente para me deixar na minha bolha de dor, mas perto o bastante para que sua presença me confortasse.

Ela tomou o celular nas mãos e o desbloqueou.

A imagem de Martin chorando sangue permanecia congelada em minha cabeça e fez tudo em mim tremer de uma maneira violenta. Não foi em vão. Não foi em vão. Não foi em vão. Era uma despedida. Ele queria me dizer adeus. Eu sabia que aquele pesadelo era um sinal.

Cala a boca, Alana.

Meu Deus, você é ridícula.

Solucei alto, pensando nele. E sem conseguir pensar nele ao mesmo tempo. Porque quanto mais eu me acostumava com a ideia de que Martin não estava mais ali, mais insuportável se tornava. Mais as paredes do quarto me apertavam, quebrando meus ossos. Resumindo-os a um amontoado de poeira e dor. Quanto mais eu refletia sobre o que significava a sua despedida, mais queria berrar. Queria berrar até que não houvesse uma única pessoa no mundo inteiro imune a minha dor.

A minha ficha começou a cair.

O que tinha feito ele desistir?

O que, de tão ruim assim, arrancou o resto de esperança que aquele garoto lutou tanto para conseguir?

Seus braços cheios de hematomas vieram parar em meus pensamentos. Os nós dos dedos machucados. A expressão desolada que ele sempre ostentava. Pensei nele sozinho, ferido, perdido em um labirinto de desolação. Diante de uma rua sem saída, não importa para qual direção ele olhasse.

Era tão injusto. Tão, tão injusto. Martin passou a vida vendo as coisas ruírem. Ele merecia ser feliz. Merecia ter um novo começo, cheio de sorrisos. Porque, droga, como o mundo ficava bonito quando ele sorria!

E agora? Quem vai sorrir pra mim?

Quem vai me buscar na porta de casa?

Quem vai soltar o meu cabelo todas as vezes em que eu prender?

Por que isso tá acontecendo?

Como eu queria ter estado lá. Como eu queria ter conseguido impedir. Como eu queria ter feito alguma coisa — qualquer uma. Não era para ter acabado assim. Não era para ter *acabado*. A gente mal tinha começado a namorar. Mal tinha começado a se conhecer. Eu mal tinha aproveitado sua companhia.

E agora, o que faria com esse amor que fazia tudo doer tanto?

— Ah, meu Deus — Nicole soluçou, chocada. — Meu Deus, Alana. É

mentira, né? É uma brincadeira? É...

Sem em dizer mais nada, ela percorreu a distância entre nós, enroscando seus braços em volta do meu pescoço. Achei que fosse sufocar com a força com que me abraçou, mas no momento era tudo o que eu precisava.

Pela visão periférica, vi mamãe parada na porta, com as mãos sobre a boca e o olhar alerta, preocupado, buscando respostas. E, nas entrelinhas, mamãe começou a encontrá-las. Juntou as pecinhas. Suas sobancelhas entortaram para baixo. Sempre tive a sensação de que minha mãe conseguia ler meus pensamentos. Ela me conhecia bem demais. Eu não precisava dizer nada. Ela soube que era sério. Que era sério como poucas vezes em toda a minha vida.

Mamãe repetiu os passos de Nicole e tomou o celular na mão, mas foi muito mais rápida para entender tudo. Foi no exato momento em que seus olhos se perderam em algum lugar muito distante que eu tive certeza: eu tinha perdido Martin. Não se tratava de um pesadelo. Nem de uma brincadeira sem graça.

Era a realidade.

E a realidade nem sempre era bonita, como ele me disse.

Eu tinha perdido Martin.

Para sempre.

Pela segunda vez na minha vida, vi tudo ruir.

Só que, agora, eu não tinha tanta certeza assim se conseguiria me reerguer.

Me dobrei inteira, deixando escapar um choro que se parecia mais com um rugido interminável. Senti como se fosse baleada. Uma porção de buracos fundos na pele, por onde jorrava o meu sangue. *Tinha acabado. Tinha acabado. Tinha acabado.*

Meu deus.

O que você fez comigo, Martin?

E agora?

O QUE EU FAÇO AGORA?

Ouvi papai voltando ao quarto em passos firmes, fortes, barulhentos.

— O que tá acontecendo, Martha? — rosnou, fora de si. — Cacete, alguém pode falar de uma vez?

Mamãe levou o celular até ele. Parecia a porcaria de um jogo

mórbido. Uma variação de telefone sem fio. Todo mundo entregava as últimas palavras de Martin como se não fossem nada. Como se não significassem nada.

— Que merd...? — ele passou as mãos nos cabelos, com uma expressão desolada. A cor tinha se esvaído de seu rosto. Papai olhou para mim e depois para o celular pelo menos três vezes antes de conseguir perguntar: — Você tentou falar com ele, filha? Você... — papai andava de um lado para o outro — Tentou ligar pra casa deles e... ver se isso aqui... — mas ele nunca terminou. Em vez disso, um suspiro pesado, sentido.

Assenti com a cabeça, ganhando tempo para conseguir encontrar minha voz.

— O ce-celular deu na caixa postal — resmunguei, e mal consegui reconhecer a minha própria voz. — E o telefone fixo toca até cair.

— Você sabe onde ele mora? — foi a vez de mamãe perguntar, torcendo as mãos uma na outra. — Troca de roupa. A gente vai lá.

— Não sei — neguei com a cabeça, tentando relutar ao máximo com a centelha de esperança nascendo em meu coração.

Porque se eu acreditasse minimamente na chance de ele ainda estar vivo só para descobrir depois que não estava... meu Deus. Eu não queria nem pensar. Não queria. Seria demais para mim.

Nicole massageou as têmporas, chorando quase tanto quanto eu. E então se empertigou de repente, estalando os dedos no ar.

— Nana, como é o nome daquela amiga dele? — sua expectativa era perceptível. Diferente de mim, Nicole já havia se agarrado ao menor feixe de esperança. — A que deu o celular? Será que a gente não acha ela no Facebook dele? Ela com certeza deve saber onde o Martin mora — suas palavras se atropelaram umas nas outras.

Foi o suficiente para que eu me deixasse influenciar por seu otimismo. O brilho em seu olhar de quem não entregaria os pontos até o fim. Busquei o olhar dos meus pais e encontrei o mesmo brilho. Até mesmo em papai. O mesmo apoio. A mesma força que eu precisava para continuar lutando.

Martin merecia isso.

Forcei a memória, mas era difícil me concentrar quando o mundo inteiro parecia fora do eixo.

— Tati! — exclamei, me esticando para pegar o celular que papai

estendia em minha direção. — Tatiana! Não sei o sobrenome. Mas acho que já vi uma mensagem dela na linha do tempo dele.

Meus dedos tremiam tanto que eu mal consegui abrir o aplicativo, tampouco digitar o nome de Martin na busca. Mas, quando seu perfil carregou em meu visor, não demorou muito para que eu a encontrasse. Em parte, porque ele tinha abandonado as redes sociais, mesmo depois de ganhar outro celular. Mas o motivo principal é que eu lembrava dele comentar algo sobre ela ser muito colorida e única.

É ela!!! É ela, nem acredito.

Graças a Deus.

Por favor, esteja vivo, Martin.

Você me deve essa.

O que vou fazer sem você?

Abri o chat de mensagens e, tremendo mais do que nunca, só me restou fazer uma chamada pelo Facebook, torcendo para que ela estivesse com internet no celular, torcendo para que atendesse a chamada de uma garota que nem conhecia, torcendo para que perdoasse por ligar tão tarde e, mais que tudo, torcendo para que tivesse alguma notícia de Martin.

O telefone chamou poucas vezes antes que eu ouvisse sua voz do outro lado da linha. O sinal estava péssimo, cortando a chamada o tempo todo. E, se eu não estava louca, ela parecia estar na rua, porque o barulho de vozes ocupava a linha.

— Tatiana? — chamei, e minha voz traiu o meu desespero. — Tatiana, aqui é a Alana. Desculpa telefonar tão tarde, é que...

— Ah, meu Deus, Alana! — Ela me cortou, perceptivelmente atordoada. — Eu estava feito louca tentando achar o seu contato. Você não vai acreditar... — Sua voz morreu no ar quando Tati deixou um soluço escapar, caindo no choro logo sem seguida.

Ergui o rosto, buscando força em algum lugar. Nicole, papai e mamãe me olhavam de volta, os olhos esbugalhados de expectativa e medo. Umedeci os lábios, sentindo o salgado das lágrimas que não paravam de cair. Bastou saber que eles estavam ali comigo para que eu encontrasse coragem para perguntar a única coisa que me importava, ainda que eu não tivesse tanta certeza assim de se queria mesmo ouvir a resposta.



*Continuamente nós tentamos
Apenas continuar vivos
Talvez a gente dê a volta por cima
Porque não é tarde demais
Nunca é tarde demais
Three Days Grace – Never Too Late*

Inspirei fundo e, por mais bizarro que pudesse parecer, consegui sentir meus pulmões inflando de ar, como se fosse a primeira vez. Os sentidos voltavam aos poucos.

Primeiro, as lembranças. Chegaram em flashes confusos, embaralhados, borrões que atropelavam, bombardeando a minha mente. Lembrei da campainha de casa tocando sem parar. Depois veio Nietzsche latindo tanto que parecia prestes a vomitar as próprias tripas. Seguido pelos gritos furiosos de Geraldo e o choro histérico de Noah.

Mas eu não queria lembrar de nada.

Não queria acordar, voltar para a realidade.

Queria que a escuridão voltasse a me engolir.

A porta do meu quarto foi aberta de uma vez em um baque cheio de ódio. Depois ouvi minha mãe chorar e me perguntar por que eu tinha feito isso. *Por quê? Por quê? Por quê?*

Lembrei das sirenes chegando. A princípio, um som que nem parecia

real. Tão longe, tão baixo. Poderia ser em outra rua, em outro bairro. Mas então o som ficou cada vez mais estridente. Meu coração passou a pulsar no mesmo compasso das sirenes. E talvez os de minha mãe e Geraldo também, porque a casa ficou frenética.

Portas batendo, gavetas abrindo e fechando, palavrões vindos dos dois lados. Apesar de ouvir tudo, eu me perdia cada vez mais. Me perdia naquele lugar em que eu não existia. E, assim, não exista também nenhuma dor. Nenhuma angústia. Nenhum medo. Era maravilhoso. Eu queria ir de uma vez e me desligar do que ainda me mantinha preso naquele mundo de bosta.

Os flashes se tornaram ainda mais confusos. Eu lembrava de ouvir a voz de Tatiana, enquanto meu corpo balançava em uma superfície dura que me impossibilitava de mexer um único músculo, mesmo se eu tivesse forças para isso. Mas não podia ser real, né? Quero dizer... o que ela estaria fazendo lá? De madrugada, ainda por cima? E por que gritava tanto?

Lembro de sentir alguém acariciar as costas da minha mão, enquanto gotas mornas caíam sobre o meu rosto. Era tão estranho... como estar em um sonho. Eu ouvia, sentia os cheiros, percebia o que acontecia ao meu redor e, ainda assim, não conseguia fazer mais nada além de perceber os sinais chegando. Não conseguia falar, me mover. Nenhuma interação com o mundo exterior. Em meu interior, uma paz jamais experimentada avançava, amortecendo, acalentando. Era isso. Eu só queria isso.

Os silvos de máquinas muito próximas de mim me trouxeram cada vez mais para o estado de consciência. Eu não queria. Meu Deus, eu não queria mesmo. Expirei o ar dos pulmões, lutando para manter a calma, e me dei conta de que tinha alguma coisa no meu nariz que causava muito incômodo. Uni as sobrancelhas, apurando os ouvidos para descobrir onde estava. Minha mente perambulava entre acordar e voltar para o aconchegante estado de inconsciência.

Vozes sérias se embolavam ao meu redor, parecendo um único som dissonante. Passos apressados iam e vinham. E tinha aquele maldito silvo que não parava pela porra de um minuto.

Foi o suficiente para que eu caísse em mim.

Ah, cacete... não acredito.

De novo não.

Porra. Não acredito que não consegui de novo.

Eu sou um merda.

Um merda. A porra de um merda!

Tô ferrado.

Senti vontade de chorar. Tipo, muita. Um choro histérico. Um pedido de socorro. Quero dizer... a primeira vez que tentei escapar e não consegui, a única coisa que isso trouxe na minha vida foi foder ainda mais com tudo. E agora... eu nem queria pensar. Não queria encarar a realidade.

Fala sério! Por que eu não conseguia fazer nada direito? Eu era tão fracassado assim? *Merda, Martin. Que merda! O que foi que você fez?*

O pânico era como uma cobra, subindo pelo meu tornozelo, se enrolando em minha panturrilha, quebrando meus ossos com facilidade. Só para depois me devorar vivo, sem a menor pressa. Senti a primeira lágrima escorrer pela bochecha. Eu me recusava a abrir os olhos e precisar lidar com a realidade outra vez. Porque, enquanto eu continuasse de olhos fechados, as coisas não se materializariam. Enquanto eu continuasse fingindo que estava inconsciente, a verdade não me atingiria feito um carro a cento e cinquenta por hora.

Meus dedos tremiam de medo. E se Geraldo cumprisse sua promessa? E se ele descontasse isso em mim mesmo? *Cacete... o que eu fiz, porra???*

Ele já tinha me ferrado muito. Nunca foi tão longe em uma surra. Meu corpo inteiro latejava. Parecia que um trator tinha me atropelado. Não uma nem duas vezes, mas acelerado e dado ré até se certificar de que eu ficaria inteiro quebrado.

Além da dor muscular, tinha aquela ardência bizarra na garganta. Estava ferida, eu mal conseguia engolir minha saliva sem apertar o rosto de dor. Queimava tanto quanto se alguém tivesse passado a última hora raspando um garfo lá dentro. Eu pressentia que tinha alguma coisa a ver com terem tentado me salvar da porra do suicídio e tudo mais. O que era uma merda. Quero dizer... o fato de eu ter tentado me matar passava uma mensagem bem clara de se eu queria ou não viver, não é? Ou, pelo menos, deveria.

Meu Deus...

Por que eu só não me joguei da droga de um prédio? Por que não fiz as coisas certo?

Meu primeiro impulso foi erguer os braços para esfregar o rosto e pensar com calma, acalmar o desespero que me dominava. Mas tinha alguma coisa errada com o meu braço esquerdo. Ele estava pesado, duro, esquisito

para cacete. E, vencido pela curiosidade, abri um só olho para espiar sem que fosse descoberto por uma enfermeira ou sei lá.

Meu queixo caiu. Fiquei com a boca escancarada por uns bons minutos, sem conseguir acreditar no que meus olhos me mostravam.

Aquele filho de uma puta!!!

Ele tinha mesmo quebrado a merda do meu braço. Meu padrasto. Tinha quebrado. A merda do meu braço! Estava tudo errado. Tudo muito errado.

O gesso começava pouco acima do cotovelo e terminava onde os dedos da mão começavam. Tinha um buraquinho por onde escapava o polegar, semelhante ao que eu fazia nas minhas roupas.

A ironia disso tudo foi demais para suportar. Soltei um gemido baixo que se transformou em uma risada histérica. Mas não era feliz. Pelo contrário, eu parecia um animal relinchando. Quando dei por mim, chorava feito uma criança. Convulsionei na cama e todo o corpo protestou de dor.

Como eu já podia imaginar, chamei atenção o suficiente para que uma enfermeira viesse ao meu encontro em passos cheios de urgência.

Engoli o choro no mesmo instante, sentindo um nó se formar na garganta. Foi preciso morder a língua para conseguir me livrar do aperto horrível em meu peito. Eu não queria que ela me visse chorar. Não queria que ela soubesse como eu era frágil.

Na primeira vez em que tentei o suicídio, fui muito maltratado no hospital. Eu já tinha pesquisado sobre depressão várias vezes para tentar entender o que estava acontecendo comigo, e descobri que era uma alteração química no cérebro. Ao contrário do que muita gente achava, não era frescura, falta de Deus, falta de vergonha na cara, nem nada parecido. Era a porra de uma doença, como qualquer outra. E suicídio era um dos sintomas.

Achei que, de todas as pessoas do mundo, profissionais da saúde saberiam. Eles se compadeceriam pela minha dor. Mas o hospital em que acordei a primeira vez era um antro de hipócritas. Fui maltratado. Uma enfermeira chegou a apontar o quanto eu era ingrato por desperdiçar a vida enquanto sua filha lutava contra o câncer. Minha vontade, na época, foi berrar que eu trocava de lugar sem pensar duas vezes. *Me dê a porcaria do câncer. Pode dar essa vida de merda que eu tenho pra sua filhinha, porra.*

E, para se vingar da minha falta de amor pela merda da *minha* vida, ela pesou a mão para encontrar a veia. Tentou furar meu braço pelo menos

cinco vezes, resultando em hematomas enormes que demoraram a sair.

Enfim. Foi uma noite de merda.

Depois disso, acabei criando uma resistência com enfermeiras. Ainda mais naquela noite, que eu tinha voltado à estaca zero. Era por isso que eu me recusava a chorar em sua frente. Ergui o queixo, ainda que fosse patético tentar me impor em uma cama de hospital na UTI, mas era o que eu tinha. Era o que eu podia fazer para me proteger.

Eu me preparava para o sermão sobre eu ser novo e ingrato, quando a voz da enfermeira me sobressaltou:

— Martin, que bom que acordou! — ela me olhou de cima, tomando a prancheta ao lado da cama. — Você nos deu um baita susto — Um sorrisinho triste pincelou seus lábios quando ela esticou a mão para afastar minha franja do rosto. — Como está se sentindo?

Pisquei os olhos, confuso.

Cadê a bronca?

Cadê o desprezo?

Fiquei olhando para ela, sem fazer a menor ideia de como reagir a isso.

Acho que gosto dela.

Acho que ela não me odeia, só pra variar.

Antes que eu pudesse evitar, caí no choro outra vez. Enfim saindo daquele estado dormente que meu corpo assumiu como defesa. Enfim conseguindo compreender a gravidade dos acontecimentos recentes. Enfim começando a sentir o pavor que foi apanhar de Geraldo.

Flashes piscaram diante dos meus olhos. Ele me chutando. Me batendo para acabar comigo. A pele rasgando. A dor, o medo. Meu Deus. Eu estava tão quebrado, tão perdido. Como me recuperar depois de tanta merda?

A enfermeira agarrou a minha mão, agachando ao lado da cama para ficar de frente para mim. Olhos nos olhos. Seus olhos eram de um castanho muito escuro e um pouco estrábicos. *Ah, eu definitivamente gosto dela.*

— Esse terror vai acabar, Martin. As coisas vão melhorar — Me agarrei as suas palavras, por que eu não tinha mais nada. Precisava de qualquer faísca, qualquer centelha. — Tem dois policiais ali fora só esperando você acordar para conversarem com você, e...

— Não! — exclamei, chocado. Negando com a cabeça para me fazer entender, continuei repedindo: — Não, não, não. Por favor, manda eles

embora daqui. Ele vai me matar. Ele... ele não pode saber... e... — Meus pensamentos foram parar em Noah sentado no colo de Geraldo.

De repente, um punhado de pensamentos absurdas começaram a pipocar. Pensei em meu irmão mais novo passando pelas mesmas coisas que eu. Noah sendo empurrado contra a parede por Geraldo. Precisando usar roupas compridas no verão para esconder os hematomas. Noah sem conseguir dormir a noite... Com o estômago congelando de medo, tentei tomar impulso para sentar na cama, mas não consegui. Em vez disso, fiz meu corpo inteiro doer ainda mais.

A enfermeira repousou a mão sobre o meu peito, me forçando a deitar outra vez.

— Você tem que ficar deitado. Foi uma noite e tanto. Não force o seu corpo assim. Principalmente o braço — apesar de suave, seu tom também foi duro. — Seu padrasto e sua mãe não estão aqui. Eles foram levados para a delegacia, para prestarem depoimento.

Soltei um ruído de desespero que mais parecia com uma tosse.

Ah, cacete.

Fodeu.

É isso. Tô fodido.

Aquele lunático vai me matar.

— Meu Deus — gemi. — Meu Deus. Eu... ele vai... Ah, merda.

Ela me examinou com uma expressão que era pura pena. Soltou minha mão, cruzando os braços sobre o colchão e apoiando o queixo sobre eles.

— Ele não vai fazer nada. Não mais. Foi pego em flagrante, Martin. Ele quebrou seu braço. Isso tudo é muito sério — ela umedeceu os lábios, sem deixar de passear os olhos por mim com calma. — Olha... sei que é assustador. Mas essa é a sua chance de colocar tudo pra fora. Essas são as pessoas certas.

— O meu irmão! — exclamei, demorando a processar as informações por causa dos sedativos. Minha cabeça permanecia lenta, aérea. Parecia um sonho bizarro, do qual eu queria despertar o mais depressa possível — O meu irmão mais novo, merda! Alguém precisa tirar ele de perto do Geraldo. Tipo, agora. Pra ontem. Ele vai fazer a mesma coisa com o Noah. Pelo amor de Deus... — soltei o ar dos pulmões, segurando a base do nariz. — Que inferno! Eu só quero... que esse inferno acabe — supliquei para ela, como se

pudesse mudar a minha vida. Como se *alguém* pudesse.

A enfermeira levantou de uma só vez, segurando minha mão com firmeza.

— Vou pedir pros policiais entrarem. Você precisa ser forte. Esse é o momento de mudar a sua vida. Você ganhou outra chance. Alguém lá em cima quer você vivo.

Alguém lá em cima deve ser sádico, quis responder. Mas me contive. Eu não tinha forças nem mesmo para destilar o meu veneno.

— Tá bom — assenti, engolindo em seco.

Meu coração disparou. Se eu conseguisse levantar dali, se meu corpo inteiro não estivesse doendo, eu teria fugido. Teria corrido o mais rápido sem nem olhar para trás. Só para terminar o que eu tinha começado. E de uma vez por todas.

Mas não dava. Não tinha como fugir. Não tinha como sair daquela encrenca em que eu tinha me metido. Mais uma vez consegui piorar tudo. Só que em níveis estratosféricos. Quero dizer... tinha conseguido envolver a polícia. Geraldo e minha mãe estavam na delegacia. Pelo amor de Deus, eu nem queria pensar no que seria de mim. Não queria ou surtaria de vez.

Prendi a respiração quando os dois oficiais surgiram pelo corredor, acompanhados da enfermeira. Ela os acompanhou até alcançarem a minha baia e então lançou uma piscadela para mim, antes de girar nos calcanhares, se afastando dali. Tratava-se de um homem negro, na casa dos quarenta e com uma expressão muito cansada. Ao lado dele, uma mulher baixinha, com o cabelo preso em um rabo baixo e os ombros muito tensos. Meus joelhos começaram a tremer com tamanha intensidade que era possível notar por sobre o cobertor que envolvia meu corpo.

Caramba, Martin.

O que você foi fazer?

Olha pra isso...

Tô tão ferrado.

— Oi, Martin — a oficial cumprimentou, sentando-se na poltrona ao lado da cama e inclinando o tronco um pouco para frente, para fazer contato visual comigo. Seu tom era, ao mesmo tempo, dócil e sério. — Como você está se sentindo?

Abri a boca para responder, mas não saiu nada. Olhei dela para o policial, sem nem tentar disfarçar o pânico. Os dois trocaram um olhar severo

que devia ter bastante significado entre eles.

Tudo aquilo foi demais para mim. Apertei os olhos com força, tentando segurar a porra do choro entalado na garganta. Eu não me lembrava de já ter ficado tão assustado assim. Não tinha a menor ideia de como isso impactaria a minha vida. Mas pressentia que não de um jeito bom. *Claro que não! Quando foi que eu tive sorte?*

— Eu sou a Sandra e ele é o Luiz. Estávamos esperando você acordar. Queremos conversar um pouco com você sobre o que aconteceu hoje.

Comecei a negar com a cabeça outra vez, em movimentos rápidos, desesperados. Não consegui segurar. Eu sabia que não era opcional nem nada do tipo, mas, ainda assim, fiquei tão aterrorizado que não consegui pensar em nada além de que não podia falar com eles. Não podia.

Você vai ter que mentir.

Vai ter que contar uma outra versão.

Se vira.

— A gente só quer entender o que tá acontecendo — foi a vez de Luiz falar. Sua voz era grave, meio rouca. Mas tinha um tom ainda mais dócil que ela, para a minha surpresa. Por que todos estão sendo legais comigo? — Não precisa ficar com receio. Estamos aqui pra ajudar.

— Não tem nada acontecendo — fui logo dizendo, voltando a abrir os olhos. — Foi um engano. E-eu só... sei lá. Fiz uma besteira.

Um silêncio pesado nos rondou. Tão imponente que, de alguma forma, conseguiu se sobressair ao barulho caótico do resto da UTI, se é que fazia algum sentido. De repente, só existíamos nós.

Luiz soltou um suspiro longo e sua expressão ficou ainda mais cansada. Ele cruzou os braços sobre o peito antes de perguntar:

— Você quebrou seu braço sozinho? — suas sobrancelhas se arquearam.

Outra vez, fiquei sem palavras.

Enquanto minha cabeça trabalhava devagar para encontrar uma justificativa plausível, a policial esfregou as mãos uma na outra, sem deixar de me encarar por um segundo.

— Martin. Ali fora estão a Tatiana e a Alana. Esses nomes são familiares para você?

Desci as pálpebras outra vez, me odiando no mesmo segundo ao lembrar delas.

Ah, merda. Merda, merda, merda.

Engoli em seco antes de conseguir assentir, ainda evitando o olhar deles.

— S-são — segurei a ponte do nariz, reunindo coragem para perguntar o que eu já pressentia qual seria a resposta: — Por quê?

— As duas deram depoimentos enquanto você estava inconsciente. Os depoimentos eram bem parecidos e bem... *preocupantes* — Luiz explicou, ao mesmo tempo em que começava a balançar a perna direita, em um tique nervoso. — Elas comentaram sobre hematomas frequentes. E a Alana, em especial, parecia ter muita coisa para contar sobre o seu padrasto, o Geraldo.

Isso não tá acontecendo.

Não pode estar.

Me concentrei em não cair no choro outra vez. Me concentrei em buscar o Martin que sabia lidar com as coisas, quando tudo ficava difícil demais. Aquele que respondia todo mundo sem se importar se machucaria as outras pessoas. Aquele que só queria se proteger, e nada mais. Mas o desgraçado tinha sumido quando eu mais precisava dele.

Me deixou sozinho no olho do furacão, enquanto eu precisava ver a minha vida ser lançada de ponta cabeça. Tudo desmoronava ao meu redor sem que eu pudesse fazer qualquer coisa para impedir.

— Eu sei que essa noite foi difícil e que você ainda está absorvendo os acontecimentos recentes, Martin — Sandra rompeu o silêncio. — Entendo que você possa estar com medo de falar e se encrencar ainda mais. Nós estamos aqui pra colocar um ponto final nisso. Mas precisamos que você seja forte e nos ajude. Sem você não tem como — Suas mãos de unhas roídas cobriram seu rosto, enquanto ela parecia buscar a cartada final. — Se não puder fazer isso por você mesmo, faça pelo seu irmãozinho. Não permita que a história se repita.

Suas últimas palavras doeram tanto quanto os murros na boca do estômago que levei há poucas horas. Era tão injusto que estivesse em minhas mãos. Ainda mais quando passei a vida toda carregando um fardo grande demais, pesado demais, penoso demais. Eles me prometiam que as coisas iam melhorar, mas só se eu me sacrificasse um pouco mais. Só se eu desse um pouco mais de mim.

Como se eu já não tivesse dado o bastante...

Mas então meus olhos recaíram para o gesso em meu braço. Geraldo

tinha me quebrado. Tipo, literalmente. Isso sem contar em todo o resto. Sem contar em quão fundo ele tinha conseguido penetrar em minha mente naqueles dez anos de abuso.

Ninguém merecia passar pelo que eu vinha passado. Ninguém merecia essa vida de merda. Ninguém merecia ter a vida manchada para todo sempre, como a minha.

Eu não fazia a menor ideia de há quanto tempo Noah tinha começado a sentir o gosto amargo que o inferno tinha, mas eu podia mudar tudo. Não por mim, porque eu já estava fodido. Eu não tinha mais conserto. Mas ele tinha. A vidinha dele estava só começando. Se eu conseguisse ajudar a cortar o mal pela raiz agora, no futuro talvez ele nem mesmo se lembrasse da parte nebulosa do seu passado.

Ele jamais precisaria passar pelo terror, pelo medo, pela decepção que eu experimentei aquela noite. Jamais precisaria se machucar dia após dia após dia, pra conseguir lidar com a cabeça fodida. Ele *nem teria* uma cabeça fodida.

Caramba, ele merecia isso.

Eu *tinha* que fazer isso por ele.

E, por isso, em um ímpeto de coragem que eu nem sabia possuir, ergui o queixo o máximo que puxe, olhando de um para o outro.

— Tá bom. Eu falo.



Eu vomitei tudo para fora. Por mais assustado que estivesse, bastou falar a primeira palavra e todas as outras jorraram com facilidade. E eram muitas palavras. Dez anos engolindo toda a merda que acontecia na minha vida, todo o veneno... eu estava aliviado em colocar para fora. Tirar um pouco do peso em meus ombros. Por isso eu continuei. Conte tudo. Tudo mesmo. Não poupei ninguém. Nem mesmo mamãe. Afinal de contas, quando foi que ela me poupou antes?

De toda forma, não entreguei ela por vingança nem nada do tipo. Seria ridículo. Mesmo depois de todas as vezes que tive meu coração quebrado por ela, eu continuava amando minha mãe e jamais conseguiria fazer alguma coisa só por pirraça. Mas eu *não confiava* nela. Ela tinha aquele

vazio imenso que tentava, a todo custo, preencher. Passou a vida procurando nas outras pessoas uma questão que tinha consigo mesma. Eu sabia que se deixasse Noah com ela, a história se repetiria. Se não com Geraldo, com qualquer outro cara que ela colocaria dentro de casa em um piscar de olhos.

Eu jamais me perdoaria por isso.

Aquela criança... o *meu irmão*... demorei para perceber o elo entre nós. Demorei para me tocar de que ele também vivia no mesmo inferno que eu. Fiquei tanto tempo concentrado em mim mesmo, focado em minha própria dor, que não percebi o que estava bem diante dos meus olhos. Noah e eu éramos iguais. Estávamos no mesmo barco. Se eu virasse as costas para ele, seria como virar as costas para mim mesmo. Para o Martin do passado, assustado, sozinho, desiludido.

Não era o que eu almejava.

Pelo contrário, eu pressentia que para conseguir seguir em frente, precisaria acertar as contas com o Martin de oito anos, congelado para sempre no passado, no momento em que tudo começou.

Então eu lutaria. Faria tudo que estivesse em minhas mãos para acabar de vez com aquela história de terror. Lutaria por Noah e também por mim.

Me perdi entre passado e presente, desenterrando memórias que já não lembrava mais possuir. Minha mente era como um computador abarrotado de arquivos, pastas por toda a parte, repletas de informação e danificada por um vírus em expansão.

Fiquei tão absorto que me permiti esquecer as duas pessoas me esperando na sala de espera. As duas mulheres mais importantes da minha vida. Só lembrei quando os policiais se despediram e a enfermeira veio me perguntar com quem eu gostaria de falar primeiro. Não deu tempo nem de processar todas as coisas que estavam acontecendo. O depoimento que eu tinha acabado de prestar. Os desdobramentos que ele poderia trazer.

Tatiana, respondi, sem precisar pensar duas vezes. Mas, enquanto eu esperava vê-la atravessando o corredor da UTI em minha direção, o mesmo pânico de antes de dominou.

Ela deve estar puta comigo.

Vai me xingar por ter dado um susto.

Vai me dizer que não me esforcei.

Merda. Merda. Merda.

Como me enfiei nessa loucura?

No entanto, bastou que Tati irrompesse o meu quarto para todos os pensamentos autos sabotadores cessarem. Bastou perceber o seu estado — tudo nela parecia fora de ordem. Para começar, não vestia as roupas coloridas de sempre, mas sim uma camiseta branca e um jeans que não tinha nada a ver com ela. Os olhos injetados de tanto chorar estavam inquietos, perdidos, vazios. E talvez fosse coisa da minha cabeça, mas até sua postura estava curvada, assim como a expressão cansada lhe conferia vários anos a mais.

Por mais que eu me odiasse por isso, fiquei *feliz*. Não pelo sofrimento dela. De jeito nenhum. Mas... não sei. Quando tentei me matar a primeira vez, a recepção que tive foi bastante diferente. Mamãe parecia triste, mas não muito. Quando se tratava dela, as coisas eram sempre mais complicadas. Eu sabia que ela me amava, por trás de toda a bagunça que carregada em seu interior. Em alguns momentos eu conseguia vislumbrar esse amor. Mas na maior parte do tempo ela ficava contaminada por Geraldo. E da primeira vez foi assim... ela parecia mais preocupada com o impacto que a minha decisão causava na família perfeita e em como Geraldo ficou devastado com o que tinha acontecido.

Enfim. Não importava. Não ali, não enquanto Tati estava tão devastada. Por minha causa. E isso era lindo, de alguma maneira. Consegui enxergar o seu amor de forma tão clara e límpida como as lágrimas escorrendo por suas bochechas.

Mais que isso, me senti *acolhido*. Senti que não estava sozinho. Talvez eu tivesse mesmo ferrado tudo ainda mais, mas não importava. Eu tinha alguém em quem me firmar.

Quando seus olhos recaíram para o meu braço engessado, Tati caiu no choro. Chorou para valer. Se escondeu por trás das mãos e desabou, deixando escapar soluços altos que ecoavam por toda a UTI.

Não consegui fazer nada além de ficar olhando para ela. Aquela mulher que, de algum jeito, entrou na minha vida. Que, em tão pouco tempo, já tinha feito tanto por mim. Eu nem poderia dizer nada, de toda forma. Como confortá-la por quase ter me perdido quando essa decisão partiu de mim mesmo? Como prometer que ficaria tudo bem se eu já tinha traído as promessas de antes?

Por isso permaneci quieto, tentando não afundar de vez na escuridão. Ignorei a torrente de pensamentos tentando me culpar por toda aquela merda.

Mas eu não tinha culpa. Ninguém acordava em uma bela tarde de domingo e decidia acabar com a própria vida. Isso... não era algo que eu escolheria, se tivesse opção. Por mais que eu soubesse o quanto isso machucava as pessoas que se importavam comigo, a dor maior ainda era a minha. Ninguém entendia de fato o que era tentar se mutilar e mutilar, até não aguentar mais.

Em vez de me perder naquele caminho perigoso de culpa e remorso, tentei focar no que podia tirar de bom de tudo aquilo. Ela estava ali. Por mim! E agora eu tinha certeza que a lembrança de sua voz lá em casa não foi um delírio. Eu ainda não sabia muito bem o que seria de mim a partir de agora. Mas, caramba, eu estava vivo outra vez. Talvez isso devesse mesmo significar alguma coisa.

— Tati, e-eu... — comecei, com a voz soando grossa e muito mais rouca. — Sinto muito.

— Não — ela negou com a cabeça, em um estalo. — Não, meu bem. Você não tem culpa de nada. Você só... — ela deixou um soluço alto escapar, enquanto sentava ao lado da cama e agarrava a minha mão com força. — Você é a vítima, Martin. Eu que devia ter visto os sinais antes. Devia ter feito alguma coisa. Olha só pra você... — E, com isso, Tati voltou a chorar. Parecia prestes a quebrar no meio.

As coisas ainda eram confusas para mim. O mundo tinha uma névoa esquisita, que tornava tudo mais distante, mais mecânico. E talvez isso fosse uma coisa boa, no fim das contas. Eu não tinha certeza se aguentaria lidar com a bagunça em meu interior se não estivesse com a sensação engraçada de estar anestesiado.

— Você me ajudou — respondi, erguendo nossas mãos até os meus lábios. Deixei um beijinho nas costas de sua mão. — Muito. Não tô nem falando do celular. Você me ajudou abrindo um espaço no seu coração. Ah, Tati... você não faz ideia do quanto eu precisava disso.

Minhas palavras foram o estopim para que Tati levantasse em um pulo e se inclinasse sobre mim, me abraçando como se eu pudesse evaporar de seus braços a qualquer instante. Retribuí, enterrando meu rosto em seu pescoço e sorvendo o cheiro que eu já tinha aprendido a relacionar com proteção, refúgio e amizade.

— Eu te amo, Martin! Você também é a família que eu nunca tive — sussurrou, parafraseando o que eu tinha mandando na mensagem de despedida. Meus pelos ficaram arrepiados. — Meu Deus, se você soubesse o

desespero que senti... o medo... achei que eu fosse enfartar quanto te encontramos inconsciente no quarto. Meu mundo parou pelo tempo que levou para os paramédicos conferirem se você ainda estava com pulso. — ela passou as mãos pela minha franja, afastando-a do rosto. — Quando vi o sangue na sala... pensei no pior. Foi impossível não pensar. Mas você tá bem, Martin. Você tá vivo — ela deixou escapar outro soluço, fungando sem parar. — Sei que você deve estar assustado com tudo o que aconteceu, mas acabou, meu bem. Esse terror chegou ao fim.

Assenti, sem saber se era seguro acreditar nisso. Desde que tinha acordado, ouvi isso da boca de todos. *O terror vai acabar*. Mas será que ia mesmo? Passei metade da minha vida desejando que alguém viesse para me salvar. Passei metade da minha vida ensaiando contar para os meus avós, que moravam em outro estado e com quem eu mal tinha contato, só para que pudessem me salvar. Fantasiei um milhão de maneiras diferentes de escapar da vida horrorosa que eu tinha. E, tudo o que ganhei em troca, foi permanecer naquela prisão, sendo consumido vivo.

— Você que chamou a polícia? — me limitei a perguntar. Depois de falar tanto para os policiais, minhas forças tinham se exaurido.

— Também — Assentiu ela, limpando as lágrimas com o antebraço. — Fiquei sabendo que a sua psicóloga Elise fez uma denúncia essa noite.

— Quê? — pisquei os olhos, atordoado. E então me lembrei de cruzar com ela quando chegava em casa. — Ela tá aqui?

— Não. Foram os policiais que comentaram com a gente. Parece que ela foi na sua casa hoje à noite, conversar com a sua mãe. Ela estava desconfiada que você sofria abusos... — Tati umedeceu os lábios, sem desviar o olhar de mim. — E saiu de lá mais assustada do que quando chegou.

— Meu Deus... — fechei os olhos, tentando ordenar todos os sentimentos confusos. — Agora entendi o Geraldo ter ficado tão puto. Parecia que ele tava procurando qualquer motivo pra me foder e... — Neguei com a cabeça, enquanto era bombardeado pelas lembranças dele me espancando. Por mais que contassem apenas horas e tudo ainda estivesse fresco na memória, eu sentia como se tivesse acontecido anos atrás, em outras vidas. — Foi assustador pra caralho. Achei que ele ia me matar, achei de verdade. Ele... começou com um papo escroto de que eu não podia namorar enquanto tivesse na casa dele, que ele mandava em mim e... —

suspirei alto, sentindo a visão borrar inteira com as lágrimas. — Sei lá. Eu sempre morri de medo dele. Mas acho que foi a gota d'água. Foi doentio. Ele disse que... se sonhasse com as coisas que eu andava fazendo com a Alana...

“Não sei o que deu em mim. Eu tava com a cabeça cheia, tinha acabado de me tocar que ele tava fazendo a mesma coisa com o meu irmão e... porra. Foi demais pra suportar. Acho que eu escolhi morrer. Só pro Noah não precisar passar pelo mesmo que eu. — Desviei o olhar para outra direção, sem conseguir suportar seus olhos desesperados e transbordando tristeza. — Ele nunca tinha me batido tanto assim. Nunca chegou a me quebrar. Não consigo parar de lembrar a sensação de estar lá, sem conseguir me defender. Sei lá, cara. Fiquei tão vazio. Eu juro que não queria, mas de repente parecia que não existia mais escolha pra mim.”

Minha voz morreu no ar, dando lugar a um silêncio pesado. Tentei continuar falando, mas um caroço enorme na garganta me impossibilitou de continuar.

— Ah, Martin... eu sinto tanto, tanto, tanto, meu bem. Não consigo nem imaginar o terror que essa noite significou pra você — Tati intercalou as palavras com beijinhos nas costas da minhas mãos, enquanto novas lágrimas escapavam dos seus olhos. — Eu nunca vou te julgar pelas coisas que aconteceram. Você é a vítima, não esquece disso. Os únicos culpados são eles. A gente vai te tirar dessa.

Tatiana ficou me encarando por minutos, que mais pareceram uma eternidade. Ela inspirou fundo, olhando para os lados, acompanhando a movimentação das enfermeiras. Parecia ter algo para dizer, mas tudo em seu corpo mostrava a hesitação. Só isso foi o suficiente para me deixar com o coração disparado. De expectativa e receio. Tudo ao mesmo tempo.

Ela inclinou o corpo para frente, se aproximando ainda mais de mim. Pude sentir sua respiração pesada em meu rosto.

— Eu ia esperar pra conversar com você..., mas não consigo. Não depois de hoje — ela mordeu o lábio inferior, negando com a cabeça. O olhar vazio, perdido. — Percebi que a gente não tem o amanhã. Não tem o depois. E eu nunca vou me perdoar se *alguma coisa* acontecer sem que eu te fale isso — meu coração apertou ao pensar no que poderia acontecer comigo. — Martin... eu quero muito te ajudar. Eu te amo. Não foi por acaso a gente se conhecer. Eu acredito que nada no mundo é. E eu estou disposta a te tirar dessa. Isso é... se você quiser. Minha casa não é a maior e eu também tô

longe de ser rica, mas nada disso importa. Se a gente quiser, a gente vai fazer dar certo. E eu quero muito.

Seus olhos estavam esbugalhados de ansiedade.

Pisquei várias vezes, tentando compreender seus palavras.

— Ahn... calma. V-você... tá me chamando... — respirei fundo, com medo de concluir a frase só para descobrir que era um equívoco. Minha cabeça não estava funcionando direito. Tinha coisa demais rolando. — Não entendi.

— Entendeu sim — Tati sorriu, apertando minha mão com muita força. — Tô te chamando pra morar comigo. Você já tem dezoito anos. Pode terminar o colégio tranquilo. Estudar para o vestibular... e depois, quando estiver melhor, começar a trabalhar, ter o seu próprio dinheiro. Fazer o que você quiser. Tem um mundo de possibilidades pela frente, Martin.

Não consegui esconder o meu choque.

Senti um bolo se formar no estômago, enquanto meu cérebro se esforçava para processar a magnitude desse convite. Tudo o que significava. Abri a boca para responder, mas nada saiu. Eu tinha esquecido como formular palavras.

— Se você quiser, eu mesma vou buscar as suas coisas. Vai ser um recomeço. E eu prometo, Martin, que vou fazer o possível e o impossível pra te ver feliz — ela cobriu a boca com a mão, tentando não cair no choro outra vez. Seus olhos brilhavam muito e Tati piscava além do normal.

— E o meu irmão? — consegui perguntar. No momento, aquela era a minha única prioridade. Eu queria me certificar de que nada aconteceria com ele. E se isso significasse continuar na mesma casa, eu continuaria.

— Ainda não sabemos... provavelmente vão passar a guarda para alguém da família. E você tem essa opção, claro. Não estou te pressionando a nada. Você não precisa dizer sim, também. Eu só... precisava fazer esse convite. Pra você ter opções.

Quis dizer tantas coisas. Perguntar tantas coisas. Minha cabeça pipocava de pensamentos, um atropelando o outro.

Fiquei olhando para Tatiana. Aquela mulher de quem eu sabia muito pouco e que tinha conhecido na biblioteca. Qual a chance de tudo dar errado? Mas, por outro lado, ela tinha feito tanto por mim, mesmo sem ter obrigação nenhuma. Eu sentia que podia confiar nela. Nunca me enganei antes.

Só que... era tanta coisa.

Eu não sabia nem por onde começar a ponderar. Só precisava descansar, entender tudo o que tinha acontecido aquela noite.

— Não sei — foi tudo o que consegui dizer. — Eu só... não sei.

— Você não precisa responder agora. Só deixa essa ideia amadurecer. Ouve o seu coração — Tati olhou por cima do ombro, parecendo se lembrar de algo. — Você tá precisando descansar e ainda tem outra pessoa que quer muito falar com você. Amanhã a gente conversa melhor, tá? — ela se inclinou, deixando um beijo estalado na minha testa. — Te amo. Não esquece disso.

— Nunca — respondi, segurando a mão dela com força. — Obrigado.

Observei Tati se afastar até sumir do meu campo de visão com o coração saindo pela garganta. Tamborilei os dedos sobre a coberta do hospital, tentando me enganar de que estava tudo bem. Não tinha motivo para ficar nervoso. Era só Alana. A minha namorada. Para quem eu tinha mandado a porcaria de uma mensagem de despedida, no meio da madrugada, depois do dia em que conheci a sua família.

Ela me odeia.

Os pais dela me odeiam.

Conseguí foder com tudo.

Olhei fixamente para o ponto em que Tati tinha ido, me preparando para descobrir se os danos tinham sido muito grandes. Na baía do lado, gemidos de dor rompiam o silêncio. A voz era de uma mulher, e a maneira como ela agonizava só piorava tudo ainda mais. A cada gemido eu sentia uma guinada no estômago, que era seguida pelo gosto amargo da bile.

Me distraí fazendo o possível para não vomitar e, por isso, me sobressaltei quando Alana parou em frente à cama, as duas mãos cobrindo o rosto. Os olhos injetados circundados por olheiras roxas de cansaço e estresse. Os cabelos cor de trigo despenteados, um verdadeiro caos. E, quando ela percorreu a distância entre nós, não pude deixar de notar que mancava muito. De repente, voltei vários meses. Lembrei do primeiro dia de aula, quando descobri que era ela a menina de quem todos falavam. Alana arrastando a perna amputada com dificuldade, me lançando um olhar decepcionado. Quanta coisa tinha mudado de lá para cá, menos o olhar desamparado e a maneira como mancava. Meu coração ficou minúsculo.

Esperei que ela parasse no sofá ao lado da cama, como todos. Em vez disso, Alana se inclinou sobre mim e, sem falar nada, segurou o meu rosto

com as duas mãos, colando seus lábios nos meus.

Levei alguns segundos para fechar os olhos. De todas as reações que imaginei, essa não passou nem perto. Ergui o braço direito, enterrando os dedos nos cabelos dela, ainda anestesiado. Ainda sem compreender direito todas as coisas acontecendo.

Logo senti suas lágrimas em meu rosto. Nosso beijo ficou com o gosto salgado de tristeza e dor. Senti seus ombros balançarem quase ao mesmo tempo em que ela deixou escapar um soluço alto. Quando dei por mim, Alana estava praticamente jogada sobre o meu peito, com o rosto enterrado na curva entre o meu pescoço e ombro, que logo ficou ensopada.

Abri a boca para confortá-la. No entanto, o que poderia ser dito para explicar que eu tinha tentado apagar a minha existência. Esse era o tipo de coisa que as pessoas não costumavam entender. E, de toda forma, não diminuiria a dor dela. Alana sabia de tudo. Da minha história, do quanto eu estava perdido. Eu mesmo tinha assegurado para ela que era só uma questão de tempo.

Em vez disso, contornei seu pescoço com o braço, trazendo-a para mais perto de mim. Seu peso fez meu corpo doer em vários lugares diferentes, mas não importava. Eu só queria que ela soubesse o quanto eu estava feliz por ela estar ali comigo. O quanto eu sentia por ser o responsável por suas lágrimas. E o quanto eu não podia fazer nada para mudar o passado.

— Eu te amo — gemeu ela, e sua voz soou abafada. Aumentei a força do abraço desajeitado, enterrando o rosto em seus cabelos e deixando um beijo demorado. — Eu te amo. Eu te amo. Não acredito que você ia embora sem ter me dado a oportunidade de dizer isso. Eu te amo, Martin. Meu Deus, eu te amo.

Alana se aninhou ainda mais em mim. Parecia prestes a deitar na cama comigo. Apesar de querer mais que tudo, eu só consegui ficar preocupado com o que aconteceria quando uma enfermeira nos visse daquele jeito. Provavelmente mandariam Alana embora. E isso era tudo o que eu menos queria.

Acaricieei sua nuca, por baixo da cortina de cabelos, me limitando a fechar os olhos. Eu não tinha forças para falar. E nem queria. A única coisa que eu precisava era disso. Era sentir o seu calor contra o meu corpo. Sua respiração superficial que balançava todo o tronco e ecoava no meu corpo. Os soluços baixinhos, sentidos, de quem se importava. Eu estava sendo um

babaca egoísta, e sabia disso. Ver Alana e Tati tristes devia ter me matado. E tinha, pelo menos uma parte de mim. Mas tinha outra parte muito grande ansiando por carinho, por amor, por atenção. Ansiando por um abraço, um colo onde afogar minhas lágrimas.

— Você me assustou tanto — continuou, ainda com o rosto escondido. — Eu não sei o que ia fazer sem você, garoto idiota. Você... *não pode* fazer isso. Não pode entrar na minha vida desse jeito e depois simplesmente ir embora. Não pode pegar meu coração pra você e depois desaparecer. O que seria de mim, Martin?

— Eu sei — murmurei, e minha voz quase não saiu. — Eu sei...

— Eu te amo tanto. Não ia suportar um dia sem ter você comigo. A gente tá junto nessa. Eu preciso de você pra continuar — Alana atirava as palavras, com desespero. E, a cada segundo, mais se aninhava em mim.

Estava difícil respirar e meu corpo doía demais a essa altura, mas eu não ousaria tirá-la dali. Por mim, Alana poderia ficar assim o resto da vida e eu não moveria um músculo para mudar isso.

— Eu te amo muito — deixei um beijo em sua cabeça, deslizando os dedos até seu queixo. E então forcei seu rosto até que ela o erguesse para me encarar nos olhos. — Desculpa não ter sido forte por você. Foi uma noite difícil, e...

— Shhhh... — ela pediu, pestanejando para conter as lágrimas. — A culpa nunca foi sua. Nunca foi. Eu só consigo pensar em você sozinho, passando por todo aquele terror... — Alana deixou escapar outro soluço e seu rosto se contorceu em dor. — E eu me odeio por nunca ter feito nada pra impedir. Me odeio por não ter contado pra alguém. Meu Deus, Martin... a culpa não é sua. Eu só... fiquei com medo. Achei que já tinha passado pelo pior momento da minha vida, mas nada me preparou pra essa noite.

Recostei a testa na dela, me sentindo fraco e pequeno.

— Já passou. Eu tô aqui. Não fui a lugar nenhum.

— Você tá — ela sorriu e chorou, ao mesmo tempo. — E acho que também nunca fui tão feliz na vida.

— Eu também tô feliz que você tá aqui — respondi, me sentindo fraco e pequeno. — Você nem imagina. Foi bem diferente da primeira vez... Tô feliz de estar aqui. Acho que as coisas vão mudar. Tô sentindo isso.

— Elas vão — Alana assentiu, fungando.

Vi um vulto se aproximar pela visão periférica. Antes que eu pudesse

processar direito a informação e tentar afastar Alana para uma distância segura, ouvi um pigarrear leve que a afastou por mim.

A enfermeira estava de volta, com as mãos cruzadas em frente ao corpo. Seu olhar era sério, mas não rígido.

— Sei que foi uma noite e tanto, mas o Martin precisa descansar — falou, olhando de mim para Alana sem parar. — Amanhã vocês terão bastante tempo para se acertarem.

— Tá bom — Alana concordou, com as bochechas coradas, se empertigando ao lado da maca.

Ela me lançou a última olhadela. Senti seus olhos percorrerem os hematomas em meu rosto e depois se demorarem no gesso em meu braço. Ela engoliu em seco, parecendo se esquecer, por um momento, da enfermeira esperando, sem muita paciência.

— Eu tô bem — menti, arriscando um sorriso. Mas me senti mal no mesmo instante, por isso corrigi: — *Vai ficar* tudo bem. Tô mesmo precisando dormir um pouco.

— Tá bom — ela assentiu, arriscando um passo para trás. — Tá bom. Tô logo ali, de toda forma. Não vou embora.

Sorri para ela, incapaz de encontrar palavras. Ver aquela garota linda toda preocupada era um pouco desconcertante. Quer dizer, preocupada *comigo*. Eu não sabia direito o que Alana tinha visto em alguém problemático como eu, mas só podia agradecer por isso.

A enfermeira pousou a mão sobre os ombros de Alana, que intercalou os passos com olhadelas preocupadas em minha direção. Me forcei a sorrir, até que ela sumisse do meu campo de visão, só para tranquilizá-la. Eu devia isso a ela. Mesmo que tudo estivesse muito longe de bem.

Com dificuldade, me ajeitei na cama, arrumando a coberta no corpo como se eu fosse um charuto. Tosses carregadas vinham de algum lugar, juntando-se aos gemidos cada vez mais altos da baia ao lado. Seria uma longa noite. Se já era difícil pegar no sono em um cenário ideal, eu duvidava bastante que conseguiria pregar os olhos ali. Mas não custava tentar. Por isso fechei os olhos, me concentrando em tudo que acontecia ao redor e fazendo o possível para não voltar ao terror. Para me manter no presente o máximo possível.

Poucos minutos tinham passado quando senti uma sombra se aproximando e, por puro instinto, abri os olhos, ficando na defensiva. Não

consegui esconder a surpresa ao me deparar com o pai de Alana parado a poucos metros de mim, com o cenho franzido e os braços cruzados sobre o peito. Parecia anos mais velho do que no almoço do dia anterior. O cansaço era quase palpável. Fiquei ainda mais desconcertado ao notar o brilho intenso em seu olhar.

Por não fazer a menor ideia do que dizer, apenas esperei, esperando que ele não nos deixasse naquele silêncio esmagador por muito tempo.

— Longa noite, hein? — perguntou, com a voz embargada, e então se aproximou um pouco mais da cama. Assenti com a cabeça, no modo automático. — Como você está?

Dei de ombros, olhando para baixo. Um braço engessado. O outro cheio de hematomas e cortes recentes. As mãos grosseiras de cicatrizes. A cabeça doendo de tanto chorar.

A pergunta era retórica, eu sabia. Não havia necessidade nenhuma de responder porque como eu estava era muito evidente.

— Já estive melhor... — resmunguei mesmo assim, voltando a procurar seus olhos. — Não gosto de hospitais.

— Eu também não — Antônio se recostou na beirada da cama. Um pouco sentado, um pouco em pé. O colchão afundou, me fazendo deslizar um pouco em sua direção. — Nunca me importei muito. Mas depois do que aconteceu com a Alana... não virou o meu lugar favorito.

— Eu imagino.

— Eu sei que sim — ele deu um sorriso triste, assentindo com a cabeça. — Martin, eu... preciso me desculpar com você.

Pisquei os olhos, confuso, e esperei que ele continuasse. Mas isso não aconteceu.

— Desculpar...? — incentivei, vencido pela curiosidade. — Por quê?

— Por ter te interpretado tão mal hoje. Nem te dei uma chance, para ser honesto.

Soltei o ar dos pulmões, que soou como uma risada de uma só nota. Antônio pareceu alheio. Se ele soubesse o quanto isso era normal para mim. Meio que o mundo inteiro me julgava mal, e a culpa era quase inteira minha. Eu tinha construído essa imagem para me proteger. Me escondi sob uma máscara que convencia todo mundo ao meu redor.

— Talvez, quando você for pai, entenda. — ele continuou, desviando o olhar do meu e mirando para o monitor que não parava de emitir silvos

ritmados. — Não quero justificar, só... explicar. Quando a gente vira pai, aprende a amar tanto a nossa família que fica até um pouco insano. Tem essa coisa de proteção, de estar disposto a dar a vida para fazer os filhos felizes... E, nessa de tentar acertar, a gente acaba errando. Bem mais do que gostaria de admitir.

Fiquei olhando para aquele homem que eu mal conhecia, num misto de inveja de Alana pela sorte que tinha e receio em descobrir para onde caminhava a nossa conversa.

— Hum... tá — resmunguei, querendo que ele fosse direto ao ponto.

— Quando a Alana sofreu o acidente... foi um misto de pânico e impotência. Ela foi atropelada na frente de casa, em um horário que nem devia ter ninguém na rua. Foi como se o destino estivesse brincando com a gente... quer dizer, nada que pudéssemos fazer teria mudado isso — Antônio massageou as têmporas, enquanto clareava a garganta. — Depois disso fiquei um pouco pior nessa coisa de tentar proteger a minha filha. Como se ela precisasse... A Alana sempre soube o que quis e sempre lutou por isso. Mas, em minha defesa, tem algo que quebra a gente cada vez que vemos nossos filhos sofrendo e não podemos fazer nada. E daí... quando ela começou a melhorar, você apareceu.

Fechei os olhos, de repente imaginando o desfecho da conversa.

O desgraçado vai me pedir para ficar longe dela.

Justo agora.

Justo aqui.

— Você achou que eu era problema, né? — não me importei em esconder a agressividade.

— Sim — ele assentiu, voltando a me encarar. — Achei.

— E tava certo, de toda forma — respirei fundo, com raiva por, apesar de tudo, conseguir compreendê-lo.

Fiquei observando um enfermeiro do outro lado do corredor, oferecendo um copo d'água para uma garota mais nova que eu, que tinha o rosto corado e os cabelos grudados na testa, apesar do frio.

— Não, Martin. Eu julguei errado. Eu fui... precipitado — olhei para ele, surpreso. — Eu não fazia ideia de nada. Só consegui olhar pela minha perspectiva. Ninguém deveria passar por tanta coisa na sua idade. Ninguém deveria ter medo de ficar na própria casa. Nosso lar é o único lugar do mundo que temos para nos sentir seguros, protegidos, livres. Ou, pelo menos, deveria

ser.

Respirei fundo, chocado demais para reagir.

Antônio pigarreou outra vez, e não pude deixar de notar a maneira como seu rosto ficava um pouco mais vermelho conforme os segundos corriam.

— Eu sinto muito mesmo. Sinto muito por tudo. Acho que fiquei tão assustado depois do acidente, que passei a agir como se a Alana fosse só uma criança. Mas ela não é. Tenho certeza de que ela não estaria com alguém problemático, ou qualquer outra coisa que tenha passado pela minha cabeça. Confio em minha filha, Martin — Ele sorriu, meneando a cabeça. — Sei que você tem muitas qualidades escondidas aí, e estou ansioso para descobrir. E queria dizer que nossa casa está de portas abertas para você. Sempre. Independente de se você estiver com a minha filha ou não, você não está sozinho. Nunca mais.

— Eu... nossa — esfreguei o rosto, tentando processar tudo.

Nunca achei que vinte quatro horas pudessem comportar tantos acontecimentos quanto aquela noite. Mas, aparentemente, podia, sim. Eu só não tinha certeza de que aguentaria tanta coisa surgindo — ruins e boas.

— A Tatiana comentou comigo sobre o convite que ia fazer. Não sei qual a sua decisão... independente de qual for, nossa casa é a sua casa também — Engoli em seco, com a visão ficando inteira borrada. — Eu espero que você nunca mais precise passar medo e nem se sentir sozinho, filho. Mas saiba que, se as coisas desandarem, você pode se sentir em casa com a gente. Qualquer coisa que você precisar, conte com a gente, Martin. *Qualquer coisa.* A gente quer te ajudar a sair dessa.

Inclinei o tronco, ignorando as pontadas de dor por todo o corpo, e abracei o pai da minha namorada. O cara que tinha vindo me pedir desculpa por uma coisa que nem era culpa dele. Nem de ninguém, para dizer a verdade.

E, de repente, tudo foi demais para mim. Perdi as contas de quantas vezes já tinha chorado aquela noite. Mas meio que não importava. Era a única coisa que eu poderia fazer naquele momento, de toda forma.

Antônio esfregou minhas costas, deixando tapinhas em meus ombros sem parar.

— Você já ouviu falar nas fênix? — perguntou de repente, com a voz embargada.

— Já — respondi, usando o punho da blusa para secar o nariz que escorria. — Já sim.

— Hoje você é uma fênix, Martin. Ardeu em chamas e teve, talvez, a pior noite da sua vida. Mas é daqui que você renasce.



*Eu sou um escravo da minha mente
Você me dá algo em que acreditar
Young the giant – Something to believe in*

Deslizei as costas pelo sofá da minha sala nova e me senti afundar no estofado macio. Apesar de fazer um dia congelante, eu sentia como se todo o ar do mundo estivesse parado, pesado, difícil de sorver. Meus olhos passearam pela mesinha quadrada posicionada ao lado da janela, com quatro cadeiras diferentes umas das outras. Mordi o lábio com força, sentindo a visão enturvecer e deixar a imagem do arranjo de flores sobre a mesa inteiro borrado. Nada combinava naquela casa e, de alguma forma, dava certo. No caos de estampas, cores e formatos, eu sentia que tudo encaixava muito bem. Como se cada coisinha tivesse sido feita para estar ali. Se é que isso fazia algum sentido.

Era a casa perfeita para alguém como Tati.

Ela estava em cada detalhe. Cada quina, cada cômodo, cada parede refletia um pouco da sua personalidade cuidadosa, acolhedora. Meu queixo tremeu enquanto eu olhava, pela milésima vez, a minha volta, tentando aceitar aquele lugar como um lar.

O que não fazia o menor sentido. Eu devia tirar de letra, devia estar

me sentindo no céu. Mas... não sei.

Quer dizer, morar com Tati era fácil.

Fácil demais para parecer certo.

Três semanas já haviam se passado e eu ainda estranhava a facilidade com que o sono vinha a noite, no meu quartinho improvisado. Ainda estranhava a falta do medo me espreitando a cada passo, me preparando para a nova rasteira que levaria. Ainda era difícil de acreditar que toda aquela bondade fosse real. Que a minha nova realidade consistia *nisso*.

Era aí que morava a porcaria do problema. Eu não estava acostumado com o sentimento cálido e confortável que era estar em paz. Cada pedacinho de mim tentava me preparar para quando as coisas desmoronassem outra vez. Porque era o que aconteceria, eu sabia disso. Seria uma questão de tempo. Quando eu menos esperasse, quando eu me permitisse baixar a guarda... era quando levaria um murro na boca do estômago que me faria desmoronar. Cada carta que empilhei naquele castelo frágil que eu tinha me tornado voaria ao menor sopro do vento.

Precisei me fazer cascudo para aguentar as porradas da vida. Precisei ficar calejado. E agora... agora parecia que faltava alguma coisa. Quanto mais Tati se esforçava para me deixar confortável, quanto mais ela abria os braços para mim, mais errado parecia. Eu me sentia um merda. Um impostor tomando o lugar de outra pessoa e fingindo que poderia viver nesse novo mundo sem dor. Fingindo que as cicatrizes recentes não doíam. Fingindo que elas nem mesmo existiam.

Olhei para o gesso em meu braço esquerdo, um hábito que virou quase uma obsessão depois que saí do hospital. Meus olhos percorreram os desenhos que Tati tinha feito para tentar me animar. Eram uma desgraça. Inteiro tortos, desproporcionais, pareciam feitos por uma criança de cinco anos. Ainda assim, me arrancavam sorrisos cada vez que eu os via. Mas não naquela tarde. Tudo parecia fora do eixo. Tudo parecia ainda mais difícil de suportar. Olhar para o meu braço daquele jeito foi como sentir uma ponta afiada cravando no peito. O sangue quente se espalhou pelo meu abdome e manchou o sofá clarinho, deixando uma poça de sofrimento.

Eu estava morrendo de medo. Apavorado.

Morar com Tati era tão fácil que eu não conseguia nem mesmo cogitar a ideia do que aconteceria comigo se eu precisasse voltar à vida antiga.

Pensei que me livrar de Geraldo fosse apagar toda a dor, todo o sofrimento. Pensei que bastasse fugir e então o vazio dentro de mim também desapareceria, como quando acordamos de um pesadelo e, ao longo do dia, as lembranças vão se dissipando até que desapareçam, e não reste nem mesmo a sensação ruim. Me agarrei a essa ideia de que viraria uma chave dentro de mim e, de repente, eu me transformaria em um garoto normal, como os da minha escola. Sem preocupações, sem traumas. Apenas... a porra de um garoto normal.

Mas não. Não era assim que as coisas funcionavam. Não podiam estar mais longe disso. Na verdade, se tinha como, eu estava uma bagunça ainda maior que antes. E a pior parte é que, pela primeira vez na vida, nem tinha justificativa. Quando o céu enfim começava a clarear, dando indícios dos primeiros raios de sol, eu simplesmente não conseguia relaxar. Não conseguia tirar o peso enorme nos ombros e a culpa constante, a sensação de que eu não estava me esforçando o suficiente.

Para fechar com chave de ouro o monte de merda em que eu estava atolado, tinha também as crises de ansiedade que me deixavam tremendo em posição fetal, lutando para conseguir sorver a menor lufada de ar, sentindo que morreria do coração a qualquer segundo. Três semanas longe do terror que era a minha vida antiga ainda não tinha sido o suficiente para apagar as marcas terríveis, mas foi o bastante para mudar alguma peça essencial dentro de mim que me manteve vivo por todos aqueles anos. Se antes eu tentava afrontar Geraldo e dar a minha cara a tapa, agora eu parecia uma criança assustada, temendo a minha própria sombra. Se antes eu tinha aprendido a empinar o nariz a cada provocação, cada porrada; agora eu me curvava para frente, abraçando meu próprio tronco, implorando para passar despercebido.

Eu sonhei algumas noites que voltava a morar com a minha mãe e Geraldo... que tudo piorava ainda mais. Sonhei com o inferno outra vez, e foi tão real que, em todas as vezes, acordei berrando, desesperado. Eu *não queria* voltar. Não queria passar por nada disso outra vez. Agora que tinha conseguido escapar da escuridão que me perseguiu nos últimos dez anos, parecia impossível ter forças para encarar qualquer penumbra, por menor que fosse. Usei tudo de mim, tudo o que tinha.

Passei a mão nos cabelos, puxando-os do coro cabeludo. As feridas nos meus braços e nas minhas mãos estavam sarando. Depois de anos escondendo hematomas e ostentado uma coleção de machucados nos punhos,

as cicatrizes finalmente pareciam ser definitivas. Só que por dentro... por dentro as feridas ainda jorravam sangue. Por dentro eu só queria sumir. A raiva por não ter conseguido acabar com tudo, pela segunda vez, me consumia pouco a pouco.

Eu continuava de mal com a vida, embora, pela primeira vez, ela estivesse agindo a meu favor. A tempestade parecia ter acabado de vez. Pena que não a que eu guardava em meu interior.

Meu celular vibrou e, pelo canto dos olhos, vi a foto de Alana na tela, torcendo o rosto em desaprovação.

— Merda — resmunguei, levantando e deixando o telefone para trás.

As lágrimas em meu rosto ameaçaram cair, mas não permiti. Não quando a culpa era toda minha. Não quando eu era o causador de todo o sofrimento. A noite em que acordei no hospital foi a última em que a vi. A última em que conversamos. A última em que permiti que Alana se aproximasse.

Eu sabia que estava cometendo um erro horrível. Bastava pensar em Gustavo e na amizade que eu tinha perdido. Só que, caramba, era difícil nadar contra a corrente de emoções dolorosas demais. Eu só conseguia lembrar do quanto deixei aquela garota maravilhosa quebrada em mil pedacinhos. Só conseguia pensar no sofrimento que causei nela e em Nicole. Eu só conseguia lembrar de seus olhos injetados e o rosto todo inchado de tanto chorar. Só conseguia lembrar da força em seus braços quando me abraçou e no desespero que emanava de seu corpo.

Fui *eu* que causei tudo isso.

Eu que fiz seu coração quebrar um pouco mais.

Isso me matava. Era imperdoável. Alana tinha lutado tanto. Seu último ano foi uma merda, ela precisou lidar com os babacas da escola enquanto ainda tentava lidar com a própria deficiência. E eu, que devia estar ao seu lado, oferecendo suporte e tentando facilitar as coisas... fui lá e fiz o quê? Ferrei com tudo.

Eu só ferrava com tudo.

Era mestre em fazer isso.

Não dava para responder as mensagens, voltar a me aproximar e fingir que tudo estava perfeito, porque não era verdade. Tinha virado de ponta cabeça. A única coisa em minha vida que parecia bem, e eu consegui foder.

Então aproveitei o atestado de um mês enquanto me adaptava aos remédios antidepressivos, usando a desculpa de que estava focado no tratamento para me afastar dela. Aos poucos, excluí a pessoa que mais me importava no mundo, porque eu sabia que Alana não merecia um cara tão problemático. De toda forma, não era totalmente mentira. Eu *estava mesmo* focado no tratamento. Tomando os remédios, levando a terapia a sério, colocando tudo para fora.

Elise ofereceu seu trabalho de graça, sabendo que eu não podia mais contar com o suporte da minha mãe. O que foi legal para caralho da parte dela. E, talvez, o gás que faltava para que eu levasse minha vida um pouco mais a sério. Ver Tati e Elise preocupadas comigo, dispostas a me ajudar... foi mais do que tive a vida inteira. E tudo o que sempre quis. Por elas, resolvi mergulhar de cabeça no tratamento. Se elas acreditavam em mim, um garoto sem nenhuma perspectiva de futuro, sem nada de bom para oferecer, o que custava me dar algum crédito também?

E, se por um lado era bom ter algo em que focar, algo em que me entregar, por outro era sufocante não poder contar com Alana nessa caminhada. A cada mensagem, cada ligação, cada tentativa de se reaproximar que eu recusava sem pensar duas vezes, mais eu me odiava. Mais eu mergulhava no ciclo de raiva, dor e culpa que tinha me enfiado depois da tentativa de suicídio. Proibi Tati de passar o endereço para Alana, porque sabia que elas andavam conversando sobre mim. E Tati, a pessoa maravilhosa que era, entendeu e respeitou a minha vontade.

Essa devia ser a maior mudança na minha vida — eu agora *tinha* vontades. Eu agora podia querer as coisas. Eu agora tinha passado a existir de verdade. Na vida anterior, eu não passava de uma sombra, perambulando à mercê dos outros. Torcendo para que acordassem de bom humor e me esquecessem, me deixassem em paz, me permitissem respirar. O Martin de agora tinha vontades. Ele passava o dia lendo, não porque queria se esconder, mas porque gostava. E ele não lia escondido. Ele lia na sala, na varanda, ele lia onde bem quisesse. O Martin de agora podia ficar só no quarto, se quisesse, e ninguém encheria o saco dele. O Martin de agora tinha alguma dignidade, pela primeira vez na vida.

Peguei um copo no corredor e rumei até o filtro de barro no balcão da pia, enchendo-o sem nenhuma pressa. Lá fora, o som do motor do carro de Tati se aproximou, sobressaindo-se ao barulho constante da chuva. Tomei um

longo gole de água, curioso para saber a razão dela ter voltado do trabalho mais cedo. A biblioteca só fecharia dali a três horas.

Não demorou muito para que ela irrompesse pela porta da cozinha, respingada da chuva e ofegante, enquanto tirava o cachecol estampado do pescoço. A primeira coisa que prestei atenção foi na expressão cansada, abatida. Tatiana era sempre tão cheia de energia, tão otimista... era incomum presenciá-la desanimada. Mas, assim que seus olhos pousaram em mim, seus lábios grossos de torceram em um sorrisinho.

— Oi, fofinho! Como você tá hoje? — ela não hesitou em vir até mim, envolvendo-me em um abraço desajeitado para evitar o gesso. Retribuí da melhor maneira que pude, escondendo o rosto em seus cabelos crespos.

— Tô... sei lá. Pra baixo. Me sentindo um merda — resmunguei, apertando-a um pouco mais com o braço direito. — E daí me sinto culpado porque você tem sido tão foda comigo. Não quero ser um ingrato que não se esforça, e...

— Não tem problema se sentir assim — Tati me interrompeu, se afastando para me encarar nos olhos. — Lembra o que a Elise disse? A recuperação não é em linha reta. É cheia de altos e baixos. E ainda é começo de tratamento. Os remédios tão começando a fazer efeito... Faz parte ter dias assim. Não se cobre tanto.

— Mas é que...

— Você é só um *menino*, Martin. Sei que precisou crescer cuidando de si mesmo. Mas agora você não está mais sozinho — ela deixou um beijo no topo da minha cabeça.

Tati tomou o copo da minha mão e foi até o filtro, enchendo-o de água outra vez. Seu olhar se perdeu pela janela da cozinha, embora a chuva atrapalhasse a visão do quintal. Sua expressão voltou a ficar cansada e Tati pareceu envelhecer anos.

— Aconteceu alguma coisa? — perguntei, recostando-me nos armários para observá-la.

— Ahn? — ela me olhou de relance, distraída. — Por quê?

— É que você chegou mais cedo. E tá com um cara péssimo.

— Nossa, obrigada pela parte que me toca — Tati abriu um sorriso que não acompanhou os olhos. — Nada. É só que... ahnn... o filho de uma conhecida minha morreu essa madrugada. Ele tinha a sua idade. Tô um pouco chocada ainda.

Esfreguei a nuca, pigarreando.

— Sinto muito — murmurei, sentindo a língua grossa feito lixa.

Morte não era um assunto fácil para mim.

Ainda mais porque eu sabia que os acontecimentos recentes provavelmente estavam reverberando na cabeça dela. Pensar na maneira como Tati lutou por mim era doloroso. Mais que isso... era quase insuportável. Eu era grato porque ela me salvou. No entanto, assim como Alana, ficou destruída. Era essa imagem que piscava diante dos meus olhos cada vez que eu pensava no que tinha causado as pessoas que eu mais amava.

Tati estalou a língua no céu da boca, com uma cara incerta de quem estava se preparando para cutucar feridas.

— Sei que você tá num dia ruim..., mas eu queria muito que você fosse no velório comigo — seu tom foi suave, assim como a expressão. Tudo para me mostrar que era um convite, e não uma ordem. Cada vez que seu cuidado comigo transparecia, eu me sentia ainda pior. Ainda mais deslocado. *Eu não merecia* tanto carinho. — Pode ser?

Talvez a dúvida tenha ficado estampada no meu rosto, porque ela se adiantou em percorrer a distância entre nós e me segurar pelos ombros.

— O Ítalo... e-ele... se matou — Tati engoliu em seco, fechando os olhos por um momento. Mesmo tentando lutar contra a reação natural do meu corpo, foi impossível. Senti cada músculo se enrijecer, cada órgão se contrair. Os punhos, o maxilar. Virei pedra. — Ele era um menino muito doce... muito querido e... eu acho que... se você entendesse... se...

Tati deixou escapar um suspiro pesado, enquanto suas palavras morriam no ar, tornando a atmosfera pesada. Sua dor me alcançou e me acorrentou com braços firmes, me impedindo de escapar. Fiquei imóvel, sentindo o gosto amargo que sempre me invadia a boca quando aquela noite voltava à tona.

Pelo visto, vai me acompanhar pra sempre.

— Tá bom — minha resposta saiu em um fiapo de voz e não consegui disfarçar minha relutância. — Se é importante pra você...

— É — Tati agarrou meus ombros com mais força. — É muito. Eu não pediria se não fosse, Martin.

Assenti, emudecido.

Por um segundo que abrigou uma eternidade, sustentei seu olhar.

Vi, em Tati, muito mais do que jamais vi em minha mãe.

Enxerguei preocupação, amor, desespero. Enxerguei carinho, cuidado, medo. Enxerguei proteção, calma, e tanta tristeza.

E, quando dei por mim, tinha mergulhado no buraco negro da minha mente. No cantinho escuro que tentei trancafiar qualquer coisinha que evocasse minha mãe. Sobretudo, as últimas lembranças.

Fui transportado direto para a tarde em que buscamos as minhas coisas na casa da minha mãe. Fazia um dia congelante, de tempo fechado, ameaçando chuva a qualquer momento. Quando Tatiana estacionou em frente ao portão dourado e vi os dois carros estacionados na garagem, minhas mãos suaram frio e precisei esfregá-las na calça.

Mesmo sabendo que Geraldo tinha sido preso em flagrante, estar diante do seu carro e do meu antigo lar foi o suficiente para evocar as emoções que eu vinha tentando reprimir. Desde que acordei no hospital, fiz de tudo para não reviver as horas mais pavorosas da minha vida toda. Não foi fácil, mas eu tinha conseguido me sair bem, na medida do possível. Só que ali, onde todo o terror tinha acontecido, foi impossível. Não teve como me manter impassível, naquela anestesia artificial que eu tinha me imposto

Nietzsche saiu da casinha de madeira e começou a latir no portão, com certo desespero, como se pudesse sentir o meu cheiro e aquela fosse sua maneira de me recepcionar de volta para casa. Apertei os lábios, fazendo uma varredura pelos detalhes de sempre. As manchas de tinta azul perto do gramado pequeno, as folhas mortas na garagem, mas nenhum brinquedo de Noah espalhados. Essa era a principal mudança.

Engoli em seco, me remexendo no banco. Um carro amarelo parou na frente do nosso e me peguei revirando os olhos, com um sorriso atônito. Claro que o carro de Elise era amarelo. Que outra cor seria?

Tatiana tirou a chave da ignição, respirando fundo.

— E lá vamos nós... — murmurou.

Quando Tatiana entrou em contato com Elise, contando tudo o que tinha acontecido — sobretudo a minha decisão de morar com ela —, minha psicóloga se ofereceu para ajudar a buscar as minhas coisas. Em parte, porque seria um carro a mais, e isso significava mais espaço. Mas, principalmente, porque conhecia a minha mãe e achava que seria útil lá, para evitar qualquer atrito que pudesse acontecer.

Elise desceu e parou ao meu lado, dando dois toquinhos na janela. Desci o vidro, sorrindo para ela. Elise sorriu de volta, seus olhos percorreram

o meu rosto em uma fração de segundo, e logo foram parar no gesso. Eu já tinha me acostumado com essa reação. Desde o hospital, todos vinham fazendo isso de maneira incansável, como se tentassem medir o estrago.

— Você tá bem? — perguntou, em um sopro de voz, me olhando no fundo dos olhos.

Se fosse antes, eu teria feito um comentário irônico, só para mantê-la distante. Mas, ali, a única coisa que fiz foi dar de ombros, negando com a cabeça.

— Não muito. Acho que vou ficar aqui mesmo — Elise assentiu, desviando a atenção de mim para encarar Tatiana.

— Também acho melhor. Vamos descobrir primeiro como ela está com isso... O que eu menos quero é que sua mãe te deixe pior. Você já está muito frágil.

Concordei com a cabeça, antes de Elise levantar, escondendo as mãos nos bolsos. Tati esfregou o meu braço, saindo do carro sem rodeios. As duas trocaram olhares pesados e então caminharam lado a lado, parando em frente ao portão.

Meu coração parou. Inclinei o banco para trás, me escondendo o máximo possível. Como se eu fosse o errado e não a vítima. Como se eu quem devesse ficar envergonhado.

Levou uma eternidade até que a minha mãe aparecesse por uma fresta da cortina. E mais outra para que a porta da sala fosse aberta e ela surgisse de lá de dentro, vestindo um roupão sobre o moletom que usava e os chinelos de ficar em casa. Seu rosto estava abatido, com olheiras escuras circundando os olhos e as linhas de expressão mais marcadas que nunca.

Foi Tatiana quem rompeu o silêncio, explicando o motivo de estarmos lá. Mas foi quase como se tivesse falado que queria atear fogo na casa inteira, tamanha foi a expressão de ultraje que minha mãe fez. Do lado de dentro do portão, ela discutiu alguma coisa com elas. Apesar de gesticular muito, seu tom era um sussurro. Quase não pude ouvir.

— Daiane, a gente pode fazer isso do jeito difícil, que é chamando a polícia outra vez... — Elise falou, com a voz cortante de um jeito educado, como só ela sabia fazer. — Ou você pode colaborar. Só queremos pegar as coisas do Martin, depois disso você nunca mais vai precisar lidar com nada disso, se não quiser.

Ao ouvir o meu nome, minha mãe se empertigou inteira, como se

tivesse acabado de lhe ocorrer que eu também estava lá. Seus olhos me procuraram no carro amarelo e, logo em seguida, me encontraram no carro de Tatiana. Me escondi um pouco mais no banco, mas não antes de seu olhar frio, furioso, encontrar o meu. E, se eu tive a menor esperança de que ela enfim tivesse enxergado o meu lado, de que enfim admitiria todas as coisas que eu vinha passando, essa esperança tinha acabado de se dissipar, dando lugar a um vazio enorme. Ela me odiava. Era isso. Mordi a língua com força, ansiando pelo gosto do sangue e terminei de deitar o banco, sumindo do seu campo de visão.

Poucos minutos depois, ouvi o portão ser aberto e as vozes se distanciarem. Incapaz de suportar o silêncio esmagador que ocupava todo o carro, liguei o rádio, escolhendo uma música do pendrive de Tatiana. E quase consegui me distrair da dor enquanto os acordes melódicos me embalavam.

O tempo se arrastou de uma maneira angustiante. Apesar de eu não ter quase nada, Tati e Elise se revezaram trazendo sacos de lixo cheias das minhas tralhas. Pensei que minha mãe fosse dificultar as coisas, mas quando vi Tati voltando com peças do meu antigo computador (que eu não colocava a mão há mais de um ano), cheguei à conclusão de que tudo o que ela mais queria era se livrar de mim de uma vez por todas. Apagar a lembrança de que um dia eu tivesse existido. Minha mãe queria seguir em frente, como se fosse a grande prejudicada da história.

Quando elas terminaram, minha mãe as acompanhou até a calçada, ficando a poucos centímetros de distância do carro. Elise deu alguns passos em sua direção, fazendo parecer que eram casuais, mas vi em sua expressão que não eram. Tati, por outro lado, entrou no carro, me oferecendo apoio.

Minha mãe inclinou o tronco para frente para conseguir me encarar, escondendo as mãos entre os joelhos. Prendi a respiração, perdendo a noção do tempo. Fiquei acorrentado em seu olhar, sem conseguir ousar desviar. Mesmo agora, eu continuava desesperado pela sua aprovação. Desesperado que ela dissesse que sentia muito, que nunca quis me ver sofrer. Já teria sido o bastante para mim.

Mas, em vez disso, minha mãe nem se deu ao trabalho de percorrer meus machucados com o olhar, como as demais pessoas. Ficou me olhando nos olhos, daquele jeito frio, distante.

— Por que você fez isso, Martin? — perguntou, com uma tranquilidade calculada. — Depois de tudo o que fizemos por você... por que

você destruiu a nossa família?

Abri a boca para responder, mas nada saiu. E nem foi preciso, de toda forma. Tati bufou, irritada, e fechou a janela por mim. O que só pareceu piorar as coisas, pois mamãe ficou vermelha como um pimentão e começou a berrar as mesmas coisas.

— POR QUE VOCÊ DESTRUIU TUDO, MARTIN? POR QUE DESTRUIU A NOSSA FAMÍLIA? POR QUÊ???

E, mesmo depois de Tatiana acelerar o carro, deixando a visão da minha mãe cada vez menor ficando para trás, não consegui esquecer da sua expressão enquanto gritava com toda a força dos pulmões.



*O pior já passou agora e podemos respirar novamente
(...)
Eu quero te abraçar forte e levar sua dor para bem longe
Seether – Broken ft. Amy Lee*

Tamborilei os dedos na janela, observando as gotas que escorriam de maneira ininterrupta no vidro. O frio congelando do lado de fora conseguia me atingir no interior do carro, enquanto eu esperava Tati se arrumar. Mas não era só por isso que eu tremia sem parar. O frio em meus ossos nada tinha a ver com a temperatura, e moletom nenhum seria capaz de dar conta. Meu problema era com o que estávamos prestes a fazer.

Eu confiava em Tatiana. Muito. Mais até do que devia ser saudável. Eu tinha colocado todas as minhas esperanças em uma pessoa que conheci nas circunstâncias mais... improváveis. E, de alguma forma, nossos caminhos cruzaram de uma forma intensa o bastante para que ela quisesse me ajudar. Para que ela apostasse suas fichas em mim. Se ela depositava tanta confiança em um garoto perdido, que mal podia fazer eu retribuir?

Só que... não sei. Isso já me parecia demais. Eu ainda estava um trapo por dentro e não sabia muito bem como o velório de um garoto da minha idade poderia me ajudar. Talvez ela quisesse me chocar. Talvez quisesse me

deixar tão assustado a ponto de que eu nunca mais pensasse a respeito... sei lá. Não era bem assim que as coisas funcionavam. Quando o vazio ficava tão grande, quando o vácuo em meu interior se expandia até parecer prestes a consumir tudo, não havia nada no mundo inteiro que pudesse me refrear.

Nunca tentei me ferir, nunca tentei acabar comigo mesmo para chamar atenção de ninguém. Nunca quis fazer uma ceninha, ou qualquer outra merda que Geraldo teria adorado jogar na minha cara. Eu só queria apagar a dor. Só queria parar de sofrer.

Tati correu até o carro, de um jeito engraçado, para tentar se equilibrar no piso molhado da garagem. Ela se lançou para dentro, fazendo tudo balançar. Suas roupas coloridas pareceram um pouco estranhas para a ocasião, do mesmo jeito que as minhas roupas pretas deveriam parecer no dia-a-dia. Nós dois éramos como o restante da sua casa — tão diferentes e, de alguma forma, dávamos certo. Funcionava.

— Você não é obrigado a ir, tá? — Tati repousou a mão no meu joelho, deixando um aperto de levinho. — Sei que deve pensar que me deve sua vida porque eu tô te ajudando, acho que é assim que eu me sentiria também. Mas você não me deve nada, fofinho.

Me encolhi no banco, fugindo do seu olhar que me sondava.

Se ela tivesse berrando, sendo hostil, me ferindo com suas palavras, eu saberia como agir. Saberia o que fazer. Cada pedacinho de mim estava preparado para isso. Mas o problema era que eu *não sabia* como lidar com carinho. Com amor. Com preocupação e respeito.

Senti vontade de chorar e curvei ainda mais o tronco para frente para me esconder.

Eu não merecia aquela mulher maravilhosa.

Eu não merecia nada disso.

— Só quero ver você feliz — Tati respirou fundo, dando tapinhas na minha perna. — Mande uma mensagem pra Elise pra saber se era uma boa ideia te levar para lá. Ela acha que se você tiver pronto, pode ser positivo. Então só depende de você, Martin. Se for demais, se você não quiser encarar nada disso, tá tudo bem. Nessa casa, você nunca será maltratado. Eu nunca vou deixar de fazer o possível pra te ver bem. Ouviu?

Concordei com a cabeça, sentindo os olhos encherem d'água.

Tá vendo só, porra?

Você é boa demais pra mim.

O que eu te dou em troca?

Só trabalho e desgosto.

Usei a manga da blusa para sacar as lágrimas teimosas. Apesar de sentir o peso do seu olhar e sua expectativa para que eu me abrisse, não consegui erguer o rosto. Em vez disso, me ouvi resmungando:

— Eu confio em você, Tati — minha voz saiu ainda mais rouca. — Vamos?

O percurso até o cemitério foi pesado. Eu não fazia ideia do que esperar. Quando se tratava de mim mesmo, eu não tinha o menor controle de nada. O clima também não ajudava, com aquele nublado que se assemelhava ao meu estado de espírito — tudo cinzento, frio, feio. Me encolhi no banco ainda mais, desejando que o carro me engolissem e eu não precisasse lidar com nada.

Viver era difícil demais. Um labirinto cheio de obstáculos e surpresas. Eu não fazia ideia do que esperar a cada curva, tampouco tinha certeza se conseguiria aguentar a menor desavença que fosse.

Pela primeira vez desde que saí do hospital, a saudade de Alana foi quase palpável. Desejei mais que nunca que ela também estivesse ali, segurando a minha mão do jeito que só ela sabia fazer. Aquela garota linda do cacete mudava tudo. A luz dela irradiava, contagiando tudo e todos. Era disso que eu precisava. Soquei as mãos dentro do bolso único do moletom, buscando o celular. Meus dedos roçaram no telefone, sedentos. Mas, não. Eu não podia. Não era certo.

Quando Tati deu seta e entrou no estacionamento do cemitério, senti o estômago revirar. Parece besteira, mas senti a energia pesada mesmo a metros de distância. Um nó imenso se formou em minha garganta e comecei a sufocar.

Quis dizer para Tati que era um erro. Que eu não estava preparado para isso. E nem para nada. Quis berrar, espernear, deixar o Martin detestável vir à tona. Mas tudo o que me restou foi a inércia. Não tive reação. Apenas me deixei levar.

Esperei que ela pulasse para fora e contornasse o carro com o seu guarda-chuva, parando em frente à minha porta. Então, sem a minha permissão, minhas pernas começaram a se mover, acompanhando o ritmo apressado e desengonçado de Tatiana, que tentava nos proteger da chuva com o guarda-chuva minúsculo.

Sem pensar duas vezes, ergui o capuz do moletom assim que passamos pela porta e nos protegemos da chuva. Tatiana deixou a sombrinha ao lado da entrada, com outras tantas que se acumulavam, formando uma poça de água. Ela me olhou com doçura, mas não me pressionou. Em vez disso, disparou em minha frente, seguindo em direção à última capela, onde o aglomerado de pessoas era intimidante e deprimente na mesma medida.

As pessoas formavam um grupo diverso. Muitos adolescentes da minha idade, muitos adultos. Algumas pessoas sentadas, outras andando de um lado para o outro, como se não pudessem acreditar, como se, mais que isso, estivessem se recusando. E também tinham as pessoas imóveis como estátuas, os olhos fixos em lugar nenhum. No entanto, uma coisa todos tinham em comum — a mesma expressão desolada, vazia, perdida.

O nó em minha garganta dobrou de tamanho. Eu não sabia se... era apropriado. Eu nem mesmo conhecia esse cara. Estar ali era como estar em um show de horrores. Era mórbido, para começo de conversa. Eu jamais entenderia a dor de nenhuma daquelas pessoas.

Me senti deslocado.

Senti como se não encaixasse naquele lugar.

Como se minha presença fosse incômoda.

Observei Tati parar para cumprimentar algumas pessoas com sorrisinhos amuados e tapinhas breves nos ombros. Depois disso, ela sumiu para dentro da capela, decidida.

Massageei as têmporas, sem saber o que fazer. O que era esperado que eu fizesse? Será que ela queria que eu também fosse até lá? Ver o estado do garoto? Era a porcaria de um castigo?

Foda-se.

Ela quer que eu veja essa merda. Espero que fique feliz com a bagunça que tá causando.

A contragosto, me arrastei em direção à capela, cerrando os punhos dentro do bolso. Conforme me aproximava, mais e mais mergulhava no mar de melancolia. Era vil, incômodo. Mas eu precisava mergulhar de cabeça.

Enquanto observava olhos injetados de tanto chorar e expressões contorcidas em dor, comecei a me perguntar como seria se esse fosse o meu velório. Eu não tinha ninguém. Quem estaria ali? Duvido que Geraldo. Talvez nem mesmo a minha mãe.

Um aperto gigantesco comprimiu o meu peito, como se um elefante

estivesse sobre mim. Ninguém daria a mínima. Se eu morresse, provavelmente nem enterro teria. Meu padrasto se recusaria a gastar um tostão. E eu também não tinha amigos.

Ah, merda. Sou um fodido.

Olha só o tanto de gente aqui.

Quem é que eu tenho?

Parei em frente ao portal da capela, com medo do que encontraria adiante. Os únicos velórios em que estive ao longo da vida foram dos meus bisavós. E já fazia tanto tempo que eu nem lembrava muito bem. Só flashes, como minha mãe insistindo que eu deixasse um beijo na mão do meu avô e o quanto, no auge dos meus cinco anos de idade, isso parecesse muito assustador. Enfim.

A primeira coisa que notei foi o cheiro de flores. Também pudera, tinham três coroas de flores espalhadas pelo pequeno salão. Arranjos enormes, coloridos e lindos, com faixas no meio prestando condolências. Mas tão, tão tristes. Tão... fora do lugar e do contexto. Era bizarro que presenteássemos uma pessoa depois de morta. Que nos reuníssemos em prol de alguém, quando já não tinha nada mais a ser feito. Quantas vezes esse cara devia ter pedido socorro, em seus gestos, em seus atos, sem que ninguém ouvisse? Sem que ninguém ligasse? E agora, quando já não tinha mais nada a ser feito, havia uma pequena multidão reunida por ele.

Onde vocês estavam antes?

O caixão feito de madeira escura e lustrosa ficava inclinado em um suporte. De onde eu estava, era possível ver as flores cobrindo o corpo dele. Me imaginei ali, em seu lugar. Há três semanas, era para eu ter embarcado em uma viagem só de ida. Mas, pela segunda vez, perdi a passagem. Agora, que eu tinha ficado para trás, só me restava seguir em frente, com o que tinha sobrado de mim.

Ao redor do caixão, meia dúzia de rostos desconhecidos olhavam para dentro com pesar. Alguns trocavam sussurros que perdiam o significado ao alcançar meus ouvidos.

— Tão novo...

— A vida toda pela frente...

— Tinha acabado de passar no vestibular...

— Sempre sorrindo, quem ia imaginar?

Mordi o nó do dedo indicador, buscando Tati com o olhar. Tal como

se tivesse acabado de ouvir meus pensamentos, ela apareceu de uma portinha discreta atrás do caixão, acompanhada de uma mulher em frangalhos, com um copinho descartável de café na mão. Pela expressão dela, dava para deduzir que tinha passado as últimas horas chorando sem parar. Inclusive, era o que fazia enquanto elas se posicionavam ao lado do caixão.

A mulher pousou seu olhar no rosto de Ítalo, as sobrancelhas entortando para baixo. Então, de uma só vez, seu rosto se contorceu inteiro, ficando irreconhecível. De sua boca escancarada, um uivo de dor ressoou pelo salão, me atingindo em cheio. Suas pernas cederam ao peso do corpo e, percebendo isso, Tati usou seu corpo para tentar firmá-la. O choro engasgado e cheio de dor que escapou da sua boca foi de partir o coração em mil pedacinhos diferentes. Chutei que devia ser a mãe dele. Fiquei tão absorto na maneira como ela expressava o sofrimento, no quanto tudo aquilo era doloroso para ela, que demorei a perceber o peso do olhar de Tati sobre mim.

Se eu não estava louco, seus olhos escuros me convidavam a me aproximar. A mergulhar o mais profundo que eu conseguisse. Não importava se eu não tivesse fôlego para tanto, nem se a água estivesse congelante demais, sufocante demais, escura demais. Eu precisava fazer isso.

Sentindo meus próprios olhos umedecerem, mordi a língua com força e juntei coragem para percorrer a curta distância até o caixão. Minhas pernas parecerem feitas de chumbo. Elas não se moviam um milímetro. Eu estava apavorado. Não queria que todo aquele sofrimento me engolissem por completo. Não queria enxergar com os olhos de quem ficava. Porque se eu enxergasse, então minha única saída estaria arruinada. Eu precisava ser um pouquinho egoísta, porque todo mundo também não era? As pessoas queriam que eu ficasse vivo, independente do preço que isso me custasse. Independentemente do quão morto por dentro eu estivesse. Se eu enxergasse com os meus próprios olhos o que o suicídio realmente significava, talvez nunca mais pudesse voltar atrás.

Senti a borda do caixão na altura do meu quadril e, no mesmo instante, pousei as mãos lá para me firmar. Mas não consegui olhar para baixo. Não dava. Minha visão desfocou, meus joelhos perderam a força. De repente, quis voltar no tempo e esmurrar a minha cara até eu dizer para Tati que não, eu não estava preparado. Não era uma boa ideia. Muito pelo contrário, não tinha um único pedacinho em mim no lugar. Eu tinha virado uma bagunça. Um caos.

Pulei de susto ao sentir o toque morno sobre a minha mão direita. Tati roçava o polegar com suavidade, traçando círculos bem devagarzinho, tentando me buscar de novo para o presente. Engraçado como ela já me conhecia tão bem. Parecia que morávamos juntos há uma vida inteira.

— Tá tudo bem. Eu tô aqui com você — sussurrou bem perto do meu ouvido.

Senti um calafrio descer pela espinha, espalhando um desconforto ainda maior. Ela não entenderia. Nem eu entendia por que doía tanto estar diante de uma pessoa que perdeu para o suicídio. Talvez porque fosse *a minha história* sob outro ponto de vista. Talvez porque eu entendesse o quanto doía para alguém querer tirar a própria vida. Talvez porque as feridas ainda estivessem abertas, frescas, precisando de cuidados.

Enrijeci no lugar, olhando Tati de esguelha quando enfim entendi o propósito daquilo tudo. Cutucar as feridas machucava, mas era necessário para que não inflamassem e piorassem ainda mais. Era o único caminho para a cura.

Eu precisava encarar o que tinha acontecido. Se continuasse me escondendo, se continuasse fugindo, continuaria preso nesse mesmo buraco escuro e frio. E, caramba, eu não queria.

Respirei fundo, me forçando a olhar para baixo.

E me surpreendi ao constatar que não era tão ruim quanto imaginei. De alguma forma, o clichê de que só parecia uma pessoa dormindo era até verdade. Quero dizer, mais ou menos. Dava para notar que Ítalo estava pálido, de um jeito nada natural. E também ninguém dormia de terno, enfiado naquele monte de flor. Mas, mesmo eu sabendo que ele *não estava* só dormindo, não era assustador nem nada do tipo. Só era... triste.

Ele tinha a pele terracota e o cabelo cacheado amassado dentro do caixão. E, em volta do pescoço, havia manchas escuras que nem mesmo a maquiagem tinha conseguido disfarçar. Instintivamente, cobri meu pescoço com os dedos, sendo bombardeado com lembranças que pareciam vir de outra vida, embora completassem pouco mais de um ano.

O cinto. A falta de ar. Os gritos da minha mãe.

Tudo desvanecendo em seguida.

Sem pensar direito, estendi a mão, pousando-a sobre a dele. O toque era gelado, estranho. Não parecia que eu estava encostando em uma pessoa. Ninguém pareceu se importar com o fato de que um completo estranho estava

quase debruçado sobre o caixão. A dor tem esse poder de cegar as pessoas. Aprisionar em um quartinho muito apertado e sufocante, sem espaço para mais nada além do sofrimento.

A primeira lágrima escorreu pela minha bochecha, embalada pelo choro constante da mãe de Ítalo e as fungadas de todo mundo. Meu coração estava desgovernado, enquanto um milhão de pensamentos pipocavam em minha mente.

O que tinha acontecido?

O que fez ele desistir?

Quão grande foi sua dor?

Será que alguém ali já tinha visto esse seu lado mais feio?

E se ele tivesse aguentado... será que as coisas teriam melhorado?

Será que, assim como eu, ele teria a sorte de uma reviravolta?

Um soluço escapou ao mesmo tempo em que meus ombros começaram a chacoalhar. Meu Deus. Era... chocante. Tati tinha conseguido o que queria. Porque eu olhava para dentro da porcaria do caixão e enxergava o meu próprio rosto. Meus próprios traços. Minha própria história. Eu olhava para dentro do caixão e via todas as coisas que eu teria perdido no ano que sucedeu o primeiro suicídio. Eu jamais teria conhecido Alana. Jamais teria sentido nada parecido. Acabei pensando em tantas outras coisas que eu ainda viveria nos próximos anos. Todos os sonhos que eu poderia nutrir, todas as direções que poderia seguir. Pela primeira vez na minha vida, eu não estava em uma rua sem saída.

Fora que... sempre idealizei tanto a morte, como a solução dos meus problemas. Sempre coloquei toda a esperança no fim, sem pensar muito bem no que essa palavra de fato significava. E só então, olhando aquele garoto que eu nem conhecia dentro do caixão, com hematomas horrorosos contornando o pescoço, que eu me dava conta do peso da palavra *fim*. Eu sempre foquei que seria o fim dos meus problemas, mas nunca prestei atenção que seria o fim de *todo o resto*. Por mais idiota que isso parecesse.

Deslizei o polegar pelas costas da mão de Ítalo, gélidas como o clima. Contra a minha vontade, vi o lado feio da morte. Para ser honesto, foi a primeira vez na vida que a enxerguei de maneira crua, sem a neblina de romantização que eu costumava colocar sobre o suicídio. Enxerguei como um ato de desespero. Como um gesto que escorria dor e medo e solidão.

E senti horror.

Horror em forma líquida. Correndo pelas minhas veias e se espalhando por cada célula do meu corpo. Bati os dentes como se estivesse sentindo frio, mas era só medo. Pavor. Eu estava atordoado com tudo aquilo. Quis me encolher em um cantinho e me esconder do mundo. Quis um cobertor para jogar sobre o corpo, para que ninguém me visse. Quis ser só um garotinho outra vez, sem preocupações, sem medos, quando a vida ainda era boa.

E quis, mais que nunca, estar vivo.

Senti horror de me ver no lugar de Ítalo.

Senti horror da perspectiva de colocar um ponto final da minha existência. Quero dizer... eu já tinha me ferrado tanto, não era justo só desistir. Eu precisava lutar, ou então qual seria o sentido de toda aquela merda?

E, ainda que desse para contar nos dedos as pessoas que me amavam, senti horror de causar uma dor tão violenta, tão visceral, tão pungente nelas. Fiquei enojado só de pensar em ver Tati debruçada no caixão como estava agora, lamentando a minha perda. Senti vontade de vomitar ao pensar em Alana precisando lidar com outro luto.

Tati enroscou os braços pelo meu tronco, em uma espécie de abraço desajeitado, e me tirou dali. Sem controle algum sobre o meu próprio corpo, deixei que ela me guiasse para um lugar onde eu pudesse respirar outra vez. Seguimos para longe da multidão, parando em frente a uma conveniência perto da entrada, que eu nem ao menos tinha notado quando passamos por ali.

Ela me soltou e foi até uma máquina de café expresso, voltando com dois copinhos de isopor fumegantes. Sem dizer uma palavra, me entregou um deles, aproveitando para secar o meu rosto com a mão livre.

Beberiquei o café, lutando para me acalmar. Eu odiava perder o controle. Odiava chorar na frente de outras pessoas, me sentia tão frágil, tão vulnerável. Mesmo que quase todos estivessem da mesma maneira.

Usei a manga da blusa para terminar de limpar as lágrimas e só então tomei coragem para encarar Tati nos olhos. Ela parecia desolada em me ver assim. As sobrancelhas estavam juntas e os lábios crispados. Além do mais, seu café permanecia intocado.

— Isso foi pra me castigar? — acabei perguntando, um pouco mais ácido do que gostaria.

— É o que você acha? — ela deu um sorriso triste.

— Não sei. Não sei direito o que pensar. Tô uma bagunça.

— Eu sei — Tati esfregou meu braço direito. Se antes era um problema que as pessoas me tocassem, ela e Alana pareciam focadas em acabar com esse meu medo. Sobretudo Tati, que arrumava qualquer desculpa para isso. — Eu nunca te contei, mas também já sobrevivi a uma tentativa de suicídio.

Arregalei os olhos, abrindo a boca para responder. Mas nada saiu. Em vez disso, um silêncio esquisito nos rondou. Ela deu de ombros, negando com a cabeça.

— Ainda não é hora de ter essa conversa, quero te ver melhor primeiro. Só queria dizer que eu entendo. De verdade. Eu sei que você nunca quis acabar com a sua vida de verdade, Martin — Ela engoliu em seco, como se procurando a melhor maneira de me passar a mensagem que queria. — Ninguém quer. Somos animais, temos o instinto de sobreviver. Desde que nascemos, tudo o que a gente faz é para sobreviver. Depressão é um desequilíbrio químico no cérebro. Faltam hormônios que são essenciais em uma pessoa saudável. Você sabe disso, né?

— Sim — respondi, com a voz grossa.

— Esse é o ponto. Ninguém acorda e decide se matar porque tá entediado, ou porque quer chamar atenção. Suicídio é um pedido de socorro. A gente tá sentindo tanta dor que só quer que aquilo acabe, independentemente de como. — Tati enterrou os dedos nos meus cabelos, estalando a língua no céu da boca. — A depressão faz a gente pensar que é fim de linha. Que não temos saída. Que tá tudo acabado. Mas, Martin, tem saída *sim*. Sei que que você é adolescente e adolescente odeia ouvir esse papo de adulto, mas a única coisa sem solução é a morte — ela concluiu, dando um sorriso quando eu revirei os olhos por brincadeira. — Você tem solução. Você tem uma história feliz pela frente. Eu quero muito te ajudar a sair dessa. Porque *eu consegui*. E mais um monte de gente. Então você também consegue.

Assenti, enquanto jogava meu copinho de isopor no lixo e então me atirei em Tati, aceitando que ela me esmagasse em seu abraço, como só ela sabia fazer. Chorei com o rosto escondido no tecido de sua blusa, sem sentir vergonha dos soluços horrorosos escapando da minha garganta.

— Eu não quero ir pra um caixão — murmurei, de uma maneira quase ininteligível. — Não quero acabar assim.

— Você não vai.

— Obrigado. Mesmo. Por salvar a minha vida, cara. Você... é tudo o que eu tenho.

— Vai ficar tudo bem. Confia em mim.

Ela deixou um beijo no topo da minha cabeça, e então repousou o queixo sobre ela, deixando tapinhas nas minhas costas para me confortar.



Apertei o botão do interfone pela terceira vez, com toda a minha força, como se isso fosse fazer com que atendessem mais rápido. Mudando o peso de uma perna para a outra, torci para que tivesse alguém em casa. Quero dizer, eu até poderia ligar para a Alana ou mandar uma mensagem, mas parecia errado. Parecia simples demais depois de ter tirado ela da minha vida nas últimas semanas.

Eu precisava estar cara a cara com aquela garota. Precisava me certificar de que ela não tinha pensado que era por causa da deficiência ou qualquer outra loucura que passasse por sua cabeça. Eu precisava ter certeza de que ela me perdoaria.

Por favor.

Por favor, esteja em casa.

Não vou aguentar mais nem um segundo.

E o universo pareceu ouvir minhas preces, pois uma voz soou sonolenta do outro lado da linha.

— Oi? — apesar de muito parecida com a voz de Alana, a convivência me fez perceber que a voz da Nicole era um pouco mais aguda. Foi assim que eu soube que era ela.

— Nicole, sou eu. Martin — cuspi as palavras, agitado. — Preciso falar com a Alana. Tipo, urgente. Posso subir?

— Martin? — perguntou ela, ainda devagar. E antes que pudesse dizer qualquer coisa, desatei a falar:

— Eu sei que fui um escroto. Que sumi depois de... depois de ver vocês no hospital. Mas eu precisava de um tempo pra mim. Precisava entender tudo o que aconteceu — passei a mão no cabelo. — A Alana merece ouvir isso da minha boca. Eu nunca quis magoar ela, e...

— Calma! — ela me cortou, sobressaltada. — Calma, Martin! Eu sei que vocês precisam conversar, e... hum, a Alana também quer muito isso. Mas ela não tá em casa. Foi na terapia. Já deve até estar voltando. Você sabe onde é?

— Sei. Valeu! — respondi, já tomando impulso para correr.

Sem enxergar nada ou ninguém, corri tão rápido que senti que minhas pernas não aguentariam acompanhar o ritmo. O vento cortante feriu a pele do meu rosto e empurrou meu cabelo para todos os lados. No entanto, nada disso tinha a menor importância. Eu só queria encontrar Alana no caminho.

Depois de pagar outro café para mim e me acalmar, Tati me perguntou se eu queria esperar no carro até ela se despedir da amiga dela. O que acabou demorando bem mais do que ela imaginava. Fiquei de molho no carro, encolhido de frio no banco de carona, refletindo sobre tudo o que tinha acontecido na minha vida recentemente. E, sobretudo, sobre o que estar ali aquela tarde significava para mim.

Meus pensamentos percorreram caminhos perigosos até chegaram em Alana e eu finalmente caí na real de que estava ignorando a menina que eu amava, a droga da minha namorada, pelas últimas três semanas! E que, além de ser loucura e não fazer o menor sentido, eu acabaria fodendo com tudo como já tinha acontecido com o meu melhor amigo.

Nunca parei para me perguntar como as pessoas que ficavam para trás se sentiam com o suicídio de alguém que amavam. Acho que porque, no fundo, ninguém se importava comigo. Mas agora que eu tinha pessoas para machucar, me senti péssimo. Me coloquei no lugar delas. Pensei no que eu sentiria se recebesse uma mensagem como a que mandei para Alana.

A vergonha que me atingiu foi como um soco no meio da cara. Quando Tati chegou, quase uma hora depois de me dar as chaves do carro, eu quase implorei que ela me deixasse em frente ao prédio de Alana.

— Acho que devo desculpas — expliquei, com o coração à mil.

— Você não deve nada. Mas aposto que ela vai gostar de te ver.

Como a chuva tinha dado uma trégua, Tati me deixou sozinho, mas não sem antes me fazer prometer que ligaria para ela me buscar. Assenti só para que ela fosse embora tranquila.

Parei o corpo de supetão, raspando a sola do tênis no asfalto úmido, quando vi Alana do outro lado da avenida. Com o peito subindo e descendo em um compasso desenfreado, tudo o que consegui fazer foi ficar parado no

lugar, sem conseguir acreditar que três semanas fossem o suficiente para que a minha memória me traísse daquele jeito.

Com o cabelo preso em um rabo de cavalo alto, Alana caminhava em passos tranquilos, usando um guarda-chuva como muleta. Já quase não mancava. Só dava para notar observando com bastante atenção, e ainda assim, era muito sutil.

Fiquei paralisado com o quanto era bonita. Foi como da primeira vez em que a vi, só que, se era possível, ainda mais intenso. Porque antes só existia a beleza óbvia de seu rosto e nada mais. Agora que eu a conhecia e tinha descoberto o quanto aquela garota era incrível, forte e cheia de energia, ela tinha ficado ainda mais bonita para mim. O que só aumentou ainda mais a saudade.

De repente, o peso das três semanas longe dela me acertaram em cheio, e só consegui me perguntar como pude ser tão idiota em me afastar de Alana. Como aguentei, para começo de conversa. Porque, naquele instante, a distância pequena que nos separava já parecia insuportável.

O cachecol rosa em seu pescoço me arrancou um sorriso e só então pareci despertar para a realidade. Parece que, no fim das contas, nada tinha mudado. O que me deu uma esperança de que ela pudesse me perdoar pelo tempo que precisei para me erguer do chão e bater a poeira do corpo, pronto para outra.

Esperei o farol fechar e corri pela faixa, desviando de pedestres impacientes, ansiosos para chegarem em casa depois de um dia de trabalho. Alana estava a pouquíssimos metros quando me percebeu, estacando no lugar, de olhos arregalados.

Assim que meus pés alcançaram a calçada, parei no lugar também, de frente para ela. Ao mesmo tempo, eu sentia como se tudo e nada tivesse mudado. Por um lado, estar tão perto dela fazia parecer que tínhamos nos encontrado no dia anterior. Caminhado até a escola de mãos dadas. Passado o intervalo escondidos atrás do último carro do estacionamento dos professores, atrás da diretoria. Por outro, tanta coisa tinha mudado na minha vida desde então, principalmente em mim.

Alana segurou o cabo do guarda-chuva com mais força e mudou o peso do corpo de uma perna para a outra. Mas foi o tremor em seu queixo que me fez percorrer a distância entre nós, como um raio. Usei o braço bom para contornar seu pescoço, puxando-a contra mim. No mesmo instante, ela

retribuiu o abraço, fechando os braços ao redor da minha cintura e colando o corpo ao meu.

Senti seu corpo inteiro vibrar enquanto Alana caía no choro, com o rosto escondido em meu peito. Apoiei o queixo no topo de sua cabeça, sentindo o perfume de coco e gengibre sem nem conseguir acreditar que era ela, ela estava bem ali, em meus braços.

Algumas pessoas reclamaram ao passar por nós, parados no meio da calçada, e alguns lançaram olhares feios em nossa direção, sem nem disfarçar. Eu não podia me importar menos. E, por isso, acabei fechando os olhos, esquecendo de todo o resto.

— Me desculpa — pedi, baixinho, sem ousar mover um único músculo para sair daquele abraço.

Como resposta, Alana empregou mais força nos braços, esmagando meu braço engessado entre nós. Seus soluços abafados acompanhavam o ritmo com que os ombros balançavam. Deixei um beijo pouco acima da sua orelha direita.

— Eu precisava de um tempo para entender tudo. Nunca quis te afastar. Mas você entende, né...? — mordi o lábio inferior, tentando formular as palavras. — entende o que é sentir tanta vergonha de alguém que parece impossível deixar ela se aproximar de novo.

A contragosto, Alana se afastou de mim o suficiente para nossos olhares se encontrarem. Ela assentiu, com as sobrancelhas entortadas para baixo.

— Eu tava com medo desse buraco entre nós se tornar um abismo — resmungou, a voz pouco mais alta que um sussurro. — Pensei que as coisas nunca mais voltariam a ser como antes.

— Impossível — respondi, sem rodeios. — Não teve um único dia que não me senti um idiota por isso. Confia em mim.

Alana soltou uma risada baixa e encolheu os ombros.

— Bom, eu também não passei um dia sem te achar um idiota. Estamos quites.

Sorri para ela, erguendo a mão para alcançar seu rosto. Roci o polegar pela sua bochecha, feliz por ela ter parado de chorar, ao menos. Sustentamos o olhar um do outro e, quando dei por mim, Alana aproximava o rosto devagar, descendo as pálpebras.

Ao contrário do que eu tinha imaginado a caminho dali, não foi

caótico como nosso primeiro beijo. Pelo contrário, não tive a menor pressa para vencer o que restava de distância entre nós e tocar seus lábios com os meus. Alana correspondeu com a mesma calma, respirando cada vez mais fundo. Seu beijo tinha gosto de lágrimas e saudade. Desci o braço por suas costas, puxando-a para mais perto de mim.

Foi só quando as primeiras gotas de chuva me acertaram que consegui me afastar dela, um pouco sem fôlego. Cambaleei para baixo de uma marquise, puxando Alana comigo, como se dançássemos. No caminho, trombei em um homem que me lançou um olhar feio, mas não disse nada.

Protegidos da chuva, recostei a testa na dela, olhando bem fundo no verde de seus olhos.

— Te devo desculpas — falei, buscando sua mão e entrelaçando na minha. — Não pensei em como isso te afetaria. Não pensei em nada, nem em ninguém. Só em mim mesmo.

— Não foi culpa sua — respondeu ela, enterrando os dedos no meu cabelo para afastar a franja dos meus olhos.

— Eu sei que não. Ninguém pede pra sofrer assim. Mas isso não muda as coisas... — engoli em seco. — Hoje eu fui num velório com a Tati. E fiquei p-pensando. Como eu me sentiria se fosse o contrário. Se eu quase tivesse perdido você. E, honestamente, não sei, Alana. Acho que seria a gota d'água pra eu surtar.

— Martin...

— Eu te machuquei. Machuquei a Tatiana. E *me* machuquei demais já. Acho que tá na hora de fazer as coisas direito — soltei sua mão para segurar sua nuca, temendo que ela ousasse se afastar um milímetro que fosse. — Eu não posso fazer nada pra mudar o passado de merda, mas as coisas tão mudando... já mudaram bastante depois daquela noite. Pela primeira vez, pra melhor. E eu posso mudar o futuro. Posso e *vou*. Tô decidido a ser feliz — soltei o ar dos pulmões, fechando os olhos por um momento. — Hoje, lá no velório, eu escolhi viver. Pela primeira vez. Eu só quero ficar vivo. Quero descobrir mais um milhão de coisas com você, e outras coisas quero descobrir sozinho. Mas eu quero viver, Alana! Porra, nunca quis tanto.

Ela voltou a me abraçar, escondendo o rosto no meu pescoço. Senti sua respiração contra a minha pele, e as lágrimas também. Alana poderia ter dito todas as palavras do mundo, e nenhuma teria dito mais do que a urgência em seus gestos. Nenhuma teria me atingido tanto quanto o calor emanando do

seu corpo e alcançando o meu. Nenhuma descreveria o que eu senti quando ela se aninhou em mim, enquanto a chuva respingava na barra da minha calça, ensopando a barra.

Foi por causa de Alana que explodi com Geraldo. Me recusei a me afastar dela. Me recusei a virar as costas para a melhor coisa que já tinha acontecido na minha vida. Foi por causa de Alana que eu tinha renascido das minhas cinzas.

E era por causa de Alana que eu tinha um bom motivo para continuar.



*Ó, meu bem, quero estar ao seu lado
Quando amanhecer, quero estar ao seu lado
Quando florescer o de melhor em nós dois
Scalene – Entrelaços*

Enterrei os dedos nos cabelos, penteando-os enquanto estudava a minha imagem no espelho. Aproveitei para caçar o batom dentro da mochila e passar, antes de abandonar o banheiro da escola. Uma menina da outra classe do terceiro ano trombou em mim de propósito ao passar e me surpreendi ao perceber o quanto esse tipo de coisa já não machucava mais como antes. Na verdade, eu não podia ligar menos para aquelas pessoas. Muito em breve terminaria o ensino médio e estaria livre para fazer o que quisesse, sem precisar mais ver a cara de nenhum desses babacas.

Mamãe vivia dizendo que na faculdade tudo era diferente. A atmosfera era outra. As pessoas tinham mais mente aberta... enfim. Eu não sabia se era verdade ou ela só queria desviar a minha atenção, mas eu estava ansiosa para descobrir.

Me misturei na pequena multidão de alunos que se dirigia ao portão de saída da escola e, mal pisei na calçada do lado de fora e comecei a olhar para os dois lados, procurando Martin. Ele estava recostado no muro, poucos metros à direita, onde tinha empurrado Bernardo em uma briga, meses antes.

Parei no lugar, segurando as alças da mochila e me permiti esquecer, por um instante, que estava bloqueando o caminho.

Martin apoiava uma perna no muro e terminava um cigarro com tranquilidade. A calça preta tinha rasgos enormes nos joelhos, revelando a pele morena por baixo, coisa que eu adorava. Tinha um quê de rebeldia em quando Martin vestia as calças rasgadas de seu guarda-roupa que me tirava do sério. Nos pés, os tênis pretos surrados com as solas brancas sujas. O cabelo voava levemente ao sabor da brisa, caindo sobre os olhos. Tudo continuava igual...

... se não fosse pelo detalhe que mais se destacava aos olhos — sua camiseta de mangas curtas. Não era a primeira vez. Na verdade, desde que as aulas tinham voltado, ele se arriscava nas mangas curtas nos dias mais quentes. O clima estava estranho. O inverno tinha durado muito pouco e, desde então, o tempo ficou imprevisível. Alguns dias pareciam abrigar as quatro estações, alguns pediam cachecol e, outros, bermudas e chinelo. Eram nesses dias que eu mais ficava boquiaberta em ver a mudança em Martin. Uma mudança que, como uma sementinha, crescia um pouquinho a cada dia, transparecendo em detalhes como esse. Martin tinha tirado o gesso há pouco mais de uma semana e, desde então, seus braços magros expostos me deixavam desconcertada. Não só porque meu namorado era inteiro lindo, mas porque eu entendia muito o peso de ter que usar roupas para se esconder. Ainda não tinha conseguido me libertar por completo, mas era um dia de cada vez. E já ficava feliz por ele ter se livrado disso. Por não precisar mais cobrir machucados que ilustravam muito bem o tipo de horror que ele passava em casa.

— Sai da frente! — um menino do primeiro ano disse, ao passar por mim, com um olhar impaciente.

Quando voltei a olhar para Martin, descobri que o pequeno alvoroço tinha ganhado sua atenção. Ele abriu um sorriso largo e se desencostou do muro. Quase corri em sua direção. A primeira coisa que fiz foi arrancar o cigarro de seus lábios e atirar longe.

— Ei! — ele uniu as sobrancelhas, olhando de mim para a direção em que eu tinha jogado a bituca. — Isso é caro. Não tenho mais dinheiro como antes. Preciso economizar.

— Poxa — respondi, sem esconder o deboche. — *Que pena.* Você teria mais dinheiro se não gastasse com essa porcaria.

— Qual é? — ele segurou o meu pulso, me puxando contra si. Embolei o pé da prótese e caí em cima dele como uma fruta madura. Martin deu um passo para trás, se firmando no chão, e me enlaçou com os braços. — Eu já prometi que vou parar. Você precisa respeitar meu tempo. É difícil, tá?

— Não vou respeitar nada. Você disse que fumava porque não almejava viver muito, seu ridículo — mostrei a língua, enterrando minha cabeça em seu pescoço e sorvi o cheiro de sua pele o máximo que pude.

Ele enterrou os dedos no meu cabelo, acariciando o finalzinho da minha nuca. Quis ficar ali pelo resto da tarde, sem me importar com mais nada. Ele se afastou o suficiente para conseguir erguer meu rosto e roubar um beijo.

— Cadê a Nicole?

— Foi embora com uma menina da sala dela pra fazerem um trabalho juntas — respondi, enganchando o braço no dele antes de acariciar sua pele de um jeito que beirava o obsessivo. — Eu amo seus braços. Acho que até mais que o seu sorriso.

Martin gargalhou, deixando um aperto no meu quadril.

— Isso foi estranho.

— Não. É sério. Você fica ótimo de mangas curtas. Não consigo parar de sorrir quando te vejo assim. Me dava agonia te ver com aquele moletom pesado no calor. — Olhei em volta, me dando conta de que o movimento em frente à escola tinha morrido. — A gente precisa ir, antes que minha mãe comece a ligar para saber se estamos vivos.

— Você tá fazendo disso um grande acontecimento, é só uma camiseta — ele abanou a mão no ar, como se não fosse nada demais. Mas senti uma pontada de emoção em sua voz. — Mas também não é nada mau não precisar passar calor.

Paramos na faixa de pedestre e olhamos para o semáforo ao mesmo tempo, em silêncio. Martin aproveitou o momento para apoiar o queixo no topo da minha cabeça.

— E como foi no seu psiquiatra hoje? — perguntei, distraída com o fluxo de carros passando na avenida.

— Foi normal. Parece que conseguimos ajustar os remédios... Não vou precisar voltar pelos próximos dois meses — Martin deu de ombros, me puxando pela mão para atravessarmos. — Ele ficou bem contente com os resultados. Disse que é visível o quanto melhorei.

Sorri para ele, que apenas encolheu os ombros, esfregando o pescoço.

— Bom, eu concordo com ele. Você tá bem mais... *iluminado* — concluí.

— Iluminado? — Martin soltou uma risadinha de uma só nota. — Não, essa é você. Você é o Sol. Eu sou só a Lua.

Uni as sobrancelhas, divertida. Um cachorro de rua latiu quando passamos por ele e precisei esperar antes de responder:

— Ahn? Como assim?

— A luz que a Lua reflete é a do Sol. Ela brilha a noite e tudo mais..., mas a verdade é que sem o Sol a gente nem veria nada. Ia ser um breu total.

Parei no lugar, boquiaberta, olhando para Martin sem conseguir acreditar no que ele tinha acabado de dizer.

— Que foi? — perguntou, com um sorriso bobo no rosto.

— Você inventou isso agora?

— Aham — ele piscou os olhos, sem esconder a dúvida. — Por quê?

— Nossa, é a coisa mais bonita que eu já ouvi — expliquei, voltando a andar.

— É a coisa mais verdadeira que eu já disse. — respondeu, como se não fosse nada demais.

Martin vivia me surpreendendo. Não é como se ele se esforçasse para ser romântico, nem nada do tipo. Mas, de vez em quando, ele soltava comentários como esse, que me deixavam nas nuvens, sem conseguir acreditar naquele garoto. Ele vivia afirmando o quanto eu o ajudava a seguir em frente, sem nem fazer ideia de que também me ajudava muito, principalmente quando fazia comentários como esse. Aos poucos, fui deixando de me sentir incompleta, quebrada e comecei a me enxergar apenas como diferente. Nem sempre eu me amava e nem sempre era fácil. Mas já era um progresso, e eu ficava feliz por isso. Talvez, quando estivesse longe do colégio e das pessoas que pegavam no meu pé, o processo de aceitação caminhasse ainda mais rápido.

Aproveitei para contar da aula para ele e todas as fofocas do dia. Ele era curioso por natureza e, por consequência, um ótimo ouvinte. Por mais enfadonho que meu dia tivesse sido, sem ele ou Nicole para me fazer companhia, Martin fazia parecer que era um acontecimento e tanto.

— E o que você fez no intervalo? — perguntou, de repente, com o cenho franzido.

Senti as bochechas corarem e desviei do seu olhar.

— Eu... hum... — enrolei uma mecha de cabelo no dedo, tentando agir como se não fosse nada demais. — Fui pra biblioteca. Peguei um livro pra ler.

— Quê? — seu queixo caiu. — Sério? Que livro?

— O Amante da Princesa. É romance. E a escritora é brasileira. Ouvi umas garotas falando sobre esse livro e decidi arriscar.

— Wow. Vou começar a faltar mais vezes, se isso for te incentivar a ler — Martin tinha um sorriso que ia de orelha a orelha. — E aí? Tá curtindo?

— Ai, lembrei que preciso levar uma coca pro almoço. — Puxei Martin pelo cotovelo, guiando-o para a esquerda, para a entrada da padaria em que ele me viu a primeira vez, brigando com os meus pais. — Então... não foi muito fácil focar. Eu precisava ler cada linha umas cinco vezes. Mas depois de um tempo foi ficando mais legal. Parecia até um filme na minha cabeça.

— Quem diria que a Barbie ia virar uma leitora, hein? — provocou, enquanto seguíamos para os refrigeradores.

Abri a porta do congelador, Tateando as garrafas para encontrar a mais gelada.

— Alana? — uma voz feminina muito familiar soou a poucos metros de onde estávamos.

Fechei a geladeira sem pegar a garrafa e olhei por cima do ombro, deparando com uma mulher que eu tinha certeza conhecer de algum lugar, embora não conseguisse me lembrar de onde. Pisquei os olhos algumas vezes, com um sorriso amarelo no rosto que ela deve ter interpretado como dúvida, pois completou:

— Você trabalhou comigo várias vezes. Sou a Márcia, da Rosa Chiclete, lembra?

A Rosa Chiclete era uma marca local de modinha que fazia muito sucesso para as garotas da minha idade. Lançavam peças novas toda semana e, por isso, eu costumava fotografar com eles quase todo mês antes do acidente. Márcia participava de todo ensaio de maneira ativa, desde a escolha da maquiagem, aos looks. Nunca troquei mais que poucas palavras com ela, mas, ainda assim, era bizarro que eu tivesse apago seu rosto da memória, sobretudo porque foi uma pessoa com quem eu convivi por muito tempo.

Essa constatação me deixou arrepiada. Minha vida de modelo parecia

tão distante, agora. Antigamente, minha vida girava em torno disso. O cabelo sempre hidratado, a pele cheia de cuidados, a alimentação saudável para não dar espinhas... acordava e dormia cedo, ensaiava poses na frente do espelho diariamente. Enfim. Desde os cinco anos, minha vida foi uma coisa. E, agora, eu já nem lembrava mais de nada. Quando recebi a notícia da amputação, pensei que tudo fosse acabar. Que não tinha mais chance para mim. E, de algum jeito, eu tinha continuado. Estava feliz, cheia de outros planos. Por isso era tão esquisito e engraçado estar diante do passado outra vez, percebendo o quanto meu caminho tinha se distanciado do que um dia parecera tão certo.

— Ah, oi, Márcia! — sorri para ela, me aproximando para nos cumprimentarmos com um beijo na bochecha. — Nossa, que vergonha. Minha memória é péssima. Não acredito que não te reconheci. — Percebi que Martin ficou inquieto e, conhecendo-o bem, sabia que era por pura curiosidade. — Esse é o Martin, meu namorado.

— Não se preocupe com isso, querida. Já faz muito tempo, né? — Márcia abanou a mão no ar para mim — E muito prazer, Martin — ela se aproximou, deixando um beijo estalado na bochecha dele. Martin se empertigou inteiro.

Márcia era uma mulher gorda, de cabelos castanhos e cacheados que terminavam pouco abaixo dos seios. Ela usava um vestido floral de tecido leve superelegante e, nos pés, scarpins altíssimos rosa pink.

— Engraçado te ver aqui hoje... semana passada mesmo fui lá na sua agência perguntar quando você voltava do Japão. A nova coleção tem a sua cara, toda cheia de rosa, do jeitinho que você gosta — Márcia deu uma risadinha baixa, que Martin acompanhou. Me peguei sorrido. — Achei que você estivesse passando uma temporada lá, né. Daí a Naomi me contou do acidente... pensei muito em você depois disso.

Senti um nó na boca do estômago. Prevendo a reação que tocar nesse assunto traria, Martin procurou minha mão, entrelaçando os dedos no meu. No mesmo instante, senti uma nova injeção de ânimo.

— Pois é... Já faz mais de um ano.

— Como você está? Nunca mais pegou nenhum trabalho de modelo? Entreabri os lábios, sem encontrar palavras.

Por um instante, me perguntei se era algum tipo de piada sem graça. Se ela queria debochar da minha cara, da minha deficiência. Só podia ser

ironia, né?

Mas bastou que eu olhasse com um pouquinho mais de atenção para seus olhos caramelos, para a bondade que tinha por trás deles, e entendi que sua pergunta não era maldosa. Márcia era educada e querida o suficiente para querer saber da vida de uma pessoa que ela não encontrava há mais de um ano.

— Ahn... tô bem? — soou em forma de pergunta. — No começo foi um pouco difícil de aceitar. Sabe como é, né... é uma mudança e tanto — Ela assentiu, com a expressão séria. Pigarreei, antes de continuar. — E, não. Nunca mais trabalhei como modelo depois do acidente. Nem sei se vou mais.

Márcia uniu as sobrancelhas, como se eu tivesse acabado de admitir o maior absurdo do mundo e ela não pudesse acreditar nisso.

— E por quê? Você amava fotografar!

Senti um apertão na minha mão e entendi que era Martin tentando me tranquilizar. Dei de ombros, desconcertada.

— Hum... é que agora tô estudando pro vestibular. A inscrição começa semana que vem. Tenho me focado nisso.

Um senhor deu uma leve pigarreada ao nosso lado, com uma expressão impaciente no rosto. Olhei por cima do ombro e lembrei que estava bem em frente ao refrigerador. Sem dizer nenhuma palavra, nós três demos dois passos para a direita ao mesmo tempo, como se tivéssemos ensaiado, saindo da frente a porta.

— Que curso você vai prestar? — perguntou, com um sorrisinho dócil.

— Moda — respondi, com as bochechas esquentando outra vez. Desviei o olhar dela e foquei no meu próprio tênis. — Quero focar em moda inclusiva. Percebi que não tem muito mercado para pessoas deficientes. Seria legal trabalhar nessa área.

Márcia assentiu, com os olhos brilhando.

— Isso é muito legal mesmo. Você vai se sair muito bem, sempre teve um olhar bom pra moda... — Ela me surpreendeu ao tocar o meu ombro com leveza. — Mas o que isso tem a ver com parar de fotografar?

Soltei o ar dos pulmões, em uma risada de uma nota só.

Ela só podia estar brincando. Não dava para acreditar que Márcia não soubesse o que tinha a ver. Quero dizer... meu Deus. Eu só queria ir para casa, almoçar com o meu namorado e passar o dia inteiro agarradinha com

ele. Por que estávamos tendo essa conversa?

— É que... ahn... não tem mais como, né? — A dúvida no rosto de Márcia me deixou nervosa e me fez tagarelar. — Minha carreira acabou. Quem vai querer uma menina como eu como modelo?

O olhar dela ficou tristonho. Ela olhou para Martin, como se pedisse ajuda para me mostrar alguma coisa que eu não conseguia enxergar. Ele coçou a nuca, desconcertado, e desviou o olhar para os próprios pés também. Sua mão me agarrava mais forte que nunca.

— Você não quer mais ser modelo? — ela perguntou, com certa cautela. E antes que eu pudesse responder, continuou. — Porque, do contrário, não faz sentido parar com uma coisa que você gostava tanto, Alana. Você foi uma das melhores modelos com quem já trabalhei. Talvez os planos tenham mudado um pouco... você tem razão, ser modelo fashion com uma deficiência não é mesmo a coisa mais fácil do mundo. Mas você sabe que tudo é muito mais liberal para modelos comerciais. Ainda mais nos dias de hoje, que as campanhas têm ficado mais inclusivas...

Sua voz morreu no ar. Márcia ficou me olhando, esperando uma reação. No entanto, nenhuma veio. Fiquei paralisada, incapaz de proferir uma palavra, só torcendo para que aquele encontro acabasse logo e eu pudesse ir para casa, me trancar no banheiro e chorar um pouquinho. Por que ela continuava insistindo em evocar essas lembranças dolorosas? Será que ela não conseguia entender?

Márcia estalou a língua no céu da boca, enquanto procurava algo dentro da bolsa a tiracolo.

— Olha, eu preciso mesmo ir. Mas vou deixar meu número com você — e, ao dizer isso, me entregou o cartão de visitas. — Como eu disse, a próxima coleção tem tudo a ver com você. Queria muito que você voltasse a fotografar com a Rosa Chiclete. Eu entendo que você tá com a cabeça no futuro, nesse novo sonho, mas nada impede de ganhar um dinheiro extra fazendo o que você sempre amou. Pensa nisso com carinho e me liga, tá?

Antes que eu pudesse reagir, Márcia se inclinou, deixando um beijo na minha bochecha.

— Foi um prazer te conhecer, Martin — falou para ele, inclinando-se sobre ele para se despedir também. — Tenta convencer a Alana a fazer a campanha. Acho que vai ser bom pra ela. E pra Rosa Chiclete também. Até mais!

Márcia virou as costas, deixando um rastro de perfume no ar. De longe, a observei pagar sua comanda no caixa e só consegui acordar do transe depois que ela abandonou a padaria. Meus olhos recaíram para o cartão em minhas mãos. Tinha verniz localizado nas palavras Rosa Chiclete. Engoli em seco.

Quando subi o olhar para procurar por Martin, o encontrei com um daqueles sorrisos de tirar o fôlego.

— Meu Deus. Dá pra acreditar nisso? — perguntei, tentando fazer pouco caso.

— Cara... É maravilhoso! — ele não conseguiu esconder a empolgação. — Sério.

Suspirei, virando de costas para ele para pegar a coca-cola do refrigerador.

— Não fica tão animado assim. Eu ainda não sei se vou aceitar.

— Ah, tá! — Martin tinha os olhos arregalados. — É claro que você vai. Nem que eu precise te levar a força.

Tombei a cabeça para trás, dando risada dele. Seguimos juntos para a fila do caixa, enquanto meus pensamentos rodopiavam sem parar. Não trocamos uma palavra até abandonarmos a padaria. Martin tomou a sacola da minha mão e guardou dentro da mochila, só então voltamos caminhar, lado a lado.

— Você vai, né? Quero dizer... é incrível! — não contive a risada. Ele tinha ficado tão animado que parecia que o convite era para ele.

— Não sei... não tava esperando por isso. Não sei muito bem o que pensar.

— Mas Alana! Você passou o último ano lamentando que não ia mais poder trabalhar no que gostava. Daí surge uma oportunidade e você ainda tá *em dúvida*? — Ele ergueu as mãos no ar, atônito. — Não. É sério. O que aconteceu com a garota que eu achei que namorava? A que queria ser a Gisele Bündchen no passado e tudo mais?

— A Gisele não é deficiente, Martin — murmurei, mais para contrariar do que qualquer outra coisa.

Ele parou no lugar, me prendendo pelos pulsos e me forçando a ficar de frente para ele.

— Então seja a Gisele que tem uma perna biônica superestilosa! — falou, me olhando nos olhos. — Ou melhor, seja *a Alana*. Essa menina que

achou que tinha perdido tudo, mas descobriu que, na verdade, não tinha, não. Essa menina que tem uma perna rosa incrível e os cabelos de ouro — ele abriu um sorriso travesso e eu logo soube que faria alguma brincadeirinha. — Seja o meu Sol, porque só assim eu posso brilhar — completou, com a voz toda pomposa, de propósito.

Caímos na risada, retomando os passos.

— Tá bom. Acho que sim. Mas vou conversar com os meus pais primeiro — respondi, enquanto virávamos a esquina para a rua Solidão.

— Bom. Já é alguma coisa. Vamos fazer assim, pras coisas ficarem interessantes: se você aceitar, eu jogo o meu maço de cigarro fora e paro de fumar de vez.

Abri um sorriso, arqueando uma sobrancelha para ele.

— Verdade mesmo? — indaguei e, quando ele assentiu, estiquei o mindinho. — Promete?

— Aham — respondeu, enlaçando o mindinho no meu. Martin olhou em volta, parecendo ter se dado conta de que estávamos na rua da minha casa. — Já falei que curto muito o nome da sua rua?

— Não. — olhei para ele com um sorriso confuso no rosto. — Eu acho meio triste, na verdade.

Martin deu de ombros quando paramos em frente ao meu prédio.

— É que me lembra aquela música... *se essa rua, se essa rua fosse minha. Eu mandava, eu mandava ladrilhar. Com pedrinhas, com pedrinhas de brilhante, para o meu, para o meu amor passar...* — cantarolou e, no mesmo instante, seu rosto ruborizou. Fisguei o lábio para não cair na risada.

— Nossa. Acho que você tinha que desistir do vestibular de jornalismo e prestar alguma coisa com música — brinquei e, como resposta, ele deu o dedo do meio. — Mas por que te lembra essa música?

Martin apertou o botão do elevador, me encarando com surpresa.

— Você nunca ouviu inteira?

— Acho que não.

— Tem uma parte assim: *nessa rua, nessa rua tem um bosque. Que se chama, que se chama Solidão. Dentro dele, dentro dele mora um anjo. Que roubou, que roubou meu coração.* Sei lá. Acho ela meio macabra, mas é bonita também, né?

— Tipo você. Macabro e bonito — falei, e sustentamos o olhar antes de cairmos na gargalhada.

Quando a porta do elevador se abriu, Martin me arrastou para a direção contrária do meu apartamento, onde ele já sabia que ficava a saída de incêndio. Então, dando uma olhada conspiratória por cima do ombro, para conferir se ninguém estava vendo, escancarou a porta pesada de metal, fazendo uma reverência para que eu entrasse primeiro.

Com um sorriso no rosto, entrei para a escada de emergência. Ela era mal-acabada em relação ao resto do prédio, e parecia sempre alguns graus mais gelada. Por isso abracei meu próprio tronco, tentando conter o arrepio.

Martin tinha um sorrisinho torto no rosto quando me empurrou contra a parede com o seu próprio quadril e me cercou com os seus braços.

— Tenho que te aproveitar um pouquinho. Depois tem todo aquele lance de porta aberta. Não fico à vontade sabendo que seus pais podem estar espiando a gente.

Soltei uma risadinha desconcertada.

— Eles *não ficam* espiando a gente. Isso seria bizarro. É só pra gente não ter como... hum... — minhas palavras morreram no ar e senti meu rosto queimar.

Martin também estava vermelho quando desviou o olhar de mim por um segundo. Tive vontade de rir. Ele deslizou a costas da mão pelo meu braço, em uma carícia leve.

— Mas também não é como se a gente tivesse com pressa, né? — perguntou, todo encabulado.

Eu sabia que esse era um assunto delicado para ele. Para ser honesta, era delicado para mim também. Ainda que ficasse cada vez mais difícil manter o controle quando estávamos sozinhos e as coisas esquentassem de maneira exponencial, eu não podia evitar o medo que subia pela espinha cada vez que eu parava para pensar que um dia Martin me veria sem a prótese. Dava vontade de vomitar só de imaginar.

Por mais que ele me deixasse à vontade e eu tivesse certeza de que era um mero detalhe para Martin, o fato é que para mim não era. Na verdade, era uma coisa grandiosa demais para ignorar. Eu já tinha evoluído muito desde o acidente, mas não significava que não tivesse um longo caminho a percorrer pela frente.

E foi por isso que me aninhei nele antes de responder:

— Pressa nenhuma — sussurrei, sentindo seus braços se arripiarem. Eu simplesmente não conseguia parar de tocar naquele garoto. — Temos

todo o tempo do mundo.

Para alguém que passou a vida pensando no futuro, como eu, sempre deixando tudo para depois, eu estava feliz por focar um pouco no presente. O depois ficava para... bem, depois. E parecia perfeito assim.

— Temos — Martin respondeu, pouco antes de cobrir a sua boca com a minha, em um beijo cálido, quase preguiçoso.

Respirei fundo, relaxando nos braços que tinham virado meu porto seguro. Martin deixava beijos atrás da minha orelha quando meu celular começou a tocar, nos sobressaltando.

Peguei o celular para conferir e soltei uma risadinha, virando a tela para mostrar a ele a foto da minha mãe.

— Acho melhor a gente ir, antes que alguém tenha um ataque cardíaco.

Martin enroscou o braço no meu pescoço, me buscando para perto dele e desferindo um beijo estalado no topo da minha cabeça.

— Vamos. Eu dou um jeito de te roubar depois. Na minha casa não tem regra de porta aberta.

Olhei para ele, que tinha um sorriso largo no rosto. Foi impossível não sorrir junto, enquanto seguíamos pelo corredor até a minha casa.



*Surge um sentimento
Um crescimento, uma vontade de ser
Algo bem maior
Pois é isso que merece
Scalene – Entrelaços*

Enrolei o dedo indicador no fio do telefone, discado o número dos meus avós. Àquela altura do campeonato, eu até já tinha decorado, depois de ligar tantas sextas-feiras seguidas. Mas naquela, em especial, não teria lembrado nem mesmo do dia do meu aniversário. Estava muito agitado. Meus dedos tremiam levemente e era impossível parar quieto.

Arrastei a cadeira para mais perto do rack, debruçando sobre a superfície de madeira e deixando uma sucessão interminável de chutes na quina. Desde que Noah tinha ido morar com os meus avós, em outro estado, prometi para mim mesmo fazer o possível para não deixar a distância entre nós crescer ainda mais. Em vez disso, tentei recuperar o tempo perdido e, por isso, as ligações às sextas-feiras, logo que eu voltava da escola, tinham virado nosso ritual. Na noite em que prestei a queixa, percebi que Noah e eu tínhamos muito em comum. E que eu podia ser para ele tudo o que sempre quis ter para mim — alguém com quem contar.

Não significava que era fácil. Noah não era a criança mais falante do mundo, e se distraía muito fácil, perdendo o interesse no telefone. Eu não parava de ouvir a voz da minha avó do outro lado da linha, incentivando-o a continuar conversando com o “maninho”, em troca de sobremesas duplas ou uma hora a mais de desenho. Essas coisas me arrancavam sorrisos e me davam a certeza de que esse era o melhor para ele. Meu irmão merecia um ambiente saudável, e não aquele campo de guerra em que crescemos.

Além do mais, embora parecesse desinteressado, vovó sempre me contava que ele ficava superansioso para que as sextas chegassem logo, e vivia perguntando de mim. Depois de conversar com ele (ou tentar), eu passava alguns minutinhos no telefone com ela, tentando vencer, pouco a pouco, o abismo enorme que existia entre nós. Meus avós também estavam tentando muito. Eles viviam preocupados que eu continuasse sofrendo e perguntavam muito da minha rotina, de Tatiana e se ela era confiável. Eram, basicamente, as mesmas perguntas. E eu ficava feliz em responder sempre. Ficava feliz no interesse deles pela minha vida. Minha mãe nunca teve uma boa relação com os meus avós e por isso acabou nos afastando. Era bom perceber que, diferente do que sempre acreditei, eu não estava sozinho no mundo. Pelo contrário, nunca tive tanta gente torcendo por mim. Bastava falar. Bastava colocar para fora. Só agora eu via toda a mudança que isso trouxe.

O telefone tocou cinco vezes antes de eu ouvir a vozinha rouca de Noah, do outro lado da linha.

— Alô? — chamou, com a boca muito perto do alto-falante. — É você, Martin?

— Sou — respondi, sorrindo, e só então consegui relaxar. Recostei no respaldo da cadeira, esticando as pernas ao lado do rack. — E como vou saber se é o Noah que tá falando comigo?

Ele soltou uma risadinha perplexa.

— Claro que sou eu! — explicou, como se isso bastasse. — Não lembra?

— Pode ser alguém imitando a voz do meu irmão — provoqueei, ainda brincando com o fio do telefone. — Preciso de provas.

— Vovó!!! — ele gritou, e deu para perceber que estava longe do bocal, agora. — Diz pro Martin que sou eu, sim!

Dei risada, sentindo um quentinho gostoso se expandir pelo meu

peito.

Ainda era um pouco triste pensar que precisei de tanto tempo para que meu amor por ele aflorasse, e isso só tivesse acontecido com ele longe. Mas, por outro lado, eu também não podia me culpar por estar com tanta coisa na cabeça me impedindo de aproveitar o que realmente importava.

— *É o Noah sim, Martin!* — vovó disse, e pelo seu tom, percebi que também estava rindo.

— Viu só? — Noah tinha um tom triunfante.

— Ahhh, ufa! Tava com medo de não ser. Porque eu preciso contar uma coisa muito séria, e só pode ser pro Noah verdadeiro.

Ouvi o barulho de lápis de cor riscando o papel e soube que tinha perdido sua atenção nesse exato momento. Segurei a ponte do nariz, esperando que ele lembrasse de mim sozinho.

— Ei, você ouviu? — insisti.

— Calma aí só um pouquinho, tô pintando a orelha da Peppa Pig — explicou ele, e o barulho do lápis ficou ainda mais intenso.

Uma movimentação chamou a minha atenção do outro lado da linha e então ouvi a voz da minha avó bem mais próxima do que antes:

— *Fala com o seu maninho primeiro, Noah. Depois você pinta com calma* — O lápis de cor tinha parado. — *Ele tá esperando.*

Noah suspirou alto, como se estivesse exausto, e foi logo dizendo:

— Martin, sabia que eu dormi na casa do meu amigo João ontem? — as palavras se atropelaram, sem esconder a empolgação. — Foi a primeira vez. Ele é da minha escola. A casa dele era bem grande.

— Nossa! Que legal, hein? Mas vocês dormiram mesmo ou ficaram bagunçando a noite inteira?

Meu irmão mais novo soltou uma risadinha conspiratória, provando que eu o tinha pego em flagrante. Deslizei um pouco na cadeira, com o corpo relaxado. Nem dava para acreditar que esse era o mesmo pirralho que eu ignorava a maior parte do tempo, como se não existisse. Agora ele era essencial na minha vida. As sextas não pareciam completas sem o nosso telefonema.

— Só bagunçamos um pouquinho.

— Seeei. Agora me escuta, eu quero contar uma coisa importante.

— Hum? O que foi? — Noah perguntou, estalando a língua no céu da boca sem parar. Sorri, balançando a cabeça em negativa. O garoto parecia

ligado no 220.

— Lembra que eu disse que tava tentando entrar naquela escola de jornalista? — não consegui esconder a ansiedade.

Ele pareceu pensar um pouco antes de responder.

— Aham.

Soltei uma risada baixa, nem um pouco convencido com sua resposta incerta. Passei a mão no cabelo recém-raspado, inteiro desalinhado e cheio de buracos. Eu precisaria acertar em uma barbearia, mas não importava. Naquele momento, eu só conseguia sorrir ao sentir o toque macio na ponta dos dedos. Era esquisito não encontrar a minha franja ali, eu demoraria a me acostumar. Mas, se fosse preciso passar por isso mil vezes, eu passaria sorrindo. Quando nossa diretora passou a maquininha na minha cabeça, horas antes, eu só consegui gargalhar, sendo consumido pelo sentimento mais poderoso do mundo. Eu tinha conseguido. Tinha passado. Apesar do ano desgraçado, as coisas estavam dando certo. E era só o começo.

— Acho que não lembra, não. Tem certeza?

— Hummm... não.

— Lembra que um tempo atrás eu precisava fazer uma prova bem importante? — expliquei, pousando os olhos no meu reflexo, na televisão, e nas letras enormes na minha testa e bochechas. Um sorriso enorme rasgou os meus lábios. — Pra conseguir entrar naquela escola de adultos que te contei?

— Ahhhh!!! Lembro. — dessa vez ele me convenceu.

— Eu consegui, Noah! Vou estudar nessa escola de gente grande — minha voz tremeu um pouco e foi preciso pigarrear.

Mas o meu irmão já tinha se distraído de novo. Revirei os olhos, rindo sozinho, torcendo para a minha avó tomar o telefone da mão dele para que eu pudesse contar a novidade. Ou acabaria explodindo.

— O que os adultos estudam, Martin? — Noah perguntou, de repente. — Eles também têm parquinho pra brincar?

— Olha, eu *acho* que não. Mas preciso confirmar — brinquei, erguendo o quadril para pescar o celular do bolso traseiro da calça.

— Na minha escola tem. Hoje eu brinquei de vingadores no trepa-trepa... — ele continuou narrando as aventuras da pré-escola, mas acabei me distraindo enquanto desbloqueava a tela do meu telefone e abria a câmera frontal.

Eu tinha planejado ir até a biblioteca dar a notícia para Tati, que tinha

passado a semana ainda mais ansiosa que eu pelo resultado, se era possível. Mas, conforme meu sangue esfriava depois da bagunça que Alana, Nicole e eu fizemos na escola, mais o cansaço avançava. Cheguei à conclusão de que o abraço poderia ser adiado até a hora em que Tati voltasse do expediente. E que, por hora, o que valia era a novidade.

Enquadrei meu rosto no visor, sorrindo para a foto. Observei por um momento a foto, passando o polegar sobre a minha imagem. As letras vermelhas formavam as palavras JORNALISMO nas bochechas e 3º LUG na testa.

Enviei para Tati e mantive o celular na mão, aguardando a resposta que, eu sabia, viria rápido. Sexta-feira era um dos dias de menor movimento na biblioteca, e eu podia apostar que ela estava intercalando o trabalho com partidas de Candy Crush. Às vezes eu precisava conferir se ela estava mesmo dormindo, porque, do contrário, Tati ficava horas a fio no celular, sem conseguir parar de jogar.

— Martin, a vovó quer falar com você agora. Vou terminar a minha Peppa. Tchau — ouvi o telefone bater em uma superfície sólida por um momento.

— *Não esqueceu nada?* — minha avó perguntou.

— Ah, é — respondeu Noah, já colocando o telefone na orelha. — Te amo, Martin.

— Eu também te amo — respondi, mas Noah já não estava mais do outro lado da linha.

Dei risada, forçando a memória para lembrar como eu era na idade dele. Parecia há uma eternidade. E era um dos motivos que eu mais adorava em me aproximar de Noah. Eu via sua leveza e sentia que era como fazer as pazes com o passado. Tanta coisa tinha acontecido comigo, mas se eu podia tirar algo de bom disso tudo, era que ele seria feliz. Sempre. E se dependesse de mim, continuaria sendo leve, tendo paz. Meu irmão não merecia nada menos que isso.

Antes que vovó pudesse atender, a campainha ressoou alto do outro lado da linha. A casa virou uma confusão. Ela gritou para vovô atender, que respondeu gritando também, mas não consegui compreender suas palavras. A campainha tocou outra vez e uma nova onda de gritaria tomou conta da chamada.

— Martin, querido, oi! — vovó tinha um jeito todo atrapalhado de

falar que eu estava aprendendo a amar. Era como se seus pensamentos corressem muito rápido e ela mal conseguisse acompanhar. — Posso ligar daqui a pouco? Preciso atender rapidinho e... — a campainha soou pela terceira vez. — JÁ VAI! — ela berrou, me fazendo afastar o telefone alguns centímetros. — Que coisa.

— Não tem problema. Mas me liga! Quero te contar uma coisa.

— Ligo. Aguenta aí — falou, desligando em seguida.

A primeira coisa que fiz foi conferir o celular, esperando a resposta de Tati. Mas ela ainda não tinha nem visualizado a mensagem. Com o estômago dando cambalhotas, levantei da cadeira, arrastando-a de volta para a mesinha redonda ao lado da janela.

Fui até o meu quarto no modo automático, arrancando a camiseta pelo caminho. Joguei-a num montinho de roupas no canto do quarto, prevendo a cara irritada que Tati faria ao descobrir a bagunça do meu quarto. Nossa dinâmica familiar consistia basicamente em um pegando no pé do outro sem parar, em discussões intermináveis sobre quem era o mais bagunceiro (eu), quem demorava mais tempo no banho (ela), ou quem tinha os piores hábitos (ela). Éramos como um velho casal que não para de implicar um com o outro, mas que, no fundo, se amam de maneira incondicional. De toda forma, funcionava.

Em alguns dias, quase parecia que nunca fora diferente disso. Como se eu tivesse morado com Tati desde sempre. Era muito fácil se acostumar com a felicidade, essa era a verdade.

Aos poucos, a sensação de me sentir desencaixado desapareceu, dando lugar a um sentimento que eu jamais tinha experimentado antes — a de ter um lar. Um lugar para me sentir seguro, confortável e, acima de tudo, feliz.

E era incrível a diferença que isso podia fazer. Só de não estar em um ambiente tóxico, eu sentia como se pudesse respirar outra vez, depois de muito tempo asfixiando, desesperado por uma lufada de ar. Era incrível como pequenos detalhes na minha rotina já transformavam tudo em meu interior. O principal era a noite de sono digna. Eu já acordava com energia, disposto a conquistar o mundo inteiro. Até os sorrisos vinham mais fáceis e era muito mais difícil me tirar do sério. Depois tinha toda a questão de não precisar usar a raiva como muletas, nem guardar tanto sofrimento só para mim.

Mas acho que o mais significativo de tudo era que os remédios e o

tratamento, de modo geral, vinham fazendo milagres. Por tanto tempo, pensei que não tivesse como preencher o vazio imenso que se expandia cada vez mais em meu interior, dominando cada pedacinho de mim. Mesmo sabendo que depressão era uma doença como outra qualquer, sempre achei difícil mensurar a dor e tantas outras questões que não eram tangíveis e que, por isso, pareciam impossíveis de serem resolvidas. Ainda bem que eu estava errado. Quanto mais tempo os remédios agiam no meu organismo, melhor eu me sentia. E tantos sintomas sempre tão presentes na minha vida, como a automutilação, o desejo constante de suicídio, e o vazio profundo que não me permitia ter forças para mais nada me abandonaram aos poucos, dando lugar a uma calma que eu não lembrava de já ter experimentado antes. Me destruir já não fazia mais sentido para mim, pelo contrário, eu conseguia enxergar, melhor do que nunca, quão triste eram atos como esse.

É claro que nem todos os dias eram perfeitos. Eu continuava ficando triste, com raiva, chorando (ou mordendo a língua para evitar as lágrimas). Só que agora eu experimentava as sensações de maneira equilibrada, como sempre deveria ter sido. Pela primeira vez eu podia dizer que era como as outras pessoas. Pela primeira vez, entendi o que era ser normal.

E mesmo que nem todos os dias fossem fáceis, agora eu entendia que valia a pena passar por eles. Valia a pena porque, quando os dias felizes chegavam, compensavam todo o resto. Olhei para baixo, conferindo a pele da minha barriga, sem nenhum hematoma, nenhum corte, nenhuma ferida. Tinha virado um hábito. Eu não passava um único dia sem olhar para mim mesmo, incrédulo com o quanto as coisas tinham mudado. E mais incrédulo ainda com o terror que precisei suportar por tanto tempo. Conforme eu me curava e me distanciava daquela história de abusos, menos normalizava a situação. E, de toda forma, é só de longe que conseguimos encarar um problema como um todo.

Meu celular começou a tocar sobre a escrivaninha, fazendo um som alto enquanto vibrava sobre a superfície de madeira. Passei a mão pelo cabelo recém-raspado outra vez, sorrindo antes mesmo de tomar o telefone na mão, porque eu já sabia exatamente quem seria.

— COMO VOCÊ JOGA UMA BOMBA DESSA E SOME, MOLEQUE? — Tati berrou, do outro lado da linha, me arrancando uma gargalhada.

— As coisas ficam melhores depois de um pouco de suspense —

brinquei, me atirando na cama e apoiei os pés na parede.

Tati caiu na risada comigo e uma fungada me fez constatar que talvez estivesse chorando. Mordi o lábio inferior, feliz pela sensação poderosa que era ser querido por alguém.

— Então temos um calouro de jornalismo em casa, é isso? — Perguntou ela, em um tom sonhador, depois de um silêncio repleto de significado.

— Se prepare pra me ver apresentando o Jornal Nacional daqui a uns anos, viu?

— É isso que você quer? — Tati pareceu chocada.

— Aham. Sempre adorei responder o boa noite do William Bonner, quero ter a minha chance também.

A risada que ela soltou me deu a certeza de que estava revirando os olhos naquele momento.

— Achei que você fosse todo moderninho, Martin. E você me vem com uma dessa? — Ouvi um suspiro longo do outro lado da linha e me peguei sorrindo à toa. — Preciso dizer que adorei o visual novo. Dá pra ver o seu rosto melhor.

— Eu também curti! Tô pensando em manter. O que você acha?

— Quando enjoar é só deixar crescer de novo e voltar pro estilo emo — brincou ela, e eu sabia que tinha aprendido essa piada com Alana. — Mas me conta... você tá feliz?

— Pra caralho. É bom ter alguma coisa pra focar... — dei de ombros, brincando com a ponta do lençol embolado na cama. — Sei lá, a Elise diz que isso é importante. Ter sempre um objetivo. Percebi que nunca tive um antes.

— E o de agora é ser o William Bonner?

Tombei a cabeça para trás, sem conseguir evitar a gargalhada. Isso era o que eu mais amava em Tati — ela entrava nas minhas brincadeiras.

— Antes preciso ser o melhor da turma — expliquei. — Sabe o CDF insuportável que reclama quando a nota é 98? Então. É esse cara que eu vou ser.

— Apoiado! — Tati diminuiu o tom de voz: — Eu preciso desligar agora, fofinho. Chegou um grupo de adolescentes pra fazer trabalho da escola e eles querem ajuda pra encontrar os livros. A gente precisa comemorar essa noite. O que você acha daquela pizzaria nova que abriu?

— Acho que vou ficar sem comer desde já, pra conseguir aproveitar

do jeito certo — respondi, tomando impulso para levantar. — Posso chamar a Alana? Ela passou no vestibular também.

— Ah, é? — Tati pareceu esquecer que ia desligar. — Era moda, né? — perguntou e, quando confirmei, concluiu: — É a cara dela. Tô feliz por vocês dois. E claro que pode chamar. Bom, preciso mesmo ir. Aproveita e dá uma arrumada no seu quarto, que tá uma zona. Se não, nada de pizza.

Desliguei a chamada ainda sorrindo e olhei para as roupas espalhadas por toda parte no chão do quarto, soltando um suspiro. Até mesmo coisas como arrumar o meu quarto me deixavam feliz, mostravam que ela se importava comigo. Na vida antiga, eu podia viver na sujeira, se quisesse e ninguém daria a mínima, desde que eu continuasse fazendo parte do teatro interminável de que a nossa vida era perfeita.

Juntei todas as peças pretas em um montinho e, depois de colocar na máquina de lavar, não pude deixar de aproveitar um pouco daquele dia. Fazia uma tarde linda, ensolarada, com o céu azul salpicado por nuvens que pareciam amontoados de algodão.

Sem pensar muito, deitei no chão do quintal, um pouco sujo de folhas, e cruzei os braços embaixo da cabeça. Perdi a noção do tempo enquanto vislumbrava tantas possibilidades se abrindo como leque diante de meus olhos. Coisas que jamais imaginei serem possíveis, como estudar ou até mesmo conseguir procurar um emprego assim que acabasse o colégio. Ter o meu dinheiro, minha independência. No futuro, quem sabe, morar sozinho.

Nunca tive grandes expectativas para a minha vida. Nunca vi nada além de uma rua sem saída. Para qualquer direção que eu mirasse, a visão era a mesma. Não havia esperança para mim.

Mas agora, olhando para as nuvens enquanto um milhão de pensamentos bombardeavam a minha mente, só consegui pensar em uma coisa.

— Minha vida importa, porra!!! — berrei, com os braços no ar, e os deixei cair ao lado do corpo logo em seguida.

Pestanejei, sentindo as lágrimas quentes escorrerem pela bochecha. Mas não forcei para impedir nenhuma. Porque, pela primeira vez, eu estava chorando de felicidade.

FIM



A ideia para esse livro nasceu da Alana. Eu queria escrever a trajetória de autoaceitação e descoberta de uma menina que viu tudo ruir e que precisava reconstruir a vida a partir de então. No entanto, conforme eu escrevia, percebi que o Martin roubava o enredo cada vez mais para si. Vai ver porque ele sempre me pediu para contar a sua história. Há anos eu vinha maturando a ideia e reunindo coragem, mas nunca me senti pronta. E, como nada acontece por acaso, precisei chegar nesse ponto da minha vida para conseguir colocar a história dele no papel.

Quando Tudo Ruir é um livro muito pessoal, muito verdadeiro e muito importante para a minha trajetória. Foram meses de entrega e trabalho duro. Tudo isso porque, no fim das contas, o Martin sou eu. Ou uma das minhas versões que deixei no passado e, através desse livro, tive a oportunidade de me redimir, de acertar as contas.

Sofri agressões físicas e verbais e fui abusada sexualmente por uma pessoa próxima da família dos nove aos doze anos de idade. Aos quinze, fui diagnosticada com Transtorno Bipolar de Personalidade. A adolescência já é uma época naturalmente conturbada em que tentamos entender quem somos e qual o nosso papel no mundo. Com os sintomas da doença, tudo se elevou à décima potência. Comecei a me mutilar para descontar a culpa de coisas que jamais foram culpa minha. A intensidade com que me odiava crescia a cada dia. Ficava me perguntando quando aquela dor passaria e se um dia eu descobriria o que era ser feliz.

Enquanto as meninas da minha idade estavam com a cabeça voltada

para coisas simples, eu maquinava a cada segundo do dia uma forma de acabar com tudo. Uma forma de me destruir um pouco mais. De parar de sentir aquela dor excruciante. Enquanto elas começavam a amar o próprio corpo e descobrir a sexualidade, eu me escondia. Tinha vergonha de cada centímetro de mim, tinha raiva de me olhar no espelho.

Hoje em dia olho para trás e percebo o quanto era claustrofóbico estar em minha pele. Depressão pode ser sufocante quando ninguém mais consegue enxergar as coisas com os seus olhos.

Tudo isso me acompanhou desde tão nova que era difícil acreditar em uma vida diferente. Aos dezessete, tentei suicídio pela primeira vez e, aos dezoito, a segunda. Nas duas vezes fui internada em estado grave, mas felizmente não aconteceu o pior. Digo felizmente agora, porque, na época, ter sobrevivido foi um castigo enorme. Não só pela doença que continuou lá e o sentimento de frustração enorme por ter ficado de mãos atadas, mas, principalmente pelas pessoas ao meu redor.

"Você é egoísta."

"Você não pensa em ninguém."

"Você não se esforça."

"Você podia ter ido para o inferno."

"Eu tenho uma filha de 2 anos com câncer tentando sobreviver e você está desperdiçando a sua vida." (de uma enfermeira)

Mas, as piores (e, por incrível que pareça, de pessoas muito próximas):

"Depois de tudo o que fizemos por você..."

"Espero que na próxima você consiga."

Hoje tenho vinte e cinco anos, faço vinte e seis daqui a alguns meses. Quando penso no passado, não parece a minha própria vida, mas sim um pesadelo que me assombrou por muito tempo. Se alguém me contasse que no futuro eu estaria feliz, de bem comigo mesma e aprendendo a me amar, eu provavelmente teria rido da piada. Se tivesse conseguido tirar a minha vida em uma das duas tentativas, jamais teria experimentado a felicidade, jamais teria descoberto a sensação boa de viver com leveza, sem medo, sem dor.

Se você, assim como eu, já lutou ou está lutando contra um transtorno psicológico: vai ficar tudo bem. Pode parecer clichê, mas vai sim. Procure tratamento, tome remédios se for preciso (eu tomo e ajudam muito), faça terapia. Se exercite e, acima de tudo, cuide de você. Há esperança. A

depressão tenta nos fazer acreditar que estamos no fim da linha, mas a verdade é que tem uma estrada inteira pela frente.

A felicidade está logo ali.

Eu sei que o caminho pode ficar muito difícil às vezes, mas vale a pena passar por isso. Vale muito a pena olhar para trás e perceber que você sobreviveu. E que tem um leque infinito de possibilidade te esperando. Esse é só um momento da sua vida. Um capítulo pequeno. Você pode escrever todo o resto, só precisa se manter forte e não desistir. Sua vida vale muito.

E se você conhece uma pessoa com transtornos psicológicos: ofereça amor. Não mais e nem menos que isso. Seja o ombro amigo, ofereça um tempo para ouvir um desabafo, esteja disposto a limpar as lágrimas. Você não tem a menor ideia da luta diária para simplesmente levantar da cama.

CENTRO DE VALORIZAÇÃO À VIDA (CVV)

<https://www.cvv.org.br/>

Telefone: 188

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE FAMILIARES, AMIGOS E PORTADORES DE
TRANSTORNOS AFETIVOS (ABRATA)

<http://www.abrata.org.br/>

Telefone: (11) 3256-4831

FÊNIX – ASSOCIAÇÃO PRÓ SAÚDE MENTAL

<http://fenix.org.br/>

Telefone: (11) 3271-9315

DISQUE DENÚNCIA DE VIOLÊNCIA CONTRA CRIANÇAS E ADOLESCENTES
(DISQUE DIREITOS HUMANOS)

<http://www.crianca.mppr.mp.br/pagina-3.html>

Telefone: 100



agradecimentos



Escrever um livro é sempre um universo particular repleto de descobertas únicas. E é impossível desbravar um novo universo sem a ajuda de muitas outras pessoas, por isso aqui vão os meus agradecimentos para que esse livro fosse possível:

Em primeiro lugar, MUITO OBRIGADA à minha agente, Alba Milena. Por ser uma profissional incrível e, mais que isso, uma amiga que já não consigo me imaginar sem. Obrigada pela parceria, pela preocupação e, sobretudo, por sempre me ensinar demais. Te amo!

Charles, sem você eu não escreveria livro algum. Muito obrigada por ser meu porto seguro e por me incentivar tanto em meu trabalho. Muito obrigada por levar meus personagens a sério e mergulhar nesses universos particulares de cabeça comigo.

À minha psicóloga, Elise, gratidão por ter estado ao meu lado nessa jornada de autoconhecimento, e também por me ajudar com informações importantes para a história.

À minha tia, Lolita Yara, obrigada por ser minha consultora oficial de direito e sempre me ajudar em cada livrinho. Ana Oro e Larissa Ferreira, vocês são as melhores betas! Muito obrigada pelas ameaças, pelos surtos e pelos áudios. Vocês fazem parte disso.

A todas as pessoas dos grupos *União dos Amputados e Cadeirantes do Brasil* e *Amputados Brasil – Sou Perna de Pau Amputado* que me concederam um bate-papo: obrigada demais por me permitirem enxergar um pouquinho do mundo de vocês. Espero ter passado todo o meu respeito e

carinho na história da Alana.

Aos meus leitores: minha mais sincera GRATIDÃO!!! Quando Tudo Ruir foi um marco muito grande no que almejo como escritora. Só foi possível graças ao apoio de vocês. Muito obrigada por me possibilitarem fazer o que mais amo. Muito obrigada por estarem comigo.

Não esqueçam: nossas vidas importam pra caralho!



♥ playlist



Audioslave – Shadow On The Sun
Arctic Monkeys – Do I Wanna Know?
Blink 182 – I Miss You
Capital Cities – Safe And Sound
Coldplay – In My Place
Creed – One Last Breath
Death Cab For Cutie – Someday You Will Be Loved
Florence And The Machine – Shake It Out
Foo Fighters – Everlong
Foo Fighters – These Days
Keane – Everybody's Changing
Linkin Park - Heavy
Linkin Park – Somewhere I Belong
Miley Cyrus – Nothing Breaks Like A Heart
One Direction – Right Now
Radiohead – Creep
Scalene – Entrelaços
Seether (Feat Amy Lee – Broken)
The Kooks – The Junk Of The Heart
Three Days Grace – Animal I Have Become
Three Days Grace – Never Too Late
Twenty One Pilots – Cut My Lip
Young The Giant – Something To Believe In

Ouçã no [Spotify](#).



sobre a autora



Lola Salgado acredita fervorosamente que o sushi foi a melhor invenção da humanidade. Paranaense, ela gosta dos dias mais frescos, de café e de histórias que mexem com seus sentimentos. Está em um relacionamento sério com os livros desde que se entende por gente e escreve porque alguém certa vez lhe disse que é assim que se faz magia.

Escorpiana nascida em novembro de 1993, Lola publicou seus primeiros livros na plataforma Wattpad, onde ganhou o prêmio internacional Wattys com uma de suas obras. Na Amazon, seus livros ultrapassam 10 milhões de leituras.



Me acompanhe nas redes sociais:

[Instagram](#), [Facebook](#), [Twitter](#).

Conheça meus outros trabalhos:

[Amazon](#).

Não se esqueça de escrever uma avaliação, ela é muito importante para mim!